

# LA GENÈSE

LES MIRACLES ET LES PRÉDICTIONS

SELON LE SPIRITISME

PAR

ALLAN KARDEC

Auteur du *Livre des Esprits*

AS EDIÇÕES DE  
A GENÈSE

PARIS

LIBRAIRIE INTERNATIONALE

15, BOULEVARD MONTMARTRE

LE CROIX, VERBOECKHOVEN ET C<sup>e</sup>, ÉDITEURS

à BRUXELLES, A LEIPZIG ET A LIVOURNE

Et au bureau de la REVUE SPIRITE, 59, rue et passage Ste-Anne

1868

Réserve de tous droits. **Volume II**

**Edição Comparada (Português)**



# AS EDIÇÕES DE A GÊNESE

## VOLUME II - Edição Comparada (Português)

Contendo

Texto completo da tradução para Português da obra  
A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo,  
a partir do original em francês da 1ª edição (1868) e 5ª edição (1869/72)  
apresentado de forma comparada, com indicação das diferenças entre as edições.

Por Obras de Kardec

<http://www.obrasdekardec.com.br>

1ª edição



2020

Disponibilizado sob a [LICENÇA Creative Commons \(CC BY-NC-SA\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

## AS EDIÇÕES DE A GÊNESE VOLUME II - Edição Comparada (Português)

2020 - Obras de Kardec - Disponibilizado sob a LICENÇA [Creative Commons \(CC BY-NC-SA\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)  
<http://www.obrasdekardec.com.br>

Contato: [projetoobrasdekardec@gmail.com](mailto:projetoobrasdekardec@gmail.com)

1ª edição

Versão publicada em 03/06/2020



Este livro é publicado pela [Leanpub](https://leanpub.com/). Leanpub permite que autores e editores se beneficiem da [Lean Publishing](https://leanpub.com/). Lean Publishing consiste em publicar, usando ferramentas muito simples, diversas versões (iterações) de um eBook em elaboração, obtendo feedback e comentários dos leitores visando melhorá-lo.

Este livro está disponível em:

<https://leanpub.com/asedicoesdeagenese-volumell/>

*Leia as orientações sobre [como adquirir nossos eBooks na LeanPub](#), para configurar corretamente a sua conta.*

### Adquira também ...

Os outros volumes da série *As edições de A Gênese*

Volume I: Edição Comparada (Francês): disponível em

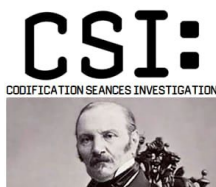
<https://leanpub.com/asedicoesdeagenese-volumel/>

Em breve, lançaremos a série *As edições de O Livro dos Espíritos*

<https://leanpub.com/asedicoesdeolivrodosespritos-volumel/>

[Inscreva-se](#) em nosso site <http://www.obrasdekardec.com.br>, para ficar por dentro do andamento das pesquisas e da publicação de artigos e eBooks.

Este eBook foi produzido pelo Projeto Obras de Kardec em parceria com:



Imagens e registros históricos do Espiritismo  
<https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo>



<https://www.allankardec.online/>



[www.luzespirita.org.br](http://www.luzespirita.org.br)

<http://luzespirita.org.br/>

Ery Lopes, como participante desta pesquisa, atua diretamente na elaboração das edições comparadas de *A Gênese* no original em francês e na tradução em português (Volumes I e II).

Quanto ao original em francês, utilizamos a 1ª edição<sup>1</sup> e as duas versões da 5ª edição<sup>2</sup> (1869 e 1872). O acesso à 5ª edição de 1869 foi possível graças ao trabalho investigativo de Carlos Seth, do CSI, que encontrou um exemplar na Suíça e fez os devidos contatos com a biblioteca, e ao Museu AllanKardec.Online, que realizou os trâmites necessários para que uma versão digitalizada pudesse chegar rapidamente ao Brasil, incorporada a seu acervo. Ambos participam ativamente desta pesquisa, contribuindo especialmente na investigação, descoberta e análise de evidências relativas aos aspectos históricos e interpretativos da obra em si e dos eventos associados à sua impressão e publicação.

Agradecemos imensamente a vocês pelo incentivo e apoio!

Utilizamos como base também a tradução em português da 1ª e da 5ª edição de *A Gênese*, elaboradas por Louis Neilmoris e disponíveis gratuitamente no Portal Luz Espírita, devidamente cotejadas e revisadas nos trechos em que há diferença entre as edições. Um agradecimento especial ao tradutor por sua versão "numa linguagem simplificada".

---

<sup>1</sup> Para extrair o texto correspondente à 1ª edição, utilizamos tanto a imagem digitalizada da 1ª edição quanto o OCR da 4ª edição (vide Referências Bibliográficas).

<sup>2</sup> Para extrair o texto correspondente à 5ª edição, utilizamos tanto a imagem digitalizada das duas versões da 5ª edição, quanto o OCR da 5ª edição de 1872 (vide Referências Bibliográficas).

7. Diz-se vulgarmente que a fé não se prescreve, donde resulta que muita gente alegue que não ter fé não é sua culpa. Sem dúvida, **a fé não se prescreve, e o que ainda é mais certo, também não se impõe.** Não; ela se adquire e não há ninguém que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. (...) **As provas, no entanto, chovem ao seu derredor; por que procuram não enxergá-la?** Da parte de uns, há descaso; da de outros, o temor de serem forçados a mudar de hábitos; da parte da maioria, há o orgulho, negando-se a reconhecer a existência de uma força superior, porque teria de curvar-se diante dela.

(...)

A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes provém menos dele do que da maneira com que as coisas se apresentam a ele. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. **E para crer não basta ver; é preciso, sobretudo, compreender.** A fé cega já não é deste século, tanto assim que o dogma da fé cega é principalmente o que produz hoje o maior número de incrédulos, porque ela pretende se impor, exigindo a renúncia de um dos mais preciosos direitos do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É sobretudo contra essa fé que o incrédulo se levanta, e dela é que se pode dizer com justiça que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa na consciência alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida. Já **a fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, não deixa nenhuma obscuridade. A criatura então crê, pois tem certeza, e tem certeza exatamente porque compreendeu.** Eis por que não se dobra. **Fé inabalável só é aquela que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.**

O Espiritismo conduz a esse resultado, pelo que triunfa da incredulidade, sempre que não encontra oposição sistemática e interessada.

*(O Evangelho segundo o Espiritismo, Capítulo XIX, item 7)<sup>3</sup>  
(Grifo nosso)*

---

<sup>3</sup> KARDEC Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 2016. pp. 186-187 (com revisão da tradução)

# Sumário

<b>Apresentação da Pesquisa</b>	<b>7</b>
<b>Prefácio</b>	<b>10</b>
Ery Lopes - Portal Luz Espírita	11
Carlos Seth - CSI do Espiritismo	14
AllanKardec.Online - Historiografia do Espiritismo	16
<b>Sobre a comparação entre as edições</b>	<b>24</b>
<b>Sobre a tradução</b>	<b>27</b>
<b>A GÊNESE, OS MILAGRE E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO</b>	<b>38</b>
<b>Falsa Folha de Rosto</b>	<b>39</b>
<b>Tipografia</b>	<b>40</b>
<b>Folha de Rosto</b>	<b>41</b>
<b>INTRODUÇÃO<sup>4</sup></b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO I - Características da revelação espírita.</b>	<b>46</b>
<b>CAPÍTULO II - Deus.</b>	<b>91</b>
EXISTÊNCIA DE DEUS.	91
DA NATUREZA DIVINA.	95
A PROVIDÊNCIA.	100
A VISÃO DE DEUS.	106
<b>CAPÍTULO III - O bem e o mal.</b>	<b>111</b>
FONTE DO BEM E DO MAL.	111
O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA.	118
DESTRUIÇÃO MÚTUA DOS SERES VIVOS..	125
<b>CAPÍTULO IV - Papel da ciência na gênese.</b>	<b>130</b>
<b>CAPÍTULO V - Antigos e modernos sistemas do mundo.</b>	<b>141</b>

---

<sup>4</sup> Correção: No Sumário (*Table des Matières*) da 1ª edição, em lugar de Introdução (*Introduction*), aparece Advertência (*Avertissement*). Isso foi corrigido na 5ª edição.

<b>CAPÍTULO VI - Uranografia geral.</b>	<b>151</b>
O ESPAÇO E O TEMPO.	151
A MATÉRIA.	155
AS LEIS E AS FORÇAS.	158
A CRIAÇÃO PRIMEIRA.	161
A CRIAÇÃO UNIVERSAL.	164
OS SÓIS E OS PLANETAS.	167
OS SATÉLITES.	169
OS COMETAS.	171
A VIA LÁCTEA.	174
AS ESTRELAS FIXAS.	175
OS DESERTOS DO ESPAÇO.	179
SUCESSÃO ETERNA DOS MUNDOS.	182
A VIDA UNIVERSAL.	185
A CIÊNCIA.	187
CONSIDERAÇÕES MORAIS.	189
<b>CAPÍTULO VII - Esboço geológico da terra.</b>	<b>192</b>
PERÍODOS GEOLÓGICOS.	192
ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO.	199
PERÍODO PRIMÁRIO.	202
PERÍODO DE TRANSIÇÃO.	204
PERÍODO SECUNDÁRIO.	207
PERÍODO TERCIÁRIO.	211
PERÍODO DILUVIANO.	216
PERÍODO PÓS-DILUVIANO OU ATUAL. - NASCIMENTO DO HOMEM.	219
<b>CAPÍTULO VIII - Teorias da terra.</b>	<b>222</b>
TEORIA DA PROJEÇÃO.	222
TEORIA DA CONDENSAÇÃO.	225
TEORIA DA INCRUSTAÇÃO.	225
<b>CAPÍTULO IX - Revoluções do globo.</b>	<b>232</b>
REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS.	232
DILÚVIO BÍBLICO.	233
REVOLUÇÕES PERIÓDICAS.	236
CATACLISMOS FUTUROS.	240
<b>CAPÍTULO X - Gênese orgânica.</b>	<b>246</b>
PRIMEIRA FORMAÇÃO DOS SERES VIVOS.	246
PRINCÍPIO VITAL.	254
GERAÇÃO ESPONTÂNEA.	257
ESCALA DOS SERES CORPÓREOS.	258

O HOMEM.	261
<b>CAPÍTULO XI - Gênese espiritual</b>	<b>264</b>
PRINCÍPIO ESPIRITUAL.	264
UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA.	268
HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO.	270
ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS.	272
REENCARNAÇÕES.	281
EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO DOS ESPÍRITOS.	285
RAÇA ADÂMICA.	286
DOCTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DO PARAÍSO PERDIDO.	290
<b>CAPÍTULO XII - Gênese mosaica.</b>	<b>298</b>
OS SEIS DIAS.	298
O PARAÍSO PERDIDO.	308
<b>OS MILAGRES</b>	
<b>CAPÍTULO XIII - Características dos milagres.</b>	<b>322</b>
<b>CAPÍTULO XIV - Os fluidos.</b>	<b>337</b>
NATUREZA E PROPRIEDADE DOS FLUIDOS.	337
EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FATOS CONSIDERADOS SOBRENATURAIS.	355
<b>CAPÍTULO XV - Os Milagres do Evangelho.</b>	<b>377</b>
OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.	377
SONHOS.	379
ESTRELA DOS MAGOS.	380
DUPLA VISTA.	380
CURAS.	383
POSSESSOS.	396
RESSURREIÇÕES.	400
JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA.	403
TRANSFIGURAÇÃO.	404
A TEMPESTADE ACALMADA.	405
BODAS DE CANÁ.	406
MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES.	407
A TENTACÃO DE JESUS.	411
PRODÍGIOS POR OCASIÃO DA MORTE DE JESUS.	413
APARIÇÕES DE JESUS APÓS SUA MORTE.	415
DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS.	420



## AS PREDIÇÕES

<b>CAPÍTULO XVI - Teoria da presciência.</b>	<b>425</b>
<b>CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho.</b>	<b>439</b>
NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA.	439
MORTE E PAIXÃO DE JESUS.	442
PERSEGUIÇÃO DOS APÓSTOLOS.	443
CIDADES IMPENITENTES.	444
RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM.	444
MALDIÇÃO CONTRA OS FARISEUS.	446
MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO.	448
A PEDRA ANGULAR.	449
PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS.	450
UM SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR.	452
CHEGADA DE ELIAS.	455
ANÚNCIO DO CONSOLADOR.	456
SEGUNDA VINDA DO CRISTO.	460
SINAIS PRECURSORES.	462
VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO.	467
JUÍZO FINAL.	468
<b>CAPÍTULO XVIII - Os tempos chegaram.</b>	<b>472</b>
SINAIS DOS TEMPOS.	472
A NOVA GERAÇÃO.	496
<b>ÍNDICE</b>	
<b>Sua contribuição é muito bem-vinda!</b>	<b>504</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>505</b>
<b>Licença Creative Commons</b>	<b>507</b>

# Apresentação da Pesquisa

Última obra de Allan Kardec, *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* é uma fonte riquíssima para compreendermos duas questões existenciais: de onde viemos e para onde vamos, além de esclarecer que tudo que ocorre neste planeta segue as leis da natureza, não havendo espaço para o chamado “sobrenatural”. Além de ser uma leitura obrigatória para todo espírita pelo seu conteúdo, a história referente às suas edições também merece ser conhecida e estudada.

Lançada em 1868, esta obra sofreu modificações na quinta edição, publicada no ano seguinte. As circunstâncias que envolvem sua publicação levantaram dúvidas quanto à autoria desta edição ser ou não de Allan Kardec.

Aceitando o desafio investigativo, nesta pesquisa, além de elaborarmos a edição comparada (e bilíngue) entre a primeira e a quinta edição, viabilizando a análise das diferenças entre elas, também estudamos os aspectos que envolvem a publicação de uma obra na França do século XIX e averiguamos indícios e evidências que auxiliam a compreender a história, elaborar hipóteses e, no que for possível, confirmar o que realmente aconteceu.

Aproveitando as facilidades tecnológicas do século XXI, optamos pelo compartilhamento dos resultados alcançados com a pesquisa de forma digital, tornando-os igualmente acessíveis para quem está em qualquer parte do Brasil ou do mundo.

Estes resultados estão sendo disponibilizados no eBook *As Edições de A Gênese*, dividido em quatro volumes:

- Volume I - Edição Comparada (Francês) [em elaboração]: apresenta o texto completo da 1ª e da 5ª edição, lado a lado, com destaques das diferenças: o que foi acrescentado, modificado, suprimido, corrigido ou com formatação alterada (em acentuação, grafia de palavras e alteração dos destaques em itálico).
- Volume II - Edição Comparada entre a 1ª e a 5ª edição (Português) [em elaboração]: idem à edição em francês, porém com a tradução do texto original para português.

- Volume III - Sobre a impressão, publicação e divulgação [em elaboração]: apresenta os eventos relacionados à publicação das diversas edições de *A Gênese*, num recorte temporal de 1867 à 1883. Também, faz um apanhado de informações técnicas e documentais relevantes para o entendimento dessa história, com destaque para o que está confirmado e o que ainda são suposições.
- Volume IV - Análise das diferenças no conteúdo das edições [previsto]: independente de termos a confirmação da autoria da 5ª edição, ela está disponível e pode ser estudada em contraste com a edição que sabemos ter sido elaborada por Allan Kardec. Assim, tomando-se como base os volumes I e II e a premissa de uma edição "revista, corrigida e ampliada" a partir de uma original, apresenta um mapeamento e classificação das diferenças e, sempre que aplicável, uma interpretação do significado e correlação do texto modificado na 5ª edição com outras obras.

Sim, usamos o gerúndio propositalmente ao falarmos que os resultados "estão sendo disponibilizados" no eBook! Isto porque lançaremos a primeira edição de cada volume contendo apenas uma fração do seu conteúdo e faremos atualizações constantes e gradativas neles, até que estejam completos. Além disso, entre as atualizações das edições, publicaremos artigos no site [www.obrasdekardec.com.br](http://www.obrasdekardec.com.br) e compartilharemos descobertas nos sites dos parceiros de pesquisa.

O que temos hoje é um trabalho em elaboração, ainda assim, decidimos por esta abordagem porque temos um propósito de investir no trabalho colaborativo e na democratização do acesso à informação, tanto para fomentar a pesquisa e produção do conhecimento quanto para o estudo sério e comprometido. E a melhor forma que encontramos para atingir esse propósito é a divulgação de conteúdo em paralelo com a evolução da pesquisa em si. Assim, a primeira edição deste volume do eBook ainda não contempla todos capítulos da obra.

Optamos por utilizar os serviços de uma editora que avisa quando o eBook é atualizado, por isso reforçamos a importância de adquirir sua cópia gratuita por meio da [página de vendas](#), para ser informado sempre que uma nova versão estiver disponível para download. Pedimos que, antes de comprar, leia as orientações sobre [como adquirir nossos eBooks na LeanPub](#), para configurar corretamente a sua conta.

Temos consciência dos inúmeros desafios que enfrentaremos para a conclusão desta pesquisa e, como referência, nos ancoramos na fé raciocinada, pois:

"A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, não deixa nenhuma obscuridade. A criatura então crê, pois tem certeza, e tem certeza exatamente porque compreendeu."<sup>5</sup>

Assim, nos lançamos na tarefa de usar nossa capacidade de raciocinar, com base nos fatos (edições, documentos e informações subsidiárias) e na lógica, para apreciar cada diferença entre as edições e compreender, dentro da nossa capacidade, os ensinamentos que *A Gênese* encerra, alicerçados na intenção de aprender sempre.

Por fim, convidamos você a nos acompanhar nessa jornada, lhe desejamos uma ótima leitura e o melhor aproveitamento possível dessa experiência!

---

<sup>5</sup> KARDEC Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 2016. p. 187 (com revisão da tradução)

# Prefácio

#Fato: nem todo mundo lê o prefácio de um livro... em verdade, a maioria dos leitores nem toma conhecimento de que o prefácio existe!

Há quem pulou da capa direto para o conteúdo e nem passou por aqui ... <suspiro> ...

Então, se você está lendo estas palavras, significa que é um leitor diferenciado <nós gostamos disso!> e, portanto, receberá de brinde a oportunidade de ler não apenas um, mas três prefácios!

Sim, decidimos inovar e franquear aos nossos parceiros a oportunidade de compartilhar contigo suas percepções sobre a pesquisa e, em particular, sobre esta obra.

E, como você irá constatar, os resultados comprovam que a decisão foi muito acertada! Apresentamos, a seguir, três relatos que se complementam e contribuem para uma melhor compreensão da nossa proposta e do contexto em que ela está inserida.

Vamos lá? Passe para a próxima página e... divirta-se!

## Parte I

Nunca diremos o bastante quão salutar efeito nos causa a Doutrina Espírita, em nossa empreitada evolutiva; síntese de todo o progresso intelectual humano na Terra e precursora dos benévolos auspícios da Nova Era, essa doutrina, magistralmente alicerçada por Allan Kardec, conta com o livro *A Gênese* como uma espécie de corolário de toda a codificação do Espiritismo, o encerramento de uma fase fantástica e início de outra, à qual a espiritualidade encarregada de fazer progredir a nossa gente deposita votos de grandes êxitos. E estamos todos convidados a contribuir com essa empreitada; para tanto, faz-se mister bem compreendermos esta obra fundamental, *A Gênese*, a coroação da obra da codificação espírita.

Ocorreu, no entanto, sermos surpreendidos, no final de 2017 (mais detalhes adiante), com uma tese de que o conteúdo de *A Gênese* por nós tão conhecido — conforme as traduções com base na 5ª edição tradicionalmente utilizadas — não passava de uma versão adulterada, sendo a única e autêntica versão aquele correspondente ao conteúdo da publicação original, reimpressa fidedignamente até à 4ª edição. Posta em voga a polêmica da validade da edição “revisada, corrigida e aumentada”, cujas origens remontam à segunda década pós-desencarnação do autor da obra, estabeleceu-se a dúvida geral sobre qual a verdadeira obra a ser estudada, o que resultou num dilema: ao se dar preferência à primeira versão, corre-se o risco de desprezar a atualização possivelmente oferecida por Kardec; em se preferindo a segunda versão, corre-se o risco de dar ensejo à deturpação da legítima obra kardequiana.

É digno de nota que a tese mais recentemente oferecida em favor da “adulteração de *A Gênese*”, levantada por Simoni Privato Goidanich em *O Legado de Allan Kardec*, é realmente bem consistente dentro do contexto de seu lançamento, no crepúsculo do ano 2017, quando tínhamos em conta que a segunda versão era uma publicação de 1872, ou seja, decorridos três anos do passamento de Kardec, e estando o seu legado já sob as rédeas de Pierre-Gaëtan Leymarie, dito — quase que por unanimidade — *persona non grata* para a História do Espiritismo; todavia, elementos-chaves que sustentavam a referida tese ficaram fragilizados por fatos posteriores, desencadeados principalmente pelo achado de um edição revisada datada de

1869, provavelmente lançada no máximo três meses de luto do autor da obra em questão, tempo em que a esposa, Madame Kardec — sua única e legítima legatária —, tomara para si a responsabilidade direta pela condução da liderança do movimento espírita e, muito especificamente, pela direção das publicações kardecistas.

Permanece então essa dúvida, digamos, válida, sobre a qual historiadores e outros estudiosos espíritas têm se debruçado com afinco, e cuja resolução ainda não ousamos apontar enquanto melhores evidências venham nos assegurar quanto a legitimidade da segunda versão ou a comprovação de que esta seja uma versão indevida da obra original de Kardec. Além do que há uma terceira via: sendo sabido que Kardec já trabalhava na atualização da obra, é razoável pensarmos que a segunda versão oferecida na 5<sup>a</sup> edição publicada em 1869 contenha as composições do legítimo autor da obra — ainda que tenha sofrido, pontualmente, retoques indevidos. E convém salientar ainda que, entre as duas versões confrontadas, considerando os parágrafos excluídos, mais os parágrafos acrescidos, além das linhas editadas e os textos reposicionados, as modificações contabilizam mais de quatrocentas ocorrências; custa-nos, portanto, supor que uma mão alheia tenha se empenhado em processar todas essas alterações em tão curto espaço de tempo. Com efeito, somos da opinião daqueles que, longe de forçar certa opinião, sinceramente buscamos a verdade deste caso, tal como seja ela. Por isso, deleguemos ao efeito do tempo propício para essa resolução, enquanto continuam as investigações históricas.

Contudo, *pari passu* com as buscas historiográficas, tivemos a grata surpresa de conhecer o projeto proposto pelo site *Obras de Kardec* no tocante ao caso *A Gênese*, cuja extraordinária iniciativa está bem definida no título do conjunto da obra: *As Edições de A Gênese*, intencionalmente distribuída em quatro volumes, tendo como apelo geral o estudo comparativo das duas versões do livro questionado, independentemente da polêmica. Esta iniciativa nos tocou profundamente pela honestidade com que nos foi proposta: se não estamos a par da resolução da questão do conteúdo definitivo de *A Gênese* e ao mesmo tempo temos versões diferentes com possibilidade de legitimidade, a racionalidade nos incita ao estudo comparado de ambas as versões, tudo desemboca nessa direção. Acrescente-se a isso a metodologia aplicada no projeto e a disciplina de todos os envolvidos nesse trabalho, de modo a nos encorajar exclamar a todos os confrades, aos espíritas sinceros, que

prestigiem o esforço do projeto *As Edições de A Gênese*, que, se não é isento de críticas, é, pelo menos, louvável pelo norteamento de seu empreendimento.

Estou certo de que a todos, havendo ou não predisposição para qualquer lado da polêmica em voga, o projeto *As Edições de A Gênese* tem sua serventia, pelo que enfatizo meu convite aos confrades espíritas de se engajarem nesse pleito positivo. Aliás, se há o que se deva louvar de toda a problemática no entorno dessa discussão histórica é o fato de sermos todos compelidos ao estudo dessa obra fundamental *A Gênese*, mesmo que com o trabalho redobrado, em face das duas edições disponíveis.

Muita luz para todos nós e bom estudo a todos.

10 de abril de 2020,

*Ery Lopes*

*Portal Luz Espírita*

<http://www.luzespirita.org.br/>



## Parte II

Acompanhei, desde o princípio, a concepção do projeto *Obras de Kardec*. Estávamos realizando uma análise de possíveis evidências relativas às alterações da 5ª edição de *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo* e pude notar o perfil reticente dos envolvidos aos argumentos apresentados, demonstrando todo o espírito crítico presente no processo.

E foi esse espírito que nos permitiu enriquecer a historiografia do Espiritismo. O objetivo comum e a ausência de vaidades vãs promoveram uma afinidade espontânea que permitiu uma pesquisa de natureza colaborativa junto com o *CSI do Espiritismo* para, aos poucos, desvendarmos os mistérios envolvidos nas edições de *A Gênese*, última obra de Allan Kardec antes da sua inesperada desencarnação em 31 de março de 1869, exatamente quando se encerrava seu último mandato na presidência da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

O arranjo em favor da verdade se desdobrava naturalmente, e eis que surge o museu AllanKardec.Online para auxiliar na reconstrução da história da Doutrina Espírita, não com base em opiniões, mas sim em registros de fontes primárias de seu acervo.

Contudo, não bastava apenas o estudo da história, sua contextualização e a investigação minuciosa dos escassos dados disponíveis. Era importante também a sondagem do conteúdo das alterações, averiguando as novas ideias e conceitos desenvolvidos, bem como as redundâncias daqueles já suficientemente explorados em obras anteriores e sintetizados na última versão de 1869.

Este é um trabalho de fôlego, que dará condições aos estudiosos sinceros, espíritas ou não, de conhecer o pensamento de Allan Kardec, assim como conduzirá todos a uma reflexão profunda, para que, sem terceirizar seus próprios pensamentos, concluam por si mesmos, desde que desarmados do tolo espírito de polarização.

Só podemos concluir este brevíssimo prefácio parabenizando o projeto *Obras de Kardec* pela edição comparada, fruto de um esforço empregado em atividades, às vezes monótonas e extenuantes, mas necessárias; também pelo uso da criatividade na busca de explicações que satisfizessem os critérios de

cronologia e lógica durante a análise dos registros existentes, permitindo melhor entendimento do todo, isto é, da lei de imprensa, das questões tipográficas, do contexto histórico, etc; e finalmente pela colaboração no trabalho de resgate da memória de Allan Kardec.

21 de abril de 2020,

*Carlos Seth*

*CSI do Espiritismo*

Imagens e Registros Históricos do Espiritismo

<https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/>

### Parte III

Para que o sucesso de um trabalho colaborativo de pesquisas possa atingir resultados relevantes, é fundamental que os pesquisadores envolvidos deixem de lado qualquer tipo de personalismo e estejam imbuídos de um caráter científico e criterioso, para agregar novos conhecimentos ao grupo. A busca pela verdade, o uso da razão, ensinado desde sempre por Allan Kardec, e o empenho em disseminar informações fundamentadas em fontes primárias, sem opiniões de cunho pessoal, fez surgir o projeto desta obra que recebe o oportuno nome de: “*AS EDIÇÕES DE A GÊNESE*”.

A evolução do conhecimento espírita é algo natural, e até esperado, como podemos constatar nas várias edições das obras atualizadas por Allan Kardec ao longo do tempo, a começar pelo *Livro dos Espíritos*. Em *A Gênese*, sua última obra, o codificador da Doutrina Espírita reforçou essa ideia, deixando registrado que "o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem que ele está em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará"<sup>6</sup>, visto que "todas [as ciências], sem exceção, são produto de observações sucessivas, apoiando-se em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido"<sup>7</sup>. E a revelação espírita "apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação"<sup>8</sup>.

A publicação do artigo denominado *Une Infamie*<sup>9</sup>, no periódico *Le Spiritisme*, em dezembro de 1884, com uma denúncia feita por Henri Sausse sobre possíveis adulterações ocorridas no livro *A Gênese*, foi o ponto de partida para levantar a dúvida, no meio Espírita francês, se a autoria de tal edição *revista, corrigida e aumentada* era mesmo de Allan Kardec. Segundo Sausse, na 5ª edição, publicada pela sociedade espírita fundada para a continuação das obras de Allan Kardec, constavam 126 alterações, em

---

<sup>6</sup> KARDEC, Allan. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, Coleção *Numa Linguagem Simplificada*, 2018, Capítulo I, item 55, pp. 27 e 28. (Trecho idêntico na primeira e quinta edição)

<sup>7</sup> KARDEC, Allan. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, Coleção *Numa Linguagem Simplificada*, 2018, Capítulo I, item 54, pp. 26 e 27. (Trecho idêntico na primeira e quinta edição)

<sup>8</sup> KARDEC, Allan. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, Coleção *Numa Linguagem Simplificada*, 2018, Capítulo I, item 55, pp. 27. (Trecho idêntico na primeira e quinta edição)

<sup>9</sup> Uma tradução deste artigo está disponível em LOPES, Ery. [O Caso A Gênese](#), item 15

comparação com a edição de 1868, sendo: onze parcialmente revisadas, cinquenta adicionadas e sessenta e cinco suprimidas. Sausse faz insinuações sobre a autoria das alterações e dos possíveis motivos, usando como exemplo a supressão do item 67 do capítulo XV<sup>10</sup>.

A resposta à acusação de Sausse é publicada na *Revue Spirite* de 15 de dezembro de 1884, em um artigo denominado *Suite de "Fictions et Insinuations"*<sup>11</sup> que afirma que a revisão da edição foi feita por Allan Kardec, em 1868, e que um pedido de informações, por parte de Henri Sausse, teria dissipado suas dúvidas sobre o tema. Em sua defesa, a Sociedade Científica do Espiritismo, da qual Leymarie era administrador na época, apresenta os depoimentos do senhor Joseph Rousset, que confeccionou as matrizes de impressão, e do senhor Rouge, proprietário da tipografia, com o relato das tiragens das edições. Essa resposta gerou a tréplica de Henri Sausse, publicada no artigo *Correspondência no Le Spiritisme* de fevereiro de 1885<sup>12</sup>. Na sequência, na *Revue Spirite* de 15 março de 1885, Desliens, secretário-geral de Allan Kardec, apresenta os seus esclarecimentos sobre o caso, no artigo *La Genèse d'Allan Kardec*<sup>13</sup>, confirmando que todas as modificações foram feitas próprio Allan Kardec e eximindo P. G. Leymarie de haver tido qualquer ingerência nesse processo.

A polêmica aportou no Brasil na virada do século XXI, quando o escritor espírita Carlos de Brito Imbassahy (filho do grande pesquisador Carlos Imbassahy) teve acesso a uma 3ª edição original do livro *A Gênese* e efetuou comparações com a tradução da FEB para o idioma português, notando as diferenças e comunicando suas suspeitas. Tudo leva a crer que Imbassahy não teve acesso ao original da 5ª edição. Um novo foco para acusações surgiu, passando para a pessoa de Guillon Ribeiro a responsabilidade pela adulteração da obra de Allan Kardec, em sua tradução. O caso ganhou repercussão e virou polêmica no meio espírita brasileiro. A temática do motivo permanecia a mesma, girando, principalmente, sobre possíveis teses roustainguistas e a supressão do item 67 do capítulo XV<sup>14</sup>.

Em 2009, os pesquisadores e historiadores Felipe Gonçalves e João Donha, com o acesso recém adquirido às obras originais digitalizadas de

---

<sup>10</sup> Item presente na 1ª edição e suprimido na 5ª edição. Vide KARDEC, Allan. *La Genèse, les miracles et les prédictions selon le Spiritisme, 1868*, Capítulo XV - Os Milagres do Evangelho, pp. 379 e 380.

<sup>11</sup> Nessa época, a *Revue Spirite* era apresentada quinzenalmente. Uma tradução deste artigo, Continuação de 'Ficções e Insinuações', está disponível em LOPES, Ery. *O Caso A Gênese*, item 16

<sup>12</sup> *Influências no Espiritismo Pós-Allan Kardec*. Autores Espíritas Clássicos, 2018, pp. 34 à 38.

<sup>13</sup> Uma tradução deste artigo está disponível em LOPES, Ery. *O Caso A Gênese*, item 18

<sup>14</sup> GONÇALVES, Felipe. *Algumas considerações sobre a 5ª edição e A Gênese*. 2018, p. 14.

Kardec, graças a bibliotecas virtuais na Internet, empreenderam estudos visando esclarecer o assunto sobre a autoria das alterações da quinta edição<sup>15</sup>. Na época, efetuaram primeiramente a comparação das quatro primeiras edições, concluindo que eram idênticas. Se dedicaram, então, às comparações e análise da edição original com a 5ª edição de 1872<sup>16</sup>, *revista, corrigida e aumentada*, e publicaram as diferenças encontradas em um artigo denominado *A Gênese (até que ponto) de Kardec*<sup>17</sup>. Também estudaram a acusação de Henri Sausse no *Le Spiritisme*, as edições da *Revue Spirite* com as respostas e os manuscritos publicados em *Obras Póstumas*<sup>18</sup>.

A pesquisa foi bem sucedida em demonstrar que não procediam as acusações feitas a Guillon Ribeiro, já que sua tradução apenas reproduziu o texto da quinta edição, que no original em francês é diferente das edições anteriores. Quanto à determinação do autor das alterações, diferente dos seus antecessores, estes pesquisadores entenderam que: "a consulta das fontes até aqui apresentadas não nos permite concluir se as alterações foram feitas por Bittard, Desliens, Leymarie, o próprio Allan Kardec ou outra pessoa. Até o presente momento, não é possível afirmar se as alterações foram também adulterações. Diante de tantas lacunas, a questão sobre a legitimidade da 5ª edição de *A Gênese* permanece em aberto até que surjam novas fontes e evidências"<sup>19</sup>.

A polêmica reacende em 2017, desta vez na Argentina, com a publicação da obra *El legado de Allan Kardec*, de Simoni Privato Goidanich. Em meio ao resgate da história do espiritismo, é lançada, mais uma vez, a tese de adulteração do conteúdo da quinta edição do livro *A Gênese*. Fundamentada em séria pesquisa, a obra trouxe como contribuições ao tema: informações sobre a lei de impressão na França no século XIX e os registros das Declarações de Impressão de outubro/1867, fevereiro/1869 e dezembro/1872, que infelizmente não contém indicação das respectivas edições, e dos Depósitos Legais da primeira edição em janeiro/1868 e da quinta edição, em dezembro/1872, encontrados nos Arquivos Nacionais da França. A publicação do livro no Brasil, em maio de 2018, fez surgir grandes debates sobre o tema,

---

<sup>15</sup> GONÇALVES, Felipe. [Algumas considerações sobre a 5ª edição e A Gênese](#). 2018, pp. 14 e 15.

<sup>16</sup> Segundo DONHA, João A. V. [A GÊNESE, OS MILAGRES, AS PREDIÇÕES e as espíriticas brasileiras...\(II\)](#). 2010: "xx.xx.1872 - Lançamento da QUINTA EDIÇÃO da Gênese, agora pela Librairie Spirite (conforme se pode verificar por notícia bibliographique da Bibliothèque Nationale de France). A BNF mantém esta edição em seu acervo com a identificação: FRBNF30010935."

<sup>17</sup> DONHA, João A. V. [A Gênese \(até que ponto\) de Kardec](#). 2012.

<sup>18</sup> DONHA, João A. V. [Linha do tempo esclarece edições de "Gênese"](#). 2012 (atualizada após 2017), \_\_\_\_\_. [A GÊNESE, OS MILAGRES, AS PREDIÇÕES e as espíriticas brasileiras...\(II\)](#). 2010.

<sup>19</sup> GONÇALVES, Felipe. [Algumas considerações sobre a 5ª edição e A Gênese](#). 2018, p. 15.

além de ter despertado um grande interesse por esta obra. Isto provocou e tem propiciado estudos de conteúdos e comparações das várias edições.

Pesquisadores e estudiosos têm se debruçado sobre as diferenças entre as edições e os registros em publicações, documentos e manuscritos que contam a história e estão emitindo opiniões discordantes, como resultado de suas pesquisas. Os adeptos à tese de adulteração atribuem, novamente, a autoria ao senhor Pierre-Gaëtan Leymarie, que foi, inegavelmente, o responsável por grande parte dos desvios doutrinários encontrados no movimento espírita. De outro lado estão os que atribuem as alterações à Allan Kardec e defendem que não existem desvios doutrinários na quinta edição.

O surgimento, em 2020, de uma quinta edição *revista, corrigida e aumentada*, contendo na folha de rosto o ano de 1869 e impressa pela *Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques*, portanto diferente da quinta edição que conhecíamos até então, sem ano na folha de rosto e, segundo seu Depósito Legal, publicada em 1872, acirra os debates e, conseqüentemente, as pesquisas e os estudos pertinentes ao caso.

Na sequência, foram descobertos novos documentos e manuscritos, no Brasil e na França, devidamente divulgados na Internet para a comunidade espírita, a partir do esforço de vários pesquisadores que se uniram de forma criteriosa, colaborativa e participativa para, a partir da análise de fontes primárias, fornecer uma luz e, quem sabe, uma conclusão racional sobre o ocorrido com as diferentes edições de *A Gênese*. Podemos destacar, dentre as pesquisas já realizadas, as seguintes descobertas relevantes:

1. Os manuscritos<sup>20</sup> *Conselhos sobre a Gênese* de 22/02/1868 e *Correção da Gênese*, de 18/07/1868, informam que Allan Kardec pretendia e estava efetuando alterações nos textos do livro *A Gênese*.
2. Um manuscrito inédito<sup>21</sup> comprova que Kardec já estava pensando em criar, já em 21/11/1868, a própria editora para comercializar as obras, além de já estar verificando o melhor lugar para a sua instalação. Neste manuscrito, o Espírito do Sr. Didier sugere, dentre várias coisas, que a instalação da *Librairie Spirite* pudesse estar, talvez, do outro lado do rio, em local de fácil acesso e conveniência e aconselha Allan Kardec a separar o seu centro de operações do da livraria a ser fundada, evitando assim a mistura de Kardec como chefe da doutrina com a figura de livreiro.

---

<sup>20</sup> [Publicação](#) de manuscritos pertencentes ao museu AllanKardec.Online, datada de 07/03/2020.

<sup>21</sup> O manuscrito pertence ao acervo do museu AllanKardec.Online, e foi [divulgado](#) em 08/04/2020.

3. A descoberta<sup>22</sup> de que a *Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques* estava autorizada pelo governo francês a publicar, conforme o *Brevet* emitido, a partir de 02 de abril de 1869. Esta pesquisa comprova que foi Kardec quem solicitou, em vida, o referido *Brevet* de funcionamento e que a sucessão dos direitos deste foi feita para Amélie Boudet, em 20 de agosto do mesmo ano, e não, como alguns imaginavam, para Bittard, Desliens ou Leymarie. Ou seja, a responsável legal pela *Librairie Spirite*, que editou as obras após o desencarne de Kardec, foi Amélie Gabrielle Boudet, na qualidade de legítima herdeira do espólio de Allan Kardec.
4. Com a “descoberta”, em uma biblioteca da Suíça, da quinta edição do livro *A Gênese* com o ano de 1869 impresso na folha de rosto<sup>23</sup> e com o conteúdo idêntico à quinta edição conhecida, com ano atribuído de 1872 (apesar de não constar impresso no livro), fica totalmente comprometida a teoria de que o senhor Pierre-Gaëtan Leymarie seria o autor ou mesmo participou das alterações, já que nesse ano ele ainda não era o responsável, nem pela *Revue Spirite*<sup>24</sup>, nem pela *Société Anonyme et à Capital Variable de la Caisse Générale et Centrale du Spiritisme*<sup>25</sup>, e muito menos pela *Librairie Spirite*<sup>26</sup>. Além disso, nesse momento, ainda não havia ocorrido a aproximação de Leymarie com Jean Guérin, discípulo e herdeiro de Roustaing, que patrocinou toda a difusão da obra *Os Quatro Evangelhos* na *Revista Espírita*, o que só ocorreu a partir de 1879.<sup>27</sup>
5. Na capa da edição do livro *A Gênese* de 1869, diferente da quinta edição de 1872, consta como editora a *Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques*, impressão por *Typ. Rouge, frères, Dunon et Fresné* e livreiros: *A. Lacroix, Verboeckhoven et Cie - Librairie Internationale e Didier et Cie - Librairie Académique*. Enquanto que na quinta

---

<sup>22</sup> [Postagem](#) feita pelo CSI do Espiritismo, em 29/03/2020.

<sup>23</sup> A quinta edição foi descoberta pelo CSI do Espiritismo, em notícia [publicada](#) em 26/02/2020 e a [versão digital](#) da edição pertence ao Museu AllanKardec.Online.

<sup>24</sup> Leymarie assumiu a direção da *Revue Spirite* em junho de 1871, com a renúncia do senhor Desliens, conforme divulgado na *Revista Espírita* de Setembro de 1871, p. 285 e 288.

<sup>25</sup> Leymarie assumiu a administração da *Société Anonyme* em junho de 1871, com a renúncia do senhor Desliens, conforme divulgado na *Revista Espírita* de Setembro de 1871, p. 285 e 288.

<sup>26</sup> Leymarie assumiu a *Librairie Spirite*, em substituição ao senhor Bittard, em junho de 1873, conforme divulgado na *Revista Espírita* de Junho de 1873, p. 95.

<sup>27</sup> O relacionamento de Leymarie com Guerrin só iniciou em 1879, sete anos depois das duas impressões da quinta edição estarem impressas, conforme indicado em GOIDANISH, Simoni P. *O Legado de Allan Kardec*, 2018, pp. 237 a 239 (Vide: *Revue Spirite* de março de 1879, pp. 116-117, *Revue Spirite* de abril de 1879, pp. 121, *Revue Spirite* de maio de 1879, pp. 161 e FROPO, Berthe. *Beaucoup de lumière*. 1884, p 51.)

edição de 1872, consta apenas a editora e livraria *A la Librairie Spirite* e impressão por *Typ. Rouge frères et Comp.*. A pesquisa<sup>28</sup> apresenta fortes argumentos relativos à possível datação da publicação da quinta edição do livro *A Gênese* de 1869, utilizando como base as denominações utilizadas para o editor e para o impressor constantes das várias obras existentes na época.

6. Pesquisas<sup>29</sup> sobre o livro *Catalogue raisonné des ouvrages pouvant servir à fonder une bibliothèque spirite* comprovam que existem várias impressões do *Catálogo Racional* no ano de 1869, com pequenas diferenças entre as edições analisadas. As análises efetuadas apresentam fortes indícios e corroboram a tese da datação da quinta edição de *A Gênese* de 1869, bem como demonstram que o *Catálogo Racional* foi utilizado de acordo com a proposta e vontade de Allan Kardec. Pelo menos em 1869, após o desencarne de Allan Kardec, houve a catalogação de novas obras que foram acrescentadas às inicialmente elencadas, mas todas dentro dos critérios propostos pelo autor.
7. Ainda sobre o *Catálogo Racional*, foi encontrado um manuscrito inédito<sup>30</sup> de Allan Kardec, contendo um rascunho de trechos deste catálogo, que comprova que parte das informações que constam do referido catálogo, ditas por uns pesquisadores como "polêmicas" e "não sendo feitas por Allan Kardec", e defendidas por outros, foram feitas pelo próprio Allan Kardec. Além disso, a pesquisa fornece indícios de que a observação "relativa à natureza fluídica do corpo de Jesus, que não teria nascido e sofrido senão em aparência, ser a mesma dos docetistas" (da obra *Os Quatro Evangelhos*) tem alta probabilidade de ter sido acrescentada ao final do item 67, do Capítulo XV, da 5ª edição do livro *A Gênese*, pelo próprio Kardec.
8. A pesquisa<sup>31</sup> efetuada sobre a primeira edição brasileira do livro *A Gênese*, de 1882, publicada pela Sociedade Acadêmica Deus Christo e Caridade, que tinha Afonso Angeli Torteroli como um dos principais divulgadores e uma das figuras mais importantes para o Espiritismo científico, no final do século XIX e início do século XX no Brasil,

---

<sup>28</sup> Pesquisa realizada por CSI do Espiritismo, [postada](#) em 02/04/2020.

<sup>29</sup> Pesquisa [postada](#) em 03/04/2020 pelo CSI do Espiritismo e pesquisa [postada](#) em 04/04/2020, pelo museu AllanKardec.Online.

<sup>30</sup> A [publicação](#) da pesquisa com o manuscrito de seu acervo pessoal foi feita pelo museu AllanKardec.Online, datada de 05/04/2020.

<sup>31</sup> [Publicação](#) datada de 20/03/2020 pelo museu AllanKardec.Online.



apresenta argumentos sobre a probabilidade da alteração ter sido feita por Allan Kardec, visto que o próprio Torterolli (líder dos científicos) seria o responsável pela tradução a partir de uma edição de *A Gênese* alterada, e o mesmo não constatou e/ou relatou divergências doutrinárias nesta edição utilizada como base para a tradução.

As pesquisas e as buscas por novos documentos encontram-se em andamento e os resultados que já temos nos mostram que o assunto não está encerrado; pelo contrário, existe muito o que se considerar e refletir, antes de chegarmos a qualquer conclusão.

Entendendo nosso papel e compromisso com os espíritas e a comunidade científica, estamos buscando em nosso acervo de milhares de páginas em centenas de cartas e manuscritos de Allan Kardec, ainda não catalogados, por conteúdo relativo à questão e compartilhando os achados, para que todos tenham oportunidade de examinar também. Já tivemos algum êxito<sup>32</sup> e temos a expectativa de, em breve, colher mais frutos.

As *Edições de A Gênese* chega neste momento especial da historiografia do Espiritismo, possibilitando que todos possam ter acesso aos textos das duas edições (tanto do original em francês, como da tradução em português), apresentados de uma forma extremamente didática e de agradável visualização, propiciando ao leitor fazer seus próprios estudos e análises, verificando todos os pontos que foram modificados, para chegar a suas próprias conclusões do que estas diferenças representam.

Esperamos que a leitura e o estudo desta obra, em conjunto com as pesquisas que foram apresentadas e estão sendo desenvolvidas, possa colaborar para nos aproximarmos da verdade pelos fatos e, de forma fraternal e respeitosa, chegarmos a um consenso sobre o ocorrido, entre estudiosos e pesquisadores.

Encerramos com uma homenagem a todos os pesquisadores que até aqui se dedicaram e aos que permanecem no estudo dessa questão, em especial a Carlos Seth, do CSI do Espiritismo. Sobre a impossibilidade atual de uma conclusão definitiva da autoria das alterações efetuadas na 5ª edição de *A Gênese*, deixamos ao leitor a recomendação do professor, historiador e

---

<sup>32</sup> As descobertas 1, 2, 6, 7 e 8 foram realizadas pelo Museu AllanKardec.Online, com base em seu acervo, com divulgação de três manuscritos inéditos.

pesquisador Felipe Gonçalves: "*Até lá, vale recordar de uma máxima de Allan Kardec: “Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem sensato.”*<sup>33</sup>

21 de abril de 2020,

*AllanKardec.Online*

Historiografia do Espiritismo

<http://allankardec.online>

<https://www.facebook.com/allankardec.online/>

---

<sup>33</sup> KARDEC Allan. *O Livro dos Espíritos*. Coleção *Numa linguagem simplificada*, 2019, item VII p. 20 (com revisão da tradução)

# Sobre a comparação entre as edições

Em linhas gerais, a exibição da comparação utiliza como referência a estrutura e conteúdo da edição original<sup>34</sup>, apresentada do lado esquerdo da página, comparada com o conteúdo e estrutura da 5ª edição<sup>35</sup>, apresentada do lado direito.

Por este motivo, o Sumário deste Volume do eBook segue a ordem e os nomes de capítulos e subtítulos da 1ª edição. A comparação do Índice (*Table des Matières*) das duas edições é apresentada ao final da obra, isto é, em sua posição original.

Para as falsas folhas de rosto, páginas da tipografia e folhas de rosto, usamos as imagens da 5ª edição de 1869. As pequenas diferenças nessas páginas entre as duas impressões da 5ª edição serão abordadas no Volume III.

O miolo das duas edições é apresentado lado a lado, conforme exemplo abaixo de um trecho do Capítulo 1, permitindo a identificação rápida do que está igual e do que mudou, denominado genericamente de "diferença".

## CAPÍTULO I - Características da revelação espírita.

1ª Edição (1868)	5ª Edição (1869/72)
18.- A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção <i>de um só elemento gerador</i> de todas as transformações da matéria; mas a matéria por si só é imóvel; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu e nem inventou este princípio, mas foi o primeiro	8.- A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção <i>de um só elemento gerador</i> de todas as transformações da matéria; mas a matéria por si só é imóvel; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu e nem inventou este princípio, mas foi o primeiro

<sup>34</sup> O texto da obra da primeira à quarta edição é exatamente o mesmo. A este conjunto, foi dado o nome de "edição original".

<sup>35</sup> O texto da obra nas duas impressões da quinta edição (1869 e 1872) é exatamente o mesmo.

a demonstrar a sua existência por provas incontestáveis; estudou, analisou e tornou evidente sua ação. Ao *elemento material*, ele juntou o *elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, eis os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Mediante a indivisível união deles facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis.

Por sua essência mesmo, e como tem por objeto o estudo de<sup>36</sup> um dos elementos constitutivos do Universo, o Espiritismo toca obrigatoriamente na maior parte das ciências; portanto, só podia vir depois da elaboração destas ciências, e, sobretudo, depois de terem provado sua incapacidade de explicar tudo apenas<sup>37</sup> das leis da matéria.

a demonstrar a sua existência por provas incontestáveis; estudou, analisou e tornou evidente sua ação. Ao *elemento material*, ele juntou o *elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, eis os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Mediante a indivisível união deles facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis (1).

O espiritismo tem por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca obrigatoriamente na maior parte das ciências; portanto, só podia vir depois de sua elaboração, nasceu pela força das coisas, pela impossibilidade de explicar tudo com o auxílio apenas das leis da matéria.

(1) A palavra *elemento* não é empregada aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas*, mas no de *parte constitutiva de um todo*. Neste sentido, pode dizer-se que o elemento espiritual tem parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram no cálculo de uma população; que o elemento religioso entra na educação; ou que na Argélia existem o *elemento árabe* e o *elemento europeu*.

Utilizamos recursos de cores e diagramação para um melhor destaque das diferenças entre as edições:

- Sobre as cores:
  - O texto igual está em cinza, para realçar o contraste com as cores dos trechos modificados;
  - Em **vermelho**, o texto da 1ª edição que foi suprimido (S) na 5ª edição;
  - Em **azul**, o texto acrescentado (A) na 5ª edição;
  - Em **laranja**, o texto modificado (M), isto é houve supressão de conteúdo e inclusão de novo conteúdo na mesma posição do texto;

<sup>36</sup> d'un ⇒ de l'un

<sup>37</sup> par les seules ⇒ à l'aide des seules

- Em **violeta**, o texto que sofreu algum ajuste de ênfase (E) (incluiu ou retirou itálico) (exemplo: **générateur**), foi movido de posição (P) (exemplo: **Le Spiritisme**) ou teve correção (C) ortográfica (exemplo: **Écritures** na introdução).
- Sobre a diagramação:
  - Os trechos iguais seguem a mesma diagramação nas duas colunas, isto é, são sincronizados de tal forma que cada uma das palavras aparece no mesmo lugar dos dois lados.
  - São deixadas lacunas à direita, se o trecho foi suprimido e à esquerda se o trecho foi acrescentado.
  - Trechos modificados podem ter comprimentos diferentes, porém devem sempre ocupar o mesmo espaço, para que o texto igual permaneça sincronizado. Sendo assim, é acrescentada uma lacuna no lado em que o texto é menor para que ele ocupe o mesmo espaço do texto maior.
  - Todas as notas de rodapé aparecem em fonte menor, imediatamente após o item em que elas são referenciadas, permitindo, desta forma, que elas possam ser colocadas lado a lado com a nota equivalente na outra edição e seu texto possa ser devidamente assinalado em cores, conforme existam diferenças.

As letras entre parêntesis (A, M, S, E, P, C) serão utilizadas no Volume IV, em totalizações, como na contagem de ocorrências de cada tipo de diferença por capítulo, e em referências ao tipo de diferença.

Existem trechos em que duas diferenças, uma supressão e um acréscimo, podem ter, pelo significado, uma conotação de modificação, como no item 18 do capítulo I: "depois **da** elaboração **destas ciências**" (*qu'après l'élaboration de ces sciences*) na primeira edição, que se transformou em "depois **de sua** elaboração" (*qu'après leur élaboration*) na quinta edição. Seria "destas ciências" o mesmo que "sua"? Decidimos deixar este grau de interpretação para ser feito durante a análise das diferenças e elaboração do Volume IV.

Existem muitas diferenças de pontuação entre os originais, de forma que, nesta edição do Volume II do eBook, optamos por não fazer este assinalamento. Se futuramente sentirmos necessidade de ter a identificação deste tipo de diferença, para uma melhor análise, por exemplo, investiremos tempo para o devido assinalamento e divulgação, em uma edição futura.

## Sobre a tradução

Como bem citou Canuto Abreu, em *O primeiro Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, um trecho de Tomás de Aquino:

"Um bom tradutor deve, guardando o sentido das verdades que traduz, adaptar seu estilo ao gênio da língua na qual se exprime."

TOMÁS DE AQUINO, *Contra os Erros dos Gregos*. Prólogo<sup>38</sup>.

Em uma tradução sempre há interpretação. Se feita com esmero, ela equivale ao original em sentido, mas sempre com algum grau de interferência do tradutor. Cientes do desafio de empreender esta tarefa, neste Volume II da nossa série *As Edições de A Gênese*, oferecemos a nossa tradução das duas versões da obra em questão — *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec — então correspondentes ao texto original (reimpresso até a 4ª edição, em 1868) e a versão revisada, corrigida e aumentada (a partir da 5ª edição, de 1869).

Antes que o leitor inicie seus estudos pelas traduções aqui oferecidas, solicitamos-lhe atenção para relevantes observações a respeito exatamente do trabalho de tradução; elas são por demais úteis para evitar confusões interpretativas uma vez que, por se tratar da comparação entre traduções, lidamos com desafios adicionais que devem ser endereçados adequadamente.

### *Direitos autorais da tradução*

Cumpramo-nos informar que a base das traduções foi tomada por empréstimo das edições subintituladas “Numa linguagem simplificada” da autoria de Louis Neilmoris, disponibilizadas livremente pelo Portal Luz Espírita<sup>39</sup>, cuja escolha se explica por três razões elementares: 1) beneficiamo-nos de um trabalho já realizado, conquanto em via de melhoramento, adiantando substancialmente a conclusão deste lançamento;

---

<sup>38</sup> ABREU, Canuto. *O primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec*. 1957, p. VII.

<sup>39</sup> Download gratuito no Portal Luz Espírita da tradução da [1ª edição](#).

2) o mesmo tradutor cuidou de traduzir as duas versões de *A Gênese*, e com isso, já carrega em seu trabalho a mesma experiência comparativa a que nos dispomos; 3) por nos ter sido concedida a livre utilização desta tradução, posto que, embora a obra original de Allan Kardec tenha caído em domínio público desde há muito, o trabalho do tradutor desta mesma obra está garantido pela lei de direitos autorais, enquanto no prazo estipulado, impedindo a sua reprodução integral. A partir dessa base, pois, dispomos os textos das duas versões e então começamos a nossa lida de comparação, alinhamento e marcação das diferenças entre as edições aqui tratadas.

### *Adaptações para adequação linguísticas nas traduções*

Um escrito qualquer é sempre uma versão do pensamento do seu autor, que bem poderia, ao invés da escrita, fazer uso de outra arte — desenho, por exemplo — para exprimir suas ideias. Um livro é, pois, uma versão escrita de um apanhado de conceitos, sentimentos e emoções provindos de uma fonte: do escritor, ou, como no exemplo de certa literatura mediúnica, daquele que dita a obra. Imaginemos, pois, quão difícil é, muitas vezes, pôr em palavras a exatidão do pensamento que se pretenda exprimir. E como se não bastassem as limitações linguísticas — por mais sofisticado que seja o idioma — para literatizar as coisas mais abstratas, o processo de comunicação envolve ainda a dificuldade de compreensão do leitor. Portanto, mesmo quando nos referimos a uma “obra original”, inconscientemente podemos estar negligenciando que ali não consta mais do que um esboço — ocasionalmente muito mesquinho, limitado — de um conjunto de ideias muito mais grandioso. Apenas a título de ilustração, podemos dizer: Ainda que leiamos, em bom francês, *La Genèse, les miracles et les prédictions selon le Spiritisme*, não há que se supor sermos capazes de abarcar a genialidade de Allan Kardec, mesmo nos restringindo aos assuntos encerrados neste livro. Ao transformar ideias em letras, invariavelmente, o pensador colhe os prejuízos mais ou menos graves dessa versão — problema esse que talvez seja dirimido futuramente com a evolução nas formas de comunicação das ideias.

Em se tratando de uma tradução, a complicação se redobra. Com efeito, traduzir nada mais é do que criar uma versão, em outro idioma, da versão original; no caso de uma obra literária complexa, como a que aqui cuidamos. A edição traduzida é praticamente uma nova obra, independentemente dos

melhores esforços do tradutor em se manter fiel ao autor original, porquanto as barreiras linguísticas e circunstâncias culturais impõem sérios obstáculos para que se transmita, por exemplo, para o nosso português, o que é próprio da cultura francesa. Uma prova real desta argumentação poderia ser levada a cabo com o desafio de se colocar um tanto de excelentes linguistas para traduzir uma determinada obra literária e esperar que quaisquer dos trabalhos resultassem em perfeita concordância.

Um exemplo concreto é justamente a base de trabalho de que aqui nos valem: temos um mesmo tradutor debruçado sobre duas versões (tradução da 5ª edição de *A Gênese*, em 2011<sup>40</sup>, e da 1ª edição, traduzida em 2018) e que, mesmo em trechos absolutamente idênticos, optou por usar palavras diferentes na segunda tradução. Assim, é de se esperar que na elaboração da tradução mais recente (que, neste caso, foi da primeira edição, em 2018), o tradutor tenha utilizado como base o texto da tradução mais antiga (a da 5ª edição, de 2011), mas tenha revisado o conteúdo inteiro e não apenas as diferenças, aperfeiçoando a tradução em diversos pontos.

Além da melhor escolha das palavras para representar as ideias, há que se considerar outras questões, por exemplo, adaptar a estrutura da frase e a pontuação, seguindo as regras gramaticais da língua traduzida. Acrescente-se a isso a questão temporal, haja visto estarmos cerca de um século e meio distanciados daquela publicação, e muito do que era verdade científica naquela época já não corresponde mais ao conhecimento do século XXI.

Logo, rogamos que o leitor seja generoso e tolerante com os esforços de todos os tradutores que têm se dedicado a aporuguesar o francês de Kardec: não é das tarefas mais fáceis, embora o mestre, especialista em didática que era, tenha sido magistral em seu ofício de escritor, a fim de ser conciso e efetivo, para evitar ambiguidades e confusões doutrinárias. É de se ignorar a possibilidade de má intenção ou ideologismo tendencioso em certas traduções? Não, absolutamente, mas tais casos são, indubitavelmente, ocorrências excepcionais, que não ousamos apontar; a inexatidão das traduções tem como causa principal a dificuldade mesmo deste intento.

Certamente que procuramos, nas traduções que ora ofertamos, aproximarmo-nos da máxima fidelidade possível aos textos originais, porém não nos arrogamos ter a pretensão da perfeição, considerando, a propósito, a

---

<sup>40</sup> Esta tradução utilizou como base a 5ª edição de 1872, que é idêntica à 5ª edição de 1869, cujo exemplar foi encontrado em fevereiro de 2020, em uma Biblioteca na Suíça.



natureza dos temas abordados na obra em questão, cuja origem é o mundo espiritual, do qual só assimilamos por comparação com coisas de nosso meio ambiente. Peguemos o exemplo de quando lidamos com Kardec falando de fluidos (como o fluido calórico, fluido elétrico, etc) ou de frenologia e veremos a complexidade de se traduzir tais conceituações. Noutra circunstância, vemos o tradutor se fazer coautor linguístico pela necessidade de criar, no idioma para o qual está vertendo a obra, termos sem equivalência aos presentes no texto original, como é o caso do termo *agénère*.

Por tudo isso, sentimos a necessidade de explanar detalhes das traduções que empregamos neste trabalho, uma vez que estamos lidando diretamente com a comparação de duas edições de um mesmo título — *A Gênese* — especialmente em face da polêmica quanto a autenticidade da versão “revista, corrigida e aumentada”. Supomos, então, que os mais interessados na nossa série sejam aqueles estudiosos mais meticolosos e sedentos de compreender as minúcias das diferenças existentes entre as duas versões aqui confrontadas. Para uma melhor compreensão, portanto, é mister que estes estejam bem cientes desses detalhes.

É claro que a primeira recomendação é que o leitor comece observando as diferenças nos textos originais (ver o [Volume I](#) desta série), por mais assustador que possa parecer o francês para quem não o compreende; de qualquer forma, nas traduções que trabalhamos, procuramos respeitar as dissemelhanças e evidenciá-las, de modo a possibilitar ao leitor o exame. Ainda assim, faz-se necessário ao estudioso que deseje bem comparar as edições de *A Gênese* conhecer certas peculiaridades da cultura literária francesa a fim de justificar as diferenças verificadas no seu aportuguesamento. E aqui forneceremos o essencial destas peculiaridades.

### *A versão tipográfica*

O grosso das diferenças entre as duas versões, nos seus originais, diz respeito a detalhes ortográficos (por exemplo, exclusão, adição ou relocação de pontuação) e estéticos, que quase sempre nada interferem na essência da mensagem; são miudezas que nada implicariam numa tradução comum, não fosse o caso da polêmica envolvendo *A Gênese*, como já é sabido, em que os mínimos detalhes estão sendo levados em consideração para a análise do caso.

Aqui então cabe uma anotação importantíssima: quem lê aqueles textos ditos originais deve considerar que já está lendo uma composição de segunda mão, uma transcrição tipografada, no formato apropriado para a impressão da época; nisto, não é de se subestimar que o tipógrafo (o profissional encarregado de montar as placas gráficas) tenha cometido falhas nessa transcrição. Os originais mesmos, por assim dizer, são os manuscritos do autor, que, pelo que sabemos, perderem-se, infelizmente. Destarte, se ali se encontra um erro ortográfico, é de se questionar se foi um lapso de Allan Kardec ou do processo de tipografia do livro.

Uma ocorrência de um provável lapso desse gênero pode ser observado no último parágrafo do item 12, no capítulo XIV, em que o sinal de exclamação (como consta na versão original) é substituído na versão revisada por uma interrogação — o que não procede com o contexto, claramente afirmativo. Vejamos:

Oui, tout est miracle dans la nature, parce que tout est admirable et t emoigne de la sagesse divine ! (1<sup>a</sup> edição)

Oui, tout est miracle dans la nature, parce que tout est admirable et t emoigne de la sagesse divine ? (5<sup>a</sup> edição)

Ciente desse equívoco t ecnico   que a tradução de Neilmoris, para as duas vers oes, traz o mesmo sinal de exclamação:

Sim, tudo   milagre na natureza, porque tudo   admirável e dá testemunho da sabedoria divina!

Sim, todo bom tradutor faria desta maneira. No entanto, neste volume, no intuito de evidenciar as diferenças entre as duas vers oes, conservaremos o ponto de interrogação presente na edição revisada<sup>41</sup>.

Outro detalhe v alido de ser apreciado   que o tipógrafo tamb em precisava cuidar da est tica da publicação, forçando-o eventualmente a aplicar alguns “truques” na montagem dos tipos (letras), por exemplo para manter o corpo do texto em formato justificado (alinhamento laterais); para isso, além de translinea  o (quebrar uma palavra no final da linha, separando-a com um hífen, remetendo a segunda parte para a linha seguinte), nesse processo, era comum os tipógrafos adicionarem espaços a mais entre as

---

<sup>41</sup>   possível que tenhamos deixado escapar alguns casos em que haja a diferença de pontuação no original, que eventualmente tenha sido corrigida pelo tradutor. Se encontrar algum caso, por favor, nos informe.

palavras ou entre uma palavra e uma vírgula. No caso do idioma nativo de Kardec, outro recurso típico era sacrificar o espaço regular entre a palavra e os sinais de fechamento da frase (em francês se usa um espaço antes dos sinais “:”, “;”, “!” e “?”). Esse tipo de ocorrência é muito comum nas montagens de *A Gênese*, sendo que frequentemente se verifica dissemelhanças nos parágrafos correspondentes entre as duas versões, isso sem contar os casos em que a vírgula na primeira versão foi substituída na segunda versão por um sinal de ponto e vírgula ou de dois pontos.

Miudezas, como dissemos, que acabam por se diluir com a tradução; por conseguinte, em certos trechos, este *Volume II* conterà um texto semelhante para as duas versões aportuguesadas, enquanto nas versões em francês (reunidas no *Volume I*) constam as disparidades.

### *Diferenças de ortografia*

Vejamos agora como tratamos os erros ortográficos dispostos na versão francesa — acentuação, por exemplo: nesse caso, como é praxe, a palavra com defeito na grafia é traduzida por um termo equivalente em português — sem o defeito gráfico. Com isso, por este *Volume II* será possível identificar estes contrastes entre as duas versões originais por meio da alteração da cor da palavra e da nota de rodapé, que apresenta a diferença no original.

Uma demonstração: no item 22 do capítulo II, o terceiro parágrafo tem uma diferença entre as versões francesas. Na primeira, começa corretamente assim:

**Ce** fluide étant inintelligent...

Já na versão revisada, encontramos um erro de formatação:

**ce** fluide étant inintelligent...

Como é regra que toda palavra que inicia um parágrafo deve trazer a primeira letra na forma maiúscula, poderíamos ter neste volume os dois parágrafos traduzidos de forma semelhante para os dois textos<sup>42</sup>:

---

<sup>42</sup> Isto ocorre em alguns pontos da obra. Nos trechos em que identificamos a diferença, procuramos trazê-la também para o português, porém, como não era o foco principal da comparação, não garantimos que foi feito o assinalamento da diferença em todos os casos existentes.

**Esse** fluido sendo inteligente...

E, sem ser chauvinista, podemos pôr esse erro na conta da tipografia, pois, mesmo que no manuscrito de Kardec constasse essa "negligência linguística"<sup>43</sup>, bem caberia a correção na hora da montagem gráfica.

Também o texto da tradução ocultará as diferenças visíveis no Volume I em que distintos termos sinônimos foram empregados. Vejamos um exemplo: no item 8 do capítulo II, temos:

(...) car, en voyant ce qu'il ne peut **pas** ne pas être sans cesser d'être Dieu, il en conclut ce qu'il doit être. [edição original, de 1868]

E:

(...) car, en voyant ce qu'il ne peut **point** ne pas être sans cesser d'être Dieu, il en conclut ce qu'il doit être. [5ª edição, de 1869]

Neste contexto, os vocábulos **pas** e **point** são partículas de negação, vocábulos equivalentes, sinônimos; ambos *ce qu'il ne peut pas* e *ce qu'il ne peut point* são perfeitamente traduzíveis como *o que não pode*.

Temos, além disso, vários exemplos em que o texto original pode conter diferenças sutis que não aparecem na tradução; num determinado ponto do Capítulo I, item 8, temos as expressões *de tous temps* (1ª edição) e *de tout temps* (5ª edição), cuja tradução, para os dois casos, é *sempre*; o mesmo se aplica para a ocorrência no terceiro parágrafo da Introdução da obra, em que traduzimos para o nosso português como **Escrituras** o que encontramos, no texto genuíno, com a leve diferença de omissão da acentuação em **Écritures**, na 1ª edição, que foi devidamente corrigido na edição revisada para **Écritures**.

Em todos os casos em que a diferença não é perceptível na tradução, optamos por destacar o trecho e incluir uma nota de rodapé com o texto das duas edições no original, conforme exemplo do Capítulo I, item 18, no finalzinho do parágrafo — nota essa referente ao termo **apenas**, na tradução da 1ª edição. Veja como ficou:

**par les seules** ⇒ **à l'aide des seules**

---

<sup>43</sup> Sabemos do cuidado com que Kardec trata a sua escrita. Por outro lado, é comum este tipo de detalhe constar em manuscritos e ser corrigido em revisão.

A nota de rodapé aparece sempre na coluna da esquerda, isto é, na marcação do texto original e, sempre que necessário, contém informações adicionais para tornar clara a diferença.

### *Diferenças que causam recomposição na função sintática*

Uma situação que requer atenção na tradução é o reposicionamento de pontuação que efetivamente requalifique a função sintática. Vejamos dois casos concretos:

Na construção “Vamos então direto ao assunto.”, de acordo com o estilo literário do escritor, o advérbio *então* pode ser envolvido por vírgulas (“Vamos, então, direto ao assunto.”), sem prejuízo para o sentido da oração e, portanto, não há impacto entre as escolhas.

Todavia, há casos em que uma vírgula altera substancialmente a mensagem do texto; imaginemos a seguinte oração, que é claramente carente de uma vírgula: “Se o homem soubesse o valor que tem a mulher andaria de joelhos aos seus pés”, e então experimente colocar o sinal depois do termo “mulher” e veja que a frase ganha um significado claro. Em seguida, altere o sinal para depois de “tem” e veja como o significado da frase muda. Neste caso, como é adequado, as duas versões traduzidas devem contemplar as diferenças. Até esse ponto da pesquisa, não identificamos nenhum caso como esse, isto é, em que a alteração da pontuação causasse mudança de significado.

As vírgulas, a propósito, por obedecerem a dezenas de regras gramaticais, diferentes em determinados idiomas, elas costumam mudar muito de posição entre o original e o texto traduzido. Com isso, vírgulas que existem no original podem naturalmente desaparecer e novas podem ser colocadas em outros trechos em que se tornam obrigatórias, conforme nossa ortografia. Consequentemente, se o autor altera uma vírgula no texto, ela pode não ser refletida na tradução. Por isso, como já dissemos, optamos por não destacar as diferenças na pontuação dos originais (*Volume I*), assim, também não destacamos estas diferenças na tradução.

## *Adaptação linguística*

Partimos aqui da tradução em português de Louis Neilmoris, como dissemos, que, a propósito, especifica sua edição com o desígnio “*Numa Linguagem Simplificada*”, para bem destacar que seu trabalho é mesmo mais de versão, do que que tradução literal, ou seja, “ao pé-da-letra”, tanto que o tradutor utiliza o termo “Adaptação” ao invés de “Tradução” para qualificar a sua obra de aportuguesamento da publicação original de Allan Kardec. De fato, sua preocupação — justa, aliás — foi a de tornar o mais simples possível a leitura, considerando, inclusive, que a prática de leitura do público brasileiro é bem aquém da média dos países mais desenvolvidos e, conseqüentemente, a qualidade da leitura também é reconhecidamente baixa. Com este propósito, a referida adaptação não se prende tanto ao rigor da sintaxe, em relação à obra em francês e, em várias situações, recompõe o modo de construção frasal, privilegiando a nossa forma cultural de dizer as coisas, sem que isso prejudique de maneira alguma o significado. É assim que, por vezes, ela pega, do francês, uma oração interrogativa e a verte para afirmativa, dado que aquela interrogação não passava de um efeito para enfatizar a afirmação; doutras vezes a adaptação verte uma construção com negação para afirmação, dado também se tratar de uma ênfase. Vejamos um exemplo:

O item 5 do capítulo inicial do livro, em ambas as edições francesas, começa com:

Mais le professeur n’enseigne que ce qu’il a **appris...**

A tradução mais literal para essa oração seria:

Mas o professor não ensina senão o que **aprendeu...**

Diga-se de passagem, foi dessa forma que Guillon Ribeiro traduziu esse trecho na clássica edição feita para a Federação Espírita Brasileira.

Pois bem! Para um leitor assíduo e atento, fica claro que o **não** aqui é exatamente um efeito linguístico, devidamente anulado pela conjunção **senão**; por outro lado, alguém pouco habituado com os recursos literários poderia ficar confuso, por haver uma negação no enunciado: -- *Afinal, o professor ensina ou não?*

Então, como Neilmoris traduziu esta oração? Vejamos:

Mas, o professor só ensina o que **tem aprendido**... (tradução da 1ª edição)

E:

Mas, o professor só ensina o que **aprendeu**... (tradução da 5ª edição)

Na adaptação portuguesa, sai a negação e entra o advérbio **só**, certamente tornando a leitura mais fácil.

Detalhe: a diferença na forma verbal empregada nas duas versões adaptadas (**tem aprendido** e **aprendeu**) resulta das duas possibilidades naturais que oferece a conjugação francesa (**a appris**): na língua de Kardec o pretérito perfeito (aprendi, aprendeste, aprendeu...) é composto pela locução equivalente ao verbo *ter* (em francês, *avoir*) conjugado para o determinado sujeito, mais o particípio do *verbo principal*, como no caso de *ter aprendido* (tenho aprendido, tens aprendido, tem aprendido...), que também é aplicável ao nosso pretérito imperfeito (aprendia, aprendias, aprendia...).

### *Nossa revisão da tradução*

Seguimos um lema que diz: "melhor feito do que perfeito!". Visando disponibilizar rapidamente esta primeira versão em português para estudo, optamos por utilizar, sem qualquer revisão, a tradução da primeira edição do Louis Neilmoris nas duas colunas, por ser a mais recente, e aplicar as alterações textuais apenas nos trechos em que há diferença. As traduções destas diferenças entre as edições, por serem o foco principal do estudo, foram devidamente revisadas e cotejadas com outras, quando necessário.

O efeito colateral desta escolha é que a maior parte das diferenças de pontuação da quinta edição foram desprezadas (ponto e vírgula, dois pontos, etc). Temos consciência de que esta versão não está no padrão de qualidade que gostaríamos, mas consideramos que ela atende ao propósito. Por enquanto, julgamos ser uma escolha proveitosa, por tornar a comparação acessível imediatamente a todos que não compreendem francês, já que qualquer tentativa de revisão antes da publicação retardaria muito a entrega.

Destacamos também que as edições *Numa Linguagem Simplificada*, que usamos como base, são deveras recomendáveis para leitores novatos. No

entanto, pelas características deste trabalho empreendido pela nossa série *As edições de A Gênese*, pensamos que convém sermos tanto mais literal quanto possível, a fim de nos aproximarmos aos originais, levando em conta ainda que aqui o gênero de leitor mais interessado deva ser o daqueles mais atentos ao rigor da letra — e igualmente mais experiente em literatura.

Por isso, dentro da nossa disponibilidade de tempo, estamos melhorando estas traduções, da base fornecida por Louis Neilmoris, em direção ao estilo mais fidedigno à sintaxe típica do Mestre lionês, ainda que, em se comparando trechos de nossas traduções com outras mais modernas<sup>44</sup>, como a de Evandro Noletto (publicada pela FEB) e a de Carlos Brito Imbassahy (publicada pela FEAL), constatamos semelhanças nas estratégias adotadas para tradução e que a nossa não gera comprometimento algum no significado.

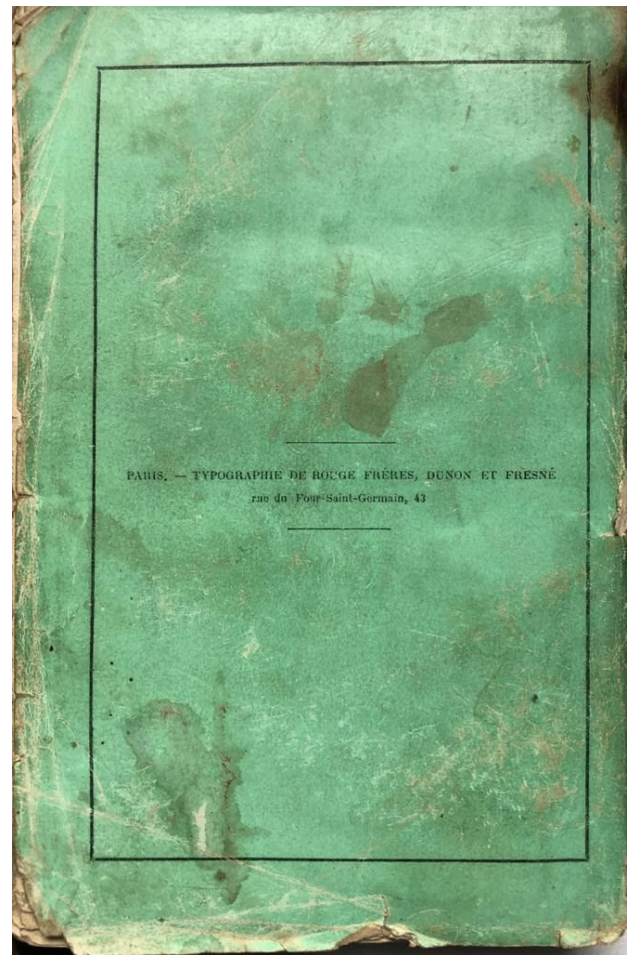
Enquanto isso, contando com a dinâmica extraordinária das publicações desta série, em que o sistema editorial registra e remete aos usuários assinantes dos nossos volumes a informação de novas edições, rogamos a boa cooperação de todos no objetivo de melhorar estas traduções, pelo que vossas sugestões são bem-vindas. Sintam-se à vontade para enviá-las pelo e-mail [projetoobrasdekardec@gmail.com](mailto:projetoobrasdekardec@gmail.com).

---

<sup>44</sup>As traduções citadas, assim como a nossa, também fizeram muitas adaptações linguísticas em relação ao original. Da tradução para o português que conhecemos, a mais literal ao francês original é a de Guillon Ribeiro (publicada pela FEB), porém por sua linguagem mais rebuscada e pela estranheza que causa algumas das estruturas de frase comuns em francês ao serem usadas em português, seu uso torna mais desafiador o entendimento do conteúdo. Consideramos que há como alcançar um equilíbrio mais adequado para a tradução que estamos buscando, mais fiel e fácil de entender: na manutenção mais próxima possível da sintaxe entre as línguas e no uso de palavras do vocabulário atual. Infelizmente não há previsão de quando ela ficará pronta.



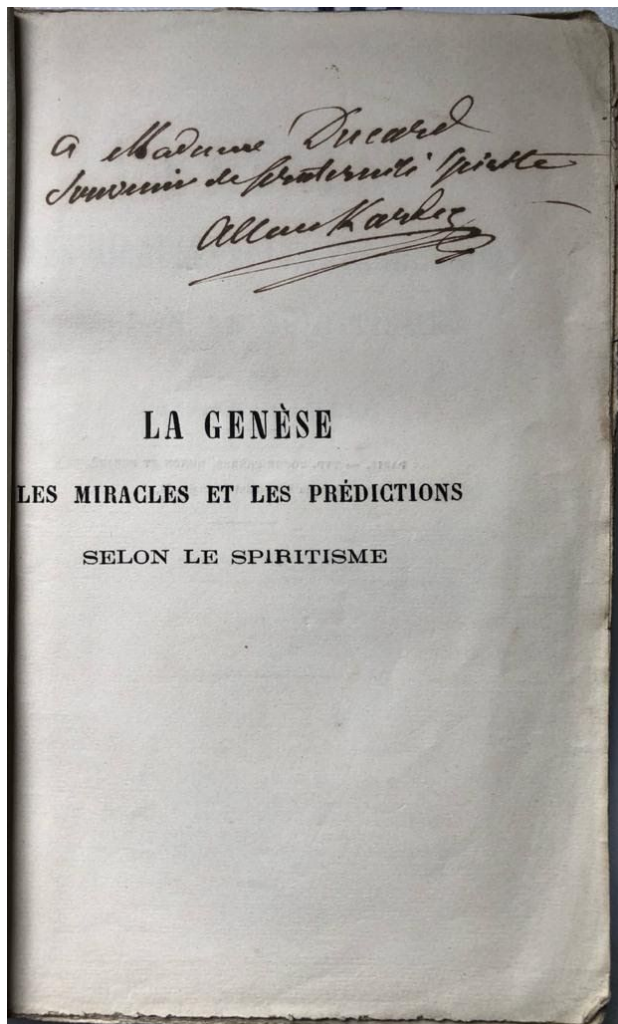
## Capa e Contracapa da 1ª edição (1868)



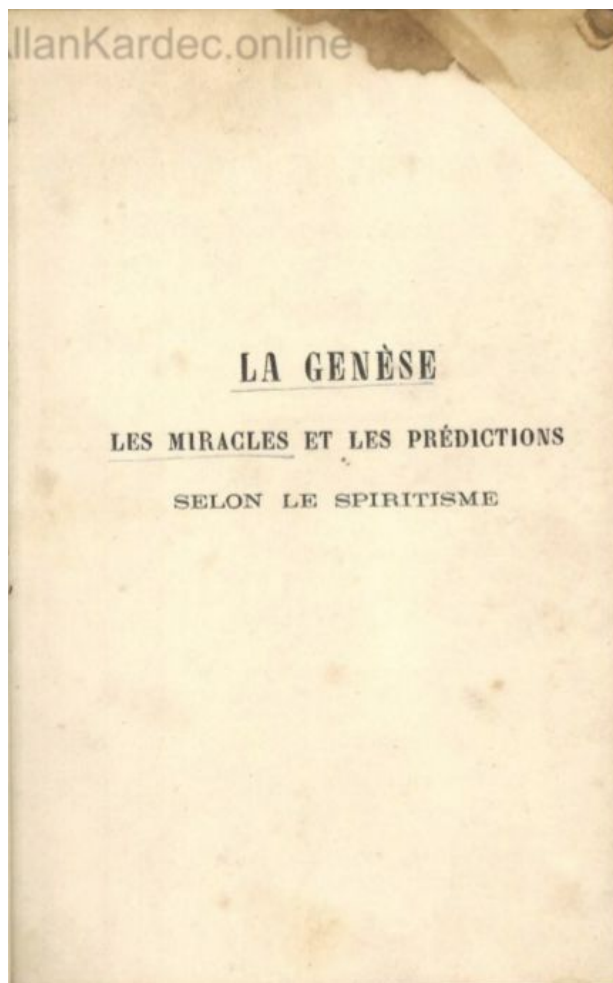
Fonte: Imagens cedidas por [AllanKardec.Online](http://AllanKardec.Online) de exemplar de seu acervo.

## Falsa Folha de Rosto

1ª Edição (1868)



5ª Edição (1869)



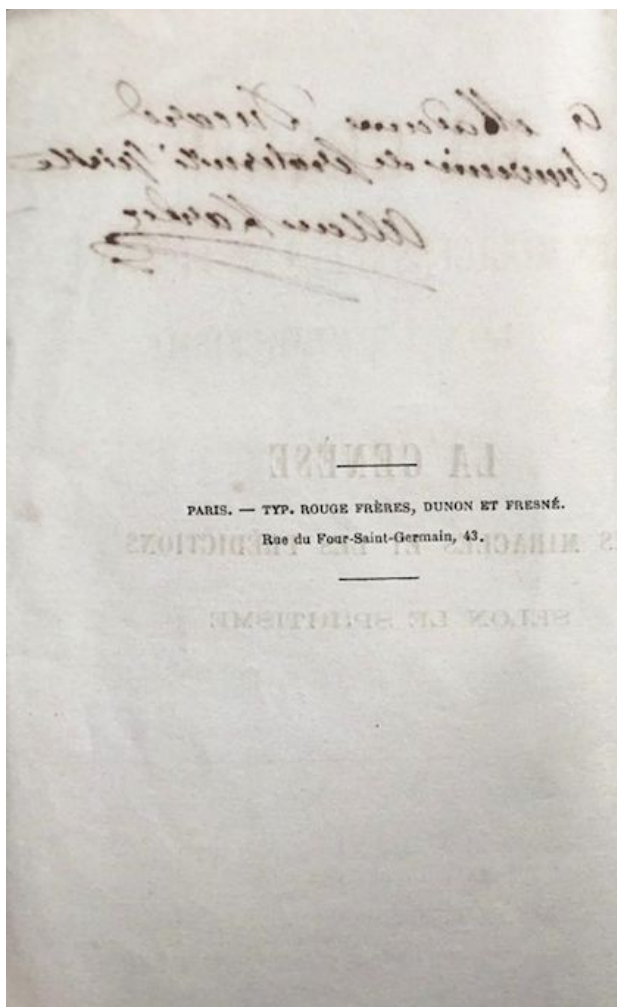
Esta edição é raríssima e especial por apresentar uma dedicatória de Allan Kardec para a madame Ducarel: *Souvenir de fraternité spirite*.

O original desta edição encontra-se na [Biblioteca da Universidade de Neuchâtel](#) na Suíça.

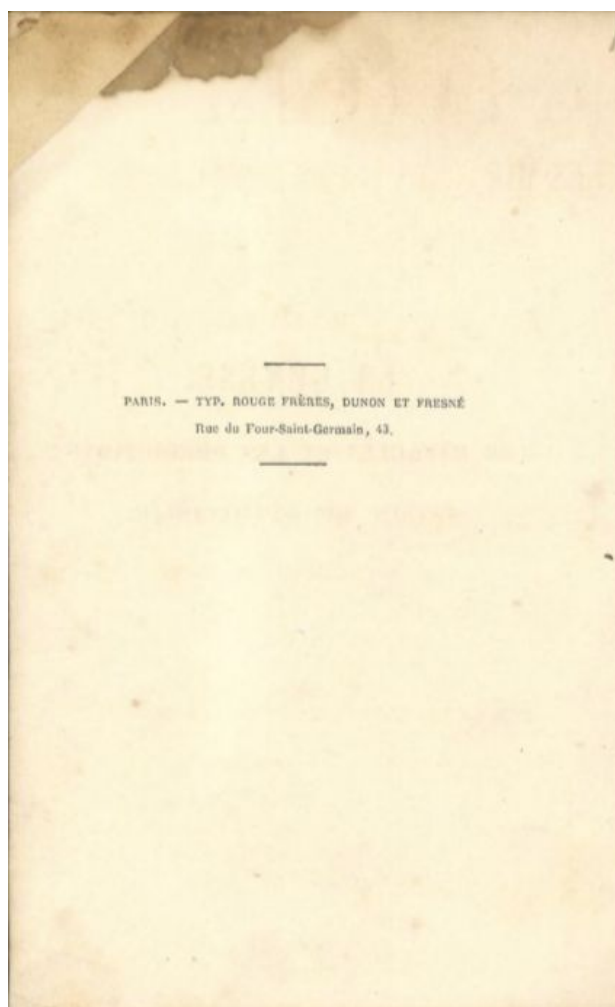
Fonte: Imagens cedidas por [AllanKardec.Online](#) de exemplares de seu acervo.

## Tipografia

1ª Edição (1868)



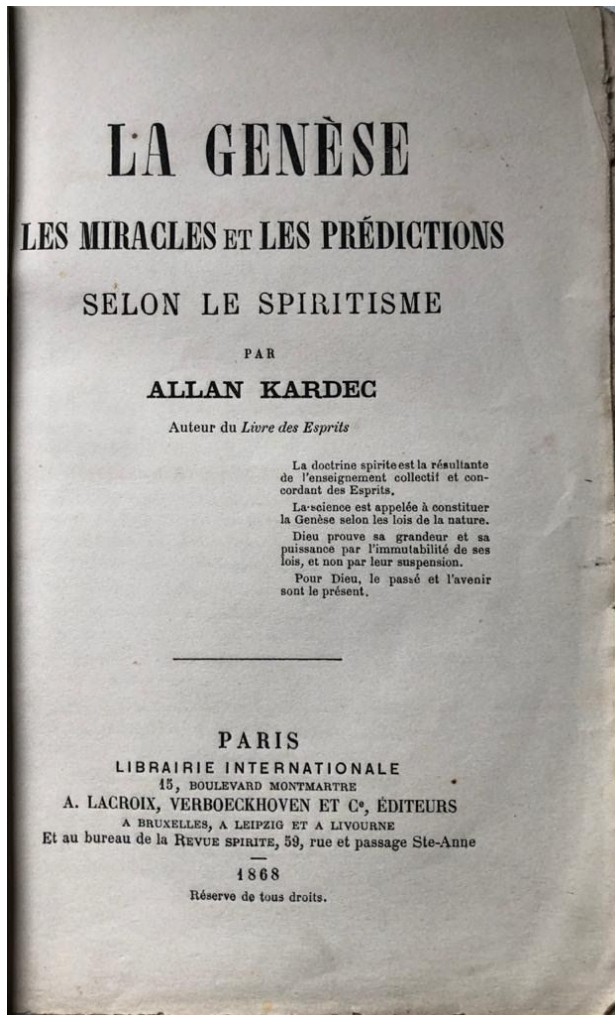
5ª Edição (1869)



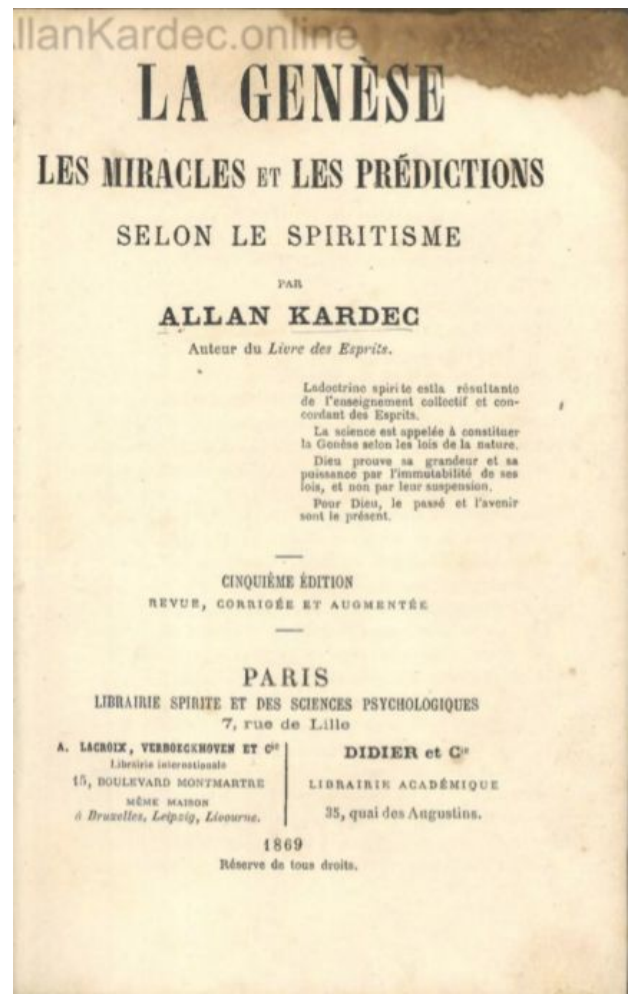
Fonte: Imagens cedidas por [AllanKardec.Online](http://AllanKardec.Online) de exemplares de seu acervo.

## Folha de Rosto

1ª Edição (1868)



5ª Edição (1869)



Fonte: Imagens cedidas por [AllanKardec.Online](http://AllanKardec.Online) de exemplares de seu acervo.

## Introdução

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

À PRIMEIRA EDIÇÃO PUBLICADA EM JANEIRO DE 1868

Esta nova obra constitui mais um passo adiante nas consequências e aplicações do Espiritismo. Como indicado em seu título, ela tem como objetivo o estudo de três pontos diversamente interpretados e comentados até o momento: *a Gênese, os milagres e as predições*, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas.

Dois elementos ou, se preferir, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material; da ação simultânea desses dois princípios, resultam fenômenos especiais que são naturalmente inexplicáveis, se não considerarmos um dos dois, do mesmo modo que a formação da água seria inexplicável se não considerássemos um de seus dois elementos constitutivos: o oxigênio ou o hidrogênio.

O Espiritismo, ao demonstrar a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, fornece a chave para uma imensidão de fenômenos não compreendidos e considerados, por esse motivo, como inadmissíveis por certa classe de pensadores. Esses fatos abundam nas **Escrituras** e, pela falta de conhecimento da lei que os rege, os comentadores dos dois campos opostos, girando incessantemente no mesmo círculo de idéias, uns desconsiderando os dados positivos da Ciência e os outros o princípio espiritual, não puderam chegar a uma solução racional.

Essa solução se encontra na ação recíproca entre o Espírito e a matéria. Ela tira, em verdade, o caráter sobrenatural da maior parte desses fatos;

Esta nova obra constitui mais um passo adiante nas consequências e aplicações do Espiritismo. Como indicado em seu título, ela tem como objetivo o estudo de três pontos diversamente interpretados e comentados até o momento: *a Gênese, os milagres e as predições*, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas.

Dois elementos ou, se preferir, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material; da ação simultânea desses dois princípios, resultam fenômenos especiais que são naturalmente inexplicáveis, se não considerarmos um dos dois, do mesmo modo que a formação da água seria inexplicável se não considerássemos um de seus dois elementos constitutivos: o oxigênio ou o hidrogênio.

O Espiritismo, ao demonstrar a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, fornece a chave para uma imensidão de fenômenos não compreendidos e considerados, por esse motivo, como inadmissíveis por certa classe de pensadores. Esses fatos abundam nas **Escrituras**<sup>1</sup> e, pela falta de conhecimento da lei que os rege, os comentadores dos dois campos opostos, girando incessantemente no mesmo círculo de idéias, uns desconsiderando os dados positivos da Ciência e os outros o princípio espiritual, não puderam chegar a uma solução racional.

Essa solução se encontra na ação recíproca entre o Espírito e a matéria. Ela tira, em verdade, o caráter sobrenatural da maior parte desses fatos;

<sup>1</sup> No original em francês, a palavra *Ecritures* (Escrituras) na 1ª edição estava sem acento. Essa falha foi corrigida na 5ª edição para *Écritures*. Esta mudança não é possível de ser reproduzida na tradução, visto que em português a palavra não possui acento.

## Introduction

1ª Edição (1868)

mas o que vale mais: admiti-los como resultado das leis da natureza ou rejeitá-los completamente? Sua rejeição absoluta leva consigo o próprio alicerce do edifício, enquanto que, admitindo desse modo, apenas suprimindo os acessórios, deixa essa base intacta. Eis por que o Espiritismo conduz tanta gente à crença em verdades que eles consideravam, pouco tempo atrás, como utopias.

Esta obra é pois, como já o dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo, por um ponto de vista especial. Os materiais estavam prontos, ou ao menos elaboradas há muito tempo, mas o momento de publicar ainda não havia chegado. Era preciso, primeiramente, que as ideias que deveriam constituir sua base atingissem a maturidade e, além disso, levar em consideração a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não tem nem mistérios nem teorias secretas; tudo nele deve ser dito abertamente, a fim de que qualquer um possa julgá-lo com conhecimento de causa; porém, cada coisa deve vir a seu tempo, para vir com segurança. Uma solução dada precipitadamente, antes do esclarecimento completo da questão, causaria mais retrocesso do que de avanço. Do que é tratado aqui, a importância do tema nos impõe o dever de evitar qualquer precipitação.

Antes de entrar no assunto, pareceu-nos necessário definir claramente o papel respectivo dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina; essas considerações preliminares, que descartam qualquer ideia de misticismo, são o objetivo do primeiro capítulo, intitulado *Características da revelação espírita*; pedimos sobre esse ponto uma atenção significativa, porque ali está, de certo modo, o nó da questão.

Não obstante a parte que cabe à atividade humana na elaboração dessa doutrina, a iniciativa

5ª Edição (1869/72)

mas o que vale mais: admiti-los como resultado das leis da natureza ou rejeitá-los completamente? Sua rejeição absoluta leva consigo o próprio alicerce do edifício, enquanto que, admitindo desse modo, apenas suprimindo os acessórios, deixa essa base intacta. Eis por que o Espiritismo conduz tanta gente à crença em verdades que eles consideravam, pouco tempo atrás, como utopias.

Esta obra é pois, como já o dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo, por um ponto de vista especial. Os materiais estavam prontos, ou ao menos elaboradas há muito tempo, mas o momento de publicar ainda não havia chegado. Era preciso, primeiramente, que as ideias que deveriam constituir sua base atingissem a maturidade e, além disso, levar em consideração a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não tem nem mistérios nem teorias secretas; tudo nele deve ser dito abertamente, a fim de que qualquer um possa julgá-lo com conhecimento de causa; porém, cada coisa deve vir a seu tempo, para vir com segurança. Uma solução dada precipitadamente, antes do esclarecimento completo da questão, causaria mais retrocesso do que de avanço. Do que é tratado aqui, a importância do tema nos impõe o dever de evitar qualquer precipitação.

Antes de entrar no assunto, pareceu-nos necessário definir claramente o papel respectivo dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina; essas considerações preliminares, que descartam qualquer ideia de misticismo, são o objetivo do primeiro capítulo, intitulado *Características da revelação espírita*; pedimos sobre esse ponto uma atenção significativa, porque ali está, de certo modo, o nó da questão.

Não obstante a parte que cabe à atividade humana na elaboração dessa doutrina, a iniciativa

## Introduction

1ª Edição (1868)

pertence aos Espíritos, mas ela não é formada pela opinião pessoal de nenhum deles; ela é, e não poderia deixar de ser, *o resultado do ensinamento coletivo e concordante deles*. Somente com essa condição, ela pode se dizer a doutrina dos Espíritos, do contrário ela seria apenas a doutrina de um Espírito, e só teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância nos ensinamentos - esse é o caráter essencial da doutrina espírita, a própria condição de sua existência; disso resulta que todo princípio que não tenha recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma doutrina, mas como uma simples opinião isolada, cuja responsabilidade o Espiritismo não pode assumir.

É essa coletividade concordante de opinião dos Espíritos, submetida, além disso, ao critério da lógica, que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela fosse alterada, seria necessário que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e que eles viessem um dia dizer o contrário do que disseram anteriormente; já que a doutrina tem sua origem no ensinamento dos Espíritos, para que ela desaparecesse, seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. Isso é também o que fará com que ela sempre prevaleça sobre os sistemas pessoais que não tenham, como ela, raízes em toda parte.

O Livro dos Espíritos só viu seu crédito se consolidar porque é a expressão de um pensamento coletivo geral; em abril de 1867, completou sua primeira década; nesse intervalo, os princípios fundamentais nos quais ele formou sua base foram sucessivamente completados e desenvolvidos, como resultado do ensino

5ª Edição (1869/72)

pertence aos Espíritos, mas ela não é formada pela opinião pessoal de nenhum deles; ela é, e não poderia deixar de ser, *o resultado do ensinamento coletivo e concordante deles*. Somente com essa condição, ela pode se dizer a doutrina dos Espíritos, do contrário ela seria apenas a doutrina de um Espírito, e só teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância nos ensinamentos - esse é o caráter essencial da doutrina espírita, a própria condição de sua existência; disso resulta que todo princípio que não tenha recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma doutrina, mas como uma simples opinião isolada, cuja responsabilidade o Espiritismo não pode assumir.

É essa coletividade concordante de opinião dos Espíritos, submetida, além disso, ao critério da lógica, que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela fosse alterada, seria necessário que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e que eles viessem um dia dizer o contrário do que disseram anteriormente; já que a doutrina tem sua origem no ensinamento dos Espíritos, para que ela desaparecesse, seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. Isso é também o que fará com que ela sempre prevaleça sobre os sistemas pessoais que não tenham, como ela, raízes em toda parte.

O Livro dos Espíritos só viu seu crédito se consolidar porque é a expressão de um pensamento coletivo geral; em abril de 1867, completou sua primeira década; nesse intervalo, os princípios fundamentais nos quais ele formou sua base foram sucessivamente completados e desenvolvidos, como resultado do ensino

## Introduction

1ª Edição (1868)

progressivo dos Espíritos, sendo que nenhum foi desmentido pela experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivos do que nunca, enquanto que, de todas as ideias contraditórias que tentaram lhe opor, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, em todas as partes, se ensinava o contrário. Esse é um resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, já que nunca atribuímos a nós o seu mérito.

Os mesmos escrúpulos que presidiram à redação de nossas outras obras nos permitiram, com absoluta verdade, dizer *segundo o Espiritismo*, porque estamos certos de sua conformidade com o ensinamento geral dos Espíritos. O mesmo ocorre com esta obra, que podemos, por motivos semelhantes, oferecer como complemento das anteriores, com exceção, porém, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais, e que devem ser consideradas como opiniões pessoais, até que tenham sido confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese essa responsabilidade sobre a doutrina.

De resto, os leitores assíduos da *Revista Espírita*<sup>2</sup> poderão nela observar, em forma de esboço, a maioria das ideias que são desenvolvidas nesta última obra, como fizemos nas precedentes. A *Revista Espírita* representa frequentemente para nós um terreno de ensaio destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre certos princípios, antes de admiti-los como partes constituintes da doutrina.

5ª Edição (1869/72)

progressivo dos Espíritos, sendo que nenhum foi desmentido pela experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivos do que nunca, enquanto que, de todas as ideias contraditórias que tentaram lhe opor, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, em todas as partes, se ensinava o contrário. Esse é um resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, já que nunca atribuímos a nós o seu mérito.

Os mesmos escrúpulos que presidiram à redação de nossas outras obras nos permitiram, com absoluta verdade, dizer *segundo o Espiritismo*, porque estamos certos de sua conformidade com o ensinamento geral dos Espíritos. O mesmo ocorre com esta obra, que podemos, por motivos semelhantes, oferecer como complemento das anteriores, com exceção, porém, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais, e que devem ser consideradas como opiniões pessoais, até que tenham sido confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese essa responsabilidade sobre a doutrina.

De resto, os leitores assíduos da *Revista Espírita* poderão nela observar, em forma de esboço, a maioria das ideias que são desenvolvidas nesta última obra, como fizemos nas precedentes. A *Revista Espírita* representa frequentemente para nós um terreno de ensaio destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre certos princípios, antes de admiti-los como partes constituintes da doutrina.

---

<sup>2</sup> No original está escrito apenas *Revue* (Revista), pois era a forma com que a Revista Espírita era comumente conhecida na época.



## A GÊNESE SEGUNDO O ESPIRITISMO

### CAPÍTULO I - Características<sup>1</sup> da revelação espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

1.- Podemos considerar o Espiritismo como uma revelação? Neste caso, qual é seu caráter? Em que é fundamentada sua autenticidade? A quem e de que maneira ela foi apresentada? A Doutrina Espírita é uma revelação no sentido **litúrgico** da palavra, ou seja, ela é **em todos os pontos** produto de um ensinamento oculto vindo do Alto? Ela é definitiva ou suscetível a modificações? Trazendo aos homens uma verdade absoluta, a revelação não teria como efeito impedi-los de usar suas faculdades, já que os pouparia o trabalho da pesquisa? Qual poderia ser a autoridade do ensinamento dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à humanidade? Qual é a utilidade da moral que eles pregam, se essa moral não é outra senão a do Cristo que já conhecemos? Quais são as verdades novas que eles nos trazem? O homem precisará de uma revelação e não poderá encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo aquilo que é necessário para se conduzir? Tais são as questões sobre as quais é importante nos fixarmos.

2.- Definiremos primeiramente o sentido da palavra *revelação*.

*Revelar*, derivada da palavra *véu* (do latim *velum*), significa literalmente *retirar o véu*, e, no sentido figurado, descobrir, tornar pública uma coisa secreta ou desconhecida. Em sem significado vulgar e mais comum, diz-se de qualquer coisa ignorada que é descoberta, de toda ideia nova, de que não sabíamos, que se coloca em nosso caminho.

1.- Podemos considerar o Espiritismo como uma revelação? Neste caso, qual é seu caráter? Em que é fundamentada sua autenticidade? A quem e de que maneira ela foi apresentada? A Doutrina Espírita é uma revelação no sentido **teológico** da palavra, ou seja, ela é **no seu todo** produto de um ensinamento oculto vindo do Alto? Ela é definitiva ou suscetível a modificações? Trazendo aos homens uma verdade absoluta, a revelação não teria como efeito impedi-los de usar suas faculdades, já que os pouparia o trabalho da pesquisa? Qual poderia ser a autoridade do ensinamento dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à humanidade? Qual é a utilidade da moral que eles pregam, se essa moral não é outra senão a do Cristo que já conhecemos? Quais são as verdades novas que eles nos trazem? O homem precisará de uma revelação e não poderá encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo aquilo que é necessário para se conduzir? Tais são as questões sobre as quais é importante nos fixarmos.

2.- Definiremos primeiramente o sentido da palavra *revelação*. [juntou parágrafos]

*Revelar*, do latim *revelare*, cuja raiz, *velum*, *véu*, significa literalmente *sair de sob o véu*, e, no sentido figurado, descobrir, tornar pública uma coisa secreta ou desconhecida. Em sem significado vulgar e mais comum, diz-se de qualquer coisa ignorada que é descoberta, de toda ideia nova, de que não sabíamos, que se coloca em nosso caminho.

<sup>1</sup> Na 5ª edição, no título do capítulo está escrito *Caractère* (Característica), enquanto que no cabeçalho das páginas do capítulo e na *Table des Matières* (Sumário) o nome do capítulo continua escrito como na 1ª edição, ou seja *Caractères* (Características). Qual dos dois é o correto? A correção do nome do capítulo foi intencional e o cabeçalho permaneceu desatualizado? Ou a retirada do S no título do capítulo foi um erro de tipografia? Nesta comparação, foi considerado erro de tipografia, mantendo-se o título original.

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações, e podemos dizer que há para nós uma revelação incessante; a astronomia nos revelou o espaço sideral, que não conhecíamos; a geologia, a formação da Terra; a química, a lei das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.

3.- O caráter essencial de qualquer revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se algo é falso, já não é um fato e por consequência não existe revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de ser revelação; se ela é atribuída a Deus, como Deus não pode nem mentir e nem se enganar, ela não pode surgir dele; ela tem de ser considerada como produto de uma concepção humana.

4.- Qual o papel do professor diante de seus alunos, senão o de um revelador? Ele lhes ensina aquilo que eles não sabem, o que não teriam nem tempo, nem a possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é uma obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trouxeram cada um sua cota de observações, aproveitadas por aqueles que vieram depois. O ensinamento é assim, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem à outros que as ignoram e que, de outra forma, ainda ignorariam.

5.- Mas, o professor só ensina aquilo que aprendeu: é um revelador **de**<sup>2</sup> segunda ordem; o gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primário; traz a luz que, pouco a pouco, se populariza. O que seria da humanidade sem a

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações, e podemos dizer que há para nós uma revelação incessante; a astronomia nos revelou o espaço sideral, que não conhecíamos; a geologia, a formação da Terra; a química, a lei das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.

3.- O caráter essencial de qualquer revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se algo é falso, já não é um fato e por consequência não existe revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de ser revelação; se ela é atribuída a Deus, como Deus não pode nem mentir e nem se enganar, ela não pode surgir dele; ela tem de ser considerada como produto de uma concepção humana.

4.- Qual o papel do professor diante de seus alunos, senão o de um revelador? Ele lhes ensina aquilo que eles não sabem, o que não teriam nem tempo, nem a possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é uma obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trouxeram cada um sua cota de observações, aproveitadas por aqueles que vieram depois. O ensinamento é assim, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem à outros que as ignoram e que, de outra forma, ainda ignorariam.

5.- Mas, o professor só ensina aquilo que aprendeu: é um revelador **de** segunda ordem; o gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primário; traz a luz que, pouco a pouco, se populariza. O que seria da humanidade sem a

---

<sup>2</sup> **de** ⇒ **du**

revelação dos gênios que aparecem de tempos em tempos?

Mas, quem são esses gênios? Por que são geniais? De onde vieram? Em que eles estão se tornando? Notemos que a maior parte trazem ao nascer faculdades transcendentais e conhecimentos inatos, que um pouco de trabalho é suficiente para desenvolver. Pertencem de fato à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. De onde então retiraram esses conhecimentos que não puderam adquirir durante sua vida? Dirão, como os materialistas, que o acaso lhes deu matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, eles não teriam mais mérito do que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dirão, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida do que aquela comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, uma vez que eles acusariam Deus de parcialidade. A única solução racional desse problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O sábio é um Espírito que viveu há muito mais tempo; que, por consequência, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Ao encarnar, ele traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros, sem precisar aprender, ele é chamado de gênio. Mas o que ele sabe não é mais do que o fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio. Antes de renascer, ele já era um Espírito adiantado; ele reencarna tanto para beneficiar os outros com aquilo que ele sabe, quanto para adquirir mais.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; porém, entregues a suas próprias forças, esse progresso é muito lento, se eles não forem ajudados por homens mais adiantados, como o estudante é ajudado por seus professores. Todos os

revelação dos gênios que aparecem de tempos em tempos?

Mas, quem são esses gênios? Por que são geniais? De onde vieram? Em que eles estão se tornando? Notemos que a maior parte trazem ao nascer faculdades transcendentais e conhecimentos inatos, que um pouco de trabalho é suficiente para desenvolver. Pertencem de fato à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. De onde então retiraram esses conhecimentos que não puderam adquirir durante sua vida? Dirão, como os materialistas, que o acaso lhes deu matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, eles não teriam mais mérito do que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dirão, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida do que aquela comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, uma vez que eles acusariam Deus de parcialidade. A única solução racional desse problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O sábio é um Espírito que viveu há muito mais tempo; que, por consequência, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Ao encarnar, ele traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros, sem precisar aprender, ele é chamado de gênio. Mas o que ele sabe não é mais do que o fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio. Antes de renascer, ele já era um Espírito adiantado; ele reencarna tanto para beneficiar os outros com aquilo que ele sabe, quanto para adquirir mais.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; porém, entregues a suas próprias forças, esse progresso é muito lento, se eles não forem ajudados por homens mais adiantados, como o estudante é ajudado por seus professores. Todos os

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

povos tiveram seus gênios que vieram, em diversas épocas, dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

6.- Caso admitamos a boa vontade de Deus para com suas criaturas, por que não admitiremos que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazer a humanidade avançar, encarnem pela vontade de Deus com a finalidade de auxiliar no progresso em uma determinada direção; que eles receberam uma missão, como um embaixador a recebe de seu soberano? Este é o papel dos grandes gênios. O que eles vem fazer, a não ser ensinar aos homens as verdades que eles ignoram, e ainda ignorariam por um longo período, a fim de lhes dar um ponto de apoio com o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando após elas um longo rastro luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se preferirem, messias. **Se eles não ensinassem aos homens nada além do que souberam recentemente, sua presença seria completamente inútil;** as coisas novas que eles os ensinam, sejam de ordem física, sejam de ordem filosófica, são *revelações*.

Se Deus suscita os reveladores para as verdades científicas, Ele pode, por um motivo mais forte, suscitá-los para as verdades morais, que são elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessam os séculos.

7.- No sentido particular da fé religiosa, a revelação manifesta-se mais especificamente sobre coisas espirituais que o homem não pode descobrir por si próprio, nem por meio dos sentidos, e cujo conhecimento lhes é dado por Deus ou por seus mensageiros — seja por meio do discurso direto, seja pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de profetas ou *messias*, isto é, *enviados*, *missionários*, tendo a *missão* de

povos tiveram seus gênios que vieram, em diversas épocas, dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

6.- Caso admitamos a boa vontade de Deus para com suas criaturas, por que não admitiremos que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazer a humanidade avançar, encarnem pela vontade de Deus com a finalidade de auxiliar no progresso em uma determinada direção; que eles receberam uma missão, como um embaixador a recebe de seu soberano? Este é o papel dos grandes gênios. O que eles vem fazer, a não ser ensinar aos homens as verdades que eles ignoram, e ainda ignorariam por um longo período, a fim de lhes dar um ponto de apoio com o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando após elas um longo rastro luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se preferirem, messias.

As coisas novas que eles ensinam **aos homens**, sejam de ordem física, sejam de ordem filosófica, são *revelações*.

Se Deus suscita os reveladores para as verdades científicas, Ele pode, por um motivo mais forte, suscitá-los para as verdades morais, que são elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessam os séculos.

7.- No sentido particular da fé religiosa, a revelação manifesta-se mais especificamente sobre coisas espirituais que o homem não pode descobrir por si próprio, nem por meio dos sentidos, e cujo conhecimento lhes é dado por Deus ou por seus mensageiros — seja por meio do discurso direto, seja pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de profetas ou *messias*, isto é, *enviados*, *missionários*, tendo a *missão* de

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

transmiti-la aos homens. Considerada sob este ponto de vista, a revelação implica passividade absoluta; é aceita sem controle, sem exame, nem discussão.

8.- Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora estivessem longe de conhecer toda a verdade, tiveram sua razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão um dia à luz do Cristianismo. Então, é injusto que se lance maldição sobre eles em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas nas formas, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental — Deus e a imortalidade da alma — se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente as religiões têm sido **sempre**<sup>3</sup> instrumentos de dominação; o papel de profeta tem tentado as ambições particulares e temos visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio desse nome, têm explorado a fé em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos seus iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de *O Evangelho Segundo O Espiritismo*; “*Haverá falsos Cristos e falsos profetas*”.

transmiti-la aos homens. Considerada sob este ponto de vista, a revelação implica passividade absoluta; é aceita sem controle, sem exame, nem discussão.

8.- Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora estivessem longe de conhecer toda a verdade, tiveram sua razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão um dia à luz do Cristianismo. Então, é injusto que se lance maldição sobre eles em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas nas formas, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental — Deus e a imortalidade da alma — se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente as religiões têm sido **sempre** instrumentos de dominação; o papel de profeta tem tentado as ambições particulares e temos visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio desse nome, têm explorado a fé em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos seus iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de *O Evangelho Segundo O Espiritismo*; “*Haverá falsos Cristos e falsos profetas*”.

<sup>3</sup> de tous temps ⇒ de tout temps

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

9.- Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver de maneira absoluta — nem afirmativamente, nem negativamente. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá prova certa dele. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se enchem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau de sua sabedoria pessoal, esses podem tirar as instruções que ministram dos seus próprios conhecimentos, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, **mesmo** dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome da Divindade, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

Esses gêneros de comunicações não têm nada de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e como se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, seja em sonho ou seja em estado de desperto, assim como vemos tantos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. Portanto, é rigorosamente exato dizermos que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10.- Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, hoje sabemos que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentem sob falsas aparências, o que levou S. João a dizer “Não

9.- Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver de maneira absoluta — nem afirmativamente, nem negativamente. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá prova certa dele. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se enchem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau de sua sabedoria pessoal, esses podem tirar as instruções que ministram dos seus próprios conhecimentos, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome da Divindade, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

Esses gêneros de comunicações não têm nada de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e como se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, seja em sonho ou seja em estado de desperto, assim como vemos tantos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. Portanto, é rigorosamente exato dizermos que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10.- Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, hoje sabemos que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentem sob falsas aparências, o que levou S. João a dizer “Não

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

acreditem em todos os Espíritos; mas vejam antes se os Espíritos são de Deus.” (I João, 4:1)

Então, pode haver revelações sérias e verdadeiras como há as apócrifas e mentirosas. *O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação contaminada de erros ou sujeita a modificação não pode vir de Deus.* É assim que a lei do Decálogo tem todos os traços de sua origem, enquanto as outras leis de Moisés — sendo fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai — são obra pessoal e política daquele legislador hebreu. Depois que os costumes do povo se abrandou, essas leis caíram por si mesmos em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. Cristo fez dele a base do seu edifício, ao passo que aboliu as outras leis; se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11.- Uma importante revelação se opera na época atual: é a que nos mostra a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual. Esse conhecimento não é novo, sem dúvida, mas ficou até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta — isto é, sem proveito para a Humanidade A ignorância das leis que regem essas relações o sufocou sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução saudável; estava reservado à nossa época desembaraçá-lo desses acessórios ridículos, compreender seu alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

12.- O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos — assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a

acreditem em todos os Espíritos; mas vejam antes se os Espíritos são de Deus.” (I João, 4:1)

Então, pode haver revelações sérias e verdadeiras como há as apócrifas e mentirosas. *O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação contaminada de erros ou sujeita a modificação não pode vir de Deus.* É assim que a lei do Decálogo tem todos os traços de sua origem, enquanto as outras leis de Moisés — sendo fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai — são obra pessoal e política daquele legislador hebreu. Depois que os costumes do povo se abrandou, essas leis caíram por si mesmos em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, ao passo que aboliu as outras leis; se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11.- Uma importante revelação se opera na época atual: é a que nos mostra a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual. Esse conhecimento não é novo, sem dúvida, mas ficou até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta — isto é, sem proveito para a Humanidade A ignorância das leis que regem essas relações o sufocou sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução saudável; estava reservado à nossa época desembaraçá-lo desses acessórios ridículos, compreender seu alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

12.- O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos — assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

natureza e o estado dos seres que o habitam e consequentemente o destino do homem depois da morte — **esta**<sup>4</sup> é uma verdadeira revelação, na concepção científica da palavra.

13.- Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque o seu aparecimento foi providencial e não o resultado da iniciativa, nem de uma intenção premeditada do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina vêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que devem conhecer, já que hoje estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por esse ensino não ser privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; porque aqueles que o transmitem e aqueles que o recebem não são seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa; por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não é proibido a eles o exame, mas, ao contrário, é recomendado; enfim, porque a doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara e, portanto, ele próprio tirar as deduções e aplicações. Numa palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é o fato de sua origem ser de Deus e da iniciativa dos Espíritos, sendo que a sua elaboração é fruto do trabalho do homem.*

14.- Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método

natureza e o estado dos seres que o habitam e consequentemente o destino do homem depois da morte — **esta** é uma verdadeira revelação, na concepção científica da palavra.

13.- Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque o seu aparecimento foi providencial e não o resultado da iniciativa, nem de uma intenção premeditada do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina vêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que devem conhecer, já que hoje estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por esse ensino não ser privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; porque aqueles que o transmitem e aqueles que o recebem não são seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa; por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não é proibido a eles o exame, mas, ao contrário, é recomendado; enfim, porque a doutrina *não foi ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara e, portanto, ele próprio tirar as deduções e aplicações. Numa palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é o fato de sua origem ser de Deus e da iniciativa dos Espíritos, sendo que a sua elaboração é fruto do trabalho do homem.*

14.- Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método

<sup>4</sup> **est** ⇒ **c'est**



experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz as suas consequências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou como hipótese nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, da mesma maneira que os outros princípios. Não foram os fatos que vieram posteriormente confirmar a teoria, mas a teoria que veio depois explicar e resumir os fatos. Portanto, é rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação.

15.- Citemos um exemplo: passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito estranho, de que seguramente ninguém havia suspeitado que é o de haver Espíritos que não se consideram mortos. Pois bem, os Espíritos superiores — que conhecem perfeitamente esse fato — não vieram dizer antecipadamente “Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos”; mas provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que nós os observássemos. Tendo visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, do exemplo deduzimos a regra. A variedade de fatos semelhantes demonstrou que o caso não era excepcional, mas

experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz as suas consequências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou como hipóteses nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, da mesma maneira que os outros princípios. Não foram os fatos que vieram posteriormente confirmar a teoria, mas a teoria que veio depois explicar e resumir os fatos. Portanto, é rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. *As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.*

15.- Citemos um exemplo: passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito estranho, de que seguramente ninguém havia suspeitado que é o de haver Espíritos que não se consideram mortos. Pois bem, os Espíritos superiores — que conhecem perfeitamente esse fato — não vieram dizer antecipadamente “Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos”; mas provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que nós os observássemos. Tendo visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, do exemplo deduzimos a regra. A variedade de fatos semelhantes demonstrou que o caso não era excepcional, mas

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

que constituía uma das fases da vida espírita; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão estranha ilusão; reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente, e que é peculiar a certos gêneros de morte; que é temporária, podendo, todavia, durar semanas, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.

16.- Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo as leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, resulta que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro, **que o Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; que a Ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos somente pelas leis da matéria, e que essa por haver prescindido do princípio espiritual, se encontra dentro de si numerosos impasses; que o Espiritismo sem a ciência careceria de apoio e controle, e poderia se iludir.**

Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.

17.- Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas ideias e conhecimentos anteriores. A astronomia, uma das primeiras ciências cultivadas, conservou os erros da infância até o momento em que a física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a

que constituía uma das fases da vida espírita; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão estranha ilusão; reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente, e que é peculiar a certos gêneros de morte; que é temporária, podendo, todavia, durar semanas, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.

16.- Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo as leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, resulta que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro, *o Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente;* a Ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos somente pelas leis da matéria,

o Espiritismo sem a ciência careceria de apoio e controle . *O estudo das leis da matéria tinha que vir antes que o estudo da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro é captada pelos sentidos.* Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.

17.- Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas ideias e conhecimentos anteriores. A astronomia, uma das primeiras ciências cultivadas, conservou os erros da infância até o momento em que a física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a

química, que não pode nada sem a física, teve de acompanhá-la de perto, para depois marcharem de acordo, amparando-se uma à outra. A anatomia, a fisiologia, a zoologia, a botânica, a mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes foram trazidas pela física e pela química. À geologia, nascida recentemente, sem a astronomia, a física, a química e todas as outras, teriam faltados seus elementos de vitalidade, de modo que só podia vir depois daquelas.

18.- A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas a matéria por si só é imóvel; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu e nem inventou este princípio, mas foi o primeiro a demonstrar a sua existência por provas incontestáveis; estudou, analisou e tornou evidente sua ação. Ao *elemento material*, ele juntou o *elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, eis os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Mediante a indivisível união deles facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis.

Por sua própria essência e como tem<sup>5</sup> por objeto o estudo de<sup>6</sup> um dos elementos constitutivos do Universo, o Espiritismo toca obrigatoriamente na maior parte das ciências; portanto, só podia vir depois da elaboração destas ciências, e, sobretudo, depois de terem provado sua incapacidade de explicar tudo apenas<sup>7</sup> das leis da matéria.

química, que não pode nada sem a física, teve de acompanhá-la de perto, para depois marcharem **ambas** de acordo, amparando-se uma à outra. A anatomia, a fisiologia, a zoologia, a botânica, a mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes foram trazidas pela física e pela química. À geologia, nascida recentemente, sem a astronomia, a física, a química e todas as outras, teriam faltados seus elementos de vitalidade, de modo que só podia vir depois daquelas.

18.- A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas a matéria por si só é imóvel; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu e nem inventou este princípio, mas foi o primeiro a demonstrar a sua existência por provas incontestáveis; estudou, analisou e tornou evidente sua ação. Ao *elemento material*, ele juntou o *elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, eis os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Mediante a indivisível união deles facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis (1).

O espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca obrigatoriamente na maior parte das ciências; portanto, só podia vir depois de sua elaboração, nasceu pela força das coisas, pela impossibilidade de explicar tudo com o auxílio apenas das leis da matéria.

<sup>5</sup> **comme** ayant ⇒ ayant.

<sup>6</sup> **d'un** ⇒ **de l'un**

<sup>7</sup> **par les** seules ⇒ **à l'aide des** seules

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

[Capítulo XIII - Característica dos milagres - item 3 ▶]

(1) A palavra *elemento* não é empregada aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas*, mas no de *parte constitutiva de um todo*. Neste sentido, pode dizer-se que o elemento espiritual tem parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram no cálculo de uma população; que o elemento religioso entra na educação; ou que na Argélia existem o *elemento árabe* e o *elemento europeu*.

19.- Acusam a Doutrina Espírita de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a Astronomia tem por irmã mais velha a astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a química é filha da alquimia, aquela com a qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se hoje. Ninguém nega, entretanto, que na astrologia e na alquimia estivesse a semente das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudou, mas na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram — para o leigo — seres misteriosos, aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Desde que Galileu, Newton e Kepler<sup>17</sup> tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e toda a base do maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que igualmente se apoiavam na manifestação dos Espíritos, como a astrologia no movimento dos astros; mas, ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam com essas relações crenças e práticas ridículas, com as quais o moderno Espiritismo — fruto da experiência e da observação — nada tem a ver. Certamente, a

19.- Acusam a Doutrina Espírita de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a Astronomia tem por irmã mais velha a astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a química é filha da alquimia, aquela com a qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se hoje. Ninguém nega, entretanto, que na astrologia e na alquimia estivesse a semente das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudou, mas na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram — para o leigo — seres misteriosos, aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Desde que Galileu, Newton e Kepler<sup>17</sup> tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e toda a base do maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que igualmente se apoiavam na manifestação dos Espíritos, como a astrologia no movimento dos astros; mas, ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam com essas relações crenças e práticas ridículas, com as quais o moderno Espiritismo — fruto da experiência e da observação — nada tem a ver. Certamente, a

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a astronomia e a astrologia, a química e a alquimia. Confundi-las é provar que não se sabe nada sobre elas.

20.- O simples fato de o homem poder comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz consequências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se revela a nós e que tem tanto mais importância quanto o fato de que ele alcança todos os homens — sem exceção.

De maneira geral, o conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar uma profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que têm tão grande influência sobre as relações sociais. É toda uma revolução a se operar nas ideias, revolução tanto maior e tanto mais poderosa quanto não se limita a um povo, nem a uma classe social, mas que atinge simultaneamente pelo coração, todas as categorias, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Logo, há razão para que o Espiritismo seja considerado a terceira **grande revelação**. Vejamos em que **elas** diferem e por qual laço elas se ligam uma à outra.

21.- MOISÉS, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, **mestre** soberano e **criador** de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

22.- CRISTO, tomando da antiga lei o que é eterno e divino, e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a *revelação da vida futura*, de que Moisés não havia falado, assim como a das penas e

distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a astronomia e a astrologia, a química e a alquimia. Confundi-las é provar que não se sabe nada sobre elas.

20.- O simples fato de o homem poder comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz consequências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se revela a nós e que tem tanto mais importância quanto o fato de que ele alcança todos os homens — sem exceção.

De maneira geral, o conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar uma profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que têm tão grande influência sobre as relações sociais. É toda uma revolução a se operar nas ideias, revolução tanto maior e tanto mais poderosa quanto não se limita a um povo, nem a uma classe social, mas que atinge simultaneamente pelo coração, todas as categorias, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Logo, há razão para que o Espiritismo seja considerado a terceira **das grandes revelações**. Vejamos em que **essas revelações** diferem e por qual laço elas se ligam uma à outra.

21.- MOISÉS, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, **Mestre** soberano e **Criador** de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

22.- **O CRISTO**, tomando da antiga lei o que é eterno e divino, e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a *revelação da vida futura*, de que Moisés não havia falado, assim como a das penas e

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

recompensas que aguardam o homem depois da morte (Ver *Revista Espírita*, 1861, p. 90 e 280).

23.- A parte mais importante da revelação do Cristo — no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina — é o ponto de vista inteiramente novo sob o qual devemos considerar a **divindade**. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo de Moisés, o Deus cruel e implacável que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem fazer exceção às mulheres, às crianças e aos idosos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas, já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras; já não é o Deus de um único povo privilegiado, o Deus dos exércitos, presidindo aos combates para sustentar a sua própria gente contra o Deus dos outros povos, mas o **pai** comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a ele; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da descendência, mas aquele que diz aos homens: “A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial; lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados”. Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena que se retribua olho por olho, dente por dente; mas, o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoem as ofensas, se querem ser perdoados; façam o bem em troca do mal; não façam o que não gostariam que lhes fizessem”. Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe — sob as mais rigorosas penas — o modo como quer ser adorado,

recompensas que aguardam o homem depois da morte (Ver *Revista Espírita*, 1861, páginas 90 e 280).

23.- A parte mais importante da revelação do Cristo — no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina — é o ponto de vista inteiramente novo sob o qual devemos considerar a **Divindade**. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo de Moisés, o Deus cruel e implacável que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem fazer exceção às mulheres, às crianças e aos idosos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas, já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras; já não é o Deus de um único povo privilegiado, o Deus dos exércitos, presidindo aos combates para sustentar a sua própria gente contra o Deus dos outros povos, mas o **Pai** comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a ele; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da descendência, mas aquele que diz aos homens: “A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial; lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados”. Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena que se retribua olho por olho, dente por dente; mas, o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoem as ofensas, se querem ser perdoados; façam o bem em troca do mal; não façam o que não gostariam que lhes fizessem”. Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe — sob as mais rigorosas penas — o modo como quer ser adorado,

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que se não honra com formalidades.<sup>19</sup> Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24.- Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme a ideia que elas fazem de Deus. Elas* que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus partidário e ciumento são intolerantes e mais ou menos meticolosas na forma, por considerarem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e insignificâncias humanas.

25.- Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo:

*Nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei.* Sobre esta única crença, ele assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e da fraternidade universal.

Essa revelação dos verdadeiros atributos da **divindade**, junto com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, dava a eles novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e, por isso mesmo, tinha de reagir sobre os costumes e as relações sociais. Incontestavelmente, por suas conseqüências, esse é o ponto principal da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida

5ª Edição (1869/72)

que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que se não honra com formalidades.<sup>19</sup> Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24.- Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme a ideia que elas fazem de Deus. As religiões* que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus partidário e ciumento são intolerantes e mais ou menos meticolosas na forma, por considerarem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e insignificâncias humanas.

25.- Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: *Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei.* Sobre esta única crença, ele assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e da fraternidade universal. **Mas, teria sido possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo.**

Essa revelação dos verdadeiros atributos da **Divindade**, junto com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, dava a eles novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e, por isso mesmo, tinha de reagir sobre os costumes e as relações sociais. Incontestavelmente, por suas conseqüências, esse é o ponto principal da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente; é lamentável dizer que esse é

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

suficientemente; é lamentável dizer que esse é também o ponto do qual a Humanidade mais tem se afastado e que mais tem ignorado na interpretação dos seus ensinamentos.

26.- Entretanto, Cristo acrescenta: Muitas das coisas que digo vocês ainda não podem compreender e eu teria a dizer muitas outras que não compreenderiam; por isso é que lhes falo por parábolas; mais tarde, porém, *enviarei a vocês o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e lhes explicará tudo.*

Se Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como ele próprio confessou, portanto, seu ensinamento era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que deveria lhe completar; logo, previu que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensinamento; em suma, que desfariam o que ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito.

27.- Por que ele denomina o novo messias de *Consolador*? Este nome — significativo e sem equívoco — é toda uma revelação. Assim, ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez o Cristo nunca tivesse sido tão claro e tão explícito quanto nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção o bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar o seu sentido profético.

28.- Se Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam

também o ponto do qual a Humanidade mais tem se afastado e que mais tem ignorado na interpretação dos seus ensinamentos.

26.- Entretanto, o Cristo acrescenta: “Muitas das coisas que digo vocês ainda não podem compreender e eu teria a dizer muitas outras que não compreenderiam; por isso é que lhes falo por parábolas; mais tarde, porém, *enviarei a vocês o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e lhes explicará tudo.*” (João, cap. XIV; e Mateus, cap. XVII)

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como ele próprio confessou, portanto, seu ensinamento era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que deveria lhe completar; logo, previu que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensinamento; em suma, que desfariam o que ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito.

27.- Por que ele denomina o novo messias de *Consolador*? Este nome — significativo e sem equívoco — é toda uma revelação. Assim, ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez o Cristo nunca tivesse sido tão claro e tão explícito quanto nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção o bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar o seu sentido profético.

28.- Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam



## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; muitas coisas pareciam sem sentido no estado dos conhecimentos de então. Devemos entender “completar o seu ensino” no sentido de *explicá-lo* e *desenvolver*, muito mais do que de agregar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de semente; faltava a chave para apreendermos o sentido das suas palavras.

29.- Mas, quem toma a liberdade de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as necessárias luzes, senão os teólogos?

Quem ousa fazer isso? Primeiro, a Ciência — que não pede permissão a ninguém para dar a conhecer as leis da natureza, e que salta sobre os erros e os preconceitos. Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais e necessárias, sem contestar as dos teólogos, e **por mais**<sup>8</sup> esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, contudo, não eram bastante para não condenarem como heresia o movimento da Terra e a crença nos antípodas. Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram maldição à teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da natureza, reveladas mais tarde pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos — mesmo com muito boa vontade — se enganaram sobre o sentido de certas

adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; muitas coisas pareciam sem sentido no estado dos conhecimentos de então. Devemos entender “completar o seu ensino” no sentido de *explicá-lo* e *desenvolver*, muito mais do que de agregar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de semente; **somente** faltava a chave para apreendermos o sentido das suas palavras.

29.- Mas, quem toma a liberdade de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as necessárias luzes, senão os teólogos?

Quem ousa fazer isso? Primeiro, a Ciência — que não pede permissão a ninguém para dar a conhecer as leis da natureza, e que salta sobre os erros e os preconceitos. Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais e necessárias, sem contestar as dos teólogos, e **por mais** esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, contudo, não eram bastante para não condenarem como heresia o movimento da Terra e a crença nos antípodas. Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram maldição à teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da natureza, reveladas mais tarde pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos — mesmo com muito boa vontade — se enganaram sobre o sentido de certas

<sup>8</sup> **toute** ⇒ **quelque** (ainda que)

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

palavras e fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar nele a confirmação de uma ideia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de modo que só viam o que queriam ver. Por mais instruídos que fossem, eles não podiam compreender causas dependentes de leis que desconheciam.

Mas quem julgará das interpretações diversas e muitas vezes contraditórias, fora do campo da teologia? O futuro, a lógica e o bom-senso! Os homens, cada vez mais esclarecidos — à medida que novos fatos e novas leis se forem revelando — saberão separar os conceitos ilusórios da realidade. Ora, as ciências tornam conhecidas algumas leis; o Espiritismo revela outras; ambas são indispensáveis à inteligência dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o **cristianismo**. Quanto à teologia, ela não poderá alegar judiciosamente contradições da Ciência, visto que ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30.- O ESPIRITISMO, cujo ponto de partida está nas próprias palavras de Cristo — como . Cristo partiu das de Moisés — é uma consequência direta de sua doutrina.

À vaga ideia da vida futura, ele acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso ele especifica a crença; ele lhe dá um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e em toda parte vê a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride sem cessar através de uma série de existências sucessivas, até atingir o

palavras e fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar nele a confirmação de uma ideia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de modo que só viam o que queriam ver. Por mais instruídos que fossem, eles não podiam compreender causas dependentes de leis que desconheciam.

Mas quem julgará das interpretações diversas e muitas vezes contraditórias, fora do campo da teologia? O futuro, a lógica e o bom-senso! Os homens, cada vez mais esclarecidos — à medida que novos fatos e novas leis se forem revelando — saberão separar os conceitos ilusórios da realidade. Ora, as ciências tornam conhecidas algumas leis; o Espiritismo revela outras; ambas são indispensáveis à inteligência dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e o **Cristianismo**. Quanto à teologia, ela não poderá alegar judiciosamente contradições da Ciência, visto que ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30.- O ESPIRITISMO, cujo ponto de partida está nas próprias palavras de Cristo — como o Cristo partiu das de Moisés — é uma consequência direta de sua doutrina.

À vaga ideia da vida futura, ele acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso ele especifica a crença; ele lhe dá um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e em toda parte vê a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride sem cessar através de uma série de existências sucessivas, até atingir o

grau de perfeição que a aproxima de Deus.

Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente conforme seu trabalho e sua boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserddadas, nem algumas mais favorecidas do que outras; que Deus não criou nenhuma que seja privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que aqueles a quem chamamos de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no estado espiritual, como praticavam na condição humana, mas que avançarão e se aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres especiais na criação, mas sim Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, assim, não há criações múltiplas de diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo, e que todos os seres trilham para um objetivo comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, por serem todos filhos das suas próprias obras.

31.- Pelas relações que hoje o homem pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, ele possui não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos e os mortos deste mundo, e os deste mundo aos dos outros mundos. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas

grau de perfeição que a aproxima de Deus.

Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente conforme seu trabalho e sua boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserddadas, nem algumas mais favorecidas do que outras; que Deus não criou nenhuma que seja privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que aqueles a quem chamamos de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no estado espiritual, como praticavam na condição humana, mas que avançarão e se aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres especiais na criação, mas sim Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, assim, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo, e que todos os seres trilham para um objetivo comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, por serem todos filhos das suas próprias obras.

31.- Pelas relações que hoje o homem pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, ele possui não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos e os mortos deste mundo, e os deste mundo aos dos outros mundos. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas

migrações, é testemunha das suas alegrias e das suas penas; sabe a razão por que eles são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que se faz. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de amedrontador, porque é para ele a sua libertação, a porta da verdadeira vida.

32.- Pelo o estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desventura na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, ou seja, que ele é punido pelo que pecou; que essas consequências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, assim, o culpado sofreria eternamente, caso persistisse no mal, mas que o sofrimento acaba com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do seu livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre pelos seus excessos enquanto não lhes põe fim.

33.- Se a razão rejeita — por ser incompatível com a bondade de Deus — a ideia das penas imperdoáveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta, os suplícios do inferno, que não podem ser minimizadas nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, essa razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao naufrago, em vez de empurrá-lo para o abismo.

migrações, é testemunha das suas alegrias e das suas penas; sabe a razão por que eles são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que se faz. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de amedrontador, porque é para ele a sua libertação, a porta da verdadeira vida.

32.- Pelo o estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desventura na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, ou seja, que ele é punido pelo que pecou; que essas consequências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, assim, o culpado sofreria eternamente, caso persistisse no mal, mas que o sofrimento acaba com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do seu livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre pelos seus excessos enquanto não lhes põe fim.

33.- Se a razão rejeita — por ser incompatível com a bondade de Deus — a ideia das penas imperdoáveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta, os suplícios do inferno, que não podem ser minimizadas nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, essa razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao naufrago, em vez de empurrá-lo para o abismo.

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

34.- A pluralidade das existências — cujo princípio Cristo estabeleceu no Evangelho, sem todavia defini-lo como a muitos outros — é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, no sentido de que ela demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Por esta lei, o homem explica todas as aparentes anormalidades que a vida humana apresenta; suas diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela durabilidade do Espírito, que viveu mais ou menos tempo, aprendeu e progrediu em maior ou menor grau, e traz, renascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores. (Nº 5.)

35.- Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, caímos no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnis; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com aquela doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; os homens não são solidários no futuro. Pela reencarnação, eles são solidários no passado e no futuro; suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no mundo corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da natureza; o bem tem um objetivo e o mal tem suas consequências inevitáveis.

36.- Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de classes, pois o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, nobre ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Então, se a

5ª Edição (1869/72)

34.- A pluralidade das existências — cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem todavia defini-lo como a muitos outros — é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, no sentido de que ela demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Por esta lei, o homem explica todas as aparentes anormalidades que a vida humana apresenta; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela durabilidade do Espírito, que aprendeu e progrediu em maior ou menor grau, e traz, renascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores. (Nº 5.)

35.- Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, caímos no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnis; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com aquela doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; os homens não são solidários no futuro. Pela reencarnação, eles são solidários no passado e no futuro; suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no mundo corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da natureza; o bem tem um objetivo e o mal tem suas consequências inevitáveis.

36.- Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de classes, pois o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, nobre ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Então, se a

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

reencarnação fundamenta o princípio da fraternidade universal como uma lei da natureza, também por esta mesma lei ela fundamenta o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

**Os homens nascem inferiores e subordinados apenas pelo corpo; pelo Espírito, eles são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, uma vez que aquele que é nosso subordinado hoje pode ter sido nosso semelhante ou nosso superior, talvez um parente ou amigo, e que, por nossa vez, podemos voltar a ser subordinados daquele a quem comandamos.**

37.- Tirem do homem o **Espírito**<sup>9</sup> livre e independente, sobrevivente à matéria, e fariam dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil, e *apropriada para ser explorada* como um animal inteligente. Não esperando nada depois da morte, nada impede a que aumente os prazeres do presente; se ele sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro e de encontrar de novo aqueles a quem amou, com o *temor de rever aqueles a quem ofendeu*, todas as suas ideias mudam. Mesmo que o Espiritismo só tivesse tirado o homem da dúvida quanto à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o reprimem algumas vezes, mas não o transformam.

38.- Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não somente seria inconciliável com a justiça de Deus — que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só —, seria também um contrassenso, e ainda menos

reencarnação fundamenta o princípio da fraternidade universal como uma lei da natureza, também por esta mesma lei ela fundamenta o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

37.- Tirem do homem o **espírito** livre e independente, sobrevivente à matéria, e fariam dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil, e *apropriada para ser explorada* como um animal inteligente. Não esperando nada depois da morte, nada impede a que aumente os prazeres do presente; se ele sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro e de encontrar de novo aqueles a quem amou, com o *temor de rever aqueles a quem ofendeu*, todas as suas ideias mudam. Mesmo que o Espiritismo só tivesse tirado o homem da dúvida quanto à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o reprimem algumas vezes, mas não o transformam.

38.- Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não somente seria inconciliável com a justiça de Deus — que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só —, seria também um contrassenso, e ainda menos

<sup>9</sup> Consideramos uma modificação, por se tratar de diferença conceitual, uma vez que Espírito com E maiúsculo tem uma definição diferente de espírito, com e minúsculo. Vide O Livro dos Espíritos, questões 23 e 76.

justificável porque a alma não existia na época a que se pretende fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência e a reencarnação, o homem traz ao renascer o germe das suas antigas imperfeições, dos defeitos de que ainda não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelas suas tendências a esse ou àquele vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, do qual ele sofre naturalmente todas as consequências, mas com a diferença capital de que carrega a pena das suas próprias faltas, e não a falta de outro alguém; e essa outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora e soberanamente equitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir — seja libertando-se de alguma imperfeição, seja adquirindo novos conhecimentos e isso até que esteja suficientemente purificado, não necessita mais da vida corporal e possa viver exclusivamente da vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que tenha progredido moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como aquele que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforços, sem cálculo e, por assim dizer, sem o pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências, esse vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo está a caminho de vencer. Portanto, há *virtude original*, como há *saber original*, e *pecado*, ou melhor, *vício original*.

39.- O Espiritismo experimental tem estudado as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suposto desde a antiguidade e designado por São Paulo sob o nome de *Corpo Espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo físico. Hoje sabemos

justificável porque, segundo certa doutrina, a alma não existia na época a que se pretende fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência, o homem traz ao renascer o germe das suas imperfeições, dos defeitos de que ainda não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelas suas tendências a esse ou àquele vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, do qual ele sofre naturalmente todas as consequências, mas com a diferença capital de que carrega a pena das suas próprias faltas, e não a falta de outro alguém; e essa outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora e soberanamente equitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir — seja libertando-se de alguma imperfeição, seja adquirindo novos conhecimentos e isso até que esteja suficientemente purificado, não necessita mais da vida corporal e possa viver exclusivamente da vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que tenha progredido moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como aquele que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforços, sem cálculo e, por assim dizer, sem o pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências, esse vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo está a caminho de vencer. Portanto, há *virtude original*, como há *saber original*, e *pecado*, ou melhor, *vício original*.

39.- O Espiritismo experimental tem estudado as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suposto desde a antiguidade e designado por São Paulo sob o nome de *Corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo físico. Hoje sabemos

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

que essa vestimenta é inseparável da alma; que ele é um dos elementos constitutivos do ser humano, o veículo da transmissão do pensamento, e que, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa um papel importantíssimo no organismo e numa multidão de efeitos, que se liga tanto à fisiologia quanto à psicologia.

40.- O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege — fenômenos negados pelo materialismo, porque se relacionam à espiritualidade, qualificados por outros como milagres ou feitiçarias, conforme suas crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões, possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos também fazem parte de leis naturais, assim como os fenômenos elétricos, e as condições normais nas quais podem se reproduzir, o Espiritismo destruiu o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maioria das superstições. Se ele faz com que acreditemos na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quimeras, também impede que se creia em muitas outras, de que ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41.- Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao contrário, confirmar,

que essa vestimenta é inseparável da alma; que ele é um dos elementos constitutivos do ser humano, o veículo da transmissão do pensamento, e que, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa um papel importantíssimo no organismo e numa multidão de efeitos, que se liga tanto à fisiologia quanto à psicologia.

40.- O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege — fenômenos negados pelo materialismo, porque se relacionam à espiritualidade, qualificados por outros como milagres ou feitiçarias, conforme suas crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões, possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos também fazem parte de leis naturais, assim como os fenômenos elétricos, e as condições normais nas quais podem se reproduzir, o Espiritismo destruiu o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maioria das superstições. Se ele faz com que acreditemos na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quimeras, também impede que se creia em muitas outras, de que ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41.- Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao contrário, confirmar,



explicar e desenvolver, pelas novas leis da natureza que ele revela, tudo quanto o<sup>10</sup> Cristo disse e fez; ele traz a luz sobre os pontos obscuros do seu ensinamento, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram incompreensíveis, ou pareciam *inadmissíveis*, compreendem-nas sem dificuldade com o auxílio do Espiritismo e as admitem; enxergam melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42.- Além do mais, se considerarmos o poder moralizador do Espiritismo — pela finalidade que atribui a todas as ações da vida, pelas consequências do bem e do mal que ele torna tangível, pela força moral, pela coragem e consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de revê-los, a possibilidade de se entreter com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, tudo quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, *até à última hora da vida*, não fica perdido, que tudo aproveita ao avanço, reconhecemos que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma realizada, porque, de fato, é ele o verdadeiro *Consolador* (1).

(1) Muitos pais lastimam a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, e dizem consigo mesmos que tudo foi em pura perda de tempo. Porém, à luz do Espiritismo, não lamentariam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo tendo a certeza de que veriam seus filhos morrer, porque sabem que se estes não aproveitam tal

explicar e desenvolver, pelas novas leis da natureza que ele revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; ele traz a luz sobre os pontos obscuros do seu ensinamento, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram incompreensíveis, ou pareciam *inadmissíveis*, compreendem-nas sem dificuldade com o auxílio do Espiritismo e as admitem; enxergam melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42.- Além do mais, se considerarmos o poder moralizador do Espiritismo — pela finalidade que atribui a todas as ações da vida, pelas consequências do bem e do mal que ele torna tangível, pela força moral, pela coragem e consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de revê-los, a possibilidade de se entreter com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, tudo quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, *até à última hora da vida*, não fica perdido, que tudo aproveita ao avanço, reconhecemos que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma realizada, porque, de fato, é ele o verdadeiro *Consolador* (2).

(2) Muitos pais lastimam a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, e dizem consigo mesmos que tudo foi em pura perda de tempo. Porém, à luz do Espiritismo, não lamentariam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo tendo a certeza de que veriam seus filhos morrer, porque sabem que se estes não aproveitam tal

<sup>10</sup> N.E.: A padronização para a inclusão de O (*LE*) antes de todas as referências a Cristo (*Christ*) foi feita apenas na 5ª edição. Neste ponto do texto, já constava, desde a 1ª edição, o O antes de Cristo.

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

educação na vida presente, essa servirá primeiro que tudo para o seu adiantamento espiritual; e mais, que serão aquisições novas para outra existência e que, quando voltarem a este mundo, terão um patrimônio intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos, iguais a essas crianças que trazem, ao nascer, ideias inatas — que sabem, por assim dizer, sem precisarem aprender. Se, como pais, eles<sup>11</sup> não têm a satisfação imediata de ver os filhos aproveitarem da educação que lhes deram, certamente terão mais tarde — seja como Espíritos, seja como homens. Talvez eles sejam de novo os pais<sup>12</sup> desses mesmos filhos, que se apontam como afortunadamente dotados pela natureza e que devem as suas aptidões a uma educação precedente; assim também, se os filhos se desviam para o mal, pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que àqueles suscitarão em nova existência (*Evang* segundo o espir., cap. V, nº 21: *Mortes prematuras*).

43.- Se adicionarmos a estes resultados a rapidez espantosa da propagação do Espiritismo — apesar de tudo quanto fazem por abatê-lo —, ninguém poderá discordar de que a sua vinda não seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade dos homens. A facilidade com que é aceito por grande número de pessoas, e isso sem constrangimento, sem outros meios senão pelo poder da ideia, prova que ele corresponde a uma necessidade, aquela de crer em alguma coisa, após a vida escavada pela descrença e que, por consequência, veio a seu tempo.

44.- Os aflitos estão em grande número; por isso, não é surpreendente que tanta gente acolha uma doutrina que consola, em vez daquelas que desesperam, porque é aos deserdados que o Espiritismo se dirige, mais do que aos felizes do mundo. O doente vê o médico chegar com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

educação na vida presente, essa servirá primeiro que tudo para o seu adiantamento espiritual; e mais, que serão aquisições novas para outra existência e que, quando voltarem a este mundo, terão um patrimônio intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos, iguais a essas crianças que trazem, ao nascer, ideias inatas — que sabem, por assim dizer, sem precisarem aprender. Se, os pais não têm a satisfação imediata de ver os filhos aproveitarem da educação que lhes deram, certamente terão mais tarde — seja como Espíritos, seja como homens. Talvez eles sejam de novo os pais desses mesmos filhos, que se apontam como afortunadamente dotados pela natureza e que devem as suas aptidões a uma educação precedente; assim também, se os filhos se desviam para o mal, pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que àqueles suscitarão em nova existência (*Evang.* segundo o espir., cap. V, nº 21: *Mortes prematuras*).

43.- Se adicionarmos a estes resultados a rapidez espantosa da propagação do Espiritismo — apesar de tudo quanto fazem por abatê-lo —, ninguém poderá discordar de que a sua vinda não seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade dos homens. A facilidade com que é aceito por grande número de pessoas, e isso sem constrangimento, sem outros meios senão pelo poder da ideia, prova que ele corresponde a uma necessidade, aquela de crer em alguma coisa, após a vida escavada pela descrença e que, por consequência, veio a seu tempo.

44.- Os aflitos estão em grande número; por isso, não é surpreendente que tanta gente acolha uma doutrina que consola, em vez das doutrinas que desesperam, porque é aos deserdados que o Espiritismo se dirige, mais do que aos felizes do mundo. O doente vê o médico chegar com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

<sup>11</sup> comme pères, ils ⇒ des parents

<sup>12</sup> parents ⇒ pères

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

Vocês que combatem o Espiritismo, se querem que o abandonemos para segui-los, mostrem-nos mais e melhor do que ele; curem com maior segurança as feridas da alma. Tragam **então** mais consolações, mais satisfações de coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; façam do futuro um quadro mais racional, mais atraente; porém, não pensem vocês vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou da beatitude e inútil contemplação perpétua.

45.- A primeira revelação foi personificada em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não tem em nenhum indivíduo. As duas primeiras foram individuais, a terceira não o é em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais e a terceira é coletiva; aí está um caráter essencial de uma grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ter sido feita para privilégio de ninguém; em consequência disso, ninguém pode proclamar-se como seu profeta exclusivo; ela foi espalhada simultaneamente sobre toda a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades, **de todos os tempos** e todas as condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta profecia registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os seus filhos e filhas profetizarão, os jovens terão visões, e os velhos terão sonhos”

. Ela não saiu de nenhum culto especial, a fim de um dia servir a todos, de ponto de ligação. (2)

(2) O nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo, e que **já** começa a operar-se, é o de um observador atento, que estuda os fatos para descobrir suas causas e tirar deles as consequências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao

5ª Edição (1869/72)

Vocês que combatem o Espiritismo, se querem que o abandonemos para segui-los, mostrem-nos mais e melhor do que ele; curem com maior segurança as feridas da alma. Tragam mais consolações, mais satisfações de coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; façam do futuro um quadro mais racional, mais atraente; porém, não pensem vocês vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou da beatitude e inútil contemplação perpétua.

45.- A primeira revelação foi personificada em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não tem em nenhum indivíduo. As duas primeiras foram individuais, a terceira não o é em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais e a terceira é coletiva; aí está um caráter essencial de uma grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ter sido feita para privilégio de ninguém; em consequência disso, ninguém pode proclamar-se como seu profeta exclusivo; ela foi espalhada simultaneamente sobre toda a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades,

e todas as condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta profecia registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os seus filhos e filhas profetizarão, os jovens terão visões, e os velhos terão sonhos” (**Atos dos Apóstolos, cap II, v. 17, 18**). Ela não saiu de nenhum culto especial, a fim de um dia servir a todos, de ponto de ligação. (3)

(2) O nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo, e que começa a operar-se, é o de um observador atento, que estuda os fatos para descobrir suas causas e tirar deles as consequências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao

público o fruto das nossas indagações, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da doutrina, nem procurarmos impor as nossas ideias a quem quer que seja. Publicando essas ideias, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de avultado número de criaturas, mas não colhemos disso vaidade alguma, dado que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal.

46.- As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram necessariamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a ideia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que alcançassem as extremidades do mundo, sem o invadirem inteiramente A terceira tem isto de particular: que não estando personificada em um só indivíduo, produziu-se simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, teria formado seita<sup>32</sup> em torno dele; e talvez decorresse meio século sem que ela atingisse os limites do país onde teria surgido, ao passo que, após dez anos, já plantou raízes de um polo a outro.

47.- Esta circunstância — inédita na história das doutrinas — lhe dá uma força excepcional e um poder de ação irresistível; de fato, se a reprimirem num ponto, em determinado país, será

público o fruto das nossas indagações, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da doutrina, nem procurarmos impor as nossas ideias a quem quer que seja. Publicando essas ideias, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de avultado número de criaturas, mas não colhemos disso vaidade alguma, dado que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal.

46.- As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram necessariamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a ideia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente A terceira tem isto de particular: que não estando personificada em um só indivíduo, produziu-se simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, teria formado seita<sup>32</sup> em torno dele; e talvez decorresse meio século sem que ela atingisse os limites do país onde teria surgido, ao passo que, após dez anos, já plantou raízes de um polo a outro.

47.- Esta circunstância — inédita na história das doutrinas — lhe dá uma força excepcional e um poder de ação irresistível; de fato, se a reprimirem num ponto, em determinado país, será

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

materialmente impossível que a reprimam em todos os pontos e em todos os países. Por cada lugar onde ela seja entravada, haverá mil outros em que florescerá. E mais: se a atingirem num indivíduo, não poderão atingi-la nos Espíritos, que são a sua fonte. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por impossível, conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria qualquer tempo depois, porque ela repousa sobre *um fato que está na natureza*, e não se pode suprimir as leis da natureza. É disso que devem se convencer aqueles que sonham com o **assentimento** do Espiritismo (*Revista Espir.*, fev. de 1865, p. 38: *Perpetuidade do Espiritismo*).

48.- Entretanto, esses centros disseminados poderiam ainda permanecer por muito tempo isolados uns dos outros, confinados como estão alguns em países mais distantes. Faltava entre eles um traço de ligação, que os pusesse em comunhão de ideias com seus irmãos em crença, ensinando-os o que se fazia noutros lugares. Esse traço de união — que teria faltado ao Espiritismo na Antiguidade — encontra-se nas publicações que vão a toda parte, que condensam, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado em toda a parte sob múltiplas formas e diversas línguas.

49.- As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; elas tinham que ser impostas pela fé, através da autoridade da palavra do Mestre, pois os homens não eram bastante adiantados para contribuir com sua elaboração.

Todavia, notamos entre elas uma diferença bem sutil, quanto ao progresso dos costumes e das ideias, se bem que elas eram feitas entre o mesmo povo e no mesmo meio, mas após dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, autoritária; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente

materialmente impossível que a reprimam em todos os pontos e em todos os países. Por cada lugar onde ela seja entravada, haverá mil outros em que florescerá. E mais: se a atingirem num indivíduo, não poderão atingi-la nos Espíritos, que são a sua fonte. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por impossível, conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria qualquer tempo depois, porque ela repousa sobre *um fato que está na natureza*, e não se pode suprimir as leis da natureza. É disso que devem se convencer aqueles que sonham com o **aniquilamento** do Espiritismo (*Revista Espírita*, fevereiro de 1865, p. 38: *Perpetuidade do Espiritismo*).

48.- Entretanto, esses centros disseminados poderiam ainda permanecer por muito tempo isolados uns dos outros, confinados como estão alguns em países mais distantes. Faltava entre eles um traço de ligação, que os pusesse em comunhão de ideias com seus irmãos em crença, ensinando-os o que se fazia noutros lugares. Esse traço de união — que teria faltado ao Espiritismo na Antiguidade — encontra-se nas publicações que vão a toda parte, que condensam, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado em toda a parte sob múltiplas formas e diversas línguas.

49.- As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; elas tinham que ser impostas pela fé, através da autoridade da palavra do Mestre, pois os homens não eram bastante adiantados para contribuir com sua elaboração.

Todavia, notamos entre elas uma diferença bem sutil, quanto ao progresso dos costumes e das ideias, se bem que elas eram feitas entre o mesmo povo e no mesmo meio, mas após dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, autoritária; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

*conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pelo convencimento; ela é controversa mesmo durante a vida do seu fundador, que não deixava de discutir com seus adversários.

50.- A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e maturidade intelectual — em que a inteligência já desenvolvida não se submete a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o efeito de cada coisa — tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame. *Os Espíritos só ensinam justamente o que é necessário para guiá-lo no caminho da verdade, mas eles se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo*, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao exercício da razão, muitas vezes, deixando-o mesmo adquirir experiência por conta própria. Eles fornecem ao homem o princípio, os materiais, para que tire proveito deles e se lance ao trabalho (nº 15).

51.- Os elementos da revelação espírita foram dados simultaneamente sobre uma variedade de pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução; fica bem evidente que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo fruto; que as consequências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em suma, a conclusão sobre a qual haviam de se firmar as ideias não podiam surgir senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, limitado num círculo restrito, muitas vezes só vendo uma ordem particular de fatos — não raro contraditórios na aparência, geralmente vindo de uma mesma categoria de Espíritos e, ao demais, entravados por influências locais e tendência partidária, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de reunir as observações

*conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pelo convencimento; ela é controversa mesmo durante a vida do seu fundador, que não deixava de discutir com seus adversários.

50.- A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e maturidade intelectual — em que a inteligência já desenvolvida não se submete a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o efeito de cada coisa — tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame. *Os Espíritos só ensinam justamente o que é necessário para guiá-lo no caminho da verdade, mas eles se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo*, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao exercício da razão, muitas vezes, deixando-o mesmo adquirir experiência por conta própria. Eles fornecem ao homem o princípio, os materiais, para que tire proveito deles e se lance ao trabalho (Nº 15).

51.- Os elementos da revelação espírita foram dados simultaneamente sobre uma variedade de pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução; fica bem evidente que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo fruto; que as consequências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em suma, a conclusão sobre a qual haviam de se firmar as ideias não podiam surgir senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, limitado num círculo restrito, muitas vezes só vendo uma ordem particular de fatos — não raro contraditórios na aparência, geralmente vindo de uma mesma categoria de Espíritos e, ao demais, entravados por influências locais e tendência partidária, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de reunir as observações

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

isoladas a um princípio comum. Cada qual apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestassem, logo teriam surgido tantas teorias e doutrinas quantos fossem os centros, e nenhum dos quais poderiam estar completo, por falta de elementos de comparação e exame. Numa palavra, cada qual teria se imobilizado na sua revelação parcial, crendo possuir toda a verdade, ignorando que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52.- É, além disso, notável que em nenhuma parte o ensino espírita foi dado integralmente; ele diz respeito a tão grande número de observações, sobre assuntos tão diversos que exigem tanto conhecimentos quanto aptidões mediúnicas especiais que seria impossível reunir num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os objetos de estudo e de observação, assim como em algumas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida entre diferentes operários. A revelação é assim feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que prossegue ainda neste momento, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais, que tem constituído *a doutrina espírita*.

Portanto, era necessário agrupar os fatos espalhados, para ver sua correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-los, analisá-los e estudar suas semelhanças e diferenças. As comunicações vinham de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, logo, era preciso apreciar o

isoladas a um princípio comum. Cada qual apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestassem, logo teriam surgido tantas teorias e doutrinas quantos fossem os centros, e nenhum dos quais poderiam estar completo, por falta de elementos de comparação e exame. Numa palavra, cada qual teria se imobilizado na sua revelação parcial, crendo possuir toda a verdade, ignorando que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52.- Além disso, é notável que em nenhuma parte o ensino espírita foi dado integralmente; ele diz respeito a tão grande número de observações, sobre assuntos tão diversos que exigem tanto conhecimentos quanto aptidões mediúnicas especiais que seria impossível reunir num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os objetos de estudo e de observação, assim como em algumas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida entre diferentes operários. A revelação é assim feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que prossegue ainda neste momento, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais, que tem constituído *a doutrina espírita*.

Portanto, era necessário agrupar os fatos espalhados, para ver sua correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-los, analisá-los e estudar suas semelhanças e diferenças. As comunicações vinham de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, logo, era preciso apreciar o

grau de confiança que a razão permitia conceder a eles, e distinguir as ideias sistemáticas individuais e isoladas das que tinham a aprovação do ensinamento geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da sã lógica, utilizar os **próprios** erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento da situação do mundo invisível e formar com isso um conjunto homogêneo. Era preciso, em resumo, um centro de elaboração, independentemente de qualquer ideia preconcebida e de todo prejuízo de seita, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às opiniões pessoais*. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e *sem propósito premeditado*. (3)

(3) *O Livro dos Espíritos*, a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das consequências morais dos fatos; que considerou todas as partes da doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi desde o seu aparecimento, o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é que exprimia os sentimentos dela, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, teria caído no descrédito e no esquecimento. Ora, qual foi aquele ponto de convergência? **decerto** não foi o homem, que nada vale por si mesmo, que morre e desaparece; mas, a ideia que não fenece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa espontânea concentração de forças dispersas deu lugar a uma amplíssima correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos inexpugnáveis, a que se

grau de confiança que a razão permitia conceder a eles, e distinguir as ideias sistemáticas individuais e isoladas das que tinham a aprovação do ensinamento geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da sã lógica, utilizar **igualmente** os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento da situação do mundo invisível e formar com isso um conjunto homogêneo. Era preciso, em resumo, um centro de elaboração, independentemente de qualquer ideia preconcebida e de todo prejuízo de seita, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às opiniões pessoais*. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e *sem propósito premeditado*. (4)

(4) *O Livro dos Espíritos*, a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das consequências morais dos fatos; que considerou todas as partes da doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi desde o seu aparecimento, o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é que exprimia os sentimentos dela, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, teria caído no descrédito e no esquecimento. Ora, qual foi aquele ponto de convergência? **Decerto** não foi o homem, que nada vale por si mesmo, que morre e desaparece; mas, a ideia que não fenece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa espontânea concentração de forças dispersas deu lugar a uma amplíssima correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos inexpugnáveis, a que se



## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações da inveja e do ciúme?

53.- Desse estado de coisas, originou-se uma dupla corrente de ideias: umas, dirigindo-se das extremidades para o centro; as outras retornando do centro para a circunferência. É assim que a doutrina tem caminhado rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde ela emanou; que as teorias divergentes ruíram pouco a pouco, devido ao seu isolamento, diante da influência da opinião da maioria, na falta de aí encontrar repercussões simpáticas. Desde então, uma comunhão de pensamentos se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam de um extremo a outro do mundo. Os espíritos se sentiram mais fortes, lutaram com mais coragem caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os reuniu à grande família; os fenômenos que presenciavam não mais lhes pareceram estranhos, anormais, nem contraditórios — desde que puderam vinculá-los às leis gerais da harmonia, abarcar de um golpe de vista a edificação, e descobrir em todo esse conjunto um fim grandioso e humanitário. (4)

Mas, como saberemos se um princípio é ensinado por toda parte, ou se não é apenas o resultado de uma opinião individual? Como os grupos isolados não têm condições de saber o que se diz noutros lugares, era necessário que um centro reunisse todas as instruções, para proceder a uma espécie de apanhado das vozes e levar ao conhecimento de todos a opinião da maioria. (5)

(4) Significativo testemunho, tão notável quanto tocante, dessa comunhão de conceitos que se estabeleceu entre os espíritos, pela unidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de

reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações da inveja e do ciúme?...

53.- Desse estado de coisas, originou-se uma dupla corrente de ideias: umas, dirigindo-se das extremidades para o centro; as outras retornando do centro para a circunferência. É assim que a doutrina tem caminhado rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde ela emanou; que as teorias divergentes ruíram pouco a pouco, devido ao seu isolamento, diante da influência da opinião da maioria, na falta de aí encontrar repercussões simpáticas. Desde então, uma comunhão de pensamentos se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam de um extremo a outro do mundo. Os espíritos se sentiram mais fortes, lutaram com mais coragem caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os reuniu à grande família; os fenômenos que presenciavam não mais lhes pareceram estranhos, anormais, nem contraditórios — desde que puderam vinculá-los às leis gerais da harmonia, abarcar de um golpe de vista a edificação, e descobrir em todo esse conjunto um fim grandioso e humanitário. (5)

Mas, como saberemos se um princípio é ensinado por toda parte, ou se não é apenas o resultado de uma opinião individual? Como os grupos isolados não têm condições de saber o que se diz noutros lugares, era necessário que um centro reunisse todas as instruções, para proceder a uma espécie de apanhado das vozes e levar ao conhecimento de todos a opinião da maioria. (6)

(5) Significativo testemunho, tão notável quanto tocante, dessa comunhão de conceitos que se estabeleceu entre os espíritos, pela unidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

religiões e nacionalidades diversas e as quais nunca vimos. Não é isso um prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes?

É digno de nota que de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de abrir cisão, proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que de todos quantos, apoiando-se em razões de amor-próprio ou outras quaisquer, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideraram fortes bastante para caminhar sozinhos, possuidores de luzes suficientes para prescindirem de conselhos, nenhum chegou a construir uma ideia que fosse preponderante e viável. Todos se acabaram ou vegetaram na sombra. Nem de outro modo poderia ser, dado que, para se destacarem – em vez de se esforçarem por proporcionar maior soma de satisfações –, rejeitavam princípios da doutrina, precisamente o que de mais atraente há nela, o que de mais consolador ela contém e de mais racional. Se houvessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíram a unidade, não teriam se embalado com ilusões ilusórias. Ao contrário, tomando como se fosse o Universo o pequeno círculo que constituíam, não viram nos adeptos mais do que uma camarilha facilmente derrubável por outra camarilha. Era equivocar-se de modo estranho, no tocante aos caracteres essenciais da doutrina e semelhante erro só decepções podia acarretar. Em lugar de romperem a unidade, quebraram o laço que **sozinho**<sup>13</sup> lhes podia dar força e vida. (ver *Revista espírita*, abril de 1866, páginas 106 e 111: O Espiritismo sem os Espíritos; o Espiritismo independente.)

(5) Esse é o objeto das nossas publicações, que se podem considerar o resultado de um trabalho de apuração. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios depois de haverem recebido a consagração de todas as comprovações, as quais, só elas, lhes podem imprimir força de lei e permitir afirmações. Eis por que não pregamos levianamente nenhuma teoria e é nisso exatamente que, decorrendo do ensino geral, a doutrina não representa produto de uma teoria preconcebida. É também donde tira a sua força e o que lhe garante o futuro.

54.- Não há nenhuma ciência que tenha saído completa do cérebro de um homem. Todas — sem exceção — são produto de observações sucessivas,

religiões e nacionalidades diversas e as quais nunca vimos. Não é isso um prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes?

É digno de nota que de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de abrir cisão, proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que de todos quantos, apoiando-se em razões de amor-próprio ou outras quaisquer, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideraram fortes bastante para caminhar sozinhos, possuidores de luzes suficientes para prescindirem de conselhos, nenhum chegou a construir uma ideia que fosse preponderante e viável. Todos se acabaram ou vegetaram na sombra. Nem de outro modo poderia ser, dado que, para se destacarem – em vez de se esforçarem por proporcionar maior soma de satisfações –, rejeitavam princípios da doutrina, precisamente o que de mais atraente há nela, o que de mais consolador ela contém e de mais racional. Se houvessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíram a unidade, não teriam se embalado com ilusões ilusórias. Ao contrário, tomando como se fosse o Universo o pequeno círculo que constituíam, não viram nos adeptos mais do que uma camarilha facilmente derrubável por outra camarilha. Era equivocar-se de modo estranho, no tocante aos caracteres essenciais da doutrina e semelhante erro só decepções podia acarretar. Em lugar de romperem a unidade, quebraram o **único** laço que lhes podia dar força e vida. (ver *Revista espírita*, abril de 1866, páginas 106 e 111: O Espiritismo sem os Espíritos; o Espiritismo independente.)

(6) Esse é o objeto das nossas publicações, que se podem considerar o resultado de um trabalho de apuração. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios depois de haverem recebido a consagração de todas as comprovações, as quais, só elas, lhes podem imprimir força de lei e permitir afirmações. Eis por que não pregamos levianamente nenhuma teoria e é nisso exatamente que, decorrendo do ensino geral, a doutrina não representa produto de uma teoria preconcebida. É também donde tira a sua força e o que lhe garante o futuro.

54.- Não há nenhuma ciência que tenha saído completa do cérebro de um homem. Todas — sem exceção — são produto de observações sucessivas,

<sup>13</sup> Embora a tradução seja diferente de acordo com sua posição na frase. A palavra é a mesma (seul) e foi movida de lugar.

apoiando-se em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. É assim que os Espíritos têm procedido com relação ao Espiritismo; daí o fato de o seu ensinamento ser gradativo; eles abordam as questões à medida que os princípios sobre os quais eles tenham de se apoiar estejam suficientemente elaborados, e que a opinião esteja bastante madura para assimilá-los. É mesmo notável que todas as vezes que os centros particulares quiseram tratar de questões prematuras eles não obtiveram mais do que respostas contraditórias e não conclusivas. Quando, ao contrário, o momento oportuno vem, o ensinamento **é idêntico sobre toda a linha**, na quase universalidade dos centros.

Todavia, entre a marcha do Espiritismo e a das ciências há uma diferença capital, que é a de que estas só atingiram o ponto que alcançaram após longos intervalos, ao passo que bastaram alguns anos para o Espiritismo, quando não a alcançar o ponto máximo, pelo menos a recolher uma soma de observações bem grande para constituir uma doutrina. Decorre esse fato ser inumerável a multidão de Espíritos que, pela vontade de Deus, manifestaram-se simultaneamente, trazendo cada qual a cota de **seus**<sup>14</sup> conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante muitos séculos, foram produzidas quase ao mesmo tempo, em apenas alguns anos, e que bastou reuni-las para formar um todo.

Deus quis que fosse assim, primeiro, para que o edifício chegasse mais rapidamente ao ápice; em segundo lugar, para que pudéssemos, por meio da comparação, ter um controle, a bem dizer imediata e permanente da universalidade do ensino, não tendo nenhuma de suas partes valor e nem

apoiando-se em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. É assim que os Espíritos têm procedido com relação ao Espiritismo; daí o fato de o seu ensinamento ser gradativo; eles abordam as questões à medida que os princípios sobre os quais eles tenham de se apoiar estejam suficientemente elaborados, e que a opinião esteja bastante madura para assimilá-los. É mesmo notável que todas as vezes que os centros particulares quiseram tratar de questões prematuras eles não obtiveram mais do que respostas contraditórias e não conclusivas. Quando, ao contrário, o momento oportuno vem, o ensinamento **se generaliza e se unifica**, na quase universalidade dos centros.

Todavia, entre a marcha do Espiritismo e a das ciências há uma diferença capital, que é a de que estas só atingiram o ponto que alcançaram após longos intervalos, ao passo que bastaram alguns anos para o Espiritismo, quando não a alcançar o ponto máximo, pelo menos a recolher uma soma de observações bem grande para constituir uma doutrina. Decorre esse fato ser inumerável a multidão de Espíritos que, pela vontade de Deus, manifestaram-se simultaneamente, trazendo cada qual a cota de **seus** conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante muitos séculos, foram produzidas quase ao mesmo tempo, em apenas alguns anos, e que bastou reuni-las para formar um todo.

Deus quis que fosse assim, primeiro, para que o edifício chegasse mais rapidamente ao ápice; em segundo lugar, para que pudéssemos, por meio da comparação, ter um controle, a bem dizer imediata e permanente da universalidade do ensino, não tendo nenhuma de suas partes valor e nem

<sup>14</sup> **ses** ⇒ **leurs**

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

*autoridade* a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todos se harmonizar, colocar cada um no seu devido lugar, e cada qual achar-se no seu tempo.

Não confiando a um único Espírito o encargo de promulgar a doutrina, Deus quis de outra forma que, assim como o mais pequenino quanto o maior, tanto entre os Espíritos quanto entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas decorrentes de uma única fonte.

Por outro lado, cada Espírito, assim como cada homem, tendo apenas de uma soma limitada soma de conhecimentos, individualmente estavam inabilitados de tratar com verdadeiro conhecimento de causa as inúmeras questões inerentes ao Espiritismo; eis também porque a doutrina, para cumprir os desígnios do Criador, não podia ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium; ela tinha que surgir da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros. (6)

(6) Ver em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, p. VI, e *Revista espírita*, de abril de 1864, p. 90: *Autoridade da Doutrina Espírita; controle universal do ensino dos Espíritos*.

55.- Uma última característica da revelação espírita, e que ressalta das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser — e não pode deixar de ser — essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, ela se alia à Ciência, que, sendo a exposição das leis da natureza numa certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor dessas leis. *As descobertas da Ciência glorificam a Deus, ao invés de o rebaixarem; elas só destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que eles fazem de Deus.*

*autoridade* a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todos se harmonizar, colocar cada um no seu devido lugar, e cada qual achar-se no seu tempo.

Não confiando a um único Espírito o encargo de promulgar a doutrina, Deus quis de outra forma que, assim como o mais pequenino quanto o maior, tanto entre os Espíritos quanto entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas decorrentes de uma única fonte.

Por outro lado, cada Espírito, assim como cada homem, tendo apenas de uma soma limitada soma de conhecimentos, individualmente estavam inabilitados de tratar com verdadeiro conhecimento de causa as inúmeras questões inerentes ao Espiritismo; eis também porque a doutrina, para cumprir os desígnios do Criador, não podia ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium; ela tinha que surgir da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros. (7)

(7) Ver em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, página VI, e *Revista espírita*, de abril de 1864, página 90: *Autoridade da Doutrina Espírita; controle universal do ensino dos Espíritos*.

55.- Uma última característica da revelação espírita, e que ressalta das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser — e não pode deixar de ser — essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, ela se alia à Ciência, que, sendo a exposição das leis da natureza numa certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor dessas leis. *As descobertas da Ciência glorificam a Deus, ao invés de o rebaixarem; elas só destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que eles fazem de Deus.*

Portanto, o Espiritismo só estabelece como princípio absoluto aquilo que é demonstrado com evidência, ou o que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da organização social — aos quais presta apoio das suas próprias descobertas —, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que tenham chegado ao estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria; deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu objetivo providencial. *Caminhando ao lado do progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem que ele está em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.* (7)

(7) Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas, quais as que se contêm neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal informadas emprestam à doutrina. Aliás, estas declarações não são novas; temos repetido isso muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que nenhuma dúvida persista a tal respeito. Ao demais, elas assinalam o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador.

56.- Qual a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, já que não é outra **coisa** senão aquela do Cristo? O homem carece de uma revelação, e não poderia achar em si próprio tudo o que é necessário para se conduzir?

Do ponto de vista moral, sem dúvida que Deus concedeu ao homem um guia na consciência, que lhe diz: “Não faça a ninguém o que não gostaria que te fizessem”. A moral natural certamente está inscrita no coração dos homens; porém, todos sabem lê-la? Nunca lhe desprezaram **os** sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam aqueles mesmos que a ensinam? Ela não se tornou uma letra morta, uma

Portanto, o Espiritismo só estabelece como princípio absoluto aquilo que é demonstrado com evidência, ou o que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da organização social — aos quais presta apoio das suas próprias descobertas —, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que tenham chegado ao estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria; deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu objetivo providencial. *Caminhando ao lado do progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem que ele está em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.* (8)

(8) Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas, quais as que se contêm neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal informadas emprestam à doutrina. Aliás, estas declarações não são novas; temos repetido isso muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que nenhuma dúvida persista a tal respeito. Ao demais, elas assinalam o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador.

56.- Qual a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, já que não é outra **coisa** senão aquela do Cristo? O homem carece de uma revelação, e não poderia achar em si próprio tudo o que é necessário para se conduzir?

Do ponto de vista moral, sem dúvida que Deus concedeu ao homem um guia na consciência, que lhe diz: “Não faça a ninguém o que não gostaria que te fizessem”. A moral natural certamente está inscrita no coração dos homens; porém, todos sabem lê-la? Nunca lhe desprezaram **seus** sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam aqueles mesmos que a ensinam? Ela não se tornou uma letra morta, uma

bela teoria, boa para os outros e não para si? Reprovarão que um pai repita dez vezes ou cem vezes as mesmas instruções aos seus filhos, se eles não as sigam? Por que Deus faria menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos a tempos, mensageiros especiais aos homens, para lembrá-los os seus deveres e reconduzi-los ao bom caminho, quando deste se afastam? E para abrir os olhos da inteligência aos que os têm fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

Os Espíritos não ensinam outra moral senão aquela do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, a quem serve o seu ensinamento, já que só dizem aquilo que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que foi ensinada quinhentos anos antes dele por Sócrates e Platão, e em termos quase idênticos; de todos os moralistas que repetem as mesmas coisas sobre todos os tons e sobre todas as formas. Pois bem! *os Espíritos vêm simplesmente aumentar o número dos moralistas*, com a diferença de que, manifestando-se em toda parte, tanto se fazem ouvir na cabana como no palácio, tanto aos ignorantes quanto aos instruídos.

O que o ensinamento dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que ligam os mortos e os vivos, que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, e que dão por sanção à sua doutrina cristã as próprias leis da natureza. Com a ajuda das novas luzes trazidas pelo Espiritismo e pelos Espíritos, o homem compreende a solidariedade que liga todos os seres; a caridade e a fraternidade tornam-se uma necessidade social; faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor.

Quando os homens praticarem a moral do Cristo, só então poderão dizer que não mais precisam de moralistas encarnados ou

bela teoria, boa para os outros e não para si? Reprovarão que um pai repita dez vezes ou cem vezes as mesmas instruções aos seus filhos, se eles não as sigam? Por que Deus faria menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos a tempos, mensageiros especiais aos homens, para lembrá-los os seus deveres e reconduzi-los ao bom caminho, quando deste se afastam? E para abrir os olhos da inteligência aos que os têm fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

Os Espíritos não ensinam outra moral senão aquela do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, a quem serve o seu ensinamento, já que só dizem aquilo que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que foi ensinada quinhentos anos antes dele por Sócrates e Platão, e em termos quase idênticos; de todos os moralistas que repetem as mesmas coisas sobre todos os tons e sobre todas as formas. Pois bem! *os Espíritos vêm simplesmente aumentar o número dos moralistas*, com a diferença de que, manifestando-se em toda parte, tanto se fazem ouvir na cabana como no palácio, tanto aos ignorantes quanto aos instruídos.

O que o ensinamento dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que ligam os mortos e os vivos, que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, e que dão por sanção à sua doutrina cristã as próprias leis da natureza. Com a ajuda das novas luzes trazidas pelo Espiritismo e pelos Espíritos, o homem compreende a solidariedade que liga todos os seres; a caridade e a fraternidade tornam-se uma necessidade social; faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor.

Quando os homens praticarem a moral do Cristo, só então poderão dizer que não mais precisam de moralistas encarnados ou

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

desencarnados; sendo assim, Deus também já não lhes enviará tais moralistas.

57.- Uma das questões mais importantes, entre as propostas no começo deste capítulo, é a seguinte: que autoridade tem a revelação espírita, uma vez que vem de seres de luzes limitadas e não infalíveis?

A objeção seria grave se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se a devêssemos receber exclusivamente deles e aceitá-la de olhos fechados; essa objeção fica sem valor desde o instante em que o homem dá a ela a contribuição de sua inteligência e do seu julgamento; que os Espíritos se limitam a colocar no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações e suas inumeráveis variedades são fatos; o homem os estuda e procura a sua lei; ele é auxiliado nesse trabalho por Espíritos de todas as categorias, que, na maioria das vezes, são mais *colaboradores* do que *reveladores*, no sentido usual do termo; Ele submete os seus dizeres ao exercício da lógica e do bom-senso; desta maneira, ele se beneficia dos conhecimentos especiais de que devem à sua posição, sem abdicar do uso de sua própria razão.

Como os Espíritos são simplesmente as almas dos homens, comunicando-nos com eles, *não nos colocamos fora da humanidade*, circunstância capital a considerarmos. Os homens sábios, que têm sido as bandeiras da Humanidade, vieram portanto do mundo dos Espíritos e para lá voltaram ao deixarem a Terra. Desde que os Espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos gênios podem lhes dar instruções sob a forma espiritual, como fizeram sob a forma corporal; eles podem nos instruir após sua morte, tal qual faziam quando vivos; eles apenas estão invisíveis, em vez de serem visíveis — essa é a única diferença. Sua experiência e sua sabedoria não

desencarnados; sendo assim, Deus também já não lhes enviará tais moralistas.

57.- Uma das questões mais importantes, entre as propostas no começo deste capítulo, é a seguinte: que autoridade tem a revelação espírita, uma vez que vem de seres de luzes limitadas e não infalíveis?

A objeção seria grave se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se a devêssemos receber exclusivamente deles e aceitá-la de olhos fechados; essa objeção fica sem valor desde o instante em que o homem dá a ela a contribuição de sua inteligência e do seu julgamento; que os Espíritos se limitam a colocar no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações e suas inumeráveis variedades são fatos; o homem os estuda e procura a sua lei; ele é auxiliado nesse trabalho por Espíritos de todas as categorias, que, na maioria das vezes, são mais *colaboradores* do que *reveladores*, no sentido usual do termo; Ele submete os seus dizeres ao exercício da lógica e do bom-senso; desta maneira, ele se beneficia dos conhecimentos especiais de que devem à sua posição, sem abdicar do uso de sua própria razão.

Como os Espíritos são simplesmente as almas dos homens, comunicando-nos com eles, *não nos colocamos fora da humanidade*, circunstância capital a considerarmos. Os homens sábios, que têm sido as bandeiras da Humanidade, vieram portanto do mundo dos Espíritos e para lá voltaram ao deixarem a Terra. Desde que os Espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos gênios podem lhes dar instruções sob a forma espiritual, como fizeram sob a forma corporal; eles podem nos instruir após sua morte, tal qual faziam quando vivos; eles apenas estão invisíveis, em vez de serem visíveis — essa é a única diferença. Sua experiência e sua sabedoria não

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

podem ser menores e se, como homens, a palavra deles tinha autoridade, não deve ter menos só porque estejam no mundo dos Espíritos.

58.- Mas, não são só Espíritos superiores que se manifestam, são também Espíritos de todas as categorias e isso era necessário, para nos iniciarmos no verdadeiro caráter do mundo espiritual, mostrando-nos este por todas as suas faces; por isso, as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas e a conectividade é ser mais evidente. Vemos mais claramente donde viemos e para onde vamos; esse é o objeto essencial das manifestações. Todos os Espíritos — qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem — nos ensinam alguma coisa; porém, como eles são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que há neles de bom ou de mau, e tirar o proveito que implica nos seus ensinamentos; ora, seja quem for, todos podem nos ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca saberíamos.

59.- Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem dúvidas, mas cuja ação é restrita e necessariamente lenta para se propagar. Que um só dentre eles — fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão — viesse nesses tempos modernos revelar aos homens o estado do mundo espiritual, quem poderia provar a veracidade das suas afirmativas, nesta época de ceticismo? Não o tomariam por sonhador ou utopista? E mesmo admitindo que ele fosse a verdade absoluta, séculos **se escoariam**<sup>15</sup> até que suas ideias fossem aceitas pelas massas. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos*, não por encarnados, a fim de convencer de sua existência, e que tivesse lugar simultaneamente por toda a Terra — seja

podem ser menores e se, como homens, a palavra deles tinha autoridade, não deve ter menos só porque estejam no mundo dos Espíritos.

58.- Mas, não são só Espíritos superiores que se manifestam, são também Espíritos de todas as categorias e isso era necessário, para nos iniciarmos no verdadeiro caráter do mundo espiritual, mostrando-nos este por todas as suas faces; por isso, as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas e a conectividade é ser mais evidente. Vemos mais claramente donde viemos e para onde vamos; esse é o objeto essencial das manifestações. Todos os Espíritos — qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem — nos ensinam alguma coisa; porém, como eles são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que há neles de bom ou de mau, e tirar o proveito que implica nos seus ensinamentos; ora, seja quem for, todos podem nos ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca saberíamos.

59.- Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem dúvidas, mas cuja ação é restrita e necessariamente lenta para se propagar. Que um só dentre eles — fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão — viesse nesses tempos modernos revelar aos homens o estado do mundo espiritual, quem poderia provar a veracidade das suas afirmativas, nesta época de ceticismo? Não o tomariam por sonhador ou utopista? E mesmo admitindo que ele fosse a verdade absoluta, séculos **se escoariam** até que suas ideias fossem aceitas pelas massas. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos*, não por encarnados, a fim de convencer de sua existência, e que tivesse lugar simultaneamente por toda a Terra — seja

<sup>15</sup> se **fussent** écoulés ⇒ se **seraient** écoulés



## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

para propagá-lo mais rapidamente, seja para que se encontrasse na coincidência do ensinamento uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio.

60.- Os Espíritos não vieram isentar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas; eles não lhe transmitirem nenhuma ciência inteiramente pronta. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças; isso é o que hoje os espíritas sabem perfeitamente. Há muito tempo a experiência tem demonstrado o erro da opinião que atribuía aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria, e que bastava dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, os Espíritos constituem uma de suas faces; assim como na Terra, também há entre eles superiores e vulgares; muitos deles sabem científica e filosoficamente menos do que certos homens; eles dizem o que sabem — nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os mais avançados podem nos instruir sobre muitas coisas e nos dar conselhos mais judiciosos do que os atrasados. *Pedir conselhos aos Espíritos não é, portanto, endereçar-se às potências sobrenaturais, mas a seus semelhantes, àqueles mesmos a quem se endereçaria aos seus vivos; a seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que nós.* Disto é que importa que todos se convençam e o que ignoram aqueles que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem uma ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

61.- Então, qual a utilidade dessas manifestações, ou se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem? Primeiramente, como temos dito, eles se abstêm de

para propagá-lo mais rapidamente, seja para que se encontrasse na coincidência do ensinamento uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio.

60.- Os Espíritos não vieram isentar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas; eles não lhe transmitirem nenhuma ciência inteiramente pronta. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças; isso é o que hoje os espíritas sabem perfeitamente. Há muito tempo a experiência tem demonstrado o erro da opinião que atribuía aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria, e que bastava dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, os Espíritos constituem uma de suas faces; assim como na Terra, também há entre eles superiores e vulgares; muitos deles sabem científica e filosoficamente menos do que certos homens; eles dizem o que sabem — nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os mais avançados podem nos instruir sobre muitas coisas e nos dar conselhos mais judiciosos do que os atrasados. *Pedir conselhos aos Espíritos não é, endereçar-se às potências sobrenaturais, mas a seus semelhantes, àqueles mesmos a quem se endereçaria aos seus vivos; a seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que nós.* Disto é que importa que todos se convençam e o que ignoram aqueles que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem uma ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

61.- Então, qual a utilidade dessas manifestações, ou se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem? Primeiramente, como temos dito, eles se abstêm de

nos dar aquilo que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o nosso grau de adiantamento não comporta. Fora isto, as condições da sua nova existência estende o círculo das suas percepções; eles veem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria e isentos dos cuidados da vida corpórea, eles apreciam as coisas de um ponto mais elevado e, por isso mesmo, mais sadiamente; sua perspicácia abrange um horizonte mais vasto; eles compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos prejuízos humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos sobre a humanidade corpórea, e que seus conselhos podem ser — segundo o grau de adiantamento que alcançaram — mais acertados e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite também nos iniciar nas coisas da vida futura que ignoramos, e que não podemos aprender naquele em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulou hipóteses sobre o seu porvir; daí porque suas crenças a esse respeito se dividem em sistemas tão numerosos e divergentes, desde o nadismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer o que ele seja e só *eles o podiam fazer*. Suas manifestações, por fim, serviram para nos dar a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos; e só esse conhecimento seria de capital importância, em supondo que os Espíritos fossem incapazes de nada mais nos ensinar.

Se vocês fossem a um país novo para vocês, recusarão as informações que o mais humilde camponês que encontrassem? Deixarão de interrogá-lo sobre o estado dos caminhos, simplesmente por ser ele um camponês?

nos dar aquilo que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o nosso grau de adiantamento não comporta. Fora isto, as condições da sua nova existência estende o círculo das suas percepções; eles veem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria e isentos dos cuidados da vida corpórea, eles apreciam as coisas de um ponto mais elevado e, por isso mesmo, mais sadiamente; sua perspicácia abrange um horizonte mais vasto; eles compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos prejuízos humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos sobre a humanidade corpórea, e que seus conselhos podem ser — segundo o grau de adiantamento que alcançaram — mais acertados e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite também nos iniciar nas coisas da vida futura que ignoramos, e que não podemos aprender naquele em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulou hipóteses sobre o seu porvir; daí porque suas crenças a esse respeito se dividem em sistemas tão numerosos e divergentes, desde o nadismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer o que ele seja e só *eles o podiam fazer*. Suas manifestações, por fim, serviram para nos dar a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos; e só esse conhecimento seria de capital importância, em supondo que os Espíritos fossem incapazes de nada mais nos ensinar.

Se vocês fossem a um país novo para vocês, recusarão as informações que o mais humilde camponês que encontrassem? Deixarão de interrogá-lo sobre o estado dos caminhos, simplesmente por ser ele um camponês?

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

Certamente não esperariam dele esclarecimentos de grande alcance, mas tal como ele é, na sua esfera, poderá lhes informar sobre alguns pontos melhor do que um sábio que não **conheça**<sup>16</sup> o país. Vocês tirarão das indicações dele as consequências que ele próprio não tiraria, mas nem por isso ele deixaria de ser um instrumento útil às suas observações, embora apenas servisse para lhes informar acerca dos costumes dos camponeses. É o mesmo nas relações com os Espíritos, em que até o menor pode nos ensinar alguma coisa.

62.- Uma comparação simples fará compreender a situação ainda melhor:

Um navio carregado de emigrantes parte para um destino longínquo; leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Ficamos sabendo que esse navio naufragou e nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte; acredita-se que todos os passageiros morreram e o luto está em todas as famílias. Entretanto, a tripulação inteira, sem exceção de um único homem, chegou a uma terra desconhecida, **terra** abundante e fértil, onde todos vivem felizes sob um céu clemente — que nós ignoramos. Ora, eis que um dia outro navio aporta a essa terra e lá encontra os naufragos sãos e salvos. A feliz novidade se espalha com a rapidez do relâmpago. Cada qual se diz: “Os nossos amigos não morreram!” **E** eles rendem **graça** a Deus. Eles não podem se ver, mas se correspondem; eles trocam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são queridos e a certeza de que a eles nos reuniremos

Certamente não esperariam dele esclarecimentos de grande alcance, mas tal como ele é, na sua esfera, poderá lhes informar sobre alguns pontos melhor do que um sábio que não **conheça** o país. Vocês tirarão das indicações dele as consequências que ele próprio não tiraria, mas nem por isso ele deixaria de ser um instrumento útil às suas observações, embora apenas servisse para lhes informar acerca dos costumes dos camponeses. É o mesmo nas relações com os Espíritos, em que até o menor pode **servir para** nos ensinar alguma coisa.

62.- Uma comparação simples fará compreender a situação ainda melhor:

Um navio carregado de emigrantes parte para um destino longínquo; leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Ficamos sabendo que esse navio naufragou e nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte; acredita-se que todos os passageiros morreram e o luto está em todas as famílias. Entretanto, a tripulação inteira, sem exceção de um único homem, chegou a uma terra desconhecida, abundante e fértil, onde todos vivem felizes sob um céu clemente — que nós ignoramos. Ora, eis que um dia outro navio aporta a essa terra e lá encontra os naufragos sãos e salvos. A feliz novidade se espalha com a rapidez do relâmpago. Cada qual se diz: “Os nossos amigos não morreram!” **e** eles rendem **graças** a Deus. Eles não podem se ver, mas se correspondem; eles trocam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são queridos e a certeza de que a eles nos reuniremos

<sup>16</sup> **connaît** ⇒ **connaître**

um dia; a dúvida sobre a sorte deles e a nossa não existe mais;. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas, outros resultados fertilizam essa revelação. Deus, julgando a humanidade madura para penetrar os mistérios de sua destinação e contemplar de sangue frio novas maravilhas, permitiu que o véu que separava o mundo invisível ao mundo visível fosse erguido. As manifestações nada têm de extra-humanas; *é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal* e dizer-lhe:

“Nós existimos, logo, o nada não existe; eis o que somos e eis o que vocês serão; o futuro está para vocês como está para nós. Vocês caminham nas trevas e nós viemos lhes clarear o caminho e traçar o roteiro; andam ao acaso, viemos lhes apontar a meta. A vida terrena era tudo para vocês, porque nada viam além dela; viemos lhes dizer, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre não é nada. A sua visão se detinha no túmulo, nós lhes desvendamos, para além, um esplêndido horizonte. Não sabiam por que sofrem na Terra; agora, no sofrimento, vocês enxergam a justiça de Deus. O bem era sem fruto aparente para o futuro. De agora em diante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, não passava de uma bela teoria, e agora está assentada numa lei da natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vocês e a vossa palavra de ordem é: ‘Cada um por si’. Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito e o vazio e a solidão não são nenhum lugar; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: ‘Um por todos e todos por um’. Enfim, ao término da vida, vocês davam eterno adeus aos que lhes são caros; agora, dizem: ‘Até breve!’”

Em resumo, estes são os resultados da

um dia; a dúvida sobre a sorte deles e a nossa não existe mais;. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas, outros resultados fertilizam essa revelação. Deus, julgando a humanidade madura para penetrar os mistérios de sua destinação e contemplar de sangue frio novas maravilhas, permitiu que o véu que separava o mundo invisível ao mundo visível fosse erguido. As manifestações nada têm de extra-humanas; *é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal* e dizer-lhe:

“Nós existimos, logo, o nada não existe; eis o que somos e eis o que vocês serão; o futuro está para vocês como está para nós. Vocês caminham nas trevas e nós viemos lhes clarear o caminho e traçar o roteiro; andam ao acaso, viemos lhes apontar a meta. A vida terrena era tudo para vocês, porque nada viam além dela; viemos lhes dizer, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre não é nada. A sua visão se detinha no túmulo, nós lhes desvendamos, para além, um esplêndido horizonte. Não sabiam por que sofrem na Terra; agora, no sofrimento, vocês enxergam a justiça de Deus. O bem era sem fruto aparente para o futuro. De agora em diante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, não passava de uma bela teoria, e agora está assentada numa lei da natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vocês e a vossa palavra de ordem é: ‘Cada um por si’. Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito e o vazio e a solidão não são nenhum lugar; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: ‘Um por todos e todos por um’. Enfim, ao término da vida, vocês davam eterno adeus aos que lhes são caros; agora, dizem: ‘Até breve!’”

Em resumo, estes são os resultados da

## CAPÍTULO I - Características da Revelação Espírita.

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

revelação nova, que veio encher o vazio escavado pela incredulidade, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e dar a **toda coisa** uma razão de ser. Esse resultado é sem importância, porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, nem dar sabedoria aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem luta? Entretanto, os frutos que o homem deve colher dela não são somente para a vida futura; ele **os colherá** na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus.

Portanto, a revelação tem por objeto pôr o homem na posse de certas verdades que ele não poderia adquirir sozinho, e isso em vista de ativar o progresso. Essas verdades se limitam em geral aos princípios fundamentais destinados a colocá-lo no caminho de investigações, e não ao de conduzi-lo para a borda; são os marcos que lhe mostram o objetivo: a tarefa de estudá-los e lhe deduzir as aplicações; longe de isentá-lo do trabalho, são os novos elementos fornecidos para a sua atividade.

revelação nova, que veio encher o vazio escavado pela incredulidade, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e dar a **todas as coisas** uma razão de ser. Esse resultado é sem importância, porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, nem dar sabedoria aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem luta? Entretanto, os frutos que o homem deve colher dela não são somente para a vida futura; ele **os saboreará** na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus, **anunciado pelo Cristo (9)**.

(9) A anteposição do artigo à palavra *Cristo* (do grego *Cristos*, unguido), empregada em sentido absoluto, é mais correta, atento que essa palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada substantivamente. Diremos pois: Jesus era *Cristo*; era o *Cristo* anunciado; a morte *do Cristo* e não de *Cristo*, ao passo que se diz: a morte de *Jesus* e não *do Jesus*. Em *Jesus Cristo*, as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. É pela mesma razão que se diz: o *Buda*; Gautama conquistou a dignidade de *Buda* por suas virtudes e austeridades. Diz-se: a vida *do Buda*, do mesmo modo que: o exército *do Faraó* e não de *Faraó*; Henrique IV era *rei*; o título de *rei*; a morte *do rei* e não de *rei*.

Existência de Deus - Da natureza divina - A providência - A visão de Deus

Existência de Deus - Da natureza divina - A providência - A visão de Deus

EXISTÊNCIA DE DEUS.

EXISTÊNCIA DE DEUS.

1.- Deus, sendo a causa primária de todas as coisas, o ponto de partida de tudo o que existe e a base do edifício da criação, também é o ponto que devemos considerar antes de tudo.

1.- Deus, sendo a causa primária de todas as coisas, o ponto de partida de tudo o que existe e a base do edifício da criação, também é o ponto que devemos considerar antes de tudo.

É um princípio elementar que julgamos uma causa pelos seus efeitos, mesmo quando não se vê essa causa. **A ciência vai mais longe: ela calcula a grandeza da causa pela grandeza do efeito, e pode até determinar sua natureza. É assim, por exemplo, que a astronomia chegou à conclusão da existência dos planetas em regiões determinadas do espaço, através do conhecimento das leis que regem o movimento dos astros; procuraram e encontraram planetas, pelo que, na realidade, podemos em verdade dizer que eles foram descobertos antes que tivessem sido vistos.**

2.- É um princípio elementar que julgamos uma causa pelos seus efeitos, mesmo quando não se vê essa causa.

2.- **Numa ordem de fatos mais comuns, se estamos imersos num nevoeiro espesso, diante de uma claridade difusa nós julgamos que o sol está sobre o horizonte, embora não estejamos vendo o Sol.** Se um pássaro que percorre os ares é atingido por um chumbo mortal, deduzimos que um hábil atirador o alvejou, ainda que não estejamos vendo esse atirador. Portanto, nem sempre se faz necessário ter visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, é observando os efeitos que chegamos ao conhecimento das causas.

Se um pássaro que percorre os ares é atingido por um chumbo mortal, deduzimos que um hábil atirador o alvejou, ainda que não estejamos vendo esse atirador. Portanto, nem sempre se faz necessário ter visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, é observando os efeitos que chegamos ao conhecimento das causas.

3.- Outro princípio também elementar, e que passou à condição de axioma pela força da verdade, é o de que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.

3.- Outro princípio também elementar, e que passou à condição de axioma pela força da verdade, é o de que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.

Se perguntássemos qual é o construtor de tal

Se perguntássemos qual é o construtor de tal

mecanismo engenhoso, **o arquiteto de tal monumento, o escultor de tal estátua ou o pintor de tal quadro**, que pensaríamos daquele que respondesse **que esta** se fez sozinha? Quando contemplamos uma obra-prima de arte ou da indústria, dizemos ser o produto de um homem inteligente, porque só uma alta inteligência poderia ter presidido a sua confecção; julgamos nada menos que um homem deve tê-la feito, pois sabemos que a coisa não está acima da capacidade humana, mas não virá a ninguém a ideia de dizer que ela saiu da cabeça de um idiota ou de um ignorante, e menos ainda que ela é fruto de um animal ou produto do acaso.

4.- Em toda parte se reconhece a presença do homem pelas suas obras. **Se vocês aportassem uma terra desconhecida, fosse ela um deserto, e lá descobrissem o menor vestígio de trabalhos humanos, vocês concluiriam que lá habitam homens ou que eles tenham habitado essa região.** A existência dos homens antediluvianos não seria provada apenas por meio dos fósseis humanos: mas também — e com muita certeza — pela presença de objetos trabalhados pelos homens, nos terrenos daquela época. Um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma ou um tijolo bastariam para atestar sua existência. Pela grosseria ou perfeição do trabalho reconheceríamos o grau de inteligência ou de adiantamento daqueles que executaram essas obras. Portanto, se por acaso vocês se encontram num país habitado exclusivamente por selvagens e descobrem uma estátua digna de Fídias, não hesitariam em dizer que selvagens eram incapazes de tê-la feito e ela deveria ter sido obra de uma inteligência superior àqueles selvagens.

5.- Pois bem! Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da natureza, notando a providência, a sabedoria, a harmonia que rege

mecanismo engenhoso,

que pensaríamos daquele que respondesse **que ele** se fez sozinha? Quando contemplamos uma obra-prima de arte ou da indústria, dizemos ser o produto de um homem inteligente, porque só uma alta inteligência poderia ter presidido a sua confecção; julgamos nada menos que um homem deve tê-la feito, pois sabemos que a coisa não está acima da capacidade humana, mas não virá a ninguém a ideia de dizer que ela saiu da cabeça de um idiota ou de um ignorante, e menos ainda que ela é fruto de um animal ou produto do acaso.

4.- Em toda parte se reconhece a presença do homem pelas suas obras.

A existência dos homens antediluvianos não seria provada apenas por meio dos fósseis humanos: mas também — e com muita certeza — pela presença de objetos trabalhados pelos homens, nos terrenos daquela época. Um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma ou um tijolo bastariam para atestar sua existência. Pela grosseria ou perfeição do trabalho reconheceríamos o grau de inteligência ou de adiantamento daqueles que executaram essas obras. Portanto, se por acaso vocês se encontram num país habitado exclusivamente por selvagens e descobrem uma estátua digna de Fídias, não hesitariam em dizer que selvagens eram incapazes de tê-la feito e ela deveria ter sido obra de uma inteligência superior àqueles selvagens.

5.- Pois bem! Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da natureza, notando a providência, a sabedoria, a harmonia que rege

tudo, reconhecemos não haver nenhuma que não ultrapasse o mais alto porte da inteligência humana, **porque o maior gênio da Terra não saberia criar a menor folha de grama.** Desde que a **inteligência humana** não pode produzir tais obras, é que elas são produto de uma inteligência superior à Humanidade. **Essa harmonia e essa sabedoria, estendendo-se desde o grão de areia e o ácaro, até os incontáveis astros que circundam o espaço, é preciso concluir essa inteligência alcança o infinito,** a menos que se diga que há efeitos sem causa.

6.- A isto alguns opõem o seguinte raciocínio:

As obras ditas da natureza são o produto de forças materiais que agem mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos imóveis se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, por virtude daquelas mesmas leis; cada indivíduo se assemelha à espécie da qual proveio; o crescimento, a floração, a frutificação e a coloração são subordinados às causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não prova a ação de uma inteligência livre. O homem movimenta o braço quando quer e como quer; porém, aquele que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato; ora, as forças orgânicas da natureza, **consideradas em seu conjunto,** são **de alguma forma** automáticas.

Tudo isso é verdade; mas, essas forças são efeitos que hão de ter uma causa, e ninguém **pretendeu** que elas constituíssem a **divindade.** Elas são materiais e mecânicas; não são inteligentes por si mesmas, também isto é verdade; mas, são postas

tudo, reconhecemos não haver nenhuma que não ultrapasse o mais alto porte da inteligência humana.

Desde que o **homem** não pode produzir tais obras, é que elas são produto de uma inteligência superior à Humanidade

a menos que se diga que há efeitos sem causa.

6.- A isto alguns opõem o seguinte raciocínio:

As obras ditas da natureza são o produto de forças materiais que agem mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos imóveis se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, por virtude daquelas mesmas leis; cada indivíduo se assemelha à espécie da qual proveio; o crescimento, a floração, a frutificação e a coloração são subordinados às causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não prova a ação de uma inteligência livre. O homem movimenta o braço quando quer e como quer; porém, aquele que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato; ora, as forças orgânicas da natureza, são **puramente** automáticas.

Tudo isso é verdade; mas, essas forças são efeitos que hão de ter uma causa, e ninguém **pretende** que elas constituíssem a **Divindade.** Elas são materiais e mecânicas; não são inteligentes por si mesmas, também isto é verdade; mas, são postas



em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente que denotam uma causa inteligente. Um pêndulo se move com uma regularidade automática e é nessa regularidade que está o seu mérito. A força que faz esse pêndulo se mover é toda material e nada tem de inteligente. Mas, que seria desse pêndulo se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, **distribuído** o emprego daquela força, para fazê-lo andar com precisão? Do fato de a inteligência não estar no mecanismo do pêndulo e de que ninguém a vê, seria racional deduzir-se que ela não existe? Apreciamos essa inteligência pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo confirma a inteligência e o saber do relojoeiro. Quando **vemos um desses relógios complexos, que marcam a hora das principais cidades do mundo, o movimento dos astros que percorrem o espaço, que, enfim, parece falar conosco** nos dá a indicação da hora no momento preciso, já nos terá vindo à mente dizer: "aí está um relógio bem inteligente?".

Do mesmo modo ocorre com o mecanismo do Universo: **Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras.**

7.- A existência de Deus é portanto uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos **mais** selvagens não tiveram nenhuma revelação e, entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano; **é que os selvagens, por si mesmos, não fogem às consequências lógicas;** eles veem coisas que estão acima do poder do humano e deduzem que essas coisas vêm de um ser superior à Humanidade.

em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente que denotam uma causa inteligente. Um pêndulo se move com uma regularidade automática e é nessa regularidade que está o seu mérito. A força que faz esse pêndulo se mover é toda material e nada tem de inteligente. Mas, que seria desse pêndulo se uma inteligência não houvesse combinado, calculado o emprego daquela força, para fazê-lo andar com precisão? Do fato de a inteligência não estar no mecanismo do pêndulo e de que ninguém a vê, seria racional deduzir-se que ela não existe? Apreciamos essa inteligência pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo confirma a inteligência e o saber do relojoeiro. Quando **um pêndulo**

nos dá a indicação da hora no momento preciso, já nos terá vindo à mente dizer: "aí está um relógio bem inteligente?".

Do mesmo modo ocorre com o mecanismo do Universo: **Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras.**

7.- A existência de Deus é portanto uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens não tiveram nenhuma revelação e, entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano;

eles veem coisas que estão acima do poder do humano e deduzem que essas coisas vêm de um ser superior à Humanidade. **Não são eles mais lógicos do que aqueles que pretendem que tais coisas se fizeram por si mesmas?**

## DA NATUREZA DIVINA.

8.- Não é permitido ao homem sondar a natureza íntima de Deus. **Temerário será aquele que pretenda levantar o véu que o oculta da nossa vista; nos falta ainda o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito.** Mas, se **ele** não pode penetrar na essência de Deus, sendo a existência divina dada como premissa, o homem pode chegar pelo raciocínio ao conhecimento dos seus atributos necessários; porque, vendo o que ele **não pode**<sup>1</sup> ser sem deixar de ser Deus, deduz-se daí o que ele deve ser.

Sem o conhecimento das qualidades de Deus, seria impossível compreendermos a obra da criação; esse é o ponto de partida de todas as crenças religiosas, e foi pela falta de se recorrerem a isso, como a um farol que poderia lhes guiar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. Aquelas que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram vários deuses; as que não lhe atribuíram soberana bondade fizeram dele um **Deus** ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9.- *Deus é a inteligência suprema e soberana.* A inteligência do homem é limitada, pois que não pode fazer e nem compreender tudo o que existe. A de Deus, que abrange o infinito, deve ser infinita. Se a imaginássemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer aquilo que o primeiro não faria, e assim por diante até ao infinito.

10.- *Deus é eterno,* isto é, não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada. Ora, não sendo coisa alguma, o nada não pode produzir nada. Ou melhor, se ele tivesse sido

## DA NATUREZA DIVINA.

8.- Não é permitido ao homem sondar a natureza íntima de Deus. **Para compreender Deus, nos falta ainda o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito.** Mas, se **o homem** não pode penetrar na essência de Deus, sendo a existência divina dada como premissa, o homem pode chegar pelo raciocínio ao conhecimento dos seus atributos necessários; porque, vendo o que ele **não pode** ser sem deixar de ser Deus, deduz-se daí o que ele deve ser.

Sem o conhecimento das qualidades de Deus, seria impossível compreendermos a obra da criação; esse é o ponto de partida de todas as crenças religiosas, e foi pela falta de se recorrerem a isso, como a um farol que poderia lhes guiar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. Aquelas que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram vários deuses; as que não lhe atribuíram soberana bondade fizeram dele um **deus** ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9.- *Deus é a inteligência suprema e soberana.* A inteligência do homem é limitada, pois que não pode fazer e nem compreender tudo o que existe. A de Deus, que abrange o infinito, deve ser infinita. Se a imaginássemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer aquilo que o primeiro não faria, e assim por diante até ao infinito.

10.- *Deus é eterno,* isto é, não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada. Ora, não sendo coisa alguma, o nada não pode produzir nada. Ou melhor, se ele tivesse sido

<sup>1</sup> ne peut **pas** ⇒ ne peut **point**

criado por outro ser anterior, nesse caso, este outro ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou um fim, poderíamos então conceber uma entidade existente antes dele e capaz de sobreviver a ele, e assim por diante ao infinito.

11.- *Deus é imutável.* Se ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

12.- *Deus é imaterial,* isto é, sua natureza difere de tudo o que **chamamos matéria**; de outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não tem forma apreciável aos nossos sentidos, sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem — que não conhece nada mais além de si mesmo — **ele** toma a si próprio por modelo de comparação para tudo o que não compreende. Essas imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas e envolto num manto são ridículas; elas têm o inconveniente de rebaixar o **ser** supremo até as mesquinhas proporções da Humanidade; daí, para lhe atribuírem as paixões humanas e a fazerem dele um Deus colérico e ciumento não falta um passo.

13.- *Deus é todo-poderoso.* Se ele não possuísse o poder supremo, poderíamos imaginar um ser mais poderoso e assim por diante, até encontrarmos o ser que nenhum outro pudesse ultrapassasse em potência e então esse outro é que seria Deus. **Ele não teria feito todas as coisas, e o que não tivesse feito seria obra de outro deus.**

14.- *Deus é soberanamente justo e bom.* A providencial sabedoria das leis divinas se revela tanto nas mais pequeninas coisas quanto nas maiores, e essa sabedoria não permite que se duvide da sua justiça, nem da sua bondade. **Essas**

criado por outro ser anterior, nesse caso, este outro ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou um fim, poderíamos então conceber uma entidade existente antes dele e capaz de sobreviver a ele, e assim por diante ao infinito.

11.- *Deus é imutável.* Se ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

12.- *Deus é imaterial,* isto é, sua natureza difere de tudo o que **chamamos matéria**; de outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não tem forma apreciável aos nossos sentidos, sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem — que não conhece nada mais além de si mesmo — **toma** a si próprio por modelo de comparação para tudo o que não compreende. Essas imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas e envolto num manto são ridículas; elas têm o inconveniente de rebaixar o **Ser** supremo até as mesquinhas proporções da Humanidade; daí, para lhe atribuírem as paixões humanas e a fazerem dele um Deus colérico e ciumento não falta um passo.

13.- *Deus é todo-poderoso.* Se ele não possuísse o poder supremo, poderíamos imaginar um ser mais poderoso e assim por diante, até encontrarmos o ser que nenhum outro pudesse ultrapassasse em potência e então esse outro é que seria Deus.

14.- *Deus é soberanamente justo e bom.* A providencial sabedoria das leis divinas se revela tanto nas mais pequeninas coisas quanto nas maiores, e essa sabedoria não permite que se duvide da sua justiça, nem da sua bondade.

duas qualidades implicam todas as outras; se as supúnhamos limitadas, nem que fosse num só ponto, poderíamos conceber um ser que as possuíssem num grau mais alto, e que seria superior a Deus.

A infinidade de uma qualidade exclui a possibilidade de existência de uma qualidade contrária que a diminuiria ou a anularia. Um ser *infinitamente bom* não poderia ter a menor parcela de maldade, nem o ser *infinitamente mau* poderia ter a menor parcela de bondade, do mesmo modo que um objeto não pode ser de um negro absoluto, com a mais ligeira tonalidade de branco, nem de um branco absoluto com o mais pequenino ponto preto.

Pois então, Deus não poderia ser ao mesmo tempo bom e mau, porque, não possuindo qualquer dessas duas qualidades no grau supremo, ele não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao capricho e não haveria estabilidade em nada. Consequentemente, Ele não poderia deixar de ser ou infinitamente bom ou infinitamente mau; **se fosse infinitamente mal, não faria nada de bom;** ou, como suas obras testemunham sua sabedoria, sua bondade e seu zelo, concluiremos que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, ele necessariamente tem de ser infinitamente bom.

A soberana bondade resulta a soberana justiça, pois se ele agisse injustamente ou com parcialidade em **uma só circunstância**, ou com relação **a uma só de suas criaturas**, já não seria soberanamente justo e, em consequência, já não seria soberanamente *bom*.

15.- *Deus é infinitamente perfeito.* É impossível concebermos Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, porque sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa

A infinidade de uma qualidade exclui a possibilidade de existência de uma qualidade contrária que a diminuiria ou a anularia. Um ser *infinitamente bom* não poderia ter a menor parcela de maldade, nem o ser *infinitamente mau* poderia ter a menor parcela de bondade, do mesmo modo que um objeto não pode ser de um negro absoluto, com a mais ligeira tonalidade de branco, nem de um branco absoluto com o mais pequenino ponto preto.

Pois então, Deus não poderia ser ao mesmo tempo bom e mau, porque, não possuindo qualquer dessas duas qualidades no grau supremo, ele não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao capricho e não haveria estabilidade em nada. Consequentemente, Ele não poderia deixar de ser ou infinitamente bom ou infinitamente mau;

ou, como suas obras testemunham sua sabedoria, sua bondade e seu zelo, concluiremos que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, ele necessariamente tem de ser infinitamente bom.

A soberana bondade resulta a soberana justiça, pois se ele agisse injustamente ou com parcialidade em **uma só circunstância**, ou com relação **a uma só de suas criaturas**, já não seria soberanamente justo e, em consequência, já não seria soberanamente *bom*.

15.- *Deus é infinitamente perfeito.* É impossível concebermos Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, porque sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa

ultrapassá-lo, faz-se preciso que ele seja infinito em tudo.

Como os atributos de Deus são infinitos, não são sujeitos nem de aumento e nem de diminuição, sem o que eles não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se tirássemos de qualquer dos atributos a mais mínima parcela, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito.

16.- *Deus é único.* A unicidade de Deus é resultado da infinidade absoluta das perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao seu poder, e então não seria Deus. Se houvesse entre ambos igualdade absoluta, isso seria por toda a eternidade um mesmo pensamento, uma mesma vontade e um mesmo poder; assim, confundidos na sua identidade, não haveria na realidade mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas então, não existiria igualdade perfeita entre eles, pois que nenhum possuiria a suprema autoridade.

17.- É o desconhecimento do princípio da infinidade das perfeições de Deus que tem gerado o politeísmo — culto adotado por todos os povos primitivos; eles atribuíram a divindade a todo poder que lhes parecia acima da Humanidade; mais tarde, a razão os levou a mesclar essas diversas potências numa só. Depois, à medida que os homens foram compreendendo a essência dos atributos divinos, suprimiram de seus símbolos as crenças que o tornavam em negação.

18.- Em resumo, Deus não pode ser Deus senão sob a condição de não ser ultrapassado em nada por nenhum outro ser, pois o ser que o superasse no que quer que fosse, ainda que apenas

ultrapassá-lo, faz-se preciso que ele seja infinito em tudo.

Como os atributos de Deus são infinitos, não são sujeitos nem de aumento e nem de diminuição, sem o que eles não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se tirássemos de qualquer dos atributos a mais mínima parcela, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito.

16.- *Deus é único.* A unicidade de Deus é resultado da infinidade absoluta das perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao seu poder, e então não seria Deus. Se houvesse entre ambos igualdade absoluta, isso seria por toda a eternidade um mesmo pensamento, uma mesma vontade e um mesmo poder; assim, confundidos na sua identidade, não haveria na realidade mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas então, não existiria igualdade perfeita entre eles, pois que nenhum possuiria a suprema autoridade.

17.- É o desconhecimento do princípio da infinidade das perfeições de Deus que tem gerado o politeísmo — culto adotado por todos os povos primitivos; eles atribuíram a divindade a todo poder que lhes parecia acima da Humanidade; mais tarde, a razão os levou a mesclar essas diversas potências numa só. Depois, à medida que os homens foram compreendendo a essência dos atributos divinos, suprimiram de seus símbolos as crenças que o tornavam em negação.

18.- Em resumo, Deus não pode ser Deus senão sob a condição de não ser ultrapassado em nada por nenhum outro ser, pois o ser que o superasse no que quer que fosse, ainda que apenas

na grossura de um cabelo, é que seria o verdadeiro Deus; por isso, é indispensável que ele seja infinito em todas as coisas.

Assim, estando a existência de Deus comprovada pelas suas obras, chegamos, pela simples dedução lógica, a determinar os atributos que lhe caracterizam.

19.- Portanto, Deus é *a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições*, e não pode ser de outra forma.

Tal é a sustentação sobre a qual repousa o edifício universal; esse é o farol cujos raios se estendem por sobre o Universo inteiro, a única luz capaz de guiar o homem na busca da verdade; orientando-se por essa luz, ele nunca se enganará, e se o homem tem errado tantas vezes, é por não ter seguido o roteiro que lhe estava sendo indicado.

Tal também é o critério **infalível** de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Para apreciá-las, o homem dispõe de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar a si mesmo com certeza que **toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só desses atributos, que tenda não só a anulá-lo, mas simplesmente a diminuí-lo, não pode estar com a verdade.**

*Em filosofia, em psicologia, em moral, em religião, só há de verdadeiro o que não se afaste — nem que seja um til — das qualidades essenciais da **divindade**.* A religião perfeita será aquela que não contenha **entre seus artigos de fé** nenhum que esteja em oposição com aquelas qualidades, em que todos os seus dogmas suportem a prova desse controle, sem sofrer nenhum dano.

A PROVIDÊNCIA.

na grossura de um cabelo, é que seria o verdadeiro Deus; por isso, é indispensável que ele seja infinito em todas as coisas.

Assim, estando a existência de Deus comprovada pelas suas obras, chegamos, pela simples dedução lógica, a determinar os atributos que lhe caracterizam.

19.- Portanto, Deus é *a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições*, e não pode ser de outra forma.

Tal é a sustentação sobre a qual repousa o edifício universal; esse é o farol cujos raios se estendem por sobre o Universo inteiro, a única luz capaz de guiar o homem na busca da verdade; orientando-se por essa luz, ele nunca se enganará, e se o homem tem errado tantas vezes, é por não ter seguido o roteiro que lhe estava sendo indicado.

Tal também é o critério **infalível** de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Para apreciá-las, o homem dispõe de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar a si mesmo com certeza que **toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só desses atributos, que tenda não só a anulá-lo, mas simplesmente a diminuí-lo, não pode estar com a verdade.**

*Em filosofia, em psicologia, em moral, em religião, só há de verdadeiro o que não se afaste — nem que seja um til — das qualidades essenciais da **Divindade**.* A religião perfeita será aquela que não contenha **entre seus artigos de fé** nenhum que esteja em oposição com aquelas qualidades, em que todos os seus dogmas suportem a prova desse controle, sem sofrer nenhum dano.

A PROVIDÊNCIA.

## CAPÍTULO II - Deus.

1ª Edição (1868)

20.- A providência é o cuidado de Deus para com **todas** as suas criaturas. Deus está em toda parte, vê tudo, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas; é nisto que consiste a ação providencial.

“Sendo Deus tão grande, tão poderoso e tão superior a tudo, como pode interferir em detalhes minúsculos, preocupar-se com os menores atos e com os menores pensamentos de cada indivíduo?” Esta é uma interrogação que propõe a **incredulidade**, donde **ela** conclui que, em admitindo a existência de Deus, sua ação só deva se estender sobre as leis gerais do Universo; que o Universo funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que seja preciso a intervenção incessante da **providência**.”

21.- No seu estado atual de inferioridade, os homens só muito dificilmente podem compreender que Deus seja infinito, uma vez que eles mesmos são limitados e circunscritos, e daí o imaginam também circunscrito e limitado, como eles; representam-no como um ser circunscrito e pintam uma imagem dele à semelhança deles. Nossos quadros em que o pintam com traços humanos não contribuem pouco para entreter esse erro no espírito das pessoas, que adoram nele mais a forma do que o pensamento. Para a maioria, Deus é um soberano poderoso, sentado num *trono* inacessível e perdido na imensidade dos céus, sendo suas capacidades e percepções restritas, não compreendem que Deus possa ou se digne de intervir diretamente nas pequeninas coisas.

22.- Na incapacidade em que o homem está de compreender a essência mesma da **divindade**, ele só pode fazer dela uma ideia aproximada com a ajuda de comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que ao menos servem para lhe

5ª Edição (1869/72)

20.- A providência é o cuidado de Deus para com as suas criaturas. Deus está em toda parte, vê tudo, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas; é nisto que consiste a ação providencial.

“Sendo Deus tão grande, tão poderoso e tão superior a tudo, como pode interferir em detalhes minúsculos, preocupar-se com os menores atos e com os menores pensamentos de cada indivíduo?” Esta é uma interrogação que propõe o **incrédulo**, donde **ele** conclui que, em admitindo a existência de Deus, sua ação só deva se estender sobre as leis gerais do Universo; que o Universo funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que seja preciso a intervenção incessante da **Providência**.”

21.- No seu estado atual de inferioridade, os homens só muito dificilmente podem compreender que Deus seja infinito, uma vez que eles mesmos são limitados e circunscritos, e daí o imaginam também circunscrito e limitado, como eles; representam-no como um ser circunscrito e pintam uma imagem dele à semelhança deles. Nossos quadros em que o pintam com traços humanos não contribuem pouco para entreter esse erro no espírito das pessoas, que adoram nele mais a forma do que o pensamento. Para a maioria, Deus é um soberano poderoso, sentado num *trono* inacessível e perdido na imensidade dos céus, sendo suas capacidades e percepções restritas, não compreendem que Deus possa ou se digne de intervir diretamente nas pequeninas coisas.

22.- Na incapacidade em que o homem está de compreender a essência mesma da **Divindade**, ele só pode fazer dela uma ideia aproximada com a ajuda de comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que ao menos servem para lhe

mostrar a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos, **é evidente que cada molécula desse fluido, encontrando-se em contato com cada molécula da matéria, produzirá sobre o corpo uma ação idêntica à aquela que produziria a totalidade do fluido. É isso o que a química demonstra todos os dias em proporções limitadas.**

**Esse** fluido, não sendo inteligente, atua mecanicamente apenas por meio das forças materiais; porém, se supusermos esse dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agiria, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade: verá, ouvirá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma ideia disso. Ele não é de si mesmo inteligente, porque é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito; **é pela consequência da sutileza desse fluido que os Espíritos penetram tudo, que perscrutam os nossos pensamentos mais íntimos, que veem e agem à distância; é a esse fluido, chegando a um certo grau de depuração, que os Espíritos superiores devem o dom da ubiquidade; basta um raio de seu pensamento dirigido sobre diversos pontos para que possam manifestar sua presença simultaneamente. A extensão dessa faculdade é subordinada ao grau de elevação e de depuração do Espírito. É ainda com a ajuda desse fluido que o próprio homem age à distância, pela força da vontade, sobre certos indivíduos; que ele modifica, dentro de certos limites, as propriedades da matéria, dá a certas substâncias inativas propriedades determinadas, repara as desordens orgânicas e opera as curas pela imposição das mãos.**

**23.-** Mas os Espíritos, por mais elevados que sejam, são criaturas limitadas nas suas faculdades,

mostrar a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos,

[junto parágrafos]

**esse** fluido, não sendo inteligente, atua mecanicamente apenas por meio das forças materiais; porém, se supusermos esse dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agiria, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade: verá, ouvirá e sentirá.

**23.-** As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma ideia disso. Ele não é de si mesmo inteligente, porque é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito.



seu poder e o alcance de suas percepções, e não saberia, sob esse aspecto, aproximar-se de Deus. Entretanto, eles podem nos servir de ponto de comparação. Aquilo que o Espírito só pode fazer num limite restrito, Deus, que é infinito, o faz nas propriedades indefinidas. Há também esta diferença: que a ação do Espírito é momentânea e subordinada às circunstâncias, enquanto que a de Deus é permanente; o pensamento do Espírito abarca apenas um tempo e um espaço circunscritos, enquanto o de Deus abarca o Universo e a eternidade. Numa palavra, entre os Espíritos e Deus, existe a distância do finito ao infinito.

24.- O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas é o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele quem o transmite, de certo modo fica *impregnado* dele, e na impossibilidade em que nos achamos de isolar o pensamento, este parece se confundir com um fluido, como o som parece se confundir com o ar, de tal sorte que, a bem dizer, podemos materializá-lo. Assim como dizemos que o ar se torna som, poderíamos — tomando o efeito pela causa — dizer que o fluido se torna inteligente.

25.- Seja assim ou não o pensamento de Deus, quer dizer, que ele atue diretamente ou por intermédio de um fluido, para a facilidade de nossa inteligência, **vamos representá-lo**<sup>2</sup> sob a forma concreta de um fluido inteligente preenchendo o Universo infinito e penetrando todas as partes da criação: *a natureza inteira é mergulhada no fluido divino*; ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que o conjunto, cada átomo desse fluido, se assim podemos nos exprimir, possuindo o pensamento — isto é, os atributos

O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas é o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele quem o transmite, de certo modo fica *impregnado* dele, e na impossibilidade em que nos achamos de isolar o pensamento, este parece se confundir com um fluido, como o som parece se confundir com o ar, de tal sorte que, a bem dizer, podemos materializá-lo. Assim como dizemos que o ar se torna som, poderíamos — tomando o efeito pela causa — dizer que o fluido se torna inteligente.

24.- Seja assim ou não o pensamento de Deus, quer dizer, que ele atue diretamente ou por intermédio de um fluido, para a facilidade de nossa inteligência, **vamos representá-lo** sob a forma concreta de um fluido inteligente preenchendo o Universo infinito e penetrando todas as partes da criação: *a natureza inteira é mergulhada no fluido divino*; ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que o conjunto, cada átomo desse fluido, se assim podemos nos exprimir, possuindo o pensamento — isto é, os atributos

<sup>2</sup> représentons-nous-la ⇒ représentons-la-nous

essenciais da **divindade**, e estando esse fluido em toda parte, tudo é submetido à sua ação inteligente, à sua providência e à sua solicitude; não há nenhum ser, por mais ínfimo **que seja**, que não seja repleto desse fluido. Então nos achamos constantemente na presença da **divindade**; não há uma só nenhuma das nossas ações que possamos subtrair de seu olhar; nosso pensamento está em contato incessante com o seu pensamento, e é com razão que dizemos que Deus lê as mais profundas dobras do nosso coração. *Estamos nele, como ele está em nós*, segundo a palavra do Cristo.

Para estender seu cuidado a todas as criaturas Deus não precisa então lançar o olhar do alto da imensidade; para que ele possa nos ouvir, nossas preces não precisam percorrer o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, porque ele está continuamente ao nosso lado e os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

**26.-** Longe de nós a ideia de materializar a divindade; a imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação, mas apropriada para dar uma ideia mais justa de Deus do que os quadros que o apresentam sob uma figura humana; ela tem o objetivo de fazer compreensível a possibilidade que Deus tem de estar em toda parte e de se ocupar com todas as coisas.

**27.-** Temos constantemente diante de nossas vistas um exemplo que nos permite fazer ideia da maneira como a ação de Deus pode ser exercida sobre as partes mais íntimas de todos os seres, e consequentemente como as mais sutis impressões de nossa alma chegam a ele. Esse exemplo foi tirado de uma instrução dada por um Espírito sobre tal assunto.

essenciais da **Divindade**, e estando esse fluido em toda parte, tudo é submetido à sua ação inteligente, à sua providência e à sua solicitude; não há nenhum ser, por mais ínfimo **que se suponha**, que não seja repleto desse fluido. Então nos achamos constantemente na presença da **Divindade**; não há uma só nenhuma das nossas ações que possamos subtrair de seu olhar; nosso pensamento está em contato incessante com o seu pensamento, e é com razão que dizemos que Deus lê as mais profundas dobras do nosso coração. *Estamos nele, como ele está em nós*, segundo a palavra do Cristo.

Para estender seu cuidado a todas as criaturas Deus não precisa então lançar o olhar do alto da imensidade; para que ele possa nos ouvir, nossas preces não precisam percorrer o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, porque ele está continuamente ao nosso lado e os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

**25.-** Longe de nós a ideia de materializar a divindade; a imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação, mas apropriada para dar uma ideia mais justa de Deus do que os quadros que o apresentam sob uma figura humana; ela tem o objetivo de fazer compreensível a possibilidade que Deus tem de estar em toda parte e de se ocupar com todas as coisas.

**26.-** Temos constantemente diante de nossas vistas um exemplo que nos permite fazer ideia da maneira como a ação de Deus pode ser exercida sobre as partes mais íntimas de todos os seres, e consequentemente como as mais sutis impressões de nossa alma chegam a ele. Esse exemplo foi tirado de uma instrução dada por um Espírito sobre tal assunto.

“Um dos atributos da divindade é a infinidade; não se pode representar o Criador como sendo uma forma, um limite, uma demarcação qualquer. Se ele não fosse infinito, poderíamos conceber alguma coisa maior que ele e esta coisa é que seria Deus. — Sendo infinito, Deus é onipresente, pois, se não estivesse em toda parte, ele não seria infinito; não se pode sair desse dilema. Portanto, se existe um Deus, e isto não resta dúvida a ninguém, esse Deus é infinito e não podemos conceber uma extensão que ele não ocupe. Ele se acha, conseqüentemente, em contato com todas as criaturas; ele as envolve e elas estão nele; é então compreensível que ele esteja em relação direta com cada criatura, e, para que vocês compreendam o mais materialmente possível a maneira como esta comunicação tem lugar universal e constantemente, examinem aquilo que se passa com o homem entre seu Espírito e seu corpo.

"O homem é um pequeno mundo cujo diretor é o Espírito e cujo princípio dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo Espírito seria Deus (Compreendam bem que temos aqui uma questão de comparação e não de identidade). Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos e suas articulações são outras tantas individualidades materiais, se podemos dizer, localizadas em pontos especiais do referido corpo; se bem que seja considerável o número dessas partes constitutivas, de natureza tão variadas e tão diferentes, não é entretanto duvidoso para ninguém que se possam produzir movimentos ou que uma impressão qualquer possa ter lugar sem que o Espírito tenha consciência do que ocorra. Há sensações diversas em muitos lugares simultaneamente? O Espírito sente todas elas, distingue-as, analisa-as, atribui a cada uma a sua causa determinante e o seu ponto de ação.

27.- "O homem é um pequeno mundo cujo diretor é o Espírito e cujo princípio dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo Espírito seria Deus (Compreendam bem que temos aqui uma questão de comparação e não de identidade). Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos e suas articulações são outras tantas individualidades materiais, se assim podemos dizer, localizadas em pontos especiais do referido corpo; se bem que seja considerável o número de suas partes constitutivas, de natureza tão variadas e tão diferentes, não é entretanto duvidoso para ninguém que se possam produzir movimentos ou que uma impressão qualquer possa ter lugar sem que o Espírito tenha consciência do que ocorra. Há sensações diversas em muitos lugares simultaneamente? O Espírito sente todas elas, distingue-as, analisa-as, atribui a cada uma a sua causa determinante e o seu ponto de ação, por

“Um fenômeno semelhante ocorre entre a criação e Deus. Deus está em toda parte na natureza, como o Espírito é onipresente no corpo; todos os elementos da criação se acham em relação constante com ele, como todas as células do corpo humano se acham em contato imediato com o ser espiritual; logo, não há razão para que os fenômenos da mesma ordem não se produzam da mesma maneira, num e noutro caso.

“Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos são postos em vibração; o Espírito sente cada manifestação, distingue-o e o localiza. As diferentes criações e as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente, e Deus sabe o que se passa e atribui a cada um o que lhe corresponde.

“Daí podemos também deduzir igualmente a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade entre si de todos os seres de um mundo, a de todos os mundos e, por fim, a de todas as criações com o Criador.”

(QUINEMANT, *Sociedade de Paris*, 1867)

28.- Compreendemos o efeito, e isso já é muito; do efeito chegamos à causa e julgamos sua grandeza pela grandeza do efeito; porém, a sua essência íntima nos escapa, como aquela da causa de uma imensidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; nós os calculamos e, entretanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. Será então racional neguemos o princípio divino, por que não o compreendemos?

29.- Pelo princípio da soberana inteligência, nada impede que se admita um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar e inundando o Universo com seus eflúvios, como o Sol faz com a

[intermédio do fluido perispiritual.](#)

“Um fenômeno semelhante ocorre entre a criação e Deus. Deus está em toda parte na natureza, como o Espírito é onipresente no corpo; todos os elementos da criação se acham em relação constante com ele, como todas as células do corpo humano se acham em contato imediato com o ser espiritual; logo, não há razão para que os fenômenos da mesma ordem não se produzam da mesma maneira, num e noutro caso.

“Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos são postos em vibração; o Espírito sente cada manifestação, distingue-o e o localiza. As diferentes criações e as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente, e Deus sabe o que se passa e atribui a cada um o que lhe corresponde.

“Daí podemos também deduzir igualmente a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade entre si de todos os seres de um mundo, a de todos os mundos e, por fim, a de todas as criações com o Criador.” [\[juntou os parágrafos\]](#)

(Quinemant, *Sociedade de Paris*, 1867)

28.- Compreendemos o efeito, e isso já é muito; do efeito chegamos à causa e julgamos sua grandeza pela grandeza do efeito; porém, a sua essência íntima nos escapa, como aquela da causa de uma imensidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; nós os calculamos e, entretanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. Será então racional neguemos o princípio divino, por que não o compreendemos?

29.- Pelo princípio da soberana inteligência, nada impede que se admita um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar e inundando o Universo com seus eflúvios, como o Sol faz com a

sua luz. Mas onde está esse foco? Isso é o que ninguém pode dizer. Provavelmente, não se acha fixado em determinado ponto que não o seja a sua ação, e que percorra incessantemente as regiões do espaço sem fim. Se simples Espíritos têm o dom da ubiquidade, em Deus essa aptidão há de ser sem limites. Estando Deus enchendo o Universo, nós poderíamos ainda admitir — a título de hipótese — que esse foco não precisa transportar-se e que ele se formar sobre todas as partes onde a soberana vontade julga conveniente que ele se produza, donde podemos dizer que está ele em toda parte e em parte nenhuma.

30.- Diante desses problemas inexplicáveis, nossa razão deve se inclinar. Deus existe: disso não poderemos duvidar; ele é infinitamente justo e bom: essa é a sua essência; sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos; portanto, ele não pode querer senão o nosso bem, e é por isso que devemos ter confiança nele. Isto é o essencial; quanto ao mais, vamos esperar que nos tornemos dignos de compreendê-lo.

#### A VISÃO DE DEUS.

31.- Já que Deus está em toda parte, por que não o vemos? Nós o veremos quando deixarmos a Terra? Estas são perguntas que se formulam todos os dias.

À primeira é fácil responder; nossos órgãos materiais têm percepções limitadas, o que os tornam impróprios para verem certas coisas — mesmo coisas materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa vista e aos instrumentos de análise, e, portanto, não duvidamos da existência deles. Vemos os efeitos da peste, mas não o fluido que a transporta; vemos os corpos se moverem sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

sua luz. Mas onde está esse foco? Isso é o que ninguém pode dizer. Provavelmente, não se acha fixado em determinado ponto que não o seja a sua ação, e que percorra incessantemente as regiões do espaço sem fim. Se simples Espíritos têm o dom da ubiquidade, em Deus essa aptidão há de ser sem limites. Estando Deus enchendo o Universo, nós poderíamos ainda admitir — a título de hipótese — que esse foco não precisa transportar-se e que ele se formar sobre todas as partes onde a soberana vontade julga conveniente que ele se produza, donde podemos dizer que está ele em toda parte e em parte nenhuma.

30.- Diante desses problemas inexplicáveis, nossa razão deve se inclinar. Deus existe: disso não poderemos duvidar; ele é infinitamente justo e bom: essa é a sua essência; sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos; portanto, ele não pode querer senão o nosso bem, e é por isso que devemos ter confiança nele: isto é o essencial; quanto ao mais, vamos esperar que nos tornemos dignos de compreendê-lo.

#### A VISÃO DE DEUS.

31.- Já que Deus está em toda parte, por que não o vemos? Nós o veremos quando deixarmos a Terra? Estas são perguntas que se formulam todos os dias.

À primeira é fácil responder; nossos órgãos materiais têm percepções limitadas, o que os tornam impróprios para verem certas coisas — mesmo coisas materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa vista e aos instrumentos de análise, e, portanto, não duvidamos da existência deles. Vemos os efeitos da peste, mas não o fluido que a transporta; vemos os corpos se moverem sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

32.- As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por órgãos materiais; só com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial; Por isso, somente a nossa alma pode ter a percepção de Deus. Ela o verá logo após a morte? Isto é o que somente as comunicações de além-túmulo podem nos ensinar. Por elas nós sabemos que a visão de Deus é privilégio apenas das almas mais purificadas, e, desse modo, deixando o corpo terreno, bem poucas possuem o grau de desmaterialização necessária. **Comparações simples tornarão** isso facilmente compreensível.

33.- Aquele que se ache no fundo de um vale **envolvido por** um denso nevoeiro não vê o Sol; entretanto, **como já dissemos anteriormente**, pela luz difusa ele percebe a presença do Sol. Se ele subir a montanha, à medida que for ascendendo, verá o nevoeiro se clareando e a luz ficando cada vez mais viva, contudo ainda não verá o Sol; **quando ele começa a percebê-lo, o Sol ainda estará velado, pois o menor vapor basta para enfraquecer o brilho**; somente depois que tenha se elevado acima da camada brumosa e se ache num ponto onde o ar esteja perfeitamente límpido, ele o verá em todo o seu esplendor.

**O mesmo ocorre com aquele cuja cabeça esteja coberta de vários véus; a princípio ele não vê nada; a cada véu que se eleva ele distingue uma luz mais e mais clara; mas só depois que o derradeiro véu desaparecer é que perceberá nitidamente as coisas.**

**É igual também a um licor carregado de substâncias estranhas; ele está inicialmente turvo; a cada destilação sua transparência aumenta, até que, estando completamente puro, adquire uma limpidez perfeita e não apresenta nenhum obstáculo à visão.**

Assim é o da alma. O envoltório perispirítico — embora seja invisível e impalpável para nós — é

32.- As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por órgãos materiais; só com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial; Por isso, somente a nossa alma pode ter a percepção de Deus. Ela o verá logo após a morte? Isto é o que somente as comunicações de além-túmulo podem nos ensinar. Por elas nós sabemos que a visão de Deus é privilégio apenas das almas mais purificadas, e, desse modo, deixando o corpo terreno, bem poucas possuem o grau de desmaterialização necessária. **Uma comparação simples tornará** isso facilmente compreensível.

33.- Aquele que se ache no fundo de um vale **imerso em** um denso nevoeiro não vê o Sol; entretanto, pela luz difusa ele percebe a presença do Sol. Se ele subir a montanha, à medida que for ascendendo, verá o nevoeiro se clareando e a luz ficando cada vez mais viva, contudo ainda não verá o Sol;

somente depois que tenha se elevado acima da camada brumosa e se ache num ponto onde o ar esteja perfeitamente límpido, ele o verá em todo o seu esplendor.

Assim é o da alma. O envoltório perispirítico — embora seja invisível e impalpável para nós — é

para ela uma verdadeira matéria, bastante grosseira para certas percepções. Esse envoltório se espiritualiza à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como véus que obscurecem sua visão; cada imperfeição de que ela se desfaz é um véu a menos; todavia, só depois de depurada completamente é que goza da plenitude das suas capacidades.

34.- Sendo Deus a essência divina por excelência, só pode ser percebido em todo o seu esplendor pelos Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não o veem, não é porque estejam mais distantes dele do que os outros; igual àqueles, como a todos os seres da natureza, eles se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós estamos mergulhados na luz; só que suas imperfeições são como véus que tiram a vista deles. Quando o nevoeiro tiver dissipado, eles o verão resplandecer; para isso, eles não terão que subir, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Estando a visão espiritual desembaraçada das manchas morais que a obscureciam, eles verão Deus de todo lugar onde se encontrem, mesmo da Terra, porque ele está em toda parte.

35.- O Espírito só se purifica com o tempo e as diversas encarnações são os depuradores onde, a cada vez que encarnamos, deixamos algumas impurezas. Saindo do corpo físico, eles não se livra<sup>3</sup> instantaneamente de suas imperfeições; é por isso que, depois da morte, não enxergam a Deus mais do que viam quando vivos; porém, à medida que se purificam, têm uma intuição mais clara dele; se não o enxergam, eles o compreendem

para ela uma verdadeira matéria, bastante grosseira para certas percepções. Esse envoltório se espiritualiza à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como camadas enevoadas que obscurecem sua visão; cada imperfeição de que ela se desfaz é um borrão a menos; todavia, só depois de depurada completamente é que goza da plenitude das suas capacidades.

34.- Sendo Deus a essência divina por excelência, só pode ser percebido em todo o seu esplendor pelos Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não o veem, não é porque estejam mais distantes dele do que os outros; igual àqueles, como a todos os seres da natureza, eles se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós estamos mergulhados na luz; só que suas imperfeições são como vapores que tiram a vista deles. Quando o nevoeiro tiver dissipado, eles o verão resplandecer; para isso, eles não terão que subir, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Estando a visão espiritual desembaraçada das manchas morais que a obscureciam, eles verão Deus de todo lugar onde se encontrem, mesmo da Terra, porque ele está em toda parte.

35.- O Espírito só se purifica com o tempo e as diversas encarnações são os depuradores onde, a cada vez que encarnamos, deixamos algumas impurezas. Saindo do corpo físico, ele não se livra instantaneamente de suas imperfeições; é por isso que, depois da morte, não enxergam a Deus mais do que viam quando vivos; porém, à medida que se purificam, têm uma intuição mais clara dele; se não o enxergam, eles o compreendem

<sup>3</sup> Houve uma correção entre as edições: na primeira edição, o sujeito estava no plural, mas a conjugação verbal estava no singular. No singular é *il ne se dépouille pas*, enquanto que no plural é *ils ne se dépouillent pas*.

melhor: a luz é menos difusa. Então, quando alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe que respondam a uma determinada pergunta, não é que Deus lhes apareça, ou dirija a palavra para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo, não; porém, eles o sentem; recebem as vibrações do seu pensamento, como ocorre conosco com relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não os vejamos.

36.- Por consequência disso, nenhum homem pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, isso só seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão desprendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Tal privilégio seria o das almas da elite, encarnadas em missão, e não em *expição*. Mas, como os Espíritos da mais elevada categoria resplandecem de um ofuscante brilho, pode ser que Espíritos menos elevados — encarnados ou desencarnados — maravilhados com o esplendor que os cerca, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o confunde com o seu soberano.

37.- Sob que aparência Deus se apresenta aos que se tornaram dignos de vê-lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco de luz resplendente? Isto é o que a linguagem humana é impotente para descrever, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação capaz de nos traçar uma ideia de tal coisa; somos como cegos aos quais se procurasse em vão fazer que eles compreendessem o brilho sol. Nosso vocabulário é limitado pelas nossas necessidades e pelo círculo das nossas ideias; o dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; o dos povos mais civilizados é extremamente pobre para descrever os esplendores

melhor: a luz é menos difusa. Então, quando alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe que respondam a uma determinada pergunta, não é que Deus lhes apareça, ou dirija a palavra para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo, não; porém, eles o sentem; recebem as vibrações do seu pensamento, como ocorre conosco com relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não os vejamos.

36.- Por consequência disso, nenhum homem pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, isso só seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão desprendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Tal privilégio seria o das almas da elite, encarnadas em missão, e não em *expição*. Mas, como os Espíritos da mais elevada categoria resplandecem de um ofuscante brilho, pode ser que Espíritos menos elevados — encarnados ou desencarnados — maravilhados com o esplendor que os cerca, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o confunde com o seu soberano.

37.- Sob que aparência Deus se apresenta aos que se tornaram dignos de vê-lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco de luz resplendente? Isto é o que a linguagem humana é impotente para descrever, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação capaz de nos traçar uma ideia de tal coisa; somos como cegos aos quais se procurasse em vão fazer que eles compreendessem o brilho **do**<sup>4</sup> sol . Nosso vocabulário é limitado pelas nossas necessidades e pelo círculo das nossas ideias; o dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; o dos povos mais civilizados é extremamente pobre para descrever os esplendores

<sup>4</sup> Correção: faltou o **du** no original, pois o gramaticalmente correto é *l'éclat du soleil*, isto é, *brilho do sol*.



## CAPÍTULO II - Deus.

**1ª Edição (1868)**

dos céus, a nossa inteligência muito restrita para compreendê-los e a nossa vista muito fraca ficaria deslumbrada.

**5ª Edição (1869/72)**

dos céus, a nossa inteligência muito restrita para compreendê-los e a nossa vista muito fraca ficaria deslumbrada.

- Origem do bem e do mal
- O instinto e a inteligência
- Destruição mútua dos seres vivos

- Origem do bem e do mal
- O instinto e a inteligência
- Destruição mútua dos seres vivos

## ORIGEM DO BEM E DO MAL

1.- Deus sendo o princípio de todas as coisas, e esse princípio sendo todo sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo o que procede dele há de participar dos seus atributos, pois o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir que seja irracional, mau e injusto. O mal que observamos não pode então ter sua origem nele.

2.- Se o mal estivesse nas atribuições de um ser especial — seja o que chamamos Arimane ou Satanás —, de duas coisas, uma: ou ele seria igual a Deus e por conseguinte tão poderoso e de toda a eternidade como ele, ou seria inferior que ele.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra fizesse e se contrariando mutuamente. Essa hipótese é inconciliável com a unidade de vistas que se revela na ordenação do Universo.

No segundo caso, este ser sendo inferior a Deus, estaria subordinado a ele; não podendo existir **como ele** de toda a eternidade, sem ser igual a este, teria tido um começo; se tivesse sido criado, só poderia ter sido por Deus; assim, Deus haveria criado o Espírito do mal, o que seria a negação da bondade infinita.

**3.- Segundo uma doutrina, o Espírito do mal, criado bom, teria se tornado mal, e Deus, para puni-lo, o teria condenado a permanecer**

## ORIGEM DO BEM E DO MAL

1.- Deus sendo o princípio de todas as coisas, e esse princípio sendo todo sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo o que procede dele há de participar dos seus atributos, pois o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir que seja irracional, mau e injusto. O mal que observamos não pode então ter sua origem nele.

2.- Se o mal estivesse nas atribuições de um ser especial — seja o que chamamos Arimane ou Satanás —, de duas coisas, uma: ou ele seria igual a Deus e por conseguinte tão poderoso **quanto ele** e de toda a eternidade como ele, ou seria inferior que ele.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra fizesse e se contrariando mutuamente. Essa hipótese é inconciliável com a unidade de vistas que se revela na ordenação do Universo.

No segundo caso, este ser sendo inferior a Deus, estaria subordinado a ele; não podendo existir de toda a eternidade **como ele**, sem ser igual a este, teria tido um começo; se tivesse sido criado, só poderia ter sido por Deus; assim, Deus haveria criado o Espírito do mal, o que seria a negação da bondade infinita. **(ver O Céu e o Inferno, cap. X, Os demônios)** [ item 3 ▶ ]

eternamente mal, e lhe teria dado por missão seduzir os homens para induzi-los ao mal; ora, uma única queda podendo lhe merecer os mais cruéis castigos pela eternidade, sem esperança de perdão, haveria aí mais que uma falta de bondade, mas uma crueldade premeditada, pois para tornar a sedução mais fácil e melhor esconder a armadilha, Satanás seria autorizado a ***se transformar em anjo de luz e a simular até as obras de Deus até o ponto de confundi-las.*** Seria mais iniquidade e imprevidência da parte de Deus, pois, sendo dado a Satanás toda a liberdade de sair do império das trevas e de se envolver com os prazeres mundanos para levar os homens, o provocador do mal seria menos punido do que as vítimas de seus truques, que caem por fraqueza, pois uma vez no abismo, aqueles não poderiam mais sair de lá. Deus os nega um copo d'água para matar sua sede, e durante toda a eternidade ele ouve, ele e seus anjos, seus gemidos sem se comover, enquanto ele permite Satanás se dar todos os gozos que deseje.

De todas as doutrinas sobre a teoria do mal, aquela é sem dúvida a mais irracional e a mais injuriosa para a divindade. (ver ***O Céu e o Inferno***, cap. X, *Os demônios*) [► item 2]

4.- Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males são de todos os tipos. Há a princípio o mal físico e o mal moral, depois

os males que o homem pode evitar e aqueles que são independentes de sua vontade. Entre os últimos, é preciso colocar os flagelos naturais.

O homem, cujas capacidades são limitadas, não pode penetrar e nem abranger o conjunto dos desígnios do Criador; aprecia as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses concretos e convencionais que criou para si mesmo, e que não estão na ordem da natureza; por

3.- Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de todo tipo, físicos ou morais, que afligem a humanidade apresentam duas categorias que devemos distinguir: eles são os males que o homem pode evitar e aqueles que são independentes de sua vontade. Entre os últimos, é preciso colocar os flagelos naturais.

O homem, cujas capacidades são limitadas, não pode penetrar e nem abranger o conjunto dos desígnios do Criador; aprecia as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses concretos e convencionais que criou para si mesmo, e que não estão na ordem da natureza; por

isso é que muitas vezes ele acha mal e injusto aquilo que consideraria justo e admirável, se conhecesse a sua causa, o objetivo e o resultado definitivo. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, ele reconhecerá que tudo traz a marca da sabedoria infinita, e se inclinará diante dessa sabedoria, mesmo com relação às coisas que não compreende.

5.- O homem recebeu uma cota de inteligência com cujo auxílio é possível afastar, ou pelo menos, atenuar consideravelmente os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais saber ele adquire, mais se adianta em civilização e menos desastrosos se tornam os flagelos; com uma organização social sabiamente previdente ele poderá até neutralizar as consequências, quando não puderem ser inteiramente evitados. Assim, por esses mesmos flagelos que têm sua utilidade na ordem geral da natureza e para o futuro, mas que fere no presente, Deus permitiu ao homem, pelas qualidades que ele deu ao seu Espírito, os meios de paralisar os efeitos.

Assim é que ele saneia as regiões insalubres, que ele imuniza os miasmas pestilentos, que ele fertiliza terras incultas e engenha para preservá-las das inundações; que ele constrói habitações mais saudáveis, mais sólidas para resistirem aos ventos tão necessários à purificação da atmosfera, que se coloca ao abrigo das tempestades; finalmente, é assim que pouco a pouco a necessidade lhe fez criar as ciências, por meio das quais ele melhora as condições de habitação do globo e aumenta a soma do seu bem-estar.

Como o homem deve progredir, os males aos quais está exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas capacidades físicas e morais, convidando-o à busca dos meios de subtrair esses malefícios. Se não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade o

isso é que muitas vezes ele acha mal e injusto aquilo que consideraria justo e admirável, se conhecesse a sua causa, o objetivo e o resultado definitivo. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, ele reconhecerá que tudo traz a marca da sabedoria infinita, e se inclinará diante dessa sabedoria, mesmo com relação às coisas que não compreende.

4.- O homem recebeu uma cota de inteligência com cujo auxílio é possível afastar, ou pelo menos, atenuar consideravelmente os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais saber ele adquire, mais se adianta em civilização e menos desastrosos se tornam os flagelos; com uma organização social sabiamente previdente ele poderá até neutralizar as consequências, quando não puderem ser inteiramente evitados. Assim, por esses mesmos flagelos que têm sua utilidade na ordem geral da natureza e para o futuro, mas que fere no presente, Deus permitiu ao homem, pelas qualidades que ele deu ao seu Espírito, os meios de paralisar os efeitos.

Assim é que ele saneia as regiões insalubres, que ele imuniza os miasmas pestilentos, que ele fertiliza terras incultas e engenha para preservá-las das inundações; que ele constrói habitações mais saudáveis, mais sólidas para resistirem aos ventos tão necessários à purificação da atmosfera, que se coloca ao abrigo das tempestades; finalmente, é assim que pouco a pouco a necessidade lhe fez criar as ciências, por meio das quais ele melhora as condições de habitação do globo e aumenta a soma do seu bem-estar.

5.- Como o homem deve progredir, os males aos quais está exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas capacidades físicas e morais, incentivando-o à busca dos meios de subtrair esses malefícios. Se não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade o

induziria a procurar o melhor; **ele** se entorpeceria na inatividade **de seu espírito**; não inventaria e nem descobriria nada. *A dor é o estímulo que impulsiona o homem para frente, na estrada do progresso.*

6.- Porém, os males mais numerosos são aqueles que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, de sua cobiça e de seus excessos em todas as coisas: aí está a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, dos conflitos, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, enfim, da maior parte das enfermidades.

Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem; o homem encontra em si mesmo tudo o que lhe é necessário para cumpri-las; sua rota é traçada pela sua consciência; a lei divina está gravada no seu coração e, além do mais, Deus lhe faz lembrar delas sem cessar através dos seus messias e seus profetas, de todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de o esclarecer, moralizar e o melhorar, e **finalmente**<sup>1</sup>, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam em toda parte. *Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não há que se duvidar de que ele se pouparia dos mais cruéis males e viveria feliz na Terra.* Se assim não o fizer, é por virtude do seu livre-arbítrio, e então ele sofre as consequências.

7.- Entretanto, Deus, repleto de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia o remédio. Chega um momento em que o excesso do mal moral torna-se intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida; instruído pela experiência, ele é forçado a

induziria a procurar o melhor; **seu espírito** se entorpeceria na inatividade ; não inventaria e nem descobriria nada. *A dor é o estímulo que impulsiona o homem para frente, na estrada do progresso.*

6.- Porém, os males mais numerosos são aqueles que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, de sua cobiça e de seus excessos em todas as coisas: aí está a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, dos conflitos, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, enfim, da maior parte das enfermidades.

Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem; o homem encontra em si mesmo tudo o que lhe é necessário para cumpri-las; sua rota é traçada pela sua consciência; a lei divina está gravada no seu coração e, além do mais, Deus lhe faz lembrar delas sem cessar através dos seus messias e seus profetas, de todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de o esclarecer, moralizar e o melhorar, e **nesses últimos tempos**, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam em toda parte. *Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não há que se duvidar de que ele se pouparia dos mais cruéis males e viveria feliz na Terra.* Se assim não o fizer, é por virtude do seu livre-arbítrio, e então ele sofre as consequências. *(O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo V, itens 4, 5, 6 e seguintes)*

7.- Entretanto, Deus, repleto de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia o remédio. Chega um momento em que o excesso do mal moral torna-se intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida; instruído pela experiência, ele é forçado a

<sup>1</sup> en **dernier** temps ⇒ en **ces derniers** temps

procurar a solução no bem, sempre por efeito do seu livre-arbítrio; quando toma uma direção melhor, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes da outra direção. Portanto, a necessidade o constrange a melhorar-se moralmente, para ser mais feliz, do mesmo modo que o constrangeu a melhorar as condições materiais da sua existência.

Podemos dizer que *o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. O mal também não é um atributo diferente assim como o frio não é um fluido especial; um é o negativo do outro.* Onde não existe o bem obrigatoriamente existe o mal; não fazer o mal já é o princípio do bem. *Deus somente quer o bem; o mal só procede do homem. Se houvesse na criação um ser encarregado do mal, o homem não poderia evitá-lo; mas, como o homem tendo a causa do mal em si mesmo, e tendo ao mesmo tempo o livre-arbítrio e por guia as leis divinas, poderá evitá-lo quando bem desejar.*

Tomemos um fato comum como comparação. Um proprietário sabe que nos confins de suas terras há um lugar perigoso, onde quem por lá se aventurasse poderia perecer ou se ferir. O que ele faz, a fim de prevenir os acidentes? Ele coloca perto desse lugar um aviso tornando proibido de se ir mais longe por motivo do perigo. Eis a lei, que é sábia e providente. Se, apesar de tudo, alguém imprudente não leva em conta o aviso, vai lá e se dá mal, de quem ele poderá se queixar senão de si próprio?

Igualmente ocorre com todo o mal. *O homem o evitaria se cumprisse as leis divinas. Deus, por exemplo, pôs um limite à satisfação das necessidades; o homem é advertido pela saciedade; se ele ultrapassa esse limite, faz isso voluntariamente. As doenças, as enfermidades e a morte que podem resultar disso, são portanto sua obra e não obra de Deus.*

procurar a solução no bem, sempre por efeito do seu livre-arbítrio; quando toma uma direção melhor, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes da outra direção. Portanto, a necessidade o constrange a melhorar-se moralmente, para ser mais feliz, do mesmo modo que o constrangeu a melhorar as condições materiais da sua existência. (nº 5)

8.- Podemos dizer que *o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. O mal também não é um atributo diferente assim como o frio não é um fluido especial; um é o negativo do outro.* Onde não existe o bem obrigatoriamente existe o mal; não fazer o mal já é o princípio do bem. *Deus somente quer o bem; o mal só procede do homem. Se houvesse na criação um ser encarregado do mal, ninguém poderia evitá-lo; mas, como o homem tendo a causa do mal em SI MESMO, e tendo ao mesmo tempo o livre-arbítrio e por guia as leis divinas, poderá evitá-lo quando bem desejar.*

Tomemos um fato comum como comparação. Um proprietário sabe que nos confins de suas terras há um lugar perigoso, onde quem por lá se aventurasse poderia perecer ou se ferir. O que ele faz, a fim de prevenir os acidentes? Ele coloca perto desse lugar um aviso tornando proibido de se ir mais longe por motivo do perigo. Eis a lei, que é sábia e providente. Se, apesar de tudo, alguém imprudente não leva em conta o aviso, vai lá e se dá mal, de quem ele poderá se queixar senão de si próprio?

Igualmente ocorre com todo o mal; *o homem o evitaria se cumprisse as leis divinas. Deus, por exemplo, pôs um limite à satisfação das necessidades; o homem é advertido pela saciedade; se ele ultrapassa esse limite, faz isso voluntariamente. As doenças, as enfermidades e a morte que podem resultar disso, são portanto a obra de sua imprevidência e não de Deus.*

8.- Por que o mal decorre das imperfeições do homem e por que este foi criado por Deus, dirão que Deus não deixa de ter criado, se não o mal, pelo menos a causa do mal; se ele tivesse criado o homem perfeito, o mal não existiria.

Se o homem tivesse sido criado perfeito, fatalmente penderia para o bem; ora, em virtude do seu livre-arbítrio, ele não pende fatalmente nem para o bem, nem para o mal. Quis Deus que ele fosse submetido à lei do progresso e que esse progresso fosse fruto do seu próprio trabalho, a fim de que ele **tivesse**<sup>2</sup> o mérito dele, da mesma maneira que lhe cabe a responsabilidade do mal que for feito da sua vontade. Logo, a questão consiste em saber qual é, no homem, a fonte de sua tendência para o mal. (1)

(1) "O erro consiste em pretendermos que a alma tenha saído perfeita das mãos do Criador, quando este, ao contrário, quis que a perfeição fosse o resultado da depuração gradual do Espírito e da sua própria obra. Deus quis que a alma, em virtude do seu livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal, e que chegasse a suas finalidades últimas de forma militante e em resistência ao mal. Se tivesse criado a alma tão perfeita quanto ele, e, saindo das suas mãos, a tivesse associado à sua beatitude eterna, Deus teria feito, não à sua imagem, mas semelhante a si próprio, **como já o dissemos. Conhecendo todas as coisas em virtude de sua própria essência e sem ter aprendido nada, movido por um sentimento de orgulho nascida da consciência de seus atributos divinos, a alma teria sido induzida a renegar sua origem, a ignorar o autor de sua existência, e seria constituída em estado de rebelião e revolta contra seu Criador**".

(Bonnamy, juiz de instrução: *A Razão do Espiritismo*, cap. VI)

9.- Se estudarmos todas as paixões, e mesmo todos os vícios, veremos que eles têm seu princípio no instinto de conservação. Esse instinto que se encontra com toda a sua força nos animais e nos seres primitivos que mais se aproximam da

9.- Por que o mal decorre das imperfeições do homem e por que este foi criado por Deus, dirão que Deus não deixa de ter criado, se não o mal, pelo menos a causa do mal; se ele tivesse criado o homem perfeito, o mal não existiria.

Se o homem tivesse sido criado perfeito, fatalmente penderia para o bem; ora, em virtude do seu livre-arbítrio, ele não pende fatalmente nem para o bem, nem para o mal. Quis Deus que ele fosse submetido à lei do progresso e que esse progresso fosse fruto do seu próprio trabalho, a fim de que ele **tivesse** o mérito dele, da mesma maneira que lhe cabe a responsabilidade do mal que for feito da sua vontade. Logo, a questão consiste em saber qual é, no homem, a fonte de sua tendência para o mal. (1)

(1) O erro consiste em pretendermos que a alma tenha saído perfeita das mãos do Criador, quando este, ao contrário, quis que a perfeição fosse o resultado da depuração gradual do Espírito e da sua própria obra. Deus quis que a alma, em virtude do seu livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal, e que chegasse a suas finalidades últimas de forma militante e em resistência ao mal. Se tivesse criado a alma tão perfeita quanto ele, e, saindo das suas mãos, a tivesse associado à sua beatitude eterna, Deus teria feito, não à sua imagem, mas semelhante a si próprio.

(Bonnamy, juiz de instrução: *A Razão do Espiritismo*, cap. VI)

10.- Se estudarmos todas as paixões, e mesmo todos os vícios, veremos que eles têm seu princípio no instinto de conservação. Esse instinto que se encontra com toda a sua força nos animais e nos seres primitivos que mais se aproximam da

<sup>2</sup> ait ⇒ eût

animalidade; aí, ele domina sozinho, porque ainda não há neles o contrapeso do senso moral; o ser ainda não nasceu para a vida intelectual. O instinto, ao contrário, se enfraquece à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria; **com a inteligência racional nasce o livre-arbítrio, o qual o homem usa à sua vontade; só então começa para ele a responsabilidade dos seus atos.**

10.- O destino do Espírito é a vida espiritual; porém, nas primeiras fases da sua existência corpórea, ele só tem necessidades materiais a satisfazer, e para isso, o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, **materialmente falando**. Mas, uma vez saído desse período, ele tem outras carências, a princípio carências semimorais e semimateriais, depois exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se ele se livrar do jugo, avança pela senda providencial e se aproxima do seu destino final. Se, ao contrário, ele se deixa dominar pela matéria, atrasa-se e se assemelha ao bruto. Nessa situação, *o que antes era um bem — porque era uma necessidade da sua natureza — transforma-se num mal, não só porque já não constitui uma necessidade, mas porque se torna prejudicial à espiritualização do ser.*

Assim, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcionada ao grau de adiantamento.

Todas as paixões têm **assim** sua utilidade providencial, sem o que, Deus teria feito coisas inúteis e até nocivas; **é** o abuso que constitui, e o homem abusa em virtude do seu livre- arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, ele livremente escolhe entre o bem e o mal.

animalidade; aí, ele domina sozinho, porque ainda não há neles o contrapeso do senso moral; o ser ainda não nasceu para a vida intelectual. O instinto, ao contrário, se enfraquece à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria.

O destino do Espírito é a vida espiritual; porém, nas primeiras fases da sua existência corpórea, ele só tem necessidades materiais a satisfazer, e para isso, o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, **materialmente falando**. Mas, uma vez saído desse período, ele tem outras carências, a princípio carências semimorais e semimateriais, depois exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se ele se livrar do jugo, avança pela senda providencial e se aproxima do seu destino final. Se, ao contrário, ele se deixa dominar pela matéria, atrasa-se e se assemelha ao bruto. Nessa situação, *o que antes era um bem — porque era uma necessidade da sua natureza — transforma-se num mal, não só porque já não constitui uma necessidade, mas porque se torna prejudicial à espiritualização do ser.* **Tal como o que é qualidade na criança, torna-se defeito no adulto.** Assim, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcionada ao grau de adiantamento.

Todas as paixões têm **portanto** sua utilidade providencial, sem o que, Deus teria feito coisas inúteis e até nocivas. **É** o abuso que constitui, e o homem abusa em virtude do seu livre- arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, ele livremente escolhe entre o bem e o mal.



## O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA

11.- Que a diferença há entre o instinto e a inteligência? Onde acaba um e começa o outro? O instinto seria uma inteligência rudimentar, ou seria uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

*O instinto é a força oculta que solicita aos seres orgânicos atos espontâneos e involuntários, em vista da sua conservação.* Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme a necessidade; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno do apoio, ou se agarram com seus cachos. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes é útil ou nocivo; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas crias, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio da mãe. No homem, o instinto domina exclusivamente no começo da vida; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir de um perigo, para manter o equilíbrio; tais ainda o piscar das pálpebras para temperar o brilho da luz, a abertura mecânica da boca para respirar etc.

12.- *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados,*

## O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA

11.- Que a diferença há entre o instinto e a inteligência? Onde acaba um e começa o outro? O instinto seria uma inteligência rudimentar, ou seria uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

*O instinto é a força oculta que solicita aos seres orgânicos atos espontâneos e involuntários, em vista da sua conservação.* Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme a necessidade; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno do apoio, ou se agarram com seus cachos. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes é útil ou nocivo; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas crias, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio da mãe. No homem, o instinto domina exclusivamente no começo da vida; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir de um perigo, para manter o equilíbrio; tais ainda o piscar das pálpebras para temperar o brilho da luz, a abertura mecânica da boca para respirar etc.

12.- *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados,*

*combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.*

*Todo ato mecânico é instintivo; aquele que demonstra a reflexão e a combinação é inteligente; um é livre, o outro não o é.*

O instinto é um guia **seguro**<sup>3</sup>, que não se engana jamais; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está sujeita às vezes a errar.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, revela, porém, **uma causa inteligente**, essencialmente providente. Se admitirmos que o instinto tem sua origem na matéria, teremos de admitir que a matéria é inteligente, **até mesmo** bem mais inteligente e providente do que a alma, pois que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se equivoca.

Se considerarmos o instinto uma inteligência rudimentar, como é que, em certos casos, ele seja superior à inteligência raciocinada? **E** que ele dê a possibilidade de executar coisas que a inteligência não pode produzir?

Se ele é o atributo de um princípio espiritual especial, qual vem a ser esse princípio? Desde que o instinto se apaga, então esse princípio será sufocado? Se os animais são dotados apenas de instinto, seu destino é sem consequência; seus sofrimentos não têm nenhuma compensação, o que não estaria em acordo nem com a justiça e nem com a bondade de Deus.

13.- Segundo outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um único e semelhante princípio; chegado a certo grau de desenvolvimento, esse princípio — que de início não teria mais do que as qualidades do instinto — passaria por uma transformação que lhe daria as

*combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.*

*Todo ato mecânico é instintivo; aquele que demonstra a reflexão, a combinação, **uma deliberação** é inteligente; um é livre, o outro não o é.*

O instinto é um guia **seguro**, que não se engana jamais; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está sujeita às vezes a errar.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, revela, porém, **uma causa inteligente**, essencialmente providente. Se admitirmos que o instinto tem sua origem na matéria, teremos de admitir que a matéria é inteligente, bem mais inteligente **até mesmo** e providente do que a alma, pois que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se equivoca.

Se considerarmos o instinto uma inteligência rudimentar, como é que, em certos casos, ele seja superior à inteligência raciocinada? **e** que ele dê a possibilidade de executar coisas que a inteligência não pode produzir?

Se ele é o atributo de um princípio espiritual especial, qual vem a ser esse princípio? Desde que o instinto se apaga, então esse princípio será sufocado? Se os animais são dotados apenas de instinto, seu destino é sem consequência; seus sofrimentos não têm nenhuma compensação, o que não estaria em acordo nem com a justiça e nem com a bondade de Deus. **(Capítulo II, nº 19)**

13.- Segundo outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um único e semelhante princípio; chegado a certo grau de desenvolvimento, esse princípio — que de início não teria mais do que as qualidades do instinto —

<sup>3</sup> Correção: na primeira edição, falta o acento circunflexo (**sur** ⇒ **sûr**)

da inteligência livre; **ele receberia, em uma palavra, aquilo que convencionamos chamar de centelha divina. Essa transformação não seria súbita, mas gradual, de tal maneira que, durante certo período, haveria uma mistura de duas aptidões, a primeira diminuído à medida que a segunda aumentasse.**

passaria por uma transformação que lhe daria as da inteligência livre.

Se fosse assim, no homem inteligente que perde a razão e passa a ser guiado exclusivamente pelo instinto, a inteligência voltaria ao seu estado primitivo e, quando o homem recuperasse a razão, o instinto se tornaria inteligência e assim alternativamente, a cada acesso, o que não é admissível.

Aliás, é frequente o instinto e a inteligência se revelarem simultaneamente no mesmo ato. Por exemplo, o movimento das pernas no caminhar é instintivo; o homem põe maquinalmente um pé à frente do outro, sem pensar nisso; porém, quando ele quer acelerar ou demorar o passo, levantar o pé ou se desviar de um tropeço, há cálculo e vontade; ele age com propósito deliberado. A impulsão involuntária do movimento é o ato instintivo; a calculada direção do movimento é o ato inteligente. O animal carnívoro é impelido pelo instinto a se alimentar de carne, mas as precauções que toma e que variam conforme as circunstâncias, para segurar a presa, a sua providência das eventualidades são atos da inteligência.

14.- **Enfim, uma última** hipótese que, de resto, se ali perfeitamente à ideia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente providente do instinto e concorda com aquilo que o Espiritismo ensina no tocante às relações do mundo **Espiritual** com o mundo corpóreo.

Sabe-se agora que Espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, dos quais eles são protetores e guias; que os envolvem nos seus eflúvios fluídicos; que o homem age muitas

14.- **Uma outra** hipótese que, de resto, se ali perfeitamente à ideia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente providente do instinto e concorda com aquilo que o Espiritismo ensina no tocante às relações do mundo **espiritual** com o mundo corpóreo.

Sabe-se agora que Espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, dos quais eles são protetores e guias; que os envolvem nos seus eflúvios fluídicos; que o homem age muitas

vezes de modo *inconsciente*, sob a ação desses eflúvios.

Sabemos também que o instinto — que por si mesmo produz atos inconscientes — predomina nas crianças, e em geral nos seres cuja razão é fraca. Ora, segundo esta hipótese, o instinto não seria atributo nem da alma, nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas seria um *efeito* da ação direta dos protetores invisíveis que preencheriam a imperfeição da inteligência, provocando eles mesmos os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Isso seria igual à andadeira com que se amparam as crianças que ainda não sabem andar. Então, do mesmo modo que se deixa gradualmente de usar a andadeira, à medida que a criança se equilibra sozinha, os Espíritos protetores deixam os seus protegidos entregues a si mesmos na medida em que estes podem se guiar por sua própria inteligência.

Assim o instinto, longe de ser produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, seria o produto de uma inteligência estranha, *na plenitude da sua força*, suprimindo a insuficiência, seja de uma inteligência mais jovem — que ela forçaria, para o seu bem, a fazer inconscientemente aquilo que ainda fosse incapaz de fazer por si mesma —, seja de uma inteligência madura, porém momentaneamente entravada no uso de suas faculdades, como se dá com o homem na infância e nos casos de idiotia e de doenças mentais.

Diz-se proverbialmente que há um **Deus** para as crianças, para os loucos e para os ébrios. Esse ditado é mais verdadeiro do que se supõe; esse **Deus** não é outro senão o Espírito protetor, que vela pelo ser incapaz de se proteger pela sua própria razão.

15.- Nesta ordem de ideias, podemos ir ainda mais longe. Essa teoria, por mais racional que seja, não resolve todas as dificuldades da questão. **Para**

vezes de modo *inconsciente*, sob a ação desses eflúvios.

Sabemos também que o instinto — que por si mesmo produz atos inconscientes — predomina nas crianças, e em geral nos seres cuja razão é fraca. Ora, segundo esta hipótese, o instinto não seria atributo nem da alma, nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas seria um *efeito* da ação direta dos protetores invisíveis que preencheriam a imperfeição da inteligência, provocando eles mesmos os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Isso seria igual à andadeira com que se amparam as crianças que ainda não sabem andar. Então, do mesmo modo que se deixa gradualmente de usar a andadeira, à medida que a criança se equilibra sozinha, os Espíritos protetores deixam os seus protegidos entregues a si mesmos na medida em que estes podem se guiar por sua própria inteligência.

Assim o instinto, longe de ser produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, seria o produto de uma inteligência estranha, *na plenitude da sua força*, **inteligência protetora**, suprimindo a insuficiência, seja de uma inteligência mais jovem — que ela forçaria, para o seu bem, a fazer inconscientemente aquilo que ainda fosse incapaz de fazer por si mesma —, seja de uma inteligência madura, porém momentaneamente entravada no uso de suas faculdades, como se dá com o homem na infância e nos casos de idiotia e de doenças mentais.

Diz-se proverbialmente que há um **deus** para as crianças, para os loucos e para os ébrios. Esse ditado é mais verdadeiro do que se supõe; esse **deus** não é outro senão o Espírito protetor, que vela pelo ser incapaz de se proteger pela sua própria razão.

15.- Nesta ordem de ideias, podemos ir ainda mais longe. Essa teoria, por mais racional que seja, não resolve todas as dificuldades da questão.

buscar a causa, é preciso estudar os efeitos, e da natureza dos efeitos podemos concluir a natureza da causa.

Se observarmos os efeitos do instinto, em primeiro lugar, notaremos uma unidade de vistas e do conjunto, uma segurança de resultados que não existe mais desde que o instinto é trocado pela inteligência livre; ademais, à apropriação tão perfeita e tão constante das aptidões instintivas às necessidades de cada espécie, reconheceremos uma profunda sabedoria. Essa unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento, e, por consequência, com a diversidade das causas atuantes. Ora, para a sequência do progresso que realizam incessantemente as inteligências individuais, há entre elas uma diversidade de aptidões e de vontades incompatíveis com aquele conjunto tão perfeitamente harmonioso que se produz desde a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, sem jamais causar defeito. Essa uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um fato característico que obrigatoriamente implica a unidade da causa; se a causa fosse relativa a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos fossem os indivíduos, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, há de ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que atesta sabedoria e providência há de ter uma causa sábia e providente.

Ora, uma causa sábia e providente, sendo necessariamente inteligente, não pode ser exclusivamente material.

Não encontrando nas criaturas encarnadas ou desencarnadas as qualidades necessárias à produção de tal resultado, temos que subir mais alto, isto é, ao próprio Criador. Se nos reportamos à explicação dada sobre a maneira por que se pode conceber a ação providencial (cap. II, nº 25); se

Se observarmos os efeitos do instinto, em primeiro lugar, notaremos uma unidade de vistas e do conjunto, uma segurança de resultados que não existe mais desde que o instinto é trocado pela inteligência livre; ademais, à apropriação tão perfeita e tão constante das aptidões instintivas às necessidades de cada espécie, reconheceremos uma profunda sabedoria. Essa unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento, e, a unidade do pensamento é incompatível com a diversidade das aptidões

individuais, só ela poderia produzir

aquele conjunto tão perfeitamente harmonioso que se realiza desde a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, sem jamais causar defeito. A uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um fato característico que obrigatoriamente implica a unidade da causa; se a causa fosse relativa a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos fossem os indivíduos, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, há de ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que atesta sabedoria e providência há de ter uma causa sábia e providente. [juntou parágrafos]

Ora, uma causa sábia e providente, sendo necessariamente inteligente, não pode ser exclusivamente material.

Não encontrando nas criaturas encarnadas ou desencarnadas as qualidades necessárias à produção de tal resultado, temos que subir mais alto, isto é, ao próprio Criador. Se nos reportamos à explicação dada sobre a maneira por que se pode conceber a ação providencial (cap. II, nº 24); se

imaginarmos todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria providente e a unidade de vistas que presidem a todos os movimentos instintivos para o bem de cada indivíduo. Tanto mais ativa é essa solicitude, quanto menos recursos tem o indivíduo em si mesmo e na sua inteligência, e é por isso que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores do que no homem.

Dessa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia sempre seguro. O instinto materno — o mais nobre de todos — que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, fica realçado e enobrecido. Em razão das suas consequências, não seria preciso que ele fosse entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. *Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem.*

16.- Esta teoria de nenhum modo anula o papel dos Espíritos protetores, cujo auxílio é fato observado e comprovado pela experiência; mas, devemos notar que a ação desses Espíritos é essencialmente individual; que se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido e que em parte nenhuma apresenta a igualdade e a generalidade do instinto. Em sua sabedoria, o próprio Deus conduz os cegos, porém confia a inteligências livres o cuidado de guiar os clarividentes, para deixar a cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente e é um meio deles evoluírem, dependendo da forma como desempenhem tal missão.

17.- Todas essas maneiras de considerar o instinto são necessariamente hipotéticas, e nenhuma apresenta um caráter suficiente de

imaginarmos todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria providente e a unidade de vistas que presidem a todos os movimentos instintivos para o bem de cada indivíduo. Tanto mais ativa é essa solicitude, quanto menos recursos tem o indivíduo em si mesmo e na sua inteligência, e é por isso que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores do que no homem.

Dessa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia sempre seguro. O instinto materno — o mais nobre de todos — que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, fica realçado e enobrecido. Em razão das suas consequências, não seria preciso que ele fosse entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. *Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem.*

16.- Esta teoria de nenhum modo anula o papel dos Espíritos protetores, cujo auxílio é fato observado e comprovado pela experiência; mas, devemos notar que a ação desses Espíritos é essencialmente individual; que se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido e que em parte nenhuma apresenta a igualdade e a generalidade do instinto. Em sua sabedoria, o próprio Deus conduz os cegos, porém confia a inteligências livres o cuidado de guiar os clarividentes, para deixar a cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente e é um meio deles evoluírem, dependendo da forma como desempenhem tal missão.

17.- Todas essas maneiras de considerar o instinto são necessariamente hipotéticas, e nenhuma apresenta um caráter suficiente de

autenticidade, para ser tida como solução definitiva. Sem dúvida, a questão será resolvida um dia, quando tivermos reunidos os elementos de observação que ainda nos faltam; até lá, temos que nos limitar a submeter as diversas opiniões ao exame da razão e da lógica, e esperar que a luz se faça; a solução que mais se aproxima da verdade será necessariamente aquela que corresponda melhor com os atributos de Deus, isto é, com a soberana bondade e a soberana justiça (Ver c. II, nº 19).

18.- Como o instinto é o guia e as paixões são as molas da alma no período inicial do seu desenvolvimento, eles por vezes se confundem em seus efeitos, e sobretudo na linguagem humana que nem sempre serve suficientemente para a expressão de todas as nuances. Contudo, há diferenças entre esses dois princípios que é essencial considerar.

O instinto é um guia seguro e sempre bom; ao fim de certo tempo, pode se tornar inútil, mas nunca prejudicial; ele se enfraquece pela predominância da inteligência.

As paixões, nas primeiras idades da alma, têm de comum com o instinto o fato de as criaturas serem solicitadas por uma força igualmente inconsciente. Elas nascem mais particularmente das necessidades do corpo e dependem do organismo mais que o instinto. O que principalmente as distingue do instinto é que são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e uniformes; nós os vemos, ao contrário, variar de intensidade e de natureza conforme os indivíduos. São úteis, bem como estimulante, até à eclosão do senso moral, que de um ser passivo faz um ser de razão; nesse momento, tornam-se não só inúteis, como também prejudiciais ao progresso do Espírito, dos quais retardam a desmaterialização; elas se enfraquecem

autenticidade, para ser tida como solução definitiva. Sem dúvida, a questão será resolvida um dia, quando tivermos reunidos os elementos de observação que ainda nos faltam; até lá, temos que nos limitar a submeter as diversas opiniões ao exame da razão e da lógica, e esperar que a luz se faça; a solução que mais se aproxima da verdade será necessariamente aquela que corresponda melhor com os atributos de Deus, isto é, com a soberana bondade e a soberana justiça (cáp. II, nº 19).

18.- Como o instinto é o guia e as paixões são as molas da alma no período inicial do seu desenvolvimento, eles por vezes se confundem em seus efeitos

Contudo, há diferenças entre esses dois princípios que é essencial considerar.

O instinto é um guia seguro e sempre bom; ao fim de certo tempo, pode se tornar inútil, mas nunca prejudicial; ele se enfraquece pela predominância da inteligência.

As paixões, nas primeiras idades da alma, têm de comum com o instinto o fato de as criaturas serem solicitadas por uma força igualmente inconsciente. Elas nascem mais particularmente das necessidades do corpo e dependem do organismo mais que o instinto. O que principalmente as distingue do instinto é que são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e uniformes; nós os vemos, ao contrário, variar de intensidade e de natureza conforme os indivíduos. São úteis, bem como estimulante, até à eclosão do senso moral, que de um ser passivo faz um ser racional; nesse momento, tornam-se não só inúteis, como também prejudiciais ao progresso do Espírito, dos quais retardam a desmaterialização; elas se enfraquecem

com o desenvolvimento da razão.

19.- O homem que agisse constantemente pelo instinto poderia ser muito bom, mas conservaria adormecida a sua inteligência; seria igual criança que não deixasse as andadeiras e não soubesse se utilizar de seus membros. Aquele que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, e, ao mesmo tempo, ser muito mau. *O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões só são dominadas pelo esforço da vontade.*

Todos os homens passaram pela fileira das paixões; aqueles que não mais as têm, que não sejam naturalmente nem orgulhosos, nem ambiciosos, nem egoístas, nem rancorosos, nem vingativos, nem cruéis, nem irados, nem sensuais, que fazem o bem sem esforço, sem premeditação e por assim dizer involuntariamente, são aqueles que progrediram na sequência de suas existências anteriores; estes são purgados do mal. É errado dizer que eles têm menos mérito por fazer o bem do que aqueles que têm de lutar contra suas tendências; para eles, a vitória está alcançada, enquanto que para os outros ela não está ainda, e quando estiver, estes serão como os outros: por sua vez, eles farão o bem sem o pensar, como crianças que leem corretamente sem precisar mais soletrar; são como duas doenças das quais uma está curada e em pleno vigor, enquanto a outra ainda está em convalescença e tropeça ao caminhar; enfim, são como dois corredores dos quais um está mais perto da chegada do que o outro.

#### DESTRUIÇÃO MÚTUA DOS SERES VIVOS

20.- A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da natureza que, à primeira vista, menos parecem se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que ele criou entre eles a

com o desenvolvimento da razão.

19.- O homem que agisse constantemente pelo instinto poderia ser muito bom, mas conservaria adormecida a sua inteligência; seria igual criança que não deixasse as andadeiras e não soubesse se utilizar de seus membros. Aquele que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, e, ao mesmo tempo, ser muito mau. *O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões só são dominadas pelo esforço da vontade.*

#### DESTRUIÇÃO MÚTUA DOS SERES VIVOS

20.- A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da natureza que, à primeira vista, menos parecem se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que ele criou entre eles a



necessidade de mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem não vê mais do que a matéria e restringe a sua visão à vida presente, certamente, isso parece uma imperfeição na obra divina; **de onde os incrédulos tiram essa conclusão de que Deus não sendo perfeito, não existe Deus. É que eles** julgam a perfeição de Deus do seu ponto de vista; seu próprio juízo está na medida de sua sabedoria e eles pensam que Deus não saberia fazer coisa melhor do que eles mesmos fariam. Sua visão curta não lhes permite apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. O conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e lhe mostrar a sabedoria providencial e a harmonia precisamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição. **Ocorre com esta verdade como ocorre com uma multidão de outras; o homem não é apto a sondar certas profundidades quando seu Espírito tiver chegado a um grau suficiente de maturidade.**

21.- *A verdadeira vida, tanto do animal como do homem — não está mais no envoltório corporal, assim como não está na vestimenta; está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo.* Esse princípio necessita do corpo, para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta; o corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta, ao contrário: sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa então que o Espírito mude mais ou menos frequentemente de envoltório! Não deixa por isso de ser menos Espírito; é absolutamente como se um homem renovasse as suas vestes cem vezes no ano: não deixaria de ser o mesmo homem por causa disso.

necessidade de mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem não vê mais do que a matéria e restringe a sua visão à vida presente, certamente, isso parece uma imperfeição na obra divina;

**É que em geral os homens** julgam a perfeição de Deus do seu ponto de vista; seu próprio juízo está na medida de sua sabedoria e eles pensam que Deus não saberia fazer coisa melhor do que eles mesmos fariam. Sua visão curta não lhes permite apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. O conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e lhe mostrar a sabedoria providencial e a harmonia precisamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição.

21.- *A verdadeira vida, tanto do animal como do homem — não está mais no envoltório corporal, assim como não está na vestimenta; está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo.* Esse princípio necessita do corpo, para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta; o corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta, ao contrário: sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa então que o Espírito mude mais ou menos frequentemente de envoltório! Não deixa por isso de ser menos Espírito; é absolutamente como se um homem renovasse as suas vestes cem vezes no ano: não deixaria de ser o mesmo homem por causa disso.

Pelo incessante espetáculo da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Irão questionar: Deus não podia chegar ao mesmo resultado por outros meios e sem constringer os seres vivos a se destruírem entre si?

**Muito ousado seria pretender penetrar nos desígnios de Deus!** Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que essa sabedoria não exista mais num ponto do que noutros; se não a compreendemos, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, podemos tentar buscar a razão, tomando por bússola este princípio: *Deus há de ser infinitamente justo e sábio*; Portanto, procuraremos em tudo a sua justiça e a sua sabedoria, e nos curvemos diante daquele que ultrapasse o nosso entendimento.

22.- Uma primeira utilidade que se apresenta dessa destruição — cuja utilidade na verdade é puramente física — é esta aqui: os corpos orgânicos só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, matérias essas que só elas contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Os corpos — instrumentos de ação para o princípio inteligente — precisando ser constantemente renovados, a Providência faz que sirvam à sua manutenção mútua; por isso **que** os corpos se nutrem de corpos, mas sem que Espírito seja aniquilado e nem alterado; ele apenas desprovido do seu envoltório.

23.- Há também considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária para o desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exercita suas faculdades.

Pelo incessante espetáculo da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Irão questionar: Deus não podia chegar ao mesmo resultado por outros meios e sem constringer os seres vivos a se destruírem entre si?

Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que essa sabedoria não exista mais num ponto do que noutros; se não a compreendemos, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, podemos tentar buscar a razão, tomando por bússola este princípio: *Deus há de ser infinitamente justo e sábio*; Portanto, procuraremos em tudo a sua justiça e a sua sabedoria, e nos curvemos diante daquele que ultrapasse o nosso entendimento.

22.- Uma primeira utilidade que se apresenta dessa destruição — cuja utilidade na verdade é puramente física — é esta aqui: os corpos orgânicos só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, matérias essas que só elas contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Os corpos — instrumentos de ação para o princípio inteligente — precisando ser constantemente renovados, a Providência faz que sirvam à sua manutenção mútua; por isso os corpos **que** se nutrem de corpos, mas sem que Espírito seja aniquilado e nem alterado; ele apenas desprovido do seu envoltório. (1)

(1) Veja a Revista Espírita, agosto de 1864, *Extinção das raças*.

23.- Há também considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária para o desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exercita suas faculdades.

Aquele que ataca para tirar seu sustento e aquele que se defende para conservar a sua vida usam de astúcia e inteligência, e por isso mesmo, eles aumentam suas forças intelectuais. Um dos dois tomba; mas, , o que foi que o mais forte ou o mais esperto tirou do mais do fraco, **na realidade?** A vestimenta de carne, nada mais; o Espírito — que não morreu — tomará mais tarde outro corpo.

24.- Nos seres inferiores da criação, naqueles em quem não há o senso moral e a inteligência ainda não substituiu o instinto — a luta não pode ter por fim senão a satisfação de uma necessidade material; ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação; eles então lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, pois eles não poderiam ser estimulados por um objetivo mais elevado. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida. **Quando ela tiver atingido o grau de maturidade necessária para sua transformação, ela receberá de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o senso moral, a centelha divina, em uma palavra, que dão um novo curso às suas ideias, dotando-as de novas aptidões e novas percepções.**

Todavia, **as novas faculdades morais das quais ela é dotada não só se desenvolvem gradativamente, pois nada é brusco na natureza;** há um período de transição em que **o homem** mal se distingue do bruto; nas primeiras idades, o instinto animal domina e a luta ainda tem por meta a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; então o homem luta, não mais para se alimentar, mas sim para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, à necessidade de dominar: para isso, ele ainda precisa destruir. Todavia, à medida que o senso moral assume o comando, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade de destruir diminui; acaba mesmo por

Aquele que ataca para tirar seu sustento e aquele que se defende para conservar a sua vida usam de astúcia e inteligência, e por isso mesmo, eles aumentam suas forças intelectuais. Um dos dois tomba; mas, **na realidade,** o que foi que o mais forte ou o mais esperto tirou do mais do fraco . **?** A vestimenta de carne, nada mais; o Espírito — que não morreu — tomará mais tarde outro corpo.

24.- Nos seres inferiores da criação, naqueles em quem não há o senso moral e a inteligência ainda não substituiu o instinto — a luta não pode ter por fim senão a satisfação de uma necessidade material; ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação; eles então lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, pois eles não poderiam ser estimulados por um objetivo mais elevado. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

#### No homem

há um período de transição em que **ele** mal se distingue do bruto; nas primeiras idades, o instinto animal domina e a luta ainda tem por meta a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; então o homem luta, não mais para se alimentar, mas sim para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, à necessidade de dominar: para isso, ele ainda precisa destruir. Todavia, à medida que o senso moral assume o comando, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade de destruir diminui; acaba mesmo por

se apagar e se tornar odioso: o homem tem horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo tendo chegado a esse ponto que nos parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito; só ao preço de sua atividade é que ele adquire conhecimentos, experiências, e que se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas **enquanto** a luta, de sangrenta e brutal que era — torna-se puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra os seus semelhantes (2).

(2) **Essa questão se vincula àquela, não menos grave, que se referente à animalidade e a humanidade, que será tratada posteriormente. Quisemos** somente demonstrar por essa explicação que a destruição mútua dos seres vivos não contesta em nada a sabedoria divina, e que tudo se encaixa nas leis da natureza. Esse encadeamento seria necessariamente rompido se excluirmos o princípio espiritual; daí porque tantas questões ficam insolúveis se levássemos em conta apenas a matéria.

se apagar e se tornar odioso: **então**, o homem tem horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo tendo chegado a esse ponto que nos parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito; só ao preço de sua atividade é que ele adquire conhecimentos, experiências, e que se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas, **neste momento**, a luta, de sangrenta e brutal que era — torna-se puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra os seus semelhantes (3).

(3) **Sem prejudicar das consequências que se possam tirar desse princípio,**

**quisemos** somente demonstrar por essa explicação que a destruição mútua dos seres vivos não contesta em nada a sabedoria divina, e que tudo se encaixa nas leis da natureza. Esse encadeamento seria necessariamente rompido se excluirmos o princípio espiritual; daí porque tantas questões ficam insolúveis se levássemos em conta apenas a matéria. **As doutrinas materialistas trazem em si o princípio de sua própria destruição. Têm contra si não só o antagonismo em que se acham com as aspirações da universalidade dos homens e suas consequências morais (que farão que elas sejam repelidas como dissolventes da sociedade), mas também a necessidade que o homem experimenta de se inteirar de tudo o que resulta do progresso. O desenvolvimento intelectual conduz o homem à pesquisa das causas. Ora, por pouco que ele reflita, não tardará a reconhecer a impotência do materialismo para explicar tudo. Como é possível que doutrinas que não satisfazem ao coração, nem à razão, nem à inteligência, que deixam problemáticas as mais vitais questões, venham a prevalecer? O progresso das ideias matará o materialismo, como matou o fanatismo.**

## CAPÍTULO IV - O papel da ciência na gênese

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1872)

1.- A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a da religião deles; é por isso que seus primeiros livros eram obras religiosas; e como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas — que é também o da humanidade — elas deram explicações sobre a formação e o arranjo do universo em concordância com o estado dos conhecimentos da época e de seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram ao mesmo tempo os primeiros livros de ciência, como foram por longo tempo o código único das leis civis.

2.- A religião era então um freio poderoso para se governar; os povos se curvavam voluntariamente diante das forças invisíveis em nome daqueles que os subjugavam, e dos quais os governantes se diziam ter seu poder, quando não se faziam passar por equivalentes a esses poderes.

Para dar mais força à religião, era preciso apresentá-la como absoluta, infalível e imutável, sem o que ela poderia perder sua ascendência sobre os seres quase brutos e recém-nascidos para a razão. Ela não poderia ser questionada, e menos ainda as ordens do soberano; daí, o princípio da lei cega e da obediência passiva que teria assim, desde a origem, sua razão de ser e sua utilidade. A veneração que deveria haver pelos livros sagrados, quase sempre supostamente descidos do céu, ou inspirados pela divindade, proibiam qualquer exame.

3.- Nas Eras primitivas, como os meios de observação eram necessariamente muito imperfeitos, as primeiras teorias sobre o sistema do mundo haviam de ser muito carregadas de erros grosseiros; mas, ainda quando esses meios fossem tão completos quanto são os de hoje, os homens não teriam sabido utilizá-los; aliás, tais meios só podiam ser fruto do desenvolvimento da

1.- A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a da religião deles; é por isso que seus primeiros livros eram obras religiosas; e como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas — que é também o da humanidade — elas deram explicações sobre a formação e o arranjo do universo em concordância com o estado dos conhecimentos da época e de seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram ao mesmo tempo os primeiros livros de ciência, como foram por longo tempo o código único das leis civis.

2.- Nas Eras primitivas, como os meios de observação eram necessariamente muito imperfeitos, as primeiras teorias sobre o sistema do mundo haviam de ser muito carregadas de erros grosseiros; mas, ainda quando esses meios fossem tão completos quanto são os de hoje, os homens não teriam sabido utilizá-los; aliás, tais meios só podiam ser fruto do desenvolvimento da

inteligência e do conhecimento sucessivo das leis da natureza. À medida que o homem foi se adiantando no conhecimento dessas leis, ele penetrou os mistérios da criação e retificou as ideias que eram formuladas sobre a origem das coisas.

**4.- Da mesma forma que para compreender e definir o movimento correlato dos ponteiros de um relógio, é necessário conhecer as leis que presidem a seu mecanismo, apreciar a natureza dos materiais e calcular a potência das forças ativas, para compreender o mecanismo do universo, é necessário conhecer as leis que regem todas as forças postas em ação desse vasto conjunto.**

O homem tem sido impotente para resolver o problema da criação até o momento em que a chave lhe foi dada pela ciência. Foi preciso que a astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar o olhar aí; que, pela força do cálculo ele pudesse determinar com rigorosa exatidão o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a física lhe revelasse as leis da gravidade, do calor, da luz e da eletricidade, **a força desses agentes sobre a natureza inteira e a causa dos inúmeros fenômenos que daí decorrem**; que a química lhe ensinasse as transformações da matéria e a mineralogia **as matérias** que formam a superfície do globo; que a geologia lhe ensinasse a ler nas camadas terrestres a formação gradual desse mesmo globo. A botânica, a zoologia, a paleontologia, a antropologia deviam iniciá-lo na filiação e sucessão dos seres organizados; com a arqueologia ele pôde acompanhar os traços da humanidade através das idades; em suma, completando-se umas às outras, todas as ciências tiveram que levar sua contribuição indispensável para o conhecimento da história do mundo; na falta dessas contribuições, o homem não tinha como guia mais do que suas primeiras hipóteses.

inteligência e do conhecimento sucessivo das leis da natureza. À medida que o homem foi se adiantando no conhecimento dessas leis, ele penetrou os mistérios da criação e retificou as ideias que eram formuladas sobre a origem das coisas.

3.-

O homem tem sido impotente para resolver o problema da criação até o momento em que a chave lhe foi dada pela ciência. Foi preciso que a astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar o olhar aí; que, pela força do cálculo ele pudesse determinar com rigorosa exatidão o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a física lhe revelasse as leis da gravidade, do calor, da luz e da eletricidade

; que a química lhe ensinasse as transformações da matéria e a mineralogia **os materiais** que formam a superfície do globo; que a geologia lhe ensinasse a ler nas camadas terrestres a formação gradual desse mesmo globo. A botânica, a zoologia, a paleontologia, a antropologia deviam iniciá-lo na filiação e sucessão dos seres organizados; com a arqueologia ele pôde acompanhar os traços da humanidade através das idades; em suma, completando-se umas às outras, todas as ciências tiveram que levar sua contribuição indispensável para o conhecimento da história do mundo; na falta dessas contribuições, o homem não tinha como guia mais do que suas primeiras hipóteses.

Por isso, antes que o homem **tivesse**<sup>1</sup> posse daqueles elementos de apreciação, todos os comentadores da Gênese, cuja razão esbarrava nas impossibilidades materiais, giravam dentro de um mesmo círculo sem conseguirem sair dele; só o conseguiram quando a ciência abriu caminho, fazendo rachaduras no velho edifício das crenças, e tudo então mudou de aspecto; uma vez que o fio condutor foi encontrado, as dificuldades foram prontamente aplanadas; em vez de uma Gênese imaginária, surgiu uma Gênese positiva e, de certo modo, experimental; o campo do Universo se alargou ao infinito; vimos a Terra e os astros se formarem gradualmente segundo leis eternas e imutáveis, que demonstram muito melhor a grandeza e a sabedoria de Deus, em vez de uma criação miraculosa e tirada repentinamente do nada, como uma mutação à vista, por uma súbita ideia da **divindade**, após uma eternidade de inércia.

Como que é impossível concebermos a Gênese sem os dados fornecidos pela ciência, podemos dizer com toda a verdade que: **é a ciência que é chamada a constituir a verdadeira Gênese, a partir da lei da natureza.**

5.- Ao ponto **a** que ela chegou ao século dezenove, a ciência solucionou todas as dificuldades do problema da Gênese?

Não, certamente; mas é incontestável que ela destruiu sem volta todos os erros principais e lançou os fundamentos mais essenciais sobre dados irrecusáveis. A bem dizer, os pontos ainda incertos não passam de questões de detalhes, cuja solução não poderá prejudicar o conjunto, qualquer que venha a ser no futuro. Aliás, apesar de todos os recursos que ela tem tido à sua disposição, faltou-lhe, até agora, um elemento

Por isso, antes que o homem tivesse posse daqueles elementos de apreciação, todos os comentadores da Gênese, cuja razão esbarrava nas impossibilidades materiais, giravam dentro de um mesmo círculo sem conseguirem sair dele; só o conseguiram quando a ciência abriu caminho, fazendo rachaduras no velho edifício das crenças, e tudo então mudou de aspecto; uma vez que o fio condutor foi encontrado, as dificuldades foram prontamente aplanadas; em vez de uma Gênese imaginária, surgiu uma Gênese positiva e, de certo modo, experimental; o campo do Universo se alargou ao infinito; vimos a Terra e os astros se formarem gradualmente segundo leis eternas e imutáveis, que demonstram muito melhor a grandeza e a sabedoria de Deus, em vez de uma criação miraculosa e tirada repentinamente do nada, como uma mutação à vista, por uma súbita ideia da **Divindade**, após uma eternidade de inércia.

Como que é impossível concebermos a Gênese sem os dados fornecidos pela ciência, podemos dizer com toda a verdade que: **a ciência é chamada a constituir a verdadeira Gênese, a partir da lei da natureza.**

4.- Ao ponto que ela chegou ao século dezenove, a ciência solucionou todas as dificuldades do problema da Gênese?

Não, certamente; mas é incontestável que ela destruiu sem volta todos os erros principais e lançou os fundamentos mais essenciais sobre dados irrecusáveis. A bem dizer, os pontos ainda incertos não passam de questões de detalhes, cuja solução não poderá prejudicar o conjunto, qualquer que venha a ser no futuro. Aliás, apesar de todos os recursos que ela tem tido à sua disposição, faltou-lhe, até agora, um elemento

<sup>1</sup> avant que l'homme **ne** fût en possession

importante, sem o qual jamais a obra poderia estar completa.

6.- De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos modernos dados científicos — mesmo com os erros que contém, e que hoje são demonstrados com evidência — é incontestavelmente a de Moisés. Alguns desses erros são até mais aparentes do que reais e vêm, ou de falsa interpretação atribuída a certos termos — cuja antiga significação se perdeu, ao passarem de língua em língua pela tradução, ou porque o seu significado originou se modificou com os costumes dos povos — ou, ainda, decorrem da forma simbólica própria do estilo oriental e que foi tomada ao pé da letra em vez de se procurar o seu sentido.

7.- Evidentemente que a Bíblia contém fatos que a razão desenvolvida pela ciência não poderia aceitar hoje, e outros fatos que parecem estranhos e repugnantes, porque derivam de costumes que já não são os nossos. Porém, ao lado disso, haveria parcialidade em não reconhecermos que ela guarda grandes e belas coisas. A simbologia ocupa ali espaço considerável, e esconde sob o seu véu verdades sublimes, que se evidenciam desde que a procuremos no íntimo do pensamento, pois então o absurdo desaparece.

Por que então o véu não se ergueu mais cedo? Por um lado, por falta de luzes que só a ciência e uma sã filosofia podiam fornecer, e por outro lado, pelo princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito bastante cego à letra, sob a qual a razão deveria se inclinar, e, por conseguinte, pelo temor de comprometer a base das crenças erguidas sobre o sentido literal. Como as crenças partindo de um ponto primitivo, acreditava-se que se o primeiro anel da cadeia se rompesse, todas as malhas da rede acabariam por se desagregar; é por isso que se fecharam os olhos

importante, sem o qual jamais a obra poderia estar completa.

5.- De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos modernos dados científicos — mesmo com os erros que contém, e que hoje são demonstrados com evidência — é incontestavelmente a de Moisés. Alguns desses erros são até mais aparentes do que reais e vêm, ou de falsa interpretação atribuída a certos termos — cuja antiga significação se perdeu, ao passarem de língua em língua pela tradução, ou porque o seu significado originou se modificou com os costumes dos povos — ou, ainda, decorrem da forma simbólica própria do estilo oriental e que foi tomada ao pé da letra em vez de se procurar o seu sentido.

6.- Evidentemente que a Bíblia contém fatos que a razão desenvolvida pela ciência não poderia aceitar hoje, e outros fatos que parecem estranhos e repugnantes, porque derivam de costumes que já não são os nossos. Porém, ao lado disso, haveria parcialidade em não reconhecermos que ela guarda grandes e belas coisas. A simbologia ocupa ali espaço considerável, e esconde sob o seu véu verdades sublimes, que se evidenciam desde que a procuremos no íntimo do pensamento, pois então o absurdo desaparece.

Por que então o véu não se ergueu mais cedo? Por um lado, por falta de luzes que só a ciência e uma sã filosofia podiam fornecer, e por outro lado, pelo princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito bastante cego à letra, sob a qual a razão deveria se inclinar, e, por conseguinte, pelo temor de comprometer a base das crenças erguidas sobre o sentido literal. Como as crenças partindo de um ponto primitivo, acreditava-se que se o primeiro anel da cadeia se rompesse, todas as malhas da rede acabariam por se desagregar; é por isso que se fecharam os olhos



de qualquer maneira; entretanto, fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando um edifício sai do prumo, não será mais prudente substituir imediatamente as pedras defeituosas por outras pedras boas em vez de se esperar, por respeito à antiguidade do edifício, que o mal se torne irremediável e que se faça preciso reconstruí-lo de cima a baixo?

8.- A Ciência, levando suas investigações até as entranhas da Terra e às profundezas dos céus, portanto demonstrou de maneira incontestável os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de as coisas terem se passado como são referidas textualmente ali; por ela mesma, a Ciência desferiu um duro golpe em crenças existentes há séculos. A fé ortodoxa se sobressaltou, porque julgou que lhe tiravam a pedra fundamental; mas, com quem a razão havia de estar: com a Ciência — caminhando prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e da observação, sem nada afirmar antes de ter em mãos as provas — ou com uma narrativa escrita quando absolutamente faltavam os meios de observação? No final de contas, quem deve prevalecer: aquele que diz 2 mais 2 são 5 e se nega a verificar, ou aquele que diz que 2 mais 2 são 4 e dá a prova?

9.- Mas então, alguns contestam: se a Bíblia é uma revelação divina, então Deus se enganou? Se não é uma revelação divina, ela não tem mais autoridade, e a religião desmorona por falta de alicerce.

Das duas coisas, uma: ou a Ciência está em erro, ou tem razão; se tem razão, não pode fazer que uma opinião oposta seja verdadeira; não há revelação que possa se sobrepor à autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, não é possível que Deus — que é a completa verdade — induza os homens

de qualquer maneira; entretanto, fechar os olhos ao perigo isto não é evitá-lo. Quando um edifício sai do prumo, não será mais prudente substituir imediatamente as pedras defeituosas por outras pedras boas em vez de se esperar, por respeito à antiguidade do edifício, que o mal se torne irremediável e que se faça preciso reconstruí-lo de cima a baixo?

7.- A Ciência, levando suas investigações até as entranhas da Terra e às profundezas dos céus, portanto demonstrou de maneira incontestável os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de as coisas terem se passado como são referidas textualmente ali; por ela mesma, a Ciência desferiu um duro golpe em crenças existentes há séculos. A fé ortodoxa se sobressaltou, porque julgou que lhe tiravam a pedra fundamental; mas, com quem a razão havia de estar: com a Ciência — caminhando prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e da observação, sem nada afirmar antes de ter em mãos as provas — ou com uma narrativa escrita quando absolutamente faltavam os meios de observação? No final de contas, quem deve prevalecer: aquele que diz 2 mais 2 são 5 e se nega a verificar, ou aquele que diz que 2 mais 2 são 4 e dá a prova?

8.- Mas então, alguns contestam: se a Bíblia é uma revelação divina, então Deus se enganou? Se não é uma revelação divina, ela não tem mais autoridade, e a religião desmorona por falta de alicerce.

Das duas coisas, uma: ou a Ciência está em erro, ou tem razão; se tem razão, não pode fazer que uma opinião oposta seja verdadeira; não há revelação que possa se sobrepor à autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, não é possível que Deus — que é a completa verdade — induza os homens

ao erro, nem ciente e nem **inconscientemente**, senão ele não seria Deus. Portanto, se os fatos contradizem as palavras que são atribuídas a ele, devemos concluir logicamente que ele não pronunciou tais palavras, ou que elas palavras foram levadas ao contrassenso.

Se a religião sofre dano com qualquer parte dessas contradições, a culpa não é da ciência, que não pode fazer que o que é deixe de ser; mas cabe aos homens, por haverem prematuramente estabelecido dogmas absolutos, de cujo tem feito questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas com cujo sacrifício temos de nos resignar, de boa ou má vontade, quando não consigamos evitá-las. Desde que o mundo marcha, sem que a vontade de uns possa detê-lo, o mais sensato é segui-lo e nos adaptarmos ao novo estado de coisas, em vez de nos agarrarmos ao passado que se desmorona, sob o risco de cairmos com ele.

**10.-** Seria preciso, por respeito aos textos guardados como sagrados, impor silencia à ciência? Isso seria tão impossível quanto impedir que a Terra gire. Sejam quais forem as religiões, elas jamais ganharam coisa alguma em sustentar erros comprovados. A missão da ciência é descobrir as leis da natureza; ora, como essas leis são obra de Deus, elas não podem ser contrárias às religiões que se baseiem na verdade. **Ela cumpre sua missão pela própria força das coisas, e por uma consequência natural do desenvolvimento da inteligência humana que, ela também, é uma obra divina, e não avança senão com a permissão de Deus em virtude das leis progressivas que ele estabeleceu.** Lançar anátema ao progresso como atentar contra a religião é **também ir contra a vontade** de Deus; é esforço mais inútil, porque nem todas as maldições do mundo impediriam a Ciência de avançar, e a verdade se faz hoje. *Se a*

ao erro, nem ciente e nem **inscientemente**, senão ele não seria Deus. Portanto, se os fatos contradizem as palavras que são atribuídas a ele, devemos concluir logicamente que ele não pronunciou tais palavras, ou que elas palavras foram levadas ao contrassenso.

Se a religião sofre dano com qualquer parte dessas contradições, a culpa não é da ciência, que não pode fazer que o que é deixe de ser; mas cabe aos homens, por haverem prematuramente estabelecido dogmas absolutos, de cujo tem feito questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas com cujo sacrifício temos de nos resignar, de boa ou má vontade, quando não consigamos evitá-las. Desde que o mundo marcha, sem que a vontade de uns possa detê-lo, o mais sensato é segui-lo e nos adaptarmos ao novo estado de coisas, em vez de nos agarrarmos ao passado que se desmorona, sob o risco de cairmos com ele.

**9.-** Seria preciso, por respeito aos textos guardados como sagrados, impor silencia à ciência? Isso seria tão impossível quanto impedir que a Terra gire. Sejam quais forem as religiões, elas jamais ganharam coisa alguma em sustentar erros comprovados. A missão da ciência é descobrir as leis da natureza; ora, como essas leis são obra de Deus, elas não podem ser contrárias às religiões que se baseiem na verdade.

Lançar anátema ao progresso como atentar contra a religião é **lançar maldição à própria obra** de Deus; é esforço mais inútil, porque nem todas as maldições do mundo impediriam a Ciência de avançar, e a verdade se faz hoje. *Se a*

*Religião se nega a caminhar com a Ciência, a Ciência avançará sozinha.*

11.- Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da ciência; essas descobertas não são fatais senão aquelas que se deixam distanciar pelas ideias progressistas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças; elas geralmente fazem um conceito tão mesquinho da **divindade** que não compreendem que assimilar as leis da natureza reveladas pela ciência é glorificar a Deus em suas obras; contudo, na sua cegueira, preferem render homenagem ao Espírito do mal. *Uma religião que não estivesse em contradição em nenhum ponto com as leis da natureza nada teria que temer do progresso e seria invulnerável.*

12.- A Gênese se divide em duas partes: a história da formação do mundo material e a da formação da humanidade, considerada em seu duplo princípio corporal e espiritual. A ciência tem se limitado à pesquisa das leis que regem a matéria; no próprio homem, ela não tem estudado mais que o envoltório carnal. Por esse lado, chegou a inteirar-se com exatidão das partes principais do mecanismo do universo e do organismo humano. Sobre esse ponto capital, a ciência pôde então completar a Gênese de Moisés e nela retificar as partes defeituosas.

Mas a história do homem — considerado como ser espiritual — se vincula a uma ordem especial de ideias que não são do domínio da Ciência propriamente dita, e das quais, por este motivo, ela não tem feito objeto de suas investigações. A Filosofia, que tem mais particularmente esse gênero de estudo nas suas atribuições, só tem formulado conceitos contraditórios sobre o ponto em questão, desde a mais pura espiritualidade, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras

*Religião se nega a caminhar com a Ciência, a Ciência avançará sozinha.*

10.- Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da ciência; essas descobertas não são fatais senão aquelas que se deixam distanciar pelas ideias progressistas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças; elas geralmente fazem um conceito tão mesquinho da **Divindade** que não compreendem que assimilar as leis da natureza reveladas pela ciência é glorificar a Deus em suas obras; contudo, na sua cegueira, preferem render homenagem ao Espírito do mal. *Uma religião que não estivesse em contradição em nenhum ponto com as leis da natureza nada teria que temer do progresso e seria invulnerável.*

11.- A Gênese se divide em duas partes: a história da formação do mundo material e a da formação da humanidade, considerada em seu duplo princípio corporal e espiritual. A ciência tem se limitado à pesquisa das leis que regem a matéria; no próprio homem, ela não tem estudado mais que o envoltório carnal. Por esse lado, chegou a inteirar-se com exatidão das partes principais do mecanismo do universo e do organismo humano. Sobre esse ponto capital, a ciência pôde então completar a Gênese de Moisés e nela retificar as partes defeituosas.

Mas a história do homem — considerado como ser espiritual — se vincula a uma ordem especial de ideias que não são do domínio da Ciência propriamente dita, e das quais, por este motivo, ela não tem feito objeto de suas investigações. A Filosofia, que tem mais particularmente esse gênero de estudo nas suas atribuições, só tem formulado conceitos contraditórios sobre o ponto em questão, desde a mais pura espiritualidade, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras

bases senão as ideias pessoais de seus autores; pois então, ela tem deixado a questão indecisa por falta de um controle suficiente.

13.- No entanto, esta questão é a mais importante para o homem, porque envolve o problema do seu passado e do seu futuro; aquela do mundo material só o afeta indiretamente. O que lhe importa saber antes de tudo é de onde ele veio, para onde vai, se já viveu e se ainda viverá, e qual a sorte que lhe está reservada.

Sobre todos esses pontos a ciência é muda. A Filosofia apenas emite opiniões que concluem em sentido diametralmente oposto, mas que, pelo menos, permite questionar — o que faz com que muitas pessoas se coloquem do seu lado de preferência, a seguir a religião, que não discute as opiniões.

14.- Todas as religiões estão de acordo **com** o princípio da existência da alma, embora sem o demonstrar; mas não se concordam nem quanto à origem dessa alma, nem com relação ao seu passado, nem ao seu futuro, nem principalmente — o que é o essencial — de que depende a sua **sorte**<sup>2</sup> futura. Em sua maioria, elas fazem do seu futuro um quadro imposto conforme a crença de seus adeptos, que não podem ser aceitos senão pela fé cega, mas que não podem suportar um exame sério. O destino que elas fazem da alma estando, nos seus dogmas, ligada às ideias que se tem feito do mundo material e do mecanismo do universo nos tempos primitivos, é inconciliável com o estado dos conhecimentos atuais. Então, só tendo o que perder com o exame e a discussão, as religiões acham mais simples anular um e outra.

15.- As divergências sobre o futuro do homem nasceram da dúvida e da incredulidade. **E não**

bases senão as ideias pessoais de seus autores; pois então, ela tem deixado a questão indecisa por falta de um controle suficiente.

12.- No entanto, esta questão é a mais importante para o homem, porque envolve o problema do seu passado e do seu futuro; aquela do mundo material só o afeta indiretamente. O que lhe importa saber antes de tudo é de onde ele veio, para onde vai, se já viveu e se ainda viverá, e qual a sorte que lhe está reservada.

Sobre todos esses pontos a ciência é muda. A Filosofia apenas emite opiniões que concluem em sentido diametralmente oposto, mas que, pelo menos, permite questionar — o que faz com que muitas pessoas se coloquem do seu lado de preferência, a seguir a religião, que não discute as opiniões.

13.- Todas as religiões estão de acordo **sobre** o princípio da existência da alma, embora sem o demonstrar; mas não se concordam nem quanto à origem dessa alma, nem com relação ao seu passado, nem ao seu futuro, nem principalmente — o que é o essencial — de que depende a sua **sorte** futura. Em sua maioria, elas fazem do seu futuro um quadro imposto conforme a crença de seus adeptos, que não podem ser aceitos senão pela fé cega, mas que não podem suportar um exame sério. O destino que elas fazem da alma estando, nos seus dogmas, ligada às ideias que se tem feito do mundo material e do mecanismo do universo nos tempos primitivos, é inconciliável com o estado dos conhecimentos atuais. Então, só tendo o que perder com o exame e a discussão, as religiões acham mais simples anular um e outra.

14.- As divergências sobre o futuro do homem nasceram da dúvida e da incredulidade.

<sup>2</sup> Correção de erro de tipografia.

poderia ser de outro modo: cada religião pretende possuir sozinha toda a verdade, uma descrevendo-a de um jeito e a outra descrevendo-a de outro, sem dar provas de suas afirmações o suficiente para reunir a maioria, diante da indecisão o homem se volta para o seu presente.

No entanto, a incredulidade deixa um vazio penoso; o homem encara com ansiedade o desconhecido no qual cedo ou tarde deve fatalmente ingressar; a ideia do nada o congela; a consciência lhe diz que para além do presente alguma coisa lhe está reservada: mas o quê? Sua razão desenvolvida já não lhe permite aceitar as histórias com as quais acalentaram sua infância, nem tomar a alegoria como realidade. Qual o sentido dessa alegoria? A Ciência lhe rasgou um canto do véu; mas não lhe revelou o que mais lhe importa saber. Ele interroga em vão, ela nada lhe responde de maneira definitiva e apropriada a lhe acalmar as apreensões; por toda parte depara com a afirmação a se chocar contra a negação, sem provas mais positivas de um lado do que do outro. Daí a incerteza, e *a incredulidade sobre as coisas da vida futura faz com que o homem se lance tomado de uma loucura sobre as coisas da vida material.*

Esse é o efeito inevitável das épocas de transição; cai o edifício do passado, sem que o do futuro ainda se ache construído. O homem é como o adolescente que já não tem a crença ingênua dos seus primeiros anos e ainda não possui os conhecimentos da idade madura; apenas sente vagas aspirações, que não sabe definir.

16.- Se a questão do homem espiritual permaneceu até aos dias atuais em estado de teoria, é que faltavam os meios de observação **direta**<sup>3</sup>, que só existiam para comprovar o estado

No entanto, a incredulidade deixa um vazio penoso; o homem encara com ansiedade o desconhecido no qual cedo ou tarde deve fatalmente ingressar; a ideia do nada o congela; a consciência lhe diz que para além do presente alguma coisa lhe está reservada: mas o quê? Sua razão desenvolvida já não lhe permite aceitar as histórias com as quais acalentaram sua infância, nem tomar a alegoria como realidade. Qual o sentido dessa alegoria? A Ciência lhe rasgou um canto do véu; mas não lhe revelou o que mais lhe importa saber. Ele interroga em vão, ela nada lhe responde de maneira definitiva e apropriada a lhe acalmar as apreensões; por toda parte depara com a afirmação a se chocar contra a negação, sem provas mais positivas de um lado do que do outro. Daí a incerteza, e *a incredulidade sobre as coisas da vida futura faz com que o homem se lance tomado de uma loucura sobre as coisas da vida material.*

Esse é o efeito inevitável das épocas de transição; cai o edifício do passado, sem que o do futuro ainda se ache construído. O homem é como o adolescente que já não tem a crença ingênua dos seus primeiros anos e ainda não possui os conhecimentos da idade madura; apenas sente vagas aspirações, que não sabe definir.

15.- Se a questão do homem espiritual permaneceu até aos dias atuais em estado de teoria, é que faltavam os meios de observação **direta**, que só existiam para comprovar o estado do

<sup>3</sup> **directs** ⇒ **directe**

do mundo material, assim o campo permaneceu aberto às concepções do espírito humano. Enquanto o homem não conhecia as leis que regem a matéria e não pôde aplicar o método experimental, ele andou a errar de sistema em sistema, no tocante ao mecanismo do universo e à formação da Terra. Assim tem sido tanto na ordem moral quanto na ordem física; faltou o elemento essencial para fixar as ideias: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Esse conhecimento estava reservado para nossa época, como aquele conhecimento das leis da matéria tem sido a obra dos dois últimos séculos.

17.- Até o presente o estudo do princípio espiritual — compreendido na metafísica — tem sido puramente especulativo e teórico; no Espiritismo ele é **inteiramente**<sup>4</sup> experimental. Com o auxílio da faculdade mediúnica — agora já mais desenvolvida e, sobretudo, generalizada e mais bem estudada — o homem se achou de posse de um novo instrumento de observação. A mediunidade tem sido para o mundo espiritual o que o telescópio foi para o mundo espacial e o microscópio para o dos infinitamente pequenos; ela permitiu explora, estudar e, por assim dizer, *ver*, suas relações com o mundo corporal; permitiu separar no homem vivo o ser inteligente do ser material, e lhes observar agir separadamente. Uma vez em interação com os habitantes desse mundo, tornou-se possível seguir a alma na sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações e **poderia**<sup>5</sup>, enfim, estudar o elemento espiritual. Eis aí o que faltava aos anteriores comentadores da Gênese para compreendê-la e retificar os seus erros.

mundo material, assim o campo permaneceu aberto às concepções do espírito humano. Enquanto o homem não conhecia as leis que regem a matéria e não pôde aplicar o método experimental, ele andou a errar de sistema em sistema, no tocante ao mecanismo do universo e à formação da Terra. Assim tem sido tanto na ordem moral quanto na ordem física; faltou o elemento essencial para fixar as ideias: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Esse conhecimento estava reservado para nossa época, como aquele conhecimento das leis da matéria tem sido a obra dos dois últimos séculos.

16.- Até o presente o estudo do princípio espiritual — compreendido na metafísica — tem sido puramente especulativo e teórico; no Espiritismo ele é **inteiramente** experimental. Com o auxílio da faculdade mediúnica — agora já mais desenvolvida e, sobretudo, generalizada e mais bem estudada — o homem se achou de posse de um novo instrumento de observação. A mediunidade tem sido para o mundo espiritual o que o telescópio foi para o mundo espacial e o microscópio para o dos infinitamente pequenos; ela permitiu explora, estudar e, por assim dizer, *ver*, suas relações com o mundo corporal; permitiu separar no homem vivo o ser inteligente do ser material, e lhes observar agir separadamente. Uma vez em interação com os habitantes desse mundo, tornou-se possível seguir a alma na sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações e **poderia**, enfim, estudar o elemento espiritual. Eis aí o que faltava aos anteriores comentadores da Gênese para compreendê-la e retificar os seus erros.

<sup>4</sup> tout ⇒ toute

<sup>5</sup> put ⇒ a pu

## CAPÍTULO IV - O papel da ciência na gênese

1ª Edição (1868)

18.- Estando o mundo espiritual e o mundo material em incessante contato, são solidários entre si; ambos têm a sua parcela de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, seria tão impossível constituir uma Gênese completa quanto um escultor dar vida a uma estátua. Somente agora, se bem nem a Ciência material, nem a Ciência espiritual tenham dito a última palavra, o homem possui os dois elementos próprios para lançar luz sobre esse imenso problema. Era preciso, com toda a necessidade, essas duas chaves para se chegar a uma solução, ainda que aproximada. **Quanto à solução definitiva, talvez não seja permitido jamais ao homem encontrá-la sobre a Terra, porque são coisas que são os segredos de Deus.**

5ª Edição (1869/72)

17.- Estando o mundo espiritual e o mundo material em incessante contato, são solidários entre si; ambos têm a sua parcela de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, seria tão impossível constituir uma Gênese completa quanto um escultor dar vida a uma estátua. Somente agora, se bem nem a Ciência material, nem a Ciência espiritual tenham dito a última palavra, o homem possui os dois elementos próprios para lançar luz sobre esse imenso problema. Era preciso, com toda a necessidade, essas duas chaves para se chegar a uma solução, ainda que aproximada.

1.- A primeira ideia que os homens formaram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo, deve ter sido, a princípio, baseado unicamente na percepção dos sentidos. Desconhecendo as mais elementares leis da Física e as forças da natureza, só dispendo de sua vista limitada como meio de observação, eles só podiam julgar pelas aparências.

Vendo o Sol aparecer pela manhã, de um lado do horizonte, e desaparecer à tarde do lado oposto, concluíram naturalmente que ele girava em torno da Terra, enquanto esta se conservaria imóvel. Se lhes dissessem então que o contrário é o que ocorre, responderiam que tal coisa não seria possível, pois, contestariam: nós vemos que o Sol muda de lugar e não sentimos que a Terra se mexa.

2.- A pequena extensão das viagens, que naquela época raramente iam além dos limites da tribo ou do vale, não **permitia**<sup>1</sup> comprovar que a Terra era uma esfera. Além disso, como haviam de supor que a Terra fosse uma bola? Os homens somente poderiam se manter sobre o ponto mais elevado e, supondo-a habitada em toda **sua** superfície, como poderiam eles viver no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? A coisa parecia ainda menos possível com o movimento de rotação. Mesmo nos nossos dias, em que conhecemos a lei de gravitação, quando vemos pessoas relativamente esclarecidas não perceberem esse fenômeno, como nos surpreendermos com o fato de que homens das primeiras idades não o tenham sequer suspeitado? A terra então era par eles uma superfície plana e circular qual uma mó de moinho estendendo-se a perder de vista na direção horizontal; daí a expressão ainda em uso: ir ao fim do mundo. Seus

1.- A primeira ideia que os homens formaram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo, deve ter sido, a princípio, baseado unicamente na percepção dos sentidos. Desconhecendo as mais elementares leis da Física e as forças da natureza, só dispendo de sua vista limitada como meio de observação, eles só podiam julgar pelas aparências.

Vendo o Sol aparecer pela manhã, de um lado do horizonte, e desaparecer à tarde do lado oposto, concluíram naturalmente que ele girava em torno da Terra, enquanto esta se conservaria imóvel. Se lhes dissessem então que o contrário é o que ocorre, responderiam que tal coisa não seria possível, pois, contestariam: nós vemos que o Sol muda de lugar e não sentimos que a Terra se mexa.

2.- A pequena extensão das viagens, que naquela época raramente iam além dos limites da tribo ou do vale, não **permitia** comprovar que a Terra era uma esfera. Além disso, como haviam de supor que a Terra fosse uma bola? Os homens somente poderiam se manter sobre o ponto mais elevado e, supondo-a habitada em toda **a** superfície, como poderiam eles viver no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? A coisa parecia ainda menos possível com o movimento de rotação. Mesmo nos nossos dias, em que conhecemos a lei de gravitação, quando vemos pessoas relativamente esclarecidas não perceberem esse fenômeno, como nos surpreendermos com o fato de que homens das primeiras idades não o tenham sequer suspeitado? A terra então era par eles uma superfície plana e circular qual uma mó de moinho estendendo-se a perder de vista na direção horizontal; daí a expressão ainda em uso: ir ao fim do mundo. Seus

<sup>1</sup> ne **pouvaiert** permettre de constater ⇒ ne **pouvait** permettre de constater



limites, sua espessura, seu interior, sua face inferior, o que havia embaixo, era tudo desconhecido (1).

(1) A mitologia hindu ensinava que o sol se despojava de sua luz ao entardecer e atravessava o céu durante a noite com uma face obscura. A mitologia grega figurava o carro de Apolo puxado por quatro cavalos. Anaximandro de Mileto, ao que refere Plutarco, sustentava que o sol era um carrinho repleto de fogo muito vivo, que se escapava por uma abertura circular. Epicuro, **ao que parece**, teria emitido a opinião de que o sol se acendia pela manhã e se apagava à noite nas águas do Oceano; segundo outros, ele considerava esse astro uma pedra-pomes [rocha vulcânica] aquecida até à incandescência. Anaxágoras o tomava por um ferro esbraseado, do tamanho do Peloponeso. Coisa estranha! Os antigos eram tão invencivelmente induzidos a considerar real a grandeza aparente desse astro, que perseguiram o filósofo temerário por haver atribuído aquele volume ao facho do dia, fazendo-se necessária toda a autoridade de Péricles para salvá-lo de uma condenação à morte e para que essa pena fosse comutada na de exílio || (Flammarion, *Estudos e leituras sobre a astronomia*, pág. 6).

Diante de tais ideias, emitidas no quinto século antes do Cristo, nos tempos mais florescentes da Grécia, não devem causar espanto aquelas que os homens das primeiras idades faziam sobre o sistema do mundo

3.- O céu, aparecendo sob uma forma côncava, segundo a crença comum, era tido como uma abóbada real, cujas bordas inferiores repousavam na Terra e demarcavam os seus confins; vasto domo cujo ar enchia completamente a capacidade. Sem nenhuma noção do espaço infinito e incapazes até mesmo de o conceberem, os homens imaginavam que essa abóbada era constituída de uma matéria sólida, donde vem a denominação *firmamento* que sobreviveu à crença e que significa *firme, resistente* (do latim *firmamentum*, derivado de *firmus* e do grego *herma, hermatos*, firme, sustentáculo, suporte, ponto de apoio).

4.- As estrelas, cuja natureza não se podia suspeitar, eram simples pontos luminosos, mais ou

limites, sua espessura, seu interior, sua face inferior, o que havia embaixo, era tudo desconhecido (1).

(1) A mitologia hindu ensinava que o sol se despojava de sua luz ao entardecer e atravessava o céu durante a noite com uma face obscura. A mitologia grega figurava o carro de Apolo puxado por quatro cavalos. Anaximandro de Mileto, ao que refere Plutarco, sustentava que o sol era um carrinho repleto de fogo muito vivo, que se escapava por uma abertura circular. Epicuro, **segundo uns**, teria emitido a opinião de que o sol se acendia pela manhã e se apagava à noite nas águas do Oceano; segundo outros, ele considerava esse astro uma pedra-pomes [rocha vulcânica] aquecida até à incandescência. Anaxágoras o tomava por um ferro esbraseado, do tamanho do Peloponeso. Coisa estranha! Os antigos eram tão invencivelmente induzidos a considerar real a grandeza aparente desse astro, que perseguiram o filósofo temerário por haver atribuído aquele volume ao facho do dia, fazendo-se necessária toda a autoridade de Péricles para salvá-lo de uma condenação à morte e para que essa pena fosse comutada na de exílio || (Flammarion, *Estudos e leituras sobre a astronomia*, pág. 6). **[juntou parágrafos]**

Diante de tais ideias, emitidas no quinto século antes do Cristo, nos tempos mais florescentes da Grécia, não devem causar espanto aquelas que os homens das primeiras idades faziam sobre o sistema do mundo

3.- O céu, aparecendo sob uma forma côncava, segundo a crença comum, era tido como uma abóbada real, cujas bordas inferiores repousavam na Terra e demarcavam os seus confins; vasto domo cujo ar enchia completamente a capacidade. Sem nenhuma noção do espaço infinito e incapazes até mesmo de o conceberem, os homens imaginavam que essa abóbada era constituída de uma matéria sólida, donde vem a denominação *firmamento* que sobreviveu à crença e que significa *firme, resistente* (do latim *firmamentum*, derivado de *firmus* e do grego *herma, hermatos*, firme, sustentáculo, suporte, ponto de apoio).

4.- As estrelas, cuja natureza não se podia suspeitar, eram simples pontos luminosos, mais ou

menos grossos, fixadas na abóbada como lâmpadas suspensas, dispostas sobre uma única superfície e, conseqüentemente, todas elas à mesma distância da Terra, da mesma maneira como as representamos no interior de certas cúpulas, pintadas de azul, para simbolizar o azulado dos céus.

Se bem que hoje as ideias sejam totalmente diferentes, o uso das expressões antigas ficou conservado; ainda se diz, por comparação: a abóbada estrelada, sob a calota do céu.

5.- A formação das nuvens pela evaporação das águas da Terra era então igualmente desconhecida; a ninguém podia vir a ideia de que a chuva que cai do céu tivesse sua origem na Terra, de onde ninguém a via subir. Daí a crença na existência de *águas superiores* e de *águas inferiores*, de fontes celestes e de fontes terrestres, de reservatórios colocados nas altas regiões, suposição que concordava perfeitamente com a ideia de uma abóbada sólida, capaz de sustentá-los. As águas superiores, escapando-se pelas frestas da abóbada, caíam em chuva e, conforme fossem mais ou menos largas as frestas, a chuva era suave, torrencial e diluviana.

6.- A ignorância completa do conjunto do Universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e da destinação dos astros — que, aliás, pareciam tão pequenos, comparativamente à Terra — fez necessariamente com que esta fosse considerada como a coisa principal, o objetivo único da criação e os astros como acessórios criados exclusivamente para a distração dos seus habitantes. Esse preconceito se perpetuou até aos nossos dias, apesar das descobertas da ciência, que, para o homem, mudaram o aspecto do mundo. Quanta gente ainda acredita que as estrelas são ornamentos do céu, destinados a enfeitar a vista dos habitantes da Terra!

menos grossos, fixadas na abóbada como lâmpadas suspensas, dispostas sobre uma única superfície e, conseqüentemente, todas elas à mesma distância da Terra, da mesma maneira como as representamos no interior de certas cúpulas, pintadas de azul, para simbolizar o azulado dos céus.

Se bem que hoje as ideias sejam totalmente diferentes, o uso das expressões antigas ficou conservado; ainda se diz, por comparação: a abóbada estrelada, sob a calota do céu.

5.- A formação das nuvens pela evaporação das águas da Terra era então igualmente desconhecida; a ninguém podia vir a ideia de que a chuva que cai do céu tivesse sua origem na Terra, de onde ninguém a via subir. Daí a crença na existência de *águas superiores* e de *águas inferiores*, de fontes celestes e de fontes terrestres, de reservatórios colocados nas altas regiões, suposição que concordava perfeitamente com a ideia de uma abóbada sólida, capaz de sustentá-los. As águas superiores, escapando-se pelas frestas da abóbada, caíam em chuva e, conforme fossem mais ou menos largas as frestas, a chuva era suave, torrencial e diluviana.

6.- A ignorância completa do conjunto do Universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e da destinação dos astros — que, aliás, pareciam tão pequenos, comparativamente à Terra — fez necessariamente com que esta fosse considerada como a coisa principal, o objetivo único da criação e os astros como acessórios criados exclusivamente para a distração dos seus habitantes. Esse preconceito se perpetuou até aos nossos dias, apesar das descobertas da ciência, que, para o homem, mudaram o aspecto do mundo. Quanta gente ainda acredita que as estrelas são ornamentos do céu, destinados a enfeitar a vista dos habitantes da Terra!

7.- Porém, não tardou para que se apercebessem do movimento aparente das estrelas, que se deslocam em massa do oriente para o ocidente, despontando ao anoitecer e ocultando-se pela manhã, e conservando suas respectivas posições. Contudo, semelhante observação, durante longo tempo, não teve outra consequência que não fosse a de confirmar a ideia de uma abóbada sólida, arrastando consigo as estrelas no seu movimento de rotação.

Essas ideias primárias, simplistas, no curso de largos períodos seculares, constituíram o fundo das crenças religiosas e serviram de base a todas as cosmogonias antigas.

8.- Mais tarde, percebeu-se, pela direção do movimento das estrelas e pelo seu periódico retorno na mesma ordem, que a abóbada celeste não podia ser simplesmente a metade de uma esfera posta sobre a Terra, mas uma esfera inteira, oca, ao centro da qual se achava a Terra, sempre chata, ou, quando muito convexa, habitada somente na superfície superior. Já era um progresso. Mas, qual o suporte da Terra? Seria inútil mencionar todas as suposições ridículas criadas pela imaginação — desde a dos indianos, que a diziam suportada por quatro elefantes brancos e pousados sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sensatos confessavam que nada sabiam a respeito.

9.- Entretanto, uma opinião geralmente espalhada nas teogonias pagãs situava nos *lugares baixos*, ou, dito de outro modo, nas profundezas da Terra, ou debaixo desta, não sabia bem, a morada dos condenados, chamada *inferno*, isto é, *lugares inferiores*, e nos *lugares altos*, além da região das estrelas, a morada dos bem-aventurados. A palavra *inferno* se conservou até aos nossos dias, se bem haja perdido a significação etimológica depois que a geologia retirou o lugar dos suplícios eternos das

7.- Porém, não tardou para que se apercebessem do movimento aparente das estrelas, que se deslocam em massa do oriente para o ocidente, despontando ao anoitecer e ocultando-se pela manhã, e conservando suas respectivas posições. Contudo, semelhante observação, durante longo tempo, não teve outra consequência que não fosse a de confirmar a ideia de uma abóbada sólida, arrastando consigo as estrelas no seu movimento de rotação.

Essas ideias primárias, simplistas, no curso de largos períodos seculares, constituíram o fundo das crenças religiosas e serviram de base a todas as cosmogonias antigas.

8.- Mais tarde, percebeu-se, pela direção do movimento das estrelas e pelo seu periódico retorno na mesma ordem, que a abóbada celeste não podia ser simplesmente a metade de uma esfera posta sobre a Terra, mas uma esfera inteira, oca, ao centro da qual se achava a Terra, sempre chata, ou, quando muito convexa, habitada somente na superfície superior. Já era um progresso. Mas, qual o suporte da Terra? Seria inútil mencionar todas as suposições ridículas criadas pela imaginação — desde a dos indianos, que a diziam suportada por quatro elefantes brancos e pousados sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sensatos confessavam que nada sabiam a respeito.

9.- Entretanto, uma opinião geralmente espalhada nas teogonias pagãs situava nos *lugares baixos*, ou, dito de outro modo, nas profundezas da Terra, ou debaixo desta, não sabia bem, a morada dos condenados, chamada *inferno*, isto é, *lugares inferiores*, e nos *lugares altos*, além da região das estrelas, a morada dos bem-aventurados. A palavra *inferno* se conservou até aos nossos dias, se bem haja perdido a significação etimológica depois que a geologia retirou o lugar dos suplícios eternos das

entranhas da Terra, e que a astronomia demonstrou que no espaço infinito não há nem baixo e nem alto.

10.- Sob o céu límpido da Caldeia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, pôde-se observar o movimento dos astros com tanta exatidão que os permitiu a ausência de instrumentos especiais. Notou-se primeiramente que certas estrelas tinham movimento próprio e independente da massa, o que não permitia supor que elas estivessem presas à abóbada; chamaram-lhes *estrelas errantes* ou *planetas*, para distingui-las das estrelas fixas. Calcularam os seus movimentos e os retornos periódicos.

No movimento diurno da esfera estrelada, foi notada a imobilidade da Estrela Polar, em cujo redor as outras descreviam, em vinte e quatro horas, círculos oblíquos paralelos, uns maiores e outros menores conforme a sua distância em relação à estrela central; foi o primeiro passo para o conhecimento da obliquidade do eixo do mundo. Viagens mais longas permitiram observar a diferença dos aspectos do céu segundo as latitudes e as estações; a elevação da Estrela Polar acima do horizonte variando com a latitude abriu caminho à ideia da forma redonda da Terra; foi assim que pouco a pouco se fez uma ideia mais exata do sistema do mundo.

Pelos anos 600 antes de Cristo, *Tales de Mileto* (Ásia Menor) descobriu a esfericidade da Terra, a obliquidade da elíptica e a causa dos eclipses.

Um século depois, *Pitágoras de Samos* descobre o movimento diurno da Terra, sobre o próprio eixo, seu movimento anual em torno do Sol e incorpora os planetas e os cometas ao sistema solar.

*Hiparco de Alexandria* (Egito), 160 anos antes de Cristo, inventa o astrolábio, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol,

entranhas da Terra, e que a astronomia demonstrou que no espaço infinito não há nem baixo e nem alto.

10.- Sob o céu límpido da Caldeia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, pôde-se observar o movimento dos astros com tanta exatidão que os permitiu a ausência de instrumentos especiais. Notou-se primeiramente que certas estrelas tinham movimento próprio e independente da massa, o que não permitia supor que elas estivessem presas à abóbada; chamaram-lhes *estrelas errantes* ou *planetas*, para distingui-las das estrelas fixas. Calcularam os seus movimentos e os retornos periódicos.

No movimento diurno da esfera estrelada, foi notada a imobilidade da Estrela Polar, em cujo redor as outras descreviam, em vinte e quatro horas, círculos oblíquos paralelos, uns maiores e outros menores conforme a sua distância em relação à estrela central; foi o primeiro passo para o conhecimento da obliquidade do eixo do mundo. Viagens mais longas permitiram observar a diferença dos aspectos do céu segundo as latitudes e as estações; a elevação da Estrela Polar acima do horizonte variando com a latitude abriu caminho à ideia da forma redonda da Terra; foi assim que pouco a pouco se fez uma ideia mais exata do sistema do mundo.

Pelos anos 600 antes de Cristo, *Tales de Mileto* (Ásia Menor) descobriu a esfericidade da Terra, a obliquidade da elíptica e a causa dos eclipses.

Um século depois, *Pitágoras de Samos* descobre o movimento diurno da Terra, sobre o próprio eixo, seu movimento anual em torno do Sol e incorpora os planetas e os cometas ao sistema solar.

*Hiparco de Alexandria* (Egito), 160 anos antes de Cristo, inventa o astrolábio, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol,

determina o ano trópico, a duração das revoluções da Lua.

Por mais preciosas que fossem essas descobertas para o progresso da ciência, elas levaram perto de 2.000 anos para se popularizar. As ideias novas dispendo apenas de raros manuscritos para então se propagar, permaneciam como patrimônio de alguns filósofos, que as ensinavam a discípulos privilegiados; as massas — que ninguém cuidava de esclarecer — não tiravam nenhum proveito delas e continuavam a se nutrir das velhas crenças.

11.- Por volta do ano 140 da era **crístã**<sup>2</sup>, *Ptolomeu* — um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria —, combinando suas próprias ideias com as crenças comuns e com algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema que se pode chamar de misto, que traz o seu nome, e que, por cerca de quinze séculos, foi o único adotado no mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera posta no centro do Universo e compõe de quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Era a primeira região, dita *elementar*. A segunda região, dita *etérea*, compreendia onze céus, ou esferas concêntricas, girando em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, os de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino e, finalmente, do primeiro móvel que dava movimento a todos os céus inferiores, e os obrigava a fazer uma revolução em vinte e quatro horas. Para além dos onze céus estava o *Empíreo*, habitação dos bem-aventurados, assim denominada do grego *pyr* ou *pur*, que significa *fogo*, porque se acreditava que essa região resplandecia de luz, como o fogo.

determina o ano trópico, a duração das revoluções da Lua.

Por mais preciosas que fossem essas descobertas para o progresso da ciência, elas levaram perto de 2.000 anos para se popularizar. As ideias novas dispendo apenas de raros manuscritos para então se propagar, permaneciam como patrimônio de alguns filósofos, que as ensinavam a discípulos privilegiados; as massas — que ninguém cuidava de esclarecer — não tiravam nenhum proveito delas e continuavam a se nutrir das velhas crenças.

11.- Por volta do ano 140 da era **crístã**, *Ptolomeu* — um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria —, combinando suas próprias ideias com as crenças comuns e com algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema que se pode chamar de misto, que traz o seu nome, e que, por cerca de quinze séculos, foi o único adotado no mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera posta no centro do Universo e compõe de quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Era a primeira região, dita *elementar*. A segunda região, dita *etérea*, compreendia onze céus, ou esferas concêntricas, girando em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, os de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino e, finalmente, do primeiro móvel que dava movimento a todos os céus inferiores, e os obrigava a fazer uma revolução em vinte e quatro horas. Para além dos onze céus estava o *Empíreo*, habitação dos bem-aventurados, assim denominada do grego *pyr* ou *pur*, que significa *fogo*, porque se acreditava que essa região resplandecia de luz, como o fogo.

<sup>2</sup> Correção: (provavelmente) erro de tipografia - faltou o R na palavra: **chétienne** ⇒ **chrétienne**.

A crença em muitos céus superpostos prevaleceu por longo tempo, cujo número, entretanto, variava: o sétimo era geralmente tido como o mais elevado, donde vem a expressão “Ser arrebatado ao sétimo céu”. São Paulo disse que havia sito elevado ao terceiro céu.

Independentemente do movimento comum, segundo Ptolomeu, os astros tinham movimentos próprios, **particulares**, mais ou menos dilatados, conforme sua distância em relação ao centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos. Esta última avaliação denota o conhecimento da precessão dos equinócios, que de fato se realiza **aproximadamente** a cada **25.000** anos.

12.- No começo do século dezesseis, *Copérnico*, célebre astrônomo, nascido em Thorn (Prússia), no ano de 1472 e morto no de 1543, reconsiderou as ideias de Pitágoras; ele publicou um sistema que, confirmado todos os dias por novas observações, foi favoravelmente acolhido e não tardou a desbancar aquele de Ptolomeu. Segundo o sistema de Copérnico, o Sol está no centro e ao seu redor os astros descrevem órbitas circulares, sendo a Lua um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, *Galileu*, natural de Florença, inventa o telescópio; em 1610, descobre os quatro satélites de Júpiter e calcula suas revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; observa-lhes as fases e determina o tempo de suas rotações em torno de seu eixo, oferecendo assim, por provas materiais, sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Desde então ruiu a construção dos céus superpostos; os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados, como esta; **o Sol sendo uma estrela, centro de um turbilhão de planetas sujeitos a ele**; as estrelas sendo inúmeros sóis,

A crença em muitos céus superpostos prevaleceu por longo tempo, cujo número, entretanto, variava: o sétimo era geralmente tido como o mais elevado, donde vem a expressão “Ser arrebatado ao sétimo céu”. São Paulo disse que havia sito elevado ao terceiro céu.

Independentemente do movimento comum, segundo Ptolomeu, os astros tinham movimentos próprios, mais ou menos dilatados, conforme sua distância em relação ao centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos. Esta última avaliação denota o conhecimento da precessão dos equinócios, que de fato se realiza a cada **25,868** anos.

12.- No começo do século dezesseis, *Copérnico*, célebre astrônomo, nascido em Thorn (Prússia), no ano de 1472 e morto no de 1543, reconsiderou as ideias de Pitágoras; ele publicou um sistema que, confirmado todos os dias por novas observações, foi favoravelmente acolhido e não tardou a desbancar aquele de Ptolomeu. Segundo o sistema de Copérnico, o Sol está no centro e ao seu redor os astros descrevem órbitas circulares, sendo a Lua um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, *Galileu*, natural de Florença, inventa o telescópio; em 1610, descobre os quatro satélites de Júpiter e calcula suas revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; observa-lhes as fases e determina o tempo de suas rotações em torno de seu eixo, oferecendo assim, por provas materiais, sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Desde então ruiu a construção dos céus superpostos; os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados, como esta;

as estrelas sendo inúmeros sóis,

prováveis centros de outros tantos sistemas planetários.

As estrelas não estão mais confinadas numa zona da esfera celeste, mas estão irregularmente espalhadas pelo espaço sem limites; aquelas que pareciam se tocar encontrando-se a distâncias inimagináveis umas das outras; as menores aparentemente são as mais afastadas de nós e as maiores são as que estão mais perto, porém, ainda assim estando a centenas de milhares de léguas.

Os grupos aos quais foi dado o nome de *constelações* não são mais do que conjuntos aparentes causados pela distância; efeitos de perspectiva, como na forma, à vista daquele que se posta em um ponto fixo, de luzes dispersas numa vasta planície, ou as árvores de uma floresta; porém esses agrupamentos não existem realmente; se nós pudéssemos nos transportar para a reunião de uma dessas constelações, a sua forma se desmancharia na medida em que nos aproximássemos dela e novos grupos se desenhariam à nossa vista.

Como esses agrupamentos só existem na aparência, o significado que uma crença supersticiosa e comum lhe atribui é ilusória e sua influência só poderia existir na imaginação.

Para distinguir suas constelações, foi dado a elas nomes como estes: *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Libra, Capricórnio, Câncer, Áries, Hércules, Grande Ursa* ou *Carro de David, Pequena Ursa, Lira*, etc., e as representaram pelas figuras que esses nomes lembram — fantasiosas em sua maioria, mas que, em todos os casos, não têm qualquer relação com a forma aparente do grupo de estrelas. Seria assim em vão procurar tais formas no céu.

A crença na influência das constelações — sobretudo das que constituem os doze signos do

prováveis centros de outros tantos sistemas planetários ; e o Sol sendo reconhecido como uma estrela, centro de um turbilhão de planetas sujeitos a ele.

As estrelas não estão mais confinadas numa zona da esfera celeste, mas estão irregularmente espalhadas pelo espaço sem limites; aquelas que pareciam se tocar encontrando-se a distâncias inimagináveis umas das outras; as menores aparentemente são as mais afastadas de nós e as maiores são as que estão mais perto, porém, ainda assim estando a centenas de milhares de léguas.

Os grupos aos quais foi dado o nome de *constelações* não são mais do que conjuntos aparentes causados pela distância; suas figuras são efeitos de perspectiva, como na forma, à vista daquele que se posta em um ponto fixo, de luzes dispersas numa vasta planície, ou as árvores de uma floresta; porém esses agrupamentos não existem realmente; se nós pudéssemos nos transportar para a reunião de uma dessas constelações, a sua forma se desmancharia na medida em que nos aproximássemos dela e novos grupos se desenhariam à nossa vista.

Como esses agrupamentos só existem na aparência, o significado que uma crença supersticiosa e comum lhe atribui é ilusória e sua influência só poderia existir na imaginação.

Para distinguir suas constelações, foi dado a elas nomes como estes: *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Libra, Capricórnio, Câncer, Áries, Hércules, Grande Ursa* ou *Carro de David, Pequena Ursa, Lira*, etc., e as representaram pelas figuras que esses nomes lembram — fantasiosas em sua maioria, mas que, em todos os casos, não têm qualquer relação com a forma aparente do grupo de estrelas. Seria assim em vão procurar tais formas no céu.

A crença na influência das constelações — sobretudo das que constituem os doze signos do

zodíaco — veio da ideia ligada aos nomes que elas trazem; se àquela que se chama *leão* fosse dado o nome de *asno* ou de *ovelha*, certamente lhe teriam dado **outra**<sup>3</sup> influência.

13.- A partir de Copérnico e Galileu, as velhas cosmogonias foram destruídas para sempre; a astronomia só podia avançar, e não recuar. A História conta as lutas que esses grandes pensadores tiveram de sustentar contra os preconceitos e, **sobretudo**<sup>4</sup>, contra o espírito de seita, interessado em manter erros sobre os quais se haviam fundado crenças que lhes pareciam firmadas em bases inabaláveis. Bastou a invenção de um instrumento de óptica para derrubar uma construção de muitos milhares de anos. Mas nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público iniciado nas novas ideias começou a não se deixar embalar com ilusões e tomou parte na luta; já não era contra indivíduos que eles tinham de combater, mas contra a opinião geral, que abraçou a causa da verdade.

Quanto o Universo é grande em relação às mesquinhas proporções que nossos pais lhe deram! Quanto é sublime a obra de Deus, desde que a vemos realizar-se conformemente às eternas leis da natureza! Mas também, quanto tempo, quantos esforços dos pensadores e quantos devotamentos se fizeram necessários para destravar os olhos e, afinal, arrancar deles a venda da ignorância!

14.- Desde então estava aberto o caminho em que ilustres e numerosos sábios iriam entrar para completar a obra delineada. Na Alemanha, Kepler descobre as famosas leis que conservam o seu

zodíaco — veio da ideia ligada aos nomes que elas trazem; se àquela que se chama *leão* fosse dado o nome de *asno* ou de *ovelha*, certamente lhe teriam dado **outra** influência.

13.- A partir de Copérnico e Galileu, as velhas cosmogonias foram destruídas para sempre; a astronomia só podia avançar, e não recuar. A História conta as lutas que esses grandes pensadores tiveram de sustentar contra os preconceitos e, **sobretudo**, contra o espírito de seita, interessado em manter erros sobre os quais se haviam fundado crenças que lhes pareciam firmadas em bases inabaláveis. Bastou a invenção de um instrumento de óptica para derrubar uma construção de muitos milhares de anos. Mas nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público iniciado nas novas ideias começou a não se deixar embalar com ilusões e tomou parte na luta; já não era contra indivíduos que eles tinham de combater, mas contra a opinião geral, que abraçou a causa da verdade.

Quanto o Universo é grande em relação às mesquinhas proporções que nossos pais lhe deram! Quanto é sublime a obra de Deus, desde que a vemos realizar-se conformemente às eternas leis da natureza! Mas também, quanto tempo, quantos esforços dos pensadores e quantos devotamentos se fizeram necessários para destravar os olhos e, afinal, arrancar deles a venda da ignorância!

14.- Desde então estava aberto o caminho em que ilustres e numerosos sábios iriam entrar para completar a obra delineada. Na Alemanha, Kepler descobre as famosas leis que conservam o seu

<sup>3</sup> une **toute** autre influence ⇒ une **tout** autre influence.

<sup>4</sup> Correção: na primeira edição, houve um erro de tipografia na palavra *sourtout*, que foi gravada indevidamente como *sourtoNt*. Esse erro foi corrigido na quinta edição: **surtont** ⇒ **surtout**.



## CAPÍTULO V - Antigos e modernos sistemas do mundo

1ª Edição (1868)

nome e por meio das quais se reconhece que os planetas descrevem suas órbitas não circulares, mas em elipses, onde o Sol ocupa um dos focos; Newton, na Inglaterra, descobre a lei da gravidade universal; Laplace, na França, cria a mecânica celeste; e finalmente a astronomia deixa de ser um sistema de conjeturas ou de probabilidades e torna-se uma ciência estabelecida sobre as mais rigorosas bases do cálculo e da geometria. Assim se acha assentada uma das pedras fundamentais da Gênese.

5ª Edição (1869/72)

nome e por meio das quais se reconhece que os planetas descrevem suas órbitas não circulares, mas em elipses, onde o Sol ocupa um dos focos; Newton, na Inglaterra, descobre a lei da gravidade universal; Laplace, na França, cria a mecânica celeste; e finalmente a astronomia deixa de ser um sistema de conjeturas ou de probabilidades e torna-se uma ciência estabelecida sobre as mais rigorosas bases do cálculo e da geometria. Assim se acha assentada uma das pedras fundamentais da Gênese, **cerca de 3.300 anos depois de Moisés.**

## CAPÍTULO VI - Uranografia Geral (1)

1ª Edição (1868)

(1) Esse capítulo é textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título de *Estudos Uranográficos*, e assinado por *Galileu*, pelo médium M. C. F. [supostamente o célebre astrônomo espírita Nicolas Camille Flammarion]

O espaço e o tempo - A matéria

- As leis e as forças - A criação primária
- A criação universal - Os sóis e os planetas
- Os satélites - Os cometas - A via-láctea
- As estrelas fixas - Os desertos do espaço
- Eterna sucessão dos mundos - A vida universal
- **A ciência** - **Considerações morais**

### O ESPAÇO E O TEMPO

1.- Já foram dadas muitas definições de espaço; a principal é esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos; daí certos sofistas deduziram que onde não haja corpos não haveria espaço; é nisto que alguns doutores em teologia se basearam para estabelecer que o espaço seria necessariamente finito, alegando que certo número de corpos limitados não poderiam formar uma série infinita, e que, onde acabassem os corpos, o espaço também findaria. Também definiram o espaço como: **O** lugar onde os mundos se movem, o vazio onde a matéria age etc. Deixemos nos tratados onde repousam todas essas definições que não definem nada.

Espaço é uma dessas palavras que representam uma ideia primitiva e axiomática, evidente por ela mesma, e cujas diversas definições que se possam dar só servem para obscurecê-la. Todos nós sabemos o que é o espaço e eu não pretendo nada mais do que estabelecer sua infinidade, a fim de que nossos estudos posteriores não encontrem nenhuma barreira opondo-se às investigações de nossa ótica.

5ª Edição (1872)

(1) Esse capítulo é textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título de *Estudos Uranográficos*, e assinado por *Galileu*, pelo médium M. C. F. [supostamente o célebre astrônomo espírita Nicolas Camille Flammarion]

O espaço e o tempo - A matéria

- As leis e as forças - A criação primária
- A criação universal - Os sóis e os planetas
- Os satélites - Os cometas - A via-láctea
- As estrelas fixas - Os desertos do espaço
- Eterna sucessão dos mundos - A vida universal
- **Diversidade dos Mundos**

### O ESPAÇO E O TEMPO

1.- Já foram dadas muitas definições de espaço; a principal é esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos; daí certos sofistas deduziram que onde não haja corpos não haveria espaço; é nisto que alguns doutores em teologia se basearam para estabelecer que o espaço seria necessariamente finito, alegando que certo número de corpos limitados não poderiam formar uma série infinita, e que, onde acabassem os corpos, o espaço também findaria. Também definiram o espaço como: **o** lugar onde os mundos se movem, o vazio onde a matéria age etc. Deixemos nos tratados onde repousam todas essas definições que não definem nada.

Espaço é uma dessas palavras que representam uma ideia primitiva e axiomática, evidente por ela mesma, e cujas diversas definições que se possam dar só servem para obscurecê-la. Todos nós sabemos o que é o espaço e eu não pretendo nada mais do que estabelecer sua infinidade, a fim de que nossos estudos posteriores não encontrem nenhuma barreira opondo-se às investigações de nossa ótica.

Ora, digo que o espaço é infinito pela razão de ser impossível imaginarmos algum limite nele e porque, apesar da dificuldade que encontramos para conceber o infinito, mais fácil para nós é avançar eternamente pelo espaço em pensamento do que parar num ponto qualquer, depois do qual não mais encontrássemos extensão a percorrer.

Para exemplificarmos a infinidade do espaço o quanto as nossas limitadas habilidades nos permitam, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da fâisca elétrica — que percorre *milhares de léguas por segundo*, e que, havendo percorrido milhões de léguas mal tenhamos deixado este globo —, nos encontraríamos num lugar onde a Terra apareceria para nós sob o aspecto de uma pálida estrela. Passado um instante, seguindo sempre na mesma direção, chegamos a estrelas distantes que vocês mal percebem de sua estação terrestre; e de lá, não só a Terra nos desaparece inteiramente do olhar nas profundezas do céu, mas até o próprio Sol — com todo o seu esplendor — tem se eclipsado pela extensão que nos separa dele. Animados sempre da mesma velocidade do relâmpago, a cada passo que avançamos na extensão, transpomos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos na mesma abundância com que semeou as plantas nos campos terrenos.

Ora, há apenas poucos minutos que caminhamos e já centenas de milhões de milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos passaram sob nossas vistas e, entretanto, escutem! Na realidade, não avançamos um só passo no Universo!

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes mais e *incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago*, igualmente nem um passo teremos

Ora, digo que o espaço é infinito pela razão de ser impossível imaginarmos algum limite nele e porque, apesar da dificuldade que encontramos para conceber o infinito, mais fácil para nós é avançar eternamente pelo espaço em pensamento do que parar num ponto qualquer, depois do qual não mais encontrássemos extensão a percorrer.

Para exemplificarmos a infinidade do espaço o quanto as nossas limitadas habilidades nos permitam, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da fâisca elétrica — que percorre *milhares de léguas por segundo*, e que, havendo percorrido milhões de léguas mal tenhamos deixado este globo —, nos encontraríamos num lugar onde a Terra apareceria para nós sob o aspecto de uma pálida estrela. Passado um instante, seguindo sempre na mesma direção, chegamos a estrelas distantes que vocês mal percebem de sua estação terrestre; e de lá, não só a Terra nos desaparece inteiramente do olhar nas profundezas do céu, mas até o próprio Sol — com todo o seu esplendor — tem se eclipsado pela extensão que nos separa dele. Animados sempre da mesma velocidade do relâmpago, a cada passo que avançamos na extensão, transpomos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos na mesma abundância com que semeou as plantas nos campos terrenos.

Ora, há apenas poucos minutos que caminhamos e já centenas de milhões de milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos passaram sob nossas vistas e, entretanto, escutem! Na realidade, não avançamos um só passo no Universo!

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes mais e *incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago*, igualmente nem um passo teremos

avanzado, qualquer que seja o lado para onde nos dirijamos e qualquer que seja o ponto para onde nos encaminhemos, a partir desse grãozinho invisível donde saímos e a que chamamos Terra.

Eis aqui o que é o espaço!

2.- O tempo, assim como o *espaço*, é uma palavra já definida por si mesmo; temos feito dele uma ideia mais exata em estabelecendo sua relação com o todo infinito.

O tempo é a sucessão das coisas; está ligado à eternidade do mesmo modo que as coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamos que estamos na origem do nosso mundo, na época primitiva em que a Terra ainda não se movia sob a divina impulsão; numa palavra: no começo da Gênese. Aqui o tempo ainda não havia saído do misterioso berço da natureza e ninguém pode dizer em que época de séculos nos achamos, porque o pêndulo dos séculos ainda não está em movimento. Mas, silêncio! A primeira hora de uma Terra isolada soa como eterno timbre, o planeta se move no espaço e desde então temos *noite* e *manhã*. Para além da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo marche com relação a muitos outros mundos. Sobre a Terra, o tempo a supre e durante uma determinada série de gerações nós contaremos os anos e os séculos.

Vamos nos transportar agora para o último dia desse mundo, à hora em que, curvado sob o peso da velhice, a terra se apagará do livro da vida para não mais ai reaparecer: então a sucessão dos eventos se encerra; os movimentos terrestres que mediam o tempo se interrompem, e o tempo acaba com eles.

Esta simples exposição de coisas naturais que dão nascimento ao tempo, que o alimentam e deixam que ele se extinga, basta para mostrar que, visto do ponto em que tivemos de nos colocar para os nossos estudos, o tempo é uma gota d'água que cai da nuvem no mar e cuja queda é medida.

avanzado, qualquer que seja o lado para onde nos dirijamos e qualquer que seja o ponto para onde nos encaminhemos, a partir desse grãozinho invisível donde saímos e a que chamamos Terra.

Eis aqui o que é o espaço!

2.- O tempo, assim como o *espaço*, é uma palavra já definida por si mesmo; temos feito dele uma ideia mais exata em estabelecendo sua relação com o todo infinito.

O tempo é a sucessão das coisas; está ligado à eternidade do mesmo modo que as coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamos que estamos na origem do nosso mundo, na época primitiva em que a Terra ainda não se movia sob a divina impulsão; numa palavra: no começo da Gênese. Aqui o tempo ainda não havia saído do misterioso berço da natureza e ninguém pode dizer em que época de séculos nos achamos, porque o pêndulo dos séculos ainda não está em movimento. Mas, silêncio! A primeira hora de uma Terra isolada soa como eterno timbre, o planeta se move no espaço e desde então temos *noite* e *manhã*. Para além da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo marche com relação a muitos outros mundos. Sobre a Terra, o tempo a supre e durante uma determinada série de gerações nós contaremos os anos e os séculos.

Vamos nos transportar agora para o último dia desse mundo, à hora em que, curvado sob o peso da velhice, a terra se apagará do livro da vida para não mais ai reaparecer: então a sucessão dos eventos se encerra; os movimentos terrestres que mediam o tempo se interrompem, e o tempo acaba com eles.

Esta simples exposição de coisas naturais que dão nascimento ao tempo, que o alimentam e deixam que ele se extinga, basta para mostrar que, visto do ponto em que tivemos de nos colocar para os nossos estudos, o tempo é uma gota d'água que cai da nuvem no mar e cuja queda é medida.

Quantos mundos na vasta amplidão e quantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, somente a eternidade substitui essas rápidas sucessões e enche tranquilamente da sua luz imóvel a imensidade dos céus. Imensidade sem limites e eternidade sem limites são as duas grandes propriedades da natureza universal:

O olhar do observador que atravessa as incomensuráveis distâncias do espaço sem jamais encontrar parada e o olho do geólogo que volta além dos limites das idades, ou que desce às profundezas da eternidade escancarada, onde eles um dia se perderão, atuam em concordância, cada um na sua direção, para adquirir esta dupla noção do infinito: extensão e duração.

Ora, conservando ordem de ideias, será fácil compreendermos que o tempo sendo apenas a relação das coisas transitórias e dependendo unicamente das coisas que se medem, se, tomando os séculos terrestres por unidade, nós os empilhássemos milheiros sobre milheiros para formar um número colossal e esse número nunca representaria mais que um ponto na eternidade; do mesmo modo que milhares de léguas adicionadas a milhares de léguas não são mais do que um ponto na extensão.

Assim, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderíamos escrever um número tão longo quanto o equador terrestre e nos supor envelhecidos desse número de séculos, sem que na realidade nossa alma conte mais que um dia; e, juntando a esse número indefinível de séculos, uma série de números semelhantes, longa como daqui ao Sol, ou ainda mais consideráveis, se imaginássemos viver durante uma sucessão prodigiosa de períodos seculares representados pela adição de tais números, quando chegássemos ao fim, o inconcebível amontoado de séculos que nos passaria sobre a cabeça seria como se não existisse: restaria sempre diante de nós toda a eternidade.

Quantos mundos na vasta amplidão e quantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, somente a eternidade substitui essas rápidas sucessões e enche tranquilamente da sua luz imóvel a imensidade dos céus. Imensidade sem limites e eternidade sem limites são as duas grandes propriedades da natureza universal:

O olhar do observador que atravessa as incomensuráveis distâncias do espaço sem jamais encontrar parada e o olho do geólogo que volta além dos limites das idades, ou que desce às profundezas da eternidade escancarada, onde eles um dia se perderão, atuam em concordância, cada um na sua direção, para adquirir esta dupla noção do infinito: extensão e duração.

Ora, conservando ordem de ideias, será fácil compreendermos que o tempo sendo apenas a relação das coisas transitórias e dependendo unicamente das coisas que se medem, se, tomando os séculos terrestres por unidade, nós os empilhássemos milheiros sobre milheiros para formar um número colossal e esse número nunca representaria mais que um ponto na eternidade; do mesmo modo que milhares de léguas adicionadas a milhares de léguas não são mais do que um ponto na extensão.

Assim, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderíamos escrever um número tão longo quanto o equador terrestre e nos supor envelhecidos desse número de séculos, sem que na realidade nossa alma conte mais que um dia; e, juntando a esse número indefinível de séculos, uma série de números semelhantes, longa como daqui ao Sol, ou ainda mais consideráveis, se imaginássemos viver durante uma sucessão prodigiosa de períodos seculares representados pela adição de tais números, quando chegássemos ao fim, o inconcebível amontoado de séculos que nos passaria sobre a cabeça seria como se não existisse: restaria sempre diante de nós toda a eternidade.

O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de medida alguma, do ponto de vista da duração; para ela, não há começo e nem fim: tudo é presente.

Se séculos de séculos são menos de um segundo em relação à eternidade, que vem a ser a duração da vida humana?!

### A MATÉRIA

3.- À primeira vista, nada parece tão profundamente variado, nem tão essencialmente distinto, como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a arte ou a natureza nos **fazem**<sup>1</sup> passar diariamente ante o olhar, há dois que revelam uma perfeita identidade ou pelo menos uma igualdade de composição? Quanta dessemelhança, sob os aspectos da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro; entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! Quanta diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra!

Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias conhecidas e desconhecidas, por mais desiguais que pareçam — seja do ponto de vista da constituição íntima, seja pela ótica de suas ações recíprocas — são de fato apenas modos diversos de como a matéria se apresenta, que as variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam.

O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de medida alguma, do ponto de vista da duração; para ela, não há começo e nem fim: tudo é presente.

Se séculos de séculos são menos de um segundo em relação à eternidade, que vem a ser a duração da vida humana?!

### A MATÉRIA

3.- À primeira vista, nada parece tão profundamente variado, nem tão essencialmente distinto, como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a arte ou a natureza nos **fazem** passar diariamente ante o olhar, há dois que revelam uma perfeita identidade ou pelo menos uma igualdade de composição? Quanta dessemelhança, sob os aspectos da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro; entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! Quanta diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra!

Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias conhecidas e desconhecidas, por mais desiguais que pareçam — seja do ponto de vista da constituição íntima, seja pela ótica de suas ações recíprocas — são de fato apenas modos diversos de como a matéria se apresenta, que as variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam.

<sup>1</sup>[fait ⇒ font

4.- A química, cujo progresso tão rápido depois da minha época, com a qual seus próprios adeptos ainda a relegavam para o domínio secreto da magia, essa nova ciência que se pode considerar precisamente como filha do século da observação e unicamente baseada no método experimental, de maneira bem mais sólida do que suas irmãs mais velhas; a química, digo, fez um belo jogo dos quatro elementos primitivos<sup>66</sup> que os antigos concordaram em reconhecer na natureza; mostrou que o elemento terrestre não é mais do que a combinação de diversas substâncias variadas ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis, **que eles são** o produto de certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser também um elemento principal, é apenas um estado da matéria resultante do movimento universal a que esta se acha submetida e de uma combustão sensível ou latente.

Em compensação, ela fez surgir considerável número de princípios até então desconhecidos, que lhe pareceram formar por determinadas combinações as diversas substâncias, os diversos corpos que ela estudou e que, segundo certas leis e em certas proporções, atuam simultaneamente nos trabalhos que se realizam dentro do grande laboratório da natureza. A esses princípios ela deu o nome de *corpos simples*, indicando de tal modo que os considera primitivos e indivisíveis e que até hoje nenhuma operação pode reduzi- los a frações relativamente mais simples do que eles próprios (2).

(2) Os principais corpos simples são: entre os não metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os metálicos, o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio, etc.

5.- Mas, aí param as especulações do homem, mesmo ajudados pelos mais impressionantes

4.- A química, cujo progresso tão rápido depois da minha época, com a qual seus próprios adeptos ainda a relegavam para o domínio secreto da magia, essa nova ciência que se pode considerar precisamente como filha do século da observação e unicamente baseada no método experimental, de maneira bem mais sólida do que suas irmãs mais velhas; a química, digo, fez um belo jogo dos quatro elementos primitivos<sup>66</sup> que os antigos concordaram em reconhecer na natureza; mostrou que o elemento terrestre não é mais do que a combinação de diversas substâncias variadas ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis, **e** o produto de certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser também um elemento principal, é apenas um estado da matéria resultante do movimento universal a que esta se acha submetida e de uma combustão sensível ou latente.

Em compensação, ela fez surgir considerável número de princípios até então desconhecidos, que lhe pareceram formar por determinadas combinações as diversas substâncias, os diversos corpos que ela estudou e que, segundo certas leis e em certas proporções, atuam simultaneamente nos trabalhos que se realizam dentro do grande laboratório da natureza. A esses princípios ela deu o nome de *corpos simples*, indicando de tal modo que os considera primitivos e indivisíveis e que até hoje nenhuma operação pode reduzi- los a frações relativamente mais simples do que eles próprios (2).

(2) Os principais corpos simples são: entre os não metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os metálicos, o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio, etc.

5.- Mas, aí param as especulações do homem, mesmo ajudados pelos mais impressionantes

sentidos artificiais, enquanto a obra da natureza prossegue; aí onde o comum toma a aparência da realidade, lá onde o prático levanta o véu e percebe o começo das coisas, o olhar daquele que pode apreender o modo de agir da natureza apenas vê, **sob os** materiais constitutivos do mundo, a *matéria cósmica primitiva*, simples e única, diversificada em certas regiões na época do seu aparecimento, repartida em corpos solidários entre si, enquanto têm vida, **e** desmembrados um dia no receptáculo da extensão por sua decomposição.

6.- Há questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais só poderemos emitir opiniões pessoais mais ou menos hipotéticas; sobre essas questões eu me calarei ou justificarei a minha maneira de ver; mas aquela com que nos ocupamos não pertence a esse número. Portanto, àqueles que fossem tentados a enxergar nas minhas palavras unicamente uma teoria ousada, eu direi: se for possível, abracem com olhar investigador a multiplicidade das operações da natureza e reconhecerão que, se não admitirmos a unidade da matéria, será impossível explicar, não lhes direi apenas os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente na terra, ou a produção dum inseto.

7.- Se observamos tal diversidade na matéria, é porque as forças que têm presidido as suas transformações e as condições em que estas são produzidas, sendo em número ilimitado, as combinações variadas da matéria não podiam deixar mesmo de ser ilimitadas.

Portanto, seja a substância que se considere pertencente aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, ou, seja aquela que envolva os tipos e as propriedades comuns da matéria, não há em todo o Universo senão uma

sentidos artificiais, enquanto a obra da natureza prossegue; aí onde o comum toma a aparência da realidade, lá onde o prático levanta o véu e percebe o começo das coisas, o olhar daquele que pode apreender o modo de agir da natureza apenas vê, **nos** materiais constitutivos do mundo, a *matéria cósmica primitiva*, simples e única, diversificada em certas regiões na época do seu aparecimento, repartida em corpos solidários entre si, enquanto têm vida, **materiais** desmembrados um dia no receptáculo da extensão por sua decomposição.

6.- Há questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais só poderemos emitir opiniões pessoais mais ou menos hipotéticas; sobre essas questões eu me calarei ou justificarei a minha maneira de ver; mas aquela com que nos ocupamos não pertence a esse número. Portanto, àqueles que fossem tentados a enxergar nas minhas palavras unicamente uma teoria ousada, eu direi: se for possível, abracem com olhar investigador a multiplicidade das operações da natureza e reconhecerão que, se não admitirmos a unidade da matéria, será impossível explicar, não lhes direi apenas os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente na terra, ou a produção dum inseto.

7.- Se observamos tal diversidade na matéria, é porque as forças que têm presidido as suas transformações e as condições em que estas são produzidas, sendo em número ilimitado, as combinações variadas da matéria não podiam deixar mesmo de ser ilimitadas.

Portanto, seja a substância que se considere pertencente aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, ou, seja aquela que envolva os tipos e as propriedades comuns da matéria, não há em todo o Universo senão uma



única substância primitiva; o *cosmo*, ou *matéria cósmica* dos uranógrafos.

única substância primitiva; o *cosmo*, ou *matéria cósmica* dos uranógrafos.

## AS LEIS E AS FORÇAS

8.- Se um desses seres desconhecidos que consomem a sua rápida existência no fundo das tenebrosas regiões do oceano; se um desses poligástricos, dessas nereidas — miseráveis animais minúsculos que da natureza só conhecem os peixes ictiófagos e as florestas submarinas — recebesse de repente o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo e de basear suas apreciações num raciocínio conjectural extensivo à universalidade das coisas, que ideia faria da natureza viva que se desenvolve em seu meio e do mundo terrestre que escapa ao campo de suas observações?

Agora, por efeito maravilhoso do poder da sua nova capacidade, se esse mesmo ser chegasse a se elevar acima das suas trevas eternas até a superfície do mar, não distante das margens opulentas de uma ilha de esplêndida vegetação, ao Sol fértil, irradiador de um benéfico calor, que juízo ele faria da sua antiga teoria sobre a criação universal, teoria que ele logo substituiria por uma apreciação mais larga, embora ela ainda fosse tão relativamente incompleta quanto a primeira? Ó, homens assim é a imagem da sua ciência toda especulativa! (3)

(3) Tal é também a situação dos negadores do mundo dos Espíritos, **quando, após**<sup>2</sup> se haverem despojado do envoltório carnal, os horizontes desse mundo se desdobram sob as suas vistas. Compreendem então o vazio de suas teorias pelas quais pretendiam explicar tudo por meio exclusivamente da matéria. Contudo, esses horizontes ainda lhes escondem mistérios que só lhes serão desvendados sucessivamente, à medida que eles se elevam pela depuração. Porém, desde os seus primeiros momentos no mundo novo, veem-se forçados

## AS LEIS E AS FORÇAS

8.- Se um desses seres desconhecidos que consomem a sua rápida existência no fundo das tenebrosas regiões do oceano; se um desses poligástricos, **uma** dessas nereidas — miseráveis animais minúsculos que da natureza só conhecem os peixes ictiófagos e as florestas submarinas — recebesse de repente o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo e de basear suas apreciações num raciocínio conjectural extensivo à universalidade das coisas, que ideia faria da natureza viva que se desenvolve em seu meio e do mundo terrestre que escapa ao campo de suas observações?

Agora, por efeito maravilhoso do poder da sua nova capacidade, se esse mesmo ser chegasse a se elevar acima das suas trevas eternas até a superfície do mar, não distante das margens opulentas de uma ilha de esplêndida vegetação, ao Sol fértil, irradiador de um benéfico calor, que juízo ele faria da sua antiga teoria sobre a criação universal, teoria que ele logo substituiria por uma apreciação mais larga, embora ela ainda fosse tão relativamente incompleta quanto a primeira? Ó, homens assim é a imagem da sua ciência toda especulativa! (3)

(3) Tal é também a situação dos negadores do mundo dos Espíritos, **quando, após** se haverem despojado do envoltório carnal, os horizontes desse mundo se desdobram sob as suas vistas. Compreendem então o vazio de suas teorias pelas quais pretendiam explicar tudo por meio exclusivamente da matéria. Contudo, esses horizontes ainda lhes escondem mistérios que só lhes serão desvendados sucessivamente, à medida que eles se elevam pela depuração. Porém, desde os seus primeiros momentos no mundo novo, veem-se forçados

<sup>2</sup> **lorsqu'**après ⇒ **lorsque**, après

a reconhecer a própria cegueira e o quanto estavam distantes da verdade.

9.- Já que venho aqui tratar da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu que como vocês sou apenas um ser relativamente ignorante, em comparação da ciência real, apesar da aparente superioridade que me dá, com relação aos meus irmãos da Terra, a possibilidade **que me cabe** de estudar questões naturais que lhe estão proibidas, na sua situação, meu único objetivo é lhes expor uma noção geral das leis universais, sem explicar em detalhes o modo de ação e a natureza das forças especiais de que são dependentes.

10.- Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos; esse fluido é o *éter* ou *matéria cósmica primitiva*, geradora do mundo e dos seres. As forças que têm presidido às metamorfoses da matéria e as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo pertencem ao éter. Essas múltiplas forças — indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas e diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios — são conhecidas na Terra sob os nomes de *gravidade*, *coesão*, *afinidade*, *atração*, *magnetismo*, *eletricidade ativa*; os movimentos vibratórios do agente são os de: *som*, *calor*, *luz*, etc. Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, revelam outras características desconhecidas neste mundo, e na imensa amplidão dos céus, **um** número indefinido **de forças tem se desenvolvido**<sup>3</sup> numa escala inimaginável cuja grandeza somos tão incapazes de avaliar, como o crustáceo no fundo do oceano é incapaz de apreender a universalidade dos fenômenos terrestres (4).

Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, da mesma

a reconhecer a própria cegueira e o quanto estavam distantes da verdade.

9.- Já que venho aqui tratar da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu que como vocês sou apenas um ser relativamente ignorante, em comparação da ciência real, apesar da aparente superioridade que me dá, com relação aos meus irmãos da Terra, a possibilidade

de estudar questões naturais que lhe estão proibidas, na sua situação, meu único objetivo é lhes expor uma noção geral das leis universais, sem explicar em detalhes o modo de ação e a natureza das forças especiais de que são dependentes.

10.- Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos; esse fluido é o *éter* ou *matéria cósmica primitiva*, geradora do mundo e dos seres. As forças que têm presidido às metamorfoses da matéria e as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo pertencem ao éter. Essas múltiplas forças — indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas e diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios — são conhecidas na Terra sob os nomes de *gravidade*, *coesão*, *afinidade*, *atração*, *magnetismo*, *eletricidade ativa*; os movimentos vibratórios do agente são os de: *som*, *calor*, *luz*, etc. Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, revelam outras características desconhecidas neste mundo, e na imensa amplidão dos céus, **forças em** um número indefinido **têm se desenvolvido** numa escala inimaginável cuja grandeza somos tão incapazes de avaliar, como o crustáceo no fundo do oceano é incapaz de apreender a universalidade dos fenômenos terrestres (4).

Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, da mesma

<sup>3</sup> s'est développé ⇒ se sont développées

forma todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos, **que encontra-se na sua origem** e que pelos desígnios eternos tem sido soberanamente imposta à criação, para lhe constituir a harmonia e estabilidade **permanentes**.

(4) Ligamos tudo ao que conhecemos, e do que os nossos sentidos não captam, só compreendemos o que o cego de nascença compreende acerca dos efeitos da luz e da utilidade dos olhos. Pois então, é possível que noutros meios o fluido cósmico possua propriedades e combinações de que não fazemos nenhuma ideia, efeitos apropriados a necessidades que desconhecemos, dando lugar a percepções novas ou a outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz; mas quem nos diz que não existam outros meios fora a luz aos quais organismos especiais sejam afetados? A vista sonambúlica — que não é detida nem pela distância, nem pelos obstáculos materiais, nem pela escuridão — nos oferece um exemplo. Suponhamos que, num mundo qualquer, os seres sejam normalmente os nossos sonâmbulos são excepcionalmente; eles não seria necessitados nem da nossa luz e nem dos nossos olhos, e portanto eles veriam o que não podemos ver. O é o mesmo caso de todas as outras sensações. As condições de vitalidade e de perceptibilidade, as sensações e as necessidades variam de conformidade com os meios.

11.- A natureza jamais se pôs em oposição a si mesma. O brasão do Universo não é mais do que uma divisão:  $\text{UNIDADE} / \text{VARIEDADE}$ . Voltando à escala dos mundos, encontramos *unidade* de harmonia e de criação ao mesmo tempo em que uma variedade infinita no imenso canteiro de estrelas; percorrendo os degraus da vida — desde o último dos seres até Deus — a grande lei de continuidade se faz evidente; considerando as forças em si mesmas, podemos formar com elas uma série cujo resultado — confundindo-se com a geradora — é a lei universal.

Vocês não poderiam apreciar esta lei em toda a sua extensão, pois as forças que a representam no campo das suas observações são restritas e limitadas. Entretanto, a gravidade e a eletricidade podem ser consideradas como uma larga aplicação

forma todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos, e que pelos desígnios eternos tem sido soberanamente imposta à criação, para lhe constituir a harmonia e estabilidade.

(4) Ligamos tudo ao que conhecemos, e do que os nossos sentidos não captam, só compreendemos o que o cego de nascença compreende acerca dos efeitos da luz e da utilidade dos olhos. Pois então, é possível que noutros meios o fluido cósmico possua propriedades e combinações de que não fazemos nenhuma ideia, efeitos apropriados a necessidades que desconhecemos, dando lugar a percepções novas ou a outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz; mas quem nos diz que não existam outros meios fora a luz aos quais organismos especiais sejam afetados? A vista sonambúlica — que não é detida nem pela distância, nem pelos obstáculos materiais, nem pela escuridão — nos oferece um exemplo. Suponhamos que, num mundo qualquer, os seres sejam normalmente os nossos sonâmbulos são excepcionalmente; eles não seria necessitados nem da nossa luz e nem dos nossos olhos, e portanto eles veriam o que não podemos ver. O é o mesmo caso de todas as outras sensações. As condições de vitalidade e de perceptibilidade, as sensações e as necessidades variam de conformidade com os meios.

11.- A natureza jamais se pôs em oposição a si mesma. O brasão do Universo não é mais do que uma divisão:  $\text{UNIDADE} / \text{VARIEDADE}$ . Voltando à escala dos mundos, encontramos *unidade* de harmonia e de criação ao mesmo tempo em que uma variedade infinita no imenso canteiro de estrelas; percorrendo os degraus da vida — desde o último dos seres até Deus — a grande lei de continuidade se faz evidente; considerando as forças em si mesmas, podemos formar com elas uma série cujo resultado — confundindo-se com a geradora — é a lei universal.

Vocês não poderiam apreciar esta lei em toda a sua extensão, pois as forças que a representam no campo das suas observações são restritas e limitadas. Entretanto, a gravidade e a eletricidade podem ser consideradas como uma larga aplicação

da lei primordial, que impera para lá dos céus. Todas essas forças são eternas (nós explicaremos esse termo) e universais como a criação; sendo inerentes ao fluido cósmico, elas atuam necessariamente em tudo e em toda parte, modificando suas ações pela sua simultaneidade ou sua sucessão; predominando aqui, apagando-se ali; fortes e ativas em certos pontos, latentes ou secretas noutros; mas finalmente preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os maravilhosos trabalhos da natureza, onde quer que eles se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.

#### A CRIAÇÃO PRIMÁRIA

12.- Depois de termos considerado o Universo sob os pontos de vista gerais da sua composição, das suas leis e das suas propriedades, podemos estender os nossos estudos ao modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres; descenderemos em seguida à criação da Terra em particular e ao seu estado atual na universalidade das coisas, e daí, tomando esse globo por ponto de partida e por unidade relativa, procederemos aos nossos estudos planetários e siderais.

13.- Se bem compreendemos a relação, ou, melhor, a oposição entre a eternidade e o tempo, se nos familiarizamos com essa ideia de que o tempo não é mais do que uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, ao passo que a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e que ela não é insuscetível de qualquer medida do ponto de vista da duração, compreenderemos que para ela não há começo e nem fim.

Doutro lado, se fazemos uma ideia exata — embora, necessariamente, muito fraca — da infinidade do poder divino, compreenderemos

da lei primordial, que impera para lá dos céus. Todas essas forças são eternas (nós explicaremos esse termo) e universais como a criação; sendo inerentes ao fluido cósmico, elas atuam necessariamente em tudo e em toda parte, modificando suas ações pela sua simultaneidade ou sua sucessão; predominando aqui, apagando-se ali; fortes e ativas em certos pontos, latentes ou secretas noutros; mas finalmente preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os maravilhosos trabalhos da natureza, onde quer que eles se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.

#### A CRIAÇÃO PRIMÁRIA

12.- Depois de termos considerado o Universo sob os pontos de vista gerais da sua composição, das suas leis e das suas propriedades, podemos estender os nossos estudos ao modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres; descenderemos em seguida à criação da Terra em particular e ao seu estado atual na universalidade das coisas, e daí, tomando esse globo por ponto de partida e por unidade relativa, procederemos aos nossos estudos planetários e siderais.

13.- Se bem compreendemos a relação, ou, melhor, a oposição entre a eternidade e o tempo, se nos familiarizamos com essa ideia de que o tempo não é mais do que uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, ao passo que a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e que ela não é insuscetível de qualquer medida do ponto de vista da duração, compreenderemos que para ela não há começo e nem fim.

Doutro lado, se fazemos uma ideia exata — embora, necessariamente, muito fraca — da infinidade do poder divino, compreenderemos

como é possível que o Universo tenha existido e exista sempre. Desde que Deus existiu, suas perfeições eternas falaram. Antes que os tempos nascessem, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, eterno como ela.

14.- Deus, que por sua natureza é de toda a eternidade, tem criado desde toda eternidade e isso não poderia ser de outro modo, porque, por mais distante que seja a época a que recuemos pela imaginação os supostos limites da criação, sempre restará uma eternidade além desse limite — pensem bem nesta ideia —, uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases, as vontades infinitas teriam permanecido sepultadas em sonolência muda, inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida aos seres; de mutismo indiferente com o **verbo** que os governa, de esterilidade fria e egoísta com o Espírito de amor e vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do ser absoluto! Deus é o Sol dos seres, é a Luz do mundo. Ora, a aparição do Sol dá nascimento instantâneo a ondas de luz que se vão espalhando por todos os lados, na extensão; do mesmo modo, o Universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito de duração, ao *Faça-se a luz do início*.

15.- Logo, o começo absoluto das coisas volta-se para Deus; suas sucessivas aparições no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que **imortal** poderia contar as magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das eras que se desdobraram nesses tempos antigos, em que nenhuma das maravilhas do Universo atual existia; a essa época primitiva em que a voz do Senhor se fez ouvir, os materiais que

como é possível que o Universo tenha existido e exista sempre. Desde que Deus existiu, suas perfeições eternas falaram. Antes que os tempos nascessem, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, eterno como ela.

14.- Deus, que por sua natureza é de toda a eternidade, tem criado desde toda eternidade e isso não poderia ser de outro modo, porque, por mais distante que seja a época a que recuemos pela imaginação os supostos limites da criação, sempre restará uma eternidade além desse limite — pensem bem nesta ideia —, uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases, as vontades infinitas teriam permanecido sepultadas em sonolência muda, inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida aos seres; de mutismo indiferente com o **Verbo** que os governa, de esterilidade fria e egoísta com o Espírito de amor e vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do ser absoluto! Deus é o Sol dos seres, é a Luz do mundo. Ora, a aparição do Sol dá nascimento instantâneo a ondas de luz que se vão espalhando por todos os lados, na extensão; do mesmo modo, o Universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito de duração, ao *Faça-se a luz! do início*.

15.- Logo, o começo absoluto das coisas volta-se para Deus; suas sucessivas aparições no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que **mortal** poderia contar as magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das eras que se desdobraram nesses tempos antigos, em que nenhuma das maravilhas do Universo atual existia; a essa época primitiva em que a voz do Senhor se fez ouvir, os materiais que

no futuro haviam de se agregar simetricamente e por si mesmos para formar o templo da natureza se encontraram de súbito no seio dos vácuos infinitos; quanto àquela voz misteriosa que toda criatura venera e estima como a de uma mãe, notas harmoniosamente variadas se produziram para irem vibrar juntas e modular o concerto dos vastos céus!

O mundo no seu berço não foi estabelecido na sua virilidade e na plenitude da sua vida; não: o poder criador nunca se contradiz e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança. Revestido das leis mencionadas acima e da impulsão inicial inerente a sua própria formação, a matéria cósmica primitiva deu origem sucessivamente a turbilhões, a aglomerações desse fluido difuso, a amontoados de matéria nebulosa que se dividiram por si próprios e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da amplidão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em virtude das forças que predominaram sobre um ou sobre outro deles, e das circunstâncias posteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, esses centros primitivos se tornaram focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde logo a sua particular vida astral; os outros, ocupando uma ilimitada extensão, só cresceram com lentidão extrema, ou de novo se dividiram em outros centros secundários.

16.- Transportando-nos a apenas alguns milhões de séculos acima da época atual, nossa Terra ainda não existe, nem mesmo o nosso sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária; mas, entretanto, já esplêndidos sóis iluminam o éter; já planetas habitados dão vida e existência a uma multidão de seres que nos precederam na carreira humana; que as opulentas produções de uma natureza desconhecida e os

no futuro haviam de se agregar simetricamente e por si mesmos para formar o templo da natureza se encontraram de súbito no seio dos vácuos infinitos; quanto àquela voz misteriosa que toda criatura venera e estima como a de uma mãe, notas harmoniosamente variadas se produziram para irem vibrar juntas e modular o concerto dos vastos céus!

O mundo no seu berço não foi estabelecido na sua virilidade e na plenitude da sua vida; não: o poder criador nunca se contradiz e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança. Revestido das leis mencionadas acima e da impulsão inicial inerente a sua própria formação, a matéria cósmica primitiva deu origem sucessivamente a turbilhões, a aglomerações desse fluido difuso, a amontoados de matéria nebulosa que se dividiram por si próprios e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da amplidão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em virtude das forças que predominaram sobre um ou sobre outro deles, e das circunstâncias posteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, esses centros primitivos se tornaram focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde logo a sua particular vida astral; os outros, ocupando uma ilimitada extensão, só cresceram com lentidão extrema, ou de novo se dividiram em outros centros secundários.

16.- Transportando-nos a apenas alguns milhões de séculos acima da época atual, nossa Terra ainda não existe, nem mesmo o nosso sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária; mas, entretanto, já esplêndidos sóis iluminam o éter; já planetas habitados dão vida e existência a uma multidão de seres que nos precederam na carreira humana; que as opulentas produções de uma natureza desconhecida e os

maravilhosos fenômenos do céu desdobram sob outros olhares os quadros da imensa criação. Que digo! Os esplendores já não são mais aqueles que antigamente fizeram palpitar o coração de outros mortais, sob o pensamento da potência infinita! E nós, pobres seres pequeninos que viemos após uma eternidade de vida, nós nos cremos contemporâneos da criação!

Ainda uma vez; vamos compreender melhor a natureza. Saibamos que a eternidade está atrás de nós, como na nossa frente, que o espaço é o teatro de uma inimaginável sucessão e simultaneidade de criações. Tais nebulosas, que mal percebemos nos mais longínquos pontos do céu, são aglomerados de sóis em vias de formação; tais outras são vias-lácteas de mundos habitados; outras, finalmente, sedes de catástrofes e de declínio. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações, anteriores e posteriores; que a criação universal não **para**<sup>4</sup> nós, e que **devemos reservar** essa palavra à formação isolada do nosso pequenino globo.

### A CRIAÇÃO UNIVERSAL

17.- Após haver retornado, tanto quanto seja a nossa fraqueza, à fonte oculta de onde nascem os mundos como as emanam de um rio d'água, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais.

A matéria cósmica primitiva retira os elementos materiais, fluídicos e vitais, de todos os universos que ostentam suas magnificências diante da eternidade; ela é a mãe inesgotável de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Ela, essa substância de onde provém as

maravilhosos fenômenos do céu desdobram sob outros olhares os quadros da imensa criação. Que digo! os esplendores já não são mais aqueles que antigamente fizeram palpitar o coração de outros mortais, sob o pensamento da potência infinita! E nós, pobres seres pequeninos que viemos após uma eternidade de vida, nós nos cremos contemporâneos da criação!

Ainda uma vez; vamos compreender melhor a natureza. Saibamos que a eternidade está atrás de nós, como na nossa frente, que o espaço é o teatro de uma inimaginável sucessão e simultaneidade de criações. Tais nebulosas, que mal percebemos nos mais longínquos pontos do céu, são aglomerados de sóis em vias de formação; tais outras são vias-lácteas de mundos habitados; outras, finalmente, sedes de catástrofes e de declínio. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações, anteriores e posteriores; que a criação universal não **é apenas para** nós, e que **não podemos aplicar** essa palavra à formação isolada do nosso pequenino globo.

### A CRIAÇÃO UNIVERSAL

17.- Após haver retornado, tanto quanto seja a nossa fraqueza, à fonte oculta de onde nascem os mundos como as emanam de um rio d'água, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais.

A matéria cósmica primitiva retira os elementos materiais, fluídicos e vitais, de todos os universos que ostentam suas magnificências diante da eternidade; ela é a mãe inesgotável de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Ela, essa substância de onde provém as

<sup>4</sup> n'est point **pour** nous ⇒ n'est point **bornée à** nous

esferas siderais, não desapareceu; ela, essa potência, não está morta, pois ainda incessantemente ela dá à luz a novas criações, e incessantemente recebe os princípios reconstituídos dos mundos que se apagam do livro eterno.

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita, que permeia os espaços entre planetas; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas, repletas de aglomerações de estrelas, mais ou menos condensado lá onde o céu astral ainda não brilha, mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, não é outra coisa senão a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a natureza tem tirado todas as coisas (5).

(5) Se perguntásseis qual o princípio dessas forças e como esse princípio pode estar na própria substância que o produz, responderíamos que a mecânica nos oferece numerosos exemplos disso. A elasticidade, que faz com que uma mola se distenda, não está na própria mola e não depende do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe a sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi impresso.

18.- Esse fluido penetra os corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo conforme a condição deste mundo, princípio em estado latente que se conserva adormecido lá onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura mineral, vegetal, animal ou qualquer outra — porque há muitos outros reinos naturais de que vocês nem sequer suspeitam — sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar-se das condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm certa soma dessa vida do mesmo modo que a semente e o embrião, e, como no organismo, se grupam em figuras semelhantes que formam os indivíduos.

esferas siderais, não desapareceu; ela, essa potência, não está morta, pois ainda incessantemente ela dá à luz a novas criações, e incessantemente recebe os princípios reconstituídos dos mundos que se apagam do livro eterno.

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita, que permeia os espaços entre planetas; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas, repletas de aglomerações de estrelas, mais ou menos condensado lá onde o céu astral ainda não brilha, mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, não é outra coisa senão a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a natureza tem tirado todas as coisas (5).

(5) Se perguntásseis qual o princípio dessas forças e como esse princípio pode estar na própria substância que o produz, responderíamos que a mecânica nos oferece numerosos exemplos disso. A elasticidade, que faz com que uma mola se distenda, não está na própria mola e não depende do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe a sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi impresso.

18.- Esse fluido penetra os corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo conforme a condição deste mundo, princípio em estado latente que se conserva adormecido lá onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura mineral, vegetal, animal ou qualquer outra — porque há muitos outros reinos naturais de que vocês nem sequer suspeitam — sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar-se das condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm certa soma dessa vida do mesmo modo que a semente e o embrião, e, como no organismo, se grupam em figuras semelhantes que formam os indivíduos.



É muito importante compreendermos esta noção: que a matéria cósmica primitiva se achava revestida não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do princípio vital universal que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres, e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida durante o período criador.

Efetua-se assim a criação universal. Portanto, é exato dizermos que, sendo as operações da natureza a expressão da vontade divina, Deus tem criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar.

19.- Porém, até aqui, temos guardado silêncio sobre o *mundo espiritual*, que também faz parte da criação e cumpre seus destinos conforme as majestosas determinações do **senhor**.

Não posso dar mais que um ensinamento bem limitado acerca **do assunto** do modo da criação dos Espíritos, em virtude da minha própria ignorância, e tenho que me calar no que se refere **às** questões, **que me** foi permitido **de** aprofundar.

Aos que são religiosamente desejosos de conhecer e que são humildes perante Deus, direi o seguinte, suplicando-lhes para não fundar nenhuma teoria prematura acerca dessas minhas palavras: o Espírito não chega a receber a iluminação divina que lhe dá, ao mesmo tempo em que o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais lentamente se elabora a obra da sua individualização; somente a partir do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu venerável tipo, o Espírito toma lugar entre as humanidades.

Mais uma vez: não construam sobre as minhas palavras os seus raciocínios, tão tristemente ilustres na história da metafísica; eu

É muito importante compreendermos esta noção: que a matéria cósmica primitiva se achava revestida não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do princípio vital universal que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres, e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida durante o período criador.

Efetua-se assim a criação universal. Portanto, é exato dizermos que, sendo as operações da natureza a expressão da vontade divina, Deus tem criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar.

19.- Porém, até aqui, temos guardado silêncio sobre o *mundo espiritual*, que também faz parte da criação e cumpre seus destinos conforme as majestosas determinações do **Senhor**.

Não posso dar mais que um ensinamento bem limitado acerca **do modo da** criação dos Espíritos, em virtude da minha própria ignorância, e tenho que me calar no que se refere **a** **certas** questões, **embora me** foi permitido **de as** aprofundar.

Aos que são religiosamente desejosos de conhecer e que são humildes perante Deus, direi o seguinte, suplicando-lhes para não fundar nenhuma teoria prematura acerca dessas minhas palavras: o Espírito não chega a receber a iluminação divina que lhe dá, ao mesmo tempo em que o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais lentamente se elabora a obra da sua individualização; somente a partir do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu venerável tipo, o Espírito toma lugar entre as humanidades.

Mais uma vez: não construam sobre as minhas palavras os seus raciocínios, tão tristemente ilustres na história da metafísica; eu

preferiria mil vezes calar-me sobre tão elevadas questões — que estão acima das nossas meditações ordinárias — a lhes expor a deformar o sentido de meu ensinamento e, por culpa minha, lançá-los nos incompreensíveis labirintos do deísmo ou do fatalismo.

## OS SÓIS E OS PLANETAS

20.- Ora, chega um ponto do Universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de uma imensa nebulosa. Essa nebulosa é animada das leis universais que regem a matéria; em virtude dessas leis — e especialmente da força molecular de atração — ela tomou a forma de um esferoide, a única que pode assumir primitivamente uma massa de matéria isolada no espaço. O movimento circular, produzido pela gravitação rigorosamente igual de todas as zonas moleculares em direção ao centro, logo modificou a esfera primitiva, a fim de conduzi-la, de movimento em movimento, à forma lenticular — falamos do conjunto da nebulosa.

21.- Novas forças surgiram em consequência desse movimento de rotação: a força centrípeta. **A** primeira tendendo reunir todas as partes rumo ao centro, a segunda tendendo dispersá-las. Ora, o movimento acelerando à medida que a nebulosa se condensa, e seu raio aumentando à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por **essas** duas causas, predominou logo sobre a atração central.

Assim como um movimento bastante rápido de um estilingue a quebrar a corda e deixar escapar o projétil para longe, também a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial da nebulosa, e desse anel forma uma nova massa isolada da primeira, mas, todavia, submetida ao seu império. Aquela massa conservou o seu

preferiria mil vezes calar-me sobre tão elevadas questões — que estão acima das nossas meditações ordinárias — a lhes expor a deformar o sentido de meu ensinamento e, por culpa minha, lançá-los nos incompreensíveis labirintos do deísmo ou do fatalismo.

## OS SÓIS E OS PLANETAS

20.- Ora, chega um ponto do Universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de uma imensa nebulosa. Essa nebulosa é animada das leis universais que regem a matéria; em virtude dessas leis — e especialmente da força molecular de atração — ela tomou a forma de um esferoide, a única que pode assumir primitivamente uma massa de matéria isolada no espaço. O movimento circular, produzido pela gravitação rigorosamente igual de todas as zonas moleculares em direção ao centro, logo modificou a esfera primitiva, a fim de conduzi-la, de movimento em movimento, à forma lenticular — falamos do conjunto da nebulosa.

21.- Novas forças surgiram em consequência desse movimento de rotação: a força centrípeta; **a** primeira tendendo reunir todas as partes rumo ao centro, a segunda tendendo dispersá-las. Ora, o movimento acelerando à medida que a nebulosa se condensa, e seu raio aumentando à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por **suas** duas causas, predominou logo sobre a atração central.

Assim como um movimento bastante rápido de um estilingue a quebrar a corda e deixar escapar o projétil para longe, também a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial da nebulosa, e desse anel forma uma nova massa isolada da primeira, mas, todavia, submetida ao seu império. Aquela massa conservou o seu

movimento equatorial que, modificado, se tornou seu movimento de translação em torno do astro solar. Ao demais, o seu novo estado lhe dá um movimento de rotação em torno do próprio centro.

22.- A nebulosa geratriz que deu nascimento a esse novo mundo condensou-se e retomou a forma esférica; mas como o calor primitivo, desenvolvido por seus diversos movimentos, só se abrandando com extrema lentidão, o fenômeno que acabamos de descrever se reproduzirá muitas vezes e durante um longo período, enquanto a nebulosa não tenha se tornado bastante densa, sólida o bastante para oferecer resistência eficaz às modificações de forma que lhe imprima sucessivamente o seu movimento de rotação.

Então, ela não terá dado nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionado anteriormente. Ora, cada um destes mundos — revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos — gerará na sequência novos globos gravitando desde então em sua volta, assim como ele gravita, juntamente com seus irmãos, em torno do foco de sua existência e de sua vida. Cada um desses mundos será um sol, centro de um turbilhão de planetas sucessivamente separados do seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, embora dependente do seu astro gerador.

23.- Assim, os planetas são formados de massas de matéria condensada, porém ainda não solidificada, destacadas da massa central pela ação de força centrífuga, e, em virtude das leis do movimento, tomando a forma esférica mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidez que conservaram. Um desses planetas será a Terra que, antes de ser resfriada e revestida de uma crosta sólida, dará nascimento à Lua, pelo mesmo

movimento equatorial que, modificado, se tornou seu movimento de translação em torno do astro solar. Ao demais, o seu novo estado lhe dá um movimento de rotação em torno do próprio centro.

22.- A nebulosa geratriz que deu nascimento a esse novo mundo condensou-se e retomou a forma esférica; mas como o calor primitivo, desenvolvido por seus diversos movimentos, só se abrandando com extrema lentidão, o fenômeno que acabamos de descrever se reproduzirá muitas vezes e durante um longo período, enquanto a nebulosa não tenha se tornado bastante densa, sólida o bastante para oferecer resistência eficaz às modificações de forma que lhe imprima sucessivamente o seu movimento de rotação.

Então, ela não terá dado nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionado anteriormente. Ora, cada um de seus mundos — revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos — gerará na sequência novos globos gravitando desde então em sua volta, assim como ele gravita, juntamente com seus irmãos, em torno do foco de sua existência e de sua vida. Cada um desses mundos será um sol, centro de um turbilhão de planetas sucessivamente separados do seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, embora dependente do seu astro gerador.

23.- Assim, os planetas são formados de massas de matéria condensada, porém ainda não solidificada, destacadas da massa central pela ação de força centrífuga, e, em virtude das leis do movimento, tomando a forma esférica mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidez que conservaram. Um desses planetas será a Terra que, antes de ser resfriada e revestida de uma crosta sólida, dará nascimento à Lua, pelo mesmo

processo de formação astral a que ela própria deveu a sua existência; a Terra, deste então inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fraqueza é protegida sob as asas da divina Providência, nova corda colocada na harpa infinita e que tem de vibrar no seu lugar no concerto universal dos mundos.

## OS SATÉLITES

24.- Antes que as massas planetárias houvessem atingido um grau de resfriamento o bastante para lhes operar a solidificação, massas bem menores, verdadeiros glóbulos líquidos, se desprenderam de algumas no plano equatorial, plano no qual a força centrífuga é **bem maior**<sup>5</sup>, e por efeito das mesmas leis adquiriram um movimento de translação em torno do seu planeta originário, como sucedeu a estes em relação ao seu astro **central** gerador.

Foi assim que a Terra deu nascimento à Lua, cuja massa menos considerável teve que sofrer um resfriamento mais rápido. Ora, as leis e as forças que presidiram a sua separação do equador terreno, e o seu movimento de translação no mesmo plano, agiram de tal sorte que esse mundo, em vez de revestir a forma de esfera, tomou a de um globo ovoide, isto é, tendo a forma alongada de um ovo cujo centro de gravidade será fixado na parte inferior.

25.- As condições em que se efetuou a desagregação da Lua mal lhe permitiram afastar-se da Terra, e a obrigaram a se conservar eternamente suspensa no seu céu, como uma figura ovoide em que as partes mais pesadas formariam a face inferior voltada para a Terra e cujas partes menos densas ocupariam a cúpula, se com essa palavra

processo de formação astral a que ela própria deveu a sua existência; a Terra, deste então inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fraqueza é protegida sob as asas da divina Providência, nova corda colocada na harpa infinita e que tem de vibrar no seu lugar no concerto universal dos mundos.

## OS SATÉLITES

24.- Antes que as massas planetárias houvessem atingido um grau de resfriamento o bastante para lhes operar a solidificação, massas bem menores, verdadeiros glóbulos líquidos, se desprenderam de algumas no plano equatorial, plano no qual a força centrífuga é **bem maior**, e por efeito das mesmas leis adquiriram um movimento de translação em torno do seu planeta originário, como sucedeu a estes em relação ao seu astro gerador.

Foi assim que a Terra deu nascimento à Lua, cuja massa menos considerável teve que sofrer um resfriamento mais rápido. Ora, as leis e as forças que presidiram a sua separação do equador terreno, e o seu movimento de translação no mesmo plano, agiram de tal sorte que esse mundo, em vez de revestir a forma de esfera, tomou a de um globo ovoide, isto é, tendo a forma alongada de um ovo cujo centro de gravidade será fixado na parte inferior.

25.- As condições em que se efetuou a desagregação da Lua mal lhe permitiram afastar-se da Terra, e a obrigaram a se conservar eternamente suspensa no seu céu, como uma figura ovoide em que as partes mais pesadas formariam a face inferior voltada para a Terra e cujas partes menos densas ocupariam a cúpula, se com essa palavra

<sup>5</sup> est **la** plus grande ⇒ est **le** plus grande

designamos a face que, do lado oposto à Terra, se eleva para o céu. É isso que faz com que esse astro nos apresente sempre a mesma face. Para melhor compreender-se o seu estado geológico, ele pode ser comparado a um globo de cortiça, cuja base voltada para a Terra seria formada de chumbo.

Daí, duas naturezas essencialmente diferentes na superfície do mundo lunar: uma, sem qualquer semelhança com a nossa, porque os seus corpos fluidos e etéreos são desconhecidos; a outra, mais leve em relação à Terra, porque todas as substâncias menos densas se encaminharam para esse hemisfério. A primeira, perpetuamente voltada para a Terra, sem águas e sem atmosfera, a não ser, aqui e ali, nos limites desse hemisfério subterrestre; a outra, rica de fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo (6).

(6) Esta teoria da Lua, inteiramente nova, explica, pela lei da gravidade, a razão pela qual esse astro apresenta sempre a mesma face para a Terra. Seu centro de gravidade encontra-se num dos pontos de sua superfície, em vez de estar no centro da esfera, e, em consequência disso, sendo atraído para a Terra por uma força maior do que as partes mais leves, a Lua produzirá o efeito das figuras chamadas joão teimoso, que se levantam constantemente sobre a sua base, ao passo que os planetas, cujo centro de gravidade está a distâncias iguais da superfície, giram regularmente sobre o próprio eixo. Em virtude da sua leveza específica, os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos se encontrariam acumulados no hemisfério superior constantemente oposto à Terra; o hemisfério inferior, o único que nós vemos, seria desprovido de tais fluidos e por isso impróprio à vida que, entretanto, reinaria no outro. Portanto, se o hemisfério superior é habitado, seus habitantes jamais viram a Terra, a menos que excursionem pelo outro hemisfério.

Por muito racional e científica que seja essa **opinião**, como ainda não foi confirmada por nenhuma observação direta, somente pode ser aceita como hipótese e como uma ideia capaz de servir de base à Ciência.

designamos a face que, do lado oposto à Terra, se eleva para o céu. É isso que faz com que esse astro nos apresente sempre a mesma face. Para melhor compreender-se o seu estado geológico, ele pode ser comparado a um globo de cortiça, cuja base voltada para a Terra seria formada de chumbo.

Daí, duas naturezas essencialmente diferentes na superfície do mundo lunar: uma, sem qualquer semelhança com a nossa, porque os seus corpos fluidos e etéreos são desconhecidos; a outra, mais leve em relação à Terra, porque todas as substâncias menos densas se encaminharam para esse hemisfério. A primeira, perpetuamente voltada para a Terra, sem águas e sem atmosfera, a não ser, aqui e ali, nos limites desse hemisfério subterrestre; a outra, rica de fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo (6).

(6) Esta teoria da Lua, inteiramente nova, explica, pela lei da gravidade, a razão pela qual esse astro apresenta sempre a mesma face para a Terra. Seu centro de gravidade encontra-se num dos pontos de sua superfície, em vez de estar no centro da esfera, e, em consequência disso, sendo atraído para a Terra por uma força maior do que as partes mais leves, a Lua produzirá o efeito das figuras chamadas joão teimoso, que se levantam constantemente sobre a sua base, ao passo que os planetas, cujo centro de gravidade está a distâncias iguais da superfície, giram regularmente sobre o próprio eixo. Em virtude da sua leveza específica, os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos se encontrariam acumulados no hemisfério superior constantemente oposto à Terra; o hemisfério inferior, o único que nós vemos, seria desprovido de tais fluidos e por isso impróprio à vida que, entretanto, reinaria no outro. Portanto, se o hemisfério superior é habitado, seus habitantes jamais viram a Terra, a menos que excursionem pelo outro hemisfério, **o que lhes seria impossível, desde que este carece das condições indispensáveis à vitalidade.**

Por muito racional e científica que seja essa **teoria**, como ainda não foi confirmada por nenhuma observação direta, somente pode ser aceita como hipótese e como uma ideia capaz de servir de base à Ciência. **Porém, não podemos deixar de concordar que até ao presente é a única que dá uma explicação satisfatória das particularidades que apresenta o globo lunar.**

## CAPÍTULO VI - Uranografia Geral

1ª Edição (1868)

26.- O número e o estado dos satélites de cada planeta variam de acordo com as condições especiais das quais eles se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, tal como Mercúrio, Vênus e Marte, ao passo que outros formaram um ou vários desses astros secundários, como a Terra, Júpiter, Saturno, etc..

27.- Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que parece, visto de longe, cercá-lo de uma como auréola branca. Essa formação é para nós uma prova da universalidade das leis da natureza. De fato, esse anel é o resultado de uma separação que se operou no equador de Saturno ainda nos tempos primitivos, do mesmo modo que uma zona equatorial se escapou da Terra para formar o seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno encontra-se formado em todas as suas partes de moléculas homogêneas, provavelmente já em certo estado de condensação, e dessa maneira pode continuar o seu movimento de rotação no mesmo sentido e em tempo quase igual ao do que anima o planeta. Se um dos pontos desse anel houvesse ficado mais denso que qualquer outro, uma ou muitas aglomerações de substância se teriam subitamente operado e Saturno contaria muitos satélites a mais. Desde a época da sua formação, esse anel se solidificou, do mesmo modo que os outros corpos planetários.

### OS COMETAS

28.- Os cometas — os astros errantes, ainda mais do que os planetas, que conservaram a denominação etimológica — serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema a que a Terra pertence e nos levarão às regiões longínquas da extensão sideral.

Mas, antes de explorarmos os domínios celestes, com o auxílio desses viajantes do

5ª Edição (1869/72)

26.- O número e o estado dos satélites de cada planeta variam de acordo com as condições especiais das quais eles se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, tal como Mercúrio, Vênus e Marte, ao passo que outros formaram um ou vários desses astros secundários, como a Terra, Júpiter, Saturno, etc..

27.- Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece cercá-lo de uma como auréola branca. Essa formação é para nós uma prova da universalidade das leis da natureza. De fato, esse anel é o resultado de uma separação que se operou no equador de Saturno ainda nos tempos primitivos, do mesmo modo que uma zona equatorial se escapou da Terra para formar o seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno encontra-se formado em todas as suas partes de moléculas homogêneas, provavelmente já em certo estado de condensação, e dessa maneira pode continuar o seu movimento de rotação no mesmo sentido e em tempo quase igual ao do que anima o planeta. Se um dos pontos desse anel houvesse ficado mais denso do que outro, uma ou muitas aglomerações de substância se teriam subitamente operado e Saturno contaria muitos satélites a mais. Desde a época da sua formação, esse anel se solidificou, do mesmo modo que os outros corpos planetários.

### OS COMETAS

28.- Os cometas — os astros errantes, ainda mais do que os planetas, que conservaram a denominação etimológica — serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema a que a Terra pertence e nos levarão às regiões longínquas da extensão sideral.

Mas, antes de explorarmos os domínios celestes, com o auxílio desses viajantes do

Universo, será bom conhecermos o quanto for possível a natureza essencial deles e o papel que lhes cabe na organização planetária.

29.- Muitas vezes esses astros cabeludos são vistos como planetas nascentes, elaborando no seu caos primitivo as condições de vida e de existência que são compartilhadas com as terras habitadas; outros **imaginaram**<sup>6</sup> **nesses** corpos extraordinários mundos em estado de destruição, e, para muitos, sua estranha aparência foi motivo de apreciações errôneas acerca da sua natureza; isso a tal ponto que não houve — inclusive na astrologia judiciária — quem não os considerasse como presságios de desgraças envolvidos de decretos providenciais para a Terra espantada e tremente.

30.- A lei de variedade é aplicada com tão larga profusão nos trabalhos da natureza que é de se perguntar como os naturalistas, os astrônomos e os filósofos tenham levantado tantos sistemas para assimilar os cometas aos astros planetários e para somente verem neles astros em graus mais ou menos adiantados de desenvolvimento ou de degeneração. Entretanto, os quadros da natureza deveriam bastar amplamente para afastar o observador da preocupação de investigar relações inexistentes e deixar aos cometas o papel modesto, porém útil, de astros errantes que servem de exploradores aos impérios solares. Como os corpos celestes de que tratamos são muito diferentes dos corpos planetários; eles não são destinados, como são os planetas, a servir de habitação para as humanidades; eles vão sucessivamente de sóis em sóis por vezes se enriquecendo pelo caminho de fragmentos planetários reduzidos ao estado de vapor, absorvendo das lareiras solares os

Universo, será bom conhecermos o quanto for possível a natureza essencial deles e o papel que lhes cabe na organização planetária.

29.- Muitas vezes esses astros cabeludos são vistos como planetas nascentes, elaborando no seu caos primitivo as condições de vida e de existência que são compartilhadas com as terras habitadas; outros **imaginaram** **que esses** esses corpos extraordinários **eram** mundos em estado de destruição, e, para muitos, sua estranha aparência foi motivo de apreciações errôneas acerca da sua natureza; isso a tal ponto que não houve — inclusive na astrologia judiciária — quem não os considerasse como presságios de desgraças envolvidos de decretos providenciais para a Terra espantada e tremente.

30.- A lei de variedade é aplicada com tão larga profusão nos trabalhos da natureza que é de se perguntar como os naturalistas, os astrônomos e os filósofos tenham levantado tantos sistemas para assimilar os cometas aos astros planetários e para somente verem neles astros em graus mais ou menos adiantados de desenvolvimento ou de degeneração. Entretanto, os quadros da natureza deveriam bastar amplamente para afastar o observador da preocupação de investigar relações inexistentes e deixar aos cometas o papel modesto, porém útil, de astros errantes que servem de exploradores aos impérios solares. Como os corpos celestes de que tratamos são muito diferentes dos corpos planetários; eles não são destinados, como são os planetas, a servir de habitação para as humanidades; eles vão sucessivamente de sóis em sóis por vezes se enriquecendo pelo caminho de fragmentos planetários reduzidos ao estado de vapor, absorvendo das lareiras solares os princípios vivificantes e renovadores que

<sup>6</sup> d'autres **ont** imaginé **dans** ces corps extraordinaires ⇒ d'autres **se sont** imaginé **que** ces corps extraordinaires

princípios vivificantes e renovadores que derramam sobre os mundos terrestres.

31.- Se quando um desses astros aproxima do nosso pequenino globo, para lhe atravessar a órbita e voltar ao seu apogeu, situado a uma incalculável distância do Sol, nós os seguíssemos pelo pensamento, para com ele visitar as províncias siderais, transporíamos a prodigiosa extensão de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais próximas, e observando os movimentos combinados desse astro, que se imaginaríamos estivesse perdido no deserto do infinito, ainda aí encontraríamos uma prova eloquente da universalidade das leis da natureza, que atuam a distâncias que a mais criativa imaginação mal pode conceber.

Aí, a forma elíptica toma a forma parabólica e a marcha se torna tão lenta ao ponto de não chega a percorrer mais que alguns metros ao mesmo tempo em que no seu perigeu ela terá percorrido muitos milhares de léguas. Talvez um sol mais poderoso, mais importante do que o que ele acaba de deixar, exerça sobre esse cometa uma atração preponderante e o receba na categoria de seus súditos, e então as crianças espantadas da vossa pequenina Terra esperarão em vão o retorno que haviam calculado pelas observações incompletas. Nesse caso, nós — que acompanhamos pelo pensamento o cometa errante nessas regiões desconhecidas — encontraremos então uma nova nação, ignorada pelos olhares terrenos, inimaginável para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível mesmo para as suas mentes, porque ela será teatro de inexploradas maravilhas.

Chegamos ao mundo astral, nesse mundo deslumbrante dos vastos sóis que irradiam no espaço infinito e que são as flores brilhantes do magnífico jardim da criação. Lá chegando, saberemos apenas o que é a Terra.

derramam sobre os mundos terrestres. (ch IX, nº 12)

31.- Se quando um desses astros se aproxima do nosso pequenino globo, para lhe atravessar a órbita e voltar ao seu apogeu, situado a uma incalculável distância do Sol, nós os seguíssemos pelo pensamento, para com ele visitar as províncias siderais, transporíamos a prodigiosa extensão de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais próximas, e observando os movimentos combinados desse astro, que se imaginaríamos estivesse perdido no deserto do infinito, ainda aí encontraríamos uma prova eloquente da universalidade das leis da natureza, que atuam a distâncias que a mais criativa imaginação mal pode conceber.

Aí, a forma elíptica toma a forma parabólica e a marcha se torna tão lenta ao ponto de não chega a percorrer mais que alguns metros ao mesmo tempo em que no seu perigeu ela terá percorrido muitos milhares de léguas. Talvez um sol mais poderoso, mais importante do que o que ele acaba de deixar, exerça sobre esse cometa uma atração preponderante e o receba na categoria de seus súditos, e então as crianças espantadas da vossa pequenina Terra esperarão em vão o retorno que haviam calculado pelas observações incompletas. Nesse caso, nós — que acompanhamos pelo pensamento o cometa errante nessas regiões desconhecidas — encontraremos então uma nova nação, ignorada pelos olhares terrenos, inimaginável para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível mesmo para as suas mentes, porque ela será teatro de inexploradas maravilhas.

Chegamos ao mundo astral, nesse mundo deslumbrante dos vastos sóis que irradiam no espaço infinito e que são as flores brilhantes do magnífico jardim da criação. Lá chegando, saberemos apenas o que é a Terra.



## A VIA-LÁCTEA

32.- Durante as belas noites estreladas e sem luar, todo mundo tem contemplado essa réstia esbranquiçada que atravessa o céu de uma extremidade a outra, e que os antigos chamaram de *via láctea*, por causa da sua aparência leitosa. Essa réstia difusa tem sido longamente explorada pela lente do telescópio nos tempos modernos, e essa estrada de poeira de ouro, ou esse regato de leite da mitologia antiga, transformou-se num vasto campo de inconcebíveis maravilhas. As pesquisas dos observadores conduziram ao conhecimento da sua natureza e tem revelado que, ali, onde o olhar errante reconheceu apenas uma fraca luminosidade, milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que a que nos clareia.

33.- De fato, a Via Láctea é uma campina semeada de flores solares e planetárias que brilham em toda a sua enorme extensão. O nosso Sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desses globos radiosos dos quais se compõe a Via Láctea; porém, apesar das suas dimensões gigantescas em relação à Terra e à grandeza do seu império, o Sol ocupa inapreciável lugar em tão imensa criação. Podemos contar por uma trintena de milhões os sóis semelhantes a ele que gravitam nessa imensa região, afastados uns dos outros de mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre (7).

(7) Mais de 3 trilhões e 400 bilhões de léguas.

34.- Por esse cálculo aproximado, podemos julgar a extensão de tal região sideral e da relação que une o nosso sistema planetário e a universalidade dos sistemas que ela contém. Podemos igualmente julgar a pequenez do domínio solar e, **de**<sup>7</sup> maneira mais precisa, do nada que é a

## A VIA-LÁCTEA

32.- Durante as belas noites estreladas e sem luar, todo mundo tem contemplado essa réstia esbranquiçada que atravessa o céu de uma extremidade a outra, e que os antigos chamaram de *via láctea*, por causa da sua aparência leitosa. Essa réstia difusa tem sido longamente explorada pela lente do telescópio nos tempos modernos, e essa estrada de poeira de ouro, ou esse regato de leite da mitologia antiga, transformou-se num vasto campo de inconcebíveis maravilhas. As pesquisas dos observadores conduziram ao conhecimento da sua natureza e tem revelado que, ali, onde o olhar errante reconheceu apenas uma fraca luminosidade, milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que a que nos clareia.

33.- De fato, a Via Láctea é uma campina semeada de flores solares e planetárias que brilham em toda a sua enorme extensão. O nosso Sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desses globos radiosos dos quais se compõe a Via Láctea; porém, apesar das suas dimensões gigantescas em relação à Terra e à grandeza do seu império, o Sol ocupa inapreciável lugar em tão imensa criação. Podemos contar por uma trintena de milhões os sóis semelhantes a ele que gravitam nessa imensa região, afastados uns dos outros de mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre (7).

(7) Mais de 3 trilhões e 400 bilhões de léguas.

34.- Por esse cálculo aproximado, podemos julgar a extensão de tal região sideral e da relação que une o nosso sistema planetário e a universalidade dos sistemas que ela contém. Podemos igualmente julgar a pequenez do domínio solar e, **de** maneira mais precisa, do nada que é a

<sup>7</sup> et *à fortiori* ⇒ et, *a fortiori*

## CAPÍTULO VI - Uranografia Geral

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

nossa miúda Terra. Que será então se considerarmos os seres que os povoam!

Digo “do nada” porque as nossas determinações se aplicam não só à extensão material, física, dos corpos que estudamos — o que seria pouco — mas, também e sobretudo ao seu estado moral de habitação, ao grau que ocupam na hierarquia universal dos seres. A criação se mostra aí em toda a sua majestade, criando e propagando tudo em torno do mundo solar, e em cada um dos sistemas que o rodeiam por todos os lados, as manifestações da vida e da inteligência.

35.- De certa maneira, conhecemos a posição ocupada pelo nosso Sol ou pela Terra no mundo das estrelas; estas considerações ganharão peso maior ainda se refletirmos sobre o estado mesmo da Via Láctea que, na imensidade das criações siderais, não representa propriamente mais do que um ponto insensível e inapreciável, vista de longe, pois ela não é mais do que uma nebulosa estelar, entre os milhões das que existem no espaço. Se ela nos parece mais vasta e mais rica do que outras, é pela única razão de que nos cerca e se desenvolve em toda a sua extensão sob os nossos olhos, ao passo que as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, mal se deixam entrever.

36.- Ora, se sabemos que a Terra não é nada, ou quase nada no sistema solar, este não é nada ou quase nada na Via Láctea; esta é nada ou quase nada na universalidade das nebulosas; e essa própria universalidade bem pouca coisa é dentro do imensurável infinito; então começamos a compreender o que é o globo terrestre.

### AS ESTRELAS FIXAS

37.- As estrelas chamadas fixas, e que constelam os dois hemisférios do firmamento, não se acham totalmente isentas de toda atração

nossa miúda Terra. Que será então se considerarmos os seres que os povoam!

Digo “do nada” porque as nossas determinações se aplicam não só à extensão material, física, dos corpos que estudamos — o que seria pouco — mas, também e sobretudo ao seu estado moral de habitação, ao grau que ocupam na hierarquia universal dos seres. A criação se mostra aí em toda a sua majestade, criando e propagando tudo em torno do mundo solar, e em cada um dos sistemas que o rodeiam por todos os lados, as manifestações da vida e da inteligência.

35.- De certa maneira, conhecemos a posição ocupada pelo nosso Sol ou pela Terra no mundo das estrelas; estas considerações ganharão peso maior ainda se refletirmos sobre o estado mesmo da Via Láctea que, na imensidade das criações siderais, não representa propriamente mais do que um ponto insensível e inapreciável, vista de longe, pois ela não é mais do que uma nebulosa estelar, entre os milhões das que existem no espaço. Se ela nos parece mais vasta e mais rica do que outras, é pela única razão de que nos cerca e se desenvolve em toda a sua extensão sob os nossos olhos, ao passo que as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, mal se deixam entrever.

36.- Ora, se sabemos que a Terra não é nada, ou quase nada no sistema solar, este não é nada ou quase nada na Via Láctea; esta é nada ou quase nada na universalidade das nebulosas; e essa própria universalidade bem pouca coisa é dentro do imensurável infinito; então começamos a compreender o que é o globo terrestre.

### AS ESTRELAS FIXAS

37.- As estrelas chamadas fixas, e que constelam os dois hemisférios do firmamento, não se acham totalmente isentas de toda atração

exterior como geralmente se supõe. Longe disso: todas elas pertencem a uma mesma aglomeração de astros estelares. Essa aglomeração não é outra senão a grande nebulosa da qual fazemos parte e cujo plano equatorial que se projeta no céu recebeu o nome de *Via Láctea*. Todos os sóis que a constituem são solidários; suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras, e a gravitação universal as agrupa todas numa mesma família.

38.- Entre esses diversos sóis, na sua maioria são como o nosso, cercados de mundos secundários, que eles iluminam e fertilizam por meio das mesmas leis que presidem à vida do nosso sistema planetário. Uns como Sírio, são milhares de milhões de vezes mais magníficos em dimensões e em riquezas do que o nosso, e o seu papel no Universo é muito mais importante, do mesmo modo que são rodeados por planetas em maior quantidade e bem superiores aos nossos. Outros são muito diferentes pelas suas funções astrais. É assim que certo número desses sóis — verdadeiros gêmeos da ordem sideral — são acompanhados de seus irmãos da mesma idade, e formam, no espaço, sistemas binários, aos quais a natureza concedeu funções inteiramente diversas das atribuições pertencentes ao nosso Sol. Lá, os anos não se medem pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis, e esses mundos iluminados por um duplo facho foram dotados de condições de existência inimagináveis por aqueles que ainda não saíram deste pequenino mundo terrestre.

Outros astros, sem cortejo, privados de planetas, receberam elementos de habitação melhores do que os conferidos aos demais. Na sua imensidade, as leis da natureza se diversificam e, se a unidade é a grande expressão do Universo, a variedade infinita não é menos do que o seu eterno atributo.

exterior como geralmente se supõe. Longe disso: todas elas pertencem a uma mesma aglomeração de astros estelares. Essa aglomeração não é outra senão a grande nebulosa da qual fazemos parte e cujo plano equatorial que se projeta no céu recebeu o nome de *Via Láctea*. Todos os sóis que a constituem são solidários; suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras, e a gravitação universal as agrupa todas numa mesma família.

38.- Entre esses diversos sóis, na sua maioria são como o nosso, cercados de mundos secundários, que eles iluminam e fertilizam por meio das mesmas leis que presidem à vida do nosso sistema planetário. Uns como Sírio, são milhares de milhões de vezes mais magníficos em dimensões e em riquezas do que o nosso, e o seu papel no Universo é muito mais importante, do mesmo modo que são rodeados por planetas em maior quantidade e bem superiores aos nossos. Outros são muito diferentes pelas suas funções astrais. É assim que certo número desses sóis — verdadeiros gêmeos da ordem sideral — são acompanhados de seus irmãos da mesma idade, e formam, no espaço, sistemas binários, aos quais a natureza concedeu funções inteiramente diversas das atribuições pertencentes ao nosso Sol. (8) Lá, os anos não se medem pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis, e esses mundos iluminados por um duplo facho foram dotados de condições de existência inimagináveis por aqueles que ainda não saíram deste pequenino mundo terrestre.

Outros astros, sem cortejo, privados de planetas, receberam elementos de habitação melhores do que os conferidos aos demais. Na sua imensidade, as leis da natureza se diversificam e, se a unidade é a grande expressão do Universo, a variedade infinita não é menos do que o seu eterno atributo.

39.- Apesar do espantoso número dessas estrelas e de seus sistemas, apesar das distâncias incomensuráveis que as separam, todas elas pertencem à mesma nebulosa estelar que os mais possantes telescópios mal conseguem atravessar, e que as concepções da mais ousada imaginação mal conseguem avistar; nebulosa que, entretanto, é simplesmente uma unidade na ordem das nebulosas que compõem o mundo astral.

40.- As estrelas chamadas fixas não estão imóveis na amplidão. As constelações que se figuraram na abóbada do firmamento não são criações simbólicas reais. A *distância* da Terra e a perspectiva sob a qual se mede o Universo a partir dessa estação são as duas causas dessa dupla ilusão de óptica.

41.- Vimos que a totalidade dos astros que cintilam na cúpula azulada se acha contida numa mesma aglomeração cósmica, numa mesma nebulosa a que chamam *Via Láctea*; mas, por todos pertencerem ao mesmo grupo, esses astros não são menos animados, cada qual de um movimento adequado de translação no espaço. O repouso absoluto não existe em parte alguma; eles são regidos pelas leis universais da gravitação e

(8) É o que a Astronomia dá o nome de –estrelas duplas || . São dois sóis, um dos quais gira em torno do outro, como um planeta em torno do seu sol. Que magnífico espetáculo desfrutam os habitantes dos mundos que formam esses sistemas iluminados por duplo sol! Mas também, o quanto não será diferente as condições de vida neles!

Numa comunicação dada posteriormente, o Espírito Galileu acrescentou: –Há mesmo sistemas ainda mais complicados, em que diferentes sóis desempenham o papel de satélites, uns com relação a outros. Produzem-se então maravilhosos efeitos de luz para os habitantes dos globos que tais sóis iluminam, tanto mais quanto, apesar da aparente proximidade em que se encontram uns dos outros, mundos habitados podem circular entre eles e receber alternativamente as ondas de luz diversamente coloridas, cuja reunião recompõe a luz branca || .

39.- Apesar do espantoso número dessas estrelas e de seus sistemas, apesar das distâncias incomensuráveis que as separam, todas elas pertencem à mesma nebulosa estelar que os mais possantes telescópios mal conseguem atravessar, e que as concepções da mais ousada imaginação mal conseguem avistar; nebulosa que, entretanto, é simplesmente uma unidade na ordem das nebulosas que compõem o mundo astral.

40.- As estrelas chamadas fixas não estão imóveis na amplidão. As constelações que se figuraram na abóbada do firmamento não são criações simbólicas reais. A *distância* da Terra e a perspectiva sob a qual se mede o Universo a partir dessa estação são as duas causas dessa dupla ilusão de óptica. (Chap. V, nº 12)

41.- Vimos que a totalidade dos astros que cintilam na cúpula azulada se acha contida numa mesma aglomeração cósmica, numa mesma nebulosa a que chamam *Via Láctea*; mas, por todos pertencerem ao mesmo grupo, esses astros não são menos animados, cada qual de um movimento adequado de translação no espaço; o repouso absoluto não existe em parte alguma. Eles são regidos pelas leis universais da gravitação e

rolam no espaço sob a impulsão incessante dessa imensa força; rolam, não segundo roteiros traçados pelo acaso, mas segundo órbitas fechadas cujo centro é ocupado por um astro superior. Para tornar mais compreensíveis as minhas palavras por meio de um exemplo, falarei especialmente do vosso Sol.

42.- Pelas modernas observações, sabemos que ele não é fixo, nem central, como se acreditava nos primeiros tempos da nova astronomia; que ele avança pelo espaço, arrastando consigo o seu vasto sistema de planetas, de satélites e de cometas.

Ora, esta marcha não é fortuita e ele não vai vagando pelos vácuos infinitos, a transviar seus filhos e seus súditos para longe das regiões que lhe estão atribuídas. Não, sua órbita é determinada, e em concorrência com outros sóis da mesma ordem que ele, e circundados como ele de certo número de terras habitadas, ele gravita em torno de um sol central. Seu movimento de gravitação, como o dos seus irmãos sóis, é inapreciável a observações anuais, porque períodos seculares de grande número mal seriam suficientes para marcar um desses anos astrais.

43.- O sol central, de que acabamos de falar, também é um globo de segunda ordem em relação a outro ainda mais importante, ao redor do qual ele perpetua uma marcha lenta e compassada, na companhia de outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos comprovar esta subordinação sucessiva de sóis a sóis, até que a nossa imaginação ficasse cansada de escalar tal hierarquia; pois, não nos esqueçamos de que, em números redondos, podemos contar na Via Láctea uma trintena de milhões de sóis, subordinados uns aos outros, como rodas gigantescas de um imenso sistema.

44.- E esses astros, em números incontáveis, vivem cada qual uma vida solidária; assim como nada se acha isolado na organização do seu

rolam no espaço sob a impulsão incessante dessa imensa força; rolam, não segundo roteiros traçados pelo acaso, mas segundo órbitas fechadas cujo centro é ocupado por um astro superior. Para tornar mais compreensíveis as minhas palavras por meio de um exemplo, falarei especialmente do vosso Sol.

42.- Pelas modernas observações, sabemos que ele não é fixo, nem central, como se acreditava nos primeiros tempos da nova astronomia; que ele avança pelo espaço, arrastando consigo o seu vasto sistema de planetas, de satélites e de cometas.

Ora, esta marcha não é fortuita e ele não vai vagando pelos vácuos infinitos, a transviar seus filhos e seus súditos para longe das regiões que lhe estão atribuídas. Não, sua órbita é determinada, e em concorrência com outros sóis da mesma ordem que ele, e circundados como ele de certo número de terras habitadas, ele gravita em torno de um sol central. Seu movimento de gravitação, como o dos seus irmãos sóis, é inapreciável a observações anuais, porque períodos seculares de grande número mal seriam suficientes para marcar um desses anos astrais.

43.- O sol central, de que acabamos de falar, também é um globo de segunda ordem em relação a outro ainda mais importante, ao redor do qual ele perpetua uma marcha lenta e compassada, na companhia de outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos comprovar esta subordinação sucessiva de sóis a sóis, até que a nossa imaginação ficasse cansada de escalar tal hierarquia; pois, não nos esqueçamos de que, em números redondos, podemos contar na Via Láctea uma trintena de milhões de sóis, subordinados uns aos outros, como rodas gigantescas de um imenso sistema.

44.- E esses astros, em números incontáveis, vivem cada qual uma vida solidária; assim como nada se acha isolado na organização do seu

pequeno mundo terrestre, nada também está isolado no incomensurável Universo.

De longe, ao olhar investigador do filósofo que pudesse alcançar o quadro que o espaço e o tempo desdobram, esses sistemas de sistemas pareceriam uma poeira de pérolas de ouro levantada em turbilhão pelo sopro divino, que faz os mundos siderais voar nos céus, como voam os grãos de areia nas costas do deserto.

Não mais imobilidade, não mais silêncio, não mais noite! O grande espetáculo que se desenrola ante os nossos olhos seria a criação real, imensa e cheia da vida etérea, que abraço no conjunto imenso o olhar infinito do Criador.

Mas, até aqui, temos falado apenas de uma nebulosa; seus milhões de sóis, seus milhões de terras habitadas, formam — como já dissemos — simplesmente uma ilha no arquipélago infinito.

#### OS DESERTOS DO ESPAÇO

45.- Um deserto imenso e sem limites se estende para lá da aglomeração de estrelas de que vimos falar e a envolver. Solidões sucedem solidões e incomensuráveis planícies do vácuo se distendem ao longe. Os amontoados de matéria cósmica se encontram isolados no espaço como ilhas flutuantes de um enorme arquipélago, se de alguma forma quisermos ter uma ideia da enorme distância que separa o amontoado de estrelas de que fazemos parte, dos outros aglomerados mais próximos, precisamos saber que essas ilhas estelares se encontram espalhadas e raras no vasto oceano dos céus, e que a extensão que separa umas das outras é incomparavelmente maior do que as que medem suas respectivas dimensões.

Ora, lembramos que a nebulosa estelar mede em números redondos mil vezes a distância das estrelas mais aproximadas, tomada por unidade essa distância, isto é, alguns cem mil trilhões de

pequeno mundo terrestre, nada também está isolado no incomensurável Universo.

De longe, ao olhar investigador do filósofo que pudesse alcançar o quadro que o espaço e o tempo desdobram, esses sistemas de sistemas pareceriam uma poeira de pérolas de ouro levantada em turbilhão pelo sopro divino, que faz os mundos siderais voar nos céus, como voam os grãos de areia nas costas do deserto.

Não mais imobilidade, não mais silêncio, não mais noite! O grande espetáculo que se desenrola ante os nossos olhos seria a criação real, imensa e cheia da vida etérea, que abraço no conjunto imenso o olhar infinito do Criador.

Mas, até aqui, temos falado apenas de uma nebulosa; seus milhões de sóis, seus milhões de terras habitadas, formam — como já dissemos — simplesmente uma ilha no arquipélago infinito.

#### OS DESERTOS DO ESPAÇO

45.- Um deserto imenso e sem limites se estende para lá da aglomeração de estrelas de que vimos falar e a envolver. Solidões sucedem solidões e incomensuráveis planícies do vácuo se distendem ao longe. Os amontoados de matéria cósmica se encontram isolados no espaço como ilhas flutuantes de um enorme arquipélago, se de alguma forma quisermos ter uma ideia da enorme distância que separa o amontoado de estrelas de que fazemos parte, dos outros aglomerados mais próximos, precisamos saber que essas ilhas estelares se encontram espalhadas e raras no vasto oceano dos céus, e que a extensão que separa umas das outras é incomparavelmente maior do que as que medem suas respectivas dimensões.

Ora, lembramos que a nebulosa estelar mede em números redondos mil vezes a distância das estrelas mais aproximadas, tomada por unidade essa distância, isto é, alguns cem mil trilhões de

léguas. A distância que existe entre elas, sendo muito mais vasta, não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão do nosso espírito; só a imaginação — em suas mais altas concepções — é capaz de transpor tão prodigiosa imensidade, essas solidões mudas e privadas de toda aparência de vida, e, de certa maneira, de encarar a ideia dessa infinidade relativa.

46.- Todavia, esse deserto celeste — que envolve nosso universo sideral e que parece estender-se como sendo os afastados confins do nosso mundo astral — é abraçado pela visão e o poder infinito do Altíssimo que, além desses céus dos nossos céus, desenvolveu a trama da sua criação ilimitada.

47.- Com efeito, mais além dessas vastas solidões, mundos brilham em sua magnificência, bem como nas regiões acessíveis às investigações humanas; para lá desses desertos, esplêndidos oásis vagam no Éter límpido, e renovam incessantemente as cenas admiráveis da existência e da vida. Sucedem-se lá os agregados longínquos de substância cósmica, que o profundo olhar do telescópio entrevê através das regiões transparentes do nosso céu; essas nebulosas a que chamam *irresolúveis*, e que lhes parecem ligeiras nuvens de poeira branca perdidas num ponto desconhecido do espaço etéreo. Lá, novos mundos se revelam e se desenvolvem, onde as condições variadas e diversas das que são peculiares ao vosso globo lhes dão uma vida que as concepções humanas não podem imaginar, nem os vossos estudos podem comprovar. É lá que resplandece em toda a sua plenitude o poder criador; àquele que vem das regiões ocupadas pelo vosso sistema, outras leis estão em ação, cujas forças regem as manifestações da vida, e as novas rotas que seguimos nesses países estrangeiros nos abrindo perspectivas desconhecidas.

léguas. A distância que existe entre elas, sendo muito mais vasta, não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão do nosso espírito; só a imaginação — em suas mais altas concepções — é capaz de transpor tão prodigiosa imensidade, essas solidões mudas e privadas de toda aparência de vida, e, de certa maneira, de encarar a ideia dessa infinidade relativa.

46.- Todavia, esse deserto celeste — que envolve nosso universo sideral e que parece estender-se como sendo os afastados confins do nosso mundo astral — é abraçado pela visão e o poder infinito do Altíssimo que, além desses céus dos nossos céus, desenvolveu a trama da sua criação ilimitada.

47.- Com efeito, mais além dessas vastas solidões, mundos brilham em sua magnificência, bem como nas regiões acessíveis às investigações humanas; para lá desses desertos, esplêndidos oásis vagam no éter límpido, e renovam incessantemente as cenas admiráveis da existência e da vida. Sucedem-se lá os agregados longínquos de substância cósmica, que o profundo olhar do telescópio entrevê através das regiões transparentes do nosso céu; essas nebulosas a que chamam *irresolúveis*, e que lhes parecem ligeiras nuvens de poeira branca perdidas num ponto desconhecido do espaço etéreo. Lá, novos mundos se revelam e se desenvolvem, onde as condições variadas e diversas das que são peculiares ao vosso globo lhes dão uma vida que as concepções humanas não podem imaginar, nem os vossos estudos podem comprovar. É lá que resplandece em toda a sua plenitude o poder criador; àquele que vem das regiões ocupadas pelo vosso sistema, outras leis estão em ação, cujas forças regem as manifestações da vida, e as novas rotas que seguimos nesses países estrangeiros nos abrindo perspectivas desconhecidas. (9)

(9) Em Astronomia, é dado o nome de nebulosas *irresolúveis* àquelas em cujo seio ainda se não puderam distinguir as estrelas que as compõem. A princípio, foram consideradas acervos de matéria cósmica em vias de condensação para formar mundos; hoje, porém, geralmente se entende que essa aparência é devida ao afastamento e que, com instrumentos bastante poderosos, todas seriam resolúveis.

Uma comparação familiar pode dar ideia – embora muito imperfeita –, das nebulosas resolúveis: são os grupos de centelhas projetadas pelas bombas dos fogos de artifício, no momento de explodirem. Cada uma dessas centelhas figurará uma estrela e o conjunto delas a nebulosa, ou grupo de estrelas reunidas num ponto do espaço e submetidas a uma lei comum de atração e de movimento. Vistas de certa distância, mal se distinguem essas centelhas, tendo o grupo por elas formado a aparência de uma nuvenzinha de fumaça. Esta comparação não seria exata se fossem tratadas de massas de matéria cósmica condensada.

A nossa Via Láctea é uma dessas nebulosas. Conta perto de 30 milhões de estrelas ou sóis que ocupam nada menos de algumas centenas de trilhões de léguas de extensão e, entretanto, não é a maior. Suponhamos uma média de 20 planetas habitados circulando em torno de cada sol: teremos 600 milhões de mundos só para o nosso grupo.

Se nos pudéssemos transportar da nossa nebulosa para outra, aí estaríamos como em meio da nossa Via Láctea, porém com um céu estrelado de aspecto inteiramente diverso e este, apesar das suas dimensões colossais, nos pareceria de longe um pequenino floco lenticular perdido no infinito. Mas, antes de atingirmos a nova nebulosa, seríamos iguais a um viajante que deixa uma cidade e percorre vasto país inabitado, antes que chegue a outra cidade. Teríamos transposto incomensuráveis espaços desprovidos de estrelas e de mundos, o que Galileu denominou os desertos do espaço. À medida que avançássemos, veríamos a nossa nebulosa afastar-se atrás de nós, diminuindo de extensão às nossas vistas, ao mesmo tempo em que se apresentaria diante de nós aquela para a qual nos dirigíssemos, cada vez mais distinta, semelhante à massa de centelhas de bomba de fogos de artifício. Transportando-nos pelo pensamento às regiões do espaço além do *arquipélago* da nossa nebulosa, veremos em torno de nós milhões de arquipélagos semelhantes e de formas diversas contendo cada um milhões de sóis e centenas de milhões de mundos habitados.

Tudo o que nos possa identificar com a imensidade da extensão e com a estrutura do Universo é de utilidade para a ampliação das ideias, tão restringidas pelas crenças vulgares. Deus amplia aos nossos olhos, à medida que melhor compreendemos a grandeza de suas obras e nossa pequenez. Como se vê, estamos longe da crença que a Gênese de Moisés



implantou e que fez da nossa pequenina e imperceptível Terra a criação principal de Deus e dos seus habitantes os únicos objetos da sua solicitude. Compreendemos a vaidade dos homens que creem que tudo no Universo foi feito para eles e dos que ousam discutir a existência do Ente supremo. Dentro de alguns séculos, causará espanto que uma religião feita para glorificar a Deus o tenha rebaixado a tão mesquinhas proporções e que haja repellido, como concepção do espírito do mal, as descobertas que somente vieram aumentar a nossa admiração pela sua onipotência, iniciando-nos nos grandiosos mistérios da criação. Ainda maior será o espanto, quando souberem que elas foram repelidas porque emancipariam a inteligência dos homens e tirariam a preponderância dos que se diziam representantes de Deus na Terra.

#### ETERNA SUCESSÃO DOS MUNDOS

48.- Vimos que uma única lei primordial e geral foi dada ao Universo para lhe assegurar a estabilidade eterna, e que essa lei geral é perceptível aos nossos sentidos por muitas ações particulares que nomeamos forças diretrizes da natureza. Vamos agora mostrar que a harmonia do mundo inteiro — considerada sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço — é assegurada por essa lei suprema.

49.- Com efeito, se retornarmos à origem primária das aglomerações da substância cósmica primitivas, notaremos então que, sob o império dessa lei, a matéria já sofre as transformações necessárias que levam da semente ao fruto maduro, e que, sob a impulsão das diversas forças nascidas dessa lei, ela percorre a escala das revoluções periódicas; primeiramente, centro fluídico dos movimentos, em seguida, gerador dos mundos e mais tarde, núcleo central e atrativo das esferas que lhe nasceram no seu seio.

Já sabemos que essas leis presidem a história do Cosmo; o que agora importa saber é que elas presidem igualmente à destruição dos astros, pois a morte não é apenas uma metamorfose do ser

#### ETERNA SUCESSÃO DOS MUNDOS

48.- Vimos que uma única lei primordial e geral foi dada ao Universo para lhe assegurar a estabilidade eterna, e que essa lei geral é perceptível aos nossos sentidos por muitas ações particulares que nomeamos forças diretrizes da natureza. Vamos agora mostrar que a harmonia do mundo inteiro — considerada sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço — é assegurada por essa lei suprema.

49.- Com efeito, se retornarmos à origem primária das aglomerações da substância cósmica primitivas, notaremos então que, sob o império dessa lei, a matéria já sofre as transformações necessárias que levam da semente ao fruto maduro, e que, sob a impulsão das diversas forças nascidas dessa lei, ela percorre a escala das revoluções periódicas; primeiramente, centro fluídico dos movimentos, em seguida, gerador dos mundos e mais tarde, núcleo central e atrativo das esferas que lhe nasceram no seu seio.

Já sabemos que essas leis presidem a história do Cosmo; o que agora importa saber é que elas presidem igualmente à destruição dos astros, pois a morte não é apenas uma metamorfose do ser

vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada; e se, em sentido literal, é certo dizer que a vida só é acessível diante da morte, também é justo dizer que a substância deve de toda necessidade passar pelas transformações inerentes à sua composição.

50.- Temos aqui um mundo que desde o berço primitivo percorreu toda a extensão dos anos que a sua organização especial lhe permitia percorrer; o foco interior da sua existência está extinto e seus próprios elementos perderam sua virtude inicial; os fenômenos **de sua** natureza que para sua produção requerem a presença e a ação das forças destinadas a esse mundo, já não mais podem se manifestar, porque **essa** alavanca da sua atividade já não dispõe do ponto de apoio que lhe dava toda sua força.

Ora, será que essa terra extinta e sem vida vai continuar a gravitar nos espaços celestes sem uma finalidade e passar como cinza inútil pelo vendaval dos céus? Será que permanece inscrita no livro da vida universal, agora que já se tornou letra morta e vazia de sentido? Não; as mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a gratificaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que lhe firmaram os primeiros passos na existência e que a conduziram à idade **madura**<sup>8</sup> e à velhice, vão presidir à desagregação de seus elementos constitutivos para reconduzi-los ao laboratório onde a potência criadora absorve incessantemente as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão retornar à massa comum do éter para se assimilarem a outros corpos, ou para regenerarem outros sóis; e essa morte não será um evento inútil para a Terra e nem para suas irmãs; ela renovará noutras regiões outras criações de natureza diferente, e lá onde os

vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada; e se, em sentido literal, é certo dizer que a vida só é acessível diante da morte, também é justo dizer que a substância deve de toda necessidade passar pelas transformações inerentes à sua composição.

50.- Temos aqui um mundo que desde o berço primitivo percorreu toda a extensão dos anos que a sua organização especial lhe permitia percorrer; o foco interior da sua existência está extinto e seus próprios elementos perderam sua virtude inicial; os fenômenos **da** natureza que para sua produção requerem a presença e a ação das forças destinadas a esse mundo, já não mais podem se manifestar, porque **a** alavanca da sua atividade já não dispõe do ponto de apoio que lhe dava toda sua força.

Ora, será que essa terra extinta e sem vida vai continuar a gravitar nos espaços celestes sem uma finalidade e passar como cinza inútil pelo vendaval dos céus? Será que permanece inscrita no livro da vida universal, agora que já se tornou letra morta e vazia de sentido? Não; as mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a gratificaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que lhe firmaram os primeiros passos na existência e que a conduziram à idade **madura** e à velhice, vão presidir à desagregação de seus elementos constitutivos para reconduzi-los ao laboratório onde a potência criadora absorve incessantemente as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão retornar à massa comum do éter para se assimilarem a outros corpos, ou para regenerarem outros sóis; e essa morte não será um evento inútil para a Terra e nem para suas irmãs; ela renovará noutras regiões outras criações de natureza diferente, e lá onde os

<sup>8</sup> Correção: na primeira edição, faltou o acento no verbo. Foi corrigido na quinta edição: l'âge **mur** ⇒ l'âge **mûr**.

sistemas de mundos se desvaneceram, em breve renascerá outro jardim de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51.- Desse modo, a eternidade real e efetiva do Universo fica assegurada pelas mesmas leis que dirigem as operações do tempo; assim sendo, mundos sucedem a mundos, sóis a sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus jamais seja atingido nas suas gigantescas molas.

Lá onde os seus olhos admiram esplêndidas estrelas na abóbada da noite, lá onde o vosso espírito contempla irradiações magníficas que resplandecem sobre espaços distantes, por um longo tempo o dedo da morte dissipou esses esplendores, por um longo tempo o vazio sucedeu a esses deslumbramentos e recebeu até novas criações ainda desconhecidas. O imenso afastamento desses astros — pelo que a luz que eles nos enviam gasta milhares de anos a chegar até nós — faz com que somente hoje recebamos os raios que eles nos enviaram muito tempo antes da criação da Terra, e que ainda os admiramos durante milhares de anos após a sua desapareição real.

Que são os seis mil anos da humanidade histórica diante dos períodos de séculos, segundos os séculos na Terra? Que são as vossas observações astronômicas diante do estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo Sol.

sistemas de mundos se desvaneceram, em breve renascerá outro jardim de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51.- Desse modo, a eternidade real e efetiva do Universo fica assegurada pelas mesmas leis que dirigem as operações do tempo; assim sendo, mundos sucedem a mundos, sóis a sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus jamais seja atingido nas suas gigantescas molas.

Lá onde os seus olhos admiram esplêndidas estrelas na abóbada da noite, lá onde o vosso espírito contempla irradiações magníficas que resplandecem sobre espaços distantes, por um longo tempo o dedo da morte dissipou esses esplendores, por um longo tempo o vazio sucedeu a esses deslumbramentos e recebeu até novas criações ainda desconhecidas. O imenso afastamento desses astros — pelo que a luz que eles nos enviam gasta milhares de anos a chegar até nós — faz com que somente hoje recebamos os raios que eles nos enviaram muito tempo antes da criação da Terra, e que ainda os admiramos durante milhares de anos após a sua desapareição real. (10)

Que são os seis mil anos da humanidade histórica diante dos períodos de séculos, segundos os séculos na Terra? Que são as vossas observações astronômicas diante do estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo Sol.

(10) Há aqui um efeito do tempo que a luz gasta para atravessar o espaço. Sendo que a sua velocidade é de 70 mil léguas por segundo, ela nos chega do Sol em 8 minutos e 13 segundos. Daí resulta que, se um fenômeno se passa na superfície do Sol, não o percebemos senão 8 minutos mais tarde e, pela mesma razão, ainda o veremos 8 minutos depois de seu fim. Se, em virtude do seu afastamento, a luz de uma estrela consome mil anos para chegar a nós, só mil anos depois da sua formação veremos essa estrela. (para explicação e descrição completa desse fenômeno, ver *Revista Espírita* de março e maio de 1867, resenha de *Lumen*, por Camille Flammarion).

52.- Logo, vamos reconhecer aqui, como nos nossos outros estudos, que a Terra e o homem não são nada em comparação com o que existe e que as mais colossais operações do nosso pensamento ainda se estendem apenas sobre um campo imperceptível diante da imensidade e da eternidade de um universo que nunca terá fim.

E quando esses períodos da nossa imortalidade tiverem passado sobre nossas cabeças, quando a história atual da Terra nos aparecer como uma sombra vaporosa no fundo da nossa lembrança; quando, durante séculos incontáveis, tivermos habitado esses diversos degraus da nossa hierarquia cosmológica; quando os mais distantes domínios das eras futuras tiverem sido percorridos por nós em inúmeras peregrinações, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e por perspectiva a eternidade imóvel.

#### A VIDA UNIVERSAL

53.- Essa imortalidade das almas, cujo o sistema de mundo físico é a base, pareceu imaginária aos olhos de certos pensadores prevenidos; qualificaram-na ironicamente de imortalidade passageira e não compreenderam que só ela é verdadeira diante do espetáculo da criação. Entretanto, podemos tornar compreensível toda a grandeza — eu diria quase toda a perfeição.

54.- Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência; que os mundos sejam moradas de seres que as contemplam e lhes descubrem sob o véu o poder e a sabedoria daquele que as formou, essa questão já não nos oferece mais dúvida; mas, que as almas que as povoam sejam solidárias, isso é o que importa saber.

55.- Com efeito, a inteligência humana mal consegue considerar esses globos radiosos que

52.- Logo, vamos reconhecer aqui, como nos nossos outros estudos, que a Terra e o homem não são nada em comparação com o que existe e que as mais colossais operações do nosso pensamento ainda se estendem apenas sobre um campo imperceptível diante da imensidade e da eternidade de um universo que nunca terá fim.

E quando esses períodos da nossa imortalidade tiverem passado sobre nossas cabeças, quando a história atual da Terra nos aparecer como uma sombra vaporosa no fundo da nossa lembrança; quando, durante séculos incontáveis, tivermos habitado esses diversos degraus da nossa hierarquia cosmológica; quando os mais distantes domínios das eras futuras tiverem sido percorridos por nós em inúmeras peregrinações, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e por perspectiva a eternidade imóvel.

#### A VIDA UNIVERSAL

53.- Essa imortalidade das almas, cujo o sistema de mundo físico é a base, pareceu imaginária aos olhos de certos pensadores prevenidos; qualificaram-na ironicamente de imortalidade passageira e não compreenderam que só ela é verdadeira diante do espetáculo da criação. Entretanto, podemos tornar compreensível toda a grandeza — eu diria quase toda a perfeição.

54.- Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência; que os mundos sejam moradas de seres que as contemplam e lhes descubrem sob o véu o poder e a sabedoria daquele que as formou, essa questão já não nos oferece mais dúvida; mas, que as almas que as povoam sejam solidárias, isso é o que importa saber.

55.- Com efeito, a inteligência humana mal consegue considerar esses globos radiosos que

cintilam na amplidão como simples massas de matéria inertes e sem vida; ela mal consegue pensar que haja nessas regiões distantes magníficos crepúsculos e noites esplendorosas, sóis férteis e dias plenos de luz, vales e montanhas, onde as produções múltiplas da natureza têm desenvolvido toda a sua luxuriante pompa; ela mal consegue imaginar, digo, que o espetáculo divino em que a alma pode revitalizar-se como em sua própria vida, seja farto da existência e carente de qualquer ser pensante que o possa conhecer.

56.- Mas, a essa ideia eminentemente justa da criação, faz-se necessário acrescentar a da humanidade solidária, e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura. Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos, e os laços de uma fraternidade que ainda não apreciada por vocês foram concedidos a esses mundos. *Se os astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não são assim por seres desconhecidos uns dos outros, mas ao contrário, por seres marcados na frente do mesmo destino, que hão de se encontrar temporariamente, segundo suas funções de vida, e se encontrar de novo segundo suas mútuas simpatias;* é a grande família de Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

57.- Por causa dessa estranha aberração, tem-se acreditado que fosse preciso negar à imortalidade as vastas regiões do éter, quando a continham num limite inadmissível e numa dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo deveria então vir da verdadeira doutrina dogmática e a ciência vir da teologia? Esta se transviará tanto que irá colocar sua base sobre a metafísica? A resposta é fácil e nos mostra que a

cintilam na amplidão como simples massas de matéria inertes e sem vida; ela mal consegue pensar que haja nessas regiões distantes magníficos crepúsculos e noites esplendorosas, sóis férteis e dias plenos de luz, vales e montanhas, onde as produções múltiplas da natureza têm desenvolvido toda a sua luxuriante pompa; ela mal consegue imaginar, digo, que o espetáculo divino em que a alma pode revitalizar-se como em sua própria vida, seja farto da existência e carente de qualquer ser pensante que o possa conhecer.

56.- Mas, a essa ideia eminentemente justa da criação, faz-se necessário acrescentar a da humanidade solidária, e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura. Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos, e os laços de uma fraternidade que ainda não apreciada por vocês foram concedidos a esses mundos. *Se os astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não são assim por seres desconhecidos uns dos outros, mas ao contrário, por seres marcados na frente do mesmo destino, que hão de se encontrar temporariamente, segundo suas funções de vida, e se encontrar de novo segundo suas mútuas simpatias;* é a grande família de Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

57.- Por causa dessa estranha aberração, tem-se acreditado que fosse preciso negar à imortalidade as vastas regiões do éter, quando a continham num limite inadmissível e numa dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo deveria então vir da verdadeira doutrina dogmática e a ciência vir da teologia? Esta se transviará tanto que irá colocar sua base sobre a metafísica? A resposta é fácil e nos mostra que a

nova filosofia se sentará triunfante sobre as ruínas da antiga, pois sua base será erguida vitoriosa sobre os antigos erros.

nova filosofia se sentará triunfante sobre as ruínas da antiga, pois sua base será erguida vitoriosa sobre os antigos erros.

### A CIÊNCIA

58.- A ciência humana elaborou suas poderosas concepções acima dos limites do espaço e do tempo; penetrou no domínio inacessível dos tempos antigos e sondado o mistério dos céus insondáveis, explicado o enigma da criação. O mundo exterior desenrolou-se ante os olhos da ciência seu esplêndido panorama e sua magnífica opulência, e os estudos do homem o têm elevado ao conhecimento da verdade; ele tem explorado o universo, encontrado a expressão das leis que o regem e a aplicação das forças que o sustentam, e se não lhe tem sido dado ver face a face a causa primária, ao menos chegou à noção matemática da série de causas secundárias.

Sobretudo nesse último século o método experimental — o único verdadeiramente científico — foi aplicado nas ciências naturais e por sua ajuda o homem pouco a pouco se despojou dos preconceitos da Escola antiga e das teorias especulativas, para se manter no campo da observação e a cultivar com cuidado e inteligência.

Sim, a ciência do homem é sólida e fértil, digna de nossas homenagens por seu passado árduo e largamente experimentado, e digno de nossa simpatia por seu futuro, de grandes descobertas úteis e proveitosas; pois desde então a natureza é um livro acessível às pesquisas do homem estudioso, um mundo aberto às investigações do pensador, uma região brilhante que o espírito humano já tem visitado, e na qual ele pode avançar audaciosamente, tendo em mão a experiência como bússola.

59.- Um velho amigo da minha vida terrena me falou certa vez. Uma peregrinação nos traria

novamente à Terra e de novo estudaríamos moralmente esse mundo; meu camarada acrescentou que o homem hoje está familiarizado com as leis mais abstratas da mecânica, da física, da química; que as aplicações para a indústria não são menos notáveis do que as deduções da ciência pura, e que a criação inteira, sabiamente estudada por ele, parecia ser daqui em diante seu real atributo. E como perseguíamos nossa marcha fora desse mundo, eu lhe respondi nestes termos:

60.- Fraco átomo perdido num ponto imperceptível do infinito, o homem tem acreditado alcançar pela sua vista a extensão universal, quando ele mal pôde contemplar a região que habita; ele supôs estudar as leis da natureza inteira, quando suas apreciações mal tinham se referido às forças em ação ao seu redor; acreditou determinar a grandeza do céu, quando se acabava na determinação de um grão de poeira. O campo de suas observações é tão acanhado que mal pode encontrar um fato perdido de vista; o céu e a terra do homem são tão pequenos, que a alma, em seu impulso, não tem tempo de desdobrar suas asas antes de alcançar as derradeiras acessíveis à observação.

O Universo incomensurável nos cerca de todas as partes, distribuindo riquezas desconhecidas para além dos nossos céus, colocando-as em jogo de forças inapreciáveis, desenvolvendo modos de existência inconcebíveis para nós e propagando ao infinito o esplendor e a vida.

E o ciron, mísero ácaro, privado de asas e de luz, cuja triste existência se consome sob a folha que lhe deu a vida, pretenderia — somente porque deu alguns passos sobre esta folha agitada pelo vento — ter o direito de falar sobre a árvore imensa ao qual ela pertence, árvore a qual ele mal percebe a sombra? Ele se imaginaria loucamente poder raciocinar sobre a floresta da qual sua árvore faz

parte e discutir sabiamente sobre a natureza dos vegetais que se desenvolve nessa floresta, dos seres que a habitam, do Sol distante de cujos raios algumas vezes penetram para ai levar o movimento e a vida? Na verdade, o homem seria estranhamente pretensioso de querer medir a grandeza infinita pela sua infinita pequenez!

Assim também ele deveria estar bem compenetrado dessa ideia: que se os labores áridos dos séculos passados lhe dotaram do seu primeiro conhecimento das coisas, se a progressão do espírito o colocou no pátio do saber, ele ainda não fez mais do que soletrar a primeira página do livro; que ele, como uma criança, está sujeito a tropeçar em cada palavra, e, longe de pretender interpretar a obra como um doutor, deve se contentar em estudar humildemente, página por página, linha por linha. Feliz então aqueles que podem fazer isso.

### CONSIDERAÇÕES MORAIS

61.- Vocês nos têm acompanhado em nossas excursões celestes, e visitado conosco as regiões imensas do espaço. Debaixo das nossas vistas, os sóis sucederam aos sóis, sistemas aos sistemas, nebulosas às nebulosas; o panorama esplêndido da harmonia do **cosmos** se desenrolou diante dos nossos passos e temos recebido uma amostra da ideia do infinito, que não podemos compreender em toda a sua extensão senão de acordo com a nossa perfectibilidade futura. Os mistérios do éter nos desvendaram o seu enigma até aqui indecifrável e, pelo menos, concebemos a ideia da universalidade das coisas. Devemos agora parar a refletir.

62.- Sem dúvida, é bom ter reconhecido a insignificância da Terra e sua medíocre importância na hierarquia dos mundos; é bom ter abatido a presunção humana, que nos é tão cara, e

### DIVERSIDADE DOS MUNDOS

58.- Vocês nos têm acompanhado em nossas excursões celestes, e visitado conosco as regiões imensas do espaço. Debaixo das nossas vistas, os sóis sucederam aos sóis, sistemas aos sistemas, nebulosas às nebulosas; o panorama esplêndido da harmonia do **Cosmos** se desenrolou diante dos nossos passos e temos recebido uma amostra da ideia do infinito, que não podemos compreender em toda a sua extensão senão de acordo com a nossa perfectibilidade futura. Os mistérios do éter nos desvendaram o seu enigma até aqui indecifrável e, pelo menos, concebemos a ideia da universalidade das coisas. Devemos agora parar a refletir.

59.- Sem dúvida, é bom ter reconhecido a insignificância da Terra e sua medíocre importância na hierarquia dos mundos; é bom ter abatido a presunção humana, que nos é tão cara, e



ter nos humilhado diante a grandeza absoluta; no entanto, ainda será melhor interpretar sob o senso moral o espetáculo do qual fomos **testemunha**. Gostaria de falar do poder infinito da natureza, e da ideia que devemos fazer do seu modo de ação nos diversos<sup>9</sup> **âmbitos** do vasto Universo.

**63.-** Como estamos acostumados a julgar as coisas pela nossa insignificante e pobre habitação, imaginamos que a natureza só pôde ou só teve de agir sobre os outros mundos conforme as regras que conhecemos na Terra. Ora, é precisamente neste ponto que importa reformar nosso julgamento.

Lancem o olhar por um instante sobre uma região qualquer de vosso globo e sobre uma das produções da vossa natureza; não reconhecerão aí o cunho de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem igual? Vocês não podem ver na asa de um passarinho das Canárias, na pétala de um botão de rosa entreaberto, a prestigiosa fertilidade dessa bela natureza?

Que vossos estudos se apliquem aos seres que planam nos ares; que desçam **na** violeta dos bosques, que mergulhem nas profundezas do Oceano, em tudo e por toda a parte leiam esta verdade universal: A natureza **onipotente**<sup>10</sup> age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é una em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções; brinca com um Sol como com uma gota d'água; povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz eclodir o ovo posto pela borboleta de outono.

**64.-** Ora, se tal é a variedade que a natureza nos pôde descrever em todos os sítios deste pequeno mundo tão acanhado e tão limitado,

ter nos humilhado diante a grandeza absoluta; no entanto, ainda será melhor interpretar sob o senso moral o espetáculo do qual fomos **testemunhas**. Gostaria de falar do poder infinito da natureza, e da ideia que devemos fazer do seu modo de ação nas diversas **partes** do vasto Universo.

**60.-** Como estamos acostumados a julgar as coisas pela nossa insignificante e pobre habitação, imaginamos que a natureza só pôde ou só teve de agir sobre os outros mundos conforme as regras que conhecemos na Terra. Ora, é precisamente neste ponto que importa reformar nosso julgamento.

Lancem o olhar por um instante sobre uma região qualquer de vosso globo e sobre uma das produções da vossa natureza; não reconhecerão aí o cunho de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem igual? Vocês não podem ver na asa de um passarinho das Canárias, na pétala de um botão de rosa entreaberto, a prestigiosa fertilidade dessa bela natureza?

Que vossos estudos se apliquem aos seres que planam nos ares; que desçam **até a** violeta dos bosques, que mergulhem nas profundezas do Oceano, em tudo e por toda a parte leiam esta verdade universal: A natureza **onipotente** age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é una em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções; brinca com um Sol como com uma gota d'água; povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz eclodir o ovo posto pela borboleta de outono.

**61.-** Ora, se tal é a variedade que a natureza nos pôde descrever em todos os sítios deste pequeno mundo tão acanhado e tão limitado,

<sup>9</sup> Houve a troca de nos diversos para nas diversas em função da flexão pela mudança de gênero em português, que não ocorre em francês: dans les diverses **portées** du vaste univers ⇒ dans les diverses **parties** du vaste univers

<sup>10</sup> **toute-puissante** ⇒ **toute puissante**

quanto mais extenso não devem considerar esse modo de ação, ponderando acerca das perspectivas dos vastos mundos? Quanto mais vocês não devem desenvolvê-la e reconhecer a poderosa extensão aplicando a esses mundos maravilhosos que, muito mais do que a Terra, atestam sua inconcebível perfeição?

Então, não vejam em torno de cada um dos sóis do espaço apenas sistemas planetários semelhantes ao seu sistema planetário; não vejam sobre esses planetas **supostos** apenas os três reinos que brilham em torno de vocês, mas, ao contrário, pensem que, assim como nenhum rosto de homem se assemelha a outro rosto em todo o gênero humano, também uma portentosa e inimaginável diversidade tem sido espalhada pelas moradas eternas que vagueiam no seio dos espaços.

Do fato de que **nossa** natureza animada começa no zoófito para terminar no homem; de que a atmosfera alimenta a vida terrestre, de que o elemento líquido a renova sem cessar, de que as vossas estações fazem suceder nessa vida os fenômenos que a compartilham, não concluem que os milhões e milhões de terras que vagueiam na imensidão sejam semelhantes a esta Terra; longe disso, elas diferem de acordo com as diversas condições que lhes foram prescritas e de acordo com o seu respectivo papel no cenário do mundo; são pedrarias variadas de um imenso mosaico, as diversificadas flores de admirável jardim.

quanto mais extenso não devem considerar esse modo de ação, ponderando acerca das perspectivas dos vastos mundos? Quanto mais vocês não devem desenvolvê-la e reconhecer a poderosa extensão aplicando a esses mundos maravilhosos que, muito mais do que a Terra, atestam sua inconcebível perfeição?

Então, não vejam em torno de cada um dos sóis do espaço apenas sistemas planetários semelhantes ao seu sistema planetário; não vejam sobre esses planetas **desconhecidos** apenas os três reinos que brilham em torno de vocês, mas, ao contrário, pensem que, assim como nenhum rosto de homem se assemelha a outro rosto em todo o gênero humano, também uma portentosa e inimaginável diversidade tem sido espalhada pelas moradas eternas que vagueiam no seio dos espaços.

Do fato de que **sua** natureza animada começa no zoófito para terminar no homem; de que a atmosfera alimenta a vida terrestre, de que o elemento líquido a renova sem cessar, de que as vossas estações fazem suceder nessa vida os fenômenos que a compartilham, não concluem que os milhões e milhões de terras que vagueiam na imensidão sejam semelhantes a esta Terra; longe disso, elas diferem de acordo com as diversas condições que lhes foram prescritas e de acordo com o seu respectivo papel no cenário do mundo; são pedrarias variadas de um imenso mosaico, as diversificadas flores de admirável jardim.

## CAPÍTULO VII - Esboço Geológico da Terra

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1872)

Períodos Geológicos - Estado primitivo do globo  
- Período primário - Período de transição  
- Período secundário - Período terciário  
- Período diluviano - Período pós-diluviano ou atual. Nascimento do homem

Períodos Geológicos - Estado primitivo do globo  
- Período primário - Período de transição  
- Período secundário - Período terciário  
- Período diluviano - Período pós-diluviano ou atual. Nascimento do homem

### PERÍODOS GEOLÓGICOS

1.- A Terra conserva em si os traços evidentes da sua formação; acompanhamos suas fases com precisão matemática nos diferentes terrenos que compõem a sua estrutura. O conjunto desses estudos forma a ciência chamada *geologia*, ciência nascida deste século e que projetou luz sobre a tão controvertida questão da sua origem e da dos seres vivos que habitam nele. Neste ponto, não há simples hipótese; há o resultado rigoroso da observação dos fatos, e diante dos fatos não se permite nenhuma dúvida. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de uma maneira bem mais certa do que nos livros preconcebidos, porque é a própria natureza que fala e que se revela, e não a imaginação dos homens que cria teorias. Onde vemos traços de fogo, podemos dizer com certeza que ali houve fogo; onde vemos os rastros da água, dizemos com mais garantia que ali havia a água; onde vemos rastros de animais, podemos dizer que ali viveram animais.

Portanto, a geologia é uma ciência toda de observação; só tira deduções do que vê; nada afirma sobre os pontos duvidosos; não emite opiniões discutíveis cuja solução definitiva espera observações mais completas. *Sem as descobertas da geologia — como sem as da astronomia — a Gênese do mundo ainda estaria nas trevas da lenda.* Graças a elas, hoje o homem conhece a história da sua habitação, e a estrutura de fábulas

### PERÍODOS GEOLÓGICOS

1.- A Terra conserva em si os traços evidentes da sua formação; acompanhamos suas fases com precisão matemática nos diferentes terrenos que compõem a sua estrutura. O conjunto desses estudos forma a ciência chamada *geologia*, ciência nascida deste século e que projetou luz sobre a tão controvertida questão da sua origem e da dos seres vivos que habitam nele. Neste ponto, não há simples hipótese; há o resultado rigoroso da observação dos fatos, e diante dos fatos não se permite nenhuma dúvida. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de uma maneira bem mais certa do que nos livros preconcebidos, porque é a própria natureza que fala e que se revela, e não a imaginação dos homens que cria teorias. Onde vemos traços de fogo, podemos dizer com certeza que ali houve fogo; onde vemos os rastros da água, dizemos com mais garantia que ali havia a água; onde vemos rastros de animais, podemos dizer que ali viveram animais.

Portanto, a geologia é uma ciência toda de observação; só tira deduções do que vê; nada afirma sobre os pontos duvidosos; não emite opiniões discutíveis cuja solução definitiva espera observações mais completas. *Sem as descobertas da geologia — como sem as da astronomia — a Gênese do mundo ainda estaria nas trevas da lenda.* Graças a elas, hoje o homem conhece a história da sua habitação, e a estrutura de fábulas

que lhe rodeavam o berço desmoronou para não mais tornar a se erguer.

2.- Em todos os terrenos onde existam valas, escavações naturais ou praticadas pelo homem, nota-se o que chamamos *estratificações*, isto é, camadas superpostas. Os terrenos que apresentam essa disposição são designados pelo nome de *terrenos estratificados*. Essas camadas, de espessura muito variada, desde alguns centímetros até 100 metros e mais, se distinguem entre si pela cor e pela natureza das substâncias de que se compõem. Os trabalhos de arte, a perfuração de poços, a exploração de pedreiras e, sobretudo, de minas têm permitido observá-las até uma profundidade bastante grande.

3.- Em geral, as camadas são homogêneas, isto é, cada uma é constituída de uma mesma substância, ou de substâncias diversas que existiram juntas e formaram um conjunto compacto. A linha de separação que as isola umas das outras é sempre nitidamente sulcada, como nas fiadas de uma construção; em nenhuma parte as vemos misturadas e sumidas umas nas outras nos pontos de seus respectivos limites, como aquela, por exemplo, com as cores do prisma e do arco-íris. Por essas características, reconhecemos que elas se formam sucessivamente depositando-se uma sobre outra em condições e por causas diferentes; as mais profundas foram naturalmente as que se formaram primeiro, e as mais superficiais foram as posteriores. A derradeira de todas, aquela que se acha na superfície, é a camada da terra vegetal, que deve suas propriedades aos detritos dos materiais orgânicos provenientes de plantas e animais.

As camadas inferiores, colocadas abaixo da camada vegetal, receberam em geologia o nome de *rochas*, palavra que, nesse sentido, nem sempre implica a ideia de uma substância pedregosa, mas significa um leito ou banco de uma substância

que lhe rodeavam o berço desmoronou para não mais tornar a se erguer.

2.- Em todos os terrenos onde existam valas, escavações naturais ou praticadas pelo homem, nota-se o que chamamos *estratificações*, isto é, camadas superpostas. Os terrenos que apresentam essa disposição são designados pelo nome de *terrenos estratificados*. Essas camadas, de espessura muito variada, desde alguns centímetros até 100 metros e mais, se distinguem entre si pela cor e pela natureza das substâncias de que se compõem. Os trabalhos de arte, a perfuração de poços, a exploração de pedreiras e, sobretudo, de minas têm permitido observá-las até uma profundidade bastante grande.

3.- Em geral, as camadas são homogêneas, isto é, cada uma é constituída de uma mesma substância, ou de substâncias diversas que existiram juntas e formaram um conjunto compacto. A linha de separação que as isola umas das outras é sempre nitidamente sulcada, como nas fiadas de uma construção; em nenhuma parte as vemos misturadas e sumidas umas nas outras nos pontos de seus respectivos limites, como aquela, por exemplo, com as cores do prisma e do arco-íris. Por essas características, reconhecemos que elas se formam sucessivamente depositando-se uma sobre outra em condições e por causas diferentes; as mais profundas foram naturalmente as que se formaram primeiro, e as mais superficiais foram as posteriores. A derradeira de todas, aquela que se acha na superfície, é a camada da terra vegetal, que deve suas propriedades aos detritos dos materiais orgânicos provenientes de plantas e animais.

4.- As camadas inferiores, colocadas abaixo da camada vegetal, receberam em geologia o nome de *rochas*, palavra que, nesse sentido, nem sempre implica a ideia de uma substância pedregosa, mas significa um leito ou banco de uma substância

mineral qualquer. Umas são formadas de areia, de argila ou de terra argilosa, de marna, de seixos rolados; outras são de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármore, a cal, os calcários ou pedras calcárias, as pedras molares, ou carvões de pedra, os asfaltos, etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos possante, conforme sua espessura seja mais ou menos considerável.

4.- Pela inspeção da natureza dessas rochas ou camadas, reconhecemos por sinais certos que umas vêm de matérias fundidas e às vezes vitrificadas sob a ação do fogo; outras, de substâncias terrosas postas pelas águas; algumas de tais substâncias se conservaram desagregadas como as areias; outras, a princípio em estado pastoso, sob a ação de certos agentes químicos ou por outras causas, endureceram e adquiriram, com o tempo, a consistência da pedra. Os bancos de pedras superpostas denunciam depósitos sucessivos. Então, o fogo e a água tomaram parte na ação da formação dos materiais que compõem a estrutura sólida do globo.

5.- A posição normal das camadas terrosas ou pedregosas provenientes de depósitos aquosos é a horizontal. Quando vemos essas planícies imensas, que por vezes se estendem a perder de vista, de perfeita horizontalidade, unidas como se tivessem sido niveladas com um rolo, ou esses fundos de vales tão planos quanto a superfície de um lago, podemos estar certos de que, numa época mais ou menos recuada, tais lugares foram por longo tempo cobertos de águas tranquilas que, ao se retirarem, deixaram a seco as terras que elas depositaram enquanto ali estacionaram. Após a retirada das águas, essas terras se cobriram de vegetação. Se, em vez de terras oleosas, limosas, argilosas, ou arenosas, próprias para assimilar os princípios nutritivos, as águas tivessem depositado apenas

mineral qualquer. Umas são formadas de areia, de argila ou de terra argilosa, de marna, de seixos rolados; outras são de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármore, a cal, os calcários ou pedras calcárias, as pedras molares, ou carvões de pedra, os asfaltos, etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos possante, conforme sua espessura seja mais ou menos considerável.

Pela inspeção da natureza dessas rochas ou camadas, reconhecemos por sinais certos que umas vêm de matérias fundidas e às vezes vitrificadas sob a ação do fogo; outras, de substâncias terrosas postas pelas águas; algumas de tais substâncias se conservaram desagregadas como as areias; outras, a princípio em estado pastoso, sob a ação de certos agentes químicos ou por outras causas, endureceram e adquiriram, com o tempo, a consistência da pedra. Os bancos de pedras superpostas denunciam depósitos sucessivos. Então, o fogo e a água tomaram parte na ação da formação dos materiais que compõem a estrutura sólida do globo.

5.- A posição normal das camadas terrosas ou pedregosas provenientes de depósitos aquosos é a horizontal. Quando vemos essas planícies imensas, que por vezes se estendem a perder de vista, de perfeita horizontalidade, unidas como se tivessem sido niveladas com um rolo, ou esses fundos de vales tão planos quanto a superfície de um lago, podemos estar certos de que, numa época mais ou menos recuada, tais lugares foram por longo tempo cobertos de águas tranquilas que, ao se retirarem, deixaram a seco as terras que elas depositaram enquanto ali estacionaram. Após a retirada das águas, essas terras se cobriram de vegetação. Se, em vez de terras oleosas, limosas, argilosas, ou arenosas, próprias para assimilar os princípios nutritivos, as águas tivessem depositado apenas

areias silicosas, sem agregação, teríamos esses planos arenosos e áridos que constituem os pântanos e os desertos. Os depósitos que deixaram as inundações parciais e os que formam os aterros nas embocaduras dos rios podem nos dar uma pequena ideia.

6.- Se bem que a posição horizontal seja a normal e a mais generalizada das formações aquosas, vemos frequentemente sobre extensões bastante grandes, nos países montanhosos, rochas duras cuja natureza indica que foram formadas pelas águas, numa posição inclinada e às vezes até vertical. Ora, como segundo as leis do equilíbrio dos líquidos e da gravidade, os depósitos aquosos não podem se formar senão em planos horizontais, pois os que se formam sobre planos inclinados são arrastados pelas correntes e pelo próprio peso para as baixadas, fica evidente que esses depósitos foram levantados por uma força qualquer, após sua solidificação ou transformação em pedras.

Dessas considerações podemos concluir com certeza que todas as camadas pedrosas provêm de depósitos aquosos numa posição perfeitamente horizontal, foram formadas na sequência dos séculos por águas tranquilas, e que todas as vezes que têm uma posição inclinada, é que o solo esteve atormentado e deslocado posteriormente por convulsões generalizadas ou parciais mais ou menos consideráveis.

7.- Um fato característico e da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que oferece, consiste no dos despojos *fósseis* de animais e vegetais encontrados em incontáveis quantidades nas diferentes camadas; e como esses despojos se encontram até nas mais duras pedras, haveremos de concluir que a existência de tais seres é anterior à formação das referidas pedras; ora, se levarmos em conta o prodigioso número de

areias silicosas, sem agregação, teríamos esses planos arenosos e áridos que constituem os pântanos e os desertos. Os depósitos que deixaram as inundações parciais e os que formam os aterros nas embocaduras dos rios podem nos dar uma pequena ideia.

6.- Se bem que a posição horizontal seja a normal e a mais generalizada das formações aquosas, vemos frequentemente sobre extensões bastante grandes, nos países montanhosos, rochas duras cuja natureza indica que foram formadas pelas águas, **estão** numa posição inclinada e às vezes até vertical. Ora, como segundo as leis do equilíbrio dos líquidos e da gravidade, os depósitos aquosos não podem se formar senão em planos horizontais, pois os que se formam sobre planos inclinados são arrastados pelas correntes e pelo próprio peso para as baixadas, fica evidente que esses depósitos foram levantados por uma força qualquer, após sua solidificação ou transformação em pedras.

Dessas considerações podemos concluir com certeza que todas as camadas pedrosas provêm de depósitos aquosos numa posição perfeitamente horizontal, foram formadas na sequência dos séculos por águas tranquilas, e que todas as vezes que têm uma posição inclinada, é que o solo esteve atormentado e deslocado posteriormente por convulsões generalizadas ou parciais mais ou menos consideráveis.

7.- Um fato característico e da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que oferece, consiste no dos despojos *fósseis* de animais e vegetais encontrados em incontáveis quantidades nas diferentes camadas; e como esses despojos se encontram até nas mais duras pedras, haveremos de concluir que a existência de tais seres é anterior à formação das referidas pedras; ora, se levarmos em conta o prodigioso número de

séculos que foram necessários para operar seu endurecimento, e para que elas alcançassem o estado em que se acham desde tempos imemoriais, obrigatoriamente chegamos à conclusão de que o aparecimento de seres vivos na Terra se perde na noite das idades e conseqüentemente é muito anterior à data assinalada pela Gênese (1).

(1) *Fóssil*, do latim *fossilia, fossilis*, derivado de *fossa, fosse*, e de *fodere*, cavar, escavar a terra. Essa palavra em geologia designa corpos ou despojos de corpos orgânicos, provenientes de seres que viveram anteriormente às épocas históricas. Por extensão, diz-se igualmente das substâncias minerais que trazem traços da presença de seres organizados, quais as marcas deixadas por vegetais ou animais.

O termo *fóssil* de significado mais geral, foi substituído por *petrificação*, que só se aplicava aos corpos transformados em pedra pela infiltração de matérias silicosas ou calcárias nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações são necessariamente fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações.

Os objetos que se revestem de uma camada pedregosa quando mergulhados em certas águas carregadas de substâncias calcárias,

não são petrificações propriamente ditas, mas simples incrustações.

Os monumentos, inscrições e objetos vindos de fabricação humana pertencem à arqueologia

8.- Entre os despojos de vegetais e animais, alguns há que se mostram penetrados em todas as partes de sua substância, sem que sua forma tenha sido alterada, de matérias silicosas ou calcárias que os transformaram em pedras, algumas das quais têm a dureza do mármore; essas são as petrificações propriamente ditas. Outros foram apenas envolvidos pela matéria no estado de flacidez; nós os encontramos intactos e alguns inteiros, nas mais duras pedras. Outros, enfim, apenas deixaram marcas, mas de perfeita nitidez e delicadeza. No interior de certas pedras, são encontradas até marcas de passos e, pela forma do pé, dos dedos e das unhas, reconhece-se a espécie animal a que pertenceram.

séculos que foram necessários para operar seu endurecimento, e para que elas alcançassem o estado em que se acham desde tempos imemoriais, obrigatoriamente chegamos à conclusão de que o aparecimento de seres vivos na Terra se perde na noite das idades e conseqüentemente é muito anterior à data assinalada pela Gênese (1).

(1) *Fóssil*, do latim *fossilia, fossilis*, derivado de *fossa, fosse*, e de *fodere*, cavar, escavar a terra. Essa palavra em geologia designa corpos ou despojos de corpos orgânicos, provenientes de seres que viveram anteriormente às épocas históricas. Por extensão, diz-se igualmente das substâncias minerais que trazem traços da presença de seres organizados, quais as marcas deixadas por vegetais ou animais.

O termo *petrificação* é dito apenas para corpos transformados em pedra pela infiltração de matérias silicosas ou calcárias nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações são necessariamente fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações.

Os objetos que se revestem de uma camada pedregosa quando mergulhados em certas águas carregadas de substâncias calcárias, como as do riacho Saint-Allyre, perto de Clermont, em Auvergne, não são petrificações propriamente ditas, mas simples incrustações.

Os monumentos, inscrições e objetos vindos de fabricação humana pertencem à arqueologia

8.- Entre os despojos de vegetais e animais, alguns há que se mostram penetrados em todas as partes de sua substância, sem que sua forma tenha sido alterada, de matérias silicosas ou calcárias que os transformaram em pedras, algumas das quais têm a dureza do mármore; essas são as petrificações propriamente ditas. Outros foram apenas envolvidos pela matéria no estado de flacidez; nós os encontramos intactos e alguns inteiros, nas mais duras pedras. Outros, enfim, apenas deixaram marcas, mas de perfeita nitidez e delicadeza. No interior de certas pedras, são encontradas até marcas de passos e, pela forma do pé, dos dedos e das unhas, reconhece-se a espécie animal a que pertenceram.

9.- Sabe-se que os fósseis de animais dificilmente contêm as partes que não sejam sólidas e resistentes, isto é, os ossos, as escamas e os chifres; muitas vezes são esqueletos completos; na maioria das vezes, no entanto, são apenas partes fragmentadas, embora seja fácil reconhecer sua procedência. Pela inspeção de uma queixada, um dente, logo se vê se pertence a um animal herbívoro, ou carnívoro. Como todas as partes do animal guardam necessária correlação, a forma da cabeça, de uma escápula, de uma das pernas, de um pé, é o suficiente para determinar o porte, a forma geral, o gênero de vida do animal (2). Os animais terrestres têm uma organização que não permite que sejam confundidos com os animais aquáticos. Os peixes e as conchas fósseis são extremamente numerosos; às vezes, só as conchas formam bancos inteiros de grande espessura. Pela natureza deles, verificamos sem dificuldade se são animais marinhos ou de água doce.

(2) No ponto a que Jorge Cuvier levou a ciência paleontológica, frequentemente basta um único osso para determinar o gênero, a espécie, a forma de um animal, seus hábitos, e para reconstruí-lo inteiramente.

10.- Os cascalhos rolados que em certos lugares formam rochas poderosas constituem inequívoco indício da sua origem. São arredondados como os seixos de beira-mar, sinal certo do atrito que sofreram por efeito das águas. As regiões onde eles se encontram enterrados em massas consideráveis foram incontestavelmente ocupadas pelo Oceano, ou por águas violentamente agitadas.

11.- Os terrenos de diversas formações, por outro lado, são caracterizados pela natureza própria dos fósseis que eles trazem; as mais antigas contêm espécies animais ou vegetais que desapareceram completamente da superfície do globo. Algumas espécies mais recentes também

9.- Sabe-se que os fósseis de animais dificilmente contêm as partes que não sejam sólidas e resistentes, isto é, os ossos, as escamas e os chifres; muitas vezes são esqueletos completos; na maioria das vezes, no entanto, são apenas partes fragmentadas, embora seja fácil reconhecer sua procedência. Pela inspeção de uma queixada, um dente, logo se vê se pertence a um animal herbívoro, ou carnívoro. Como todas as partes do animal guardam necessária correlação, a forma da cabeça, de uma escápula, de uma das pernas, de um pé, é o suficiente para determinar o porte, a forma geral, o gênero de vida do animal (2). Os animais terrestres têm uma organização que não permite que sejam confundidos com os animais aquáticos. Os peixes e as conchas fósseis são extremamente numerosos; às vezes, só as conchas formam bancos inteiros de grande espessura. Pela natureza deles, verificamos sem dificuldade se são animais marinhos ou de água doce.

(2) No ponto a que Jorge Cuvier levou a ciência paleontológica, frequentemente basta um único osso para determinar o gênero, a espécie, a forma de um animal, seus hábitos, e para reconstruí-lo inteiramente.

10.- Os cascalhos rolados que em certos lugares formam rochas poderosas constituem inequívoco indício da sua origem. São arredondados como os seixos de beira-mar, sinal certo do atrito que sofreram por efeito das águas. As regiões onde eles se encontram enterrados em massas consideráveis foram incontestavelmente ocupadas pelo Oceano, ou por águas **há muito tempo ou** violentamente agitadas.

11.- Os terrenos de diversas formações, por outro lado, são caracterizados pela natureza própria dos fósseis que eles trazem; as mais antigas contêm espécies animais ou vegetais que desapareceram completamente da superfície do globo. Algumas espécies mais recentes também



desapareceram, porém conservaram seus semelhantes, que não diferem da sua estirpe senão pelo porte e por alguns detalhes de forma. Finalmente, outras — das quais nós ainda vemos seus últimos representantes — tendem evidentemente a desaparecer num futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos, etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais também se aproximam daquelas que existem hoje.

As perturbações e os cataclismos que se produziram na Terra desde a sua origem, modificaram suas condições de **vitabilidade**, e fizeram desaparecer gerações inteiras de seres vivos.

12.- Interrogando a natureza as camadas geológicas, sabemos da maneira mais positiva se, na época de sua formação, a região onde elas se apresentam era ocupada pelo mar, pelos lagos, ou por florestas e planícies povoadas de animais terrestres. Consequentemente, se numa mesma região encontramos uma série de camadas superpostas, contendo alternativamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce, muitas vezes repetidos, isso é uma prova irrecusável de que essa região foi muitas vezes invadida pelo mar, coberta de lagos e posta a seco.

E quantos séculos de séculos com certeza, ou talvez quantos milhares de séculos não foram precisos para que cada período se completasse! Que força poderosa não foi necessária para deslocar e recolocar o **oceano**, levantar montanhas! Por quantas revoluções físicas e comoções violentas a Terra não teve de passar antes de ser qual a vemos desde os tempos históricos! E pretendem que tudo isso fosse obra de menos tempo do que o necessário para uma planta germinar!

desapareceram, porém conservaram seus semelhantes, que não diferem da sua estirpe senão pelo porte e por alguns detalhes de forma. Finalmente, outras — das quais nós ainda vemos seus últimos representantes — tendem evidentemente a desaparecer num futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos, etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais também se aproximam daquelas que existem hoje.

As perturbações e os cataclismos que se produziram na Terra desde a sua origem, modificaram suas condições de **de aptidão a conservação da vida**, e fizeram desaparecer gerações inteiras de seres vivos.

12.- Interrogando a natureza as camadas geológicas, sabemos da maneira mais positiva se, na época de sua formação, a região onde elas se apresentam era ocupada pelo mar, pelos lagos, ou por florestas e planícies povoadas de animais terrestres. Consequentemente, se numa mesma região encontramos uma série de camadas superpostas, contendo alternativamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce, muitas vezes repetidos, isso é uma prova irrecusável de que essa região foi muitas vezes invadida pelo mar, coberta de lagos e posta a seco.

E quantos séculos de séculos com certeza, ou talvez quantos milhares de séculos não foram precisos para que cada período se completasse! Que força poderosa não foi necessária para deslocar e recolocar o **Oceano**, levantar montanhas! Por quantas revoluções físicas e comoções violentas a Terra não teve de passar antes de ser qual a vemos desde os tempos históricos! E pretendem que tudo isso fosse obra de menos tempo do que o necessário para uma planta germinar!

13.- Como já foi dito, o estudo das camadas geológicas atesta formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo e dividem sua história em várias épocas. Essas épocas constituem os chamados *períodos geológicos* cujo conhecimento é essencial para o estabelecimento da Gênese. Contamos seis principais períodos que designamos pelos nomes de: primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante cada período se chamam assim: terrenos primitivos, de transição, secundários, etc. Diz-se então que tal ou tal camada ou rocha, tal ou tal fóssil se encontram nos terrenos de tal ou tal período.

14.- É essencial notarmos que o número desses períodos não é absoluto e que depende dos sistemas de classificação. Nos seis principais mencionados acima só se compreendem os que estão assinalados por uma mudança notável e geral no estado do globo; mas, a observação prova que muitas formações sucessivas se operaram no tempo da duração cada um deles; é por isso que os dividimos em subperíodos caracterizados pela natureza dos terrenos, e que elevam para vinte e seis o número das formações gerais bem caracterizadas, sem contar as que vêm de modificações devidas a causas puramente locais.

#### ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO

15.- O achatamento dos polos e outros fatos conclusivos são indícios inquestionáveis de que o estado da Terra na sua origem deve ter ficado num estado de fluidez ou de flacidez. Esse estado poderia ter como causa a matéria liquefeita pela ação do fogo, ou inundada da água.

Costuma-se dizer proverbialmente: não há fumaça sem fogo. Essa proposição rigorosamente verdadeira é uma aplicação do princípio: não há efeito sem causa. Pela mesma razão, podemos

13.- Como já foi dito, o estudo das camadas geológicas atesta formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo e dividem sua história em várias épocas. Essas épocas constituem os chamados *períodos geológicos* cujo conhecimento é essencial para o estabelecimento da Gênese. Contamos seis principais períodos que designamos pelos nomes de: primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante cada período se chamam assim: terrenos primitivos, de transição, secundários, etc. Diz-se então que tal ou tal camada ou rocha, tal ou tal fóssil se encontram nos terrenos de tal ou tal período.

14.- É essencial notarmos que o número desses períodos não é absoluto e que depende dos sistemas de classificação. Nos seis principais mencionados acima só se compreendem os que estão assinalados por uma mudança notável e geral no estado do globo; mas, a observação prova que muitas formações sucessivas se operaram no tempo da duração cada um deles; é por isso que os dividimos em subperíodos caracterizados pela natureza dos terrenos, e que elevam para vinte e seis o número das formações gerais bem caracterizadas, sem contar as que vêm de modificações devidas a causas puramente locais.

#### ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO

15.- O achatamento dos polos e outros fatos conclusivos são indícios inquestionáveis de que o estado da Terra na sua origem deve ter ficado num estado de fluidez ou de flacidez. Esse estado poderia ter como causa a matéria liquefeita pela ação do fogo, ou inundada da água.

Costuma-se dizer proverbialmente: não há fumaça sem fogo. Essa proposição rigorosamente verdadeira é uma aplicação do princípio: não há efeito sem causa. Pela mesma razão, podemos

dizer: não há fogo sem um foco. Ora, pelos fatos que se passam sob as nossas vistas, não é apenas fumaça o que se produz, mas fogo bastante real que há de ter um foco; vindo esse fogo do interior do planeta e não do alto, o foco deve ser assim também.

O calor — que aumenta à medida que se penetra no interior da Terra e que, a certa distância da superfície, chega a uma temperatura altíssima; as fontes térmicas tanto mais quentes quanto mais vêm de uma maior profundidade; os fogos e as massas de matéria fundida flamejantes que escapam dos vulcões, como por vastas aberturas ou pelas fendas abertas por certos tremores de terra — não deixam dúvida sobre a existência de um fogo interior.

16.- A experiência demonstra que a cada **trinta** metros de profundidade a temperatura se eleva **um** grau, donde se segue que, a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 graus; a 3.000 metros, de 100 graus, temperatura da água a ferver; a 30.000 metros, ou seja, 7 ou 8 léguas, de 1.000 graus; a 25 léguas, de mais de 3.300 graus, temperatura a que nenhuma matéria conhecida resiste à fusão. Daí ao centro ainda há um espaço de mais de 1.400 léguas, sendo 2.800 léguas em diâmetro, espaço que seria ocupado por matérias fundidas.

Embora isso seja apenas uma hipótese, julgando da causa pelo efeito, ela tem todos os caracteres da probabilidade e chegamos à conclusão de que a Terra ainda é uma massa incandescente recoberta de uma crosta sólida de 25 léguas no máximo, que mal chega à 120ª parte do seu diâmetro. Proporcionalmente, seria muito menos do que a espessura da mais fina casca de laranja.

De resto, a espessura da crosta terrestre é muito variável, pois há zonas — sobretudo nos terrenos vulcânicos — onde o calor e a flexibilidade

dizer: não há fogo sem um foco. Ora, pelos fatos que se passam sob as nossas vistas, não é apenas fumaça o que se produz, mas fogo bastante real que há de ter um foco; vindo esse fogo do interior do planeta e não do alto, o foco deve ser assim também.

O calor — que aumenta à medida que se penetra no interior da Terra e que, a certa distância da superfície, chega a uma temperatura altíssima; as fontes térmicas tanto mais quentes quanto mais vêm de uma maior profundidade; os fogos e as massas de matéria fundida flamejantes que escapam dos vulcões, como por vastas aberturas ou pelas fendas abertas por certos tremores de terra — não deixam dúvida sobre a existência de um fogo interior.

16.- A experiência demonstra que a cada **30** metros de profundidade a temperatura se eleva **1** grau, donde se segue que, a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 graus; a 3.000 metros, de 100 graus, temperatura da água a ferver; a 30.000 metros, ou seja, 7 ou 8 léguas, de 1.000 graus; a 25 léguas, de mais de 3.300 graus, temperatura a que nenhuma matéria conhecida resiste à fusão. Daí ao centro ainda há um espaço de mais de 1.400 léguas, sendo 2.800 léguas em diâmetro, espaço que seria ocupado por matérias fundidas.

Embora isso seja apenas uma hipótese, julgando da causa pelo efeito, ela tem todos os caracteres da probabilidade e chegamos à conclusão de que a Terra ainda é uma massa incandescente recoberta de uma crosta sólida de 25 léguas no máximo, que mal chega à 120ª parte do seu diâmetro. Proporcionalmente, seria muito menos do que a espessura da mais fina casca de laranja.

De resto, a espessura da crosta terrestre é muito variável, pois há zonas — sobretudo nos terrenos vulcânicos — onde o calor e a flexibilidade

do solo indicam que ela é pouco considerável. A elevada temperatura das águas termais constitui igualmente indício de proximidade do foco central.

17.- Por isso se torna evidente que o estado primitivo de fluidez ou de flacidez da Terra deve ter sido por causa da ação do calor e não a da água. Em sua origem, a Terra era então uma massa incandescente. Em consequência da irradiação do calórico, ocorreu o que ocorre com toda matéria em fusão: ela esfriou pouco a pouco, e o resfriamento começou naturalmente pela superfície, que se endureceu, ao passo que o interior se conservou fluido. Podemos assim comparar a Terra a um bloco de carvão ao sair ardente da fornalha e cuja superfície se apaga e resfria em contato do ar, ao passo que, se o quebrássemos, encontraríamos seu interior ainda em brasas.

18.- Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha nenhum átomo a mais ou a menos do que hoje; apenas sob a influência dessa alta temperatura, a maior parte das substâncias que a compõem e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais se achavam em estado muito diferente; eles sofreram unicamente uma transformação; em consequência do resfriamento e das misturas, os elementos formaram novas combinações. O ar, enormemente dilatado, devia se estender a uma distância **incalculável**; toda a água, forçosamente transformada em vapor, estava misturada com o ar; todas as matérias suscetíveis de se volatilizarem, tais como os metais, o enxofre, o carbono, achavam-se em estado de gás. O estado da atmosfera nada tinha, portanto, de comparável ao que é hoje; a densidade de todos esses vapores lhe dava uma opacidade que nenhum raio de sol podia atravessar. Se um ser vivo pudesse existir na

do solo indicam que ela é pouco considerável. A elevada temperatura das águas termais constitui igualmente indício de proximidade do foco central.

17.- Por isso se torna evidente que o estado primitivo de fluidez ou de flacidez da Terra deve ter sido por causa da ação do calor e não a da água. Em sua origem, a Terra era então uma massa incandescente. Em consequência da irradiação do calórico, ocorreu o que ocorre com toda matéria em fusão: ela esfriou pouco a pouco, e o resfriamento começou naturalmente pela superfície, que se endureceu, ao passo que o interior se conservou fluido. Podemos assim comparar a Terra a um bloco de carvão ao sair ardente da fornalha e cuja superfície se apaga e resfria em contato do ar, ao passo que, se o quebrássemos, encontraríamos seu interior ainda em brasas.

18.- Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha nenhum átomo a mais ou a menos do que hoje; apenas sob a influência dessa alta temperatura, a maior parte das substâncias que a compõem e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais se achavam em estado muito diferente; eles sofreram unicamente uma transformação; em consequência do resfriamento e das misturas, os elementos formaram novas combinações. O ar, enormemente dilatado, devia se estender a uma distância **imensa** ; toda a água, forçosamente transformada em vapor, estava misturada com o ar; todas as matérias suscetíveis de se volatilizarem, tais como os metais, o enxofre, o carbono, achavam-se em estado de gás. O estado da atmosfera nada tinha, portanto, de comparável ao que é hoje; a densidade de todos esses vapores lhe dava uma opacidade que nenhum raio de sol podia atravessar. Se um ser vivo pudesse existir na

superfície do planeta nessa época, ele não seria iluminado senão pelo brilho sinistro da fornalha colocada sob os pés e da atmosfera abrasada.

## PERÍODO PRIMÁRIO

19.- O primeiro efeito do resfriamento foi a solidificação da superfície exterior da massa em fusão e a formação aí de uma crosta resistente que, a princípio fina, gradativamente engrossava. Essa crosta forma a pedra chamada *granito*, de extrema dureza, assim denominada pelo seu aspecto granuloso. Nela se distinguem três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica; esta última tem brilho metálico, embora não seja um metal.

A camada granítica foi portanto a primeira que se formou no globo que ela envolve por inteiro e do qual constitui de certo modo a estrutura óssea; é o produto direto da consolidação da matéria fundida. É sobre ela, e nas cavidades que apresentava a sua superfície atormentada, que sucessivamente foram depositadas as camadas dos outros terrenos formados posteriormente. O que a distingue destes últimos é a ausência de toda estratificação; quer dizer: ela forma uma massa compacta e uniforme em toda a sua espessura, e não disposta em camadas. A efervescência da matéria incandescente havia de produzir nela numerosas e profundas fendas, pelas quais essa mesma matéria transbordava.

20.- O segundo efeito do resfriamento foi a liquefação de algumas matérias contidas no ar em estado de **vapores**, as quais se precipitaram na superfície do solo. Houve então chuvas e lagos de enxofre e de betume, verdadeiros riachos de ferro, **cobre**, chumbo e outros metais fundidos, infiltrando-se pelas fendas,

superfície do planeta nessa época, ele não seria iluminado senão pelo brilho sinistro da fornalha colocada sob os pés e da atmosfera abrasada, **e nem sequer suspeitaria da existência do sol.**

## PERÍODO PRIMÁRIO

19.- O primeiro efeito do resfriamento foi a solidificação da superfície exterior da massa em fusão e a formação aí de uma crosta resistente que, a princípio fina, gradativamente engrossava. Essa crosta forma a pedra chamada *granito*, de extrema dureza, assim denominada pelo seu aspecto granuloso. Nela se distinguem três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica; esta última tem brilho metálico, embora não seja um metal.

A camada granítica foi portanto a primeira que se formou no globo que ela envolve por inteiro e do qual constitui de certo modo a estrutura óssea; é o produto direto da consolidação da matéria fundida. É sobre ela, e nas cavidades que apresentava a sua superfície atormentada, que sucessivamente foram depositadas as camadas dos outros terrenos formados posteriormente. O que a distingue destes últimos é a ausência de toda estratificação; quer dizer: ela forma uma massa compacta e uniforme em toda a sua espessura, e não disposta em camadas. A efervescência da matéria incandescente havia de produzir nela numerosas e profundas fendas, pelas quais essa mesma matéria transbordava.

20.- O segundo efeito do resfriamento foi a liquefação de algumas matérias contidas no ar em estado de **vapor**, as quais se precipitaram na superfície do solo. Houve então chuvas e lagos de enxofre e de betume, verdadeiros riachos de ferro, **cobre**, chumbo e outros metais fundidos ; **estas matérias** infiltrando-se pelas fendas,

e que atualmente constituem os veios e filões metálicos.

Sob a influência desses diversos agentes, a superfície granítica experimentou decomposições alternativas; produziram-se misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, porém em massas confusas e sem estratificações regulares.

A seguir, vieram as águas que, caindo sobre um solo ardente, novamente se vaporizavam, recaíam em chuvas torrenciais e assim sucessivamente, até que a temperatura lhes permitiu permanecer sobre o solo em estado líquido.

Esta é a formação dos terrenos graníticos que principia a série dos períodos geológicos. Aos seis períodos principais, seria então conveniente que se acrescentasse o do estado primitivo de incandescência do globo.

21.- Esse foi o aspecto do primeiro período, verdadeiro caos de todos os elementos mesclados, à procura de estabilização, quando nenhum ser vivo poderia existir; assim, um de seus caracteres distintivos em geologia é a ausência de qualquer vestígio de vida vegetal ou animal.

É impossível especificar uma duração determinada a esse período, nem mais quanto aos seguintes; contudo, dado o tempo que precisou uma bala de canhão de um determinado volume, aquecida até o vermelho vivo, para que sua superfície fosse resfriada para que uma gota d'água permanença lá no estado líquido, calculou-se que, se essa bala tivesse o tamanho da Terra, seria preciso mais de um milhão de anos.

constituíram os veios e filões metálicos.

Sob a influência desses diversos agentes, a superfície granítica experimentou decomposições alternativas; produziram-se misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, porém em massas confusas e sem estratificações regulares.

A seguir, vieram as águas que, caindo sobre um solo ardente, novamente se vaporizavam, recaíam em chuvas torrenciais e assim sucessivamente, até que a temperatura lhes permitiu permanecer sobre o solo em estado líquido.

Esta é a formação dos terrenos graníticos que principia a série dos períodos geológicos, aqueles , seria conveniente que se acrescentasse o do estado primitivo de incandescência do globo.

21.- Esse foi o aspecto do primeiro período, verdadeiro caos de todos os elementos mesclados, à procura de estabilização, quando nenhum ser vivo poderia existir; assim, um de seus caracteres distintivos em geologia é a ausência de qualquer vestígio de vida vegetal ou animal.

É impossível especificar uma duração determinada a esse período, nem mais quanto aos seguintes; contudo, dado o tempo que precisou uma bala de canhão de um determinado volume, aquecida até o vermelho vivo, para que sua superfície fosse resfriada até o ponto em que uma gota d'água possa permanecer no estado líquido, calculou-se que, se essa bala tivesse o tamanho da Terra, seria preciso para ela mais de um milhão de anos.

## PERÍODO DE TRANSIÇÃO

20<sup>1</sup>.- No começo do período de transição, a crosta sólida granítica ainda tinha pouca espessura e oferecia bem pouca resistência à efervescência das matérias abrasadas que ela cobria e comprimia. Produziam-se ali dilatações, despedaçamentos numerosos, por onde se escapava a lava interior. O solo apresentava desigualdades pouco consideráveis.

Pouco profundas, as águas cobriam quase toda a superfície do globo, com exceção das partes erguidas, formando terrenos baixos e frequentemente alagados.

O ar gradativamente se purgava das matérias mais pesadas momentaneamente em estado gasoso, e que, condensando-se por efeito do resfriamento, precipitavam-se na superfície do solo, sendo depois arrastadas e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala de resfriamento naquela época, deve-se entender essa palavra em sentido relativo, isto é, em relação ao estado primitivo, pois a temperatura ainda deveria ser ardente.

Os espessos vapores aquosos, que se elevavam de toda parte da imensa superfície líquida, recaíam em chuvas abundantes e quentes, que obscureciam o ar. Entretanto, os raios do Sol começavam a aparecer através dessa atmosfera brumosa.

Uma das últimas substâncias de que o ar teve de expurgar-se — porque ela naturalmente tem o estado gasoso — foi o ácido carbônico, que então era um dos seus componentes.

21.- A essa época começaram a se formar as camadas de terrenos de sedimento, depositadas

## PERÍODO DE TRANSIÇÃO

22.- No começo do período de transição, a crosta sólida granítica ainda tinha pouca espessura e oferecia bem pouca resistência à efervescência das matérias abrasadas que ela cobria e comprimia. Produziam-se ali dilatações, despedaçamentos numerosos, por onde se escapava a lava interior. O solo apresentava desigualdades pouco consideráveis.

Pouco profundas, as águas cobriam quase toda a superfície do globo, com exceção das partes erguidas, formando terrenos baixos e frequentemente alagados.

O ar gradativamente se purgava das matérias mais pesadas momentaneamente em estado gasoso, e que, condensando-se por efeito do resfriamento, precipitavam-se na superfície do solo, sendo depois arrastadas e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala de resfriamento naquela época, deve-se entender essa palavra em sentido relativo, isto é, em relação ao estado primitivo, pois a temperatura ainda deveria ser ardente.

Os espessos vapores aquosos, que se elevavam de toda parte da imensa superfície líquida, recaíam em chuvas abundantes e quentes, que obscureciam o ar. Entretanto, os raios do Sol começavam a aparecer através dessa atmosfera brumosa.

Uma das últimas substâncias de que o ar teve de expurgar-se — porque ela naturalmente tem o estado gasoso — foi o ácido carbônico, que então era um dos seus componentes.

23.- A essa época começaram a se formar as camadas de terrenos de sedimento, depositadas

<sup>1</sup> Correção: a numeração deste item ficou errada, deveria ser 22 e não 20. O erro permaneceu até o final do capítulo na 1ª edição e foi corrigido na 5ª edição.

pelas águas carregadas de limo e de matérias diversas, apropriadas à vida orgânica.

Surgem aí os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal; a princípio em número reduzido, encontram-se neles vestígios cada vez mais frequentes à medida que passamos pelas camadas mais elevadas dessa formação. É notável como a vida se manifesta **por toda parte** logo que as condições são propícias **à vitabilidade**, e que cada espécie nasça desde que se produzam as condições próprias à sua existência. **Há quem diga que esses germens estavam latentes e só aguardando as condições favoráveis para eclodir.**

**22.-** Os primeiros seres orgânicos que apareceram na Terra foram os vegetais de organização menos complicada, designados em botânica sob os nomes de criptógamos, acotiledôneos, monocotiledôneos, isto é, líquens, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas. Absolutamente, ainda se não veem árvores de tronco lenhoso, só as do gênero palmeira, cujo caule esponjoso é semelhante aos das ervas.

Os animais desse período, que apareceram em seguida aos primeiros vegetais, eram exclusivamente marinhos: primeiramente, polípeiros, raiados, zoófitos, animais de organização simples e, por assim dizer, rudimentar, que se aproxima o máximo dos vegetais; mais tarde, vieram crustáceos e peixes de espécies que já não existem hoje.

**23.-** Sob o império do calor e da umidade, e em virtude do excesso de ácido carbônico espalhado no ar — gás impróprio à respiração dos animais terrestres, mas necessário às plantas — os terrenos expostos se cobriram rapidamente de uma vegetação pujante ao mesmo tempo em que as plantas aquáticas se multiplicavam no seio dos pântanos. Plantas do gênero das que nos dias atuais são simples ervas de alguns centímetros

pelas águas carregadas de limo e de matérias diversas, apropriadas à vida orgânica.

Surgem aí os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal; a princípio em número reduzido, encontram-se neles vestígios cada vez mais frequentes à medida que passamos pelas camadas mais elevadas dessa formação. É notável como a vida se manifesta logo que as condições **lhés** são propícias , e que cada espécie nasça desde que se produzam as condições próprias à sua existência.

**24.-** Os primeiros seres orgânicos que apareceram na Terra foram os vegetais de organização menos complicada, designados em botânica sob os nomes de criptógamos, acotiledôneos, monocotiledôneos, isto é, líquens, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas. Absolutamente, ainda se não veem árvores de tronco lenhoso, só as do gênero palmeira, cujo caule esponjoso é semelhante aos das ervas.

Os animais desse período, que apareceram em seguida aos primeiros vegetais, eram exclusivamente marinhos: primeiramente, polípeiros, raiados, zoófitos, animais de organização simples e, por assim dizer, rudimentar, que se aproxima o máximo dos vegetais; mais tarde, vieram crustáceos e peixes de espécies que já não existem hoje.

**25.-** Sob o império do calor e da umidade, e em virtude do excesso de ácido carbônico espalhado no ar — gás impróprio à respiração dos animais terrestres, mas necessário às plantas — os terrenos expostos se cobriram rapidamente de uma vegetação pujante ao mesmo tempo em que as plantas aquáticas se multiplicavam no seio dos pântanos. Plantas do gênero das que nos dias atuais são simples ervas de alguns centímetros



atingiam altura e grossura admiráveis; assim é que havia florestas de fetos arborescentes de **oito** a **dez** metros de elevação e de uma grossura proporcional, licopódios (pé de lobo; tipo de musgo) do mesmo porte; cavalinhas (3), de **quatro** a **cinco** metros que hoje mal tem **um** metro

. Pelos fins do período, começam a aparecer algumas árvores do gênero conífero ou pinheiros.

(3) Planta pantanosa, normalmente chamada cauda de cavalo.

**24.-** Como resultado do deslocamento das águas, os terrenos que produziam essas massas de vegetais foram repetidamente submergidos, recobertos de novos sedimentos terrosos, enquanto os que se achavam secos se adornavam, a seu turno, de vegetação semelhante. Houve então várias gerações de vegetais alternativamente aniquiladas e renovadas. O mesmo não se deu com os animais que, por serem todos aquáticos, não estavam sujeitos a essas alternativas.

Acumulados durante longa série de séculos, esses destroços formaram camadas de grande espessura. Sob a ação do calor, da umidade, da pressão exercida pelos depósitos terrosos posteriores e, sem dúvida, **também** de diversos agentes químicos, dos gases, dos ácidos e dos sais produzidos pela combinação dos elementos primitivos, aquelas matérias vegetais sofreram uma fermentação que as converteu em *hulha* ou *carvão de pedra*. As minas de hulha são exatamente produto direto da decomposição de amontoados de vegetais acumulados durante o período de transição; é por isso que são encontrados em quase todas as regiões (4).

(4) A turfa [massa de tecidos de várias plantas] se formou da mesma maneira, pela decomposição dos amontoados de vegetais, em terrenos pantanosos; mas com a diferença de que eram de formação muito mais recente e sem dúvida noutras condições, ela não teve tempo de se carbonizar.

atingiam altura e grossura admiráveis; assim é que havia florestas de fetos arborescentes de **8** a **10** metros de elevação e de uma grossura proporcional, licopódios (pé de lobo; tipo de musgo) do mesmo porte; cavalinhas (3), de **4**

a **5** metros que hoje mal tem **1** metro, **e uma infinidade de espécies que não existem mais**. Pelos fins do período, começam a aparecer algumas árvores do gênero conífero ou pinheiros.

(3) Planta pantanosa, normalmente chamada cauda de cavalo.

**26.-** Como resultado do deslocamento das águas, os terrenos que produziam essas massas de vegetais foram repetidamente submergidos, recobertos de novos sedimentos terrosos, enquanto os que se achavam secos se adornavam, a seu turno, de vegetação semelhante. Houve então várias gerações de vegetais alternativamente aniquiladas e renovadas. O mesmo não se deu com os animais que, por serem todos aquáticos, não estavam sujeitos a essas alternativas.

Acumulados durante longa série de séculos, esses destroços formaram camadas de grande espessura. Sob a ação do calor, da umidade, da pressão exercida pelos depósitos terrosos posteriores e, sem dúvida, de diversos agentes químicos, dos gases, dos ácidos e dos sais produzidos pela combinação dos elementos primitivos, aquelas matérias vegetais sofreram uma fermentação que as converteu em *hulha* ou *carvão de pedra*. As minas de hulha são exatamente produto direto da decomposição de amontoados de vegetais acumulados durante o período de transição; é por isso que são encontrados em quase todas as regiões (4).

(4) A turfa [massa de tecidos de várias plantas] se formou da mesma maneira, pela decomposição dos amontoados de vegetais, em terrenos pantanosos; mas com a diferença de que eram de formação muito mais recente e sem dúvida noutras condições, ela não teve tempo de se carbonizar.

25.- Os restos fósseis da poderosa vegetação dessa época acham-se hoje sob os gelos das terras polares, bem como na zona tórrida, pelo que é preciso concluir que, uma vez que a vegetação era uniforme, igualmente a temperatura havia de ser assim. Portanto, os polos eram cobertos de gelo como é agora. É que então a Terra tirava o calor de si mesma, do fogo central que aquecia de igual modo toda a camada sólida ainda pouco espessa. Esse calor era superior de muito ao que podia vir dos raios solares, enfraquecidos de alguma forma pela densidade da atmosfera. Só mais tarde, quando a ação do calor central não pode exercer sobre a superfície exterior do globo mais do que uma ação fraca ou nula, a do Sol se tornou preponderante e as regiões polares que apenas recebem raios curvos, portadores de pequena quantidade de calor — se cobriram de gelo. Compreende-se que na época de que falamos, e ainda muito tempo depois, o gelo era desconhecido na Terra.

A julgar pelo número e pela espessura das camadas de hulha, Esse período deve ter sido muito longo.

(5) Na baía de Fundy (Nova Escócia), o Sr. Lyell encontrou numa camada de hulha de espessura de 400 metros 68 níveis diferentes, apresentando traços evidentes de muitos solos de florestas cujos troncos de árvores ainda estavam guarnecidos de suas raízes. (L. Figuier).

Não supondo mais de mil anos para a formação de cada um desses níveis, já teríamos 68.000 anos só para essa única camada de hulha.

### PERÍODO SECUNDÁRIO

26.- Com o período de transição desaparecem a vegetação colossal e os animais que caracterizavam essa época — seja porque as condições atmosféricas já não fossem as mesmas, seja porque uma série de cataclismos tenha aniquilado tudo que tinha vida na Terra. É

27.- Os restos fósseis da poderosa vegetação dessa época acham-se hoje sob os gelos das terras polares, bem como na zona tórrida, pelo que é preciso concluir que, uma vez que a vegetação era uniforme, igualmente a temperatura havia de ser assim. Portanto, os polos eram cobertos de gelo como é agora. É que então a Terra tirava o calor de si mesma, do fogo central que aquecia de igual modo toda a camada sólida ainda pouco espessa. Esse calor era superior de muito ao que podia vir dos raios solares, enfraquecidos de alguma forma pela densidade da atmosfera. Só mais tarde, quando a ação do calor central não pode exercer sobre a superfície exterior do globo mais do que uma ação fraca ou nula, a do Sol se tornou preponderante e as regiões polares que apenas recebiam raios curvos, portadores de pequena quantidade de calor — se cobriram de gelo. Compreende-se que na época de que falamos, e ainda muito tempo depois, o gelo era desconhecido na Terra.

A julgar pelo número e pela espessura das camadas de hulha, Esse período deve ter sido muito longo.

(5) Na baía de Fundy (Nova Escócia), o Sr. Lyell encontrou numa camada de hulha de espessura de 400 metros 68 níveis diferentes, apresentando traços evidentes de muitos solos de florestas cujos troncos de árvores ainda estavam guarnecidos de suas raízes. (L. Figuier).

Não supondo mais de mil anos para a formação de cada um desses níveis, já teríamos 68.000 anos só para essa única camada de hulha.

### PERÍODO SECUNDÁRIO

28.- Com o período de transição desaparecem a vegetação colossal e os animais que caracterizavam essa época — seja porque as condições atmosféricas já não fossem as mesmas, seja porque uma série de cataclismos tenham aniquilado tudo que tinha vida na Terra. É

provável que as duas causas tenham contribuído para essa transformação, por que, de um lado, o estudo dos terrenos que marcam o fim desse período atesta grandes transtornos causados pelos levantamentos e erupções que derramaram sobre o solo grandes quantidades de lavas, e, por outro lado, porque grandes mudanças se operaram nos três reinos.

27.- O período secundário, sob o aspecto mineral, se caracteriza por numerosas e fortes camadas que atestam uma formação lenta no seio das águas e marcam diferentes épocas bem caracterizadas.

A vegetação é menos rápida e menos colossal que no período precedente, sem dúvida por consequência da diminuição do calor e da umidade, e de modificações sobrevindas dos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polpudas, juntam-se as de caule lenhoso e as primeiras árvores propriamente ditas.

28.- Os animais ainda são aquáticos, ou no máximo anfíbios; a vida animal sobre a terra alcançou pouco progresso. Uma prodigiosa quantidade de animais de conchas se desenvolve no meio dos mares, devido à formação das matérias calcárias; tornam a nascer novos peixes, de organização mais aperfeiçoada do que no período anterior; vemos aparecer os primeiros cetáceos. Os mais característicos animais dessa época são os répteis monstruosos dentre os quais se notam:

O *ictiossauro*, espécie de peixe-lagarto que chegava a ter dez metros de comprimento e cujas mandíbulas, prodigiosamente alongadas, eram armadas de cento e oitenta dentes. Sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamosa; seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem; possuía barbatanas como a baleia e expelia água por aberturas como aquela.

provável que as duas causas tenham contribuído para essa transformação, por que, de um lado, o estudo dos terrenos que marcam o fim desse período atesta grandes transtornos causados pelos levantamentos e erupções que derramaram sobre o solo grandes quantidades de lavas, e, por outro lado, porque grandes mudanças se operaram nos três reinos.

29.- O período secundário, sob o aspecto mineral, se caracteriza por numerosas e fortes camadas que atestam uma formação lenta no seio das águas e marcam diferentes épocas bem caracterizadas.

A vegetação é menos rápida e menos colossal que no período precedente, sem dúvida por consequência da diminuição do calor e da umidade, e de modificações sobrevindas dos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polpudas, juntam-se as de caule lenhoso e as primeiras árvores propriamente ditas.

30.- Os animais ainda são aquáticos, ou no máximo anfíbios; a vida animal sobre a terra alcançou pouco progresso. Uma prodigiosa quantidade de animais de conchas se desenvolve no meio dos mares, devido à formação das matérias calcárias; tornam a nascer novos peixes, de organização mais aperfeiçoada do que no período anterior; vemos aparecer os primeiros cetáceos. Os mais característicos animais dessa época são os répteis monstruosos dentre os quais se notam:

O *ictiossauro*, espécie de peixe-lagarto que chegava a ter 10 metros de comprimento e cujas mandíbulas, prodigiosamente alongadas, eram armadas de cento e oitenta dentes. Sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamosa; seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem; possuía barbatanas como a baleia e expelia água por aberturas como aquela.

O *plesiossauro*, outro réptil marinho, tão grande quanto o ictiossauro, e cujo pescoço excessivamente longo se dobrava como o do cisne e lhe dava a aparência de enorme serpente ligada a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes do crocodilo; sua pele devia ser lisa, qual a do precedente, porquanto não se lhe descobriu nenhum traço de escamas ou de carapaça (6).

O *teleossauro*, que mais se aproxima dos crocodilos atuais, que parecem ser seus diminutivos; como os últimos, tinha uma couraça escamosa e vivia ao mesmo tempo na água e em terra; seu tronco era de cerca de dez metros, dos quais três ou quatro só para a cabeça; sua enorme boca tinha dois metros de abertura.

O *megalossauro*, grande lagarto, espécie de crocodilo, de 14 a 15 metros de comprimento e essencialmente carnívoro, nutria-se de reptis, pequenos crocodilos e tartarugas.

Sua formidável mandíbula era armada de dentes em forma de lâmina de podadeira, de gume duplo e recurvados para trás, de tal modo que, uma vez enterrados na presa, era impossível desta desgarrar-se.

O *iguanodonte*, o maior dos lagartos que já apareceram<sup>2</sup> na Terra; tinha de 20 a 25 metros da cabeça à extremidade da cauda. Seu focinho era dotado de um chifre ósseo semelhante ao do iguano da atualidade, do qual parece que não parece diferir senão pela forma, já que esse último tem apenas um metro de comprimento. O formato dos dentes prova que ele era herbívoro e o dos pés prova que era um animal terrestre.

O *pterodáctilo*, animal estranho, do tamanho de um cisne, por sua vez tomando parte do réptil pelo corpo, do pássaro pela cabeça e do morcego pela membrana carnuda que lhe religava os dedos

O *plesiossauro*, outro réptil marinho, tão grande quanto o ictiossauro, e cujo pescoço excessivamente longo se dobrava como o do cisne e lhe dava a aparência de enorme serpente ligada a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes do crocodilo; sua pele devia ser lisa, qual a do precedente, porquanto não se lhe descobriu nenhum traço de escamas ou de carapaça (6).

O *teleossauro*, que mais se aproxima dos crocodilos atuais, que parecem ser seus diminutivos; como os últimos, tinha uma couraça escamosa e vivia ao mesmo tempo na água e em terra; seu tronco era de cerca de 10 metros, dos quais 3 ou 4 só para a cabeça; sua enorme boca tinha 2 metros de abertura.

O *megalossauro*, grande lagarto, espécie de crocodilo, de 14 a 15 metros de comprimento e essencialmente carnívoro, nutria-se de reptis, de pequenos crocodilos e de tartarugas. [juntou parágrafos]

Sua formidável mandíbula era armada de dentes em forma de lâmina de podadeira, de gume duplo e recurvados para trás, de tal modo que, uma vez enterrados na presa, era impossível desta desgarrar-se.

O *iguanodonte*, o maior dos lagartos que já apareceram na Terra; tinha de 20 a 25 metros da cabeça à extremidade da cauda. Seu focinho era dotado de um chifre ósseo semelhante ao do iguano da atualidade, do qual parece que não parece diferir senão pela forma, já que esse último tem apenas 1 metro de comprimento. O formato dos dentes prova que ele era herbívoro e o dos pés prova que era um animal terrestre.

O *pterodáctilo*, animal estranho, do tamanho de um cisne, por sua vez tomando parte do réptil pelo corpo, do pássaro pela cabeça e do morcego pela membrana carnuda que lhe religava os dedos

<sup>2</sup> parus ⇒ paru

## CAPÍTULO VII - Esboço Geológico da Terra

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

de uma espantosa largura e lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre a presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não possuía bico córneo como os pássaros, mas os ossos dos maxilares, tão longos quanto a metade do corpo e guarnecidos de dentes, terminando em ponta como um bico.

(6) O primeiro fóssil deste animal foi descoberto em 1823.

29.- Durante esse período — que há de ter sido muito longo, como o número e a potência das camadas geológicas atestam — a vida animal teve imenso desenvolvimento no âmago das águas, tal como ocorreu com a vegetação no período que anterior. Mais depurado e mais favorável à respiração, o ar começou a permitir a alguns animais viver sobre a terra. O mar foi várias vezes deslocado, porém, **ao que parece**, sem abalos violentos. Com esse período, desaparecem por sua vez aquelas raças de gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies parecidas,

menos desproporcionadas **na forma**, e de porte **infinitamente** menor.

30.- O orgulho levou o homem a dizer que todos os animais foram criados por sua causa e para suas necessidades. Mas, qual o número dos que lhe servem diretamente, dos que lhe foi possível submeter, comparado ao número incalculável daqueles com os quais ele nunca teve e nem nunca terá quaisquer relações? Como pode sustentar semelhante tese, em face das inumeráveis espécies que só povoaram a Terra por milhares e milhares de séculos antes que ele aí surgisse e que afinal desapareceram? Pode-se afirmar que elas foram criadas em seu proveito? Entretanto, todas as espécies tinham a sua razão de ser, sua utilidade. Certamente, Deus não as poderia criar por um capricho da sua vontade e para em

de uma espantosa largura e lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre a presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não possuía bico córneo como os pássaros, mas os ossos dos maxilares, tão longos quanto a metade do corpo e guarnecidos de dentes, terminando em ponta como um bico.

(6) O primeiro fóssil deste animal foi descoberto, **na Inglaterra**, em 1823. **Depois, encontraram-se outros na França e na Alemanha.**

31.- Durante esse período — que há de ter sido muito longo, como o número e a potência das camadas geológicas atestam — a vida animal teve imenso desenvolvimento no âmago das águas, tal como ocorreu com a vegetação no período que anterior. Mais depurado e mais favorável à respiração, o ar começou a permitir a alguns animais viver sobre a terra. O mar foi várias vezes deslocado, porém,

sem abalos violentos. Com esse período, desaparecem por sua vez aquelas raças de gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies parecidas, **na forma** menos desproporcionadas, e de porte menor.

32.- O orgulho levou o homem a dizer que todos os animais foram criados por sua causa e para suas necessidades. Mas, qual o número dos que lhe servem diretamente, dos que lhe foi possível submeter, comparado ao número incalculável daqueles com os quais ele nunca teve e nem nunca terá quaisquer relações? Como pode sustentar semelhante tese, em face das inumeráveis espécies que só povoaram a Terra por milhares e milhares de séculos antes que ele aí surgisse e que afinal desapareceram? Pode-se afirmar que elas foram criadas em seu proveito? Entretanto, todas as espécies tinham a sua razão de ser, sua utilidade. Certamente, Deus não as poderia criar por um capricho da sua vontade e para em

seguida se dar ao prazer de aniquilá-las, pois que todas tinham vida, instintos, sensação de dor e de bem-estar. Com que objetivo ele o fez? Esse objetivo deve ter sido soberanamente sábio, embora ainda o não compreendamos. Talvez um dia seja dado ao homem conhecê-lo, para confusão do seu orgulho; mas enquanto isso, como se ampliam as suas ideias diante os novos horizontes dos quais agora lhe é permitido mergulhar a vista, e que desenrola ante ele o imponente espetáculo dessa criação, tão majestosa no seu lento caminhar, tão admirável na sua providência, tão pontual, tão precisa e tão invariável nos seus resultados!

#### PERÍODO TERCIÁRIO

31.- Com o período terciário começa para a Terra uma nova ordem de coisas; o estado da sua superfície muda completamente de aspecto; as condições de vitabilidade modificam-se profundamente e se aproximam do estado atual. Os primeiros tempos desse período são marcados por uma interrupção da produção vegetal e animal; tudo revela traços de uma destruição quase geral dos seres vivos, e depois aparecem sucessivamente novas espécies cuja organização mais perfeita se adapta à natureza do meio onde são chamados a viver.

32.- Durante os períodos anteriores, em virtude da sua pequena espessura, a crosta sólida do globo apresentou — como já dissemos — resistência bem fraca à ação do fogo interior; esse envoltório, facilmente despedaçado, permitiu as matérias em fusão se derramar livremente pela superfície do solo. Não ocorreu o mesmo quando ela adquiriu certa espessura; comprimidas de todos os lados, as matérias abrasadas, como a água em ebulição num vaso fechado, acabaram por produzir uma espécie de explosão; a massa granítica,

seguida se dar ao prazer de aniquilá-las, pois que todas tinham vida, instintos, sensação de dor e de bem-estar. Com que objetivo ele o fez? Esse objetivo deve ter sido soberanamente sábio, embora ainda o não compreendamos. Talvez um dia seja dado ao homem conhecê-lo, para confusão do seu orgulho; mas enquanto isso, como se ampliam as suas ideias diante os novos horizontes dos quais agora lhe é permitido mergulhar a vista, ante o imponente espetáculo dessa criação, tão majestosa no seu lento caminhar, tão admirável na sua providência, tão pontual, tão precisa e tão invariável nos seus resultados!

#### PERÍODO TERCIÁRIO

33.- Com o período terciário começa para a Terra uma nova ordem de coisas; o estado da sua superfície muda completamente de aspecto; as condições de vitalidade modificam-se profundamente e se aproximam do estado atual. Os primeiros tempos desse período são marcados por uma interrupção da produção vegetal e animal; tudo revela traços de uma destruição quase geral dos seres vivos, e depois aparecem sucessivamente novas espécies cuja organização mais perfeita se adapta à natureza do meio onde são chamados a viver.

34.- Durante os períodos anteriores, em virtude da sua pequena espessura, a crosta sólida do globo apresentou — como já dissemos — resistência bem fraca à ação do fogo interior; esse envoltório, facilmente despedaçado, permitiu as matérias em fusão se derramar livremente pela superfície do solo. Não ocorreu o mesmo quando ela adquiriu certa espessura; comprimidas de todos os lados, as matérias abrasadas, como a água em ebulição num vaso fechado, acabaram por produzir uma espécie de explosão; a massa granítica,

violentamente quebrada num sem-número de pontos, ficou sulcada de fendas como um *vaso rachado*. Através dessas fendas a crosta sólida, levantada e deprimida, formou os picos, as cadeias de montanhas e suas ramificações. Certas partes não rasgadas do envoltório ficaram simplesmente erguidas, enquanto noutros pontos se produziram abaixamento e escavações.

A superfície do solo tornou-se então muito irregular; as águas, que até aquele momento a cobriam de maneira quase uniforme na maior parte da sua extensão, foram arrastadas para as partes mais baixas, deixando a seco vastos continentes, ou cumes isolados de montanhas que formaram ilhas.

Esse foi o grande fenômeno que se operou no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Ele não se produziu nem instantaneamente, nem simultaneamente em todos os pontos, mas sucessivamente e em épocas mais ou menos longas.

33.- Como já ficou dito, uma das primeiras consequências desses levantamentos foi a inclinação das camadas de sedimento primitivamente horizontais e conservadas nessa posição onde quer que o solo não fosse abalado. Foi, portanto, nos flancos e nas proximidades das montanhas que essas inclinações mais se pronunciaram.

34.- Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram a horizontalidade, para se chegar às de formação primária, é preciso atravessar todas as outras, até considerável profundidade, ao fim da qual inevitavelmente encontramos a rocha granítica. Mas quando essas camadas se ergueram em montanhas, elas foram levadas acima do seu nível normal, indo às vezes até a grande altura, de tal sorte que, feito um corte vertical **sobre o** flanco da montanha, elas se

violentamente quebrada num sem-número de pontos, ficou sulcada de fendas como um *vaso rachado*. Através dessas fendas a crosta sólida, levantada e deprimida, formou os picos, as cadeias de montanhas e suas ramificações. Certas partes não rasgadas do envoltório ficaram simplesmente erguidas, enquanto noutros pontos se produziram abaixamento e escavações.

A superfície do solo tornou-se então muito irregular; as águas, que até aquele momento a cobriam de maneira quase uniforme na maior parte da sua extensão, foram arrastadas para as partes mais baixas, deixando a seco vastos continentes, ou cumes isolados de montanhas que formaram ilhas.

Esse foi o grande fenômeno que se operou no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Ele não se produziu nem instantaneamente, nem simultaneamente em todos os pontos, mas sucessivamente e em épocas mais ou menos longas.

35.- Como já ficou dito, uma das primeiras consequências desses levantamentos foi a inclinação das camadas de sedimento primitivamente horizontais e conservadas nessa **última** posição onde quer que o solo não fosse abalado. Foi, portanto, nos flancos e nas proximidades das montanhas que essas inclinações mais se pronunciaram.

36.- Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram a horizontalidade, para se chegar às de formação primária, é preciso atravessar todas as outras, até considerável profundidade, ao fim da qual inevitavelmente encontramos a rocha granítica. Mas quando essas camadas se ergueram em montanhas, elas foram levadas acima do seu nível normal, indo às vezes até a grande altura, de tal sorte que, feito um corte vertical **no** flanco da montanha, elas se

mostram em toda a sua espessura e superpostas como as fiadas de uma construção.

É assim que encontramos grandes elevações de bancos de conchas, primitivamente formados no fundo dos mares. Está hoje perfeitamente comprovado que em nenhuma época o mar tem podido alcançar semelhantes alturas, pois todas as águas existentes na Terra não bastariam, ainda mesmo que fossem em quantidade cem vezes maior. Então teríamos de supor que a quantidade de água diminuiu, e então caberia perguntar o que foi feito da porção que desapareceu. Os levantamentos que hoje são um fato incontestável e **demonstrado pela ciência**, explicam de maneira lógica e rigorosa os depósitos marinhos que se encontram em certas montanhas. **Esses terrenos estiveram evidentemente submersos durante uma longa sequência de séculos, mas a seu nível primitivo e não no local que ocupam atualmente.**

É absolutamente como se uma porção do fundo de um lago fosse elevada a vinte e cinco ou trinta metros acima da superfície da água; o cume dessa elevação levaria os restos das plantas e dos animais que outrora jaziam no fundo da água, o que não implicaria em nada que as águas do lago fossem elevadas a essa altura.

35.- Nos lugares onde o levantamento da rocha primitiva produziu completa rasgadura do solo — seja pela sua rapidez, seja pela forma, a altura e o volume da massa levantada — o granito mostrou-se descoberto, *como um dente que rompeu da gengiva*. As camadas que o **cobriam**<sup>3</sup>, levantadas, quebradas e arrumadas, ficaram a descoberto; é assim que terrenos pertencentes às mais antigas formações, e que na posição primitiva

mostram em toda a sua espessura e superpostas como as fiadas de uma construção.

É assim que encontramos grandes elevações de bancos de conchas, primitivamente formados no fundo dos mares. Está hoje perfeitamente comprovado que em nenhuma época o mar tem podido alcançar semelhantes alturas, pois todas as águas existentes na Terra não bastariam, ainda mesmo que fossem em quantidade cem vezes maior. Então teríamos de supor que a quantidade de água diminuiu, e então caberia perguntar o que foi feito da porção que desapareceu. Os levantamentos que hoje são um fato incontestável , explicam de maneira lógica e rigorosa os depósitos marinhos que se encontram em certas montanhas. (7)

(7) Camadas de calcáreo conchífero foram encontradas nos Andes, América, a 5.000 metros acima do nível do oceano.

37.- Nos lugares onde o levantamento da rocha primitiva produziu completa rasgadura do solo — seja pela sua rapidez, seja pela forma, a altura e o volume da massa levantada — o granito mostrou-se descoberto, *como um dente que rompeu da gengiva*. As camadas que o **cobriam**, levantadas, quebradas e arrumadas, ficaram a descoberto; é assim que terrenos pertencentes às mais antigas formações, e que na posição primitiva

<sup>3</sup> Les couches qui les **recouvraient** ⇒ Les couches qui le **couvraient**



se achavam a uma grande profundidade, compõem hoje o solo de certas regiões.

36.- Deslocada por efeito dos erguimentos, a massa granítica deixou em alguns sítios fissuras por onde se escapa o fogo interior e se escoam as matérias em fusão: os vulcões. Os vulcões são como que chaminés da imensa fornalha, ou, melhor ainda, *válvulas de segurança* que, dando vazão ao excesso das matérias ígneas, preservam de comoções muito mais terríveis; daí podermos dizer que o número de vulcões em atividade é uma questão de segurança para o conjunto da superfície do solo.

Podemos fazer uma ideia da intensidade desse fogo supondo que os vulcões se abrem até no meio dos mares e que a massa de água que os recobre e neles penetra não é o suficiente para extingui-los.

37.- Os levantamentos operados na massa sólida necessariamente deslocaram as águas, que foram reprimidas nas partes esburacadas, tornadas mais profundas pela elevação dos terrenos emergidos e pelo abatimento. Mas esses mesmos baixios, por sua vez soerguidos, ora num lugar e ora noutra, expulsaram as águas, que refluíram para outros lugares, e assim por diante até que estas pudessem tomar um leito mais estável.

Os sucessivos deslocamentos dessa massa líquida necessariamente araram e remoeram a superfície do solo. As águas, escoando-se, arrastaram consigo uma parte dos terrenos de formações anteriores, postos a descoberto pelos levantamentos, desnudaram algumas montanhas que elas recobriam e deixaram à mostra a sua base granítica ou calcária; profundos vales foram escavados enquanto outros eram aterrados.

Portanto, há montanhas diretamente formadas pela ação do fogo central: estas são principalmente as montanhas graníticas; outras

se achavam a uma grande profundidade, compõem hoje o solo de certas regiões.

38.- Deslocada por efeito dos erguimentos, a massa granítica deixou em alguns sítios fissuras por onde se escapa o fogo interior e se escoam as matérias em fusão: os vulcões. Os vulcões são como que chaminés da imensa fornalha, ou, melhor ainda, *válvulas de segurança* que, dando vazão ao excesso das matérias ígneas, preservam de comoções muito mais terríveis; daí podermos dizer que o número de vulcões em atividade é uma questão de segurança para o conjunto da superfície do solo.

Podemos fazer uma ideia da intensidade desse fogo supondo que os vulcões se abrem até no meio dos mares e que a massa de água que os recobre e neles penetra não é o suficiente para extingui-los.

39.- Os levantamentos operados na massa sólida necessariamente deslocaram as águas, que foram reprimidas nas partes esburacadas, tornadas mais profundas pela elevação dos terrenos emergidos e pelo abatimento. Mas esses mesmos baixios, por sua vez soerguidos, ora num lugar e ora noutra, expulsaram as águas, que refluíram para outros lugares, e assim por diante até que estas pudessem tomar um leito mais estável.

Os sucessivos deslocamentos dessa massa líquida necessariamente araram e remoeram a superfície do solo. As águas, escoando-se, arrastaram consigo uma parte dos terrenos de formações anteriores, postos a descoberto pelos levantamentos, desnudaram algumas montanhas que elas recobriam e deixaram à mostra a sua base granítica ou calcária; profundos vales foram escavados enquanto outros eram aterrados.

Portanto, há montanhas diretamente formadas pela ação do fogo central: estas são principalmente as montanhas graníticas; outras

são formadas pela ação das águas, que, arrastando as terras móveis e as matérias solúveis, escavaram vales em torno de uma base resistente, calcária ou outra.

As matérias carregadas pelas correntes d'água formaram as camadas do período terciário, que facilmente se distinguem das dos precedentes, menos pela composição — que é quase a mesma — do que pela disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição e secundário — formadas sobre uma superfície pouco acidentada — são mais ou menos uniformes por toda a Terra; as do período terciário, ao contrário, formadas sobre base muito desigual e pela ação carreadora das águas, apresentam caráter mais local. Por toda parte, escavando a certa profundidade, encontramos todas as camadas anteriores, na ordem de sua formação, ao passo que não se encontra por toda parte o terreno terciário, nem todas as suas camadas.

38.- Durante os reviramentos do solo ocorridos no princípio deste período, entendemos que a vida orgânica teve que passar por algum tempo de repouso, o que se reconhece pela comprovação de terrenos sem fósseis. Porém, desde que veio um estado mais calmo, os vegetais e os animais reapareceram. Modificadas as condições de **vitabilidade** e mais depurada a atmosfera, vimos se formar novas espécies com organização mais perfeita. Sob o ponto de vista da estrutura, as plantas pouco diferem das de hoje.

39.- No transcorrer dos dois períodos precedentes, os terrenos não cobertos pelas águas ofereciam pouca extensão e ainda assim eram pantanosos e frequentemente ficavam submersos; é por isso que não havia mais do que animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, no qual vários continentes se formaram, é caracterizado pelo aparecimento dos animais terrestres.

são formadas pela ação das águas, que, arrastando as terras móveis e as matérias solúveis, escavaram vales em torno de uma base resistente, calcária ou outra.

As matérias carregadas pelas correntes d'água formaram as camadas do período terciário, que facilmente se distinguem das dos precedentes, menos pela composição — que é quase a mesma — do que pela disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição e secundário — formadas sobre uma superfície pouco acidentada — são mais ou menos uniformes por toda a Terra; as do período terciário, ao contrário, formadas sobre base muito desigual e pela ação carreadora das águas, apresentam caráter mais local. Por toda parte, escavando a certa profundidade, encontramos todas as camadas anteriores, na ordem de sua formação, ao passo que não se encontra por toda parte o terreno terciário, nem todas as suas camadas.

40.- Durante os reviramentos do solo ocorridos no princípio deste período, entendemos que a vida orgânica teve que passar por algum tempo de repouso, o que se reconhece pela comprovação de terrenos sem fósseis. Porém, desde que veio um estado mais calmo, os vegetais e os animais reapareceram. Modificadas as condições de **vitalidade** e mais depurada a atmosfera, vimos se formar novas espécies com organização mais perfeita. Sob o ponto de vista da estrutura, as plantas pouco diferem das de hoje.

41.- No transcorrer dos dois períodos precedentes, os terrenos não cobertos pelas águas ofereciam pouca extensão e ainda assim eram pantanosos e frequentemente ficavam submersos; é por isso que não havia mais do que animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, no qual vários continentes se formaram, é caracterizado pelo aparecimento dos animais terrestres.

Assim como o período de transição assistiu ao nascimento de uma vegetação colossal, o período secundário de répteis monstruosos, este vê se produzirem mamíferos gigantes, tais como o *elefante*, o *rinoceronte*, o *hipopótamo*, o *paleotério*, o *megatério*, o *dinotério*, o *mastodonte*, o *mamute*, etc.

Também assistiu ao nascimento dos pássaros, bem como à maioria das espécies animais que ainda hoje existem. Algumas, das dessa época, sobreviveram aos cataclismos posteriores; outras, qualificadas genericamente de *animais antediluvianos*, desapareceram completamente ou foram substituídas por espécies similares, de formas menos pesadas e menos maciças, cujos primeiros tipos foram como que esboços; são eles: o *felis speloea*, animal carnívoro do tamanho de um touro, com os caracteres anatômicos do tigre e do leão; o *cervus mégaceron*, variedade do cervo, cujos chifres de 3 metros de comprimento eram espaçados de 3 a 4 metros nas extremidades.

**40.- Por um longo acreditou-se que o macaco e as diversas variedades de quadrúmanos — animais que se aproximavam o máximo do homem pela configuração — não existiam ainda; porém, descobertas recentes parecem não deixar dúvidas sobre a existência desses animais, pelo menos no fim do período.**

#### PERÍODO DILUVIANO

**41.-** Este período foi marcado por um dos maiores cataclismos que reviraram o globo, modificando mais uma vez o aspecto da superfície e destruindo sem retorno uma imensidade de espécies vivas, das quais restam apenas despojos. Por toda a parte ele deixou traços que atestam a sua generalidade. As águas,

Assim como o período de transição assistiu ao nascimento de uma vegetação colossal, o período secundário de répteis monstruosos, este vê se produzirem mamíferos gigantes, tais como o *elefante*, o *rinoceronte*, o *hipopótamo*, o *paleotério*, o *megatério*, o *dinotério*, o *mastodonte*, o *mamute*, etc. **Estes dois últimos, variedades do elefante, tinham de 5 a 6 metros de altura e suas presas chegavam a 4 metros de comprimento.** Também assistiu ao nascimento dos pássaros, bem como à maioria das espécies animais que ainda hoje existem. Algumas, das dessa época, sobreviveram aos cataclismos posteriores; outras, qualificadas genericamente de *animais antediluvianos*, desapareceram completamente ou foram substituídas por espécies similares, de formas menos pesadas e menos maciças, cujos primeiros tipos foram como que esboços; são eles: o *felis speloea*, animal carnívoro do tamanho de um touro, com os caracteres anatômicos do tigre e do leão; o *cervus megaceron*, variedade do cervo, cujos chifres de 3 metros de comprimento eram espaçados de 3 a 4 metros nas extremidades.

#### PERÍODO DILUVIANO

**42.-** Este período foi marcado por um dos maiores cataclismos que reviraram o globo, modificando mais uma vez o aspecto de sua superfície e destruindo sem retorno uma imensidade de espécies vivas, das quais restam apenas despojos. Por toda a parte ele deixou traços que atestam a sua generalidade. As águas,

violentamente arremessadas fora de seu leito, invadiram os continentes, arrastando consigo as terras e os rochedos, desnudando as montanhas, desarraigando as florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados em geologia pelo nome de *terrenos diluvianos*.

42.- Um dos traços mais significativos desse grande desastre são os penedos chamados *blocos erráticos*. Assim são chamados os rochedos de granito que se encontram isolados nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, algumas vezes a muitas centenas de léguas das montanhas donde foram arrancados. É claro que só a violência das correntes pôde transportá-los a tão grandes distâncias (7).

(7) Um desses blocos — pela sua composição, provindo evidentemente das montanhas da Noruega — serve de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em São Petersburgo.

43.- Outro fato não menos característico, cuja causa ainda não está explicada, é que é nos terrenos diluvianos que encontramos os primeiros *aerólitos* (8); foi, portanto, somente nessa época que eles começaram a cair. A causa que os produz então não existia anteriormente.

(8) Pedras que caíram da atmosfera.

44.- Foi também por essa época que os polos começaram a se cobrir de gelo e que se formaram as geleiras das montanhas, o que indica notável mudança na temperatura da Terra. Essa mudança deve ter sido súbita, porque se tivesse sido operada gradualmente os animais — como os elefantes, que hoje só vivem nos climas quentes e que são encontrados no estado fóssil em tão grande número nas terras polares — teriam tido de se retirar pouco a pouco para as regiões mais temperadas. Ao contrário, tudo prova que eles provavelmente foram pegos bruscamente por um grande frio e envolvidos pelos gelos.

violentamente arremessadas fora de seus leitões, invadiram os continentes, arrastando consigo as terras e os rochedos, desnudando as montanhas, desarraigando as florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados em geologia pelo nome de *terrenos diluvianos*.

43.- Um dos traços mais significativos desse grande desastre são os penedos chamados *blocos erráticos*. Assim são chamados os rochedos de granito que se encontram isolados nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, algumas vezes a muitas centenas de léguas das montanhas donde foram arrancados. É claro que só a violência das correntes pôde transportá-los a tão grandes distâncias (8).

(8) Um desses blocos — pela sua composição, provindo evidentemente das montanhas da Noruega — serve de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em São Petersburgo.

44.- Outro fato não menos característico, cuja causa ainda não está explicada, é que é nos terrenos diluvianos que encontramos os primeiros *aerólitos* ; porque foi somente nessa época que eles começaram a cair. A causa que os produz então não existia anteriormente.

45.- Foi também por essa época que os polos começaram a se cobrir de gelo e que se formaram as geleiras das montanhas, o que indica notável mudança na temperatura da Terra. Essa mudança deve ter sido súbita, porque se tivesse sido operada gradualmente os animais — como os elefantes, que hoje só vivem nos climas quentes e que são encontrados no estado fóssil em tão grande número nas terras polares — teriam tido de se retirar pouco a pouco para as regiões mais temperadas. Ao contrário, tudo prova que eles provavelmente foram pegos bruscamente por um grande frio e envolvidos pelos gelos. (9)

45.- Este foi então o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões estão divididas quanto às causas que devam tê-lo produzido, mas, quaisquer que elas sejam, o fato é que ele existiu.

A suposição mais aceita é a de que ocorreu uma brusca mudança na posição do eixo

da terra, pelo que os pólos da Terra foram deslocados; daí uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se a mudança tivesse se processado lentamente, as águas seriam deslocadas gradualmente, sem abalos, ao passo que tudo indica uma comoção violenta e súbita. Pela ignorância quanto à verdadeira causa, não podemos emitir mais do que hipóteses.

O deslocamento súbito das águas também pode ter sido ocasionado pelo levantamento de certas partes da crosta sólida e a formação de novas montanhas no seio dos mares, assim como se deu no começo do período terciário; mas, além de que o cataclismo não teria sido geral, isso não explicaria a mudança subitânea da temperatura dos polos.

46.- Na tormenta causada pelo deslocamento das águas, muitos animais desapareceram; outros, para escapar da inundação, se retiraram para os lugares altos, para as cavernas e fendas, onde faleceram em massa — seja de fome, seja devorando-se uns aos outros, ou ainda, talvez, pela

(9) Em 1771, o naturalista russo Pallas encontrou nos gelos do Norte o corpo inteiro de um mamute revestido da pele e conservando parte das suas carnes. Em 1799, descobriu-se outro, igualmente encerrado num enorme bloco de gelo, na embocadura do Lena, na Sibéria, e que foi descrito pelo naturalista Adams. Os iacutos das circunvizinhanças lhe despedaçaram as carnes para alimentar seus cães. A pele se achava coberta de pelos negros e o pescoço guarnecia-o espessa crina. A cabeça sem as defesas, que mediam mais de 4 metros, pesava mais de 200 quilos. Seu esqueleto está no museu de S. Petersburgo. Nas ilhas e nas bordas do mar glacial encontra-se tão grande quantidade de defesas, que elas fazem objeto de considerável comércio, sob o nome de marfim fóssil ou da Sibéria.

46.- Este foi então o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões estão divididas quanto às causas que devam tê-lo produzido, mas, quaisquer que elas sejam, o fato é que ele existiu.

A suposição mais aceita é a de que ocorreu uma brusca mudança na posição do eixo e dos pólos da terra,

; daí uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se a mudança tivesse se processado lentamente, as águas seriam deslocadas gradualmente, sem abalos, ao passo que tudo indica uma comoção violenta e súbita. Pela ignorância quanto à verdadeira causa, não podemos emitir mais do que hipóteses.

O deslocamento súbito das águas também pode ter sido ocasionado pelo levantamento de certas partes da crosta sólida e a formação de novas montanhas no seio dos mares, assim como se deu no começo do período terciário; mas, além de que o cataclismo não teria sido geral, isso não explicaria a mudança subitânea da temperatura dos polos.

47.- Na tormenta causada pelo deslocamento das águas, muitos animais desapareceram; outros, para escapar da inundação, se retiraram para os lugares altos, para as cavernas e fendas, onde faleceram em massa — seja de fome, seja devorando-se uns aos outros, ou ainda, talvez, pela

irrupção das águas nos sítios onde eles tinham se refugiado e donde não puderam fugir. Assim se explica a grande quantidade de ossadas de animais diversos, carnívoros e outros, que são encontrados misturados em certas cavernas, que por essa razão foram chamadas *cavernas* ou *brechas ósseas*. São encontradas muitas das vezes sob as estalagmites. Em algumas dessas, as ossadas parecem ter sido arrastadas para ali pela correnteza das águas (9).

(9) Conhecemos um grande número de cavernas semelhantes, algumas delas de enorme extensão. Existem várias no México que têm muitas léguas; a de Aldesberg, em Carniola (Áustria) não tem menos de três léguas. Uma das mais notáveis é a de Gailenreuth, em Würtemberg. Há diversas delas na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Sicília e outros países da Europa.

PERÍODO PÓS-DILUVIANO OU ATUAL.  
NASCIMENTO DO HOMEM.

47.- Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do planeta, a vida vegetal e animal prontamente retomou o seu curso. Já consolidado, o solo assumiu uma formação mais estável; o ar mais purificado tornou-se conveniente para órgãos mais delicados. O Sol, brilhando em todo o seu esplendor através de uma atmosfera límpida, difundia com a luz um calor menos sufocante e mais vivificante do que o da fornalha interior. A Terra se povoava de animais menos ferozes e mais sociáveis; mais suculentos, os vegetais proporcionavam alimentação menos grosseira; enfim, tudo se achava preparado no planeta para o novo hóspede que viria habitá-lo. Apareceu então o *homem* — o último ser da criação, aquele que dali em diante contribuiria com sua inteligência para o progresso geral, à medida que ele próprio progride.

48.- O homem só terá existido na Terra depois do período diluviano ou já terá surgido antes dessa época? Esta é uma questão muito

irrupção das águas nos sítios onde eles tinham se refugiado e donde não puderam fugir. Assim se explica a grande quantidade de ossadas de animais diversos, carnívoros e outros, que são encontrados misturados em certas cavernas, que por essa razão foram chamadas *brechas* ou *cavernas ósseas*. São encontradas muitas das vezes sob as estalagmites. Em algumas dessas, as ossadas parecem ter sido arrastadas para ali pela correnteza das águas (10).

(10) Conhecemos um grande número de cavernas semelhantes, algumas delas de enorme extensão. Existem várias no México que têm muitas léguas; a de Aldesberg, em Carniola (Áustria) não tem menos de três léguas. Uma das mais notáveis é a de Gailenreuth, em Würtemberg. Há diversas delas na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Sicília e outros países da Europa.

PERÍODO PÓS-DILUVIANO OU ATUAL.  
NASCIMENTO DO HOMEM.

48.- Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do planeta, a vida vegetal e animal prontamente retomou o seu curso. Já consolidado, o solo assumiu uma formação mais estável; o ar mais purificado tornou-se conveniente para órgãos mais delicados. O Sol, brilhando em todo o seu esplendor através de uma atmosfera límpida, difundia com a luz um calor menos sufocante e mais vivificante do que o da fornalha interior. A Terra se povoava de animais menos ferozes e mais sociáveis; mais suculentos, os vegetais proporcionavam alimentação menos grosseira; enfim, tudo se achava preparado no planeta para o novo hóspede que viria habitá-lo. Apareceu então o *homem* — o último ser da criação, aquele que dali em diante contribuiria com sua inteligência para o progresso geral, à medida que ele próprio progride.

49.- O homem só terá existido na Terra depois do período diluviano ou já terá surgido antes dessa época? Esta é uma questão muito

## CAPÍTULO VII - Esboço Geológico da Terra

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

controvertida hoje, mas a sua solução — seja qual for, **não tem mais do que uma importância secundária, pois ele** não mudará nada no conjunto dos fatos estabelecidos.

O que tem feito que se pense que a aparição dos homens é posterior ao dilúvio é o fato de se não ter achado vestígio autêntico da **sua**<sup>4</sup> existência no período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares e que geraram a crença na existência de uma raça de gigantes antediluvianos, foram reconhecidas como ossada de elefantes.

O que não se pode duvidar é que o homem não existia nem no período primário, nem no de transição, nem no secundário, **não só** porque não foi encontrado nenhum traço dele, como também porque não havia condições de **vitabilidade** para ele. Se ele surgiu no terciário, só pode ter sido no fim do período e também há de ter se multiplicado pouco; **de outra maneira, após termos encontrado vestígios os mais delicados de um tão grande número de animais que viveram nessa época, não é compreensível que os homens não tivessem deixado algum indício de sua existência, seja por restos corporais, seja por quaisquer trabalhos.**

De resto, por ter sido curto, o período diluviano não determinou mudanças notáveis nas condições **climáticas e** atmosféricas; os animais e os vegetais eram os mesmos, antes e depois; logo, não **há** portanto **uma impossibilidade material para** que o aparecimento do homem tenha precedido esse grande cataclismo; a existência do macaco naquela época **umenta a probabilidade do fato, o que** descobertas recentes parecem confirmar

(10).

controvertida hoje, mas a sua solução — seja qual for,

**não mudará nada no conjunto dos fatos estabelecidos, e o aparecimento da espécie humana não será menos do que muitos milhares de anos anterior à data indicada pela Gênese bíblica.**

O que tem feito que se pense que a aparição dos homens é posterior ao dilúvio é o fato de se não ter achado vestígio autêntico da **sua** existência no período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares e que geraram a crença na existência de uma raça de gigantes antediluvianos, foram reconhecidas como ossada de elefantes.

O que não se pode duvidar é que o homem não existia nem no período primário, nem no de transição, nem no secundário, **não só** porque não foi encontrado nenhum traço dele, como também porque não havia condições de **vitalidade** para ele. Se ele surgiu no terciário, só pode ter sido no fim do período e também há de ter se multiplicado pouco;

De resto, por ter sido curto, o período diluviano não determinou mudanças notáveis nas condições atmosféricas; os animais e os vegetais eram os mesmos, antes e depois; logo, não **é** portanto **impossível** que o aparecimento do homem tenha precedido esse grande cataclismo; a existência do macaco naquela época **é hoje constatada, e**

descobertas recentes parecem confirmar **a do homem** (11).

<sup>4</sup> son ⇒ leur

## CAPÍTULO VII - Esboço Geológico da Terra

1ª Edição (1868)

De qualquer forma, que o homem tenha aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, é certo que o seu papel humanitário começou realmente a ser esboçado somente no período pós-diluviano; portanto, podemos considerá-lo como caracterizado pela sua presença.

(10) Ver [os trabalhos do Sr.](#)

Boucher de Perthes.

5ª Edição (1869/72)

De qualquer forma, que o homem tenha aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, é certo que o seu papel humanitário começou realmente a ser esboçado somente no período pós-diluviano; portanto, podemos considerá-lo como caracterizado pela sua presença.

(11) Ver [O homem antediluviano](#) por Boucher de Perthes. br. in-8, preço, 1 fr. 50 ; franco, 1 fr. 70. - [Os instrumentos de pedra, pelo mesmo](#) ; br. in-8 ; preço, 1 fr. 40 ; franco, 1 fr. 55. - No Jung Truttel, 19, rua de Lille.  
[Discurso sobre as revoluções do globo](#), por Georges Cuvier, com notas do Doutro Hoefer ; in- 12 ; preço, 3 fr. ; franco, 3 fr. 40. - No Firmin Didot, 56, rua Jacob.



Teoria da projeção  
 - Teoria da condensação  
 - Teoria da incrustação

Teoria da projeção  
 - Teoria da condensação  
 - Teoria da incrustação  
 - A alma da terra

TEORIA DA PROJEÇÃO

TEORIA DA PROJEÇÃO

1.- De todas as teorias referentes à origem da Terra, a que alcançou mais aceitação nestes últimos tempos é a de *Buffon* — seja por causa da posição de seu autor no mundo sábio, seja porque não se sabia mais do que isso naquela época.

Vendo que todos os planetas se movem na mesma direção, do ocidente para o oriente, e no mesmo plano, percorrendo órbitas cuja inclinação não passa de 7 graus e meio, *Buffon* concluiu por essa uniformidade que elas devem ter sido postas em movimento pela mesma causa.

Segundo ele, sendo o Sol uma massa incandescente em fusão, ele supôs que um cometa tenha se chocado obliquamente, raspando a sua superfície, tenha destacado desta uma porção que, projetada no espaço pela violência do choque, dividiu-se em muitos fragmentos. Tendo esses fragmentos formado esses planetas, que continuaram a se mover circularmente pela combinação das forças centrífuga e centrípeta, no sentido dado pela direção do choque primitivo, isto é, no plano da eclíptica.

Assim, os planetas seriam partes da substância incandescente do Sol e por conseguinte elas próprias também teriam sido incandescentes em sua origem. Elas se puseram a se resfriar e a se consolidar um tempo proporcionado aos seus volumes, e, quando a temperatura o permitiu, a vida lhes despontou na superfície.

Em virtude do gradual abaixamento do calor central, num certo tempo a Terra chegaria a um estado completo de resfriamento; a massa líquida

1.- De todas as teorias referentes à origem da Terra, a que alcançou mais aceitação nestes últimos tempos é a de *Buffon* — seja por causa da posição de seu autor no mundo sábio, seja porque não se sabia mais do que isso naquela época.

Vendo que todos os planetas se movem na mesma direção, do ocidente para o oriente, e no mesmo plano, percorrendo órbitas cuja inclinação não passa de 7 graus e meio, *Buffon* concluiu por essa uniformidade que elas devem ter sido postas em movimento pela mesma causa.

Segundo ele, sendo o Sol uma massa incandescente em fusão, ele supôs que um cometa tenha se chocado obliquamente, raspando a sua superfície, tenha destacado desta uma porção que, projetada no espaço pela violência do choque, dividiu-se em muitos fragmentos. Tendo esses fragmentos formado esses planetas, que continuaram a se mover circularmente pela combinação das forças centrífuga e centrípeta, no sentido dado pela direção do choque primitivo, isto é, no plano da eclíptica.

Assim, os planetas seriam partes da substância incandescente do Sol e por conseguinte elas próprias também teriam sido incandescentes em sua origem. Elas se puseram a se resfriar e a se consolidar um tempo proporcionado aos seus volumes, e, quando a temperatura o permitiu, a vida lhes despontou na superfície.

Em virtude do gradual abaixamento do calor central, num certo tempo a Terra chegaria a um estado completo de resfriamento; a massa líquida

se congelaria inteiramente e o ar, cada vez mais condensado, acabaria por desaparecer. O abaixamento da temperatura, tornando a vida impossível, acarretaria a diminuição e depois o desaparecimento de todos os seres organizados. O resfriamento, que começara pelos polos, pouco a pouco ganharia todas as regiões até ao Equador.

Segundo Buffon, tal é o estado atual da Lua que, sendo menor do que a Terra, seria hoje um mundo extinto, do qual a vida se acha para sempre excluída. O próprio Sol viria a ter a mesma sorte afinal. De acordo com os seus cálculos, a Terra teria gasto cerca de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, e dentro de 93.000 anos veria o fim da existência da natureza organizada.

2.- Contraditada pelas novas descobertas da Ciência, a teoria de Buffon está presentemente abandonada quase por completa pelos motivos seguintes:

1º Durante longo tempo, acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos, cujo encontro com um planeta podia ocasionar a destruição deste último. Nessa hipótese, a suposição de Buffon não tinha nada de improvável. Porém agora sabemos que os cometas são formados de uma matéria gasosa condensada, portanto, bastante rarefeita para que se possam perceber estrelas de grandeza mediana através de seus núcleos. Nessas condições, oferecendo menos resistência do que o Sol, um choque violento capaz de arremessar ao longe uma porção da sua massa é uma coisa impossível.

2º A natureza incandescente do Sol é também uma hipótese que nada até o presente vem confirmar, e que, ao contrário, as observações parecem desmentir. Se bem ainda não esteja completamente definida quanto à sua natureza, a força dos meios de observação de que dispomos hoje tem permitido melhor estudá-la. Hoje em dia, geralmente é admitido pela ciência que o Sol é um

se congelaria inteiramente e o ar, cada vez mais condensado, acabaria por desaparecer. O abaixamento da temperatura, tornando a vida impossível, acarretaria a diminuição e depois o desaparecimento de todos os seres organizados. O resfriamento, que começara pelos polos, pouco a pouco ganharia todas as regiões até ao Equador.

Segundo Buffon, tal é o estado atual da Lua que, sendo menor do que a Terra, seria hoje um mundo extinto, do qual a vida se acha para sempre excluída. O próprio Sol viria a ter a mesma sorte afinal. De acordo com os seus cálculos, a Terra teria gasto cerca de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, e dentro de 93.000 anos veria o fim da existência da natureza organizada.

2.- Contraditada pelas novas descobertas da Ciência, a teoria de Buffon está presentemente abandonada quase por completa pelos motivos seguintes:

1º Durante longo tempo, acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos, cujo encontro com um planeta podia ocasionar a destruição deste último. Nessa hipótese, a suposição de Buffon não tinha nada de improvável. Porém agora sabemos que os cometas são formados de uma matéria gasosa condensada, portanto, bastante rarefeita para que se possam perceber estrelas de grandeza mediana através de seus núcleos. Nessas condições, oferecendo menos resistência do que o Sol, um choque violento capaz de arremessar ao longe uma porção da sua massa é uma coisa impossível.

2º A natureza incandescente do Sol é também uma hipótese que nada até o presente vem confirmar, e que, ao contrário, as observações parecem desmentir. Se bem ainda não esteja completamente definida quanto à sua natureza, a força dos meios de observação de que dispomos hoje tem permitido melhor estudá-la. Hoje em dia, geralmente é admitido pela ciência que o Sol é um

globo composto de matéria sólida, cercada de uma atmosfera luminosa que não está em contato com a sua superfície (1).

3º No tempo de Buffon, só se conhecia os seis planetas que os antigos conheciam: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Depois, foram descobertos um grande número de outros, dos quais, especialmente três — Juno, Ceres e Palas — têm suas órbitas inclinadas<sup>1</sup> de 13, 10 e 34 graus, o que não concorda com a hipótese de um único movimento de projeção.

4º Os cálculos de Buffon acerca do resfriamento foram completamente reconhecidos como inexatos desde a descoberta do Sr. Fourier acerca da lei do decrescimento do calor. A Terra não precisou apenas de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, mas de alguns milhões de anos.

5º Buffon só considerou o calor central da Terra, sem levar em conta o dos raios solares; ora, sabemos hoje que, pelos dados científicos de rigorosa precisão obtidos pela experiência, em virtude da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo não tem, desde há muito tempo, mais do que uma parcela insignificante na temperatura da superfície exterior; as variações que essa temperatura sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (ver cap. VII, no 25). O efeito dessa causa sendo permanente, ao passo que o do calor central é nulo ou quase nulo, a diminuição deste não pode trazer à superfície da Terra sensíveis modificações. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento, seria necessária a extinção do Sol (2).

(1) Encontramos uma dissertação completa e à altura da ciência moderna, sobre a natureza do Sol e dos cometas em *Estudos e Leituras sobre a Astronomia*, de Camille Flammarion, 1 vol. In-12. Preço 2 francos e 50 centavos.

globo composto de matéria sólida, cercada de uma atmosfera luminosa, ou fotosfera, que não está em contato com a sua superfície (1).

3º No tempo de Buffon, só se conhecia os seis planetas que os Antigos conheciam: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Depois, foram descobertos um grande número de outros, dos quais, especialmente três — Juno, Ceres e Palas — têm suas órbitas inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não concorda com a hipótese de um único movimento de projeção.

4º Os cálculos de Buffon acerca do resfriamento foram completamente reconhecidos como inexatos desde a descoberta do Sr. Fourier acerca da lei do decrescimento do calor. A Terra não precisou apenas de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, mas de alguns milhões de anos.

5º Buffon só considerou o calor central da Terra, sem levar em conta o dos raios solares; ora, sabemos hoje que, pelos dados científicos de rigorosa precisão obtidos pela experiência, em virtude da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo não tem, desde há muito tempo, mais do que uma parcela insignificante na temperatura da superfície exterior; as variações que essa temperatura sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (ver c. VII, no 25). O efeito dessa causa sendo permanente, ao passo que o do calor central é nulo ou quase nulo, a diminuição deste não pode trazer à superfície da Terra sensíveis modificações. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento, seria necessária a extinção do Sol (2).

(1) Encontramos uma dissertação completa e à altura da ciência moderna, sobre a natureza do Sol e dos cometas em *Estudos e Leituras sobre a Astronomia*, de Camille Flammarion, 1 vol. In-12. Preço 2 francos e 50 centavos.

<sup>1</sup> incliné ⇒ inclinée

## CAPÍTULO VIII - Teorias da Terra

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

Impressor: Casa Gauthier-Villard, 55, doca dos Augustins, Paris.

(2) Para maiores esclarecimentos sobre este assunto e sobre a lei do decrescimento do calor, veja *Cartas acerca das revoluções do globo*, por Bertrand, páginas 19 e 307.

### TEORIA DA CONDENSAÇÃO

3.- A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que hoje prevalece na Ciência, como sendo aquela que é melhor justificada pela observação, a que resolve maior número de dificuldades e a que se apoia mais do que todas as outras sobre o grande princípio da unidade universal. É aquela que está descrita logo atrás, no cap. VI: *Uranografia geral*.

Estas duas teorias, como se vê, conduzem ao mesmo resultado: o estado primitivo de incandescência do globo, a formação de uma crosta sólida pelo resfriamento, a existência do fogo central e o aparecimento da vida orgânica logo que a temperatura a tornou possível. Elas diferem **pelo modo de formação da Terra**, e é provável que se Buffon vivesse em nossos dias, ele adotaria outras ideias. **São, portanto, duas rotas diferentes conduzindo ao mesmo objetivo.**

A Geologia toma a Terra do ponto em que é possível a observação direta. Estando além da experimentação, seu estado anterior só pode ser hipotético; ora, entre duas hipóteses, o bom-senso diz que devemos escolher aquela que é sancionada pela lógica e que melhor concorda com os fatos observados.

### TEORIA DA INCRUSTAÇÃO

4.- Mencionamos esta teoria apenas para registro, já que nada tem de científica, mas

Impressor: Casa Gauthier-Villard, 55, doca dos Augustins, Paris.

(2) Para maiores esclarecimentos sobre este assunto e sobre a lei do decrescimento do calor, veja *Cartas acerca das revoluções do globo*, por Dr. Bertrand, ex-aluno da Escola Politécnica de Paris, carta II. Esta obra – à altura da ciência moderna – escrita com simplicidade e sem vaidade intelectual, contém um estudo geológico de grande interesse.

### TEORIA DA CONDENSAÇÃO

3.- A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que hoje prevalece na Ciência, como sendo aquela que é melhor justificada pela observação, a que resolve maior número de dificuldades e a que se apoia mais do que todas as outras sobre o grande princípio da unidade universal. É aquela que está descrita logo atrás, no cap. VI: *Uranografia geral*.

Estas duas teorias, como se vê, conduzem ao mesmo resultado: o estado primitivo de incandescência do globo, a formação de uma crosta sólida pelo resfriamento, a existência do fogo central e o aparecimento da vida orgânica logo que a temperatura a tornou possível. Elas diferem, **no entanto, por pontos essenciais**, e é provável que se Buffon vivesse em nossos dias, ele adotaria outras ideias.

A Geologia toma a Terra do ponto em que é possível a observação direta. Estando além da experimentação, seu estado anterior só pode ser hipotético; ora, entre duas hipóteses, o bom-senso diz que devemos escolher aquela que é sancionada pela lógica e que melhor concorda com os fatos observados.

### TEORIA DA INCRUSTAÇÃO

4.- Mencionamos esta teoria apenas para registro, já que nada tem de científica, mas

unicamente porque ela conseguiu certa repercussão nesses últimos tempos, e seduziu algumas pessoas. Ela está resumida na carta seguinte:

“Segundo a Bíblia, Deus criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Eis aqui o que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de respeitabilidade que remontaram a origem da Terra a milhões de anos, e, portanto, a Escritura disse a verdade e os geólogos também; e foi um simples camponês (3) quem os pôs de acordo nos ensinando que o nosso globo não é mais do que um planeta *incrustativo* muito moderno, composto de materiais bem antigos.

“Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, que chegou à maturidade ou em harmonia com o que existiu no lugar que ocupamos atualmente, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites para formar a Terra atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Apenas quatro desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta; somente a Lua persistiu na sua autonomia, visto que também *os globos têm o seu livre-arbítrio*. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles trouxeram para a comunidade. A operação teve por testemunhas só a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Feita a soldagem, as águas se escoaram para os vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas se confundiram e começaram o despertar ou a ressurreição das *sementes catalépticas*; o homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos

unicamente porque ela conseguiu certa repercussão nesses últimos tempos, e seduziu algumas pessoas. Ela está resumida na carta seguinte:

“Segundo a Bíblia, Deus criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Eis aqui o que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de respeitabilidade que remontaram a origem da Terra a milhões de anos, e, portanto, a Escritura disse a verdade e os geólogos também; e foi um simples camponês (3) quem os pôs de acordo nos ensinando que o nosso globo não é mais do que um planeta *incrustativo* muito moderno, composto de materiais bem antigos.

“Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, que chegou à maturidade ou em harmonia com o que existiu no lugar que ocupamos atualmente, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites para formar a Terra atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Apenas quatro desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta; somente a Lua persistiu na sua autonomia, visto que também *os globos têm o seu livre-arbítrio*. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles trouxeram para a comunidade. A operação teve por testemunhas só a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Feita a soldagem, as águas se escoaram para os vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas se confundiram e começaram o despertar ou a ressurreição das *sementes catalépticas*; o homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos

animais que pastavam em paz ao derredor dele. Tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa. O planeta *Ásia* nos trouxe a raça amarela, a mais antiga civilização; a *África*, a raça negra; a *Europa*, a raça branca e a *América*, a raça vermelha. A Lua talvez nos teria trazido a raça verde ou azul.

“Assim, certos animais — dos quais só encontramos os restos — nunca teriam vivido na nossa Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos desmanchados pela velhice. Os fósseis, que encontramos em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo, sem dúvida viviam em zonas muito diferentes nos globos onde nasceram. Tais despojos na Terra se encontram nos polos da nossa morada que viviam no Equador da morada deles.”

(3) Miguel de Figagnères, autor da *Chave da vida*.

5.- Esta teoria tem contra si os dados mais concretos da ciência experimental, além de que ela deixa por inteira a questão da origem ela pretende resolver. Ela diz certo como a Terra seria formada, mas não diz como foram formados os quatro mundos reunidos para constituí-la.

Se as coisas tivessem ocorrido assim, como será que não se encontra em nenhuma parte os vestígios daquelas imensas soldas, indo até às entranhas do globo? Cada um daqueles mundos trazendo seus próprios materiais, *Ásia*, *África*, *Europa* e *América* tendo cada qual uma geologia particular e diferente, *o que não é correto*. Ao contrário, nós vemos inicialmente o núcleo granítico uniforme, de uma composição homogênea em todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*. Depois, as camadas geológicas de mesma formação, idênticas na sua constituição, em toda parte superpostas na mesma ordem, continuando sem interrupção de um lado a

animais que pastavam em paz ao derredor dele. Tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa. O planeta *Ásia* nos trouxe a raça amarela, a mais antiga civilização; a *África*, a raça negra; a *Europa*, a raça branca e a *América*, a raça vermelha. A Lua talvez nos teria trazido a raça verde ou azul.

“Assim, certos animais — dos quais só encontramos os restos — nunca teriam vivido na nossa Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos desmanchados pela velhice. Os fósseis, que encontramos em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo, sem dúvida viviam em zonas muito diferentes nos globos onde nasceram. Tais despojos na Terra se encontram nos polos da nossa morada que viviam no Equador da morada deles.”

(3) Miguel de Figagnères, autor da *Chave da vida*.

5.- 5.- Esta teoria tem contra si os dados mais concretos da ciência experimental, além de que ela deixa por inteira a questão da origem ela pretende resolver. Ela diz certo como a Terra seria formada, mas não diz como foram formados os quatro mundos reunidos para constituí-la.

Se as coisas tivessem ocorrido assim, como será que não se encontra em nenhuma parte os vestígios daquelas imensas soldas, indo até às entranhas do globo? Cada um daqueles mundos trazendo seus próprios materiais, *Ásia*, *África*, *Europa* e *América* tendo cada qual uma geologia particular e diferente, *o que não é correto*. Ao contrário, nós vemos inicialmente o núcleo granítico uniforme, de uma composição homogênea em todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*. Depois, as camadas geológicas de mesma formação, idênticas na sua constituição, em toda parte superpostas na mesma ordem, continuando sem interrupção de um lado a

outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América, e reciprocamente. Essas camadas — testemunhas das transformações do globo — atestam que tais transformações se operaram em toda a sua superfície e não apenas numa parte; elas nos mostram os períodos de aparecimento, existência e desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais igualmente nas diferentes partes do mundo; a fauna e a flora desses períodos recuados marcham simultaneamente por toda parte sob a influência de uma temperatura uniforme, mudando por toda parte de caráter à medida que a temperatura se modifica. Tal estado de coisas é inconciliável com a formação da Terra pela junção de muitos mundos diferentes.

Se esse sistema tivesse sido concebido há apenas um século, ele poderia ter conquistado um lugar provisório nas cosmogonias especulativas puramente imaginárias e fundamentadas sem o método experimental; mas hoje em dia, não nenhuma sustentação e não suporta sequer o exame, porque ele é contraditado pelos fatos materiais.

Sem discutir o livre-arbítrio atribuído aos planetas, nem a questão da sua alma, pergunta-se, o que seria do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se este não tivesse recusado de má vontade a se reunir com suas irmãs? O que viria a ser da Terra atual se um dia fosse admitida a fantasia da lua de vir retomar seu lugar e expulsar o mar?

6.- Semelhante teoria seduziu algumas pessoas porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens na Terra e a sua localização; porém, uma vez que essas raças puderam germinar em mundos separados, por que não teriam podido se desenvolver em pontos

outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América, e reciprocamente. Essas camadas — testemunhas das transformações do globo — atestam que tais transformações se operaram em toda a sua superfície e não apenas numa parte; elas nos mostram os períodos de aparecimento, existência e desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais igualmente nas diferentes partes do mundo; a fauna e a flora desses períodos recuados marcham simultaneamente por toda parte sob a influência de uma temperatura uniforme, mudando por toda parte de caráter à medida que a temperatura se modifica. Tal estado de coisas é inconciliável com a formação da Terra pela junção de muitos mundos diferentes.

Pergunta-se, ademais, o que seria do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se este não tivesse recusado de má vontade a se reunir com suas irmãs? O que viria a ser da Terra atual se um dia a lua tivesse a fantasia de vir retomar seu lugar e dele<sup>2</sup> expulsar o mar?

6.- Semelhante teoria seduziu algumas pessoas porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens na Terra e a sua localização; porém, uma vez que essas raças puderam germinar em mundos separados, por que não teriam podido se desenvolver em pontos

<sup>2</sup> en ⇒ d'en

diversos de um mesmo globo? Isso é querer resolver uma dificuldade por uma dificuldade bem maior. Com efeito, quaisquer que fossem a rapidez e a *destreza* com que fosse feita a operação, essa adjunção não poderia se realizar sem abalos violentos; quanto mais rápida ela fosse, tanto mais os cataclismos teriam sido desastrosos; então parece impossível que seres *apenas mergulhados em sono paralítico* tenham podido resistir-lhes, para em seguida despertarem tranquilamente. Se fossem unicamente sementes, em que consistiriam? Como é que seres inteiramente formados se reduziriam ao estado de germens? Restaria sempre a questão de saber como esses germens novamente se desenvolveram. Ainda aí, teríamos a Terra formada por meio miraculoso, mas por outro processo menos poético e menos grandioso do que **o primeiro**, enquanto as leis naturais dão uma explicação da sua formação muito mais completa e, sobretudo, mais racional, deduzida **da experiência e** da observação (4).

(4) Quando uma teoria como essa se liga a toda uma cosmogonia, é de se perguntar sobre qual base racional o resto pode se assentar.

A concordância que se pretende estabelecer por meio desse sistema, entre a Gênese bíblica e a Ciência, é inteiramente ilusória, porque é contradita pela própria Ciência. **Por outro lado, todas as crenças extraídas do texto bíblico têm por pedra fundamental a criação de um único casal do qual nasceram todos os homens. Remova-se essa pedra e tudo que é construído sobre ela se desmorona. Ora, esse sistema, dando à humanidade uma múltipla origem, é a negação da doutrina que lhe atribui um pai comum.**

O autor da carta supracitada, homem de grande saber, por um instante seduzido por essa teoria, logo lhe descobriu os lados vulneráveis e não tardou a combatê-la com as armas da Ciência.

diversos de um mesmo globo? Isso é querer resolver uma dificuldade por uma dificuldade bem maior. Com efeito, quaisquer que fossem a rapidez e a *destreza* com que fosse feita a operação, essa adjunção não poderia se realizar sem abalos violentos; quanto mais rápida ela fosse, tanto mais os cataclismos teriam sido desastrosos; então parece impossível que seres *apenas mergulhados em sono paralítico* tenham podido resistir-lhes, para em seguida despertarem tranquilamente. Se fossem unicamente sementes, em que consistiriam? Como é que seres inteiramente formados se reduziriam ao estado de germens? Restaria sempre a questão de saber como esses germens novamente se desenvolveram. Ainda aí, teríamos a Terra formada por meio miraculoso, mas por outro processo menos poético e menos grandioso do que **aquele da Gênese bíblica**, enquanto as leis naturais dão uma explicação da sua formação muito mais completa e, sobretudo, mais racional, deduzida da observação (4).

(4) Quando uma teoria como essa se liga a toda uma cosmogonia, é de se perguntar sobre qual base racional o resto pode se assentar.

A concordância que se pretende estabelecer por meio desse sistema, entre a Gênese bíblica e a Ciência, é inteiramente ilusória, porque é contradita pela própria Ciência.

O autor da carta supracitada, homem de grande saber, por um instante seduzido por essa teoria, logo lhe descobriu os lados vulneráveis e não tardou a combatê-la com as armas da Ciência.



## A ALMA DA TERRA

7.- A alma da Terra desempenhou papel principal na teoria da incrustação. Vejamos se esta ideia tem melhor fundamento.

O desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio intelectual. O organismo se completa à medida que as capacidades da alma se multiplicam. A escala orgânica acompanha constantemente a progressão da inteligência em todos os seres – desde o pólipo até o homem, e não podia ser de outro modo, pois que a alma precisa de um instrumento apropriado à importância das funções que lhe compete desempenhar. De que serviria à ostra possuir a inteligência do macaco, sem os órgãos necessários para sua manifestação? Portanto, se a Terra fosse um ser animado, servindo de corpo a uma alma especial, essa alma teria de ser ainda mais rudimentar do que a do pólipo, por efeito mesmo da sua constituição, visto que a Terra não tem sequer a vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que lhe atribuíram à alma, fizeram dela um ser dotado de razão e do mais completo livre-arbítrio, em resumo: como um Espírito superior – o que não é racional, porque nunca nenhum Espírito se achou menos bem repartido, nem mais aprisionado. Neste sentido ampliada, então a ideia da alma da Terra tem de ser arrolada entre as concepções sistemáticas e ilusórias.

Por “alma da Terra”, podemos entender mais racionalmente a coletividade dos Espíritos incumbidos da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe certo grau de desenvolvimento intelectual; ou, melhor ainda: o Espírito a quem está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que somente pode ser atribuída a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria. Em tal caso, esse Espírito não é propriamente

falando a alma da Terra, porque não se acha encarnado nela, nem subordinado ao seu estado material. É um chefe preposto ao seu governo, como um general é ao comando de um exército.

Um Espírito, incumbido de missão tão importante qual a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou então teríamos de reconhecer em Deus a imprevidência de confiar a execução de Suas leis a seres capazes de lhes contravir, a seu bel-prazer. Ora, segundo a doutrina da incrustação, a má vontade da alma da Lua é que tinha dado causa a que a Terra ficasse incompleta. Há ideias que anulam a si mesmas.

Revoluções gerais ou parciais

- Dilúvio bíblico

- Revoluções periódicas - Cataclismos futuros

Revoluções gerais ou parciais

- **Idade das montanhas** - Dilúvio bíblico

- Revoluções periódicas - Cataclismos futuros

- **Aumento ou diminuição do volume da terra**

### REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS

1.- Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo em consequência das suas transformações; mas, com exceção do período diluviano, que tem as características de uma subversão repentina, todos os demais transcorreram lentamente e sem transições bruscas. Durante todo o tempo que os elementos constitutivos do globo levaram para tomar suas posições, as mutações tiveram de ser gerais; uma vez consolidada a base, só foi preciso se produzir modificações parciais na superfície.

2.- Além das revoluções gerais, a Terra experimentou grande número de perturbações locais que mudaram o aspecto de certas regiões. Como no tocante às outras, duas causas contribuíram para essas perturbações: o fogo e a água.

O fogo: seja por erupções vulcânicas que enterraram os terrenos próximos para baixo de grossas camadas de cinzas e lavas, fazendo desaparecer cidades e seus habitantes; seja por tremores da terra; seja por levantamentos da crosta sólida, impelindo as águas para as regiões mais baixas; seja pelo afundamento em alguns lugares dessa mesma crosta, em maior ou menor extensão, para onde as águas se precipitaram, deixando outros terrenos a seco. Foi assim que surgiram ilhas no meio do oceano, enquanto outras desapareceram; que porções de continentes têm sido separadas e têm formado ilhas, que braços de mar, postos a seco, reuniram ilhas e continentes.

### REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS

1.- Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo em consequência das suas transformações; mas, com exceção do período diluviano, que tem as características de uma subversão repentina, todos os demais transcorreram lentamente e sem transições bruscas. Durante todo o tempo que os elementos constitutivos do globo levaram para tomar suas posições, as mutações tiveram de ser gerais; uma vez consolidada a base, só foi preciso se produzir modificações parciais na superfície.

2.- Além das revoluções gerais, a Terra experimentou grande número de perturbações locais que mudaram o aspecto de certas regiões. Como no tocante às outras, duas causas contribuíram para essas perturbações: o fogo e a água.

O fogo: seja por erupções vulcânicas que enterraram os terrenos próximos para baixo de grossas camadas de cinzas e lavas, fazendo desaparecer cidades e seus habitantes; seja por tremores da terra; seja por levantamentos da crosta sólida, impelindo as águas para as regiões mais baixas; seja pelo afundamento em alguns lugares dessa mesma crosta, em maior ou menor extensão, para onde as águas se precipitaram, deixando outros terrenos a seco. Foi assim que surgiram ilhas no meio do oceano, enquanto outras desapareceram; que porções de continentes têm sido separadas e têm formado ilhas, que braços de mar, postos a seco, reuniram ilhas e continentes.

A água: seja por irrupção ou a retraimento do mar em algumas costas; seja por desmoronamentos que, retendo as correntes d'água, formaram os lagos; seja por transbordamentos e inundações; seja, enfim, pelos aterros formados nas embocaduras dos rios. Esses aterros, rechaçando o mar, criaram novos territórios: essa é a origem do delta do Nilo ou Baixo Egito, do delta do Ródano ou Camargo e de tantos outros.

### DILÚVIO BÍBLICO [► Sub-título do item 4]

3.- O exame dos terrenos dilacerados pelo erguimento das montanhas e das camadas que formam suas sustentações pode determinar sua idade geológica. Por idade geológica das montanhas não devemos entender o número de anos da existência delas, mas o período em que se formaram e conseqüentemente sua antiguidade relativa. Seria um erro acreditar que essa antiguidade corresponde à sua elevação ou à natureza exclusivamente granítica, uma vez que a massa de granito, ao se levantar, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Isto constatado pela observação que as montanhas dos Vosges na Bretanha e da Costa do Ouro na França — que não são muito elevadas — pertencem às mais antigas formações; elas datam do período de transição e anteriores aos depósitos de carvão. A Cordilheira do Jura se formou em meados do período secundário e é contemporânea dos répteis gigantes. Os Pirineus se formaram mais tarde, no começo do período terciário. O **Mont Blanc** e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pirineus e datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são ainda mais recentes, porque só se formaram perto do fim desse mesmo período. Algumas montanhas da Ásia

A água: seja por irrupção ou a retraimento do mar em algumas costas; seja por desmoronamentos que, retendo as correntes d'água, formaram os lagos; seja por transbordamentos e inundações; seja, enfim, pelos aterros formados nas embocaduras dos rios. Esses aterros, rechaçando o mar, criaram novos territórios: essa é a origem do delta do Nilo ou Baixo Egito, do delta do Ródano ou Camargo.

### IDADE DAS MONTANHAS

3.- O exame dos terrenos dilacerados pelo erguimento das montanhas e das camadas que formam suas sustentações pode determinar sua idade geológica. Por idade geológica das montanhas não devemos entender o número de anos da existência delas, mas o período em que se formaram e conseqüentemente sua antiguidade relativa. Seria um erro acreditar que essa antiguidade corresponde à sua elevação ou à natureza exclusivamente granítica, uma vez que a massa de granito, ao se levantar, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Isto constatado pela observação que as montanhas dos Vosges na Bretanha e da Costa do Ouro na França — que não são muito elevadas — pertencem às mais antigas formações; elas datam do período de transição e anteriores aos depósitos de carvão. A Cordilheira do Jura se formou em meados do período secundário e é contemporânea dos répteis gigantes. Os Pirineus se formaram mais tarde, no começo do período terciário. O **Mont-Blanc** e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pirineus e datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são ainda mais recentes, porque só se formaram perto do fim desse mesmo período. Algumas montanhas da Ásia

são inclusive posteriores ao período diluviano ou lhe são contemporâneas.

Esses levantamentos hão de ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis, pelo deslocamento das águas, pela interrupção e mudança do curso dos rios (1).

(1) O século passado registrou um notável exemplo desse gênero de fenômeno. A seis dias de marcha da cidade de México, existia em 1750 uma região fértil e bem cultivada, onde se cultivava em abundância arroz, milho e bananas. No mês de junho, pavorosos tremores de terra agitaram **este** solo, renovando-se continuamente durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro a terra sofreu uma violenta convulsão; um território de muitas léguas de extensão ergueu-se pouco a pouco e acabou por alcançar a altitude de 500 pés, numa superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava como as vagas do mar ao sopro da tempestade, milhares de montículos se elevavam e afundavam alternativamente; afinal, abriu-se um golfo de aproximadamente 3 léguas, donde eram **lançados**<sup>1</sup> fumaça, fogo, pedras esbraseadas e cinzas a uma espantosa altura. Seis montanhas surgiram desse abismo escancarado, dentre as quais o vulcão a que foi dado o nome de Jorullo se eleva atualmente a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que se iniciaram os abalos do solo, os dois rios *Cuitimba* e *San Pedro*, recuando, inundaram toda a planície hoje ocupada pelo *Jorullo*; porém, no terreno que se elevava sempre, outro golfo se abriu e os engoliu. Eles reapareceram mais tarde a oeste, num ponto muito afastado de seus antigos leitos. (Louis Fignier, *A terra antes do dilúvio*, pág. 370)

4.- O dilúvio bíblico — também designado pelo nome de grande dilúvio asiático — é um fato que a realidade não pode contestar. Deve ter sido ocasionado pelo levantamento de uma parte das montanhas daquela região, como aquele do México. O que vem apoiar esta opinião é a existência de um mar interior que antes ia do mar Negro ao oceano Boreal, comprovada pelas observações geológicas. O mar de Azov, o mar

são inclusive posteriores ao período diluviano ou lhe são contemporâneas.

Esses levantamentos hão de ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis, pelo deslocamento das águas, pela interrupção e mudança do curso dos rios (1).

(1) O século passado registrou um notável exemplo desse gênero de fenômeno. A seis dias de marcha da cidade de México, existia em 1750 uma região fértil e bem cultivada, onde se cultivava em abundância arroz, milho e bananas. No mês de junho, pavorosos tremores de terra agitaram **o** solo, renovando-se continuamente durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro a terra sofreu uma violenta convulsão; um território de muitas léguas de extensão ergueu-se pouco a pouco e acabou por alcançar a altitude de 500 pés, numa superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava como as vagas do mar ao sopro da tempestade, milhares de montículos se elevavam e afundavam alternativamente; afinal, abriu-se um golfo de aproximadamente 3 léguas, donde eram **lançados** fumaça, fogo, pedras esbraseadas e cinzas a uma espantosa altura. Seis montanhas surgiram desse abismo escancarado, dentre as quais o vulcão a que foi dado o nome de Jorullo se eleva atualmente a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que se iniciaram os abalos do solo, os dois rios *Cuitimba* e *San Pedro*, recuando, inundaram toda a planície hoje ocupada pelo *Jorullo*; porém, no terreno que se elevava sempre, outro golfo se abriu e os engoliu. Eles reapareceram mais tarde a oeste, num ponto muito afastado de seus antigos leitos. (Louis Fignier, *A terra antes do dilúvio*, pág. 370)

### DILÚVIO BÍBLICO [Sub-título do item 3 ▶]

4.- O dilúvio bíblico — também designado pelo nome de grande dilúvio asiático — é um fato que a realidade não pode contestar. Deve ter sido ocasionado pelo levantamento de uma parte das montanhas daquela região, como aquele do México. O que vem apoiar esta opinião é a existência de um mar interior que antes ia do mar Negro ao oceano Boreal, comprovada pelas observações geológicas. O mar de Azov, o mar

<sup>1</sup> furent **lancées** ⇒ furent **lancés**

Cáspio, cujas águas são salgadas, embora não se ligue com qualquer outro mar; o lago Aral e os inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartália e as planícies da Rússia parecem ser restos daquele antigo mar. Após o levantamento das montanhas do Cáucaso,

uma parte dessas águas foi reprimida para o norte, na direção do oceano Boreal, e a outra parte, foi ao meio, em direção ao oceano Índico. Estas últimas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região habitada pelos antepassados do povo hebreu. Embora esse dilúvio se tenha estendido por uma superfície muito grande, um fato atualmente comprovado é o de que ele foi apenas local; que ele não pode ter sido causado pela chuva, pois, por mais que ela tenha sido abundante e prolongada por quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade d'água caída das nuvens não podia ser o bastante para cobrir **toda a terra**, até acima das mais altas montanhas.

Para os homens daquela época, que não conheciam mais do que uma extensão muito limitada da superfície do globo e que não tinham nenhuma ideia da sua configuração, desde o instante em que a inundação invadiu os países conhecidos, para eles a Terra inteira teria sido inundada. Se juntarmos a essa crença a forma imaginosa e exagerada da descrição própria do estilo oriental, já não nos será surpresa o exagero da narração bíblica.

5.- O dilúvio asiático evidentemente é posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a lembrança dele se conservou pela tradição em todos os povos daquela parte do mundo, os quais o consagraram nas suas teogonias.

Ele é também posterior ao grande dilúvio universal que assinalou o início do período geológico atual; e quando se fala de homens e de

Cáspio, cujas águas são salgadas, embora não se ligue com qualquer outro mar; o lago Aral e os inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartália e as planícies da Rússia parecem ser restos daquele antigo mar. Após o levantamento das montanhas do Cáucaso, **posterior ao dilúvio universal**, uma parte dessas águas foi reprimida para o norte, na direção do oceano Boreal, e a outra parte, foi ao meio, em direção ao oceano Índico. Estas últimas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região habitada pelos antepassados do povo hebreu. Embora esse dilúvio se tenha estendido por uma superfície muito grande, um fato atualmente comprovado é o de que ele foi apenas local; que ele não pode ter sido causado pela chuva, pois, por mais que ela tenha sido abundante e prolongada por quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade d'água caída das nuvens não podia ser o bastante para cobrir **toda a terra**, até acima das mais altas montanhas.

Para os homens daquela época, que não conheciam mais do que uma extensão muito limitada da superfície do globo e que não tinham nenhuma ideia da sua configuração, desde o instante em que a inundação invadiu os países conhecidos, para eles a Terra inteira teria sido inundada. Se juntarmos a essa crença a forma imaginosa e exagerada da descrição própria do estilo oriental, já não nos será surpresa o exagero da narração bíblica.

5.- O dilúvio asiático evidentemente é posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a lembrança dele se conservou pela tradição em todos os povos daquela parte do mundo, os quais o consagraram nas suas teogonias (2).

Ele é também posterior ao grande dilúvio universal que assinalou o início do período geológico atual; e quando se fala de homens e de

## CAPÍTULO IX - Revoluções do Globo

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

animais antediluvianos, isso significa deste primeiro cataclismo.

animais antediluvianos, isso significa deste primeiro cataclismo.

(2) A lenda indiana sobre o dilúvio refere, segundo o livro dos Vedas, que Brama (transformado em peixe) se dirigiu ao piedoso monarca Vaivaswata e lhe disse: —Chegou o momento da dissolução do Universo; em breve estará destruído tudo o que existe na Terra. Tens que construir um navio em que embarcarás, depois de teres embarcado sementes de todos os vegetais. Tu me esperarás nesse navio e eu virei ter contigo, trazendo à cabeça um chifre pelo qual me reconhecerás ||. O santo obedeceu; construiu um navio, embarcou nele e o atou por um cabo muito forte ao chifre do peixe. O navio foi rebocado durante muitos anos com extrema rapidez, por entre as trevas de uma tremenda tempestade, abordando, afinal, ao cume do monte Himawat (Himalaia). Brahma ordenou em seguida a Vaivaswata que criasse todos os seres e com eles povoasse a Terra.

É flagrante a semelhança desta lenda com a narrativa bíblica de Noé. Da Índia ela passara ao Egito, como uma multidão de outras crenças. Ora, sendo o livro dos Vedas anteriores ao de Moisés, a narração que naquele se encontra, do dilúvio, não pode ser uma cópia da deste último. O que é provável é que Moisés, que aprendera as doutrinas dos sacerdotes egípcios, haja tomado a estes a sua descrição.

### REVOLUÇÕES PERIÓDICAS

6.- Além do seu movimento anual em torno do Sol — que produz as estações — e do seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas — que produz o dia e a noite — a Terra tem um terceiro movimento que se completa em aproximadamente 25 mil anos (mais exatamente, 25.868 anos) **que** produz o fenômeno denominado em astronomia *precessão dos equinócios*.

Este movimento — que seria impossível explicar em poucas palavras, sem o auxílio de figuras e sem uma demonstração geométrica — consiste numa espécie de oscilação circular que tem sido comparado à de um pião enfraquecendo-se, e por virtude da qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo

### REVOLUÇÕES PERIÓDICAS

6.- Além do seu movimento anual em torno do Sol — que produz as estações — e do seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas — que produz o dia e a noite — a Terra tem um terceiro movimento que se completa em aproximadamente 25 mil anos (mais exatamente, 25.868 anos) **e** produz o fenômeno denominado em astronomia *precessão dos equinócios*. (Capítulo V, nº 11)

Este movimento — que seria impossível explicar em poucas palavras, sem o auxílio de figuras e sem uma demonstração geométrica — consiste numa espécie de oscilação circular que tem sido comparado à de um pião enfraquecendo-se, e por virtude da qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo

cone cujo vértice está no centro do planeta, abrangendo as bases desses cones a superfície circunscrita pelos círculos polares, isto é, uma amplitude de 23 graus e meio de raio (2).

(2) Uma ampulheta composta de dois copos cônicos, girando sobre si mesma numa posição inclinada; ou ainda dois bastões cruzados em forma de X, girando sobre seu ponto de intersecção, podem nos dar uma ideia aproximada da figura formada por esse movimento de eixo.

7.- O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério a outro, se encontra perpendicular ao equador, o que acontece duas vezes por ano, dia 20 de março, quando o Sol voltou ao hemisfério boreal, e dia 22 de setembro, quando volta ao hemisfério austral.

Mas, em consequência da mudança gradual na obliquidade do eixo, o que acarreta outra mudança na inclinação do equador sobre a eclíptica, o momento do equinócio avança cada ano de alguns minutos (25 minutos e 7 segundos). A esse avanço é que se deu o nome de *precessão dos equinócios* (do latim *procedere*, caminhar para diante, composto de *proe*, adiante e *cedere*, ir-se).

Com o tempo, esses poucos minutos formam horas, dias, meses e anos; resultando daí que o equinócio da primavera — que agora se verifica em março — em algum tempo se verificará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro, e então o mês de dezembro terá a temperatura de março e março a de junho e assim por diante até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrarão de novo no estado atual, o que se dará em 25.868 anos, para recomeçar a mesma revolução indefinidamente (3).

(3) A precessão dos equinócios ocasiona outra mudança: aquela que se opera na posição dos signos do zodíaco.

cone cujo vértice está no centro do planeta, abrangendo as bases desses cones a superfície circunscrita pelos círculos polares, isto é, uma amplitude de 23 graus e meio de raio.

(2) Uma ampulheta composta de dois copos cônicos, girando sobre si mesma numa posição inclinada; ou ainda dois bastões cruzados em forma de X, girando sobre seu ponto de intersecção, podem nos dar uma ideia aproximada da figura formada por esse movimento de eixo.

7.- O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério a outro, se encontra perpendicular ao equador, o que acontece duas vezes por ano, por volta do dia 24 de março, quando o Sol voltou ao hemisfério boreal, e por volta do dia 22 de setembro, quando volta ao hemisfério austral.

Mas, em consequência da mudança gradual na obliquidade do eixo, o que acarreta outra mudança na inclinação do equador sobre a eclíptica, o momento do equinócio avança cada ano de alguns minutos (25 minutos e 7 segundos). A esse avanço é que se deu o nome de *precessão dos equinócios* (do latim *procedere*, caminhar para diante, composto de *proe*, adiante e *cedere*, ir-se).

Com o tempo, esses poucos minutos formam horas, dias, meses e anos; resultando daí que o equinócio da primavera — que agora se verifica em março — em algum tempo se verificará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro, e então o mês de dezembro terá a temperatura de março e março a de junho e assim por diante até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrarão de novo no estado atual, o que se dará em 25.868 anos, para recomeçar a mesma revolução indefinidamente (3).

(3) A precessão dos equinócios ocasiona outra mudança: aquela que se opera na posição dos signos do zodíaco.

<sup>2</sup> vers ⇒ dans

<sup>3</sup> vers ⇒ dans



A Terra girando ao derredor do Sol em um ano, à medida que ela avança, o Sol cada mês se encontra diante de uma nova constelação. Estas constelações são em número de doze, a saber: *Carneiro, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes*. São chamadas constelações zodiacais ou signos do zodíaco e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês do nascimento de um indivíduo dizia-se que ele era nascido sob tal signo; daí as previsões da astrologia. Mas, em virtude da precessão dos equinócios, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações **que têm 2.000 anos**: aquele que nasce no mês de julho já não está no signo do Leão, mas sim no do Câncer. Cai assim a ideia supersticiosa relativa à influência dos signos (C. V, nº 12)

8.- Deste movimento cônico do eixo, resulta que os polos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar não será sempre Estrela Polar; que gradualmente os polos são mais ou menos inclinados para o Sol e dele recebem raios mais ou menos diretos, donde se segue que, por exemplo, a Islândia e a Lapônia — que estão sob o círculo polar — poderão em dado tempo receber raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália e que, na posição do extremo oposto, Espanha e Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim por diante, a cada renovação do período de 25 mil anos.

9.- As consequências deste movimento ainda não puderam ser determinadas com precisão, porque somente temos podido observar uma pequena parte da sua revolução; a respeito disso só há presunções, algumas das quais tem certa probabilidade.

Essas consequências são:

1ª O aquecimento e o resfriamento alternativos dos polos e, por conseguinte, a fusão

A Terra girando ao derredor do Sol em um ano, à medida que ela avança, o Sol cada mês se encontra diante de uma nova constelação. Estas constelações são em número de doze, a saber: *Carneiro, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes*. São chamadas constelações zodiacais ou signos do zodíaco e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês do nascimento de um indivíduo dizia-se que ele era nascido sob tal signo; daí as previsões da astrologia. Mas, em virtude da precessão dos equinócios, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações ; aquele que nasce no mês de julho já não está no signo do Leão, mas sim no do Câncer. Cai assim a ideia supersticiosa relativa à influência dos signos (Cap. V, nº 12)

8.- Deste movimento cônico do eixo, resulta que os polos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar não será sempre Estrela Polar; que gradualmente os polos são mais ou menos inclinados para o Sol e dele recebem raios mais ou menos diretos, donde se segue que, por exemplo, a Islândia e a Lapônia — que estão sob o círculo polar — poderão em dado tempo receber raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália e que, na posição do extremo oposto, Espanha e Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim por diante, a cada renovação do período de 25 mil anos (4).

(4) O deslocamento gradual das linhas isotérmicas (fenômeno que a Ciência reconhece de modo tão positivo como o do deslocamento do mar) é um fato material que apoia esta teoria.

9.- As consequências deste movimento ainda não puderam ser determinadas com precisão, porque somente temos podido observar uma pequena parte da sua revolução; a respeito disso só há presunções, algumas das quais tem certa probabilidade.

Essas consequências são:

1ª O aquecimento e o resfriamento alternativos dos polos e, por conseguinte, a fusão

dos gelos polares durante a metade do período de 25 mil anos e a sua nova formação durante a outra metade desse período. Resultaria daí que os polos não estão destinados a uma perpétua esterilidade, mas revezariam os papéis desfrutando dos benefícios da fertilidade.

2ª O deslocamento gradual do mar que invadia pouco a pouco as terras, ao passo que descobre outras, para lhes abandonar novamente e voltar ao seu leito anterior. Esse movimento periódico e indefinidamente renovado constituiria uma verdadeira maré universal de 25 mil anos.

A lentidão com que se opera esse movimento do mar torna-o quase imperceptível para cada geração; porém é sensível ao fim de alguns séculos. Ele não pode causar nenhum cataclismo súbito porque os homens se retiram, de geração em geração, à proporção que o mar avança, e os homens avançam pelas terras donde o mar se retira. Muito provavelmente, é a essa causa que alguns sábios atribuem o afastamento do mar de certas costas e a invasão de outras por ele.

10.- O deslocamento demorado, gradual e periódico do mar é um fato adquirido pela experiência e confirmado por numerosos exemplos em todos os pontos do globo. Isso tem por efeito a manutenção das forças produtivas da Terra. Essa longa imersão é um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais esgotados por uma produção não menos longa. Os imensos depósitos de matérias orgânicas, formados pela permanência das águas durante séculos e séculos, são adubações naturais periodicamente renovadas, e as gerações se sucedem sem se aperceberem de tais mudanças (4).

(4) Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podemos citar estes:

No golfo da Gasconha, entre o velho Soulac e a Torre de Cordouan, quando o mar está calmo, percebe-se no fundo da

dos gelos polares durante a metade do período de 25 mil anos e a sua nova formação durante a outra metade desse período. Resultaria daí que os polos não estão destinados a uma perpétua esterilidade, mas revezariam os papéis desfrutando dos benefícios da fertilidade.

2ª O deslocamento gradual do mar que invadia pouco a pouco as terras, ao passo que descobre outras, para lhes abandonar novamente e voltar ao seu leito anterior. Esse movimento periódico e indefinidamente renovado constituiria uma verdadeira maré universal de 25 mil anos.

A lentidão com que se opera esse movimento do mar torna-o quase imperceptível para cada geração; porém é sensível ao fim de alguns séculos. Ele não pode causar nenhum cataclismo súbito porque os homens se retiram, de geração em geração, à proporção que o mar avança, e os homens avançam pelas terras donde o mar se retira. Muito provavelmente, é a essa causa que alguns sábios atribuem o afastamento do mar de certas costas e a invasão de outras por ele.

10.- O deslocamento demorado, gradual e periódico do mar é um fato adquirido pela experiência e confirmado por numerosos exemplos em todos os pontos do globo. Isso tem por efeito a manutenção das forças produtivas da Terra. Essa longa imersão é um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais esgotados por uma produção não menos longa. Os imensos depósitos de matérias orgânicas, formados pela permanência das águas durante séculos e séculos, são adubações naturais periodicamente renovadas, e as gerações se sucedem sem se aperceberem de tais mudanças (5).

(5) Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podemos citar estes:

No golfo da Gasconha, entre o velho Soulac e a Torre de Cordouan, quando o mar está calmo, percebe-se no fundo da

água trechos de muralha: são os restos da antiga e grande cidade de *Noviomagus*, invadida pelas ondas em 580. O rochedo de Cordouan, que se achava então ligado à margem, está agora a 12 quilômetros.

No mar da Mancha, sobre a costa do Havre, as águas dia a dia ganham terreno e minam as penedias de Sainte-Adresse, que pouco a pouco desmoronam. A dois quilômetros da costa entre Sainte-Adresse e o cabo de Hève, existe o banco d'Éclat que outrora se achava à vista e ligado à terra firme. Antigos documentos constatam que nesse lugar, por sobre o qual hoje se navega, existia a aldeia de Saint- Denis-chef-de-Caux. Tendo o mar invadido o terreno, no século XIV, a igreja foi tragada em 1378. Dizem que, com um tempo bom, vê-se os seus restos no fundo do mar.

Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido pela força de diques, que de tempos a tempos se rompem. O antigo lago de Flevo, que se reuniu ao mar em 1225, forma hoje o golfo de *Zuyderzée*. Essa irrupção do oceano trouxe vários povoados.

Segundo isto, o território de Paris e da França toda seria novamente ocupado pelo mar, como já o foi muitas vezes, conforme o demonstram as observações geológicas. Então as partes montanhosas formarão ilhas, como o são agora Jersey, Guernesey e a Inglaterra, outrora contíguas ao continente.

Navegaremos por sobre regiões que atualmente se percorrem de caminho de ferro; os navios aportarão a Montmartre, ao monte Valeriano, aos outeiros de Saint-Cloud e de Meudon; os bosques e florestas onde se passeia ficarão sepultados sob as águas, recobertos de limo e povoados de peixes em lugar de aves.

O dilúvio bíblico não pode ter tido essa causa, pois que a invasão das águas foi repentina e a sua permanência de curta duração, ao passo que, de outro modo, essa permanência teria sido de muitos milhares de anos e ainda duraria, sem que os homens percebessem.

## CATACLISMOS FUTUROS

11.- As grandes revoluções telúricas têm se produzido nas épocas em que a crosta sólida da Terra, pela sua fraca espessura, oferecia pouca resistência à efervescência das matérias incandescentes do seu interior; viu-se essas comoções diminuir de intensidade e de generalidade na medida em que aquela crosta se consolidava. Numerosos vulcões se acham agora

água trechos de muralha: são os restos da antiga e grande cidade de *Noviomagus*, invadida pelas ondas em 580. O rochedo de Cordouan, que se achava então ligado à margem, está agora a 12 quilômetros.

No mar da Mancha, sobre a costa do Havre, as águas dia a dia ganham terreno e minam as penedias de Sainte-Adresse, que pouco a pouco desmoronam. A dois quilômetros da costa entre Sainte-Adresse e o cabo de Hève, existe o banco d'Éclat que outrora se achava à vista e ligado à terra firme. Antigos documentos constatam que nesse lugar, por sobre o qual hoje se navega, existia a aldeia de Saint- Denis-chef-de-Caux. Tendo o mar invadido o terreno, no século quatorze, a igreja foi tragada em 1378. Dizem que, com um tempo bom, vê-se os seus restos no fundo do mar.

Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido pela força de diques, que de tempos a tempos se rompem. O antigo lago de Flevo, que se reuniu ao mar em 1225, forma hoje o golfo de *Zuyderzée*. Essa irrupção do oceano trouxe vários povoados.

Segundo isto, o território de Paris e da França toda seria novamente ocupado pelo mar, como já o foi muitas vezes, conforme o demonstram as observações geológicas. Então as partes montanhosas formarão ilhas, como o são agora Jersey, Guernesey e a Inglaterra, outrora contíguas ao continente.

Navegaremos por sobre regiões que atualmente se percorrem de caminho de ferro; os navios aportarão a Montmartre, ao monte Valeriano, aos outeiros de Saint-Cloud e de Meudon; os bosques e florestas onde se passeia ficarão sepultados sob as águas, recobertos de limo e povoados de peixes em lugar de aves.

O dilúvio bíblico não pode ter tido essa causa, pois que a invasão das águas foi repentina e a sua permanência de curta duração, ao passo que, de outro modo, essa permanência teria sido de muitos milhares de anos e ainda duraria, sem que os homens percebessem.

## CATACLISMOS FUTUROS

11.- As grandes revoluções telúricas têm se produzido nas épocas em que a crosta sólida da Terra, pela sua fraca espessura, oferecia pouca resistência à efervescência das matérias incandescentes do seu interior; viu-se essas comoções diminuir de intensidade e de generalidade na medida em que aquela crosta se consolidava. Numerosos vulcões se acham agora

extintos, outros foram soterrados pelos terrenos de formação posterior.

Certamente, perturbações locais ainda poderão produzir-se, por efeito de erupções vulcânicas, da eclosão de alguns novos vulcões, de inundações súbitas de algumas regiões; algumas ilhas poderão surgir do mar e outras poderão ser tragadas por ele; mas o tempo dos cataclismos gerais — como os que assinalaram os grandes períodos geológicos — já passou. A Terra, **a partir de agora**, assumiu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, coloca doravante o gênero humano ao abrigo de perturbações gerais, salvo por causas desconhecidas, estranhas ao nosso globo, e que de nada pudesse prever.

12.- Quanto aos cometas, estamos hoje perfeitamente tranquilizados com relação a sua influência — que é mais salutar do que prejudicial, por eles parecerem destinados a reabastecer os mundos, se assim podemos nos exprimir, trazendo-lhes os princípios vitais que eles armazenam durante seu percurso pelo espaço e na vizinhança dos sóis. Eles serão, portanto, mais fontes de prosperidades do que mensageiros de desgraças.

Por sua natureza fluídica, já bem comprovada hoje em dia (cap. VI, no 28 e seguintes), não é de se temer um choque violento, porque, se um deles encontrasse a Terra, esta última atravessaria o cometa, como se atravessasse um nevoeiro.

Sua cauda não é mais terrível; ela não é mais do que o reflexo da luz solar na imensa atmosfera que os envolve, porque ela é constantemente dirigida para o lado oposto ao Sol, e muda de direção de acordo com a posição deste astro. Por consequência da rapidez com que eles caminham, essa matéria gasosa também poderia ser uma espécie de cabeleira semelhante ao rastro deixada por um navio, ou à fumaça de uma locomotiva. Aliás, muitos cometas já se aproximaram da Terra

extintos, outros foram soterrados pelos terrenos de formação posterior.

Certamente, perturbações locais ainda poderão produzir-se, por efeito de erupções vulcânicas, da eclosão de alguns novos vulcões, de inundações súbitas de algumas regiões; algumas ilhas poderão surgir do mar e outras poderão ser tragadas por ele; mas o tempo dos cataclismos gerais — como os que assinalaram os grandes períodos geológicos — já passou. A Terra,

assumiu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, coloca doravante o gênero humano ao abrigo de perturbações gerais, salvo por causas desconhecidas, estranhas ao nosso globo, e que de nada pudesse prever.

12.- Quanto aos cometas, estamos hoje perfeitamente tranquilizados com relação a sua influência — que é mais salutar do que prejudicial, por eles parecerem destinados a reabastecer os mundos, se assim podemos nos exprimir, trazendo-lhes os princípios vitais que eles armazenam durante seu percurso pelo espaço e na vizinhança dos sóis. Eles serão, portanto, mais fontes de prosperidades do que mensageiros de desgraças.

Por sua natureza fluídica, já bem comprovada hoje em dia (cap. VI, no 28 e seguintes), não é de se temer um choque violento, porque, se um deles encontrasse a Terra, esta última atravessaria o cometa, como se atravessasse um nevoeiro.

Sua cauda não é mais terrível; ela não é mais do que o reflexo da luz solar na imensa atmosfera que os envolve, porque ela é constantemente dirigida para o lado oposto ao Sol, e muda de direção de acordo com a posição deste astro. Por consequência da rapidez com que eles caminham, essa matéria gasosa também poderia ser uma espécie de cabeleira semelhante ao rastro deixada por um navio, ou à fumaça de uma locomotiva. Aliás, muitos cometas já se aproximaram da Terra

sem lhe causar qualquer dano; e em razão das suas respectivas densidades, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior do que a do cometa sobre a Terra. Somente uns restos de velhos preconceitos podem inspirar preocupações com a sua presença (5).

(5) O cometa de 1861 atravessou a órbita da Terra a **vingt heures**<sup>4</sup> de distância do ponto onde estava este planeta, que teve que se achar mergulhado na atmosfera daquele cometa, sem que resultasse daí qualquer acidente.

13.- Devemos igualmente relegar entre as hipóteses fantasiosas a possibilidade do encontro da Terra com outro planeta; a regularidade e a invariabilidade das leis que presidem os movimentos dos corpos afastam toda a probabilidade desse encontro.

A Terra, no entanto, terá um fim; como? Isso **é impossível de prever**; mas, como ela ainda está longe da perfeição que pode alcançar e do envelhecimento que seria um sinal de declínio, seus habitantes atuais estão seguros de que tal não se dará ao seu tempo. (Cap. VI, nº 48 e seguintes.)

14.- Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância; entrou ela agora num período de relativa estabilidade: na do progresso pacífico, que se efetua pelo regular retorno dos mesmos fenômenos físicos e pela colaboração inteligente do homem. Porém, *ainda está em pleno trabalho de gestação do progresso moral*. Aí estará a causa das suas maiores revoluções. *Até que a humanidade tenha crescido suficientemente em perfeição pela inteligência e pela observância das leis divinas, as maiores perturbações ainda serão causadas pelos homens, mais do que pela natureza; isto é, serão mais morais e sociais do que físicas.*

sem lhe causar qualquer dano; e em razão das suas respectivas densidades, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior do que a do cometa sobre a Terra. Somente uns restos de velhos preconceitos podem inspirar preocupações com a sua presença (6).

(6) O cometa de 1861 atravessou a órbita da Terra a **vingt horas** de distância do ponto onde estava este planeta, que teve que se achar mergulhado na atmosfera daquele cometa, sem que resultasse daí qualquer acidente.

13.- Devemos igualmente relegar entre as hipóteses fantasiosas a possibilidade do encontro da Terra com outro planeta; a regularidade e a invariabilidade das leis que presidem os movimentos dos corpos afastam toda a probabilidade desse encontro.

A Terra, no entanto, terá um fim; como? Isso **está no domínio das conjecturas**; mas, como ela ainda está longe da perfeição que pode alcançar e do envelhecimento que seria um sinal de declínio, seus habitantes atuais estão seguros de que tal não se dará ao seu tempo. (Cap. VI, nº 48 e seguintes.)

14.- Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância; entrou ela agora num período de relativa estabilidade: na do progresso pacífico, que se efetua pelo regular retorno dos mesmos fenômenos físicos e pela colaboração inteligente do homem. Porém, *ainda está em pleno trabalho de gestação do progresso moral*. Aí estará a causa das suas maiores revoluções. *Até que a humanidade tenha crescido suficientemente em perfeição pela inteligência e pela observância das leis divinas, as maiores perturbações ainda serão causadas pelos homens, mais do que pela natureza; isto é, serão mais morais e sociais do que físicas.*

<sup>4</sup> **vingt heures** ⇒ **vingt-heures**

AUMENTO OU DIMINUIÇÃO  
DO VOLUME DA TERRA

15.- O volume da Terra aumenta, diminui, ou permanece estacionário?

Para sustentar que o volume da Terra aumenta, alguns se fundamentam na tese de que as plantas dão ao solo mais do que tiram dele, o que, se isso é correto num sentido, não é em outro. As plantas se nutrem tanto e até mais das substâncias gasosas que absorvem na atmosfera, quanto das que sugam pelas raízes. Ora, a atmosfera faz parte integrante do globo; os gases que a constituem vêm da decomposição dos corpos sólidos e estes, recompondo-se, retomam o que lhe haviam dado. É uma troca, ou, antes, uma perpétua transformação, de maneira que, operando-se o crescimento deles com o auxílio dos elementos constitutivos do globo, os restos dos vegetais e dos animais – por muito consideráveis que sejam – não aumentam sua massa em um só átomo. Por essa causa, se a parte sólida do globo terrestre aumentasse de modo permanente, isso se daria à custa da atmosfera, que diminuiria de outro tanto e acabaria por se tornar imprópria à vida, se não recuperasse, pela decomposição dos corpos sólidos, o que perde pela composição deles.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram das matérias sólidas momentaneamente volatilizadas, por efeito da alta temperatura, e que, condensadas mais tarde pelo resfriamento, se dilataram. Incontestavelmente, elas elevaram um pouco a superfície do solo, mas sem acrescentarem coisa alguma à massa total, pois que ali apenas havia um deslocamento de matéria. Quando expurgada dos elementos que continha em suspensão, a atmosfera se encontrou no estado normal, as coisas tomaram o curso regular em que depois seguiram. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera acarretaria obrigatoriamente a destruição dos

atuais habitantes da Terra; mas, também é provável que novas raças se formassem noutras condições.

Considerada desse ponto de vista, a massa do globo – isto é, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas – é incontestavelmente a mesma, desde a sua origem. Se o globo experimentasse uma dilatação ou uma condensação, seu volume aumentaria ou diminuiria, sem que a massa sofresse qualquer alteração. Portanto, se a Terra aumentasse de massa, o fato seria efeito de uma causa estranha, pois que ela não poderia tirar de si mesma os elementos necessários ao seu aumento.

Há uma opinião segundo a qual o globo aumentaria de massa e de volume pela enchente da matéria cósmica interplanetária. Esta ideia nada tem de irracional, mas é bastante incerta para ser admitida em princípio. Não passa de uma hipótese combatida por teorias contrárias, sobre as quais a Ciência ainda não estabeleceu nada. Sobre isso, eis aqui a opinião do eminente Espírito que ditou os sábios estudos uranográficos descritos lá atrás, no capítulo VI:

“Os mundos se esgotam pelo envelhecimento e tendem a se dissolver para servir de elementos de formação a outros universos. Pouco a pouco, restituem ao fluido cósmico universal do espaço o que tiraram dele para se formar. Além disso, todos os corpos se gastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico faz sua massa se diminuir constantemente, se bem que de quantidade imperceptível em determinado tempo. (7)

“A meu ver, a existência dos mundos pode ser dividida em três períodos. Primeiro período: condensação da matéria, período esse em que o volume do globo diminui consideravelmente, sendo que a massa se conserva a mesma. É o período da infância. Segundo período: contração,

solidificação da crosta; eclosão dos germens, desenvolvimento da vida até à aparição do tipo mais aperfeiçoado. Nesse momento, o globo está em toda a sua plenitude, é a época da fertilidade; ele perde os seus elementos constitutivos, mas muito pouco. À medida que seus habitantes progridem espiritualmente, ele passa ao período de decrescimento material; sofre perdas, não só em consequência do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como uma pedra dura que acaba reduzida a poeira quando corroída pelo tempo. Em seu duplo movimento de rotação e translação, ele entrega ao espaço parcelas fluidificadas da sua substância, até ao momento em que se completa a sua dissolução.

“Mas então, como o poder de atração está na razão direta da massa (não digo do volume), diminuída a massa do globo, modificam-se as suas condições de equilíbrio no espaço. Dominado por planetas mais poderosos, aos quais ele não pode fazer contrapeso, resultam daí desvios nos seus movimentos e, portanto, também profundas mudanças nas condições da vida em sua superfície. Assim, nascimento, vida e morte; ou infância, virilidade, decrepitude são as três fases pelas quais toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica passa. Indestrutível só é o Espírito, que não é matéria” (Galileu, Sociedade de Paris, 1868).

(7) No seu movimento de translação (volta em torno do Sol), a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Sendo de 9.000 léguas a sua circunferência, em seu movimento de rotação (volta ao redor do seu eixo), cada ponto do equador percorre 9.000 léguas em 24 horas, ou 6,3 léguas por minuto.



- Formação primária dos seres vivos
- Princípio vital - Geração espontânea
  - Escala dos seres **corpóreos** - O homem

- Formação primária dos seres vivos
- Princípio vital - Geração espontânea
  - Escala dos seres **orgânicos** - O homem<sup>1</sup>

## FORMAÇÃO PRIMÁRIA DOS SERES VIVOS

1.- Houve tempo em que não existiam animais; logo, eles tiveram começo. Viu-se cada espécie aparecer à proporção que o globo adquiria as condições necessárias à existência delas: eis o que é um fato concreto. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreendemos que, existindo um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram; mas, de onde saiu esse primeiro casal? Esse é um dos mistérios do princípio das coisas, sobre os quais nós só podemos formular hipóteses. Se a Ciência ainda não pode resolver completamente o problema, pelo menos, ela pode encaminhá-lo para a solução.

2.- Uma questão primordial que se apresenta é essa: cada espécie animal saiu de um *casal primário*, foram criados de vários casais ou, se o preferirem, brotaram simultaneamente em diversos lugares?

Esta última suposição é a mais provável, e até podemos dizer ela que resulta da observação. Com efeito, **existe numa mesma espécie uma infinita variedade de gêneros que se distinguem pelas características mais ou menos precisas. Faltava necessariamente ao menos um tipo de cada variedade, apropriada ao meio onde fosse chamada a viver, pois cada qual se reproduz de maneira semelhante**

De outro modo, a vida de um indivíduo — sobretudo de um indivíduo nascido — está sujeita a

## FORMAÇÃO PRIMÁRIA DOS SERES VIVOS

1.- Houve tempo em que não existiam animais; logo, eles tiveram começo. Viu-se cada espécie aparecer à proporção que o globo adquiria as condições necessárias à existência delas: eis o que é um fato concreto. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreendemos que, existindo um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram; mas, de onde saiu esse primeiro casal? Esse é um dos mistérios do princípio das coisas, sobre os quais nós só podemos formular hipóteses. Se a Ciência ainda não pode resolver completamente o problema, pelo menos, ela pode encaminhá-lo para a solução.

2.- Uma questão primordial que se apresenta é essa: cada espécie animal saiu de um *casal primário*, foram criados de vários casais ou, se o preferirem, brotaram simultaneamente em diversos lugares?

[item 2 - 4º parágrafo ►]

Esta última suposição é a mais provável, e até podemos dizer ela que resulta da observação. Com efeito, **o estudo das camadas geológicas atestam a presença, nos terrenos de idêntica formação, e em proporções enormes, da mesma espécie em pontos muito distantes do globo. Essa multiplicação tão generalizada e, de certo modo contemporânea, seria impossível com um único tipo primitivo.**

De outro modo, a vida de um indivíduo — sobretudo de um indivíduo nascido — está sujeita a

<sup>1</sup> O subtítulo que aparece ao longo deste capítulo foi alterado para *O homem corporal*, porém esta alteração não foi refletida no início do capítulo.

tantas eventualidades, que toda uma criação poderia ficar comprometida, sem a variedade dos tipos **primário**, o que **não teria ocorrido segundo a previsão divina**

. Aliás, se um tipo pudesse se formar em um determinado lugar, **não há razão para que ele não fosse** formado em vários lugares pela mesma causa.

[ > item 2 - 2º parágrafo]

**Enfim, a observação das camadas geológicas atesta a presença, nos terrenos de mesma formação, e em proporções enormes, da mesma espécie nos pontos mais distantes do globo. Essa multiplicação tão generalizada e de algum modo contemporânea teria sido impossível com um único tipo primário.**

Logo, tudo demonstra provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3.- A formação dos primeiros seres vivos pode ser deduzida, por comparação, pela mesma lei pela qual foram formados — e se formam todos os dias — os corpos inorgânicos. À medida que aprofundamos o estudo das leis da natureza, vemos as engrenagens — que a princípio pareciam tão complicadas — se simplificar e se confundir na grande lei de unidade que preside a toda a obra da criação. Compreendemos isso melhor quando nos dermos conta da formação dos corpos inorgânicos, que é o seu primeiro degrau.

4.- A química considera como essenciais um certo número de substâncias, tais como: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Pela sua combinação, elas formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige um auxílio especial de

tantas eventualidades, que toda uma criação poderia ficar comprometida, sem a variedade dos tipos , o que **o que implicaria numa negligência inadmissível da parte do soberano Criador**. Aliás, se um tipo pudesse se formar em um determinado lugar, **ele pode ser**

formado em vários lugares pela mesma causa.

Logo, tudo demonstra provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3.- A formação dos primeiros seres vivos pode ser deduzida, por comparação, pela mesma lei pela qual foram formados — e se formam todos os dias — os corpos inorgânicos. À medida que aprofundamos o estudo das leis da natureza, vemos as engrenagens — que a princípio pareciam tão complicadas — se simplificar e se confundir na grande lei de unidade que preside a toda a obra da criação. Compreendemos isso melhor quando nos dermos conta da formação dos corpos inorgânicos, que é o seu primeiro degrau.

4.- A química considera como essenciais um certo número de substâncias, tais como: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Pela sua combinação, elas formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige um auxílio especial de

circunstâncias: seja um determinado grau de calor, de sequeidão, ou de umidade; seja o movimento ou o repouso; seja uma corrente elétrica, etc. Se essas circunstâncias não existirem, a combinação não se dará.

5.- Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto o composto que resulta deles adquire outras, diferentes daquelas das primeiras. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio — que são gases invisíveis — sendo combinados quimicamente, formam a água — que é líquida, sólida, ou vaporosa, conforme a temperatura. A bem dizer, na água já não há oxigênio e hidrogênio, mas um corpo novo; essa água, sendo decomposta, os dois gases, tornados livres, recuperam suas propriedades e já não há mais a água. A mesma quantidade desse líquido pode ser assim alternativamente decomposta e recomposta infinitamente.

**Na simples mistura não há produção de um novo corpo, e os princípios mesclados conservam suas propriedades intrínsecas que são simplesmente enfraquecidas, como ocorre com o vinho misturado com água. Assim é que uma mistura de 21 partes de oxigênio e de 79 partes de azoto forma o ar respirável, ao passo que uma combinação química de 5 partes de oxigênio sobre 2 de azoto produz o ácido nítrico.**

6.- A composição e decomposição dos corpos ocorrem por consequência do grau de afinidade que os princípios elementares têm uns com os outros. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca do oxigênio e do hidrogênio; mas, se pusermos em contato com a água um corpo que tenha mais afinidade com o oxigênio do que a que este tem com o hidrogênio, a água se decompõe: o oxigênio é absorvido e o hidrogênio se liberta e já não haverá mais água.

circunstâncias: seja um determinado grau de calor, de sequeidão, ou de umidade; seja o movimento ou o repouso; seja uma corrente elétrica, etc. Se essas circunstâncias não existirem, a combinação não se dará.

5.- Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto o composto que resulta deles adquire outras, diferentes daquelas das primeiras. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio — que são gases invisíveis — sendo combinados quimicamente, formam a água — que é líquida, sólida, ou vaporosa, conforme a temperatura. A bem dizer, na água já não há oxigênio **nem** hidrogênio, mas um corpo novo; essa água, sendo decomposta, os dois gases, tornados livres, recuperam suas propriedades e já não há mais a água. A mesma quantidade desse líquido pode ser assim alternativamente decomposta e recomposta infinitamente.

6.- A composição e decomposição dos corpos ocorrem por consequência do grau de afinidade que os princípios elementares têm uns com os outros. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca do oxigênio e do hidrogênio; mas, se pusermos em contato com a água um corpo que tenha mais afinidade com o oxigênio do que a que este tem com o hidrogênio, a água se decompõe: o oxigênio é absorvido e o hidrogênio se liberta e já não haverá mais água.

7.- Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, quer dizer, pela combinação de uma determinada quantidade dos princípios constituintes. Assim, para formar a água, é preciso uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. **Então, mesmo que puséssemos, nas mesmas condições, uma maior proporção de um ou de outro desses dois gases, sempre teríamos aí apenas a quantidade desejada absorvida e o excedente ficaria livre.** Se, **noutras condições, houver** duas partes de oxigênio combinadas com duas de hidrogênio, em vez de água, obteremos aí o dióxido de hidrogênio — um líquido corrosivo, embora formado dos mesmos elementos que a água, porém numa outra proporção.

8.- Em poucas palavras, esta é a lei que preside a formação de todos os corpos da natureza. A infinita variedade desses corpos resulta de um número pequeno de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigênio, combinado em certas proporções, com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo (ambos inofensivos) dão origem aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade, o zarcão (que são venenosos). O oxigênio com os metais chamados cálcio, sódio e potássio, forma a cal, a soda e a potassa. A cal unida ao ácido carbônico forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, a greda, a pedra de construção e as estalactites das grutas; unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso e o alabastro; ao ácido fosfórico: o fosfato de cal, base sólida dos ossos; o hidrogênio e o **cloro** formam o ácido **hidroclórico; o ácido hidroclórico**

7.- Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, quer dizer, pela combinação de uma determinada quantidade dos princípios constituintes. Assim, para formar a água, é preciso uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio.

Se,

duas partes de oxigênio **são** combinadas com duas de hidrogênio, em vez de água, obteremos aí o dióxido de hidrogênio — um líquido corrosivo, embora formado dos mesmos elementos que a água, porém numa outra proporção.

8.- Em poucas palavras, esta é a lei que preside a formação de todos os corpos da natureza. A infinita variedade desses corpos resulta de um número pequeno de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigênio, combinado em certas proporções, com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo (ambos inofensivos) dão origem aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade, o zarcão (que são venenosos). O oxigênio com os metais chamados cálcio, sódio e potássio, forma a cal, a soda e a potassa. A cal unida ao ácido carbônico forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, a greda, a pedra de construção e as estalactites das grutas; unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso e o alabastro; ao ácido fosfórico: o fosfato de cal, base sólida dos ossos; **o cloro** e o hidrogênio formam o ácido **clorídrico ou hidroclórico; o cloro**

e o **sódio**<sup>2</sup> formam o **hidroclorato de sódio** ou sal marinho.

9.- Todas essas combinações e milhares de outras são obtidas artificialmente em pequena escala nos laboratórios de química, mas se operam em larga escala no grande laboratório da natureza.

A Terra, **em seu princípio**, não continha essas matérias em combinação, mas apenas seus princípios constitutivos volatilizados. Quando as terras calcárias e outras — que se tornaram pedrosas com o tempo — foram depositadas na sua superfície, elas não existiam inteiramente formadas; porém, encontravam-se no ar, em estado gasoso, todas as substâncias básicas; essas substâncias — precipitadas por efeito do resfriamento e sob a força de circunstâncias favoráveis — se combinavam segundo o grau de suas afinidades moleculares; foi então que se formaram as diversas variedades de carbonatos, de sulfatos, etc., a princípio em dissolução nas águas, depois depositadas na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao estado primitivo de incandescência, tudo isso se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são voláteis se evaporariam. Depois, um segundo resfriamento levaria a uma nova precipitação, e as antigas combinações se formariam novamente.

10.- Estas considerações provam o quanto a química era necessária para a inteligência da Gênese. Antes do conhecimento das leis de afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. Esta ciência esclareceu a questão de uma maneira inteiramente nova, como a astronomia e a geologia têm feito de outros pontos de vista.

e o **sódio** formam o **clorato de sódio** ou sal marinho.

9.- Todas essas combinações e milhares de outras são obtidas artificialmente em pequena escala nos laboratórios de química, mas se operam em larga escala no grande laboratório da natureza.

A Terra, **em sua origem**, não continha essas matérias em combinação, mas apenas seus princípios constitutivos volatilizados. Quando as terras calcárias e outras — que se tornaram pedrosas com o tempo — foram depositadas na sua superfície, elas não existiam inteiramente formadas; porém, encontravam-se no ar, em estado gasoso, todas as substâncias básicas; essas substâncias — precipitadas por efeito do resfriamento e sob a força de circunstâncias favoráveis — se combinavam segundo o grau de suas afinidades moleculares; foi então que se formaram as diversas variedades de carbonatos, de sulfatos, etc., a princípio em dissolução nas águas, depois depositadas na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao estado primitivo de incandescência, tudo isso se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são voláteis se evaporariam. Depois, um segundo resfriamento levaria a uma nova precipitação, e as antigas combinações se formariam novamente.

10.- Estas considerações provam o quanto a química era necessária para a inteligência da Gênese. Antes do conhecimento das leis de afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. Esta ciência esclareceu a questão de uma maneira inteiramente nova, como a astronomia e a geologia têm feito de outros pontos de vista.

<sup>2</sup> la soude ⇒ le sodium

11.- Na formação dos corpos sólidos, um dos fenômenos mais notáveis é o da cristalização, que consiste na forma regular que certas substâncias assumem na sua passagem do estado líquido ou gasoso ao estado sólido. Essa forma — que varia de acordo com a natureza da substância — é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Todo o mundo conhece os cristais de açúcar cãndi; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces terminadas em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro ou carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor d'água

, sob a forma de agulhas prismáticas.

A composição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo. Essas partículas, infinitamente pequenas para nós, mas que não deixam por isso de ocupar certo espaço, solicitadas umas para as outras pela atração molecular, se arrumam e se justapõem conforme a exigência de suas formas, de maneira que cada uma toma o seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e a formar um conjunto simétrico.

A cristalização não se opera senão em certas circunstâncias favoráveis, sem as quais ela não pode ocorrer; o grau da temperatura e o repouso são condições essenciais. Compreendemos que um calor muito forte, mantendo as moléculas afastadas, não lhes permitiria de se condensar, e que a agitação, impossibilitando-lhes um arranjo simétrico, só lhes permitiria formar uma massa confusa e irregular, e por isso o fato de não haver cristalização propriamente dita.

12.- A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos. A análise química mostra todas as substâncias vegetais e animais compostas dos

11.- Na formação dos corpos sólidos, um dos fenômenos mais notáveis é o da cristalização, que consiste na forma regular que certas substâncias assumem na sua passagem do estado líquido ou gasoso ao estado sólido. Essa forma — que varia de acordo com a natureza da substância — é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Todo o mundo conhece os cristais de açúcar cãndi; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces terminadas em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro ou carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor d'água **durante o congelamento**, sob a forma de agulhas prismáticas.

A composição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo. Essas partículas, infinitamente pequenas para nós, mas que não deixam por isso de ocupar certo espaço, solicitadas umas para as outras pela atração molecular, se arrumam e se justapõem conforme a exigência de suas formas, de maneira que cada uma toma o seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e a formar um conjunto simétrico.

A cristalização não se opera senão em certas circunstâncias favoráveis, sem as quais ela não pode ocorrer; o grau da temperatura e o repouso são condições essenciais. Compreendemos que um calor muito forte, mantendo as moléculas afastadas, não lhes permitiria de se condensar, e que a agitação, impossibilitando-lhes um arranjo simétrico, só lhes permitiria formar uma massa confusa e irregular, e por isso o fato de não haver cristalização propriamente dita.

12.- A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos. A análise química mostra todas as substâncias vegetais e animais compostas dos

## CAPÍTULO X - Gênese Orgânica

**1ª Edição (1868)**

**5ª Edição (1869/72)**

mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, os que desempenham papel principal são: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; os outros só se acham apenas eventualmente. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação dos referidos elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que não se encontre também no reino mineral (1).

(1) O quadro a seguir, da análise de algumas substâncias, mostra a diferença de propriedades que resulta somente da diferença na proporção dos elementos constituintes. Sobre 100 partes:

	Carbone.	Hydrogène.	Oxygène.	Azote.
Açúcar de cana ..	42.470	6.900	50.630	»
Açúcar de uva ...	36.710	6.780	56.510	»
Álcool.....	51.980	13.700	34.320	»
Azeite de Oliva .	77.210	13.360	9.430	»
Óleo de Nozes ...	79.774	10.570	9.122	0.534
Gordura .....	78.996	11.700	9.304	»
Fibrina .....	53.360	7.021	19.685	19.934

13.- Alguns exemplos comuns nos farão compreendermos as transformações que se operam no reino orgânico apenas pela modificação dos elementos constitutivos.

No suco da uva não há vinho e nem álcool, mas apenas água e açúcar. Quando o suco chega à maturidade e se encontra em as condições propícias, produz-se nele um trabalho íntimo a que se dá o nome de fermentação. Nesse trabalho, uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e combinam nas proporções desejadas para produzir o álcool, de sorte que bebendo suco de uva, não se bebe realmente álcool, pois que este ainda não existe.

mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, os que desempenham papel principal são: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; os outros só se acham apenas eventualmente. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação dos referidos elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que não se encontre também no reino mineral (1).

(1) O quadro a seguir, da análise de algumas substâncias, mostra a diferença de propriedades que resulta somente da diferença na proporção dos elementos constituintes. Sobre 100 partes:

	Carbone.	Hydrogène.	Oxygène.	Azote.
Açúcar de cana ..	42.470	6.900	50.630	»
Açúcar de uva ...	36.710	6.780	56.510	»
Álcool.....	51.980	13.700	34.320	»
Azeite de Oliva .	77.210	13.360	9.430	»
Óleo de Nozes ...	79.774	10.570	9.122	0.534
Gordura .....	78.996	11.700	9.304	»
Fibrina .....	53.360	7.021	19.685	19.934

13.- Alguns exemplos comuns nos farão compreendermos as transformações que se operam no reino orgânico apenas pela modificação dos elementos constitutivos.

No suco da uva não há vinho e nem álcool, mas apenas água e açúcar. Quando o suco chega à maturidade e se encontra em as condições propícias, produz-se nele um trabalho íntimo a que se dá o nome de fermentação. Nesse trabalho, uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e combinam nas proporções desejadas para produzir o álcool, de sorte que bebendo suco de uva, não se bebe realmente álcool, pois que este ainda não existe.

**Ele se forma das partes constituintes da água e do**

No pão e nos legumes que comemos certamente não há carne, nem sangue, nem osso, nem bÍlis, nem matéria cerebral; entretanto, esses mesmos alimentos, decompondo-se e recompondo-se pelo trabalho da digestão, vão produzir aquelas diferentes substâncias apenas pela transmutação de seus elementos constitutivos.

Na semente de uma árvore tampouco há madeiras, folhas, flores ou frutos e seria erro infantil crermos que a árvore inteira se encontre em forma microscópica nessa semente; quase não há nela sequer oxigênio, hidrogênio e carbono em quantidade necessária para formar uma folha da árvore. A semente contém um gérmen que desabrocha quando ela se acha nas condições favoráveis; esse gérmen se desenvolve pelos sucos que extrai da terra e dos gases que aspira do ar; tais sucos, que não são nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltrando-se na planta formando a seiva, assim como nos animais, os alimentos formam o sangue. Essa seiva levada pela circulação a todas as partes do vegetal, conforme o órgão a que vai ter e onde sofre uma elaboração especial, transforma-se em lenho, folhas e frutos, como o sangue se transforma em carne, osso, bÍlis, etc. Contudo, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14.- As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais só podem então se produzir nos meios e em circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão numa espécie de inércia. Mas, desde que as circunstâncias sejam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximando-se e se separam em virtude da lei de afinidades e, por

açúcar, sem que haja, em quantidade, uma molécula a mais ou a menos.

No pão e nos legumes que comemos certamente não há carne, nem sangue, nem osso, nem bÍlis, nem matéria cerebral; entretanto, esses mesmos alimentos, decompondo-se e recompondo-se pelo trabalho da digestão, vão produzir aquelas diferentes substâncias apenas pela transmutação de seus elementos constitutivos.

Na semente de uma árvore tampouco há madeiras, folhas, flores ou frutos e seria erro infantil crermos que a árvore inteira se encontre em forma microscópica nessa semente; quase não há nela sequer oxigênio, hidrogênio e carbono em quantidade necessária para formar uma folha da árvore. A semente contém um gérmen que desabrocha quando ela se acha nas condições favoráveis; esse gérmen se desenvolve pelos sucos que extrai da terra e dos gases que aspira do ar; tais sucos, que não são nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltrando-se na planta formando a seiva, assim como nos animais, os alimentos formam o sangue. Essa seiva levada pela circulação a todas as partes do vegetal, conforme o órgão a que vai ter e onde sofre uma elaboração especial, transforma-se em lenho, folhas e frutos, como o sangue se transforma em carne, osso, bÍlis, etc. Contudo, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14.- As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais só podem então se produzir nos meios e em circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão numa espécie de inércia. Mas, desde que as circunstâncias sejam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximando-se e se separam em virtude da lei de afinidades e, por



suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade das substâncias. Desapareçam essas condições e o trabalho subitamente cessa, para recomeçar quando elas novamente se apresentarem. É assim que a vegetação se ativa, enfraquece, para e prossegue, sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; que esta planta prospera, num clima ou num terreno, e se murcha ou morre noutros.

15.- O que ocorre diariamente às nossas vistas pode nos colocar na pista do que se passou na origem dos tempos, pois as leis da natureza são **sempre as mesmas**.

Visto que os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos são os mesmos e que, sob a força de certas circunstâncias, nós os vejamos incessantemente formar as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir daí que os corpos dos primeiros seres vivos são formados como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da **vitabilidade** do globo foram propícias a esta ou àquela espécie.

A semelhança de forma e de cores na reprodução dos indivíduos de cada espécie pode ser comparada à semelhança de forma de cada espécie de cristal. Justapondo-se, sob a força da mesma lei, as moléculas produzem um conjunto análogo.

#### PRINCÍPIO VITAL

16.- Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios que formam os minerais, é preciso entendê-lo no sentido exclusivamente material, a questão aqui é apenas do corpo.

Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, há na matéria orgânica um

suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade das substâncias. Desapareçam essas condições e o trabalho subitamente cessa, para recomeçar quando elas novamente se apresentarem. É assim que a vegetação se ativa, enfraquece, para e prossegue, sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; que esta planta prospera, num clima ou num terreno, e se murcha ou morre noutros.

15.- O que ocorre diariamente às nossas vistas pode nos colocar na pista do que se passou na origem dos tempos, pois as leis da natureza são **invariáveis**.

Visto que os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos são os mesmos e que, sob a força de certas circunstâncias, nós os vejamos incessantemente formar as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir daí que os corpos dos primeiros seres vivos são formados como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da **vitalidade** do globo foram propícias a esta ou àquela espécie.

A semelhança de forma e de cores na reprodução dos indivíduos de cada espécie pode ser comparada à semelhança de forma de cada espécie de cristal. Justapondo-se, sob a força da mesma lei, as moléculas produzem um conjunto análogo.

#### PRINCÍPIO VITAL

16.- Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios que formam os minerais, é preciso entendê-lo no sentido exclusivamente material, a questão aqui é apenas do corpo.

Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, há na matéria orgânica um

princípio especial invisível e que ainda não pode ser definido: é o *princípio vital*. Esse princípio, que é ativo no ser vivente, está *extinto* no ser morto, mas não lhe proporciona menos à substância das propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A química — que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos — pôde decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir sequer uma folha morta, prova evidente de que há nestes alguma coisa que não existe nos outros.

17.- O princípio vital é alguma coisa distinta, que tenha existência própria? Ou, para retornar no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal que se torna princípio de vida, como ele se torna luz, fogo, calor e eletricidade? É neste último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações anteriormente reportadas. (ver cap. VI, *Uranografia geral*).

No entanto, seja qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, ele existe, pois vemos seus efeitos são visíveis. Portanto, podemos logicamente admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital — que é necessário à destinação deles; ou, se preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo pelo efeito mesmo da combinação dos elementos, assim como, pela força de certas circunstâncias, vemos se desenvolver o calor, a luz e a eletricidade.

18.- Combinando entre si o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, sem o princípio vital, só teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; ao modificar a constituição molecular desse corpo, o princípio vital dá a eles propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

princípio especial invisível e que ainda não pode ser definido: é o *princípio vital*. Esse princípio, que é ativo no ser vivente, está *extinto* no ser morto, mas não lhe proporciona menos à substância das propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A química — que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos — pôde decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir sequer uma folha morta, prova evidente de que há nestes alguma coisa que não existe nos outros.

17.- O princípio vital é alguma coisa distinta, que tenha existência própria? Ou, para retornar no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal que se torna princípio de vida, como ele se torna luz, fogo, calor e eletricidade? É neste último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações anteriormente reportadas. (ver cap. VI, *Uranografia geral*).

No entanto, seja qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, ele existe, pois vemos seus efeitos são visíveis. Portanto, podemos logicamente admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital — que é necessário à destinação deles; ou, se preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo pelo efeito mesmo da combinação dos elementos, assim como, pela força de certas circunstâncias, vemos se desenvolver o calor, a luz e a eletricidade.

18.- Combinando entre si o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, sem o princípio vital, só teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; ao modificar a constituição molecular desse corpo, o princípio vital dá a eles propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor o é pelo movimento de rotação de uma roda; cessada aquela ação por motivo da morte, o princípio vital *se extingue*, como o calor acaba quando a roda deixa de girar. Mas, o *efeito* produzido pelo princípio vital sobre o estado molecular do corpo sobrevive após a extinção desse princípio, como a carbonização da madeira sobrevive à extinção do calor **e a suspensão do movimento da roda**. Na análise dos corpos orgânicos, a química encontra exatamente os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, mas, não pode reconstituí-los, porque já não existindo mais a causa, ela não pode reproduzir o *efeito*, embora possa reconstituir uma pedra.

19.- Tomamos por comparação o calor desenvolvido pelo movimento de uma roda porque é um efeito comum, conhecido por todo mundo e mais fácil de ser compreendido; no entanto, teria sido mais exato dizer que, na combinação dos elementos para formar os corpos orgânicos, ele desenvolve *eletricidade*. Então, os corpos orgânicos seriam como verdadeiras *pilhas elétricas* que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas estejam nas condições precisas para produzir eletricidade: isso é a vida; que deixam de funcionar quando essas condições desaparecem: isso é a morte. De acordo com isso, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade denominada *eletricidade animal*, gasta durante a vida pela ação dos órgãos e cuja produção se acaba com a morte, pelo término dessa ação.

A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor o é pelo movimento de rotação de uma roda; cessada aquela ação por motivo da morte, o princípio vital *se extingue*, como o calor acaba quando a roda deixa de girar. Mas, o *efeito* produzido pelo princípio vital sobre o estado molecular do corpo sobrevive após a extinção desse princípio, como a carbonização da madeira sobrevive à extinção do calor . Na análise dos corpos orgânicos, a química encontra exatamente os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, mas, não pode reconstituí-los, porque já não existindo mais a causa, ela não pode reproduzir o *efeito*, embora possa reconstituir uma pedra.

19.- Tomamos por comparação o calor desenvolvido pelo movimento de uma roda porque é um efeito comum, conhecido por todo mundo e mais fácil de ser compreendido; no entanto, teria sido mais exato dizer que, na combinação dos elementos para formar os corpos orgânicos, ele desenvolve *eletricidade*. Então, os corpos orgânicos seriam como verdadeiras *pilhas elétricas* que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas estejam nas condições precisas para produzir eletricidade: isso é a vida; que deixam de funcionar quando essas condições desaparecem: isso é a morte. De acordo com isso, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade denominada *eletricidade animal*, gasta durante a vida pela ação dos órgãos e cuja produção se acaba com a morte, pelo término dessa ação.

## GERAÇÃO ESPONTÂNEA

20.- É natural que se pergunte por que não se formam mais seres vivos nas mesmas condições que os primeiros que surgiram na Terra.

A questão da geração espontânea — que hoje preocupa a Ciência, embora ainda resolvida de diversas maneiras — não pode deixar de esclarecer esse assunto. O problema proposto é este: nos tempos atuais, seres orgânicos são formados pela simples reunião dos elementos que os compõem, sem germens previamente produzidos pela geração comum, ou seja, sem pais e nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente se apoiando nas observações diretas que parecem conclusivas. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros se apoiando sobre esse fato, constatado pela experiência, de que os germens de certas espécies vegetais e animais, estando dispersos, podem conservar uma **vitabilidade** latente durante um considerável tempo, até que as circunstâncias sejam favoráveis à sua eclosão. Esta opinião deixa sempre em aberto a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21.- Sem discutir os dois sistemas, convém acentuar que o princípio da geração espontânea evidentemente não pode ser aplicado senão aos seres das ordens mais inferiores do reino vegetal e do reino animal, àqueles em os quais a vida começa a despontar e cujo organismo extremamente simples é de certo modo rudimentar. Esses foram efetivamente os primeiros que apareceram na Terra e cuja formação teve de ser espontânea. Assistiríamos assim a uma criação permanente, igual à que se produziu nas primeiras eras do mundo.

## GERAÇÃO ESPONTÂNEA

20.- É natural que se pergunte por que não se formam mais seres vivos nas mesmas condições que os primeiros que surgiram na Terra.

A questão da geração espontânea — que hoje preocupa a Ciência, embora ainda resolvida de diversas maneiras — não pode deixar de esclarecer esse assunto. O problema proposto é este: nos tempos atuais, seres orgânicos são formados pela simples reunião dos elementos que os compõem, sem germens previamente produzidos pela geração comum, ou seja, sem pais e nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente se apoiando nas observações diretas que parecem conclusivas. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros se apoiando sobre esse fato, constatado pela experiência, de que os germens de certas espécies vegetais e animais, estando dispersos, podem conservar uma **vitalidade** latente durante um considerável tempo, até que as circunstâncias sejam favoráveis à sua eclosão. Esta opinião deixa sempre em aberto a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21.- Sem discutir os dois sistemas, convém acentuar que o princípio da geração espontânea evidentemente não pode ser aplicado senão aos seres das ordens mais inferiores do reino vegetal e do reino animal, àqueles em os quais a vida começa a despontar e cujo organismo extremamente simples é de certo modo rudimentar. Esses foram efetivamente os primeiros que apareceram na Terra e cuja formação teve de ser espontânea. Assistiríamos assim a uma criação permanente, igual à que se produziu nas primeiras eras do mundo.

22.- Mas então, por que os seres de organização complexa não se formam da mesma maneira? É um fato concreto que esses seres nem sempre existiram; portanto, eles tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem se produzir espontaneamente, por que não se dá o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

As investigações param aí, por enquanto; o fio condutor se perde, e, até que ele seja encontrado, o campo fica aberto às hipóteses; então seria imprudente e prematuro apresentar sistemas **como** verdades absolutas.

23.- Se a geração espontânea é fato demonstrado, por mais limitado que seja, não deixa de ser um fato menos importante, um marco que pode indicar o caminho para novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Quando vê-se o carvalho **e a** glândea, quem pode afirmar que não exista um laço misterioso entre o pólipo e o elefante?

**Deixemos ao tempo o cuidado de levar a luz ao fundo desse abismo, se um dia ele puder ser sondado. Esses conhecimentos são interessantes, sem dúvida, do ponto de vista da ciência pura, mas eles não são aqueles que influenciam o destino do homem. (1)**

#### ESCALA DOS SERES CORPÓREOS

24.- Entre o reino vegetal e o reino animal não há nenhuma delimitação nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os

22.- Mas então, por que os seres de organização complexa não se formam da mesma maneira? É um fato concreto que esses seres nem sempre existiram; portanto, eles tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem se produzir espontaneamente, por que não se dá o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

As investigações param aí, por enquanto; o fio condutor se perde, e, até que ele seja encontrado, o campo fica aberto às hipóteses; então seria imprudente e prematuro apresentar sistemas **por** verdades absolutas.

23.- Se a geração espontânea é fato demonstrado, por mais limitado que seja, não deixa de ser um fato menos importante, um marco que pode indicar o caminho para novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Quando vê-se o carvalho **sair da** glândea, quem pode afirmar que não exista um laço misterioso entre o pólipo e o elefante? **(Nº 25)**

**No estado atual de nossos conhecimentos, nós só podemos propor a teoria da geração espontânea *permanente* como uma hipótese, mais como uma hipótese provável, e que, talvez um dia, assuma a posição entre as verdades científicas reconhecidas. (1)**

**(1) *Revista espírita*, julho de 1868, pág. 201: – Desenvolvimento da teoria da geração espontânea || .**

#### ESCALA DOS SERES CORPÓREOS

24.- Entre o reino vegetal e o reino animal não há nenhuma delimitação nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os

*zoófitos* ou *animais-plantas*, cujo nome indica que eles participam de um e outro: é o traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como os animais, elas precisam de luz, de calor e de água; se forem privados disso, enfraquecem-se e morrem; a absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Sua característica distintiva mais acentuada é a de estar mais ligado ao solo e dele tirar a sua subsistência sem deslocamento.

O zoófito tem a aparência exterior da planta; como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele é mais acentuada; ele tira a sua alimentação do meio ambiente.

Um degrau acima, o animal é livre e vai procurar o seu alimento; a princípio, são as inúmeras variedades de pólipos, em corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, e que não diferem das plantas senão pela locomoção; depois vêm, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos, sem ossos, alguns deles são nus como as lesmas, poupas ou polvos, outros providos de conchas como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura como os caranguejos, as lagostas; os insetos, aos quais a vida assume espantosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem uma metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem em seguida a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, que abrange os peixes, os répteis, os pássaros; por fim, seguem-se os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

*zoófitos* ou *animais-plantas*, cujo nome indica que eles participam de um e outro: é o traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como os animais, elas precisam de luz, de calor e de água; se forem privados disso, enfraquecem-se e morrem; a absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Sua característica distintiva mais acentuada é a de estar mais ligado ao solo e dele tirar a sua subsistência sem deslocamento.

O zoófito tem a aparência exterior da planta; como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele é mais acentuada; ele tira a sua alimentação do meio ambiente.

Um degrau acima, o animal é livre e vai procurar o seu alimento; a princípio, são as inúmeras variedades de pólipos, em corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, e que não diferem das plantas senão pela locomoção; depois vêm, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos, sem ossos, alguns deles são nus como as lesmas, poupas ou polvos, outros providos de conchas como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura como os caranguejos, as lagostas; os insetos, aos quais a vida assume espantosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem uma metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem em seguida a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, que abrange os peixes, os répteis, os pássaros; por fim, seguem-se os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

**25.- Se considerarmos apenas os dois pontos extremos da cadeia, nenhuma semelhança aparente haverá; mas, se passarmos de um anel a outro sem solução de continuidade, chegaremos,**

sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados. Compreendemos então a possibilidade de que os animais de organização complexa não sejam mais do que uma transformação, ou se quiserem, um desenvolvimento gradual e a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim sucessivamente, até ao ser elementar primitivo. Entre a glande e o carvalho é grande a diferença; entretanto, se acompanharmos passo a passo o desenvolvimento da glande, chegaremos ao carvalho e já não nos admiraremos de que este proceda de tão pequena semente. Ora, se a glande traz em estado latente os elementos próprios à formação de uma árvore gigantesca, por que não se daria o mesmo do oução ao elefante? (ver Nº 23)

De acordo com o que fica dito, percebemos que só existe geração espontânea para os seres orgânicos básicos; as espécies superiores seriam produto das transformações sucessivas desses mesmos seres, realizadas à proporção que as condições atmosféricas se lhes foram tornando propícias. Cada espécie adquirindo a capacidade de se reproduzir, os cruzamentos acarretaram inúmeras variedades. Depois, uma vez instalada em condições favoráveis, quem nos diz que os germens primitivos donde ela surgiu não desapareceram para sempre, por serem inúteis? Quem nos diz que, de transformação em transformação, o nosso oução atual seja idêntico ao que produziu o elefante? Explicaríamos assim porque não há geração espontânea entre os animais de organização complexa.

Mesmo sem ainda estar admitida de maneira definitiva, esta teoria é a que tende evidentemente a predominar hoje na Ciência. Os observadores sérios a aceitam como a mais racional.

## O HOMEM

25.- Do ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos — dos quais ele se diferencia unicamente por alguns detalhes na forma exterior; quanto ao mais, tem a mesma composição química de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção e de reprodução; ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo **a mais e nem a menos que**

no corpo dos animais; como estes, ao morrer, ele restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que estavam combinados para formá-lo, e, por novas combinações, eles vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande, que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio.

26.- Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Imediatamente abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocko<sup>119</sup>, têm certas semelhanças com o homem, a tal ponto que por muito tempo foram denominados *homens das florestas*; como o homem, eles caminham eretos, usam cajados e levam os alimentos à sua boca com a mão: sinais característicos.

27.- Por pouco que se observe a escala dos seres vivos do ponto de vista do organismo, reconhecemos que, desde o líquen até a árvore, e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia elevando-se gradativamente sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de

## O HOMEM CORPORAL

26.- Do ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos — dos quais ele se diferencia unicamente por alguns detalhes na forma exterior; quanto ao mais, tem a mesma composição química de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção e de reprodução; ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo **diferente daqueles que se encontram** no corpo dos animais; como estes, ao morrer, ele restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que estavam combinados para formá-lo, e, por novas combinações, eles vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande, que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio.

27.- Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Imediatamente abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocko<sup>119</sup>, têm certas semelhanças com o homem, a tal ponto que por muito tempo foram denominados *homens das florestas*; como o homem, eles caminham eretos, usam cajados, **constróem suas cabanas** e levam os alimentos à sua boca com a mão: sinais característicos.

28.- Por pouco que se observe a escala dos seres vivos do ponto de vista do organismo, reconhecemos que, desde o líquen até a árvore, e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia elevando-se gradativamente sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de



contato com o anel precedente; acompanhando passo a passo a série dos seres, *diríamos que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior*. Visto que as condições do corpo do homem são de condições idênticas às dos outros corpos, química e constitucionalmente, que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, ele há de ter sido formado nas mesmas condições.

28.- Ainda que isso possa custar ao seu orgulho, o homem deve se resignar a não ver no *seu corpo material* mais do que o último anel da animalidade *sobre a Terra*. Aí está o inviolável argumento dos fatos, contra o qual será inútil protestar.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, quanto mais o princípio espiritual cresce de importância; se o primeiro o iguala ao bruto, o segundo o eleva a uma indescritível altura. Nós vemos o círculo onde o animal se limita, mas não vemos o limite a que o Espírito do homem pode alcançar.

29.- Por aí, o materialismo pode ver que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da ciência e seu positivismo, vai ao seu encontro e os provoca, por ele estar certo de que o princípio espiritual — *que tem sua existência própria* — em nada pode sofrer com elas.

contato com o anel precedente; acompanhando passo a passo a série dos seres, *diríamos que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior*. Visto que as condições do corpo do homem são de condições idênticas às dos outros corpos, química e constitucionalmente, que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, ele há de ter sido formado nas mesmas condições.

29.- Ainda que isso possa custar ao seu orgulho, o homem deve se resignar a não ver no *seu corpo material* mais do que o último anel da animalidade *sobre a Terra*. Aí está o inviolável argumento dos fatos, contra o qual será inútil protestar.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, quanto mais o princípio espiritual cresce de importância; se o primeiro o iguala ao bruto, o segundo o eleva a uma indescritível altura. Nós vemos o círculo onde o animal se limita, mas não vemos o limite a que o Espírito do homem pode alcançar.

30.- Por aí, o materialismo pode ver que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da ciência e seu positivismo, vai ao seu encontro e os provoca, por ele estar certo de que o princípio espiritual — *que tem sua existência própria* — em nada pode sofrer com elas.

O Espiritismo marcha ao lado do materialismo, no campo da matéria; admite tudo o que o segundo admite; mas, avança para além do ponto onde este último para. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo de um mesmo ponto; chegados a certa distância, um diz: “Não posso ir mais longe”. O outro prossegue e descobre um novo mundo. Por que então o primeiro há de dizer que o segundo é louco, somente porque ao penetrar novos horizontes se decide a transpor os limites

onde ao outro convém se deter? Também Cristóvão Colombo não foi tachado de louco, porque acreditava na existência de um mundo, além lá do oceano? Quantos a História não conta desses loucos sublimes, que têm feito que a Humanidade avançasse – os mesmos a quem hoje coroam, depois de lhes terem atirado lama?

Pois bem! O Espiritismo – a loucura do século dezenove, segundo os que se teimam em permanecer na margem terrena – nos evidencia todo um mundo, mundo bem mais importante para o homem, do que a América, porque nem todos os homens vão à América, ao passo que todos, sem exceção de nenhum, vão ao dos Espíritos, fazendo incessantes travessias de um para o outro. Alcançado o ponto em que nos achamos com relação à Gênese, o materialismo se detém, enquanto o Espiritismo prossegue em suas pesquisas no domínio da Gênese espiritual.

#### Princípio espiritual

- União do princípio espiritual e da matéria
- Hipótese sobre a origem dos corpos humanos
  - Encarnação dos espíritos - **Reencarnação**<sup>1</sup>
  - Emigrações e imigrações dos Espíritos
- Raça adâmica - Doutrina dos anjos decaídos

#### Princípio espiritual

- União do princípio espiritual e da matéria
- Hipótese sobre a origem dos corpos humanos
  - Encarnação dos espíritos - **Reencarnações**
  - Emigrações e imigrações dos Espíritos
- Raça adâmica - Doutrina dos anjos decaídos

#### PRINCÍPIO ESPIRITUAL

1.- A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não necessita mais de demonstração do que o princípio material; de certa forma, é uma verdade incontestável; ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria se afirma pelos que lhe são próprios.

Segundo o lema: “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito **intelectual** deve ter uma causa inteligente”, não há ninguém que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento, e o movimento desse mesmo sino destinado a dar um sinal, um aviso, atestando por isso mesmo um pensamento, uma intenção. Ora, não podendo vir a ninguém a ideia de atribuir o pensamento à matéria do sino, temos de concluir que ele é movido por uma inteligência à qual o sino serve de instrumento para essa inteligência se manifestar. Pela mesma razão, ninguém terá a ideia de atribuir pensamentos ao corpo de um homem morto. Se o homem vivente pensa, é então que há nele alguma coisa que não existe quando ele está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência que faz o sino se mover está fora dele, enquanto o que faz o homem agir está nele mesmo.

#### PRINCÍPIO ESPIRITUAL

1.- A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não necessita mais de demonstração do que o princípio material; de certa forma, é uma verdade incontestável; ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria se afirma pelos que lhe são próprios.

Segundo o princípio: “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito **inteligente** deve ter uma causa inteligente”, não há ninguém que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento, e o movimento desse mesmo sino destinado a dar um sinal, um aviso, atestando por isso mesmo um pensamento, uma intenção. Ora, não podendo vir a ninguém a ideia de atribuir o pensamento à matéria do sino, temos de concluir que ele é movido por uma inteligência à qual o sino serve de instrumento para essa inteligência se manifestar. Pela mesma razão, ninguém terá a ideia de atribuir pensamentos ao corpo de um homem morto. Se o homem vivente pensa, é então que há nele alguma coisa que não existe quando ele está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência que faz o sino se mover está fora dele, enquanto o que faz o homem agir está nele mesmo.

<sup>1</sup> Correção: Na primeira edição, a palavra reincarnation aparece no singular no início do capítulo, mas no subtítulo (antes do item 32) a palavra está no plural: reincarnations. Foi corrigido na quinta edição, com a padronização para o plural.

2.- O princípio espiritual é a coroação da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, pois não poderíamos conceber a soberana inteligência **não** reinando durante a eternidade **senão** unicamente sobre a matéria bruta, como um monarca terrestre reinando durante toda a sua vida sobre pedras. Como não podemos admitir Deus sem os atributos essenciais da **divindade**: a justiça e a bondade, essas qualidades seriam inúteis se ele só tivesse que exercê-las sobre a matéria.

3.- Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom criando seres inteligentes e sensíveis para lançá-los ao nada após alguns dias de sofrimento sem compensações, entretendo sua vida dessa sucessão indefinita de seres que nascem sem tê-lo pedido, pensando por um instante apenas para conhecerem a dor, e se acabarem para sempre, ao fim de uma curta existência.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam uma crueldade sem objetivo da parte de Deus. Eis por que **também** o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; negando a causa, **não se pode** admitir o efeito; negando o efeito, **não se pode** admitir a causa. O materialismo é, então, conseqüente de si mesmo, embora não o seja com a razão.

4.- A ideia da perpetuidade do ser espiritual é natural no homem; ela está dentro dele em estado de intuição e de aspiração; ele compreende que somente aí está a compensação pelas misérias da vida: essa a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas e mais devotos do que ateus.

À ideia intuitiva e à força do raciocínio o Espiritismo vem acrescentar a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua

2.- O princípio espiritual é a coroação da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, pois não poderíamos conceber a soberana inteligência reinando durante a eternidade unicamente sobre a **única** matéria bruta, como um monarca terrestre reinando durante toda a sua vida sobre pedras. Como não podemos admitir Deus sem os atributos essenciais da **Divindade**: a justiça e a bondade, essas qualidades seriam inúteis se ele só tivesse que exercê-las sobre a matéria.

3.- Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom criando seres inteligentes e sensíveis para lançá-los ao nada após alguns dias de sofrimento sem compensações, entretendo sua vida dessa sucessão indefinita de seres que nascem sem tê-lo pedido, pensando por um instante apenas para conhecerem a dor, e se acabarem para sempre, ao fim de uma curta existência.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam uma crueldade sem objetivo da parte de Deus. Eis por que o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; negando a causa, **eles não podem** admitir o efeito; negando o efeito, **eles não podem** admitir a causa. O materialismo é, então, conseqüente de si mesmo, embora não o seja com a razão.

4.- A ideia da perpetuidade do ser espiritual é natural no homem; ela está dentro dele em estado de intuição e de aspiração; ele compreende que somente aí está a compensação pelas misérias da vida: essa a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas e mais devotos do que ateus.

À ideia intuitiva e à força do raciocínio o Espiritismo vem acrescentar a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua

individualidade; ele ajusta e define o que essa ideia tinha de vago e de abstrato. Ele nos mostra o ser inteligente agindo fora da matéria — seja depois, seja durante a vida do corpo.

5.- O princípio espiritual e o princípio vital são um só e a mesma coisa?

Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para confundi-los; mais **como**<sup>2</sup> vemos os seres que vivem e não pensam, como as plantas; corpos humanos ainda ser animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; que se produz no ser vivente movimentos vitais independentes de qualquer ato da vontade; que durante o sono a vida orgânica está em plena atividade, enquanto que a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, é de se admitir que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual — que é inerente ao Espírito. Então, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, torna-se evidente que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes.

6.- Seria que o princípio espiritual tem sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Seria ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as modificações da matéria; seria extinto pela desagregação como o princípio vital; o ser inteligente não seria mais do que uma existência momentânea como o corpo, e ao morrer ele voltaria ao nada, ou — o que seria o mesmo —

individualidade; ele ajusta e define o que essa ideia tinha de vago e de abstrato. Ele nos mostra o ser inteligente agindo fora da matéria — seja depois, seja durante a vida do corpo.

5.- O princípio espiritual e o princípio vital são um só e a mesma coisa?

Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para confundi-los; mais **como** vemos os seres que vivem e não pensam, como as plantas; corpos humanos ainda ser animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; que se produz no ser vivente movimentos vitais independentes de qualquer ato da vontade; que durante o sono a vida orgânica está em plena atividade, enquanto que a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, é de se admitir que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual — que é inerente ao Espírito. Então, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, torna-se evidente que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes. (Cap. X, nº 16 à 19)

6.- Seria que o princípio espiritual tem sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Seria ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as modificações da matéria; seria extinto pela desagregação como o princípio vital; o ser inteligente não seria mais do que uma existência momentânea como o corpo, e ao morrer ele voltaria ao nada, ou — o que seria o mesmo —

<sup>2</sup> **comme** ⇒ **puisque**

voltaria ao todo universal; numa palavra, isso seria a confirmação das doutrinas materialistas.

As propriedades *extraordinárias* que reconhecemos no princípio espiritual provam que ele tem sua existência própria e independente, pois se ele tivesse sua origem na matéria, ele não teria estas propriedades. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chegamos a essa conclusão, partindo dos efeitos às causas, que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *Espíritos*, assim como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.

7.- Admitido o ser espiritual, e sua fonte não podendo ser a matéria, qual é a sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, os meios de investigação absolutamente se acabam, como tudo aquilo que diz respeito à origem das coisas. O homem apenas pode comprovar o que existe; acerca de tudo o resto, ele só pode formular hipóteses; e Deus não lhe concede isso — seja porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, seja porque haja para ele inutilidade ou inconveniência possuí-lo no momento — nem mesmo pela revelação.

O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o homem pode deduzir por si mesmo do princípio da soberana justiça — que é um dos atributos essenciais da divindade — é que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau de perfeição compatível com a criatura através de seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo **pai**, são objeto de igual atenção; que não há

voltaria ao todo universal; numa palavra, isso seria a confirmação das doutrinas materialistas.

As propriedades *extraordinárias* que reconhecemos no princípio espiritual provam que ele tem sua existência própria e independente, pois se ele tivesse sua origem na matéria, ele não teria estas propriedades. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chegamos a essa conclusão, partindo dos efeitos às causas, que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *Espíritos*, assim como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.

7.- Admitido o ser espiritual, e sua fonte não podendo ser a matéria, qual é a sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, os meios de investigação absolutamente se acabam, como tudo aquilo que diz respeito à origem das coisas. O homem apenas pode comprovar o que existe; acerca de tudo o resto, ele só pode formular hipóteses; e Deus não lhe concede isso — seja porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, seja porque haja para ele inutilidade ou inconveniência possuí-lo no momento — nem mesmo pela revelação.

O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o homem pode deduzir por si mesmo do princípio da soberana justiça — que é um dos atributos essenciais da divindade — é que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau de perfeição compatível com a criatura através de seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo **Pai**, são objeto de igual atenção; que não há

nenhum mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta.

8.- Ao mesmo tempo em que Deus criou mundos materiais desde toda a eternidade, ele tem igualmente criado seres espirituais eternamente: se assim não fosse, os mundos materiais não teriam finalidade. Conceberíamos melhor os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes mundos sem os seres espirituais. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências.

9.- O progresso é a condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa é o objetivo que eles devem alcançar; ora, estando Deus criando por toda a eternidade, e criando sem cessar, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, mundos tendo sucedidos aos mundos, e quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, normalmente chamados anjos.

#### UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA

10.- Como a matéria tem que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre a **matéria**, e por isso veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Como **ela** tem que ser ao mesmo tempo objeto e instrumento do trabalho, então Deus, em vez **de uni-lo** à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos

nenhum mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta.

8.- Ao mesmo tempo em que Deus criou mundos materiais desde toda a eternidade, ele tem igualmente criado seres espirituais eternamente: se assim não fosse, os mundos materiais não teriam finalidade. Conceberíamos melhor os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes mundos sem os seres espirituais. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências.

9.- O progresso é a condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa é o objetivo que eles devem alcançar; ora, estando Deus criando por toda a eternidade, e criando sem cessar, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, mundos tendo sucedidos aos mundos, e quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, normalmente chamados anjos.

#### UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA

10.- Como a matéria tem que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre **ela**, e por isso veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Como **a matéria** tem que ser ao mesmo tempo objeto e instrumento do trabalho, então Deus, em vez **de unir o Espírito** à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos

organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestar a todos os seus movimentos.

O corpo é, portanto, ao mesmo tempo a vestimenta e o instrumento do Espírito, e à medida que este adquire novas aptidões, veste um corpo apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado ferramentas menos grosseiras na medida em que ele é capaz de executar uma obra mais bem delicada.

11.- Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito quem modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; ele o aperfeiçoa, desenvolve e completa seu organismo à proporção que experimenta a necessidade de manifestar novas aptidões; numa palavra, ele o molda conforme sua inteligência; Deus lhe fornece os materiais para que ele os ponha em serviço; é assim que as raças adiantadas têm um organismo, ou se quiserem, um aparelhamento mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às feições do corpo.

12.- Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, para o seu adiantamento, ele deve fazer uso de suas competências, que a princípio são rudimentares; por isso é que veste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro desde que suas forças crescem. Ora como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos — qualquer que fosse o grau de adiantamento que tivessem alcançado — encontraram os elementos necessários à sua vida carnal.

organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestar a todos os seus movimentos.

O corpo é, portanto, ao mesmo tempo a vestimenta e o instrumento do Espírito, e à medida que este adquire novas aptidões, veste um corpo apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado ferramentas menos grosseiras na medida em que ele é capaz de executar uma obra mais bem delicada.

11.- Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito quem modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; ele o aperfeiçoa, desenvolve e completa seu organismo à proporção que experimenta a necessidade de manifestar novas aptidões; numa palavra, ele o molda conforme sua inteligência; Deus lhe fornece os materiais para que ele os ponha em serviço; é assim que as raças adiantadas têm um organismo, ou se quiserem, um aparelhamento **cerebral** mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às feições do corpo. (Cáp. VIII, nº 7: de [a Alma da Terra](#))

12.- Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, para o seu adiantamento, ele deve fazer uso de suas competências, que a princípio são rudimentares; por isso é que veste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro desde que suas forças crescem. Ora como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos — qualquer que fosse o grau de adiantamento que tivessem alcançado — encontraram os elementos necessários à sua vida carnal.



13.- Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as transformações da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe; o princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito — para quem o corpo privado de vida passa a se tornar inútil — deixa o corpo, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.

14.- O corpo não passa assim de um envoltório destinado a receber o Espírito; a partir de então, pouco importam a sua origem e os materiais de que é construído. Que o corpo do homem seja ou não uma criação especial, ele não é menos formado pelos mesmos elementos que o dos animais, animado pelo mesmo princípio vital, ou, por outras palavras, aquecido pelo mesmo fogo, como é iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas instabilidades e às mesmas necessidades: este é um ponto sobre o qual não há contestação.

Considerando apenas a matéria, sem o Espírito, então o homem nada tem que o diferencie do animal; porém tudo muda de aspecto logo que se estabelece distinção entre a *habitação* e o *habitante*.

Um nobre senhor, sob a palha ou vestido com a bata do camponês, não deixa de ser um nobre senhor. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestimenta carnal que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.

#### HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DOS CORPOS HUMANOS

15.- Da semelhança que há de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, alguns fisiologistas concluíram que o primeiro é precisamente uma transformação do segundo.

13.- Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as transformações da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe; o princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito — para quem o corpo privado de vida passa a se tornar inútil — deixa o corpo, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.

14.- O corpo não passa assim de um envoltório destinado a receber o Espírito; a partir de então, pouco importam a sua origem e os materiais de que é construído. Que o corpo do homem seja ou não uma criação especial, ele não é menos formado pelos mesmos elementos que o dos animais, animado pelo mesmo princípio vital, ou, por outras palavras, aquecido pelo mesmo fogo, como é iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas instabilidades e às mesmas necessidades: este é um ponto sobre o qual não há contestação.

Considerando apenas a matéria, sem o Espírito, então o homem nada tem que o diferencie do animal; porém tudo muda de aspecto logo que se estabelece distinção entre a *habitação* e o *habitante*.

Um nobre senhor, sob a palha ou vestido com a bata do camponês, não deixa de ser um nobre senhor. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestimenta carnal que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.

#### HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DOS CORPOS HUMANOS

15.- Da semelhança que há de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, alguns fisiologistas concluíram que o primeiro é precisamente uma transformação do segundo.

Nada há aí de impossível, nem o que, se assim o for, nada disso afete a dignidade do homem. Bem pode ser que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos — necessariamente pouco avançados — que viessem encarnar na Terra, sendo essas vestiduras mais apropriadas às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de um corpo especial ter sido feito para o Espírito, ele teria achado um já pronto. Ele então se vestiu da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem às vezes se veste da pele de certos animais sem deixar de ser homem.

Fica bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo não prejudica em nada o Espírito — que é o ser principal — e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica igualdade entre o seu Espírito e o do macaco.

16.- Admitindo essa hipótese, podemos dizer que sob a influência, e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nos detalhes, conservando a forma geral do conjunto. Os corpos melhorados, em se procriando, reproduziram-se nas mesmas condições, como sucede com as árvores enxertadas; deram origem a uma espécie nova que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco — que não foi aniquilado — continuou a procriar corpos de macaco para seu uso, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homem, variantes do primeiro molde onde se estabeleceu. O tronco se bifurcou: ele produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco.

Nada há aí de impossível, nem o que, se assim o for, nada disso afete a dignidade do homem. Bem pode ser que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos — necessariamente pouco avançados — que viessem encarnar na Terra, sendo essas vestiduras mais apropriadas às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de um corpo especial ter sido feito para o Espírito, ele teria achado um já pronto. Ele então se vestiu da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem às vezes se veste da pele de certos animais sem deixar de ser homem.

Fica bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo não prejudica em nada o Espírito — que é o ser principal — e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica igualdade entre o seu Espírito e o do macaco.

16.- Admitindo essa hipótese, podemos dizer que sob a influência, e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nos detalhes, conservando a forma geral do conjunto. (nº 11) Os corpos melhorados, em se procriando, reproduziram-se nas mesmas condições, como sucede com as árvores enxertadas; deram origem a uma espécie nova que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco — que não foi aniquilado — continuou a procriar corpos de macaco para seu uso, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homem, variantes do primeiro molde onde se estabeleceu. O tronco se bifurcou: ele produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco.

Como não há transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra diferissem pouco do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco, que só lhes falta ser peludos para completar a semelhança.

### ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

17.- O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo na encarnação.

Pela sua essência espiritual o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter uma ação direta sobre a matéria; falta para ele um intermediário e esse intermediário está no envoltório fluídico que, de certo modo, faz parte do Espírito, envoltório semimaterial, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea; como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal, que nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado *perispírito*, de um ser abstrato, faz do Espírito um ser concreto, definido e apreensível pelo pensamento; torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, do mesmo modo como se dá com todos os fluidos imponderáveis que, como se sabe, são os motores mais poderosos.

Portanto, o fluido perispirítico é o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, é o veículo do seu pensamento para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, agindo sob a impulsão da sua vontade e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Ele tem os nervos como fios condutores, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

Como não há transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra diferissem pouco do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco, que só lhes falta ser peludos para completar a semelhança.

### ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

17.- O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo na encarnação.

Pela sua essência espiritual o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter uma ação direta sobre a matéria; falta para ele um intermediário e esse intermediário está no envoltório fluídico que, de certo modo, faz parte do Espírito, envoltório semimaterial, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea; como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal, que nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado *perispírito*, de um ser abstrato, faz do Espírito um ser concreto, definido e apreensível pelo pensamento; torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, do mesmo modo como se dá com todos os fluidos imponderáveis que, como se sabe, são os motores mais poderosos.

Portanto, o fluido perispirítico é o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, é o veículo do seu pensamento para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, agindo sob a impulsão da sua vontade e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Ele tem os nervos como fios condutores, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18.- Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico — que não é mais do que uma expansão do seu perispírito — o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta; sob a influência do *princípio vital e material do gérmen*, o perispírito — que possui certas propriedades da matéria — se une *molécula a molécula* ao corpo que se forma: donde podemos dizer que, de certa maneira, o Espírito se *enraíza* nesse gérmen, por intermédio do seu perispírito, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, a união é completa; nasce então o ser para a vida exterior.

Por um efeito contrário, esta união entre o perispírito e a matéria carnal, que se efetuará sob a influência do princípio vital do gérmen, quando este princípio cessa de agir, em consequência da desorganização do corpo, **que causa a morte**, a união, que não estava mantida senão por uma força de atuação, cessa quando esta força cessa de agir; então o perispírito se desprende *molécula a molécula* conforme havia se unido, e o espírito é restituído à sua liberdade. *Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte que causa a partida do Espírito.*

19.- Pelos fatos experimentais que o Espiritismo nos permite observar, ele nos faz compreender os fenômenos que acompanham essa separação: às vezes ela é rápida, fácil, suave e insensível; doutras vezes ela é **muito** lenta, trabalhosa, horrivelmente penosa, conforme o

18.- Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico — que não é mais do que uma expansão do seu perispírito — o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta; sob a influência do *princípio vital e material do gérmen*, o perispírito — que possui certas propriedades da matéria — se une *molécula a molécula* ao corpo que se forma: donde podemos dizer que, de certa maneira, o Espírito se *enraíza* nesse gérmen, por intermédio do seu perispírito, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, a união é completa; nasce então o ser para a vida exterior.

Por um efeito contrário, esta união entre o perispírito e a matéria carnal, que se efetuará sob a influência do princípio vital do gérmen, quando este princípio cessa de agir, em consequência da desorganização do corpo, a união, que não estava mantida senão por uma força de atuação, cessa quando esta força cessa de agir; então o perispírito se desprende *molécula a molécula* conforme havia se unido, e o espírito é restituído à sua liberdade. *Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte que causa a partida do Espírito.*

Já que um instante após a morte, a plenitude do Espírito é completa; que suas capacidades adquirem um maior poder de penetração, ao passo que o princípio de vida se acha extinto no corpo, esta é a prova evidente que o princípio vital e o princípio espiritual são duas coisas distintas.

19.- Pelos fatos experimentais que o Espiritismo nos permite observar, ele nos faz compreender os fenômenos que acompanham essa separação: às vezes ela é rápida, fácil, suave e insensível; doutras vezes ela é lenta, trabalhosa, horrivelmente penosa, conforme o

estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20.- Um fenômeno característico e também demonstrado pela observação acompanha sempre a encarnação do Espírito: desde que este é apanhado pelo laço fluídico que o prende ao gérmen, a perturbação toma conta dele; essa perturbação aumenta à medida que o laço se aperta e nos últimos momentos o Espírito perde toda a consciência de si próprio, de maneira que jamais tem consciência do seu nascimento. Quando a criança respira, o Espírito começa a readquirir as capacidades, que se desenvolvem na proporção em que são formados e consolidados os órgãos que lhe devem servir para suas manifestações. **Aqui também resplandece a sabedoria que preside todas as partes da obra da criação. Faculdades muito ativas consumiriam e danificariam os órgãos delicados recém-formados; por isso sua energia é proporcional à força de resistência desses órgãos.**

21.- Mas, ao mesmo tempo em que o Espírito recupera a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as aptidões, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, aptidões que ficaram temporariamente em estado latente e que, voltando à sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor o que ele não fez anteriormente; ele renasce igual se fez pelo seu trabalho anterior; o que para ele é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Também aí a bondade do Criador se manifesta, porque a lembrança do passado — muitas vezes aflitiva e humilhante —, somando-se aos amargores de uma nova existência, poderia lhe perturbar e entravá-la; ele apenas se lembra do que tem aprendido, por isso lhe ser útil. Se ele às vezes conserva uma vaga intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho evasivo. É então um novo homem, por mais

estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20.- Um fenômeno característico e também demonstrado pela observação acompanha sempre a encarnação do Espírito: desde que este é apanhado pelo laço fluídico que o prende ao gérmen, a perturbação toma conta dele; essa perturbação aumenta à medida que o laço se aperta e nos últimos momentos o Espírito perde toda a consciência de si próprio, de maneira que jamais tem consciência do seu nascimento. Quando a criança respira, o Espírito começa a readquirir as capacidades, que se desenvolvem na proporção em que são formados e consolidados os órgãos que lhe devem servir para suas manifestações.

21.- Mas, ao mesmo tempo em que o Espírito recupera a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as aptidões, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, aptidões que ficaram temporariamente em estado latente e que, voltando à sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor o que ele não fez anteriormente; ele renasce igual se fez pelo seu trabalho anterior; o que para ele é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Também aí a bondade do Criador se manifesta, porque a lembrança do passado — muitas vezes aflitiva e humilhante —, somando-se aos amargores de uma nova existência, poderia lhe perturbar e entravá-la; ele apenas se lembra do que tem aprendido, por isso lhe ser útil. Se ele às vezes conserva uma vaga intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho evasivo. É então um novo homem, por mais

antigo que seja seu Espírito; ele **marcha por** novos rumos ajudado pelo que ele tem adquirido. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se desdobra diante dos seus olhos e ele julga se empregou bem ou mal o seu tempo.

22.- Portanto, não há solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado; o Espírito é sempre *ele mesmo*, antes, durante e depois da encarnação; a encarnação não passa de uma fase especial da sua existência. O próprio esquecimento só ocorre durante a vida exterior de relação; durante o sono, em parte desprendido dos vínculos carnis, restituído à liberdade e à vida espiritual, o Espírito se recorda, pois sua visão não é mais tão obscurecida pela matéria.

23.- Tomando a Humanidade no seu grau mais baixo da escala espiritual, entre os selvagens mais atrasados, pergunta-se se este é o ponto inicial da alma humana.

Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, que é diferente do princípio material, individualiza-se e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade; é aí que a alma **se experimentava** para a vida e desenvolve suas primeiras faculdades pelo exercício; por assim dizer, isso seria para ela seu período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual  
, como há filiação corporal.

É preciso convir que esse sistema — fundado na grande lei de unidade que preside à criação — corresponde à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam de ser seres deserdados, mas que encontram no futuro que lhes está reservado uma compensação a seus sofrimentos. O que

antigo que seja seu Espírito; ele **se apoia em** novos rumos ajudado pelo que ele tem adquirido. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se desdobra diante dos seus olhos e ele julga se empregou bem ou mal o seu tempo.

22.- Portanto, não há solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado; o Espírito é sempre *ele mesmo*, antes, durante e depois da encarnação; a encarnação não passa de uma fase especial da sua existência. O próprio esquecimento só ocorre durante a vida exterior de relação; durante o sono, em parte desprendido dos vínculos carnis, restituído à liberdade e à vida espiritual, o Espírito se recorda, pois sua visão não é mais tão obscurecida pela matéria.

23.- Tomando a Humanidade no seu grau mais baixo da escala espiritual, entre os selvagens mais atrasados, pergunta-se se este é o ponto inicial da alma humana.

Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, que é diferente do princípio material, individualiza-se e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade; é aí que a alma **se experimenta** para a vida e desenvolve suas primeiras faculdades pelo exercício; por assim dizer, isso seria para ela seu período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual **do animal para o homem**, como há filiação corporal.

É preciso convir que esse sistema — fundado na grande lei de unidade que preside à criação — corresponde à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam de ser seres deserdados, mas que encontram no futuro que lhes está reservado uma compensação a seus sofrimentos. O que

constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele é dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é diferente da raiz amarga de onde saiu. Por haver passado pela fieira da vida animal, o homem não se seria menos homem; já não seria mais animal, **como**<sup>3</sup> o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto disforme pelo qual entrou no mundo.

Mas, este sistema levanta múltiplas questões, o que não é oportuno discutir aqui seus prós e contras, nem o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Pois então, sem pesquisarmos a origem da alma, e as fieiras pelas quais ela tenha passado, vamos tomá-lo *a partir da sua entrada na humanidade*, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, ela começa a ficar sujeita à responsabilidade dos seus atos.

24.- A obrigação que o Espírito encarnado tem de buscar o alimento do corpo, a sua segurança e o seu bem-estar o força a empregar suas capacidades a essas buscas, a exercitá-las e desenvolvê-las. Portanto, a sua união com a matéria é útil ao seu adiantamento, daí o fato **da encarnação ser uma necessidade**. Além disso, pelo trabalho inteligente que executa sobre a matéria em seu proveito, ele auxilia a transformação e o progresso material do globo que habita; é assim que, progredindo individualmente, ele colabora com a obra do Criador, da qual é agente inconsciente.

25.- Todavia, a encarnação do Espírito não é constante, nem perpétua: é transitória; deixando um corpo, ele não retoma imediatamente outro; durante um espaço de tempo mais ou menos

constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele é dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é diferente da raiz amarga de onde saiu. Por haver passado pela fieira da vida animal, o homem não se seria menos homem; já não seria mais animal, **como** o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto disforme pelo qual entrou no mundo.

Mas, este sistema levanta múltiplas questões, o que não é oportuno discutir aqui seus prós e contras, nem o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Pois então, sem pesquisarmos a origem da alma, e as fieiras pelas quais ela tenha passado, vamos tomá-lo *a partir da sua entrada na humanidade*, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, ela começa a ficar sujeita à responsabilidade dos seus atos.

24.- A obrigação que o Espírito encarnado tem de buscar o alimento do corpo, a sua segurança e o seu bem-estar o força a empregar suas capacidades a essas buscas, a exercitá-las e desenvolvê-las. Portanto, a sua união com a matéria é útil ao seu adiantamento, daí o fato **da encarnação ser uma necessidade**. Além disso, pelo trabalho inteligente que executa sobre a matéria em seu proveito, ele auxilia a transformação e o progresso material do globo que habita; é assim que, progredindo individualmente, ele colabora com a obra do Criador, da qual é agente inconsciente.

25.- Todavia, a encarnação do Espírito não é constante, nem perpétua: é transitória; deixando um corpo, ele não retoma imediatamente outro; durante um espaço de tempo mais ou menos

<sup>3</sup> Correção: tinha um erro de tipografia na primeira edição, ao invés de qui, deveria ser que. Foi corrigido na quinta edição.

considerável ele vive na vida espiritual, que é sua vida normal, de modo que o tempo que duram suas encarnações é insignificante, comparado ao que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que ele aproveita os conhecimentos e a experiência adquirida no decorrer da vida corporal para o seu adiantamento; — **falamos do Espírito que alcançou o estado de alma humana, tendo a liberdade de ação e a consciência de seus atos.** — Ele examina o que fez durante sua estadia terrestre, analisa o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça seus planos e toma resoluções pelas quais calcula se guiar em nova existência, com a ideia de fazer melhor. Desse jeito, cada existência é um passo avante no caminho do progresso, um a espécie de escola de aplicação.

Normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas sim uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio dele progredir.

À medida que o Espírito progride moralmente, ele se desmaterializa, isto é, depura-se, libertando-se da influência da matéria; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam; sua felicidade torna-se proporcional ao progresso realizado. Entretanto, como ele age em virtude do seu livre-arbítrio, por negligência ou má vontade ele pode retardar o seu avanço; conseqüentemente, prolonga a duração de suas encarnações materiais, que, então, se tornam uma punição para ele, pois que, por falta sua, ele permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Portanto, pelo trabalho de purificação sobre si mesmo, depende do Espírito abreviar a extensão do período das encarnações.

considerável ele vive na vida espiritual, que é sua vida normal, de modo que o tempo que duram suas encarnações é insignificante, comparado ao que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que ele aproveita os conhecimentos e a experiência adquirida no decorrer da vida corporal para o seu adiantamento;

Ele examina o que fez durante sua estadia terrestre, analisa o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça seus planos e toma resoluções pelas quais calcula se guiar em nova existência, com a ideia de fazer melhor. Desse jeito, cada existência é um passo avante no caminho do progresso, um a espécie de escola de aplicação.

**26.-** Normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas sim uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio dele progredir. **(O céu e o inferno, capítulo III, nº 8 e seguintes)**

À medida que o Espírito progride moralmente, ele se desmaterializa, isto é, depura-se, libertando-se da influência da matéria; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam; sua felicidade torna-se proporcional ao progresso realizado. Entretanto, como ele age em virtude do seu livre-arbítrio, por negligência ou má vontade ele pode retardar o seu avanço; conseqüentemente, prolonga a duração de suas encarnações materiais, que, então, se tornam uma punição para ele, pois que, por falta sua, ele permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Portanto, pelo trabalho de purificação sobre si mesmo, depende do Espírito abreviar a extensão do período das encarnações.



26.- O progresso material de um globo acompanha o progresso moral de seus habitantes; ora, sendo como a criação dos mundos e dos Espíritos é incessante, e como estes progridem mais ou menos rapidamente em virtude do seu livre-arbítrio, resulta daí que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde a encarnação é mais ou menos material e onde, por conseguinte, o trabalho é mais ou menos rude para os Espíritos. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados; povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que em outros planetas, havendo também os mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra, e para os quais a Terra seria relativamente um mundo feliz.

27.- Quando os Espíritos têm realizado num mundo a soma de progresso correspondente ao estado desse mundo, eles o deixam para encarnar em outro mais adiantado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante até que, a encarnação em corpos materiais não sendo mais útil para eles, vivam exclusivamente da vida espiritual, onde ainda progridam, em um outro sentido e por outros meios. Chegados ao ponto máximo do progresso, eles desfrutam da suprema felicidade; admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, eles conhecem o pensamento de Deus e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de adiantamento.

Assim, todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, qualquer que seja o grau da hierarquia a que eles pertençam, do mais baixo ao mais elevado, eles têm atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo em que são úteis a eles mesmos; aos menos adiantados, como aos simples

27.- O progresso material de um globo acompanha o progresso moral de seus habitantes; ora, sendo como a criação dos mundos e dos Espíritos é incessante, e como estes progridem mais ou menos rapidamente em virtude do seu livre-arbítrio, resulta daí que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde a encarnação é mais ou menos material e onde, por conseguinte, o trabalho é mais ou menos rude para os Espíritos. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados; povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que em outros planetas, havendo também os mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra, e para a qual a Terra seria relativamente um mundo feliz.

28.- Quando os Espíritos têm realizado num mundo a soma de progresso correspondente ao estado desse mundo, eles o deixam para encarnar em outro mais adiantado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante até que, a encarnação em corpos materiais não sendo mais útil para eles, vivam exclusivamente da vida espiritual, onde ainda progridam, em um outro sentido e por outros meios. Chegados ao ponto máximo do progresso, eles desfrutam da suprema felicidade; admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, eles conhecem o pensamento de Deus e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de adiantamento.

Assim, todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, qualquer que seja o grau da hierarquia a que eles pertençam, do mais baixo ao mais elevado, eles têm atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo em que são úteis a eles mesmos; aos menos adiantados, como aos simples

servos, cabe uma tarefas material — a princípio inconsciente, depois, cada vez mais inteligente. Por toda parte no mundo espiritual há atividade, em nenhum ponto há ociosidade inútil.

De certo modo, a coletividade dos Espíritos é a alma do Universo; este é o elemento espiritual que atua em tudo e em toda parte, sob a impulsão do pensamento divino. Sem esse elemento, não há mais do que matéria inerte, sem finalidade, sem inteligência, sem outro motor senão as forças materiais que deixam uma imensidade de problemas sem solução; pela ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica; eis por que, sem a espiritualidade, esbarramos em dificuldades insuperáveis.

**28.-** Desde que a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, os Espíritos vieram encarnar nela; e se admitimos que eles aí encontraram os envoltórios já prontos aos quais eles só precisaram apropriá-los para o seu uso, então compreendemos melhor ainda que eles puderam nascer simultaneamente em vários pontos do globo

servos, cabe uma tarefas material — a princípio inconsciente, depois, cada vez mais inteligente. Por toda parte no mundo espiritual há atividade, em nenhum ponto há ociosidade inútil.

De certo modo, a coletividade dos Espíritos é a alma do Universo; este é o elemento espiritual que atua em tudo e em toda parte, sob a impulsão do pensamento divino. Sem esse elemento, não há mais do que matéria inerte, sem finalidade, sem inteligência, sem outro motor senão as forças materiais que deixam uma imensidade de problemas sem solução; pela ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica; eis por que, sem a espiritualidade, esbarramos em dificuldades insuperáveis.

**29.-** Desde que a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, os Espíritos **humanos** encarnaram nela. De onde vinham? Quer eles tenham sido criados naquele momento; quer vieram completamente formados à Terra, do espaço ou de outros mundos, a presença deles a partir de certa época é um fato, pois que antes deles só havia animais; eles foram revestidos de corpos adequados às suas necessidades especiais, às suas aptidões, e que, fisiologicamente, pertenciam à animalidade; sob sua influência, e pelo exercício de suas habilidades, esses corpos se modificaram e aperfeiçoaram: eis o que resulta da observação. Deixemos então de lado a questão da origem, que ainda é insolúvel neste momento; consideramos o Espírito, não em seu ponto de partida, mas no momento em que, as primeiras sementes do livre-arbítrio e do senso moral se manifestam nele, nós o vemos desempenhar o seu papel humanitário, sem nos preocuparmos do ambiente onde ele passou seu período de infância, ou, se o preferirem, de incubação. Apesar da semelhança do seu corpo com o dos animais, as

29.- Embora os primeiros que vieram devessem ser pouco adiantados — pela razão mesma de terem de encarnar em corpos muito imperfeitos — certamente deveria haver entre eles diferenças sensíveis nas suas características e aptidões, **segundo o grau de seu desenvolvimento moral e intelectual**; os Espíritos similares naturalmente se agruparam por analogia e simpatia. Assim, a Terra ficou povoada de diversas categorias de Espíritos, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Os corpos recebendo a impressão do caráter do Espírito e seus corpos procriando-se conforme seus respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, seja quanto ao físico, seja quanto ao moral. Continuando a encarnar de preferência entre os seus semelhantes, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo físico e moral das raças e dos povos, que não se perde por um longo tempo, **senão** pela mistura e o progresso dos Espíritos (*Revista Espírita*, julho de 1860, página 198: *Frenologia e Fisiognomia*).

30.- Podemos comparar os Espíritos que vieram povoar a Terra a essas tropas de emigrantes de origens diversas que vão estabelecer-se numa terra virgem. Aí encontram madeira e pedra para erguer suas habitações, e cada qual lhe dá um cunho especial, de acordo com o grau do seu saber e de **sua inteligência**. Eles se agrupam então por analogia de origens e de gostos; esses grupos acabam por formar tribos, em seguida povos, cada qual com costumes e características próprias.

faculdades intelectuais e morais que o caracterizam, nós saberemos distingui-lo desses últimos, como, debaixo das mesmas vestes grosseiras, distinguimos o homem rústico do homem civilizado].

30.- Embora os primeiros que vieram devessem ser pouco adiantados — pela razão mesma de terem de encarnar em corpos muito imperfeitos — certamente deveria haver entre eles diferenças sensíveis nas suas características e aptidões.

Os Espíritos similares naturalmente se agruparam por analogia e simpatia. Assim, a Terra ficou povoada de diversas categorias de Espíritos, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Os corpos recebendo a impressão do caráter do Espírito e seus corpos procriando-se conforme seus respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, seja quanto ao físico, seja quanto ao moral. (nº 11) Continuando a encarnar de preferência entre os seus semelhantes, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo físico e moral das raças e dos povos, que não se perde **senão** por um longo tempo, pela mistura e o progresso dos Espíritos (*Revista Espírita*, julho de 1860, página 198: *Frenologia e Fisiognomia*).

31.- Podemos comparar os Espíritos que vieram povoar a Terra a essas tropas de emigrantes de origens diversas que vão estabelecer-se numa terra virgem. Aí encontram madeira e pedra para erguer suas habitações, e cada qual lhe dá um cunho especial, de acordo com o grau do seu saber e de **seu gênio particular**. Eles se agrupam então por analogia de origens e de gostos; esses grupos acabam por formar tribos, em seguida povos, cada qual com costumes e características próprias.

31.- Portanto, o progresso não foi uniforme em toda a espécie humana; as raças mais inteligentes naturalmente adiantaram-se em relação às outras, sem contar que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual tinham vindo encarnar na Terra após os primeiros aí chegados, tornaram a diferença de progresso ainda mais sensível. Seria impossível, com efeito, **darmos** a mesma idade de criação aos selvagens, que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus civilizados.

Entretanto, os Espíritos dos selvagens também pertenciam à Humanidade; eles um dia alcançarão o nível de seus irmãos mais velhos, mas, **não será certamente em corpos da mesma raça física**, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento já não estiver em correspondência com o seu desenvolvimento, eles emigrarão desse meio para encarnar num grau mais elevado e assim por diante, até que tenham conquistado todas as graduações terrestres, ponto em que deixarão a Terra para passar a mundos cada vez mais avançados (*Revista Espírita*, abril de 1862, pág. 97: *Perfectibilidade da raça negra*).

#### REENCARNAÇÕES

32.- O princípio da reencarnação é uma consequência **inevitável** da lei de progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo em que os corpos, as que nascem hoje são tão novas e tão primitivas quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que não **há** entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que elas **são** completamente independentes umas das outras; por que então as almas de hoje seriam mais dotadas por Deus do que as almas que as precederam? Por que elas compreendem

32.- Portanto, o progresso não foi uniforme em toda a espécie humana; as raças mais inteligentes naturalmente adiantaram-se em relação às outras, sem contar que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual tinham vindo encarnar na Terra após os primeiros aí chegados, tornaram a diferença de progresso ainda mais sensível. Seria impossível, com efeito, **atribuirmos** a mesma idade de criação aos selvagens, que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus civilizados.

Entretanto, os Espíritos dos selvagens também pertenciam à Humanidade; eles um dia alcançarão o nível de seus irmãos mais velhos, mas, **não será certamente em corpos da mesma raça física**, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento já não estiver em correspondência com o seu desenvolvimento, eles emigrarão desse meio para encarnar num grau mais elevado e assim por diante, até que tenham conquistado todas as graduações terrestres, ponto em que deixarão a Terra para passar a mundos cada vez mais avançados (*Revista Espírita*, abril de 1862, pág. 97: *Perfectibilidade da raça negra*).

#### REENCARNAÇÕES

33.- O princípio da reencarnação é uma consequência **necessária** da lei de progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo em que os corpos, as que nascem hoje são tão novas e tão primitivas quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que não **haveria** entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que elas **seriam** completamente independentes umas das outras; por que então as almas de hoje seriam mais dotadas por Deus do que as almas que as precederam? Por que elas compreendem

melhor? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas sem tê-las aprendido? Duvidamos de que alguém saia desses dilemas, a menos admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana.

Admitam, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em tempos distantes; que elas possam ter sido bárbaras como sua época, mas que progrediram; que a cada nova existência elas trazem as aquisições das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não são criadas mais perfeitas, porém que se aperfeiçoaram *por si mesmas* com o tempo, e terão a única explicação plausível da causa do progresso social (*O Livro dos Espíritos*, caps. IV e V) (1)

[Nota de Rodapé transformada em item]

(1) Algumas pessoas supõem que as diferentes existências da alma transcorrem de mundo em mundo, e não sobre um mesmo globo onde cada Espírito viria uma única vez.

Essa teoria seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente num mesmo nível intelectual e moral; eles então não poderiam progredir senão indo para outro mundo e sua reencarnação sobre a Terra seria sem utilidade para eles; ora, Deus não faz nada de inútil. Desde que aí encontramos todos os graus de inteligência e moralidade, desde a selvageria que beira o animal até a mais avançada civilização, ela oferece um vasto campo ao progresso; perguntamos então por que o selvagem seria obrigado a ir procurar noutros lugares o grau de progresso logo acima onde ele está, quando esse grau se encontra ao lado dele, e assim sucessivamente? Por que o homem avançado não poderia ter passado seus primeiros estágios nos

melhor? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas sem tê-las aprendido? Duvidamos de que alguém saia desses dilemas, a menos admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana. (Capítulo II, nº 19)

Admitam, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em tempos distantes; que elas possam ter sido bárbaras como sua época, mas que progrediram; que a cada nova existência elas trazem as aquisições das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não são criadas mais perfeitas, porém que se aperfeiçoaram *por si mesmas* com o tempo, e terão a única explicação plausível da causa do progresso social (*O Livro dos Espíritos*, caps. IV e V)

34.- Algumas pessoas supõem que as diferentes existências da alma transcorrem de mundo em mundo, e não sobre um mesmo globo onde cada Espírito viria uma única vez.

Essa teoria seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente num mesmo nível intelectual e moral; eles então não poderiam progredir senão indo para outro mundo e sua reencarnação sobre a Terra seria sem utilidade para eles; ora, Deus não faz nada de inútil. Desde que aí encontramos todos os graus de inteligência e moralidade, desde a selvageria que beira o animal até a mais avançada civilização, ela oferece um vasto campo ao progresso; perguntamos então por que o selvagem seria obrigado a ir procurar noutros lugares o grau de progresso logo acima onde ele está, quando esse grau se encontra ao lado dele, e assim sucessivamente? Por que o homem avançado não poderia ter passado seus primeiros estágios nos

mundos inferiores, quando estariam ao redor dele semelhantes de todos esses mundos? Que existem diferentes níveis de adiantamento, não somente de povo a povo, mas dentro do mesmo povo e da mesma família? Se fosse assim, Deus teria feito alguma coisa inútil ao colocar lado a lado a ignorância e a sabedoria, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, tanto que é precisamente esse contato que faz os retardatários avançar.

Portanto, não há mais necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa, como não há a de que um estudante mude de colégio para passar a cada classe; longe de isso ser uma vantagem para o progresso, seria um entrave, pois o Espírito estaria privado do exemplo que lhe oferece a observação dos graus superiores e da possibilidade de reparar seus erros num mesmo meio e na presença daqueles a quem tenha ofendido — possibilidade que é para ele o mais poderoso meio de adiantamento moral. Depois de uma curta coabitação, com os Espíritos se dispersando e tornando-se estranhos uns aos outros, os laços de família e de amizade seriam rompidos, não tendo tempo para se consolidarem.

mundos inferiores, quando estariam ao redor dele semelhantes de todos esses mundos? Que existem diferentes níveis de adiantamento, não somente de povo a povo, mas dentro do mesmo povo e da mesma família? Se fosse assim, Deus teria feito alguma coisa inútil ao colocar lado a lado a ignorância e a sabedoria, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, tanto que é precisamente esse contato que faz os retardatários avançar.

Portanto, não há mais necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa, como não há a de que um estudante mude de colégio para passar a cada classe; longe de isso ser uma vantagem para o progresso, seria um entrave, pois o Espírito estaria privado do exemplo que lhe oferece a observação dos graus superiores e da possibilidade de reparar seus erros num mesmo meio e na presença daqueles a quem tenha ofendido — possibilidade que é para ele o mais poderoso meio de adiantamento moral. Depois de uma curta coabitação, com os Espíritos se dispersando e tornando-se estranhos uns aos outros, os laços de família e de amizade seriam rompidos, não tendo tempo para se consolidarem.

Ao inconveniente moral se juntaria um inconveniente material. A natureza dos elementos, as leis orgânicas, as condições de existência variam, de acordo com os mundos; sob esse aspecto, não há dois perfeitamente idênticos. Os tratados de Física, de Química, de Anatomia, de Medicina, de Botânica, etc., não serviriam para nada nos outros mundos; entretanto, não fica perdido o que neles se aprende; não só isso desenvolve a inteligência, como também as ideias que se colhem de tais obras auxiliam a aquisição de outras (Cap. VI, no 61 e seguintes). Se apenas uma única vez o Espírito fizesse a sua aparição num mesmo mundo — frequentemente brevíssima —, em cada imigração ele se acharia em condições inteiramente diversas; operaria de cada vez sobre

Que os Espíritos deixem aquele mundo, do qual nada mais podem esperar, por um mundo mais adiantado, é como deve ser e é; tal é a lei. Se há alguns que deixam **antes**<sup>4</sup> o mundo em que vinham encarnando, isso é devido a causas individuais que Deus pesa em sua sabedoria.

Tudo na criação tem uma finalidade, sem o que Deus não seria nem prudente e nem sábio; ora, se a Terra tivesse que ser uma única etapa para o progresso de cada indivíduo, que utilidade aqui haveria para as crianças que morrem com pouca idade vir passar aqui alguns anos, alguns meses ou algumas horas, durante os quais elas não poderiam adquirir nada daqui? O mesmo vale para os idiotas e cretinos [deficientes mentais]. Uma teoria não é boa senão sob a condição de que resolva todas as questões relativas a ela. A questão das mortes prematuras tem sido um obstáculo para todas as doutrinas, exceção feita á doutrina espírita, a única que a resolveu de uma maneira racional.

Para o progresso daqueles que cumprem na Terra uma jornada normal há uma vantagem real em voltar ao mesmo meio, para aí continuar aquilo que deixou inacabado, frequentemente na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para reparar o mal que lhes tenham feito, ou para que sofra aí a pena do talião.

elementos novos, com força e segundo leis que desconheceria, antes de ter tido tempo de elaborar os elementos conhecidos, de estudá-los, de aplicá-los. Teria de fazer, de cada vez, um novo aprendizado e essas mudanças contínuas representariam um obstáculo ao progresso. Portanto, o Espírito tem que permanecer no mesmo mundo, até adquira a soma de conhecimentos e o grau de perfeição que compete a esse mundo (Nº 31).

Que os Espíritos deixem aquele mundo, do qual nada mais podem esperar, por um mundo mais adiantado, é como deve ser e é; tal é a lei. Se há alguns que deixam **antes** o mundo em que vinham encarnando, isso é devido a causas individuais que Deus pesa em sua sabedoria.

Tudo na criação tem uma finalidade, sem o que Deus não seria nem prudente e nem sábio; ora, se a Terra tivesse que ser uma única etapa para o progresso de cada indivíduo, que utilidade aqui haveria para as crianças que morrem com pouca idade vir passar aqui alguns anos, alguns meses ou algumas horas, durante os quais elas não poderiam adquirir nada daqui? O mesmo vale para os idiotas e cretinos [deficientes mentais]. Uma teoria não é boa senão sob a condição de que resolva todas as questões relativas a ela. A questão das mortes prematuras tem sido um obstáculo para todas as doutrinas, exceção feita á doutrina espírita, a única que a resolveu de uma maneira racional **e completa**.

Para o progresso daqueles que cumprem na Terra uma jornada normal há uma vantagem real em voltar ao mesmo meio, para aí continuar aquilo que deixou inacabado, frequentemente na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para reparar o mal que lhes tenham feito, ou para que sofra aí a pena do talião.

<sup>4</sup> **avant** ⇒ **auparavant**

## EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS

33.- No intervalo das suas existências corporais, os Espíritos se encontram no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e pelos nascimentos, essas duas populações deságuam incessantemente uma na outra; então, diariamente há emigrações do mundo corporal para o mundo espiritual e imigrações do mundo espiritual para o mundo corporal: essa é a condição normal.

34.- Em certas épocas determinadas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam em massas mais ou menos consideráveis em virtude das grandes revoluções que lhes fazem partir ao mesmo tempo em quantidades enormes, **que** são logo substituídas por equivalentes quantidades de encarnações. É preciso então considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e partidas coletivas — meios providenciais de renovar a população corporal do globo, de retemperá-la pela introdução de novos elementos espirituais mais aperfeiçoados. Se nessas catástrofes há destruição de um grande número de corpos, não há nada mais do que *rompimento de vestiduras*; nenhum Espírito falece: eles apenas têm que mudar de meio; em vez de partir isoladamente, eles partem em bandos, essa é toda a diferença, pois, por uma causa ou por outra, cedo ou tarde, eles inevitavelmente têm que partir.

As renovações rápidas e quase instantâneas que se produzem no elemento espiritual da população, por efeito dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações, que de tempos em tempos vêm lhes dar um violento impulso, esse progresso só se realizaria com extrema lentidão.

É notável que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de

## EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS

35.- No intervalo das suas existências corporais, os Espíritos se encontram no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e pelos nascimentos, essas duas populações deságuam incessantemente uma na outra; então, diariamente há emigrações do mundo corporal para o mundo espiritual e imigrações do mundo espiritual para o mundo corporal: essa é a condição normal.

36.- Em certas épocas determinadas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam em massas mais ou menos consideráveis em virtude das grandes revoluções que lhes fazem partir ao mesmo tempo em quantidades enormes, **as quais** são logo substituídas por equivalentes quantidades de encarnações. É preciso então considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e partidas coletivas — meios providenciais de renovar a população corporal do globo, de retemperá-la pela introdução de novos elementos espirituais mais aperfeiçoados. Se nessas catástrofes há destruição de um grande número de corpos, não há nada mais do que *rompimento de vestiduras*; nenhum Espírito falece: eles apenas têm que mudar de meio; em vez de partir isoladamente, eles partem em bandos, essa é toda a diferença, pois, por uma causa ou por outra, cedo ou tarde, eles inevitavelmente têm que partir.

As renovações rápidas e quase instantâneas que se produzem no elemento espiritual da população, por efeito dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações, que de tempos em tempos vêm lhes dar um violento impulso, esse progresso só se realizaria com extrema lentidão.

É notável que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de



uma era de progresso na ordem física, intelectual, ou moral, e conseqüentemente no estado social das nações em que elas ocorrem. É que elas têm por objetivo operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

**35.-** Essa transfusão que se realiza entre a população encarnada e desencarnada de um mesmo globo igualmente se realiza entre os mundos — seja individualmente nas condições normais, seja por massas em circunstâncias especiais. Por isso há emigrações e imigrações coletivas de um mundo a outro. Daí resulta a introdução de elementos inteiramente novos na população de um globo; novas raças de Espíritos vêm se misturar às raças existentes, formando novas raças de homens. Ora, como os Espíritos jamais perdem aquilo que têm adquirido, eles sempre trazem consigo a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem; por consequência, eles imprimem o seu caráter à raça corpórea que eles vêm animar. Para isso, eles só necessitam de que novos corpos sejam criados especialmente para o seu uso; uma vez que a espécie corporal existe, eles os encontram prontos para recebê-los. Portanto, são simplesmente novos habitantes; chegando à Terra, eles primeiramente fazem parte da população espiritual e depois se encarnam como os outros.

#### RAÇA ADÂMICA

**36.-** De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se preferem, uma dessas *colônias de Espíritos* vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada *raça adâmica*. Quando ela chegou, a Terra já

uma era de progresso na ordem física, intelectual, ou moral, e conseqüentemente no estado social das nações em que elas ocorrem. É que elas têm por objetivo operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

**37.-** Essa transfusão que se realiza entre a população encarnada e desencarnada de um mesmo globo igualmente se realiza entre os mundos — seja individualmente nas condições normais, seja por massas em circunstâncias especiais. Por isso há emigrações e imigrações coletivas de um mundo a outro. Daí resulta a introdução de elementos inteiramente novos na população de um globo; novas raças de Espíritos vêm se misturar às raças existentes, formando novas raças de homens. Ora, como os Espíritos jamais perdem aquilo que têm adquirido, eles sempre trazem consigo a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem; por consequência, eles imprimem o seu caráter à raça corpórea que eles vêm animar. Para isso, eles só necessitam de que novos corpos sejam criados especialmente para o seu uso; uma vez que a espécie corporal existe, eles os encontram prontos para recebê-los. Portanto, são simplesmente novos habitantes; chegando à Terra, eles primeiramente fazem parte da população espiritual e depois se encarnam como os outros.

#### RAÇA ADÂMICA

**38.-** De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se preferem, uma dessas *colônias de Espíritos* vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada *raça adâmica*. Quando ela chegou, a Terra já

estava povoada desde tempos imemoriais, *como a América quando aí chegaram os europeus.*

A raça adâmica — mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta — é de fato a mais inteligente; é ela quem arrasta todas as outras ao progresso. A Gênese bíblica nos mostra isso, industriosa desde os seus primórdios, apta às artes e às ciências, sem haver passado pela infância espiritual, o que não é próprio das raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que ela não é antiga na Terra e nada se opõe a que tenha habitando este globo há apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, e senão, ao contrário, tenderia a confirmá-las.

**37.-** A doutrina segundo a qual todo o gênero humano procede de uma única individualidade há apenas seis mil anos não é mais admissível no estado atual dos conhecimentos. Tomadas à ordem física e à ordem moral, as principais considerações que a contradizem se resumem nos seguintes pontos:

**38.-** Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam tipos particulares característicos que não permitem que lhes sejam dadas uma origem comum. Há diferenças que não são evidentemente efeito do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros, e reciprocamente. O ardor do Sol queima e escurece a pele, porém nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, nem mudou a forma dos traços da fisionomia, nem tornou em cabelo encrespado e encarapinhado o cabelo comprido e sedoso. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido particular subcutâneo que é peculiar à espécie.

estava povoada desde tempos imemoriais, *como a América quando aí chegaram os europeus.*

A raça adâmica — mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta — é de fato a mais inteligente; é ela quem arrasta todas as outras ao progresso. A Gênese bíblica nos mostra isso, industriosa desde os seus primórdios, apta às artes e às ciências, sem haver passado pela infância espiritual, o que não é próprio das raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que ela não é antiga na Terra e nada se opõe a que tenha habitando este globo há apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, e senão, ao contrário, tenderia a confirmá-las.

**39.-** A doutrina segundo a qual todo o gênero humano procede de uma única individualidade há apenas seis mil anos não é mais admissível no estado atual dos conhecimentos. Tomadas à ordem física e à ordem moral, as principais considerações que a contradizem se resumem nos seguintes pontos:

Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam tipos particulares característicos que não permitem que lhes sejam dadas uma origem comum. Há diferenças que não são evidentemente efeito do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros, e reciprocamente. O ardor do Sol queima e escurece a pele, porém nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, nem mudou a forma dos traços da fisionomia, nem tornou em cabelo encrespado e encarapinhado o cabelo comprido e sedoso. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido particular subcutâneo que é peculiar à espécie.

Logo, temos de considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria e tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo; seu cruzamento tem produzido as raças mistas secundárias. As características fisiológicas das raças primitivas são o indício evidente de que elas procedem de tipos diferentes. As mesmas considerações se aplicam então, tanto para os homens quanto para os animais, quanto à pluralidade dos troncos.

39.- Adão e seus descendentes são representados na Gênese como homens essencialmente inteligentes, pois, desde a segunda geração, eles constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e constantemente duradouros.

Portanto, não se conceberia que essa linhagem teve como descendentes numerosos povos tão atrasados, de uma inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias rastejam a animalidade; que tenha perdido todos os traços e, até, a menor lembrança tradicional daquilo que seus pais faziam. Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta com muita evidência uma diferença de origem.

40.- Independentemente de fatos geológicos, a prova da existência do homem na Terra antes da época fixada pela Gênese é tirada da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa, que vem — dizem — desde trinta mil anos, documentos mais autênticos provam que o Egito, a Índia e outros países já eram povoados e floresciam há pelo menos três mil anos antes da era cristã, mil anos, portanto, depois da criação do primeiro homem segundo a cronologia bíblica. Documentos e

Logo, temos de considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria e tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo; seu cruzamento tem produzido as raças mistas secundárias. As características fisiológicas das raças primitivas são o indício evidente de que elas procedem de tipos diferentes. As mesmas considerações se aplicam então, tanto para os homens quanto para os animais, quanto à pluralidade dos troncos.  
(Capítulo X, nº 2 e seguintes)

40.- Adão e seus descendentes são representados na Gênese como homens essencialmente inteligentes, pois, desde a segunda geração, eles constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e constantemente duradouros.

Portanto, não se conceberia que essa linhagem teve como descendentes numerosos povos tão atrasados, de uma inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias rastejam a animalidade; que tenha perdido todos os traços e, até, a menor lembrança tradicional daquilo que seus pais faziam. Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta com muita evidência uma diferença de origem.

41.- Independentemente de fatos geológicos, a prova da existência do homem na Terra antes da época fixada pela Gênese é tirada da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa, que vem — dizem — desde trinta mil anos, documentos mais autênticos provam que o Egito, a Índia e outros países já eram povoados e floresciam há pelo menos três mil anos antes da era cristã, mil anos, portanto, depois da criação do primeiro homem segundo a cronologia bíblica. Documentos e

observações recentes não **parecem deixar** hoje dúvida alguma quanto às relações que existiram entre a América e os antigos egípcios, pelo que devemos concluir que essa região já era povoada naquela época. Então seria necessário admitirmos que em mil anos a posteridade de um único homem pôde povoar a maior parte da Terra; ora, semelhante fertilidade seria contrária com todas as leis antropológicas. **A própria Gênese não atribui aos primeiros descendentes de Adão uma fecundidade anormal, pois ela faz a sua contagem nominal até Noé.**

**41.-** A impossibilidade torna-se ainda mais evidente desde que se admita, com a Gênese, que o dilúvio destruiu *todo o gênero humano*, com exceção de Noé e de sua família — que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo, ou seja, 2.348 anos antes **de Jesus Cristo**. Seria então, na realidade, a partir de Noé que dataria o povoamento do globo; ou **por volta dessa época, a história designa Menés como rei do Egito. Quando os hebreus se estabeleceram nesse último país, 642 anos após o dilúvio, o Egito já era um poderoso império que — sem falar de outros países — teria**

observações recentes não **deixam** hoje dúvida alguma quanto às relações que existiram entre a América e os antigos egípcios, pelo que devemos concluir que essa região já era povoada naquela época. Então seria necessário admitirmos que em mil anos a posteridade de um único homem pôde povoar a maior parte da Terra; ora, semelhante fertilidade seria contrária com todas as leis antropológicas. **(1)**

(1) Na Exposição Universal de 1867, apresentaram-se antiguidades do México que nenhuma dúvida deixam sobre as relações que os povos desse país tiveram com os antigos egípcios. O Sr. Léon Méchedin, numa nota afixada no templo mexicano da Exposição, assim se exprimia:

—Não é conveniente que publiquem prematuramente as descobertas feitas do ponto de vista da história do homem pela recente expedição científica do México. Entretanto, nada se opõe a que o público saiba, desde já, que a exploração assinalou a existência de grande numero de cidades desaparecidas com o tempo, mas que a picareta e o incêndio podem retirar de suas mortalhas. As escavações puseram a descoberto, por toda parte, três camadas de civilizações, que dão ao mundo americano uma antiguidade fabulosa || .

É assim que todos os dias a Ciência opõe o desmentido dos fatos à doutrina que limita há 6.000 anos a aparição do homem na Terra e pretende fazê-lo derivar de um tronco único.

**42.-** A impossibilidade torna-se ainda mais evidente desde que se admita, com a Gênese, que o dilúvio destruiu *todo o gênero humano*, com exceção de Noé e de sua família — que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo, ou seja, 2.348 anos antes **da era Cristã**. Seria então, na realidade, a partir de Noé que dataria o povoamento do globo; ou . **quando os hebreus se estabeleceram no Egito , 612 anos após o dilúvio, o Egito já era um poderoso império que — sem falar de outros países — teria sido**

sido povoado ao menos há seis séculos, só pelos descendentes de Noé, o que não é admissível. De passagem, notemos que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros; seria espantoso que eles tivessem perdido a lembrança de uma comunidade de origem tão próxima, uma vez que eles conservaram religiosamente os monumentos de sua história.

Rigorosa lógica, corroborada pelos fatos, demonstra então da maneira mais peremptória que o homem está na Terra desde tempo indeterminado, bem anterior à época que assinalada pela Gênese. O mesmo ocorre com a diversidade das estirpes primitivas, porque demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a geologia descobre traços autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, a demonstração será ainda mais absoluta.

#### DOUTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DO PARAÍSO PERDIDO (2)

(2) Quando publicamos na Revista Espírita de janeiro de 1862 um artigo sobre a *interpretação da doutrina dos anjos decaídos*, apresentamos essa teoria como uma hipótese, não tendo autoridade senão de uma opinião pessoal controversável, pois então nos faltavam elementos completos para uma afirmação absoluta; nós a expusemos a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, porém, bem determinado a abandoná-la ou a modificá-la, se fosse preciso. Hoje, essa teoria já passou pela prova do controle universal; não só ela foi bem aceita pela maioria dos **espíritas** como a mais racional e a mais concordante com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica.

**42.- A palavra *anjo*, como tantas outras, tem vários significados: ela é aplicada indiferentemente em coisas boas e más, tanto que se diz: os bons e os maus anjos, o anjo de luz e o anjo das trevas;**

povoado ao menos há seis séculos, só pelos descendentes de Noé, o que não é admissível. De passagem, notemos que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros; seria espantoso que eles tivessem perdido a lembrança de uma comunidade de origem tão próxima, uma vez que eles conservaram religiosamente os monumentos de sua história.

Rigorosa lógica, corroborada pelos fatos, demonstra então da maneira mais peremptória que o homem está na Terra desde tempo indeterminado, bem anterior à época que assinalada pela Gênese. O mesmo ocorre com a diversidade das estirpes primitivas, porque demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a geologia descobre traços autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, a demonstração será ainda mais absoluta.

#### DOUTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DO PARAÍSO PERDIDO (2)

(2) Quando publicamos na Revista Espírita de janeiro de 1862 um artigo sobre a *interpretação da doutrina dos anjos decaídos*, apresentamos essa teoria como uma hipótese, não tendo autoridade senão de uma opinião pessoal controversável, pois então nos faltavam elementos completos para uma afirmação absoluta; nós a expusemos a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, porém, bem determinado a abandoná-la ou a modificá-la, se fosse preciso. Hoje, essa teoria já passou pela prova do controle universal; não só ela foi bem aceita pela maioria dos **Espíritas** como a mais racional e a mais concordante com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica.

donde resulta que, no sentido geral, significa simplesmente *Espírito*.

Os anjos não são seres à parte da humanidade e criados perfeitos, mas Espíritos que alcançaram à perfeição, como todas as criaturas, por seus esforços e seus méritos. Se os anjos fossem seres criados perfeitos, a rebelião contra Deus seria um sinal de inferioridade, aqueles que se rebelaram não poderiam ser anjos. A rebelião contra Deus não seria concebível da parte de seres que fossem criados perfeitos, ao passo que seria concebível da parte de seres ainda atrasados.

Por sua etimologia, a palavra anjo (do grego *áγγελος*) significa *enviado, mensageiro*; ora, não é racional supor que Deus tenha enviado seus mensageiros entre seres bastante imperfeitos para se revoltar contra ele.

43.- Até que os Espíritos tenham alcançado certo grau de perfeição, eles estão sujeitos a falir, seja no estado de erraticidade, seja no estado de encarnação. Falir é infringir a lei de Deus, se bem essa lei seja inscrita no coração de todos os homens, a fim de que eles não necessitem da revelação para conhecer seus deveres. O Espírito compreende essa lei gradualmente e à medida que sua inteligência se desenvolve. Aquele que infringe essa lei por ignorância e falta de experiência — que só se adquire com o tempo — incorre apenas numa responsabilidade relativa; contudo, da parte daquele cuja inteligência é desenvolvida, quem, tendo todos os meios de se esclarecer, infringir a lei voluntariamente e faz o mal com conhecimento de causa, incorre em uma revolta, uma rebelião contra o autor da lei.

44.- Os mundos progridem fisicamente pela elaboração da matéria e moralmente pela purificação dos Espíritos que os habitam. A felicidade neles está na razão direta da predominância do bem sobre o mal e a

43.- Os mundos progridem fisicamente pela elaboração da matéria e moralmente pela purificação dos Espíritos que os habitam. A felicidade neles está na razão direta da predominância do bem sobre o mal e a

predominância do bem é o resultado do avanço moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência eles podem fazer o mal.

Logo que um mundo chega a um de seus períodos de transformação que o faz subir na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada; é quando se dão as grandes emigrações e imigrações.

Aqueles que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveraram no mal, na sua revolta contra Deus e suas leis, seria daí em diante um entrave para o futuro progresso moral, uma causa permanente de perturbação para a tranquilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos desse ambiente e enviados para mundos menos adiantados; lá, eles aplicarão sua inteligência e intuição dos seus conhecimentos adquiridos em favor do progresso daqueles entre os quais são convocados a viver, ao mesmo tempo em que expiarão, numa série de existências penosas e por meio de árduo trabalho, suas faltas passadas e seu endurecimento *voluntário*.

Que serão eles entre esses povos novos para eles, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos enviados em expiação? Para eles, a terra *de onde foram expulsos* não é exatamente um *paraíso perdido*? Não era para eles um *lugar de delícias* em comparação com o meio cruel onde vão ficar relegados por milhares de séculos, até que tenham merecido libertar-se dele? A vaga lembrança intuitiva que conservam em si é para eles uma como longínqua miragem a lhes recordar *o que perderam por culpa própria*.

45.- Mas, ao mesmo tempo em que os maus se afastam do mundo em que habitavam, eles são substituídos por Espíritos melhores, vindos **ou da erraticidade desse mesmo mundo**, ou de um mundo menos adiantado, que eles mereceram deixar, e para os quais sua nova estadia é uma

predominância do bem é o resultado do avanço moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência eles podem fazer o mal.

Logo que um mundo chega a um de seus períodos de transformação que o faz subir na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada; é quando se dão as grandes emigrações e imigrações.

(nº 34, 35) Aqueles que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveraram no mal, na sua revolta contra Deus e suas leis, seria daí em diante um entrave para o futuro progresso moral, uma causa permanente de perturbação para a tranquilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos desse ambiente e enviados para mundos menos adiantados; lá, eles aplicarão sua inteligência e intuição dos seus conhecimentos adquiridos em favor do progresso daqueles entre os quais são convocados a viver, ao mesmo tempo em que expiarão, numa série de existências penosas e por meio de árduo trabalho, suas faltas passadas e seu endurecimento *voluntário*.

Que serão eles entre esses povos novos para eles, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos enviados em expiação? Para eles, a terra *de onde foram expulsos* não é exatamente um *paraíso perdido*? Não era para eles um *lugar de delícias* em comparação com o meio cruel onde vão ficar relegados por milhares de séculos, até que tenham merecido libertar-se dele? A vaga lembrança intuitiva que conservam em si é para eles uma como longínqua miragem a lhes recordar *o que perderam por culpa própria*.

44.- Mas, ao mesmo tempo em que os maus se afastam do mundo em que habitavam, eles são substituídos por Espíritos melhores, vindos  
ou  
de um mundo menos adiantado, que eles mereceram deixar, e para os quais sua nova estadia

recompensa. A população espiritual sendo assim renovada e depurada dos seus piores elementos, ao fim de algum tempo o estado moral do mundo se acha melhorado.

Essas mutações são às vezes parciais, isto é, limitadas a um povo, a uma raça; doutras vezes, são gerais, quando o período de renovação chega para o globo.

46.- A raça adâmica tem todas as feições de uma raça banida; os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas por homens primitivos, imersos numa ignorância, que os adâmicos tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. De fato, esse não é o papel que essa raça tem desempenhado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde eles partiram era mais adiantado do que a Terra; mas como esse mundo deveria entrar numa nova fase de progresso, e esses Espíritos, pela sua teimosia no mal, não tendo querido se colocar à altura desse progresso, lá estariam deslocados e constituiriam um obstáculo à marcha providencial das coisas; eis por que eles foram excluídos de lá, ao passo que outros mereceram substituí-los.

Relegando aquela raça para esta terra de labor e de sofrimentos, Deus teve razão para lhe dizer “Tirarás o alimento da Terra com o suor do teu rosto”. Na sua mansidão, ele prometeu que lhe enviaria um *Salvador*, isto é, aquele que deveria esclarecer sobre o caminho que deve tomar para sair desse lugar de miséria, desse *inferno*, e ganhar a felicidade dos eleitos. Esse Salvador, Deus lhe enviou na pessoa do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade desconhecida por eles, e que seria a verdadeira âncora de salvação. **O Cristo não só ensinou a lei, mas também deu o exemplo da prática dessa lei, por sua mansidão, sua humildade, sua paciência em sofrer sem murmurar os tratamentos dos mais humilhantes e os mais**

é uma recompensa. A população espiritual sendo assim renovada e depurada dos seus piores elementos, ao fim de algum tempo o estado moral do mundo se acha melhorado.

Essas mutações são às vezes parciais, isto é, limitadas a um povo, a uma raça; doutras vezes, são gerais, quando o período de renovação chega para o globo.

45.- A raça adâmica tem todas as feições de uma raça banida; os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas por homens primitivos, imersos numa ignorância, que os adâmicos tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. De fato, esse não é o papel que essa raça tem desempenhado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde eles partiram era mais adiantado do que a Terra; mas como esse mundo deveria entrar numa nova fase de progresso, e esses Espíritos, pela sua teimosia no mal, não tendo querido se colocar à altura desse progresso, lá estariam deslocados e constituiriam um obstáculo à marcha providencial das coisas; eis por que eles foram excluídos de lá, ao passo que outros mereceram substituí-los.

Relegando aquela raça para esta terra de labor e de sofrimentos, Deus teve razão para lhe dizer “Tirarás o alimento da Terra com o suor do teu rosto”. Na sua mansidão, ele prometeu que lhe enviaria um *Salvador*, isto é, aquele que deveria esclarecer sobre o caminho que deve tomar para sair desse lugar de miséria, desse *inferno*, e ganhar a felicidade dos eleitos. Esse Salvador, Deus lhe enviou na pessoa do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade desconhecida por eles, e que seria a verdadeira âncora de salvação.



dolorosos. Para tal missão fosse cumprida sem desvios, foi preciso um Espírito livre das debilidades humanas.

É igualmente com o objetivo de fazer a Humanidade avançar em determinado sentido que Espíritos superiores, embora sem as qualidades do Cristo, encarnam de tempos em tempos na Terra para aí desempenhar missões especiais que beneficiam o seu adiantamento pessoal, se eles as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

47.- Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contrassenso, assim como a promessa feita por Deus. Com efeito, suponhamos que a alma de cada homem seja criada por ocasião do nascimento do seu corpo, e não faça mais do que aparecer e desaparecer da Terra: nenhuma relação haveria entre as que vieram desde Adão até Jesus Cristo, nem entre as que vieram depois; são todas estranhas umas às outras. A promessa que Deus fez de um Salvador não poderia abranger os descendentes de Adão, uma vez que suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse corresponder às palavras de Deus, seria preciso que se aplicassem às mesmas almas. Se estas almas são novas, não podem estar marcadas pela falta do primeiro pai, que é apenas pai carnal e não pai espiritual; a não ser assim, Deus teria *criado* almas maculadas de uma falta que elas não teriam cometido

. A doutrina comum do pecado original implica então a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e aquelas do tempo de Adão, e por consequência da<sup>5</sup> reencarnação.

Digam que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra ao tempo de

É igualmente com o objetivo de fazer a Humanidade avançar em determinado sentido que Espíritos superiores, embora sem as qualidades do Cristo, encarnam de tempos em tempos na Terra para aí desempenhar missões especiais que beneficiam ao mesmo tempo o seu adiantamento pessoal, se eles as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

46.- Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contrassenso, assim como a promessa feita por Deus. Com efeito, suponhamos que a alma de cada homem seja criada por ocasião do nascimento do seu corpo, e não faça mais do que aparecer e desaparecer da Terra: nenhuma relação haveria entre as que vieram desde Adão até Jesus Cristo, nem entre as que vieram depois; são todas estranhas umas às outras. A promessa que Deus fez de um Salvador não poderia abranger os descendentes de Adão, uma vez que suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse corresponder às palavras de Deus, seria preciso que se aplicassem às mesmas almas. Se estas almas são novas, não podem estar marcadas pela falta do primeiro pai, que é apenas pai carnal e não pai espiritual; a não ser assim, Deus teria *criado* almas maculadas de uma falta que não podia deixar nelas vestígio, pois que elas não existiam. A doutrina comum do pecado original implica então a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e aquelas do tempo de Adão, e por consequência a reencarnação.

Digam que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra ao tempo de

<sup>5</sup> et par conséquent de la réincarnation. ⇒ et par conséquent la réincarnation.

Adão, e que elas se achavam manchadas **de erro** que lhes resultaram ser excluídas de um mundo melhor e terão a única interpretação racional do pecado original, pecado próprio a cada indivíduo e não resultado da responsabilidade da falta de alguém a quem ele jamais conheceu; digam que essas almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra para a vida corpórea para progredir e se depurar; que o Cristo veio esclarecer **essas mesmas almas** não só acerca de suas vidas passadas, como também com relação às suas vidas posteriores, e só então vocês darão à sua missão um sentido real e sério, aceitável pela razão.

**48.-** Um exemplo conhecido — impressionante pela sua semelhança — tornará os princípios que acabam de ser expostos ainda mais compreensíveis.

Em 24 de maio de 1861, o navio *Ifigênia* transportou à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. Na sua chegada, o comandante da colônia lhes endereçou uma ordem do dia assim disposta:

“Pondo os pés nesta terra distante, sem dúvida já cumpriram o papel reservado a vocês. “A exemplo dos nossos bravos soldados da marinha servindo sob as suas vistas, vocês nos ajudam a levar com brilho a tocha da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Eu lhes pergunto: não é uma bela e nobre missão? Vocês a desempenharão dignamente.

“Escutem a palavra e os conselhos dos seus chefes. Estou à frente deles; que as minhas palavras sejam bem entendidas.

“A escolha do seu comandante, dos seus oficiais, dos seus suboficiais e cabos constitui uma garantia certa de que todos os esforços serão aplicados para fazer de vocês excelentes soldados; eu digo mais: para elevá-los à altura de bons cidadãos e transformá-los em colonos honrados, **se assim quiserem**.

Adão, e que elas se achavam manchadas **de vícios** que lhes resultaram ser excluídas de um mundo melhor e terão a única interpretação racional do pecado original, pecado próprio a cada indivíduo e não resultado da responsabilidade da falta de alguém a quem ele jamais conheceu; digam que essas almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra para a vida corpórea para progredir e se depurar; que o Cristo veio esclarecer **essas mesmas almas** não só acerca de suas vidas passadas, como também com relação às suas vidas posteriores, e só então vocês darão à sua missão um sentido real e sério, aceitável pela razão.

**47.-** Um exemplo conhecido — impressionante pela sua semelhança — tornará os princípios que acabam de ser expostos ainda mais compreensíveis.

Em 24 de maio de 1861, o navio *Ifigênia* transportou à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. Na sua chegada, o comandante da colônia lhes endereçou uma ordem do dia assim disposta:

“Pondo os pés nesta terra distante, sem dúvida já cumpriram o papel reservado a vocês. “A exemplo dos nossos bravos soldados da marinha servindo sob as suas vistas, vocês nos ajudam a levar com brilho a tocha da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Eu lhes pergunto: não é uma bela e nobre missão? Vocês a desempenharão dignamente.

“Escutem a palavra e os conselhos dos seus chefes. Estou à frente deles; que as minhas palavras sejam bem entendidas.

“A escolha do seu comandante, dos seus oficiais, dos seus suboficiais e cabos constitui uma garantia certa de que todos os esforços serão aplicados para fazer de vocês excelentes soldados; eu digo mais: para elevá-los à altura de bons cidadãos e transformá-los em colonos honrados, **se assim quiserem**.

“A nossa disciplina é severa e assim tem que ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, fiquem sabendo, do mesmo modo que, sendo justa e paternal, ela saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”

Aí temos então um punhado de homens expulsos de um país civilizado, por causa de seu mau procedimento, e por punição, mandados para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? — “Vocês transgrediram as leis do seu país; nele se tornaram causa de perturbação e escândalo e por isso foram expulsos; vocês foram enviados para cá, mas aqui podem resgatar o seu passado; pelo trabalho, vocês podem criar aqui uma posição honrosa e se tornar cidadãos honestos. Vocês têm aqui uma bela missão a cumprir, a de levar a civilização entre estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir aqueles que procederem bem.

”.

Para aqueles homens, relegados ao meio da selvajaria, a mãe-pátria não é um paraíso perdido por suas próprias faltas e por rebelião contra a lei? Nessa terra distante, eles não são anjos decaídos? A linguagem do chefe não é aquela — “Vocês têm desobedecido às minhas leis e por isso eu os expulsei do mundo onde podiam viver felizes e em paz; aqui, estarão condenados ao trabalho, mas, pelo seu bom procedimento, vocês poderão merecer perdão e reconquistar a pátria que perderam por suas faltas, isto é, o Céu” — que Deus dirigiu aos Espíritos exilados na Terra?

49.- À primeira vista, a ideia de rebaixamento parece uma contradição com o princípio de que os Espíritos não podem retroceder; entretanto, devemos considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo; o Espírito — ainda que numa posição inferior — não perde nada do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e

“A nossa disciplina é severa e assim tem que ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, fiquem sabendo, do mesmo modo que, sendo justa e paternal, ela saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”

Aí temos então um punhado de homens expulsos de um país civilizado, por causa de seu mau procedimento, e por punição, mandados para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? — “Vocês transgrediram as leis do seu país; nele se tornaram causa de perturbação e escândalo e por isso foram expulsos; vocês foram enviados para cá, mas aqui podem resgatar o seu passado; pelo trabalho, vocês podem criar aqui uma posição honrosa e se tornar cidadãos honestos. Vocês têm aqui uma bela missão a cumprir, a de levar a civilização entre estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir aqueles que procederem bem. **Seu destino está em suas mãos; você pode melhorá-lo se você desejar, porque você possui seu livre-arbítrio**”.

Para aqueles homens, relegados ao meio da selvajaria, a mãe-pátria não é um paraíso perdido por suas próprias faltas e por rebelião contra a lei? Nessa terra distante, eles não são anjos decaídos? A linguagem do chefe não é aquela — “Vocês têm desobedecido às minhas leis e por isso eu os expulsei do mundo onde podiam viver felizes e em paz; aqui, estarão condenados ao trabalho, mas, pelo seu bom procedimento, vocês poderão merecer perdão e reconquistar a pátria que perderam por suas faltas, isto é, o Céu” — que Deus dirigiu aos Espíritos exilados na Terra?

48.- À primeira vista, a ideia de rebaixamento parece uma contradição com o princípio de que os Espíritos não podem retroceder; entretanto, devemos considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo; o Espírito — ainda que numa posição inferior — não perde nada do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e

intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra

, decaído do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

50.- Agora, acredita-se que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão se transformar subitamente em modelos de virtude? Que vão abandonar repentinamente todos os seus erros do passado? Para supor tal coisa, seria necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica — uma vez transplantados para a terra do exílio — não se livraram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as tendências de sua origem, um resto do velho fermento; ora, não é esse o pecado original? **A mancha que eles trazem de nascença é aquela da raça de Espíritos culpados e punidos da qual eles pertencem; mancha que eles podem apagar pelo arrependimento, pela expiação e pela renovação de seu ser moral. O pecado original, considerado como a responsabilidade de uma falta cometida por outro é um contrassenso e a negação da justiça de Deus; de outra forma, considerada como consequência e estado de uma imperfeição primária do indivíduo, não somente a razão a admite, como também a responsabilidade que deriva dela encontra-se com toda a justiça.**

intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra **degradado**, decaído do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

49.- Agora, acredita-se que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão se transformar subitamente em modelos de virtude? Que vão abandonar repentinamente todos os seus erros do passado? Para supor tal coisa, seria necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica — uma vez transplantados para a terra do exílio — não se livraram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as tendências de sua origem, um resto do velho fermento; ora, não é esse o pecado original?

Os seis dias - O **Paraíso** perdido

## OS SEIS DIAS

1.- CAPÍTULO I. — 1. No princípio Deus criou o Céu e a Terra. - 2. A Terra era uniforme e inteiramente nua; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus boiava sobre as águas. - 3. Então, Deus disse: Que se faça a luz e a luz foi feita. - 4. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. - 5. Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite, e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.

6. Deus também disse: Que se faça o firmamento no meio das águas, e que ele separe as águas das águas. - 7. E Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam acima do firmamento. E assim se fez. - 8. E Deus deu ao firmamento o nome de céu; da tarde e da manhã se fez o segundo dia.

9. Disse Deus ainda: Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o elemento árido. E assim se fez. - 10. Deus deu ao elemento árido o nome de terra e chamou de mar todas as águas reunidas. E viu que isso era bom. - 11. Deus disse mais: Que a terra produza a erva verde que traz a semente e árvores frutíferas que deem frutos cada qual de sua espécie, e que contenham em si mesmas as suas sementes para se reproduzir na terra. E assim se fez. - 12. A terra então produziu a erva verde que trazia a semente conforme a sua espécie, e árvores frutíferas que continham em si mesmas suas sementes, cada qual de acordo com a sua espécie. E Deus viu que isso era bom. - 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.

14. Deus disse também: Que corpos de luz sejam feitos no firmamento do céu, a fim de que separem o dia da noite e sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. - 15. Que eles brilhem no firmamento do céu e iluminem a terra. E assim se fez. - 16. Deus então fez dois grandes corpos luminosos, um maior para presidir ao dia, o outro menor para presidir à noite; também fez as estrelas. - 17. E os pôs no firmamento do céu para brilhar sobre a terra. - 18. Para presidir ao dia e à noite e para separar a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom. - 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.

20. Deus disse ainda: Que as águas produzam animais vivos que nadem nas águas e pássaros que voem sobre a terra abaixo do firmamento do céu. - 21. Então Deus criou os

Os seis dias - O **paraíso** perdido

## OS SEIS DIAS

1.- CAPÍTULO I. — 1. No princípio Deus criou o Céu e a Terra. - 2. A Terra era uniforme e inteiramente nua; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus boiava sobre as águas. - 3. Então, Deus disse: Que se faça a luz e a luz foi feita. - 4. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. - 5. Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite, e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.

6. Deus também disse: Que se faça o firmamento no meio das águas, e que ele separe as águas das águas. - 7. E Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam acima do firmamento. E assim se fez. - 8. E Deus deu ao firmamento o nome de céu; da tarde e da manhã se fez o segundo dia.

9. Disse Deus ainda: Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o elemento árido. E assim se fez. - 10. Deus deu ao elemento árido o nome de terra e chamou de mar todas as águas reunidas. E viu que isso era bom. - 11. Deus disse mais: Que a terra produza a erva verde que traz a semente e árvores frutíferas que deem frutos cada qual de sua espécie, e que contenham em si mesmas as suas sementes para se reproduzir na terra. E assim se fez. - 12. A terra então produziu a erva verde que trazia a semente conforme a sua espécie, e árvores frutíferas que continham em si mesmas suas sementes, cada qual de acordo com a sua espécie. E Deus viu que isso era bom. - 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.

14. Deus disse também: Que corpos de luz sejam feitos no firmamento do céu, a fim de que separem o dia da noite e sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. - 15. Que eles brilhem no firmamento do céu e iluminem a terra. E assim se fez. - 16. Deus então fez dois grandes corpos luminosos, um maior para presidir ao dia, o outro menor para presidir à noite; também fez as estrelas. - 17. E os pôs no firmamento do céu para brilhar sobre a terra. - 18. Para presidir ao dia e à noite e para separar a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom. - 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.

20. Deus disse ainda: Que as águas produzam animais vivos que nadem nas águas e pássaros que voem sobre a terra abaixo do firmamento do céu. - 21. Então Deus criou os

<sup>1</sup> Correção: na primeira edição, a palavra estava grafada errada - Mozaïque - e foi corrigida na quinta edição.

grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram cada qual segundo sua espécie, e criou também todos os pássaros segundo sua espécie. Ele viu que isso era bom. - 22. E os abençoou dizendo: Cresçam e se multipliquem, e encham as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a terra. - 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

24. Deus também disse: Que a Terra produza animais vivos, cada qual segundo sua espécie, os animais domésticos e as feras selvagens da terra em suas diferentes espécies. E assim se fez. - 25. Então Deus fez os animais selvagens da Terra em suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis<sup>2</sup>, cada qual de sua espécie. E Deus viu que isso era bom.

26. Em seguida, ele disse: Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança, e que ele comande os peixes do mar, os pássaros do céu, as feras, sobre toda a terra e sobre todos os répteis [reptiles ⇒ reptil] que se movem na terra. - 27. Deus então criou o homem à sua imagem, e o criou à imagem de Deus, e o criou macho e fêmea. - 28. Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e se multipliquem, encham a terra e sujeitem-na a vocês, reinem sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. - 29. Disse Deus ainda: Eu lhes dei todas as ervas que trazem sua semente à terra e todas as árvores que contém em si mesmas suas sementes cada qual de sua espécie, a fim de que se sirvam de alimento; - 30. E a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move na Terra e que é vivo e animado, eu lhes dou a fim de que tenham de que se alimentar. E assim se fez. - 31. Deus viu todas as coisas que havia feito; e elas eram muito boas. - 32. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II — 1. Assim o céu e a terra ficaram acabados com todos os seus ornamentos. - 2. No sétimo, dia Deus terminou toda a obra que ele havia feito e repousou nesse sétimo dia, após ter concluído todas as suas obras. - 3. Ele abençoou o sétimo dia e o santificou, porque ele havia cessado nesse dia de produzir todas as obras que tinha criado. - 4. Essa é a origem do céu e da terra e foi assim que eles foram criados no dia que o Senhor Deus fez um e outro. - 5. E que criou todas as plantas dos campos antes que houvessem saído da terra, e todas as ervas das planícies antes que houvessem germinado. Porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para lavrá-la; - 6 Porém, da terra se elevava uma fonte que lhe regava toda a superfície.

grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram cada qual segundo sua espécie, e criou também todos os pássaros segundo sua espécie. Ele viu que isso era bom. - 22. E os abençoou dizendo: Cresçam e se multipliquem, e encham as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a terra. - 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

24. Deus também disse: Que a Terra produza animais vivos, cada qual segundo sua espécie, os animais domésticos e as feras selvagens da terra em suas diferentes espécies. E assim se fez. - 25. Então Deus fez os animais selvagens da Terra em suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis, cada qual de sua espécie. E Deus viu que isso era bom.

26. Em seguida, ele disse: Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança, e que ele comande os peixes do mar, os pássaros do céu, as feras, sobre toda a terra e sobre todos os répteis [reptiles ⇒ reptil] que se movem na terra. - 27. Deus então criou o homem à sua imagem, e o criou à imagem de Deus, e o criou macho e fêmea. - 28. Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e se multipliquem, encham a terra e sujeitem-na a vocês, reinem sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. - 29. Disse Deus ainda: Eu lhes dei todas as ervas que trazem sua semente à terra e todas as árvores que contém em si mesmas suas sementes cada qual de sua espécie, a fim de que se sirvam de alimento; - 30. E a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move na Terra e que é vivo e animado, eu lhes dou a fim de que tenham de que se alimentar. E assim se fez. - 31. Deus viu todas as coisas que havia feito; e elas eram muito boas. - 32. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II — 1. Assim o céu e a terra ficaram acabados com todos os seus ornamentos. - 2. No sétimo, dia Deus terminou toda a obra que ele havia feito e repousou nesse sétimo dia, após ter concluído todas as suas obras. - 3. Ele abençoou o sétimo dia e o santificou, porque ele havia cessado nesse dia de produzir todas as obras que tinha criado. - 4. Essa é a origem do céu e da terra e foi assim que eles foram criados no dia que o Senhor Deus fez um e outro. - 5. E que criou todas as plantas dos campos antes que houvessem saído da terra, e todas as ervas das planícies antes que houvessem germinado. Porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para lavrá-la; - 6 Porém, da terra se elevava uma fonte que lhe regava toda a superfície.

<sup>2</sup> Erro: foi retirado o S de *reptiles*. Pelo espaço duplo entre *reptile* e *chacun* na 5ª edição, parece que o S sumiu por um engano.

## CAPÍTULO XII - Gênese Mosaica

1ª Edição (1868)

7. Então, o Senhor Deus formou o homem do barro da terra e lhe espalhou sobre o rosto um sopro de vida, e o homem se tornou vivente e animado.

2.- Depois das explicações contidas nos capítulos anteriores sobre a origem e a constituição do Universo, de acordo com os dados fornecidos pela ciência quanto à parte material, e pelo Espiritismo quanto à parte espiritual, seria útil colocá-las em paralelo com o próprio texto da Gênesis de Moisés, a fim de que cada um possa fazer uma comparação e julgar com conhecimento de causa; algumas explicações **suplementares** bastarão para tornar compreensíveis as partes que precisam de esclarecimentos especiais.

3.- Sobre alguns pontos, certamente há notável concordância entre a Gênesis mosaica e a doutrina científica; mas seria erro acreditar que basta substituir os seis dias de vinte e quatro horas da criação por seis períodos indeterminados para encontrar uma analogia completa; seria um erro maior acreditarmos que, fora o sentido alegórico de algumas palavras, a Gênesis e a ciência caminham lado a lado, sendo uma apenas a simples interpretação da outra.

4.- Em primeiro lugar, notamos que, assim como já foi dito (cap. VII, nº 14), o número de seis períodos geológicos é arbitrário, pois, conta-se mais de vinte e cinco formações bem caracterizadas. Esse número marca apenas as grandes fases gerais; ele só foi adotado, a princípio, para retornar, o máximo possível, no texto bíblico a uma época — pouco distante, aliás — quando se acreditava que a ciência devia ser controlada pela Bíblia. Essa a razão por que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, visando se fazer mais facilmente aceitável, se esforçaram para se colocar em acordo com o texto sagrado. Quando a ciência se apoiou no método experimental, ela

5ª Edição (1869/72)

7. Então, o Senhor Deus formou o homem do barro da terra e lhe espalhou sobre o rosto um sopro de vida, e o homem se tornou vivente e animado.

2.- Depois das explicações contidas nos capítulos anteriores sobre a origem e a constituição do Universo, de acordo com os dados fornecidos pela ciência quanto à parte material, e pelo Espiritismo quanto à parte espiritual, seria útil colocá-las em paralelo com o próprio texto da Gênesis de Moisés, a fim de que cada um possa fazer uma comparação e julgar com conhecimento de causa; algumas explicações **complementares** bastarão para tornar compreensíveis as partes que precisam de esclarecimentos especiais.

3.- Sobre alguns pontos, certamente há notável concordância entre a Gênesis mosaica e a doutrina científica; mas seria erro acreditar que basta substituir os seis dias de vinte e quatro horas da criação por seis períodos indeterminados para encontrar uma analogia completa; seria um erro maior acreditarmos que, fora o sentido alegórico de algumas palavras, a Gênesis e a ciência caminham lado a lado, sendo uma apenas a simples interpretação da outra.

4.- Em primeiro lugar, notamos que, assim como já foi dito (cap. VII, nº 14), o número de seis períodos geológicos é arbitrário, pois, conta-se mais de vinte e cinco formações bem caracterizadas. Esse número marca apenas as grandes fases gerais; ele só foi adotado, a princípio, para retornar, o máximo possível, no texto bíblico a uma época — pouco distante, aliás — quando se acreditava que a ciência devia ser controlada pela Bíblia. Essa a razão por que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, visando se fazer mais facilmente aceitável, se esforçaram para se colocar em acordo com o texto sagrado. Quando a ciência se apoiou no método experimental, ela

sentiu-se mais forte e se emancipou; hoje, é a Bíblia que é controlada pela ciência.

De outra forma, a geologia — tomando por ponto de partida unicamente a formação dos terrenos graníticos, no cômputo de seus períodos — não abrange o estado primitivo da Terra. Tampouco se ocupa com o Sol, com a Lua e com as estrelas, nem com o conjunto do Universo, que pertencem à astronomia. Para enquadrar tudo na Gênese, devemos então acrescentar um primeiro período abrangendo essa ordem de fenômenos, ao qual se poderia chamar *período astronômico*.

Além disso, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como formando um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro, que não mudou sensivelmente o estado climático do globo, nem marcou uma fase nova para as espécies vegetais e animais, pois que, com poucas exceções, as mesmas espécies se encontram antes e depois do dilúvio. Portanto, podemos ignorar esse período, sem menosprezo da verdade.

5.- O quadro comparativo a seguir, no qual se acham resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite considerar o conjunto e julgar as relações e as diferenças existentes entre elas e a Gênese bíblica:

sentiu-se mais forte e se emancipou; hoje, é a Bíblia que é controlada pela ciência.

De outra forma, a geologia — tomando por ponto de partida unicamente a formação dos terrenos graníticos, no cômputo de seus períodos — não abrange o estado primitivo da Terra. Tampouco se ocupa com o Sol, com a Lua e com as estrelas, nem com o conjunto do Universo, que pertencem à astronomia. Para enquadrar tudo na Gênese, devemos então acrescentar um primeiro período abrangendo essa ordem de fenômenos, ao qual se poderia chamar *período astronômico*.

Além disso, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como formando um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro, que não mudou sensivelmente o estado climático do globo, nem marcou uma fase nova para as espécies vegetais e animais, pois que, com poucas exceções, as mesmas espécies se encontram antes e depois do dilúvio. Portanto, podemos ignorar esse período, sem menosprezo da verdade.

5.- O quadro comparativo a seguir, no qual se acham resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite considerar o conjunto e julgar as relações e as diferenças existentes entre elas e a Gênese bíblica:



CIÊNCIA<sup>3</sup>

I - PERÍODO ASTRONÔMICO: Aglomeração da matéria cósmica universal em um ponto do espaço em nebulosa que deu origem às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas, pela condensação da matéria em diversos pontos. Estado primitivo, fluídico e incandescente da Terra. — Atmosfera imensa carregada de toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis.

II - PERÍODO PRIMÁRIO: Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. — Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios solares. — Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. — Ausência completa de vida orgânica.

III - PERÍODO DE TRANSIÇÃO: As águas cobrem toda a superfície do globo. — Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. — Calor úmido. — O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. — Primeiros seres organizados da mais rudimentar constituição. — Liquens, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. — Primeiros animais marinhos: zoófitos, polípeiros, crustáceos. — Depósitos de hulha.

IV - PERÍODO SECUNDÁRIO: Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Consideráveis depósitos de calcários pelas águas. — Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. — Peixes; cetáceos; animais com conchas; grandes répteis aquáticos e anfíbios.

V - PERÍODO TERCIÁRIO: Grandes levantamentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; formação dos mares. — Atmosfera depurada; temperatura atual produzida pelo calor solar. — Animais terrestres gigantes. Vegetais e animais da atualidade. Pássaros.

DILÚVIO UNIVERSAL.

VI - PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO: Terrenos de aluvião. — Vegetais e animais da atualidade. — O homem.

6.- O primeiro fato que ressalta desse quadro comparativo é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa a cada um dos seis períodos geológicos, como muitos supõem.

GÊNESIS

1º DIA: O Céu e a Terra. — A luz.

2º DIA: O Firmamento. — Separação das águas que estão acima do firmamento daquelas que estão debaixo.

3º DIA: As águas que estão debaixo do firmamento se reúnem; aparece o elemento árido.— A terra e os mares. — As plantas.

4º DIA: O Sol, a Lua e as estrelas.

5º DIA: Os peixes e os pássaros.

6º DIA: Os animais terrestres. — O homem.

6.- O primeiro fato que ressalta desse quadro comparativo é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa a cada um dos seis períodos geológicos, como muitos supõem.

<sup>3</sup> Esta tabela com a comparação entre a Ciência e a Gênese é idêntica nas duas edições.

A concordância mais notável é aquela da sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, com pequena diferença, e no aparecimento do homem por último; ora, esse é um fato importante.

Há também coincidência, não quanto à ordem numérica dos períodos, mas quanto ao fato em si, na passagem em que diz que, no terceiro dia: “As águas que estão debaixo do céu se reuniram num só lugar e o elemento árido apareceu”. Essa é a expressão do que ocorreu no período terciário, quando as elevações da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e repeliram as águas que formaram os mares. Foi somente então que apareceram os animais terrestres, segundo a Geologia e segundo Moisés.

7.- Quando Moisés diz que a criação foi feita em seis dias, ele queria falar de dias de vinte e quatro horas, ou teria empregado essa palavra no sentido de: período, de duração, **espaço de tempo indeterminado, a palavra hebraica traduzida por dia tinha essa dupla significação?** A primeira hipótese é a mais provável, se nos referirmos ao mesmo texto.

A especificação à tarde e à manhã, que limitam cada um dos seis dias, dá tudo a entender que se supunha que ele queria falar de dias regulares. Não se pode conceber qualquer dúvida a tal respeito, quando diz no versículo 5: “Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia”. Evidentemente, isto só pode ser aplicado ao dia de vinte e quatro horas, dividido pela luz e pelas trevas. Ainda mais preciso se torna o sentido quando ele diz no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: “Colocou-as no firmamento do céu para elas brilharem sobre a Terra; para presidirem o dia e a noite e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia”.

A concordância mais notável é aquela da sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, com pequena diferença, e no aparecimento do homem por último; ora, esse é um fato importante.

Há também coincidência, não quanto à ordem numérica dos períodos, mas quanto ao fato em si, na passagem em que diz que, no terceiro dia: “as águas que estão debaixo do céu se reuniram num só lugar e o elemento árido apareceu”. Essa é a expressão do que ocorreu no período terciário, quando as elevações da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e repeliram as águas que formaram os mares. Foi somente então que apareceram os animais terrestres, segundo a Geologia e segundo Moisés.

7.- Quando Moisés diz que a criação foi feita em seis dias, ele queria falar de dias de vinte e quatro horas, ou teria empregado essa palavra no sentido de: período, de duração

? A primeira hipótese é a mais provável, se nos referirmos ao mesmo texto. **Primeiro, porque esse é o sentido próprio da palavra hebraica *iôm*, traduzida por dia: depois** a especificação à tarde e à manhã, que limitam cada um dos seis dias, dá tudo a entender que se supunha que ele queria falar de dias regulares. Não se pode conceber qualquer dúvida a tal respeito, quando diz no versículo 5: “Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia”. Evidentemente, isto só pode ser aplicado ao dia de vinte e quatro horas, dividido pela luz e pelas trevas. Ainda mais preciso se torna o sentido quando ele diz no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: “Colocou-as no firmamento do céu para elas brilharem sobre a Terra; para presidirem o dia e a noite e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia”.

Aliás, tudo na criação era miraculoso e, desde que se entre pela via dos milagres, podemos perfeitamente crer que a Terra foi feita em seis vezes vinte e quatro horas, sobretudo quando se ignora as primeiras leis naturais. Essa crença foi muito compartilhada por todos os povos civilizados, até ao momento em que a geologia surgiu para lhe demonstrar a impossibilidade através de fatos.

8.- Um dos pontos que têm sido mais criticados na Gênese é o da criação do Sol depois da luz. Tentaram explicá-lo, até mesmo com os dados fornecidos pela geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, a atmosfera terrestre — por se achar carregada de vapores densos e opacos — não permitia que se visse o Sol, que assim, efetivamente não existia para a Terra. Talvez essa explicação fosse admissível se naquela época já houvesse habitantes para julgar a presença ou a ausência do Sol; ora, segundo o próprio Moisés, somente havia plantas, que, contudo, não poderiam crescer e se multiplicar sem a ação do calor solar.

Portanto, há evidentemente um anacronismo na ordem que Moisés estabeleceu para a criação do Sol; mas, involuntariamente ou não, ele não cometeu um erro ao dizer que a luz precedeu o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal, mas uma concentração do elemento luminoso em um ponto, ou de outra maneira, do fluido que adquire as propriedades luminosas, em dadas circunstâncias. Esse fluido, que é a causa, havia necessariamente de **existir antes do Sol**, que é apenas um efeito. O Sol é *causa* em relação à luz que ele irradia, mas ele é *efeito* com relação à luz que recebeu.

Num quarto escuro, uma vela acesa é um pequeno sol. O que é que se fez para se acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade luminescente do fluido luminoso e concentrou-se esse fluido

Aliás, tudo na criação era miraculoso e, desde que se entre pela via dos milagres, podemos perfeitamente crer que a Terra foi feita em seis vezes vinte e quatro horas, sobretudo quando se ignora as primeiras leis naturais. Essa crença foi muito compartilhada por todos os povos civilizados, até ao momento em que a geologia surgiu para lhe demonstrar a impossibilidade através de fatos.

8.- Um dos pontos que têm sido mais criticados na Gênese é o da criação do Sol depois da luz. Tentaram explicá-lo, até mesmo com os dados fornecidos pela geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, a atmosfera terrestre — por se achar carregada de vapores densos e opacos — não permitia que se visse o Sol, que assim, efetivamente não existia para a Terra. Talvez essa explicação fosse admissível se naquela época já houvesse habitantes para julgar a presença ou a ausência do Sol; ora, segundo o próprio Moisés, somente havia plantas, que, contudo, não poderiam crescer e se multiplicar sem a ação do calor solar.

Portanto, há evidentemente um anacronismo na ordem que Moisés estabeleceu para a criação do Sol; mas, involuntariamente ou não, ele não cometeu um erro ao dizer que a luz precedeu o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal, mas uma concentração do elemento luminoso em um ponto, ou de outra maneira, do fluido que adquire as propriedades luminosas, em dadas circunstâncias. Esse fluido, que é a causa, havia necessariamente de **anteceder o Sol**, que é apenas um efeito. O Sol é *causa* em relação à luz que ele irradia, mas ele é *efeito* com relação à luz que recebeu.

Num quarto escuro, uma vela acesa é um pequeno sol. O que é que se fez para se acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade luminescente do fluido luminoso e concentrou-se esse fluido

num ponto; a vela é a causa da luz espalhada pelo quarto, mas se o princípio luminoso não existisse antes da vela, esta não poderia ter sido acesa.

O mesmo se dá com o Sol. O erro provém da ideia falsa que se tem desde longo tempo de que o Universo inteiro começou com a Terra, e então não se compreende que o Sol **podia**<sup>4</sup> ser criado depois da luz. Sabemos atualmente que antes do nosso Sol e nossa Terra, têm existido milhares de sóis e terras, que conseqüentemente já gozavam da luz. Portanto, a afirmação de Moisés é perfeitamente exata a princípio: ela é falsa em fazer crer que a Terra tenha sido criada antes do Sol; estando sujeita ao Sol pelo seu movimento de translação, a Terra teve de ser formada depois dele: isso é o que Moisés não podia saber, pois que ele desconhecia a lei de gravitação.

Essa mesma ideia se encontra na Gênese dos antigos persas, **no** primeiro capítulo de Vendidad. Narrando a origem do mundo, Ormuzd diz: “Eu criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas” (*Dicionário de Mitologia Universal*). A forma aqui é sem dúvida mais clara e mais científica do que em Moisés, e não precisa de comentários.

9.- Evidentemente, Moisés compartilhava das mais primitivas crenças sobre a cosmogonia. Como os homens do seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa ideia é expressa sem alegoria e nem ambigüidade nessa passagem (versículos 6 e seguintes): “Deus disse: Que o firmamento seja feito no meio das águas e que se separe as águas das águas. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do Firmamento das que estavam por cima do firmamento” (veja: cap. V, *Antigos e modernos sistemas do mundo*, no 3, 4 e 5).

num ponto; a vela é a causa da luz espalhada pelo quarto, mas se o princípio luminoso não existisse antes da vela, esta não poderia ter sido acesa.

O mesmo se dá com o Sol. O erro provém da ideia falsa que se tem desde longo tempo de que o Universo inteiro começou com a Terra, e então não se compreende que o Sol **podia** ser criado depois da luz. Sabemos atualmente que antes do nosso Sol e nossa Terra, têm existido milhares de sóis e terras, que conseqüentemente já gozavam da luz. Portanto, a afirmação de Moisés é perfeitamente exata a princípio: ela é falsa em fazer crer que a Terra tenha sido criada antes do Sol; estando sujeita ao Sol pelo seu movimento de translação, a Terra teve de ser formada depois dele: isso é o que Moisés não podia saber, pois que ele desconhecia a lei de gravitação.

Essa mesma ideia se encontra na Gênese dos antigos persas. **No** primeiro capítulo de Vendidad. Narrando a origem do mundo, Ormuzd diz: “Eu criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas” (*Dicionário de Mitologia Universal*). A forma aqui é sem dúvida mais clara e mais científica do que em Moisés, e não precisa de comentários.

9.- Evidentemente, Moisés compartilhava das mais primitivas crenças sobre a cosmogonia. Como os homens do seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa ideia é expressa sem alegoria e nem ambigüidade nessa passagem (versículos 6 e seguintes): “Deus disse: Que o firmamento seja feito no meio das águas e que se separe as águas das águas. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do Firmamento das que estavam por cima do firmamento” (veja: cap. V, *Antigos e modernos sistemas do mundo*, no 3, 4 e 5).

<sup>4</sup> a pu ⇒ ait pu

Uma crença antiga considerava a água como o princípio, o elemento gerador primitivo; do mesmo modo Moisés não fala da criação das águas, que aparentemente já existiam. “As trevas cobriam o abismo”, isto é, as profundezas do espaço que a imaginação se representava vagamente ocupada pelas águas e em trevas antes da criação da luz; eis aí por que Moisés diz **que**: “O Espírito de Deus se elevava sobre as águas”. Supondo-se que a Terra fosse formada no meio das águas, era preciso isolá-la; imaginou-se então que Deus teria feito o firmamento, abóbada sólida que separava as águas de cima das que estavam sobre a Terra.

A fim de compreendermos certas partes da Gênese, precisamos nos colocar no ponto de vista das ideias cosmogônicas da época em que ela reflete.

10.- Diante dos progressos da física e da astronomia, uma doutrina como essa não é sustentável (1). Entretanto, Moisés atribui aquelas palavras ao próprio Deus; ora, visto que elas exprimem um fato notadamente falso, de duas coisas uma: ou Deus se enganou quanto à narrativa que fez da sua obra, ou essa narrativa não é uma revelação divina. A primeira suposição não é admissível, o que faz concluir que Moisés exprimiu suas próprias ideias (Cap. I, nº 3).

(1) Por mais grosseiro que seja o erro de uma crença como essa, as crianças de nossos dias ainda se encantam com ela, como se fosse uma verdade sagrada. Temem os educadores só por ousarem se aventurar numa tímida interpretação. Como quererem que isso não venha a fazer **incrédulos mais tarde?**

11.- Moisés está mais próximo da verdade quando diz que Deus formou o homem com o barro da terra (2). De fato, a Ciência nos mostra (cap. X) que **o corpo** do homem é composto de elementos tomados da matéria inorgânica — por outras palavras, do barro da terra.

Uma crença antiga considerava a água como o princípio, o elemento gerador primitivo; do mesmo modo Moisés não fala da criação das águas, que aparentemente já existiam. “As trevas cobriam o abismo”, isto é, as profundezas do espaço que a imaginação se representava vagamente ocupada pelas águas e em trevas antes da criação da luz; eis aí por que Moisés diz : “O Espírito de Deus se elevava **(ou boiava)** sobre as águas”. Supondo-se que a Terra fosse formada no meio das águas, era preciso isolá-la; imaginou-se então que Deus teria feito o firmamento, abóbada sólida que separava as águas de cima das que estavam sobre a Terra.

A fim de compreendermos certas partes da Gênese, precisamos nos colocar no ponto de vista das ideias cosmogônicas da época em que ela reflete.

10.- Diante dos progressos da física e da astronomia, uma doutrina como essa não é sustentável (1). Entretanto, Moisés atribui aquelas palavras ao próprio Deus; ora, visto que elas exprimem um fato notadamente falso, de duas coisas uma: ou Deus se enganou quanto à narrativa que fez da sua obra, ou essa narrativa não é uma revelação divina. A primeira suposição não é admissível, o que faz concluir que Moisés exprimiu suas próprias ideias (Cap. I, nº 3).

(1) Por mais grosseiro que seja o erro de uma crença como essa, as crianças de nossos dias ainda se encantam com ela, como se fosse uma verdade sagrada. Temem os educadores só por ousarem se aventurar numa tímida interpretação. Como quererem que isso não venha a fazer, **mais tarde,** **incrédulos** ?

11.- Moisés está mais próximo da verdade quando diz que Deus formou o homem com o barro da terra (2). De fato, a Ciência nos mostra (cap. X) que **o corpo** do homem é composto de elementos tomados da matéria inorgânica — por outras palavras, do barro da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, aparentemente infantil, se for tomada ao pé da letra, mas profunda quanto ao sentido. Essa alegoria tem por objetivo mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, que por isso ela é sua semelhante perante Deus, e não uma criatura à parte feita para ser escravizada, nem tratada como escrava. Saída da sua própria carne, a imagem da igualdade é bem mais expressiva do que se ela tivesse sido formada separadamente do mesmo barro; isso diz ao homem que ela é sua semelhante, e não sua escrava, que ele deve amá-la como parte de si mesmo.

(2) A palavra hebraica *haadam*, homem, do qual derivou *Adão*, e o termo *haadama*, terra, têm a mesma raiz.

12.- Para Espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de apreender o conjunto e de conceber o infinito, essa criação milagrosa e instantânea apresentava qualquer coisa de fantástico que feria a imaginação. O quadro do Universo tirado do nada em alguns dias, por um só ato da vontade criadora, era para eles o sinal mais evidente do poder de Deus. De fato, que pintura mais sublime e mais poética desse poder do que estas palavras: “Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita!”. Deus, criando o Universo pela ação lenta e gradual das leis da natureza, teria lhes parecido menor e menos poderoso; para eles, era indispensável qualquer coisa de maravilhoso, que saísse dos moldes comuns, do contrário, teriam dito que Deus não seria mais hábil do que os homens. Uma teoria científica e racional da criação os deixaria frios e indiferentes.

Os homens primitivos são como crianças, a quem devemos dar apenas o alimento intelectual compatível com sua inteligência. Como hoje somos esclarecidos pelas luzes da ciência, revelando os erros materiais da narrativa de Moisés, então não o

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, aparentemente infantil, se for tomada ao pé da letra, mas profunda quanto ao sentido. Essa alegoria tem por objetivo mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, que por isso ela é sua semelhante perante Deus, e não uma criatura à parte feita para ser escravizada, nem tratada como escrava. Saída da sua própria carne, a imagem da igualdade é bem mais expressiva do que se ela tivesse sido formada separadamente do mesmo barro; isso diz ao homem que ela é sua semelhante, e não sua escrava, que ele deve amá-la como parte de si mesmo.

(2) A palavra hebraica *haadam*, homem, do qual derivou *Adão*, e o termo *haadama*, terra, têm a mesma raiz.

12.- Para Espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de apreender o conjunto e de conceber o infinito, essa criação milagrosa e instantânea apresentava qualquer coisa de fantástico que feria a imaginação. O quadro do Universo tirado do nada em alguns dias, por um só ato da vontade criadora, era para eles o sinal mais evidente do poder de Deus. De fato, que pintura mais sublime e mais poética desse poder do que estas palavras: “Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita!”. Deus, criando o Universo pela ação lenta e gradual das leis da natureza, teria lhes parecido menor e menos poderoso; para eles, era indispensável qualquer coisa de maravilhoso, que saísse dos moldes comuns, do contrário, teriam dito que Deus não seria mais hábil do que os homens. Uma teoria científica e racional da criação os deixaria frios e indiferentes.

culpamos de ter falado a linguagem de seu tempo, sem o que ele não poderia ter sido nem compreendido e nem aceitado.

Respeitemos esses quadros que hoje parecem infantis, assim como respeitamos as fábulas que têm esclarecido nossa primeira infância e aberto nossa inteligência ensinando-nos a pensar. Foi com esses quadros que Moisés inculcou no coração dos primeiros homens a lei de Deus e em seu poder, fé ingênua que deveria ser depurada mais tarde à luz da ciência. Porque sabemos ler fluentemente, não menosprezemos o livro pelo qual aprendemos a soletrar.

Não rejeitemos assim a Gênesis bíblica; ao contrário, vamos estudá-la do mesmo modo que se estuda a história da infância dos povos. Trata-se de uma época rica em alegorias, a qual devemos procurar o sentido oculto, que precisamos comentar e explicar com a ajuda das luzes da razão e da ciência. Ressaltando em tudo a beleza poética e os ensinamentos velados sob a forma imaginosa, é preciso demonstrar definitivamente os erros, no próprio interesse da religião. Nós a respeitaremos melhor quando esses erros não forem mais impostos pela fé como verdades, e Deus parecerá maior e mais poderoso quando seu nome não for misturado com fatos controversos.

### O PARAÍSO PERDIDO (3)

(3) Em seguida a alguns versículos encontramos a tradução literal do texto hebreu, exprimindo mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico ressalta assim mais claramente.

13.- CAPÍTULO II — 8. Ora, desde o começo o Senhor Deus plantou um jardim delicioso, no qual pôs o homem que ele havia formado. - 9. O Senhor Deus também havia produzido da terra toda espécie de árvores belas ao olhar e cujo fruto era agradável ao paladar, e no meio do paraíso a árvore da vida (4), com a árvore da ciência do bem e do mal. *(Ele, Jeová Eloim, fez sair da terra [min haadama] toda árvore bela de ser vista e boa para ser comida, e a árvore da*

Não rejeitemos assim a Gênesis bíblica; ao contrário, vamos estudá-la do mesmo modo que se estuda a história da infância dos povos. Trata-se de uma época rica em alegorias, a qual devemos procurar o sentido oculto, que precisamos comentar e explicar com a ajuda das luzes da razão e da ciência. Ressaltando em tudo a beleza poética e os ensinamentos velados sob a forma imaginosa, é preciso demonstrar definitivamente os erros, no próprio interesse da religião. Nós respeitaremos melhor esta quando esses erros não forem mais impostos pela fé como verdades, e Deus parecerá maior e mais poderoso quando seu nome não for misturado com fatos controversos.

### O PARAÍSO PERDIDO (3)

(3) Em seguida a alguns versículos encontramos a tradução literal do texto hebreu, exprimindo mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico ressalta assim mais claramente.

13.- CAPÍTULO II — 9. Ora, desde o começo o Senhor Deus plantou um jardim delicioso, no qual pôs o homem que ele havia formado. - O Senhor Deus também havia produzido da terra toda espécie de árvores belas ao olhar e cujo fruto era agradável ao paladar, e no meio do paraíso a árvore da vida (4), com a árvore da ciência do bem e do mal. *(Ele, Jeová Eloim, fez sair da terra [min haadama] toda árvore bela de ser vista e boa para ser comida, e a árvore da*

*vida [vehetz hachayim] no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal).*

15. Então o Senhor pegou o homem e o colocou no paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e o guardasse. - 16. Deu-lhe também esta ordem, e lhe disse: Coma de todas as árvores do paraíso (*Ele, Jeová Eloim, ordenou ao homem [hal haadam], dizendo: Você pode comer de qualquer árvore do jardim [hagan];* - 17. Mas, jamais coma o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque, ao mesmo tempo que o comer, você morrerá com toda a certeza. (*E da árvore do bem e do mal [oumehetz hadaat tob vara] não comerá, porque no dia que o comer, morrerá.*)

(4) Paraíso, do latim *paradisus*, derivado do grego: *paradeisos*, jardim, vergel, lugar plantado de árvores. O termo hebreu empregado na Gênese é *hagan*, que tem a mesma significação.

14.- CAPÍTULO III — 1. Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus havia criado na Terra. E ela disse à mulher: Por que Deus te ordenou não comer dos frutos de todas as árvores do paraíso? (*E a serpente era mais astuta do que todos os animais terrestres que Jeová Eloim havia feito; ela disse à mulher [el haïscha]: Como é que Eloim disse: Não coma de nenhuma árvore do jardim?*). - 2. A mulher lhe respondeu: Nós comemos dos frutos de todas as árvores que estão no paraíso. (*Ela, a mulher, disse à serpente, nós podemos comer do fruto [miperi] das árvores do jardim*). - 3. Mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não comêssemos e nem tocássemos nele, para não corrermos o perigo de morrer. - 4. A serpente respondeu à mulher: Certamente vocês não morrerão; - 5. Mas é que Deus sabe que, assim que tiverem comido desse fruto, seus olhos se abrirão e serão como *deuses*, conhecendo o bem e o mal. 6. a mulher considerou então que o fruto daquela árvore era bom de comer; que era belo e agradável à vista. E, tomando dele, ela o comeu e o deu ao seu marido, que também comeu dele. (*Ela, a mulher, viu que ela era boa a árvore como alimento, e que era desejável a árvore para COMPREENDER [leaskil], e ela comeu de seu fruto, etc.*)

8. E como se eles tivessem ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava à tarde pelo paraíso, quando sopra um vento suave, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso, a fim de se ocultarem diante da sua face.

9. Em seguida o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: Onde você está? - 10. Adão lhe respondeu: Ouvi a tua voz no paraíso e tive medo, porque estava nu, eis por que me escondi. - 11. O Senhor lhe retrucou: E como soube que estava nu, senão por ter comido do fruto da árvore da qual eu os

*vida [vehetz hachayim] no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal).*

15. Então o Senhor pegou o homem e o colocou no paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e o guardasse. - 16. Deu-lhe também esta ordem, e lhe disse: Coma de todas as árvores do paraíso (*Ele, Jeová Eloim, ordenou ao homem [hal haadam], dizendo: Você pode comer de qualquer árvore do jardim [hagan];* - 17. Mas, jamais coma o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque, ao mesmo tempo que o comer, você morrerá com toda a certeza. (*E da árvore do bem e do mal [oumehetz hadaat tob vara] não comerá, porque no dia que o comer, morrerá.*)

(4) Paraíso, do latim *paradisus*, derivado do grego: *paradeisos*, jardim, vergel, lugar plantado de árvores. O termo hebreu empregado na Gênese é *hagan*, que tem a mesma significação.

14.- CAPÍTULO III — 1. Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus havia criado na Terra. E ela disse à mulher: Por que Deus te ordenou não comer dos frutos de todas as árvores do paraíso? (*E a serpente (nâhâsch) era mais astuta do que todos os animais terrestres que Jeová Eloim havia feito; ela disse à mulher [el haïscha]: Como é que Eloim disse: Não coma de nenhuma árvore do jardim?*). - 2. A mulher lhe respondeu: Nós comemos dos frutos de todas as árvores que estão no paraíso. (*Ela, a mulher, disse à serpente, nós podemos comer do fruto [miperi] das árvores do jardim*). - 3. Mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não comêssemos e nem tocássemos nele, para não corrermos o perigo de morrer. - 4. A serpente respondeu à mulher: Certamente vocês não morrerão; - 5. Mas é que Deus sabe que, assim que tiverem comido desse fruto, seus olhos se abrirão e serão como *deuses*, conhecendo o bem e o mal. 6. a mulher considerou então que o fruto daquela árvore era bom de comer; que era belo e agradável à vista. E, tomando dele, ela o comeu e o deu ao seu marido, que também comeu dele. (*Ela, a mulher, viu que ela era boa a árvore como alimento, e que era desejável a árvore para COMPREENDER [leaskil], e ela comeu de seu fruto, etc.*)

8. E como se eles tivessem ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava à tarde pelo paraíso, quando sopra um vento suave, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso, a fim de se ocultarem diante da sua face.

9. Em seguida o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: Onde você está? - 10. Adão lhe respondeu: Ouvi a tua voz no paraíso e tive medo, porque estava nu, eis por que me escondi. - 11. O Senhor lhe retrucou: E como soube que estava nu, senão por ter comido do fruto da árvore da qual eu os



proibi de comer? - 12. Adão lhe respondeu: A mulher que me deu por companheira me apresentou o fruto dessa árvore, e eu comi dele. - 13. O Senhor Deus disse à mulher: Por que você fez isso? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desse fruto.

14. Então o Senhor Deus disse à serpente: Por ter feito isso, você será maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; se arrastará sobre o ventre e comerá a terra por todos os dias de tua vida. - 15. Colocarei uma inimizade entre ti e a mulher, entre a raça dela e a tua. Ela te esmagará a cabeça e você tentará lhe morder o calcanhar.

16. Deus também disse à mulher: Eu te afligirei com muitos males durante a tua gravidez; você parirá com dor; ficará sob a dominação de teu marido e ele te dominará.

17. Em seguida, disse a Adão: Por ter escutado a voz de tua mulher e ter comido do fruto da árvore de que eu proibi que vocês comessem, a terra será maldita por causa do que vocês fizeram e não tirarão dela com o que se alimentar durante toda a vida senão com trabalho. - 18. Ela lhes produzirá espinhos e sarças e vocês se alimentarão da erva da terra. - 19. E comerão o seu pão com o suor do seu rosto até que voltem à terra donde foram tirados, porque vocês são pó e ao pó voltarão.

20. E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.

21. O Senhor Deus também fez para Adão e sua mulher roupas de peles com que os cobriu. - 22. E ele disse: Eis aí Adão feito *um de nós*, conhecendo o bem e o mal. Pois então, agora vamos impedir que ele estenda a sua mão à árvore da vida, que também tome do seu fruto e que, comendo desse fruto, viva eternamente. (*Ele, Jeová Eloim, disse: Eis aí, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida [veata pen ischlach yado velakach mehetz hachayim]; comerá dela e viverá eternamente*).

23. O Senhor Deus o fez sair do jardim de delícias a fim de que fosse trabalhar no cultivo da terra de onde ele havia sido tirado. - 24. E, tendo-o expulsado, colocou querubins (5) diante do jardim de delícias, os quais faziam brilhar uma espada de fogo, para guardar o caminho que levava à árvore da vida

(5) Do hebreu *cherub, keroub*, boi; e, *charab*, lavrar. Anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que são representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi.

15.- Sob uma imagem infantil e às vezes ridícula — se nos prendermos à forma — a alegoria frequentemente oculta as maiores verdades. À

proibi de comer? - 12. Adão lhe respondeu: A mulher que me deu por companheira me apresentou o fruto dessa árvore, e eu comi dele. - 13. O Senhor Deus disse à mulher: Por que você fez isso? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desse fruto.

14. Então o Senhor Deus disse à serpente: Por ter feito isso, você será maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; se arrastará sobre o ventre e comerá a terra por todos os dias de tua vida. - 15. Colocarei uma inimizade entre ti e a mulher, entre a raça dela e a tua. Ela te esmagará a cabeça e você tentará lhe morder o calcanhar.

16. Deus também disse à mulher: Eu te afligirei com muitos males durante a tua gravidez; você parirá com dor; ficará sob a dominação de teu marido e ele te dominará.

17. Em seguida, disse a Adão: Por ter escutado a voz de tua mulher e ter comido do fruto da árvore de que eu proibi que vocês comessem, a terra será maldita por causa do que vocês fizeram e não tirarão dela com o que se alimentar durante toda a vida senão com trabalho. - 18. Ela lhes produzirá espinhos e sarças e vocês se alimentarão da erva da terra. - 19. E comerão o seu pão com o suor do seu rosto até que voltem à terra donde foram tirados, porque vocês são pó e ao pó voltarão.

20. E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.

21. O Senhor Deus também fez para Adão e sua mulher roupas de peles com que os cobriu. - 22. E ele disse: Eis aí Adão feito *um de nós*, conhecendo o bem e o mal. Pois então, agora vamos impedir que ele estenda a sua mão à árvore da vida, que também tome do seu fruto e que, comendo desse fruto, viva eternamente. (*Ele, Jeová Eloim, disse: Eis aí, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida [veata pen ischlach yado velakach mehetz hachayim]; comerá dela e viverá eternamente*).

23. O Senhor Deus o fez sair do jardim de delícias a fim de que fosse trabalhar no cultivo da terra de onde ele havia sido tirado - 24. E, tendo-o expulsado, colocou querubins (5) diante do jardim de delícias, os quais faziam brilhar uma espada de fogo, para guardar o caminho que levava à árvore da vida.

(5) Do hebreu *cherub, keroub*, boi; e, *charab*, lavrar. Anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que são representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi.

15.- Sob uma imagem infantil e às vezes ridícula — se nos prendermos à forma — a alegoria frequentemente oculta as maiores verdades. À

primeira vista, haverá fábula mais absurda do que a de Saturno, um deus devorando pedras que ele toma como seus filhos? Mas, ao mesmo tempo, o que há de mais profundamente filosófico e verdadeiro do que essa simbologia, quando procuramos nela o sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; sendo todas as coisas obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe, mas tudo também se destrói com o tempo. Saturno devorando pedras é o símbolo da destruição pelo tempo dos corpos mais duros, que são seus filhos, pois eles são formados com o tempo. E, segundo essa mesma simbologia, quem escapa de uma destruição semelhante a essa? Júpiter, o símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual que é indestrutível. Essa figuração é mesmo tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à Fábula antiga, assim se diz de uma coisa que afinal se deteriorou, que ela é devorada pelo tempo, gasta, devastada pelo tempo.

16.- Na realidade, toda a mitologia pagã não é mais do que um vasto quadro alegórico das diversas faces — boas e más — da Humanidade. Para quem busca nela o *sentido*, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as fábulas modernas. O absurdo era tomar a forma pelo fundo; **mas os sacerdotes pagãos só ensinavam a forma, seja porque alguns não soubessem nada mais sobre isso, seja porque estivessem interessados em manter o povo nas crenças que, favorecendo em tudo a sua dominação, lhes fossem mais produtivos do que a filosofia. A veneração do povo à forma era uma fonte inesgotável de riquezas, devido aos donativos acumulados nos templos, as oferendas e os sacrifícios oferecido aos deuses, porém, na realidade, em proveito dos seus representantes. Um povo menos crédulo, sendo menos dado às imagens, às estátuas, aos símbolos e aos oráculos: também Sócrates, como um ímpio, foi condenado a**

primeira vista, haverá fábula mais absurda do que a de Saturno, um deus devorando pedras que ele toma como seus filhos? Mas, ao mesmo tempo, o que há de mais profundamente filosófico e verdadeiro do que essa simbologia, quando procuramos nela o sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; sendo todas as coisas obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe, mas tudo também se destrói com o tempo. Saturno devorando pedras é o símbolo da destruição pelo tempo dos corpos mais duros, que são seus filhos, pois eles são formados com o tempo. E, segundo essa mesma simbologia, quem escapa de uma destruição semelhante a essa? Júpiter, o símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual que é indestrutível. Essa figuração é mesmo tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à Fábula antiga, assim se diz de uma coisa que afinal se deteriorou, que ela é devorada pelo tempo, gasta, devastada pelo tempo.

Na realidade, toda a mitologia pagã não é mais do que um vasto quadro alegórico das diversas faces — boas e más — da Humanidade. Para quem busca nela o *sentido*, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as fábulas modernas. O absurdo era tomar a forma pelo fundo.

beber cicuta por ter pretendido secar essa fonte colocando a verdade no lugar do erro. Nessa época ainda não estava em uso queimar vivo os heréticos; e, cinco séculos mais tarde, Cristo foi condenado a uma morte infame, como ímpio, a exemplo de Sócrates, por ter pretendido colocar o espírito no lugar da letra, e porque sua doutrina, totalmente espiritual, arruinava a supremacia dos escribas, dos fariseus e dos doutores da lei.

17.- O mesmo se dá com a Gênesis, em que temos que perceber grandes verdades morais debaixo das figuras materiais que, presas à letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, tomássemos em sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é personificação da Humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais aos quais não sabe resistir.

A árvore, como árvore de vida, é o símbolo da vida espiritual; como árvore da Ciência é a da consciência do bem e do mal, que o homem adquire pelo desenvolvimento da sua inteligência e do seu livre-arbítrio em virtude do qual ele escolhe entre um e outro; assinala o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada unicamente pelos seus instintos, toma posse da sua liberdade e passa a ter responsabilidade pelos seus atos.

O fruto da árvore simboliza o objeto dos desejos materiais do homem; é a ilustração da cobiça ; ele resume numa única figura os motivos de arrastamento ao mal; o ato de comer significa cair na tentação (6)<sup>5</sup>. Ele cresce no meio do jardim de delícias para mostrar que a sedução está no próprio seio dos prazeres e para

16.- O mesmo se dá com a Gênesis, em que temos que perceber grandes verdades morais debaixo das figuras materiais que, presas à letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, tomássemos em sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é personificação da Humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais aos quais não sabe resistir. (6)

A árvore, como árvore de vida, é o símbolo da vida espiritual; como árvore da Ciência é a da consciência do bem e do mal, que o homem adquire pelo desenvolvimento da sua inteligência e do seu livre-arbítrio em virtude do qual ele escolhe entre um e outro; assinala o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada unicamente pelos seus instintos, toma posse da sua liberdade e passa a ter responsabilidade pelos seus atos.

O fruto da árvore simboliza o objeto dos desejos materiais do homem; é a ilustração da cobiça e da concupiscência; ele resume numa única figura os motivos de arrastamento ao mal; o ato de comer significa cair na tentação. Ele cresce no meio do jardim de delícias para mostrar que a sedução está no próprio seio dos prazeres e para

<sup>5</sup> A nota foi movida para o final do parágrafo. No original, a numeração das notas de rodapé é sempre reiniciada em cada página, por isso ela aparece como (1) nas duas edições. Neste eBook, optamos por aplicar uma numeração sequencial por capítulo. A inclusão, neste capítulo da 5ª edição, de uma nota anterior a este ponto, faz com que a nota 5 da 1ª edição seja equivalente à nota 6 na 5ª edição.

lembrar **ao mesmo tempo** que, se o homem dá preponderância aos gozos materiais, ele se prende à Terra e se afasta do seu destino espiritual.

A morte de que ele é ameaçado — caso transgrida a proibição que se faz a ele — é um aviso das inevitáveis consequências, físicas e morais, que decorrem da violação das leis divinas que Deus gravou na sua consciência. É bastante evidente que aqui não se trata da morte corporal, pois que, depois de sua falta, Adão ainda viveu longo tempo, mas, sim, da morte espiritual, dita por outras palavras, da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda cuja sua expulsão do jardim de delícias é o símbolo.

(6) Em nenhum texto o fruto é especializado na *maçã*; essa palavra só é encontrada nas versões infantis. O termo do texto hebreu é *peri*, que tem as mesmas acepções que em francês, sem determinação de espécie e pode ser tomado em sentido material, moral, alegórico, em sentido próprio e figurado. Para os israelitas, não há interpretação obrigatória; quando uma palavra tem muitas acepções, cada um a entende como quer, contanto que a interpretação não seja contrária à gramática. A palavra *peri* foi traduzida em latim por *malum*, que se aplica tanto à maçã como a qualquer espécie de fruto. Deriva do grego *melon*, particípio do verbo *melo*, interessar, cuidar, atrair.

Atualmente, a serpente está longe de passar como tipo da astúcia; aqui está, portanto, mais por referência à sua forma do que pelo seu caráter, como alusão à perfídia dos maus conselhos que se insinuam como a serpente, e da qual, por essa razão, muitas vezes não se desconfia dela. Além do mais, por haver enganado a mulher, se a serpente é que foi condenada a rastejar sobre o ventre, deveremos deduzir que antes ela tinha pernas, e neste caso não era uma serpente. Por que então se há de impor à fé ingênua e crédula das

lembrar que, se o homem dá preponderância aos gozos materiais, ele se prende à Terra e se afasta do seu destino espiritual (7).

A morte de que ele é ameaçado — caso transgrida a proibição que se faz a ele — é um aviso das inevitáveis consequências, físicas e morais, que decorrem da violação das leis divinas que Deus gravou na sua consciência. É bastante evidente que aqui não se trata da morte corporal, pois que, depois de sua falta, Adão ainda viveu longo tempo, mas, sim, da morte espiritual, dita por outras palavras, da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda cuja sua expulsão do jardim de delícias é o símbolo.

(6) Em acordo com isso, temos que em hebraico a palavra *haadam* não é um nome próprio, mas significa o *homem em geral, a humanidade, o que destrói toda a estrutura levantada sobre a personalidade de Adão.*

(7) Em nenhum texto o fruto é especializado na *maçã*; essa palavra só é encontrada nas versões infantis. O termo do texto hebreu é *peri*, que tem as mesmas acepções que em francês, sem determinação de espécie e pode ser tomado em sentido material, moral, alegórico, em sentido próprio e figurado. Para os israelitas, não há interpretação obrigatória; quando uma palavra tem muitas acepções, cada um a entende como quer, contanto que a interpretação não seja contrária à gramática. A palavra *peri* foi traduzida em latim por *malum*, que se aplica tanto à maçã como a qualquer espécie de fruto. Deriva do grego *melon*, particípio do verbo *melo*, interessar, cuidar, atrair.

17.- Atualmente, a serpente está longe de passar como tipo da astúcia; aqui está, portanto, mais por referência à sua forma do que pelo seu caráter, como alusão à perfídia dos maus conselhos que se insinuam como a serpente, e da qual, por essa razão, muitas vezes não se desconfia dela. Além do mais, por haver enganado a mulher, se a serpente é que foi condenada a rastejar sobre o ventre, deveremos deduzir que antes ela tinha pernas, e neste caso não era uma serpente. Por que então se há de impor à fé ingênua e crédula das

crianças, como verdades, alegorias tão evidentes, e que, falseando seu juízo, mais tarde se faz que elas venham a considerar a Bíblia como um monte de fábulas absurdas?

crianças, como verdades, alegorias tão evidentes, e que, falseando seu juízo, mais tarde se faz que elas venham a considerar a Bíblia como um monte de fábulas absurdas?

Além disso, devemos notar que o termo hebreu *nâhâsch*, traduzido por serpente, vem da raiz *nâhâsch*, que significa: fazer encantamentos, adivinhar as coisas ocultas, podendo também significar: encantador, adivinho. Com esta acepção, ele é encontrado na própria Gênese, 44:5 e 15, a propósito da taça que José mandou esconder no saco de Benjamim: “A taça que roubaste é a que meu Senhor bebe e de que se serve para adivinhar (*nâhâsch*) (8). — Ignora que não há quem me iguale na ciência de adivinhar (*nâhâsch*)?” No livro Números, 23:23: “Não há encantamentos (*nâhâsch*) em Jacob, nem adivinhos em Israel”. Daí o fato de a palavra *nâhâsch* haver tomado também a significação de serpente, réptil que os encantadores tinham a pretensão de encantar, ou de que se serviam em seus encantamentos.

A palavra *nâhâsch* só foi traduzida por serpente na versão dos Setenta os quais, segundo Hutcheson, corromperam o texto hebreu em muitos lugares – versão essa escrita em grego no segundo século da era cristã. As suas inexatidões resultaram, sem dúvida, das modificações que a língua hebraica sofreu no intervalo transcorrido, porque o hebreu do tempo de Moisés era uma língua morta, que diferia do hebreu popular, tanto quanto o grego antigo e o árabe literário diferem do grego e do árabe modernos (9).

É provável que Moisés tenha apresentado como sedutor da mulher o desejo de conhecer as coisas ocultas, suscitado pelo Espírito de adivinhação, o que concorda com o sentido primitivo da palavra *nâhâsch*, adivinhar, e, por outro lado, com estas palavras: “Deus sabe que, logo que tiver comido desse fruto, seus olhos se abrirão e serão como deuses. Ela, a mulher, viu que

era cobiçável a árvore para compreender (léaskil) e tomou do seu fruto”. Não se deve esquecer que Moisés queria abolir de meio dos hebreus a arte da adivinhação praticada pelos egípcios, como o prova o fato de haver proibido que aqueles interrogassem os mortos e o Espírito Piton (ver em “O CÉU E O INFERNO”, cap. XII).

(8) Deste fato poderemos afirmar que os egípcios conheciam a mediunidade pelo *copo d'água*? (*Revista espírita*, de junho dE 1868, pág. 161).

(9) O termo *nâhâsch* existia na língua egípcia, com a significação de *negro*, provavelmente porque os negros tinham o dom dos encantamentos e da adivinhação. Talvez também por isso é que as esfinges, de origem assíria, eram representadas por u

18.- A passagem que diz: “O Senhor passeava pelo jardim à tarde, quando se levanta vento brando”, é uma imagem ingênua e um tanto infantil, que a crítica não deixou de destacar; mas, nada tem que surpreenda, se nos reportamos à ideia que os hebreus dos tempos primitivos faziam de Deus. Para aquelas inteligências subdesenvolvidas e incapazes de compreender simbologia, Deus havia de ter uma forma concreta e eles tudo referiam à Humanidade, como único ponto que conheciam. Por isso Moisés lhes falava como que a crianças, por meio de imagens sensíveis. No caso de que se trata, tem-se personificada a Potência soberana, como os pagãos personificavam as virtudes, os vícios e as ideias subjetivas em figuras alegóricas. Mais tarde, os homens largaram a ideia da forma, do mesmo modo que a criança, quando se torna adulta, procura o sentido moral dos contos com que a acalentaram. Portanto, devemos considerar essa passagem como uma alegoria, figurando a Divindade a vigiar em pessoa os objetos da sua criação. O grande rabino Wogue a traduziu assim: “Eles ouviram a voz do Eterno Deus, percorrendo o jardim, do lado de onde o dia vem”.

18.- Se a falta de Adão foi literalmente ter comido um fruto, incontestavelmente, pela sua natureza quase pueril, essa falta não poderia justificar o rigor com que foi punida. Nem seria racionalmente mais admissível que o fato seja como geralmente se supõem; de outro modo, considerando essa falta como um crime irremissível, Deus teria condenado sua própria obra, já que ele teria criado o homem para a propagação. Se Adão tivesse ouvido nesse sentido a proibição de tocar no fruto da árvore e se a tivesse cumprido rigorosamente, onde estaria a Humanidade e o que teria sido feito dos desígnios do Criador? **Se fosse assim, Deus teria criado o imenso aparelho do Universo para dois indivíduos, e a humanidade teria vindo contra a sua vontade e suas previsões.**

Deus não havia criado Adão e Eva para ficarem sós na Terra, e a prova disso está nas próprias palavras que dirige a eles logo depois a criação deles, quando eles ainda estavam no paraíso terrestre: “Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e se multipliquem, *encham a Terra* e a submetam a vocês” (*Gênesis*, 1:28). Uma vez que a multiplicação era lei já no paraíso terreno, a expulsão deles não pode ter sido por causa do suposto fato.

O que deu crédito a essa suposição foi o sentimento de vergonha que Adão e Eva manifestaram ante o olhar de Deus e que os levou a se **cobrirem**. Mas, essa mesma vergonha é uma figura para comparação: ela simboliza a confusão que todo culpado experimenta na presença daquele a quem ofendeu.

19.- Então, definitivamente, qual a falta tão grande que mereceu acarretar a reprovação perpétua de todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fratricida, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo a pode definir

19.- Se a falta de Adão foi literalmente ter comido um fruto, incontestavelmente, pela sua natureza quase pueril, essa falta não poderia justificar o rigor com que foi punida. Nem seria racionalmente mais admissível que o fato seja como geralmente se supõem; de outro modo, considerando essa falta como um crime irremissível, Deus teria condenado sua própria obra, já que ele teria criado o homem para a propagação. Se Adão tivesse ouvido nesse sentido a proibição de tocar no fruto da árvore e se a tivesse cumprido rigorosamente, onde estaria a Humanidade e o que teria sido feito dos desígnios do Criador?

Deus não havia criado Adão e Eva para ficarem sós na Terra, e a prova disso está nas próprias palavras que dirige a eles logo depois a criação deles, quando eles ainda estavam no paraíso terrestre: “Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e se multipliquem, *encham a Terra* e a submetam a vocês” (*Gênesis*, 1:28). Uma vez que a multiplicação era lei já no paraíso terreno, a expulsão deles não pode ter sido por causa do suposto fato.

O que deu crédito a essa suposição foi o sentimento de vergonha que Adão e Eva manifestaram ante o olhar de Deus e que os levou a se **esconderem**. Mas, essa mesma vergonha é uma figura para comparação: ela simboliza a confusão que todo culpado experimenta na presença daquele a quem ofendeu.

20.- Então, definitivamente, qual a falta tão grande que mereceu acarretar a reprovação perpétua de todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fratricida, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo a pode definir

logicamente, porque todos giraram dentro de um círculo vicioso, por estarem apegados à letra.

Sabemos hoje que essa falta não é um ato isolado e pessoal de um indivíduo, mas que, sob um único fato simbólico, compreende o conjunto das irresponsabilidades de que a Humanidade da Terra — que ainda é imperfeita — pode tornar-se culpada e que se resumem nestas palavras: *infração da lei de Deus*. Eis por que a falta do primeiro homem — simbolizando a Humanidade — tem por comparação um ato de desobediência.

20.- Dizendo a Adão que ele tiraria da terra a alimentação com o suor de seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas por que ele fez do trabalho uma punição? Que seria da inteligência do homem, se ele não a desenvolvesse pelo trabalho? Que seria da Terra, se não fosse fecundada, transformada e saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Lá está dito (*Gênesis*, 2:5 e 7): “O Senhor Deus ainda não havia feito chover sobre a Terra e não havia nela homens que a cultivassem. Então o Senhor formou o homem do barro da terra”. Essas palavras, aproximadas destas outras *Encham a Terra*, provam que desde a sua origem o homem estava destinado a *ocupar toda a Terra e a cultivá-la*, e, além do demais, que o paraíso não era um lugar limitado a um canto do globo. Se a cultura da terra tivesse de ser uma consequência da falta de Adão, ocorreria que, se Adão não tivesse pecado, a Terra **não teria sido cultivada** e os desígnios de Deus não teriam sido cumpridos.

Por que ele disse à mulher que ela pariria com dor, em consequência de haver cometido a falta? Como pode a dor do parto ser um castigo, se é um efeito do organismo, já quando está provado fisiologicamente que ela é uma necessidade? Como uma coisa que se produz segundo as leis da natureza pode ser punição? É o que os teólogos absolutamente ainda não explicaram e que não

logicamente, porque todos giraram dentro de um círculo vicioso, por estarem apegados à letra.

Sabemos hoje que essa falta não é um ato isolado e pessoal de um indivíduo, mas que, sob um único fato simbólico, compreende o conjunto das irresponsabilidades de que a Humanidade da Terra — que ainda é imperfeita — pode tornar-se culpada e que se resumem nestas palavras: *infração da lei de Deus*. Eis por que a falta do primeiro homem — simbolizando a Humanidade — tem por comparação um ato de desobediência.

21.- Dizendo a Adão que ele tiraria da terra a alimentação com o suor de seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas por que ele fez do trabalho uma punição? Que seria da inteligência do homem, se ele não a desenvolvesse pelo trabalho? Que seria da Terra, se não fosse fecundada, transformada e saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Lá está dito (*Gênesis*, 2:5 e 7): “O Senhor Deus ainda não havia feito chover sobre a Terra e não havia nela homens que a cultivassem. Então o Senhor formou o homem do barro da terra”. Essas palavras, aproximadas destas outras *Encham a Terra*, provam que desde a sua origem o homem estava destinado a *ocupar toda a Terra e a cultivá-la*, e, além do demais, que o paraíso não era um lugar limitado a um canto do globo. Se a cultura da terra tivesse de ser uma consequência da falta de Adão, ocorreria que, se Adão não tivesse pecado, a Terra **teria permanecido sem instrução** e os desígnios de Deus não teriam sido cumpridos.

Por que ele disse à mulher que ela pariria com dor, em consequência de haver cometido a falta? Como pode a dor do parto ser um castigo, se é um efeito do organismo, já quando está provado fisiologicamente que ela é uma necessidade? Como uma coisa que se produz segundo as leis da natureza pode ser punição? É o que os teólogos absolutamente ainda não explicaram e que não



poderão explicar, enquanto não abandonarem o ponto de vista em que se colocaram; entretanto, essas palavras — que parecem tão contraditórias — podem ser justificadas.

**21.-** Antes de tudo, notemos que, no momento da criação de Adão e Eva, se suas almas tivessem vindo do nada, como ainda se ensina, eles haviam de ser novatos em todas as coisas; então, não deviam saber o que é morrer. Como estavam *sozinhos* na Terra, enquanto viviam no paraíso terrestre, não tinham visto a morte de ninguém; como então eles teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como Eva teria compreendido que parir com dor seria uma punição, visto que, tendo acabado de nascer para a vida, ela jamais tivera filhos e era a única mulher existente no mundo?

Portanto, as palavras de Deus não faziam nenhum sentido para Adão e Eva. Recentemente surgidos do nada, eles não podiam saber como e nem por que haviam surgido ali; não podiam compreender nem o Criador e nem o motivo da proibição que ele havia dado a eles. Sem nenhuma experiência das condições da vida, eles pecaram como crianças que agem sem discernimento, o que torna ainda mais incompreensível a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre toda a Humanidade.

**22.-** O que é um impasse para a teologia, o Espiritismo explica sem dificuldade e de maneira racional pela anterioridade da alma e pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anormalidade na vida do homem. De fato, admitindo que Adão e Eva já tivessem vivido, tudo logo se justifica: Deus não lhes fala como que a crianças, mas como a seres em condições de compreendê-lo e que o compreendem — prova evidente de que tinham aquisições anteriores. E mais, vamos admitir que eles tenham vivido em um

poderão explicar, enquanto não abandonarem o ponto de vista em que se colocaram; entretanto, essas palavras — que parecem tão contraditórias — podem ser justificadas.

**22.-** Antes de tudo, notemos que, no momento da criação de Adão e Eva, se suas almas tivessem vindo do nada, como ainda se ensina, eles haviam de ser novatos em todas as coisas; então, não deviam saber o que é morrer. Como estavam *sozinhos* na Terra, enquanto viviam no paraíso terrestre, não tinham visto a morte de ninguém; como então eles teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como Eva teria compreendido que parir com dor seria uma punição, visto que, tendo acabado de nascer para a vida, ela jamais tivera filhos e era a única mulher existente no mundo?

Portanto, as palavras de Deus não faziam nenhum sentido para Adão e Eva. Recentemente surgidos do nada, eles não podiam saber como e nem por que haviam surgido ali; não podiam compreender nem o Criador e nem o motivo da proibição que ele havia dado a eles. Sem nenhuma experiência das condições da vida, eles pecaram como crianças que agem sem discernimento, o que torna ainda mais incompreensível a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre toda a Humanidade.

**23.-** O que é um impasse para a teologia, o Espiritismo explica sem dificuldade e de maneira racional pela anterioridade da alma e pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anormalidade na vida do homem. De fato, admitindo que Adão e Eva já tivessem vivido, tudo logo se justifica: Deus não lhes fala como que a crianças, mas como a seres em condições de compreendê-lo e que o compreendem — prova evidente de que tinham aquisições anteriores. E mais, vamos admitir que eles tenham vivido em um

mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituía o trabalho do corpo; que por sua rebeldia contra a lei de Deus — simbolizada na desobediência — tenham sido afastados de lá e como punição forma exilados na Terra, onde, pela natureza do globo, o homem é forçado a um trabalho corporal; Deus tinha razão em lhes dizer: No mundo onde vão viver daqui em diante, "vocês cultivarão a terra e dela tirarão o alimento com o suor do seu rosto"; e, à mulher: "Vai parir com dor", porque essa é a condição desse mundo (Cap. XI, no 31 e seguintes).

O paraíso terrestre — cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra — era então a figura do mundo feliz onde Adão viveu, ou antes, a raça dos Espíritos de que ele é a personificação. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes desse mundo e a mudança de situação que foi a consequência dessa expulsão. O anjo armado com uma espada flamejante que defende a entrada do paraíso simboliza a impossibilidade na qual estão os Espíritos dos mundos inferiores de penetrar nos mundos superiores, antes de o terem merecido pela sua purificação (veja adiante, o cap. XIV, no 9 e seguintes).

23.- Caim (após a morte de Abel) responde ao Senhor: Minha iniquidade é grande demais para poder obter o perdão. O Senhor hoje me expulsa da superfície da Terra e eu irei me esconder da sua face. Serei fugitivo e vagabundo pela Terra e então qualquer um que me encontrar me matará. O Senhor lhe respondeu: Não, isto não se dará, porque quem matar Caim será punido muito severamente. E o Senhor pôs um sinal sobre Caim, a fim de que aqueles que o encontrassem não o matassem.

Tendo-se retirado de diante do Senhor, Caim tornou-se vagabundo na Terra e habitou a região oriental do Éden. Havendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Enoque. Ele construiu, em seguida,

uma vila a qual chamou *Enóquia* (Enochia) do nome de seu filho (*Gênesis*, 4:13 a 16).

mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituía o trabalho do corpo; que por sua rebeldia contra a lei de Deus — simbolizada na desobediência — tenham sido afastados de lá e como punição forma exilados na Terra, onde, pela natureza do globo, o homem é forçado a um trabalho corporal; Deus tinha razão em lhes dizer: No mundo onde vão viver daqui em diante, "vocês cultivarão a terra e dela tirarão o alimento com o suor do seu rosto"; e, à mulher: "Vai parir com dor", porque essa é a condição desse mundo (Cap. XI, no 31 e seguintes).

O paraíso terrestre — cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra — era então a figura do mundo feliz onde Adão viveu, ou antes, a raça dos Espíritos de que ele é a personificação. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes desse mundo e a mudança de situação que foi a consequência dessa expulsão. O anjo armado com uma espada flamejante que defende a entrada do paraíso simboliza a impossibilidade na qual estão os Espíritos dos mundos inferiores de penetrar nos mundos superiores, antes de o terem merecido pela sua purificação (veja adiante, o cap. XIV, no 8 e seguintes).

24.- Caim (após a morte de Abel) responde ao Senhor: Minha iniquidade é grande demais para poder obter o perdão. O Senhor hoje me expulsa da superfície da Terra e eu irei me esconder da sua face. Serei fugitivo e vagabundo pela Terra e então qualquer um que me encontrar me matará. O Senhor lhe respondeu: Não, isto não se dará, porque quem matar Caim será punido muito severamente. E o Senhor pôs um sinal sobre Caim, a fim de que aqueles que o encontrassem não o matassem.

Tendo-se retirado de diante do Senhor, Caim tornou-se vagabundo na Terra e habitou a região oriental do Éden. Havendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Enoque. Ele construiu, (vaiehi bôné; literalmente: estava construindo) uma vila a qual chamou *Enóquia* (Enochia) do nome de seu filho (*Gênesis*, 4:13 a 16).

24.- Se nos apegarmos à letra da Gênesis, eis as consequências a que chegaremos: Adão e Eva eram os únicos no mundo após a sua expulsão do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, Caim — tendo matado seu irmão e se retirado para outra região — não tornou a ver seu pai e sua mãe, que de novo ficaram isolados; não é que, muito tempo depois, na idade de cento e trinta anos, Adão teve um terceiro filho, chamado Set. Depois do nascimento de Set, segundo a genealogia bíblica, ele ainda viveu oitocentos anos, e teve mais filhos e filhas.

Quando Caim foi se estabelecer a leste do Éden somente havia na Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele próprio, *sozinho*. Entretanto, Caim teve mulher e um filho; que mulher podia ser essa e onde ele pôde desposá-la? **Ele construiu uma cidade**

; mas uma cidade pressupõe a existência de habitantes, pois não é de se presumir que **ele** a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que a pudesse edificar sozinho.

Portanto, devemos concluir desse referido relato que a região era povoada; ora, não podia ser pelos descendentes de Adão, pois não havia ninguém além de Caim.

A presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: “Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre me matará”, e da resposta que Deus lhe deu. Quem ele poderia temer que o matasse e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservá-lo, se ele não iria encontrar ninguém? Ora, se havia na Terra outros homens fora a família de Adão, é que eles aí estavam antes dele, donde vem esta consequência, tirada do texto mesmo da Gênesis: Adão não é nem o primeiro e nem o único pai do gênero humano (C. XI, no 34).

25.- Se nos apegarmos à letra da Gênesis, eis as consequências a que chegaremos: Adão e Eva eram os únicos no mundo após a sua expulsão do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, Caim — tendo matado seu irmão e se retirado para outra região — não tornou a ver seu pai e sua mãe, que de novo ficaram isolados; não é que, muito tempo depois, na idade de cento e trinta anos, Adão teve um terceiro filho, chamado Set. Depois do nascimento de Set, segundo a genealogia bíblica, ele ainda viveu oitocentos anos, e teve mais filhos e filhas.

Quando Caim foi se estabelecer a leste do Éden somente havia na Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele próprio, *sozinho*. Entretanto, Caim teve mulher e um filho; que mulher podia ser essa e onde ele pôde desposá-la? **O texto hebreu diz: Ele estava construindo uma cidade e não: ele construiu, o que indica ação presente e não posterior.**; mas uma cidade pressupõe a existência de habitantes, pois não é de se presumir que **Caim** a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que a pudesse edificar sozinho.

Portanto, devemos concluir desse referido relato que a região era povoada; ora, não podia ser pelos descendentes de Adão, pois não havia ninguém além de Caim.

A presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: “Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre me matará”, e da resposta que Deus lhe deu. Quem ele poderia temer que o matasse e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservá-lo, se ele não iria encontrar ninguém? Ora, se havia na Terra outros homens fora a família de Adão, é que eles aí estavam antes dele, donde vem esta consequência, tirada do texto mesmo da Gênesis: Adão não é nem o primeiro e nem o único pai do gênero humano (Cap. XI, no 34). (10)

25.- Eram necessários os conhecimentos que o Espiritismo trouxe acerca das relações do princípio espiritual com o princípio material, sobre a natureza da alma, da sua criação em estado de simplicidade e de ignorância, da sua união com o corpo, da sua indefinida marcha progressiva através de sucessivas existências e através dos mundos, que são outros tantos degraus da senda do aperfeiçoamento, acerca da sua gradual libertação da influência da matéria, mediante o uso do seu livre-arbítrio, da causa dos seus pendores bons ou maus e de suas aptidões, do fenômeno do nascimento e da morte, da situação do Espírito na erraticidade e, finalmente, do futuro que é o prêmio de seus esforços por se melhorar e da sua perseverança no bem, para lançar a luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o homem de agora em diante sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que ele sofre; sabe que o seu futuro está em suas mãos, e que a duração do seu cativeiro neste mundo depende dele. Despida da alegoria acanhada e mesquinha, a Gênesis se apresenta grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, ela confundirá a descrença e a derrotará.

(10) Essa ideia não é nova: La Peyrère, sábio teólogo do século dezessete, em seu livro *Preadamitas*, escrito em latim e publicado em 1655, extraiu do texto original da Bíblia – adulterado pelas traduções – a prova evidente de que a Terra era habitada antes da vinda de Adão e essa opinião é hoje a de muitos eclesiásticos esclarecidos.

26.- Eram necessários os conhecimentos que o Espiritismo trouxe acerca das relações do princípio espiritual com o princípio material, sobre a natureza da alma, da sua criação em estado de simplicidade e de ignorância, da sua união com o corpo, da sua indefinida marcha progressiva através de sucessivas existências e através dos mundos, que são outros tantos degraus da senda do aperfeiçoamento, acerca da sua gradual libertação da influência da matéria, mediante o uso do seu livre-arbítrio, da causa dos seus pendores bons ou maus e de suas aptidões, do fenômeno do nascimento e da morte, da situação do Espírito na erraticidade e, finalmente, do futuro que é o prêmio de seus esforços por se melhorar e da sua perseverança no bem, para lançar a luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o homem de agora em diante sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que ele sofre; sabe que o seu futuro está em suas mãos, e que a duração do seu cativeiro neste mundo depende dele. Despida da alegoria acanhada e mesquinha, a Gênesis se apresenta grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, ela confundirá a descrença e a derrotará.

- Os milagres no sentido teológico  
 - O Espiritismo não faz milagres  
 - Deus faz milagres? - O sobrenatural e as religiões

### OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO

1.- Na sua concepção etimológica a palavra *milagre* (de *mirari*, admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A Academia a definiu deste modo: *Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da natureza*.

No sentido popular, essa palavra — como tantas outras — perdeu a sua significação originária. De geral, do que era, ela se restringiu a uma ordem particular de fatos. No entender das pessoas, um *milagre* diz respeito à ideia de um fato sobrenatural; no sentido **litúrgico**, é uma derrogação das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. De fato, esse é o seu significado vulgar, que se tornou o sentido próprio, e é só por comparação e por metáfora que essa palavra é aplicada às circunstâncias normais da vida.

Uma das características do milagre propriamente dito é a de ser inexplicável, pelo mesmo fato que ele se realiza fora das leis naturais; e essa característica é tão associada a essa ideia que se um fato milagroso vem a encontrar sua explicação, diz-se que já não é mais milagre, por muito surpreendente que ele seja.

Outro caráter do milagre é o ser raro, isolado,

1.- Na sua concepção etimológica a palavra *milagre* (de *mirari*, admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A Academia a definiu deste modo: *Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da natureza*.

No sentido popular, essa palavra — como tantas outras — perdeu a sua significação originária. De geral, do que era, ela se restringiu a uma ordem particular de fatos. No entender das pessoas, um *milagre* diz respeito à ideia de um fato sobrenatural; no sentido **teológico**, é uma derrogação das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. De fato, esse é o seu significado vulgar, que se tornou o sentido próprio, e é só por comparação e por metáfora que essa palavra é aplicada às circunstâncias normais da vida.

Uma das características do milagre propriamente dito é a de ser inexplicável, pelo mesmo fato que ele se realiza fora das leis naturais; e essa característica é tão associada a essa ideia que se um fato milagroso vem a encontrar sua explicação, diz-se que já não é mais milagre, por muito surpreendente que ele seja. **Para a Igreja, o que dá valor aos milagres é exatamente a origem sobrenatural deles e a impossibilidade de explicá-los; ela se firmou tão bem sobre esse ponto que toda assimilação dos milagres aos fenômenos da Natureza é taxada de heresia, um atentado contra a fé; tanto assim que excomungou e até queimou muita gente por não ter querido crer em certos milagres.**

Outro caráter do milagre é o ser raro, isolado,

excepcional. Logo que um fenômeno se reproduz, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é que está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não seja conhecida a lei, já não pode ser um milagre.

2.- Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Se um homem realmente morto for chamado à vida por intervenção divina, esse será um verdadeiro milagre, por ser um fato contrário às leis da natureza. Mas, se esse homem tiver apenas as aparências da morte, se ainda restar nele uma *vitalidade latente*, e que a Ciência ou uma ação magnética consiga reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas isso será um fenômeno natural, mas aos olhos de uma pessoa ignorante o fato passará por miraculoso. Que um físico lance do meio de certas campinas uma pipa elétrica e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu certamente será tido como alguém dotado de um poder diabólico; no entanto, admitindo o fato de que Josué tivesse suspenso o movimento do Sol — ou, antes, da Terra —, aí teríamos o verdadeiro milagre, porque não existe nenhum magnetizador dotado de bastante poder para operar semelhante prodígio.

Os séculos de ignorância foram fartos de milagres, porque tudo aquilo que não tinha uma causa conhecida se passava por **miraculoso**. À medida que a Ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso foi restringido; mas como a Ciência ainda não explorara todo o campo da natureza, larga parte dele ainda ficou reservada ao maravilhoso.

3.- Expulso do domínio da materialidade pela Ciência, o maravilhoso se cercou no domínio da espiritualidade, que tem sido o seu último refúgio. Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza — força que incessantemente atua em conjunto com a força

excepcional. Logo que um fenômeno se reproduz, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é que está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não seja conhecida a lei, já não pode ser um milagre.

2.- Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Se um homem realmente morto for chamado à vida por intervenção divina, esse será um verdadeiro milagre, por ser um fato contrário às leis da natureza. Mas, se esse homem tiver apenas as aparências da morte, se ainda restar nele uma *vitalidade latente*, e que a Ciência ou uma ação magnética consiga reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas isso será um fenômeno natural, mas aos olhos de uma pessoa ignorante o fato passará por miraculoso. Que um físico lance do meio de certas campinas uma pipa elétrica e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu certamente será tido como alguém dotado de um poder diabólico; no entanto, admitindo o fato de que Josué tivesse suspenso o movimento do Sol — ou, antes, da Terra —, aí teríamos o verdadeiro milagre, porque não existe nenhum magnetizador dotado de bastante poder para operar semelhante prodígio.

Os séculos de ignorância foram fartos de milagres, porque tudo aquilo que não tinha uma causa conhecida se passava por **sobrenatural**. À medida que a Ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso foi restringido; mas como a Ciência ainda não explorara todo o campo da natureza, larga parte dele ainda ficou reservada ao maravilhoso.

3.- Expulso do domínio da materialidade pela Ciência, o maravilhoso se cercou no domínio da espiritualidade, que tem sido o seu último refúgio. Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza — força que incessantemente atua em conjunto com a força

material — o Espiritismo recoloca no rol dos efeitos naturais os fenômenos que dele haviam saído, porque, como os outros, esses efeitos também se acham sujeitos às leis. Se for expulso da espiritualidade, o maravilhoso já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que o tempo dos milagres já passou. (1)

[> Capítulo I - Características das revelação espírita - item 18]

(1) A palavra *elemento* não é empregada aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas*, mas no de *parte constitutiva de um todo*. Neste sentido, pode dizer-se que o elemento espiritual tem parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram no cálculo de uma população; que o elemento religioso entra na educação; ou que na Argélia há que se levar em conta o *elemento árabe*, etc.

4.- Por sua vez, o Espiritismo então vem fazer o que cada ciência tem feito no seu começo: revelar novas leis e conseqüentemente explicar os fenômenos que competem a essas leis.

É verdade que esses fenômenos estão ligados à existência dos Espíritos e à intervenção deles no mundo material; ora, é aqui que dizem que está o sobrenatural. Mas então, seria preciso provar que os Espíritos e suas manifestações são contrários às leis da Natureza; que nisso não está e nem pode ser uma dessas leis.

O Espírito não é mais do que a alma sobrevivente ao corpo; é o ser principal porque não morre, ao passo que o corpo é um simples acessório que se destrói. Portanto, sua existência é tão natural depois quanto durante a encarnação; ela está submetida às leis que regem o princípio espiritual como o corpo está submetido às que regem o princípio material; mas como estes dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, que da ação simultânea deles resultam o movimento e a

material — o Espiritismo recoloca no rol dos efeitos naturais os fenômenos que dele haviam saído, porque, como os outros, esses efeitos também se acham sujeitos às leis. Se for expulso da espiritualidade, o maravilhoso já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que o tempo dos milagres já passou. (Capítulo I, Nº 18)

## O ESPIRITISMO NÃO FAZ MILAGRES

4.- Por sua vez, o Espiritismo então vem fazer o que cada ciência tem feito no seu começo: revelar novas leis e conseqüentemente explicar os fenômenos que competem a essas leis.

É verdade que esses fenômenos estão ligados à existência dos Espíritos e à intervenção deles no mundo material; ora, é aqui que dizem que está o sobrenatural. Mas então, seria preciso provar que os Espíritos e suas manifestações são contrários às leis da Natureza; que nisso não está e nem pode ser uma dessas leis.

O Espírito não é mais do que a alma sobrevivente ao corpo; é o ser principal porque não morre, ao passo que o corpo é um simples acessório que se destrói. Portanto, sua existência é tão natural depois quanto durante a encarnação; ela está submetida às leis que regem o princípio espiritual como o corpo está submetido às que regem o princípio material; mas como estes dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, que da ação simultânea deles resultam o movimento e a

harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto à outra, e que a primeira não é uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5.- Durante sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por meio do seu corpo fluídico — o perispírito; é o mesmo fora da encarnação. Ele faz, como Espírito e na medida de suas capacidades, aquilo que fazia como homem; apenas, como não tem mais o seu corpo carnal por instrumento, quando é necessário ele se serve dos órgãos materiais de um encarnado que se torna o que chamamos *médium*. Procede então como alguém que, não podendo escrever por si mesmo, toma emprestada a mão de um secretário; ou que, não sabendo uma língua, usa um intérprete. Um secretário e um intérprete são os *médiuns* de um encarnado, como o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6.- O meio pelos quais os Espíritos agem e os meios de execução já não são os mesmos que no estado de encarnação; os efeitos também são diferentes. Esses efeitos só parecem sobrenaturais porque se produzem com o auxílio de agentes que não são aqueles de que nos servimos; porém, desde que esses agentes estejam na natureza e que os fatos de manifestações se dão em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural ou de maravilhoso. Antes de conhecermos as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de muita gente; desde que a causa se tornou conhecida, desapareceu o maravilhoso. O mesmo ocorre com os fenômenos espíritas, que não são mais aberrantes do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que têm sido a fonte de uma imensidade de crenças supersticiosas.

harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto à outra, e que a primeira não é uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5.- Durante sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por meio do seu corpo fluídico — o perispírito; é o mesmo fora da encarnação. Ele faz, como Espírito e na medida de suas capacidades, aquilo que fazia como homem; apenas, como não tem mais o seu corpo carnal por instrumento, quando é necessário ele se serve dos órgãos materiais de um encarnado que se torna o que chamamos *médium*. Procede então como alguém que, não podendo escrever por si mesmo, toma emprestada a mão de um secretário; ou que, não sabendo uma língua, usa um intérprete. Um secretário e um intérprete são os *médiuns* de um encarnado, como o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6.- O meio pelos quais os Espíritos agem e os meios de execução já não são os mesmos que no estado de encarnação; os efeitos também são diferentes. Esses efeitos só parecem sobrenaturais porque se produzem com o auxílio de agentes que não são aqueles de que nos servimos; porém, desde que esses agentes estejam na natureza e que os fatos de manifestações se dão em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural ou de maravilhoso. Antes de conhecermos as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de muita gente; desde que a causa se tornou conhecida, desapareceu o maravilhoso. O mesmo ocorre com os fenômenos espíritas, que não são mais aberrantes do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que têm sido a fonte de uma imensidade de crenças supersticiosas.



7.- Entretanto, poderão dizer: vocês admitem que um Espírito possa levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não está aí uma derrogação da lei da gravidade? — Sim, da lei conhecida; mas, nós conhecemos todas as leis? Antes que tivéssemos experimentado a força ascensional de alguns gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando vários homens, poderia triunfar da força de atração? Aos olhos do ignorante, isso não pareceria maravilhoso e diabólico? Aquele que há um século tivesse proposto transmitir uma mensagem a 500 léguas e de lá receber a resposta dentro de alguns minutos, este teria passado por louco; se o fizesse, teriam acreditado que o diabo está sob suas ordens, porque então só o diabo seria capaz de andar **tão**<sup>1</sup> depressa; hoje, no entanto, não só reconhecemos como possível o fato, como ele parece totalmente natural. Por que então um fluido desconhecido não teria em certas circunstâncias a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Efetivamente, é o que acontece no caso de que se trata (*Liv. dos Médiuns*, cap. IV).

8.- Os fenômenos espíritas, estando na natureza, têm se produzido em todos os tempos; mas precisamente porque seus estudos não poderiam ser feitos pelos meios materiais de que ciência comum dispõe, eles permaneceram muito mais tempo do que outros no domínio do sobrenatural, donde o Espiritismo agora os retira.

Baseado em aparências inexplicadas, o sobrenatural deixa livre curso à imaginação que, vagando no desconhecido, gera então as crenças supersticiosas. Uma explicação racional fundada nas leis da Natureza, reconduzindo o homem ao terreno da realidade, fixa um ponto de parada aos

7.- Entretanto, poderão dizer: vocês admitem que um Espírito possa levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não está aí uma derrogação da lei da gravidade? — Sim, da lei conhecida; mas, nós conhecemos todas as leis? Antes que tivéssemos experimentado a força ascensional de alguns gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando vários homens, poderia triunfar da força de atração? Aos olhos do ignorante, isso não pareceria maravilhoso e diabólico? Aquele que há um século tivesse proposto transmitir uma mensagem a 500 léguas e de lá receber a resposta dentro de alguns minutos, este teria passado por louco; se o fizesse, teriam acreditado que o diabo está sob suas ordens, porque então só o diabo seria capaz de andar **tão** depressa; hoje, no entanto, não só reconhecemos como possível o fato, como ele parece totalmente natural. Por que então um fluido desconhecido não teria em certas circunstâncias a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Efetivamente, é o que acontece no caso de que se trata (*Livro dos Médiuns*, cap. IV).

8.- Os fenômenos espíritas, estando na natureza, têm se produzido em todos os tempos; mas precisamente porque seus estudos não poderiam ser feitos pelos meios materiais de que ciência comum dispõe, eles permaneceram muito mais tempo do que outros no domínio do sobrenatural, donde o Espiritismo agora os retira.

Baseado em aparências inexplicadas, o sobrenatural deixa livre curso à imaginação que, vagando no desconhecido, gera então as crenças supersticiosas. Uma explicação racional fundada nas leis da Natureza, reconduzindo o homem ao terreno da realidade, fixa um ponto de parada aos

<sup>1</sup> si ⇒ aussi

desvios da imaginação e destrói as superstições. Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até aos seus limites extremos e retira dele o último refúgio. Se ele faz crer na possibilidade de certos fatos, por outro lado, ele impede a crença em muitos outros, porque demonstra no campo da espiritualidade, a exemplo da Ciência no campo da materialidade, o que é possível e o que não é. Todavia, como ele não tem a pretensão de dar a última palavra sobre todas as coisas, nem mesmo sobre aquelas que são da sua competência, ele não se apresenta como absoluto regulador do possível, e deixa de lado os conhecimentos reservados ao futuro.

9.- Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito — seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É pelas suas manifestações que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; nós a julgamos pelos seus efeitos; sendo natural a causa, o efeito também é natural. São esses efeitos que formam o objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegarmos a um conhecimento tão completo quanto possível da natureza e dos atributos da alma, assim como das leis que regem o princípio espiritual.

10.- Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente, e por isso negam a da alma individual e sobrevivente, a Natureza toda está na matéria tangível; para esses negadores, todos os fenômenos que pertencem à espiritualidade são sobrenaturais e, portanto, ilusórios; não admitindo a causa, eles não podem admitir os efeitos; e quando esses efeitos são evidentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação, e se negam a aprofundá-los; daí, entre eles, a opinião preconcebida em que se fecham e que os torna incapazes de apreciar

desvios da imaginação e destrói as superstições. Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até aos seus limites extremos e retira dele o último refúgio. Se ele faz crer na possibilidade de certos fatos, por outro lado, ele impede a crença em muitos outros, porque demonstra no campo da espiritualidade, a exemplo da Ciência no campo da materialidade, o que é possível e o que não é. Todavia, como ele não tem a pretensão de dar a última palavra sobre todas as coisas, nem mesmo sobre aquelas que são da sua competência, ele não se apresenta como absoluto regulador do possível, e deixa de lado os conhecimentos reservados ao futuro.

9.- Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito — seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É pelas suas manifestações que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; nós a julgamos pelos seus efeitos; sendo natural a causa, o efeito também é natural. São esses efeitos que formam o objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegarmos a um conhecimento tão completo quanto possível da natureza e dos atributos da alma, assim como das leis que regem o princípio espiritual.

10.- Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente, e por isso negam a da alma individual e sobrevivente, a Natureza toda está na matéria tangível; para esses negadores, todos os fenômenos que pertencem à espiritualidade são sobrenaturais e, portanto, ilusórios; não admitindo a causa, eles não podem admitir os efeitos; e quando esses efeitos são evidentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação, e se negam a aprofundá-los; daí, entre eles, a opinião preconcebida em que se fecham e que os torna incapazes de apreciar

critériosamente o Espiritismo, porque eles partem do princípio de negação de tudo o que não seja material.

11.- Pelo fato de o Espiritismo admitir os efeitos que são a consequência da existência da alma, não se segue que ele aceite todos os efeitos qualificados de maravilhosos e que se proponha a justificá-los e dar crédito a eles; que se torne defensor de todos os visionários, de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas: seria preciso conhecê-lo muito pouco para pensar assim. Seus adversários julgam opor-lhe um argumento incontestável quando, depois de haverem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, sobre os **Camisards** das Cevenas, ou sobre os religiosos de Loudun, chegaram a descobrir fatos evidentes de fraude que ninguém contesta; porventura, essas histórias serão o evangelho do Espiritismo? Seus adeptos já negaram que o charlatanismo tenha explorado alguns fatos em proveito próprio; que a imaginação os tenha criado; que o fanatismo os haja exagerado muitíssimo? Ele não é mais solidário com as extravagâncias que se cometam em seu nome do que a verdadeira ciência o é quanto aos abusos da ignorância, nem a verdadeira religião com os excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo apenas através dos contos de fadas e das lendas populares, que são ficções vinculadas a ele; seria equivalente a julgar a História pelos romances históricos ou pelos dramas literários.

12.- Os fenômenos espíritas são na maioria das vezes espontâneos e se produzem sem nenhuma ideia premeditada entre aqueles que menos pensam neles; em certas circunstâncias, alguns podem ser provocados pelos agentes denominados *médiuns*; no primeiro caso, o médium é *inconsciente* do que se produz por seu

critériosamente o Espiritismo, porque eles partem do princípio de negação de tudo o que não seja material.

11.- Pelo fato de o Espiritismo admitir os efeitos que são a consequência da existência da alma, não se segue que ele aceite todos os efeitos qualificados de maravilhosos e que se proponha a justificá-los e dar crédito a eles; que se torne defensor de todos os visionários, de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas: seria preciso conhecê-lo muito pouco para pensar assim. Seus adversários julgam opor-lhe um argumento incontestável quando, depois de haverem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, sobre os **camisards** das Cevenas, ou sobre os religiosos de Loudun, chegaram a descobrir fatos evidentes de fraude que ninguém contesta; porventura, essas histórias serão o evangelho do Espiritismo? Seus adeptos já negaram que o charlatanismo tenha explorado alguns fatos em proveito próprio; que a imaginação os tenha criado; que o fanatismo os haja exagerado muitíssimo? Ele não é mais solidário com as extravagâncias que se cometam em seu nome do que a verdadeira ciência o é quanto aos abusos da ignorância, nem a verdadeira religião com os excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo apenas através dos contos de fadas e das lendas populares, que são ficções vinculadas a ele; seria equivalente a julgar a História pelos romances históricos ou pelos dramas literários.

12.- Os fenômenos espíritas são na maioria das vezes espontâneos e se produzem sem nenhuma ideia premeditada entre aqueles que menos pensam neles; em certas circunstâncias, alguns podem ser provocados pelos agentes denominados *médiuns*; no primeiro caso, o médium é *inconsciente* do que se produz por seu

intermédio; no segundo, ele age com conhecimento de causa; daí vem a classificação de *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram com frequência entre os mais teimosos incrédulos, que assim praticam o Espiritismo sem o saber e sem o querer. Por isso mesmo, os fenômenos espontâneos têm uma importância capital, pois não se pode suspeitar da boa-fé daqueles que os obtêm. Aqui está o que ocorre com o sonambulismo, que em certos indivíduos é natural e involuntário, enquanto em outros é provocado pela ação magnética (2).

Porém, que esses fenômenos sejam ou não resultado de um ato da vontade, a causa primária é exatamente a mesma e não se afasta em nada das leis naturais. Portanto, os médiuns não produzem absolutamente nada de sobrenatural; por conseguinte, eles não fazem *nenhum milagre*; as próprias curas instantâneas não são mais milagrosas do que os outros efeitos, pois que resultam da ação de um agente fluídico que desempenha o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não são menos naturais por terem sido desconhecidas até os dias de hoje. O título de *taumaturgos* dado a certos médiuns devido a crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, é portanto totalmente impróprio. Por comparação, a qualificação de *milagres* dada a esta espécie de fenômenos só pode induzir ao erro quanto ao verdadeiro caráter deles.

(2) *Livro dos Médiuns*, cap. V. - *Revista espírita*; exemplos: dezembro de 1865, página 370<sup>2</sup>; - agosto de 1865, página 231<sup>3</sup>.

13.- A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna mais milagrosos

intermédio; no segundo, ele age com conhecimento de causa; daí vem a classificação de *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram com frequência entre os mais teimosos incrédulos, que assim praticam o Espiritismo sem o saber e sem o querer. Por isso mesmo, os fenômenos espontâneos têm uma importância capital, pois não se pode suspeitar da boa-fé daqueles que os obtêm. Aqui está o que ocorre com o sonambulismo, que em certos indivíduos é natural e involuntário, enquanto em outros é provocado pela ação magnética (1).

Porém, que esses fenômenos sejam ou não resultado de um ato da vontade, a causa primária é exatamente a mesma e não se afasta em nada das leis naturais. Portanto, os médiuns não produzem absolutamente nada de sobrenatural; por conseguinte, eles não fazem *nenhum milagre*; as próprias curas instantâneas não são mais milagrosas do que os outros efeitos, pois que resultam da ação de um agente fluídico que desempenha o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não são menos naturais por terem sido desconhecidas até os dias de hoje. O título de *taumaturgos* dado a certos médiuns devido a crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, é portanto totalmente impróprio. Por comparação, a qualificação de *milagres* dada a esta espécie de fenômenos só pode induzir ao erro quanto ao verdadeiro caráter deles.

(1) *Livro dos Médiuns*, cap. V. - *Revista espírita*; exemplos: dezembro de 1865, página 370; - agosto de 1865, página 231.

13.- A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna mais milagrosos

<sup>2</sup> Artigo: Como o Espiritismo vem sem ser procurado.

<sup>3</sup> Artigo: Abade Dégenettes, médium.

do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos acerca dessa força, o Espiritismo nos dá a chave de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que, nos tempos antigos, passaram por prodígios; do mesmo modo que o magnetismo, ele revela uma lei, senão desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, porque eles se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi o desconhecimento dessa lei que gerou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso **desapareceu**<sup>4</sup> e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os Espíritos não produzem milagres ao fazer uma mesa se mover ou que os mortos escrevam, assim como o médico ao fazer que um moribundo reviva, ou o físico ao fazer o raio cair. Aquele que, com o auxílio desta ciência, pretendesse *fazer milagres*, este seria ou um ignorante do assunto, ou um fazedor de tolos.

14.- Pois que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas miraculosas, haverá fora dele milagres na acepção usual desta palavra?

Digamos primeiramente que dos fatos ditos milagrosos ocorridos antes do advento do Espiritismo e que ainda ocorrem no presente, a maior parte — senão todos — encontram explicação nas novas leis que ele veio revelar; esses fatos então são compreendidos na ordem dos fenômenos espíritas, embora sob outro nome, e como tais nada têm de sobrenatural. Está bem

do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos acerca dessa força, o Espiritismo nos dá a chave de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que, nos tempos antigos, passaram por prodígios; do mesmo modo que o magnetismo, ele revela uma lei, senão desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, porque eles se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi o desconhecimento dessa lei que gerou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso **desapareceu** e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os Espíritos não produzem milagres ao fazer uma mesa se mover ou que os mortos escrevam, assim como o médico ao fazer que um moribundo reviva, ou o físico ao fazer o raio cair. Aquele que, com o auxílio desta ciência, pretendesse *fazer milagres*, este seria ou um ignorante do assunto, ou um fazedor de tolos.

14.- Pois que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas miraculosas, haverá fora dele milagres na acepção usual desta palavra?

Digamos primeiramente que dos fatos ditos milagrosos ocorridos antes do advento do Espiritismo e que ainda ocorrem no presente, a maior parte — senão todos — encontram explicação nas novas leis que ele veio revelar; esses fatos então são compreendidos na ordem dos fenômenos espíritas, embora sob outro nome, e como tais nada têm de sobrenatural. Está bem

<sup>4</sup> **disparait** ⇒ **disparaît**

entendido que aqui nos referimos somente aos fatos autênticos, e não aos que, com a denominação de milagres, são produto de uma indigna trapaça, com o objetivo de explorar a fé; tampouco nos referimos a certos fatos lendários que podem ter tido originariamente um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até ao absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo projeta luz, fornecendo os meios de separar a parte do erro e da verdade.

15.- Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, ele pode sem dúvidas fazê-los; mas será que ele faz? Ou, por outras palavras: ele anula aquelas leis que ele próprio estabeleceu? Não cabe ao homem prejudicar os atos da Divindade, nem os subordinar à fraqueza do seu entendimento; entretanto, diante das coisas divinas, nós temos os próprios atributos de Deus como critério para o nosso julgamento. Ao soberano poder ele reúne a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz coisa alguma inútil.

Por que então ele faria milagres? Dizem que é para atestar o seu poder; mas o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia providência que a preside — desde as partes mais ínfimas quanto as mais gigantescas — e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por algumas pequenas e infantis derrogações que todos os ilusionistas sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído pelas suas mãos, obra- prima de ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que havia feito? Seu saber, ao contrário, não ressalta muito mais da regularidade e da precisão do movimento da sua

entendido que aqui nos referimos somente aos fatos autênticos, e não aos que, com a denominação de milagres, são produto de uma indigna trapaça, com o objetivo de explorar a fé; tampouco nos referimos a certos fatos lendários que podem ter tido originariamente um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até ao absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo projeta luz, fornecendo os meios de separar a parte do erro e da verdade.

### DEUS FAZ MILAGRES?

15.- Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, ele pode sem dúvidas fazê-los; mas será que ele faz? Ou, por outras palavras: ele anula aquelas leis que ele próprio estabeleceu? Não cabe ao homem prejudicar os atos da Divindade, nem os subordinar à fraqueza do seu entendimento; entretanto, diante das coisas divinas, nós temos os próprios atributos de Deus como critério para o nosso julgamento. Ao soberano poder ele reúne a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz coisa alguma inútil.

Por que então ele faria milagres? Dizem que é para atestar o seu poder; mas o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia providência que a preside — desde as partes mais ínfimas quanto as mais gigantescas — e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por algumas pequenas e infantis derrogações que todos os ilusionistas sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído pelas suas mãos, obra- prima de ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que havia feito? Seu saber, ao contrário, não ressalta muito mais da regularidade e da precisão do movimento da sua

obra?

Portanto, a questão dos milagres propriamente ditos não é da alçada do Espiritismo; contudo, apoiando-se sobre o raciocínio de que Deus não faz nada inútil, o Espiritismo emite a seguinte opinião: **como os milagres não são necessários para a glorificação de Deus, nada no Universo se desvia das leis gerais.**

Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

16.- Admitido que Deus, por razões que nós não podemos compreender, tenha revogado acidentalmente aquelas leis que ele havia estabelecido, tais leis já não **seriam**<sup>5</sup> mais imutáveis; todavia, pelo menos seria racional pensar que somente ele tem esse poder; sem negar a onipotência de Deus, não seria admissível que fosse dado ao Espírito do mal desfazer a obra divina, produzindo seus próprios prodígios para seduzir até eleitos, pois isso implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus; no entanto, é o que ensinam. Se Satanás tem o poder de interromper o curso das leis naturais, que é obra divina, sem a permissão de Deus, então ele é mais poderoso do que Deus: logo, Deus não teria a onipotência; se Deus delegasse esse poder a Satanás, como o dizem, para mais facilmente induzir os homens ao mal, Deus não teria a soberana bondade. Em ambos os casos, isso é a negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

Também a Igreja distingue os bons milagres que procedem de Deus dos maus milagres que procedem de Satanás; porém, como fazer a diferença entre eles? Seja um milagre **oficial ou não**, este não será menos revogação das leis que

obra?

Portanto, a questão dos milagres propriamente ditos não é da alçada do Espiritismo; contudo, apoiando-se sobre o raciocínio de que Deus não faz nada inútil, o Espiritismo emite a seguinte opinião: **como os milagres não são necessários para a glorificação de Deus, nada no Universo se desvia das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, como Suas leis são perfeitas, não é necessário que Ele as derogue.** Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

16.- Admitido que Deus, por razões que nós não podemos compreender, tenha revogado acidentalmente aquelas leis que ele havia estabelecido, tais leis já não **seriam** mais imutáveis; todavia, pelo menos seria racional pensar que somente ele tem esse poder; sem negar a onipotência de Deus, não seria admissível que fosse dado ao Espírito do mal desfazer a obra divina, produzindo seus próprios prodígios para seduzir até eleitos, pois isso implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus; no entanto, é o que ensinam. Se Satanás tem o poder de interromper o curso das leis naturais, que é obra divina, sem a permissão de Deus, então ele é mais poderoso do que Deus: logo, Deus não teria a onipotência; se Deus delegasse esse poder a Satanás, como o dizem, para mais facilmente induzir os homens ao mal, Deus não teria a soberana bondade. Em ambos os casos, isso é a negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

Também a Igreja distingue os bons milagres que procedem de Deus dos maus milagres que procedem de Satanás; porém, como fazer a diferença entre eles? Seja um milagre **satânico ou divino**, este não será menos revogação das leis que

<sup>5</sup> sont ⇒ seraient

emanam unicamente de Deus; se um indivíduo é curado supostamente por um milagre — seja esse milagre operado por Deus ou por Satanás —, ele não estará por isso menos curado. É preciso fazer uma ideia muito pobre da inteligência humana para esperar que semelhantes doutrinas possam ser aceitas nos dias de hoje.

Reconhecida a possibilidade de certos fatos considerados milagrosos, é preciso concluir que, seja qual for a origem atribuída a esses milagres, estes são efeitos naturais de que os *Espíritos* ou *encarnados* podem se utilizar, como em tudo, como da sua própria inteligência e dos seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, conforme a sua bondade ou a sua perversidade. Valendo-se do seu saber, um ser perverso pode fazer coisas que passem por maravilhas aos olhos dos ignorantes; mas quando tais efeitos resultam um bem qualquer, seria ilógico atribuir a eles uma origem diabólica.

17.- No entanto, dizem que a religião se apoia em fatos que não são nem explicados e nem explicáveis. Inexplicados, talvez; explicáveis, isso é outra questão. O que sabemos das descobertas e dos conhecimentos que o futuro nos reserva? Sem falar do milagre da criação — que é sem contestação o maior de todos e que agora retornou ao domínio da lei universal — não vemos hoje se reproduzirem através do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, os êxtases, as visões, as aparições, as percepções à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos esses conhecidos desde tempos imemoráveis, considerados antigamente como maravilhosos e atualmente demonstrados como parte da ordem das coisas naturais, de acordo com a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão repletos de fatos

emanam unicamente de Deus; se um indivíduo é curado supostamente por um milagre — seja esse milagre operado por Deus ou por Satanás —, ele não estará por isso menos curado. É preciso fazer uma ideia muito pobre da inteligência humana para esperar que semelhantes doutrinas possam ser aceitas nos dias de hoje.

Reconhecida a possibilidade de certos fatos considerados milagrosos, é preciso concluir que, seja qual for a origem atribuída a esses milagres, estes são efeitos naturais de que os *Espíritos* ou *encarnados* podem se utilizar, como em tudo, como da sua própria inteligência e dos seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, conforme a sua bondade ou a sua perversidade. Valendo-se do seu saber, um ser perverso pode fazer coisas que passem por maravilhas aos olhos dos ignorantes; mas quando tais efeitos resultam um bem qualquer, seria ilógico atribuir a eles uma origem diabólica.

17.- No entanto, dizem que a religião se apoia em fatos que não são nem explicados e nem explicáveis. Inexplicados, talvez; explicáveis, isso é outra questão. O que sabemos das descobertas e dos conhecimentos que o futuro nos reserva? Sem falar do milagre da criação — que é sem contestação o maior de todos e que agora retornou ao domínio da lei universal — não vemos hoje se reproduzirem através do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, os êxtases, as visões, as aparições, as percepções à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos esses conhecidos desde tempos imemoráveis, considerados antigamente como maravilhosos e atualmente demonstrados como parte da ordem das coisas naturais, de acordo com a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão repletos de fatos



desse gênero, qualificados de sobrenaturais; porém, como nós os encontramos semelhantes e ainda mais maravilhosos em todas as religiões pagãs da Antiguidade, se a veracidade de uma religião dependesse do número e da natureza de tais fatos, não saberíamos dizer qual dela prevaleceria.

18.- Dizer que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião, que ele seja a pedra angular do edifício de toda religião, é sustentar uma tese perigosa; se apoiarmos as verdades do cristianismo exclusivamente sobre a base do maravilhoso, isso é lhe dar um alicerce fraco, cujas pedras facilmente se soltam. Essa tese — de que eminentes teólogos se fazem defensores — leva direito à conclusão de que em breve já não haverá religião possível, nem mesmo a religião cristã, se aquilo que é visto como sobrenatural for demonstrado como natural; pois, por mais que se acumule argumentos, não se consegue sustentar a crença de que um fato é miraculoso, depois de se haver provado que ele não é: ora, a prova de que um fato não é uma exceção às leis naturais existe quando esse fato pode ser explicado por essas mesmas leis, e que, podendo ser reproduzido por intermédio de um indivíduo qualquer, ele deixa de ser privilégio dos santos. Não é o *sobrenatural* que é necessário às religiões, mas sim o *princípio espiritual*, que elas costumam confundir erradamente com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto mais elevado; dá a ela uma base mais sólida do que os milagres: as leis imutáveis de Deus, que regem tanto o princípio espiritual quanto o princípio material; essa base desafia o tempo e a Ciência, pois o tempo e a Ciência virão

desse gênero, qualificados de sobrenaturais; porém, como nós os encontramos semelhantes e ainda mais maravilhosos em todas as religiões pagãs da Antiguidade, se a veracidade de uma religião dependesse do número e da natureza de tais fatos, não saberíamos dizer qual dela prevaleceria.

### O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES

18.- Dizer que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião, que ele seja a pedra angular do edifício de toda religião, é sustentar uma tese perigosa; se apoiarmos as verdades do cristianismo exclusivamente sobre a base do maravilhoso, isso é lhe dar um alicerce fraco, cujas pedras facilmente se soltam. Essa tese — de que eminentes teólogos se fazem defensores — leva direito à conclusão de que em breve já não haverá religião possível, nem mesmo a religião cristã, se aquilo que é visto como sobrenatural for demonstrado como natural; pois, por mais que se acumule argumentos, não se consegue sustentar a crença de que um fato é miraculoso, depois de se haver provado que ele não é: ora, a prova de que um fato não é uma exceção às leis naturais existe quando esse fato pode ser explicado por essas mesmas leis, e que, podendo ser reproduzido por intermédio de um indivíduo qualquer, ele deixa de ser privilégio dos santos. Não é o *sobrenatural* que é necessário às religiões, mas sim o *princípio espiritual*, que elas costumam confundir erradamente com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto mais elevado; dá a ela uma base mais sólida do que os milagres: as leis imutáveis de Deus, que regem tanto o princípio espiritual quanto o princípio material; essa base desafia o tempo e a Ciência, pois o tempo e a Ciência virão

confirmá-la.

Deus não é menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento e do nosso respeito por não haver derrubado suas leis, grandiosas sobretudo pela sua imutabilidade. Não precisamos do sobrenatural para prestar a Deus o culto que lhe é devido; a natureza já não é tão imponente por si mesma para necessitar que se acresce a ela o sobrenatural para provar a suprema potência? A religião encontrará tanto menos incrédulos quanto mais seja sancionada pela razão em todos os pontos. O Cristianismo nada tem a perder com essa confirmação; ao contrário, ele só tem a ganhar. Se alguma coisa pôde prejudicá-lo na opinião de muita gente, foi exatamente o abuso do sobrenatural e do maravilhoso.

19.- Se tomarmos a palavra *milagre* em sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, teremos milagres sem cessar sob as vistas; nós aspiramos um milagre no ar e o calçamos aos pés, porque então tudo é milagre na natureza.

Querem dar ao povo, aos ignorantes e aos pobres de espírito uma ideia da potência de Deus? Basta-lhes mostrá-la na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser nas suas necessidades, de acordo com o meio onde é chamado a viver; basta mostrar ao povo a ação de Deus no talo da erva, na flor que desabrocha, no Sol que vivifica tudo; basta lhes mostrar sua bondade no cuidado com todas as criaturas, por mais simples que elas sejam, a sua providência na razão de ser de todas as coisas, cuja nenhuma é inútil, no bem que sempre decorre de um mal aparente e temporário. Façam o povo compreender principalmente que o mal real é obra do homem e não de Deus; não procurem lhes

confirmá-la.

Deus não é menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento e do nosso respeito por não haver derrubado suas leis, grandiosas sobretudo pela sua imutabilidade. Não precisamos do sobrenatural para prestar a Deus o culto que lhe é devido; a natureza já não é tão imponente por si mesma para necessitar que se acresce a ela o sobrenatural para provar a suprema potência? A religião encontrará tanto menos incrédulos quanto mais seja sancionada pela razão em todos os pontos. O Cristianismo nada tem a perder com essa confirmação; ao contrário, ele só tem a ganhar. Se alguma coisa pôde prejudicá-lo na opinião de muita gente, foi exatamente o abuso do sobrenatural e do maravilhoso.

19.- Se tomarmos a palavra *milagre* em sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, teremos milagres sem cessar sob as vistas; nós aspiramos um milagre no ar e o calçamos aos pés, porque então tudo é milagre na natureza.

Querem dar ao povo, aos ignorantes e aos pobres de espírito uma ideia da potência de Deus? Basta-lhes mostrá-la na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser nas suas necessidades, de acordo com o meio onde é chamado a viver; basta mostrar ao povo a ação de Deus no talo da erva, na flor que desabrocha, no Sol que vivifica tudo; basta lhes mostrar sua bondade no cuidado com todas as criaturas, por mais simples que elas sejam, a sua providência na razão de ser de todas as coisas, cuja nenhuma é inútil, no bem que sempre decorre de um mal aparente e temporário. Façam o povo compreender principalmente que o mal real é obra do homem e não de Deus; não procurem lhes

## CAPÍTULO XIII - Características dos Milagres

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

apavorar com o quadro das penas eternas, nas quais as pessoas acabam por não mais acreditar e que os levam a duvidar da bondade de Deus; antes, deem a eles coragem mediante a certeza de um dia poderem se redimir e repararem o mal que tenham praticado; mostrem a eles as descobertas da ciência como revelações das leis divinas, e não como obras de Satanás; ensinem-lhes, finalmente, a ler no livro da Natureza constantemente aberto diante deles; nesse livro inesgotável onde a sabedoria e a bondade do Criador estão inscritas a cada página: então eles compreenderão que um Ser tão grande, que se ocupa com tudo, velando por tudo, prevendo tudo, há de ser soberanamente poderoso. O lavrador verá Deus ao roçar o seu campo e o infeliz o louvará nas suas aflições, pois reconhecerá: "Se sou infeliz, é por culpa minha". Então os homens serão verdadeiramente religiosos, sobretudo racionalmente religiosos, muito mais do que **se eles fossem forçados a crer** em pedras que suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas.

apavorar com o quadro das penas eternas, nas quais as pessoas acabam por não mais acreditar e que os levam a duvidar da bondade de Deus; antes, deem a eles coragem mediante a certeza de um dia poderem se redimir e repararem o mal que tenham praticado; mostrem a eles as descobertas da ciência como revelações das leis divinas, e não como obras de Satanás; ensinem-lhes, finalmente, a ler no livro da Natureza constantemente aberto diante deles; nesse livro inesgotável onde a sabedoria e a bondade do Criador estão inscritas a cada página: então eles compreenderão que um Ser tão grande, que se ocupa com tudo, velando por tudo, prevendo tudo, há de ser soberanamente poderoso. O lavrador verá Deus ao roçar o seu campo e o infeliz o louvará nas suas aflições, pois reconhecerá: "Se sou infeliz, é por culpa minha". Então os homens serão verdadeiramente religiosos, sobretudo racionalmente religiosos, muito mais do que **se eles acreditassem** em pedras que suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas.

Natureza e propriedades dos fluidos .

Explicação para alguns fatos  
considerados sobrenaturais

#### NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS.

1.- A Ciência trouxe a solução dos milagres que derivam mais particularmente do elemento material — seja explicando-os, seja demonstrando a sua impossibilidade — através das leis que regem a matéria; mas os fenômenos em que o elemento espiritual tem uma parte preponderante, esses, como não podem ser explicados unicamente por meio das leis da **matéria**, estão fora das investigações da ciência: esta é a razão por que eles, mais do que os outros, apresentam as características *aparentes* do maravilhoso. Pois é nas leis que regem a vida espiritual que podemos encontrar a explicação dos milagres dessa categoria.

2.- Como já foi demonstrado, o fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações formam a inumerável variedade dos corpos da natureza.

Como princípio elementar universal, ele oferece dois estados diferentes: o de eterização ou imponderabilidade — que podemos considerar como o estado normal primitivo — e o de materialização ou de ponderabilidade — que de

I. *Natureza e propriedades dos fluidos:*  
Elementos fluídicos - Formação e propriedade do perispírito - Ação dos espíritos sobre os fluidos; criações fluídicas; fotografia do pensamento

II. *Explicação para alguns fenômenos considerados sobrenaturais:*

- Vista espiritual ou psíquica; dupla vista; sonambulismo; sonhos - Catalepsia; ressurreições
- Curas - Aparições; transfigurações
- Manifestações físicas; mediunidade.
- Obsessões e possessões

#### NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS.

##### *Elementos fluídicos*

1.- A Ciência trouxe a solução dos milagres que derivam mais particularmente do elemento material — seja explicando-os, seja demonstrando a sua impossibilidade — através das leis que regem a matéria; mas os fenômenos em que o elemento espiritual tem uma parte preponderante, esses, como não podem ser explicados unicamente por meio das leis da **natureza**, estão fora das investigações da ciência: esta é a razão por que eles, mais do que os outros, apresentam as características *aparentes* do maravilhoso. Pois é nas leis que regem a vida espiritual que podemos encontrar a explicação dos milagres dessa categoria.

2.- Como já foi demonstrado, o fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações formam a inumerável variedade dos corpos da natureza (**Cap. X**). Como princípio elementar universal, ele oferece dois estados diferentes: o de eterização ou imponderabilidade — que podemos considerar como o estado normal primitivo — e o de materialização ou de ponderabilidade — que de

certa maneira é subsequente àquele. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas, ainda aí, não há transição brusca, porque podemos considerar nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados (Cap. IV, nº 10 e seguintes).

Cada um desses dois estados naturalmente dá lugar a fenômenos especiais: ao segundo (estado de materialização ou de ponderabilidade) pertencem os do mundo visível, e ao primeiro (de eterização ou de imponderabilidade) pertencem os fenômenos do mundo invisível. Uns, os chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da ciência propriamente dita; os outros, qualificados *de fenômenos espirituais* ou *psíquicos* — porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos — fazem parte das atribuições do Espiritismo; porém, como a vida espiritual e a vida corporal estão incessantemente em contato, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se ligam à vida corpórea; aqueles do domínio **exclusivo** da vida espiritual estão escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito (1).

(1) A denominação de fenômeno *psíquico* representa mais o pensamento do que a de fenômeno *espiritual*, dado que esses fenômenos se apoiam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou, melhor, dos fluidos perispirituais — que são inseparáveis da alma. Essa qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis; então, podemos admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir a título de milagres.

3.- No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, ele sofre modificações tão variadas nos seu gênero e talvez mais numerosas do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo

certa maneira é subsequente àquele. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas, ainda aí, não há transição brusca, porque podemos considerar nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados (Cap. IV, nº 10 e seguintes).

Cada um desses dois estados naturalmente dá lugar a fenômenos especiais: ao segundo (estado de materialização ou de ponderabilidade) pertencem os do mundo visível, e ao primeiro (de eterização ou de imponderabilidade) pertencem os fenômenos do mundo invisível. Uns, os chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da ciência propriamente dita; os outros, qualificados *de fenômenos espirituais* ou *psíquicos* — porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos — fazem parte das atribuições do Espiritismo; porém, como a vida espiritual e a vida corporal estão incessantemente em contato, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se ligam à vida corpórea; aqueles do domínio **exclusivo** da vida espiritual estão escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito (1).

(1) A denominação de fenômeno *psíquico* representa mais o pensamento do que a de fenômeno *espiritual*, dado que esses fenômenos se apoiam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou, melhor, dos fluidos perispirituais — que são inseparáveis da alma. Essa qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis; então, podemos admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir a título de milagres.

3.- No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, ele sofre modificações tão variadas nos seu gênero e talvez mais numerosas do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo

princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos próprios do mundo invisível.

Sendo tudo relativo, esses fluidos têm uma aparência tão material para os Espíritos — que também são fluídicos — quanto à aparência dos objetos tangíveis têm para os encarnados, e são para eles o que as substâncias do mundo terrestre são para nós; eles os elaboram e os combinam para produzir determinados efeitos, como os homens fazem com os seus materiais, ainda que por procedimentos diferentes.

Porém lá, como neste mundo, somente aos Espíritos mais esclarecidos é dado compreender o papel dos elementos constitutivos do seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar a si mesmos os fenômenos de que são testemunhas e para os quais muitas vezes contribuem maquinalmente, como os ignorantes da Terra são inaptos para explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, para dizer de que modo eles veem e escutam.

4.- Os elementos fluídicos do mundo espiritual estão fora de alcance dos nossos instrumentos de análise e da percepção dos nossos sentidos — que são feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Há alguns que pertencem a um meio tão diferente do nosso que só podemos fazer uma ideia deles através de comparações tão imperfeitas como aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer ideia da teoria das cores.

Mas, entre esses fluidos, alguns são tão intimamente ligados à vida corporal, que de certa forma pertencem ao meio terreno. Na falta de observação direta, podemos observar seus efeitos

e adquirir conhecimentos de sua natureza com certa precisão. Esse estudo é essencial porque é a chave de uma imensidade de

princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos próprios do mundo invisível.

Sendo tudo relativo, esses fluidos têm uma aparência tão material para os Espíritos — que também são fluídicos — quanto à aparência dos objetos tangíveis têm para os encarnados, e são para eles o que as substâncias do mundo terrestre são para nós; eles os elaboram e os combinam para produzir determinados efeitos, como os homens fazem com os seus materiais, ainda que por procedimentos diferentes.

Porém lá, como neste mundo, somente aos Espíritos mais esclarecidos é dado compreender o papel dos elementos constitutivos do seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar a si mesmos os fenômenos de que são testemunhas e para os quais muitas vezes contribuem maquinalmente, como os ignorantes da Terra são inaptos para explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, para dizer de que modo eles veem e escutam.

4.- Os elementos fluídicos do mundo espiritual estão fora de alcance dos nossos instrumentos de análise e da percepção dos nossos sentidos — que são feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Há alguns que pertencem a um meio tão diferente do nosso que só podemos fazer uma ideia deles através de comparações tão imperfeitas como aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer ideia da teoria das cores.

Mas, entre esses fluidos, alguns são tão intimamente ligados à vida corporal, que de certa forma pertencem ao meio terreno. Na falta de observação direta, podemos observar seus efeitos

**como observamos os do fluido do imã, fluido que jamais se viu,** e adquirir conhecimentos de sua natureza com certa precisão. Esse estudo é essencial porque é a chave de uma imensidade de

fenômenos inexplicáveis apenas com as leis da matéria.

5.- O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, da qual nada pode nos dar uma ideia; o ponto oposto é o da sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, ocorrem inúmeras transformações, que se aproximam mais ou menos de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade — por consequência os menos puros — compõem o que podemos chamar *a atmosfera espiritual terrestre*. É desse meio, onde também se encontram diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra extraem os elementos necessários à organização de suas existências. Esses fluidos, por muito sutis e impalpáveis que sejam para nós, não deixam por isso de ser de uma natureza grosseira em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo ocorre com a superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de *vitabilidade*<sup>1</sup> próprias de cada um. Quanto menos material é a vida neles, menos os fluidos espirituais têm afinidades com a matéria propriamente dita.

A qualificação de *fluidos espirituais* não é rigorosamente exata, já que definitivamente é sempre matéria, mais ou menos quintessenciada. De *espiritual* realmente não há mais que a alma ou princípio inteligente. Atribuímos essa denominação a eles apenas por comparação e em razão sobretudo de sua afinidade com os Espíritos. Podemos dizer que é a matéria do mundo espiritual: eis por que lhes chamamos *fluidos espirituais*.

fenômenos inexplicáveis apenas com as leis da matéria.

5.- O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, da qual nada pode nos dar uma ideia; o ponto oposto é o da sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, ocorrem inúmeras transformações, que se aproximam mais ou menos de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade — por consequência os menos puros — compõem o que podemos chamar *a atmosfera espiritual terrestre*. É desse meio, onde também se encontram diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra extraem os elementos necessários à organização de suas existências. Esses fluidos, por muito sutis e impalpáveis que sejam para nós, não deixam por isso de ser de uma natureza grosseira em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo ocorre com a superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de *vitalidade* próprias de cada um. Quanto menos material é a vida neles, menos os fluidos espirituais têm afinidades com a matéria propriamente dita.

A qualificação de *fluidos espirituais* não é rigorosamente exata, já que definitivamente é sempre matéria, mais ou menos quintessenciada. De *espiritual* realmente não há mais que a alma ou princípio inteligente. Atribuímos essa denominação a eles apenas por comparação e em razão sobretudo de sua afinidade com os Espíritos. Podemos dizer que é a matéria do mundo espiritual: eis por que lhes chamamos *fluidos espirituais*.

<sup>1</sup> *vitabilité* ⇒ *vitalité*

6.- Aliás, quem conhece a composição íntima da matéria tangível? Talvez ela só seja compacta em relação aos nossos sentidos, e a prova disso é a facilidade com que ela pode ser atravessada pelos fluidos espirituais e os Espíritos, aos quais ela não oferece mais **obstáculo**<sup>2</sup> do que os corpos transparentes oferecem à luz.

A matéria tangível, tendo por elemento básico o fluido cósmico etéreo, deve poder, **ao se desagregar**, voltar ao estado de eterização, como o diamante, que é o mais duro dos corpos, pode se vaporizar em gás impalpável. **Na realidade, a solidificação da matéria não é mais do que um estado transitório do fluido universal, que pode retornar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão deixam de existir.**

Quem sabe até se no estado de tangibilidade a matéria não é suscetível de adquirir um tipo de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos que parecem autênticos tenderiam a fazer supor isso. Nós ainda só temos as fronteiras do mundo invisível e o futuro sem dúvida nos reserva o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que hoje é um mistério para nós.

7.- O perispírito — corpo fluídico dos Espíritos — é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *alma*. Já vimos que o corpo carnal também tem seu princípio nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, pois o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. Portanto, o corpo

6.- Aliás, quem conhece a composição íntima da matéria tangível? Talvez ela só seja compacta em relação aos nossos sentidos, e a prova disso é a facilidade com que ela pode ser atravessada pelos fluidos espirituais e os Espíritos, aos quais ela não oferece mais **obstáculo** do que os corpos transparentes oferecem à luz.

A matéria tangível, tendo por elemento básico o fluido cósmico etéreo, deve poder, **ao se desagregar**, voltar ao estado de eterização, como o diamante, que é o mais duro dos corpos, pode se vaporizar em gás impalpável. **Na realidade, a solidificação da matéria não é mais do que um estado transitório do fluido universal, que pode retornar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão deixam de existir.**

Quem sabe até se no estado de tangibilidade a matéria não é suscetível de adquirir um tipo de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos que parecem autênticos tenderiam a fazer supor isso. Nós ainda só temos as fronteiras do mundo invisível e o futuro sem dúvida nos reserva o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que hoje é um mistério para nós.

#### *Formação e propriedades do perispírito*

7.- O perispírito — corpo fluídico dos Espíritos — é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *alma*. Já vimos que o corpo carnal também tem seu princípio nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, pois o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. Portanto, o corpo

<sup>2</sup> d'obstacles ⇒ obstacle



perispiritual e o corpo carnal têm sua origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes.

8.- Os Espíritos extraem seu perispírito do meio onde se encontram, quer dizer que esse envoltório é formado dos fluidos ambientes; resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito devem variar conforme os mundos. Tendo Júpiter como um mundo bastante avançado em comparação com a Terra, onde a vida corpórea não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais lá hão de ser de uma natureza infinitamente mais quintessenciada do que a da Terra. Ora, assim como não poderíamos existir naquele mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos não poderiam penetrar nele com seu perispírito terrestre. Ao deixar a Terra, o Espírito deixa aí o seu invólucro fluídico e se reveste de outro, apropriado ao mundo para onde deva ir.

9.- A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo ao seu gosto, e por conseguinte não podem passar de um mundo para outro à vontade. Portanto, há alguns cujo envoltório fluídico — se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível — ainda é bastante pesado, se assim podemos dizer, em relação ao mundo espiritual, para não permitir que saiam do meio que lhes é próprio. Devemos incluir nessa categoria aqueles cujo perispírito é grosseiro demais para que se confundam com o corpo carnal, e que, por essa razão, creiam que ainda estejam vivos. Esses Espíritos — e o número deles é grande — permanecem na superfície da Terra como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações; outros são um pouco mais desmaterializados, entretanto, não o suficiente para se elevar acima das regiões terrestres (2).

perispiritual e o corpo carnal têm sua origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes.

8.- Os Espíritos extraem seu perispírito do meio onde se encontram, quer dizer que esse envoltório é formado dos fluidos ambientes; resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito devem variar conforme os mundos. Tendo Júpiter como um mundo bastante avançado em comparação com a Terra, onde a vida corpórea não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais lá hão de ser de uma natureza infinitamente mais quintessenciada do que a da Terra. Ora, assim como não poderíamos existir naquele mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos não poderiam penetrar nele com seu perispírito terrestre. Ao deixar a Terra, o Espírito deixa aí o seu invólucro fluídico e se reveste de outro, apropriado ao mundo para onde deva ir.

9.- A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo ao seu gosto, e por conseguinte não podem passar de um mundo para outro à vontade. Portanto, há alguns cujo envoltório fluídico — se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível — ainda é bastante pesado, se assim podemos dizer, em relação ao mundo espiritual, para não permitir que saiam do meio que lhes é próprio. Devemos incluir nessa categoria aqueles cujo perispírito é grosseiro demais para que se confundam com o corpo carnal, e que, por essa razão, creiam que ainda estejam vivos. Esses Espíritos — e o número deles é grande — permanecem na superfície da Terra como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações; outros são um pouco mais desmaterializados, entretanto, não o suficiente para se elevar acima das regiões terrestres (2).

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e até encarnar neles. Eles extraem dos elementos constitutivos do mundo onde ingressam os materiais do corpo fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontram. Eles fazem como o nobre que deixa suas vestes **douradas** para se vestir momentaneamente de roupa velha, sem por isso deixar de ser nobre.

É assim que os Espíritos da categoria mais elevada podem se manifestar aos habitantes da Terra ou encarnar em missão entre estes. Tais Espíritos trazem consigo, não o envoltório, mas a lembrança intuitiva das regiões de onde vieram e que eles veem em pensamento. São videntes entre cegos.

(2) Exemplos de Espíritos que ainda se julgam deste mundo: *Revista espírita*, dez. de 1859, p. 310; nov. de 1864, p. 339; abril de 1865, p. 117.

10.- A camada de fluidos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas e menos puras do que as camadas superiores. Esses fluidos não são iguais; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que formam a sua base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos produzidos por esses fluidos estarão na razão da *soma* das partes puras que eles trazem. Assim é, por comparação, o álcool retificado ou misturado em diferentes proporções com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta por efeito dessa mistura, ao mesmo tempo em que diminuem a sua força e a sua capacidade de se inflamar, embora no geral continue a existir álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver nesse ambiente tiram seu perispírito dele; contudo, **conforme o Espírito seja mais ou menos purificado, seu perispírito se forma das partes mais puras ou das**

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e até encarnar neles. Eles extraem dos elementos constitutivos do mundo onde ingressam os materiais do corpo fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontram. Eles fazem como o nobre que deixa suas **belas** vestes para se vestir momentaneamente de roupa velha, sem por isso deixar de ser nobre.

É assim que os Espíritos da categoria mais elevada podem se manifestar aos habitantes da Terra ou encarnar em missão entre estes. Tais Espíritos trazem consigo, não o envoltório, mas a lembrança intuitiva das regiões de onde vieram e que eles veem em pensamento. São videntes entre cegos.

(2) Exemplos de Espíritos que ainda se julgam deste mundo: *Revista espírita*, dez. de 1859, p. 310; nov. de 1864, p. 339; abril de 1865, p. 117.

10.- A camada de fluidos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas e menos puras do que as camadas superiores. Esses fluidos não são iguais; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que formam a sua base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos produzidos por esses fluidos estarão na razão da *soma* das partes puras que eles trazem. Assim é, por comparação, o álcool retificado ou misturado em diferentes proporções com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta por efeito dessa mistura, ao mesmo tempo em que diminuem a sua força e a sua capacidade de se inflamar, embora no geral continue a existir álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver nesse ambiente tiram seu perispírito dele; contudo, **conforme o Espírito seja mais ou menos purificado, seu perispírito se forma das partes mais puras ou das**

mais grosseiras desse meio

. O Espírito produz aí, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai para ele as moléculas que a sua natureza pode assimilar.

Resulta disso este fato *capital* que a composição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a envolve. Não é o mesmo que se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos — quaisquer que sejam a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos em todos, bem como as necessidades, ao passo que é diferente em tudo o que diz respeito ao perispírito.

Daí ainda ocorre de o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modificar com o progresso moral daquele Espírito a cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente em missão num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro do que o dos nativos desse mundo.

11.- O meio ambiente está sempre em relação com a natureza dos seres que têm de viver nele: os peixes estão na água; os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo, mesmo sobre a terra. O fluido etéreo está para as necessidades do Espírito o que a atmosfera está para as necessidades dos encarnados. Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Eles não morreriam aí, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados dali, como nos afastamos de um

mais grosseiras do fluido próprio ao mundo onde ele se encarna. O Espírito produz aí, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai para ele as moléculas que a sua natureza pode assimilar.

Resulta disso este fato *capital* que a composição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a envolve. Não é o mesmo que se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos — qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos em todos, bem como as necessidades, ao passo que é diferente em tudo o que diz respeito ao perispírito.

Daí ainda ocorre de o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modificar com o progresso moral daquele Espírito a cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente em missão num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro do que o dos nativos desse mundo.

11.- O meio ambiente está sempre em relação com a natureza dos seres que têm de viver nele: os peixes estão na água; os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo, mesmo sobre a terra. O fluido etéreo está para as necessidades do Espírito o que a atmosfera está para as necessidades dos encarnados. Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Eles não morreriam aí, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados dali, como nos afastamos de um

fogo muito ardente ou de uma luz muito deslumbrante. Eis aí por que eles não podem sair do meio apropriado à sua natureza; para mudarem desse ambiente, precisam antes mudar sua natureza; que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, que se purifiquem e se transformem moralmente; Então, gradualmente, identificam-se com um meio mais depurado, que se torna para eles uma necessidade, como os olhos daquele que viveu longo tempo nas trevas insensivelmente se habitua à luz do dia e à claridade do Sol.

12.- Assim, no Universo, tudo se liga, tudo se encadeia; tudo se submete à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a mais compacta materialidade até a mais pura espiritualidade. A Terra é igual um vaso de onde escapa uma fumaça densa que vai clareando na medida em que se eleva e cujos fragmentos rarefeitos se perdem no espaço infinito.

A potência divina brilha em todas as partes desse grandioso conjunto e, não contentes com o que Deus tem feito, querem que ele venha perturbar essa harmonia para atestar seu poder! Querem que ele se rebaixe ao papel de mágico, através de efeitos infantis dignos de um ilusionista! E ainda por cima ousam lhe dar como rival em habilidade o próprio Satanás! De fato, jamais se diminuiu tanto a majestade divina, e se admiram com o progresso da incredulidade.

Estão com razão ao dizer “A fé está se acabando”. Mas, a que se vai é a fé em tudo o que contraria o bom-senso e à razão; é a fé igual a que antigamente levava a dizer: “Vão-se os deuses!”. Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade, essa está sempre viva no coração do homem e, por mais sufocada que tenha sido pelas histórias tolas com que a sobrecarregaram, ela se reerguerá mais forte, desde que se liberte delas, tal

fogo muito ardente ou de uma luz muito deslumbrante. Eis aí por que eles não podem sair do meio apropriado à sua natureza; para mudarem desse ambiente, precisam antes mudar sua natureza; que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, que se purifiquem e se transformem moralmente; Então, gradualmente, identificam-se com um meio mais depurado, que se torna para eles uma necessidade, como os olhos daquele que viveu longo tempo nas trevas insensivelmente se habitua à luz do dia e à claridade do Sol.

12.- Assim, no Universo, tudo se liga, tudo se encadeia; tudo se submete à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a mais compacta materialidade até a mais pura espiritualidade. A Terra é igual um vaso de onde escapa uma fumaça densa que vai clareando na medida em que se eleva e cujos fragmentos rarefeitos se perdem no espaço infinito.

A potência divina brilha em todas as partes desse grandioso conjunto e, não contentes com o que Deus tem feito, querem que ele venha perturbar essa harmonia para atestar seu poder! Querem que ele se rebaixe ao papel de mágico, através de efeitos infantis dignos de um ilusionista! E ainda por cima ousam lhe dar como rival em habilidade o próprio Satanás! De fato, jamais se diminuiu tanto a majestade divina, e se admiram com o progresso da incredulidade.

Estão com razão ao dizer “A fé está se acabando”. Mas, a que se vai é a fé em tudo o que contraria o bom-senso e à razão; é a fé igual a que antigamente levava a dizer: “Vão-se os deuses!”. Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade, essa está sempre viva no coração do homem e, por mais sufocada que tenha sido pelas histórias tolas com que a sobrecarregaram, ela se reerguerá mais forte, desde que se liberte delas, tal

como a planta reprimida se levanta de novo logo que volta a receber o Sol!

Sim, tudo é milagre na natureza, porque tudo é admirável e dá testemunho da sabedoria divina! Esses milagres são para todo o mundo, para todos os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não em proveito apenas de alguns! Não, não há milagres no sentido que se tem dado a essa palavra, porque tudo decorre das leis eternas da criação.

13.- Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são **então** a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento de onde eles tiram os materiais sobre os quais eles operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente pela matéria tangível;

é, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14.- Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas pela ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles dirigem esses fluidos para essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam; formam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam

como a planta reprimida se levanta de novo logo que volta a receber o Sol!

Sim, tudo é milagre na natureza, porque tudo é admirável e dá testemunho da sabedoria divina?<sup>3</sup> Esses milagres são para todo o mundo, para todos os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não em proveito apenas de alguns! Não, não há milagres no sentido que se tem dado a essa palavra, porque tudo decorre das leis eternas da criação e que estas leis são perfeitas.

*Ação dos Espíritos sobre os fluidos.  
Criações fluídicas. Fotografia do pensamento.*

13.- Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, **propriamente ditos**, a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento de onde eles tiram os materiais sobre os quais eles operam; **é** o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente pela matéria tangível; **onde se forma certa luz particular ao mundo espiritual, diferente da luz ordinária por sua causa e por seus efeitos**; é, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14.- Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas pela ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles dirigem esses fluidos para essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam; formam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam

<sup>3</sup> Provável erro tipográfico: o sinal de exclamação (como consta na versão original) é substituído na versão revisada por uma interrogação — o que não procede com o contexto, claramente afirmativo.

suas propriedades como um químico muda as propriedades dos gases ou de outros corpos combinando-os conforme certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção, mas frequentemente elas são o produto de um pensamento inconsciente: basta o Espírito pensar em uma coisa para que esta coisa se produza

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado dotado da vista **espiritual**, sob as aparências que tinha de sua vida na época em que o conheceu, embora tenha tido várias encarnações depois. Apresenta-se com o traje, os sinais exteriores, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha na época; um decapitado irá se apresentar sem a cabeça. Isso não quer dizer que tenha conservado essas aparências, certamente não, pois como Espírito ele não é coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado; mas seu *pensamento* retrocedendo à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente suas aparências, que ele larga também instantaneamente

. Portanto, se uma vez ele foi negro e outra vez foi branco, ele se apresentará como branco ou negro, conforme aquela dessas duas encarnações sob a qual seja evocado e à qual dirigirá seu pensamento.

Por um efeito semelhante, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar; um avaro manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito, quanto seriam no estado material para o homem vivo; mas, pela

suas propriedades como um químico muda as propriedades dos gases ou de outros corpos combinando-os conforme certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção, mas frequentemente elas são o produto de um pensamento inconsciente: basta o Espírito pensar em uma coisa para que esta coisa se produza, **como basta que modele uma melodia para que esta se repercuta na atmosfera.**

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado dotado da vista **psíquica**, sob as aparências que tinha de sua vida na época em que o conheceu, embora tenha tido várias encarnações depois. Apresenta-se com o traje, os sinais exteriores, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha na época; um decapitado irá se apresentar sem a cabeça. Isso não quer dizer que tenha conservado essas aparências, certamente não, pois como Espírito ele não é coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado; mas seu *pensamento* retrocedendo à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente suas aparências, que ele larga também instantaneamente **logo que o pensamento cessa de agir.** Portanto, se uma vez ele foi negro e outra vez foi branco, ele se apresentará como branco ou negro, conforme aquela dessas duas encarnações sob a qual seja evocado e à qual dirigirá seu pensamento.

Por um efeito semelhante, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar; um avaro manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito, **que é ele mesmo fluídico**, quanto seriam no estado material para o homem vivo; mas, pela

mesma razão de que são criados pelo pensamento, sua existência é tão passageira quanto o pensamento (3).

(3) *Revista espírita*, junho de 1859, página 184. - *Livro dos Médiuns*, cap. VIII.

[ O texto sofreu uma reestruturação entre o item 15 e o 19, tendo como principais diferenças uma mudança na ordem de alguns parágrafos, intercalada com a inclusão de novas ideias.

Como a reordenação dá uma aparência de grande impacto no texto, é possível considerar que este trecho foi reescrito. Por outro lado, dado o cuidado em manter, na medida do possível, o conteúdo original (observam-se, na prática, poucos retoques no texto), pode-se dizer que a reestruturação tem um caráter semelhante ao aplicado na elaboração da 2ª edição de *O Livro do Espíritos*, isto é, visa imprimir uma sequência mais didática e acomodar novas idéias, sem eliminar as já existentes.

A seguir, o texto é apresentado na sequência de cada edição, privilegiando a visualização da movimentação do conteúdo. Para facilitar a visualização da correspondência dentro do texto, este foi dividido em blocos, identificados por uma letra de A à K.

Na quinta edição, o texto aparece na seguinte ordem: G, A, B, D, C, E, F, H, J, I, K.

Foram movidos da ordem os trechos: C, G e I

Receberam acréscimos os trechos: B e G]

mesma razão de que são criados pelo pensamento, sua existência é tão passageira quanto o pensamento (3).

(3) *Revista espírita*, junho de 1859, página 184. - *Livro dos Médiuns*, cap. VIII.

15.- [G] Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este age sobre os fluidos assim como o som age sobre o ar, eles nos trazem os pensamentos como o ar nos traz o som. Podemos então dizer com toda a certeza que nesses fluidos há raios e irradiações de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como no ar há ondas e vibrações sonoras. [/G]

E tem mais: o pensamento, criando imagens fluídicas, se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma corpo nele e aí de certo modo se fotografa. Quando um homem, por exemplo, tem a ideia de matar a outro, por mais impassível que seja seu corpo material, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, então ele reproduz todas as nuances; executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desejo de praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal como ela é no seu espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; (é assim) que uma alma pode ler em outra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do

corpo. Contudo, em vendo a intenção, ela pode pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem precisar os seus detalhes, nem mesmo afirmar que ele vá acontecer, porque circunstâncias futuras poderão modificar os planos traçados e mudar as disposições. Ela não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.

#### *Qualidades dos fluidos*

15.- [A] A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de uma importância direta e significativa para os encarnados. Desde o instante em que esses fluidos são o veículo do pensamento e que o pensamento pode modificar as suas propriedades, é evidente que eles devem estar impregnados das qualidades boas ou más de pensamentos que os põem em vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas prejudiciais corrompem o ar que respiramos. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus ou os que estes projetam são, portanto, viciados, ao passo que aqueles que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o permite o grau da perfeição moral deles. [/A]

[B] Seria impossível fazer **nem** uma enumeração **nem uma** uma classificação dos bons e dos maus fluidos, ou mesmo especificar as suas respectivas qualidades, pela diversidade deles ser tão grande quanto a dos pensamentos. [/B]

16.- [A] A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de uma importância direta e significativa para os encarnados. Desde o instante em que esses fluidos são o veículo do pensamento e que o pensamento pode modificar as suas propriedades, é evidente que eles devem estar impregnados das qualidades boas ou más de pensamentos que os põem em vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas prejudiciais corrompem o ar que respiramos. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus ou os que estes projetam são, portanto, viciados, ao passo que aqueles que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o permite o grau da perfeição moral deles. [/A]

17.- [B] Seria impossível fazer uma enumeração **ou** uma classificação dos bons e dos maus fluidos, ou mesmo especificar as suas respectivas qualidades, pela diversidade deles ser tão grande quanto a dos pensamentos. [/B]

Os fluidos não possuem qualidades de seu próprio gênero, mas as que adquirem no meio onde se elaboram; modificam-se pelas emanções



desse meio, como o ar se modifica pelas exalações, a água pelos sais das camadas que atravessa. Conforme as circunstâncias, suas qualidades são temporárias ou permanentes – como as da água e do ar –, o que os torna muito especialmente apropriados à produção de tais ou tais efeitos.

Também precisam de denominações particulares. Assim como os odores, eles são designados pelas suas propriedades, seus efeitos e tipos originais. Sob o ponto de vista moral, trazem o cunho dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura, etc. Sob o aspecto físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, suporíficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão, etc. Portanto, o quadro dos fluidos seria o de todas as paixões, das virtudes e dos vícios da Humanidade e das propriedades da matéria, correspondentes aos efeitos que eles produzem.

16.- [C] Se os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos dos Espíritos, seu envoltório perispiritual – que é parte integrante de seu ser e quem diretamente recebe a impressão dos seus pensamentos, de uma maneira permanente – há de conservar ainda mais a marca de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem se purificar pelo distanciamento daqueles, mas seu perispírito será sempre o que é, enquanto o Espírito não se modificar por si mesmo. [/C]

17.- [D] Sendo Espíritos encarnados, os homens têm em parte as atribuições da vida espiritual, pois eles vivem dessa vida tanto quanto da vida corporal; primeiramente, durante o sono, e muitas vezes enquanto acordados. Ao encarnar, o Espírito conserva o seu perispírito com as

18.- [D] Sendo Espíritos encarnados, os homens têm em parte as atribuições da vida espiritual, pois eles vivem dessa vida tanto quanto da vida corporal; primeiramente, durante o sono, e muitas vezes enquanto acordados. Ao encarnar, o Espírito conserva o seu perispírito com as

qualidades que lhe são próprias, e que, como se sabe, não fica limitado pelo corpo, mas irradia ao seu redor e o envolve como que de uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel preponderante no organismo; pela sua expansão, ele põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres

O pensamento do Espírito encarnado atua sobre os fluidos espirituais como também sobre o dos Espíritos desencarnados; eles se transmitem de Espírito a Espírito da mesma forma e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes. [D]

18.- [E] Como o perispírito dos encarnados é de natureza idêntica àquela dos fluidos espirituais, ele assimila esses fluidos com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Por sua expansão e sua irradiação, esses fluidos exercem uma ação tanto mais direta sobre o perispírito quanto mais o perispírito se mistura com eles.

Dado que esses fluidos agem sobre o perispírito, este, por sua vez, reage sobre o organismo material com o qual está em contato molecular. Se as emanações são de boa natureza, o corpo resente uma impressão saudável; se são

qualidades que lhe são próprias, e que, como se sabe, não fica limitado pelo corpo, mas irradia ao seu redor e o envolve como que de uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel preponderante no organismo; pela sua expansão, ele põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados.

O pensamento do Espírito encarnado atua sobre os fluidos espirituais como também sobre o dos Espíritos desencarnados; eles se transmitem de Espírito a Espírito da mesma forma e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes. [D]

[C] Se os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos dos Espíritos, seu envoltório perispiritual — que é parte integrante de seu ser e quem diretamente recebe a impressão dos seus pensamentos, de uma maneira permanente — há de conservar ainda mais a marca de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem se purificar pelo distanciamento daqueles, mas seu perispírito será sempre o que é, enquanto o Espírito não se modificar por si mesmo. [/C]

[E] Como o perispírito dos encarnados é de natureza idêntica àquela dos fluidos espirituais, ele assimila esses fluidos com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Por sua expansão e sua irradiação, esses fluidos exercem uma ação tanto mais direta sobre o perispírito quanto mais o perispírito se mistura com eles.

Dado que esses fluidos agem sobre o perispírito, este, por sua vez, reage sobre o organismo material com o qual está em contato molecular. Se as emanações são de boa natureza, o corpo resente uma impressão saudável; se são

más, a impressão é prejudicial; se as ações más são permanentes e enérgicas, elas podem ocasionar desordens físicas: não há outra causa para certas enfermidades.

Os meios onde os maus Espíritos predominam são assim impregnados de maus fluidos que são absorvidos por todos os poros perispiríticos, assim como os miasmas doentios são absorvidos pelos poros do corpo. [/E]

19.- [F] O mesmo ocorre

nas reuniões dos encarnados.

Uma assembleia é um foco de onde irradiam diversos pensamentos. [/F] [G] O pensamento age sobre os fluidos assim como o som age sobre o ar, esses fluidos nos trazem os pensamentos como o ar nos traz o som. Podemos então dizer com toda a certeza que nesses fluidos há raios e irradiações de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como no ar há ondas e vibrações sonoras. [/G]

[H] Uma reunião é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um emite uma nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de emanações fluídicas em que cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro musical cada qual recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Todavia, do mesmo modo como há radiações sonoras harmônicas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, a impressão é agradável; se ele é discordante, a impressão é penosa. Ora, para isso, não se faz necessário que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, seja ela expressa ou não; [/H]

[I] mas se essa irradiação se misturar com quaisquer pensamentos negativos, eles produzirão o efeito de uma corrente de ar gelado em um ambiente morno. [/I]

más, a impressão é prejudicial; se as ações más são permanentes e enérgicas, elas podem ocasionar desordens físicas: não há outra causa para certas enfermidades.

Os meios onde os maus Espíritos predominam são assim impregnados de maus fluidos que são absorvidos por todos os poros perispiríticos, assim como os miasmas doentios são absorvidos pelos poros do corpo. [/E]

19.- [F] Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião.

Uma assembleia é um foco de onde irradiam diversos pensamentos. [/F] [juntou os parágrafos]

[H] Isto é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um emite uma nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de emanações fluídicas em que cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro musical cada qual recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Todavia, do mesmo modo como há radiações sonoras harmoniosas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, a impressão é agradável; se ele é discordante, a impressão é penosa. Ora, para isso, não se faz necessário que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, seja ela expressa ou não; [/H]

[J] Tal a causa do sentimento de satisfação que experimentamos numa reunião simpática e animada de pensamentos bons e benévolos; aí ela reina como uma atmosfera moral sadia, onde respiramos confortavelmente; saímos daí reconfortados, porque nos achamos impregnados de eflúvios fluídicos salutareos. [/J]

[K] Desse modo também se explica a ansiedade, o mal-estar indefinido que sentimos numa reunião antipática, onde pensamentos malévolos provocam correntes de ar nauseante. [K]

20.- Portanto, o pensamento produz uma espécie de efeito físico que reage sobre moral e isso só o Espiritismo podia tornar compreensível. O homem sente isso instintivamente, visto que procura as reuniões harmônicas e simpáticas, onde ele sabe que pode buscar novas forças morais; poderíamos dizer que em tais reuniões ele recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, como ele recupera as perdas do corpo material pelos alimentos. É que, na realidade, o pensamento é uma emissão que ocasiona perda concreta de fluidos espirituais e, conseguintemente, de fluidos materiais, de maneira tal que o homem precisa se **reconfortar através**<sup>4</sup> dos eflúvios que recebe do exterior.

Quando se diz que um médico opera a cura de um doente por meio de boas palavras, enuncia-se uma verdade absoluta, pois que um pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico tanto quanto sobre o moral.

21.- Dirão: sem dúvidas é possível evitar os homens sabidamente mal-intencionados, mas

[J] Tal a causa do sentimento de satisfação que experimentamos numa reunião simpática e animada de pensamentos bons e benévolos; aí ela reina como uma atmosfera moral sadia, onde respiramos confortavelmente; saímos daí reconfortados, porque nos achamos impregnados de eflúvios fluídicos salutareos. [/J] [I] **mas se essa irradiação se misturar com quaisquer pensamentos negativos, eles produzirão o efeito de uma corrente de ar gelado em um ambiente morno ou uma nota desafinada em um concerto.** [/I] [K] Desse modo também se explica a ansiedade, o mal-estar indefinido que sentimos numa reunião antipática, onde pensamentos malévolos provocam correntes de ar nauseante. [K]

20.- Portanto, o pensamento produz uma espécie de efeito físico que reage sobre moral e isso só o Espiritismo podia tornar compreensível. O homem sente isso instintivamente, visto que procura as reuniões harmônicas e simpáticas, onde ele sabe que pode buscar novas forças morais; poderíamos dizer que em tais reuniões ele recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, como ele recupera as perdas do corpo material pelos alimentos. É que, na realidade, o pensamento é uma emissão que ocasiona perda concreta de fluidos espirituais e, conseguintemente, de fluidos materiais, de maneira tal que o homem precisa se **retemperar através** dos eflúvios que recebe do exterior.

Quando se diz que um médico opera a cura de um doente por meio de boas palavras, enuncia-se uma verdade absoluta, pois que um pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico tanto quanto sobre o moral.

21.- Dirão: sem dúvidas é possível evitar os homens sabidamente mal-intencionados, mas

<sup>4</sup> **réconforter par** ⇒ **retremper dans**

como escapar da influência dos maus Espíritos que rodeiam em torno de nós e se metem por toda parte sem serem vistos?

O meio é muito simples, porque depende da própria vontade do homem, que traz consigo a prevenção necessária. Os fluidos se unem em razão da semelhança de sua natureza; os fluidos diferentes se repulsam; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.

O que fazemos quando o ar está contaminado? Nós o saneamos e o depuramos destruindo o foco dos miasmas e combatendo os eflúvios prejudiciais por meio de correntes de ar saudáveis mais fortes. Contra a invasão de maus fluidos, devemos então usar fluidos bons, e como cada qual tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, todos trazem consigo o seu remédio; trata-se apenas de purificar essa fonte e de lhe dar qualidades tais que se constitua para as más influências um *repelente*, em vez de ser uma força atrativa. Portanto, o perispírito é uma armadura a qual se deve dar o melhor revestimento possível; ora, como as qualidades do perispírito correspondem às qualidades da alma, é preciso trabalhar pelo seu próprio melhoramento, pois são as imperfeições da alma que atraem os Espíritos maus.

As moscas vão aonde os focos de corrupção as atraem; destruam esses focos e as moscas desaparecerão. Da mesma maneira os maus Espíritos vão para onde o mal os atrai; destruam o mal e eles se afastarão. Os Espíritos realmente bons — encarnados ou desencarnados — nada têm a temer da influência dos maus Espíritos.

como escapar da influência dos maus Espíritos que rodeiam em torno de nós e se metem por toda parte sem serem vistos!<sup>5</sup>

O meio é muito simples, porque depende da própria vontade do homem, que traz consigo a prevenção necessária. Os fluidos se unem em razão da semelhança de sua natureza; os fluidos diferentes se repulsam; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.

O que fazemos quando o ar está contaminado? Nós o saneamos e o depuramos destruindo o foco dos miasmas e combatendo os eflúvios prejudiciais por meio de correntes de ar saudáveis mais fortes. Contra a invasão de maus fluidos, devemos então usar fluidos bons, e como cada qual tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, todos trazem consigo o seu remédio; trata-se apenas de purificar essa fonte e de lhe dar qualidades tais que se constitua para as más influências um *repelente*, em vez de ser uma força atrativa. Portanto, o perispírito é uma armadura a qual se deve dar o melhor revestimento possível; ora, como as qualidades do perispírito correspondem às qualidades da alma, é preciso trabalhar pelo seu próprio melhoramento, pois são as imperfeições da alma que atraem os Espíritos maus.

As moscas vão aonde os focos de corrupção as atraem; destruam esses focos e as moscas desaparecerão. Da mesma maneira os maus Espíritos vão para onde o mal os atrai; destruam o mal e eles se afastarão. Os Espíritos realmente bons — encarnados ou desencarnados — nada têm a temer da influência dos maus Espíritos.

<sup>5</sup> Possível erro tipográfico. na 5ª edição, pontuou com uma exclamação a oração que é vistosamente uma interrogação.

EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS  
CONSIDERADOS SOBRENATURAIS

22.- O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a vida espiritual: é por seu intermédio que o Espírito encarnado está em relação contínua com os Espíritos; em suma, é por ele que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental não está na matéria tangível, e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e nas irradiações do fluido perispiritual que se deve procurar a causa da *dupla vista*, ou *vista espiritual*, que também podemos chamar *vista psíquica*, da qual muitas pessoas são dotadas, muitas vezes inconscientemente, assim como da vista sonambúlica.

O perispírito é o *órgão sensitivo* do Espírito; é por seu intermédio que o encarnado tem percepção de coisas espirituais que escapam aos sentidos carnis. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais, mas pelo sentido espiritual , elas se generalizam: o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser aquilo que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispiritual.

No homem, tais fenômenos constituem a manifestação da vida espiritual; é a alma que atua fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido **espiritual**, ele não vê mais com os olhos do corpo, embora muitas vezes, por hábito, dirija o olhar para o ponto que chama a sua atenção; ele vê através dos olhos da alma e a prova disso é que ele vê perfeitamente bem com os olhos

EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS  
CONSIDERADOS SOBRENATURAIS

*Vista espiritual ou psíquica; Dupla vista; Sonambulismo; Sonhos.*

22.- O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a vida espiritual: é por seu intermédio que o Espírito encarnado está em relação contínua com os Espíritos; em suma, é por ele que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental não está na matéria tangível, e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e nas irradiações do fluido perispiritual que se deve procurar a causa da *dupla vista*, ou *vista espiritual*, que também podemos chamar *vista psíquica*, da qual muitas pessoas são dotadas, muitas vezes inconscientemente, assim como da vista sonambúlica.

O perispírito é o *órgão sensitivo* do Espírito; é por seu intermédio que o encarnado tem percepção de coisas espirituais que escapam aos sentidos carnis. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais, mas pelo sentido espiritual **ou psíquico**, elas se generalizam: o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser aquilo que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispiritual.

No homem, tais fenômenos constituem a manifestação da vida espiritual; é a alma que atua fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido **psíquico** , ele não vê mais com os olhos do corpo, embora muitas vezes, por hábito, dirija o olhar para o ponto que chama a sua atenção; ele vê através dos olhos da alma e a prova disso é que ele vê perfeitamente bem com os olhos

fechados, inclusive aquilo que está além do alcance do raio visual.

(4).

(4) Fatos de dupla vista e lucidez sonambúlica relatados na *Revista espírita*: janeiro de 1858, página 25; novembro de 1858, página 213; julho de 1861, página 197; novembro de 1865, página 352.

23.- Ainda que durante a vida o Espírito se encontre *preso* ao corpo pelo perispírito, ele não está tão escravizado nele que não possa alongar sua cadeia e se transportar para distante — seja na Terra, seja em qualquer ponto no espaço. O Espírito só tem o que lamentar por estar ligado ao corpo, porque a sua vida normal é a de liberdade, enquanto a vida corporal é a do servo preso ao cativoiro.

O Espírito então se sente feliz em deixar o corpo, como o pássaro fora da gaiola; ele aproveita todas as ocasiões que lhe são oferecidas para escapar do corpo e saboreia todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. Esse é o fenômeno a que damos o nome de *emancipação da alma*; ele sempre se produz durante o sono: todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o Espírito se desprende (*O Livro dos Espíritos*, parte 2ª, cap. VIII).

Nesses momentos, o Espírito vive da vida espiritual, ao passo que o corpo vive apenas da vida vegetativa; ele fica parcialmente no estado em que se achará após a morte: percorre o espaço, conversa com seus amigos e com outros Espíritos livres ou *encarnados* como ele.

O laço fluídico que o prende ao corpo só se rompe definitivamente com a morte; a separação completa somente se dá pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito — a qualquer distância que esteja — é instantaneamente chamado ao corpo, desde que a

fechados, inclusive aquilo que está além do alcance do raio visual. **Ele lê o pensamento figurado no raio fluídico (nº 15) (4).**

(4) Fatos de dupla vista e lucidez sonambúlica relatados na *Revista espírita*: janeiro de 1858, página 25; novembro de 1858, página 213; julho de 1861, página 197; novembro de 1865, página 352.

23.- Ainda que durante a vida o Espírito se encontre *preso* ao corpo pelo perispírito, ele não está tão escravizado nele que não possa alongar sua cadeia e se transportar para distante — seja na Terra, seja em qualquer ponto no espaço. O Espírito só tem o que lamentar por estar ligado ao corpo, porque a sua vida normal é a de liberdade, enquanto a vida corporal é a do servo preso ao cativoiro.

O Espírito então se sente feliz em deixar o corpo, como o pássaro fora da gaiola; ele aproveita todas as ocasiões que lhe são oferecidas para escapar do corpo e saboreia todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. Esse é o fenômeno a que damos o nome de *emancipação da alma*; ele sempre se produz durante o sono: todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o Espírito se desprende (*O Livro dos Espíritos*, parte 2ª, cap. VIII).

Nesses momentos, o Espírito vive da vida espiritual, ao passo que o corpo vive apenas da vida vegetativa; ele fica parcialmente no estado em que se achará após a morte: percorre o espaço, conversa com seus amigos e com outros Espíritos livres ou *encarnados* como ele.

O laço fluídico que o prende ao corpo só se rompe definitivamente com a morte; a separação completa somente se dá pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito — a qualquer distância que esteja — é instantaneamente chamado ao corpo, desde que a

sua presença seja necessária; então ele retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, conserva dessas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos exata, que é o sonho; em todos os casos, ele traz delas intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e justificam o provérbio: A noite é boa conselheira. Assim também se explicam certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc., e que não são mais do que manifestações da vida espiritual (5).

(5) Casos de letargia e de catalepsia: *Revista Espírita*, **senhora** Schwabenhauß || , setembro de 1858, página 255; – a jovem cataléptica da Suábia || , janeiro de 1866, página 18.

24.- Como a visão espiritual não se efetua por meio dos olhos do corpo, conclui-se que a percepção das coisas não se dá pela luz comum: de fato, a luz material é feita para o mundo material; para o mundo espiritual, existe uma luz especial de uma natureza que desconhecemos, mas que sem dúvida é uma das propriedades do fluido etéreo adequada às percepções visuais da alma. Portanto, a luz material e a luz espiritual. A primeira tem focos circunscritos nos corpos luminosos; a segunda tem o seu foco em toda parte: essa é a razão pela qual não há **obstáculos** para a visão espiritual; ela não é embaraçada nem pela distância e nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela. O mundo espiritual é então iluminado pela luz espiritual, que tem seus efeitos próprios, como o mundo material é iluminado pela luz solar.

25.- Assim, envolta no seu perispírito, a alma traz consigo seu princípio luminoso; penetrando a matéria por virtude da sua essência etérea, não há corpos opacos para a sua visão.

sua presença seja necessária; então ele retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, conserva dessas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos exata, que é o sonho; em todos os casos, ele traz delas intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e justificam o provérbio: A noite é boa conselheira. Assim também se explicam certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc., e que não são mais do que manifestações da vida espiritual (5).

(5) Casos de letargia e de catalepsia: *Revista Espírita*, **Senhora** Schwabenhauß || , setembro de 1858, página 255; – **A** jovem cataléptica da Suábia || , janeiro de 1866, página 18.

24.- Como a visão espiritual não se efetua por meio dos olhos do corpo, conclui-se que a percepção das coisas não se dá pela luz comum: de fato, a luz material é feita para o mundo material; para o mundo espiritual, existe uma luz especial de uma natureza que desconhecemos, mas que sem dúvida é uma das propriedades do fluido etéreo adequada às percepções visuais da alma. Portanto, **há**<sup>6</sup> a luz material e a luz espiritual. A primeira tem focos circunscritos nos corpos luminosos; a segunda tem o seu foco em toda parte: essa é a razão pela qual não há **obstáculo** para a visão espiritual; ela não é embaraçada nem pela distância e nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela. O mundo espiritual é então iluminado pela luz espiritual, que tem seus efeitos próprios, como o mundo material é iluminado pela luz solar.

25.- Assim, envolta no seu perispírito, a alma traz consigo seu princípio luminoso; penetrando a matéria por virtude da sua essência etérea, não há corpos opacos para a sua visão.

<sup>6</sup> Correção: Il y ⇒ Il y a



Entretanto, a vista espiritual não tem nem em extensão e nem em penetração em todos os Espíritos; somente os Espíritos puros a possuem em toda a sua potência; nos Espíritos inferiores ela é enfraquecida pela grosseria relativa do perispírito, que se interpõe com uma espécie de nevoeiro.

Nos Espíritos encarnados, essa visão espiritual se manifesta em diferentes graus pelo fenômeno da segunda vista — tanto no sonambulismo natural ou magnético, quanto no estado desperto. Conforme o grau de poder da faculdade, dizemos que a lucidez é maior ou menor. É com o auxílio dessa aptidão que certas pessoas veem o interior do organismo humano e descrevem a causa de enfermidades.

26.- Portanto, a vista espiritual permite percepções especiais que, por não estarem sujeitas aos órgãos materiais, se operam em condições muito diversas da visão corporal. Por essa razão, não podemos esperar dela efeitos idênticos e experimentá-la pelos mesmos procedimentos. Efetuando-se fora do organismo, ela tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. É indispensável estudá-la em seus efeitos e em suas causas, e não a comparando com a vista comum, à qual ela não está destinada a suprir, salvo em casos excepcionais e que não poderíamos tomar por regra.

27.- A vista espiritual nos Espíritos encarnados é necessariamente incompleta e imperfeita e, por isso está sujeita a irregularidades. Tendo sua sede na própria alma, o estado da alma deve influir nas percepções que ela fornece. Segundo o grau de desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, seja durante o sono, seja no estado acordado, ela pode propiciar: 1º A percepção de certos fatos materiais e reais, como o conhecimento de alguns que ocorrem

Entretanto, a vista espiritual não tem nem em extensão e nem em penetração em todos os Espíritos; somente os Espíritos puros a possuem em toda a sua potência; nos Espíritos inferiores ela é enfraquecida pela grosseria relativa do perispírito, que se interpõe com uma espécie de nevoeiro.

Nos Espíritos encarnados, essa visão espiritual se manifesta em diferentes graus pelo fenômeno da segunda vista — tanto no sonambulismo natural ou magnético, quanto no estado desperto. Conforme o grau de poder da faculdade, dizemos que a lucidez é maior ou menor. É com o auxílio dessa aptidão que certas pessoas veem o interior do organismo humano e descrevem a causa de enfermidades.

26.- Portanto, a vista espiritual permite percepções especiais que, por não estarem sujeitas aos órgãos materiais, se operam em condições muito diversas da visão corporal. Por essa razão, não podemos esperar dela efeitos idênticos e experimentá-la pelos mesmos procedimentos. Efetuando-se fora do organismo, ela tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. É indispensável estudá-la em seus efeitos e em suas causas, e não a comparando com a vista comum, à qual ela não está destinada a suprir, salvo em casos excepcionais e que não poderíamos tomar por regra.

27.- A vista espiritual nos Espíritos encarnados é necessariamente incompleta e imperfeita e, por isso está sujeita a irregularidades. Tendo sua sede na própria alma, o estado da alma deve influir nas percepções que ela fornece. Segundo o grau de desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, seja durante o sono, seja no estado acordado, ela pode propiciar: 1º A percepção de certos fatos materiais e reais, como o conhecimento de alguns que ocorrem

a uma grande distância, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma enfermidade e os remédios convenientes; 2º A percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão dos Espíritos; 3º Imagens fantásticas criadas pela imaginação, semelhantes às criações fluídicas do pensamento (veja acima no nº 14). Estas criações estão sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as gera. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas e com elas preocupadas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, exatamente como essas pessoas os imaginam: às vezes, é toda uma epopeia; os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o **Inferno** e o **Paraíso**. Se essas pessoas, ao despertarem ou ao saírem do êxtase, conservam uma lembrança exata de suas visões, elas as tomam como reais e confirmações de suas crenças, quando tudo não passa de produto de seus próprios pensamentos (6). Por isso, devemos fazer um exame muito rigoroso nas visões extáticas, antes de aceitá-las. Sobre tal propósito, o remédio para tão grande credulidade é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

(6) Assim podem ser explicadas as visões da irmã Elmerich que, voltando ao tempo da **Paixão** de Cristo, diz ter visto coisas materiais que só existiram nos livros que ela leu; as da Sra. Cantanille (*Revista espírita*, agosto de 1866, p. 240) e uma parte das visões de Emanuel Swedenborg.

28.- Os sonhos propriamente ditos apresentam os três tipos de visões acima descritas. Os sonhos de previsões, os pressentimentos e os avisos pertencem às duas primeiras categorias dessas visões ; é na terceira — quer dizer, nas criações fluídicas do pensamento — que podemos deparar com a causa de certas imagens fantásticas, que nada têm de real com relação à vida material, mas que às vezes apresentam para o Espírito uma realidade tal que o corpo sente o contrachoque,

a uma grande distância, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma enfermidade e os remédios convenientes; 2º A percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão dos Espíritos; 3º Imagens fantásticas criadas pela imaginação, semelhantes às criações fluídicas do pensamento (veja acima no nº 14). Estas criações estão sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as gera. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas e com elas preocupadas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, exatamente como essas pessoas os imaginam: às vezes, é toda uma epopeia; os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o **inferno** e o **paraíso**. Se essas pessoas, ao despertarem ou ao saírem do êxtase, conservam uma lembrança exata de suas visões, elas as tomam como reais e confirmações de suas crenças, quando tudo não passa de produto de seus próprios pensamentos (6). Por isso, devemos fazer um exame muito rigoroso nas visões extáticas, antes de aceitá-las. Sobre tal propósito, o remédio para tão grande credulidade é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

(6) Assim podem ser explicadas as visões da irmã Elmerich que, voltando ao tempo da **paixão** de Cristo, diz ter visto coisas materiais que só existiram nos livros que ela leu; as da Sra. Cantanille (*Revista espírita*, agosto de 1866, p. 240) e uma parte das visões de Emanuel Swedenborg.

28.- Os sonhos propriamente ditos apresentam os três tipos de visões acima descritas. Os sonhos de previsões, os pressentimentos e os avisos pertencem às duas primeiras categorias dessas visões (7); é na terceira — quer dizer, nas criações fluídicas do pensamento — que podemos deparar com a causa de certas imagens fantásticas, que nada têm de real com relação à vida material, mas que às vezes apresentam para o Espírito uma realidade tal que o corpo sente o contrachoque,

havendo casos em que os cabelos embranquecem sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas: pelas crenças exaltadas; por lembranças retrospectivas; por gostos, desejos, paixões, temor, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou por um embaraço nas funções do organismo; finalmente, por outros Espíritos, com objetivo benévolo ou maléfico, conforme a sua natureza (7).

(7) *Revista espírita*, junho de 1866, página 172; - setembro de 1866, página 284; - *Livro dos Espíritos*, capítulo VIII, questão 400.

29.- A matéria inorgânica é insensível; o fluido perispiritual também é, mas ele transmite a sensação ao centro sensitivo — que é o Espírito. Logo, as lesões dolorosas do corpo repercutem no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, cujos nervos parecem ser os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas, que, desconhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, ainda não puderam explicar todos os efeitos.

Essa interrupção pode acontecer pela separação de um membro, ou pelo corte de um nervo, mas também — parcialmente ou de maneira geral e sem nenhuma lesão — nos momentos de emancipação, de superexcitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa mais no corpo e, em sua atividade exaltada, por assim dizer ele atrai para si o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea.

havendo casos em que os cabelos embranquecem sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas: pelas crenças exaltadas; por lembranças retrospectivas; por gostos, desejos, paixões, temor, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou por um embaraço nas funções do organismo; finalmente, por outros Espíritos, com objetivo benévolo ou maléfico, conforme a sua natureza (8).

(7) Veja, na sequência, o cap. XVI, Teoria da presciência, itens 1, 2 e 3.

(8) *Revista espírita*, junho de 1866, página 172; - setembro de 1866, página 284; - *Livro dos Espíritos*, capítulo VIII, questão 400.

### *Catalepsia; Ressurreições.*

29.- A matéria inorgânica é insensível; o fluido perispiritual também é, mas ele transmite a sensação ao centro sensitivo — que é o Espírito. Logo, as lesões dolorosas do corpo repercutem no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, cujos nervos parecem ser os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas, que, desconhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, ainda não puderam explicar todos os efeitos.

Essa interrupção pode acontecer pela separação de um membro, ou pelo corte de um nervo, mas também — parcialmente ou de maneira geral e sem nenhuma lesão — nos momentos de emancipação, de superexcitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa mais no corpo e, em sua atividade exaltada, por assim dizer ele atrai para si o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea. Poderíamos também admitir que, em certas circunstâncias, uma modificação molecular se opera no próprio fluido

É assim que no ardor do combate, um militar não percebe **frequentemente** que está ferido e que uma pessoa cuja atenção se acha concentrada num trabalho não ouve o ruído que se faz no entorno dela. Um efeito semelhante, e ainda mais evidente, é o que ocorre com alguns sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. É assim, enfim, que podemos explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires (*Revista Espírita*, janeiro, de 1868: “*Estudo sobre os Aïssaouas*”).

Já a paralisia não tem absolutamente a mesma causa: aí o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores, que não estão mais aptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que se alteraram.

30.- Em certos estados patológicos, quando o Espírito não está mais no corpo, e que o perispírito só se acha ligado a ele por alguns pontos, o corpo apresenta todas as aparências da morte e se enuncia uma verdade absoluta dizendo que a vida aí está por um fio. Esse estado pode durar um tempo mais ou menos longo; algumas partes do corpo podem até entrar em decomposição, sem que a vida seja definitivamente extinta. Até que o último fio não esteja rompido, o Espírito pode ser chamado a volver ao corpo — quer seja por uma ação enérgica da sua *própria* vontade, quer seja por *um influxo fluídico estranho, igualmente forte*. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições. É a planta que às vezes renascer apenas de um funcho de raiz; mas quando as últimas moléculas do corpo fluídico se desprendem do corpo carnal, ou quando este último chega a um estado irreparável de degradação, todo regresso à vida se torna impossível (8).

**perispiritual, que lhe tira temporariamente a propriedade de transmissão.** É assim que, **frequentemente**, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido e que uma pessoa cuja atenção se acha concentrada num trabalho não ouve o ruído que se faz no entorno dela. Um efeito semelhante, e ainda mais evidente, é o que ocorre com alguns sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. É assim, enfim, que podemos explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires (*Revista espírita*, janeiro, de 1868: “*Estudo sobre os Aïssaouas*”).

Já a paralisia não tem absolutamente a mesma causa: aí o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores, que não estão mais aptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que se alteraram.

30.- Em certos estados patológicos, quando o Espírito não está mais no corpo, e que o perispírito só se acha ligado a ele por alguns pontos, o corpo apresenta todas as aparências da morte e se enuncia uma verdade absoluta dizendo que a vida aí está por um fio. Esse estado pode durar um tempo mais ou menos longo; algumas partes do corpo podem até entrar em decomposição, sem que a vida seja definitivamente extinta. Até que o último fio não esteja rompido, o Espírito pode ser chamado a volver ao corpo — quer seja por uma ação enérgica da sua *própria* vontade, quer seja por *um influxo fluídico estranho, igualmente forte*. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições. É a planta que às vezes renascer apenas de um funcho de raiz; mas quando as últimas moléculas do corpo fluídico se desprendem do corpo carnal, ou quando este último chega a um estado irreparável de degradação, todo regresso à vida se torna impossível (9).

(8) Exemplos: *Revista Espírita*, o doutor Cardon || , agosto de 1863, página 251; — A mulher *Corsa*, maio de 1866, página 134.

(9) Exemplos: *Revista espírita*, o doutor Cardon || , agosto de 1863, página 251; — A mulher *corsa*, maio de 1866, página 134.

### Curas

31.- Como vimos, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, que são transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, pode fornecer aos corpos os princípios reparadores. Sendo condensado no perispírito, o agente propulsor é o Espírito — encarnado ou desencarnado — que infiltra em um corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera pela substituição de uma molécula *sadia* no lugar de uma molécula *enferma*. Portanto, o poder curativo estará na proporção direta da pureza da substância inserida; depende também da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica tanto mais abundante e dá ao fluido uma força de penetração ainda maior; depende ainda das intenções daquele que deseje curar — *seja homem ou Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicinais alteradas.

32.- Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados, de acordo com as circunstâncias; algumas vezes essa ação é lenta e requer um tratamento prolongado — como no magnetismo comum; de outras vezes ela é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder que operam curas instantâneas em alguns doentes por meio apenas da imposição das mãos, ou até unicamente por ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade há infinitos níveis. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só se diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: é o fluido que

31.- Como vimos, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, que são transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer aos corpos os princípios reparadores.

o agente propulsor é o Espírito — encarnado ou desencarnado — que infiltra em um corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera pela substituição de uma molécula *sadia* no lugar de uma molécula *enferma*. Portanto, o poder curativo estará na proporção direta da pureza da substância inserida; depende também da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica tanto mais abundante e dá ao fluido uma força de penetração ainda maior; depende ainda das intenções daquele que deseje curar — *seja homem ou Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicinais alteradas.

32.- Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados, de acordo com as circunstâncias; algumas vezes essa ação é lenta e requer um tratamento prolongado — como no magnetismo comum; de outras vezes ela é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder que operam curas instantâneas em alguns doentes por meio apenas da imposição das mãos, ou até unicamente por ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade há infinitos níveis. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só se diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: é o fluido que

desempenha o papel de agente terapêutico e cujo efeito é subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

32<sup>7</sup>.- A ação magnética pode ser produzida de diversas maneiras: [quebrou o parágrafo]

1º Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha ligada à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2º Pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito (9);

3º Pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, o qual serve de condutor. É o magnetismo *misto*, *semiespiritual*, ou se o preferirem, *humano-espiritual*. O fluido espiritual, combinado com o fluido humano, dá a este último as qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o auxílio dos Espíritos às vezes é espontâneo, porém, mais frequentemente é provocado por um apelo do magnetizador.

(9) Exemplos: *Revista espírita*, fevereiro de 1863, página 64; - abril de 1865, página 113; - setembro de 1865, página 264.

34.- A aptidão de curar pela **influência**<sup>8</sup> fluídica é muito comum e pode ser desenvolvida através de exercício, entretanto, aquela de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara, e o seu grau máximo pode ser considerado como excepcional. No entanto, em várias épocas e no meio de quase todos os povos, temos visto

desempenha o papel de agente terapêutico e cujo efeito é subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33.- A ação magnética pode ser produzida de diversas maneiras:

1º Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha ligada à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2º Pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito (10);

3º Pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, o qual serve de condutor. É o magnetismo *misto*, *semiespiritual*, ou se o preferirem, *humano-espiritual*. O fluido espiritual, combinado com o fluido humano, dá a este último as qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o auxílio dos Espíritos às vezes é espontâneo, porém, mais frequentemente é provocado por um apelo do magnetizador.

(10) Exemplos: *Revista espírita*, fevereiro de 1863, página 64; - abril de 1865, página 113; - setembro de 1865, página 264.

34.- A aptidão de curar pela **influência** fluídica é muito comum e pode ser desenvolvida através de exercício, entretanto, aquela de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara, e o seu grau máximo pode ser considerado como excepcional. No entanto, em várias épocas e no meio de quase todos os povos, temos visto

<sup>7</sup> Erro de Numeração na 1ª edição, que foi corrigido na 5ª edição.

<sup>8</sup> *l'influx* ⇒ *l'influence*

indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, vemos muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não pode ser contestada. Uma vez que as curas desse gênero pertencem a um princípio natural e que o poder de operá-las não é privilégio, o que se segue é que elas não saem da Natureza e que só são miraculosas na aparência (10).

(10) Exemplos de curas instantâneas relatados na *Revista Espírita*: O príncipe de Hohenlohe ||, dezembro de 1866, página 368; – Jacob, outubro e novembro de 1866, páginas 312 e 345; outubro e novembro de 1867, páginas 306 e 339; – Simonet, agosto de 1867, página 232; – Caid Hassan, outubro de 1867, página 303; – O cura Gassner, novembro de 1867, página 331.

35.- Para nós, o perispírito é invisível no seu estado normal; mas como é formado de substância etérea, em certos casos o Espírito pode — por ato da sua vontade — fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que são produzidas as *aparuições*, que, do mesmo modo que os outros fenômenos, não se dão fora das leis da Natureza. O fenômeno das *aparuições* não tem nada de mais extraordinário do que o do vapor, que é invisível quando muito rarefeito, mas que se torna visível quando condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispiritual, a *aparuição* é às vezes vaga e vaporosa; de outras vezes, é mais nitidamente definida; mas, enfim, algumas vezes ela tem todas as aparências da matéria tangível; pode até chegar até à tangibilidade real, ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si.

As *aparuições* vaporosas são frequentes, e acontece bastante que indivíduos, após sua morte,

indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, vemos muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não pode ser contestada. Uma vez que as curas desse gênero pertencem a um princípio natural e que o poder de operá-las não é privilégio, o que se segue é que elas não saem da Natureza e que só são miraculosas na aparência (11).

(11) Exemplos de curas instantâneas relatados na *Revista espírita*: O príncipe de Hohenlohe ||, dezembro de 1866, página 368; – Jacob, outubro e novembro de 1866, páginas 312 e 345; outubro e novembro de 1867, páginas 306 e 339; – Simonet, agosto de 1867, página 232; – Caid Hassan, outubro de 1867, página 303; – O cura Gassner, novembro de 1867, página 331.

#### *Apariões; transfigurações.*

35.- Para nós, o perispírito é invisível no seu estado normal; mas como é formado de substância etérea, em certos casos o Espírito pode — por ato da sua vontade — fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que são produzidas as *aparuições*, que, do mesmo modo que os outros fenômenos, não se dão fora das leis da Natureza. O fenômeno das *aparuições* não tem nada de mais extraordinário do que o do vapor, que é invisível quando muito rarefeito, mas que se torna visível quando condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispiritual, a *aparuição* é às vezes vaga e vaporosa; de outras vezes, é mais nitidamente definida; mas, enfim, algumas vezes ela tem todas as aparências da matéria tangível; pode até chegar até à tangibilidade real, ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si.

As *aparuições* vaporosas são frequentes, e acontece bastante que indivíduos, após sua morte,

se apresentem assim às pessoas a quem são afeiçoados. As aparições tangíveis são mais raras, embora haja numerosíssimos exemplos delas, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer ser **reconhecido**<sup>9</sup>, ele imprime no seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo.

36.- É de se destacar que as aparições tangíveis tenham somente as aparências da matéria carnal, mas não as qualidades dela; em virtude da sua natureza fluídica, não podem ter a mesma coesão, porque, na realidade, isso não é da carne. Elas se formam instantaneamente e do mesmo modo desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem e nem morrem como os outros homens; nós os vemos e não os vemos mais sem que se saiba de onde eles vêm, como vieram, nem para onde vão; ninguém poderia matá-los, nem acorrentá-los, nem aprisioná-los, pois eles não têm um corpo carnal; os golpes que lhes fossem desferidos só atingiriam o vazio.

Tal é a característica dos *agêneres*, com os quais é possível conversar sem suspeitar do que sejam eles, mas que não demoram longo tempo e não podem tornar-se convivas habituais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.

Além do mais, em toda a sua pessoa e nas suas atitudes, há qualquer coisa de estranho e de anormal que vem da materialidade e da espiritualidade; seu olhar, vaporoso e penetrando tudo de uma vez, não tem a nitidez do olhar através dos olhos da carne; sua linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, não tem a clareza e a mobilidade da linguagem humana; a aproximação

se apresentem assim às pessoas a quem são afeiçoados. As aparições tangíveis são mais raras, embora haja numerosíssimos exemplos delas, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer ser **reconhecido**, ele imprime no seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo (12).

(12) O Livro dos Médiuns, caps. VI e VII.

36.- É de se destacar que as aparições tangíveis tenham somente as aparências da matéria carnal, mas não as qualidades dela; em virtude da sua natureza fluídica, não podem ter a mesma coesão, porque, na realidade, isso não é da carne. Elas se formam instantaneamente e do mesmo modo desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem e nem morrem como os outros homens; nós os vemos e não os vemos mais sem que se saiba de onde eles vêm, como vieram, nem para onde vão; ninguém poderia matá-los, nem acorrentá-los, nem aprisioná-los, pois eles não têm um corpo carnal; os golpes que lhes fossem desferidos só atingiriam o vazio.

Tal é a característica dos *agêneres*, com os quais é possível conversar sem suspeitar do que sejam eles, mas que não demoram longo tempo e não podem tornar-se convivas habituais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.

Além do mais, em toda a sua pessoa e nas suas atitudes, há qualquer coisa de estranho e de anormal que vem da materialidade e da espiritualidade; seu olhar, vaporoso e penetrando tudo de uma vez, não tem a nitidez do olhar através dos olhos da carne; sua linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, não tem a clareza e a mobilidade da linguagem humana; a aproximação

<sup>9</sup> **reconnaître** ⇒ **connaître**



deles causa uma sensação incomum e indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor, e, enquanto os tomem por indivíduos iguais a todo mundo, diz-se involuntariamente: Eis aí um ser singular (11).

(11) Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: *Revista Espírita*, janeiro de 1858, página 24; outubro de 1858, página 291; fevereiro de 1859, página 38; março de 1859, página 80; janeiro de 1859, página 11; novembro de 1859, página 303; agosto de 1859, página 210; abril de 1860, página 117; maio de 1860, página 150; julho de 1861, página 199; abril de 1866, página 120; – o lavrador Martinho, apresentado a Luiz XVIII, detalhes completos, dezembro de 1866, página 353.

37.- Como o perispírito é o mesmo tanto nos encarnados como nos desencarnados, por um efeito completamente idêntico, um Espírito encarnado pode aparecer, num momento de liberdade, em ponto diferente do lugar em que seu corpo repousa, com seus traços habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi esse fenômeno, do qual se conhecem muitos casos autênticos, que deu origem à crença nos homens duplos.

(12) Exemplos de aparições de pessoas vivas: *Revista Espírita*, de dezembro de 1858, páginas 329 e 331; fevereiro de 1859, página 41; agosto de 1859, página 197; novembro de 1860, página 356.

38.- Um efeito comum aos fenômenos dessa espécie é que as aparições vaporosas e até tangíveis não são perceptíveis indistintamente para todo o mundo; os Espíritos só se mostram quando e a quem eles querem. Então, um Espírito poderia aparecer numa assembleia a um ou a vários dos presentes e não ser visto pelos<sup>10</sup> demais. Isso acontece porque as percepções desse gênero se efetuam por meio da vista espiritual, e não pela vista carnal: porque não só a vista espiritual não é

deles causa uma sensação incomum e indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor, e, enquanto os tomem por indivíduos iguais a todo mundo, diz-se involuntariamente: Eis aí um ser singular (13).

(13) Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: *Revista espírita*, janeiro de 1858, página 24; outubro de 1858, página 291; fevereiro de 1859, página 38; março de 1859, página 80; janeiro de 1859, página 11; novembro de 1859, página 303; agosto de 1859, página 210; abril de 1860, página 117; maio de 1860, página 150; julho de 1861, página 199; abril de 1866, página 120; – O lavrador Martinho, apresentado a Luiz XVIII, detalhes completos, dezembro de 1866, página 353.

37.- Como o perispírito é o mesmo tanto nos encarnados como nos desencarnados, por um efeito completamente idêntico, um Espírito encarnado pode aparecer, num momento de liberdade, em ponto diferente do lugar em que seu corpo repousa, com seus traços habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi esse fenômeno, do qual se conhecem muitos casos autênticos, que deu origem à crença nos homens duplos.

(14) Exemplos de aparições de pessoas vivas: *Revista espírita*, de dezembro de 1858, páginas 329 e 331; fevereiro de 1859, página 41; agosto de 1859, página 197; novembro de 1860, página 356.

38.- Um efeito comum aos fenômenos dessa espécie é que as aparições vaporosas e até tangíveis não são perceptíveis indistintamente para todo o mundo; os Espíritos só se mostram quando e a quem eles querem. Então, um Espírito poderia aparecer numa assembleia a um ou a vários dos presentes e não ser visto pelos demais. Isso acontece porque as percepções desse gênero se efetuam por meio da vista espiritual, e não pela vista carnal: porque não só a vista espiritual não é

<sup>10</sup> par les ⇒ des

dada a toda mundo, como também, se for conveniente, pode ser retirada daquele a quem ele não queira se mostrar, assim como pode permiti-la momentaneamente, se a julgar necessário.

A condensação do fluido perispiritual nas aparições — incluindo as de tangibilidade — não contém as propriedades da matéria comum: se não fosse assim, as aparições seriam perceptíveis pelos olhos do corpo, e para todas as pessoas presentes (13).

(13) Devemos acolher com extrema reserva as narrativas de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam não passar de efeito de uma imaginação exaltada e, porventura, de uma invenção com fins interesseiros. Convém então levarmos em conta muito cuidadosamente as circunstâncias, a honradez da pessoa, assim como o interesse que ela possa ter em abusar da fé de indivíduos excessivamente confiantes.

39.- Como o Espírito pode operar transformações na textura do seu envoltório perispiritual, e esse envoltório irradiando em torno **do**<sup>11</sup> corpo qual uma atmosfera fluídica, um fenômeno semelhante ao das aparições pode se produzir na superfície mesma do corpo. Sob a camada fluídica, a imagem real do corpo pode se apagar mais ou menos completamente e se revestir de outra aparência; ou então, vistos através da camada fluídica modificada como através de um prisma, os traços primitivos podem tomar outra expressão. Se o Espírito , saindo do meio comum, se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão de um semblante feio pode tornar-se bela, radiosa e às vezes até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é movido por más paixões, um semblante belo pode tomar um aspecto horrendo.

Assim se operam as *transfigurações*, que são sempre um reflexo das qualidades e sentimentos

dada a toda mundo, como também, se for conveniente, pode ser retirada daquele a quem ele não queira se mostrar, assim como pode permiti-la momentaneamente, se a julgar necessário.

A condensação do fluido perispiritual nas aparições — incluindo as de tangibilidade — não contém as propriedades da matéria comum: se não fosse assim, as aparições seriam perceptíveis pelos olhos do corpo, e para todas as pessoas presentes (15).

(15) Devemos acolher com extrema reserva as narrativas de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam não passar de efeito de uma imaginação exaltada e, porventura, de uma invenção com fins interesseiros. Convém então levarmos em conta muito cuidadosamente as circunstâncias, a honradez da pessoa, assim como o interesse que ela possa ter em abusar da fé de indivíduos excessivamente confiantes.

39.- Como o Espírito pode operar transformações na textura do seu envoltório perispiritual, e esse envoltório irradiando em torno **do** corpo qual uma atmosfera fluídica, um fenômeno semelhante ao das aparições pode se produzir na superfície mesma do corpo. Sob a camada fluídica, a imagem real do corpo pode se apagar mais ou menos completamente e se revestir de outra aparência; ou então, vistos através da camada fluídica modificada como através de um prisma, os traços primitivos podem tomar outra expressão. Se o Espírito **encarnado**, saindo do meio comum, se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão de um semblante feio pode tornar-se bela, radiosa e às vezes até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é movido por más paixões, um semblante belo pode tomar um aspecto horrendo.

Assim se operam as *transfigurações*, que são sempre um reflexo das qualidades e sentimentos

<sup>11</sup> autour **des** corps ⇒ autour **du** corps

predominantes do Espírito. Portanto, o fenômeno é o resultado de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispiritual que se produz sobre o próprio corpo do vivo e algumas vezes no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o fato de geralmente serem perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, exatamente porque elas têm por base a matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível.

(14) Exemplo e teoria da transfiguração: *Revista Espírita*, março de 1859, página 62. (*Livro dos Médiuns*, cap. VII, página 142).

40.- Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea de corpos pesados, da escrita mediúnica — tão antigos quanto o mundo, porém hoje tão comuns — nos dão a chave de alguns outros fenômenos parecidos e espontâneos aos quais era atribuído o caráter sobrenatural e miraculoso, pois não se conhecia a lei que os rege. Tais fenômenos se fundamentam nas propriedades do fluido perispiritual — seja dos encarnados, seja dos Espíritos livres.

41.- É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; ainda por intermédio desse mesmo fluido é que ele se manifesta agindo sobre a matéria imóvel, e que produz ruídos, movimentos de mesa e de outros objetos que ele levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno não tem nada de surpreendente se considerarmos que entre nós os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

predominantes do Espírito. Portanto, o fenômeno é o resultado de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispiritual que se produz sobre o próprio corpo do vivo e algumas vezes no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o fato de geralmente serem perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, exatamente porque elas têm por base a matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível.

(16) Exemplo e teoria da transfiguração: *Revista espírita*, março de 1859, página 62. (*Livro dos Médiuns*, cap. VII, página 142).

### *Manifestações físicas; Mediunidade.*

40.- Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea de corpos pesados, da escrita mediúnica — tão antigos quanto o mundo, porém hoje tão comuns — nos dão a chave de alguns outros fenômenos parecidos e espontâneos aos quais era atribuído o caráter sobrenatural e miraculoso, pois não se conhecia a lei que os rege. Tais fenômenos se fundamentam nas propriedades do fluido perispiritual — seja dos encarnados, seja dos Espíritos livres.

41.- É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; ainda por intermédio desse mesmo fluido é que ele se manifesta agindo sobre a matéria imóvel, e que produz ruídos, movimentos de mesa e de outros objetos que ele levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno não tem nada de surpreendente se considerarmos que entre nós os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem e desenharem; não tendo mais corpo físico para agir ostensivamente quando quer se manifestar, ele se serve do corpo do médium, de quem toma emprestado os órgãos, que faz agir como se fosse o seu próprio corpo, mediante a emissão fluídica que despeja sobre ele.

42.- Por esse mesmo processo é que o Espírito age sobre a mesa, seja para fazê-la se mover sem significação determinada, seja para que dê pancadas inteligentes indicando letras do alfabeto, para formar palavras e frases — fenômeno esse denominado *tiptologia*. A mesa aqui não passa de um instrumento de que o Espírito se serve, como se utiliza do lápis para escrever; ele lhe dá uma vitalidade momentânea por meio do fluido que introduz nele, porém *absolutamente não se identifica com ela*. As pessoas que, na sua emoção, ao verem um ente querido se manifestar, abraçam a mesa, praticam um ato ridículo, pois é exatamente como se abraçassem a bengala de que um amigo se sirva para bater no chão. O mesmo fazem os que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito se achasse confinado na madeira, ou como se a madeira tivesse se tornado Espírito.

Quando as comunicações são transmitidas por esse meio, devemos imaginar que o Espírito está, não na mesa, mas ao lado, *tal qual estaria se estivesse vivo* e tal como seria visto, se nesse momento ele pudesse se tornar visível. A mesma coisa ocorre nas comunicações pela escrita: veríamos o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou lhe transmitindo seu pensamento por uma corrente fluídica.

43.- Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força de um braço, mas a envolve e a penetra com uma espécie de atmosfera

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem e desenharem; não tendo mais corpo físico para agir ostensivamente quando quer se manifestar, ele se serve do corpo do médium, de quem toma emprestado os órgãos, que faz agir como se fosse o seu próprio corpo, mediante a emissão fluídica que despeja sobre ele.

42.- Por esse mesmo processo é que o Espírito age sobre a mesa, seja para fazê-la se mover sem significação determinada, seja para que dê pancadas inteligentes indicando letras do alfabeto, para formar palavras e frases — fenômeno esse denominado *tiptologia*. A mesa aqui não passa de um instrumento de que o Espírito se serve, como se utiliza do lápis para escrever; ele lhe dá uma vitalidade momentânea por meio do fluido que introduz nele, porém *absolutamente não se identifica com ela*. As pessoas que, na sua emoção, ao verem um ente querido se manifestar, abraçam a mesa, praticam um ato ridículo, pois é exatamente como se abraçassem a bengala de que um amigo se sirva para bater no chão. O mesmo fazem os que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito se achasse confinado na madeira, ou como se a madeira tivesse se tornado Espírito.

Quando as comunicações são transmitidas por esse meio, devemos imaginar que o Espírito está, não na mesa, mas ao lado, *tal qual estaria se estivesse vivo* e tal como seria visto, se nesse momento ele pudesse se tornar visível. A mesma coisa ocorre nas comunicações pela escrita: veríamos o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou lhe transmitindo seu pensamento por uma corrente fluídica.

43.- Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força de um braço, mas a envolve e a penetra com uma espécie de atmosfera

fluídica que neutraliza o efeito da gravitação, como o ar faz com os balões e pipas. O fluido que se infiltra na mesa lhe dá momentaneamente uma leveza específica maior. Quando fica pregada ao solo, ela fica numa situação igual à da bolsa de oxigênio sob a qual se fez o vácuo. Não há aqui mais do que simples comparações para mostrar a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, **cap. IV**).

A partir disso, compreendemos que não é mais difícil para o Espírito levantar uma pessoa do que levantar uma mesa, de transportar um objeto de um lugar para outro, ou de atirá-lo a qualquer parte; esses fenômenos se produzem pela mesma lei (15).

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, pois ele pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, mas ele lhe dá o impulso por uma corrente fluídica com a ajuda do qual ela faz a mesa mover ao seu gosto.

Quando as pancadas são ouvidas na mesa ou outros lugares, não é que o Espírito esteja a bater com a mão ou com qualquer objeto; ele apenas dirige um jato de fluido sobre o ponto de onde vem o ruído e este produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído como nós modificamos os sons produzidos pelo ar (16).

(15) Tal o princípio dos fenômenos de trazimento, fenômeno este muito real, mas que convém não ser admitido, senão com extrema reserva, pois é um dos que mais se prestam à imitação e à enganação. Devemos tomar em séria consideração a honradez irrecusável da pessoa que os obtém, seu absoluto desinteresse, material e moral, e o auxílio das circunstâncias acessórias. Sobretudo é importante desconfiar da produção de tais efeitos quando eles se deem com excessiva facilidade e ter por suspeitos os que se renovem com extrema frequência e, por assim dizer, à vontade. Os ilusionistas fazem coisas mais extraordinárias.

Não menos positivo é o fato da levitação de uma pessoa; mas, tem que ser muito mais raro, porque é mais difícil de ser imitado. É sabido que o Sr. Daniel Dunglas Home se elevou

fluídica que neutraliza o efeito da gravitação, como o ar faz com os balões e pipas. O fluido que se infiltra na mesa lhe dá momentaneamente uma leveza específica maior. Quando fica pregada ao solo, ela fica numa situação igual à da bolsa de oxigênio sob a qual se fez o vácuo. Não há aqui mais do que simples comparações para mostrar a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, **capítulo IV**).

A partir disso, compreendemos que não é mais difícil para o Espírito levantar uma pessoa do que levantar uma mesa, de transportar um objeto de um lugar para outro, ou de atirá-lo a qualquer parte; esses fenômenos se produzem pela mesma lei (17).

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, pois ele pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, mas ele lhe dá o impulso por uma corrente fluídica com a ajuda do qual ela faz a mesa mover ao seu gosto.

Quando as pancadas são ouvidas na mesa ou outros lugares, não é que o Espírito esteja a bater com a mão ou com qualquer objeto; ele apenas dirige um jato de fluido sobre o ponto de onde vem o ruído e este produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído como nós modificamos os sons produzidos pelo ar (18).

(17) Tal o princípio dos fenômenos de trazimento, fenômeno este muito real, mas que convém não ser admitido, senão com extrema reserva, pois é um dos que mais se prestam à imitação e à enganação. Devemos tomar em séria consideração a honradez irrecusável da pessoa que os obtém, seu absoluto desinteresse, material e moral, e o auxílio das circunstâncias acessórias. Sobretudo é importante desconfiar da produção de tais efeitos quando eles se deem com excessiva facilidade e ter por suspeitos os que se renovem com extrema frequência e, por assim dizer, à vontade. Os ilusionistas fazem coisas mais extraordinárias.

Não menos positivo é o fato da levitação de uma pessoa; mas, tem que ser muito mais raro, porque é mais difícil de ser imitado. É sabido que o Sr. Daniel Dunglas Home se elevou

mais de uma vez até ao teto, dando assim volta à sala. Dizem que S. Cupertino possuía a mesma faculdade, não sendo o fato mais miraculoso com este do que com aquele.

(16) Casos de manifestações materiais e de perturbações operadas pelos Espíritos: *Revista Espírita*, a moça dos Panoramas, janeiro de 1858, página 13; – *senhorita* Clairon, fevereiro de 1858, página 44; – Espírito batedor de Bergzabern (narração completa), maio, junho e julho de 1858, páginas 125, 154, 184; – Dibbelsdorf, agosto de 1858, página 219; – Padeiro de Dieppe ||, março de 1860, página 76; – Fabricante de S. Petersburgo, abril de 1860, página 116; – *rua* das Nogueiras, agosto de 1860, p. 236; – Espírito batedor do Aube ||, janeiro de 1861, página 23; – Flagelo do século dezesseis, janeiro de 1864, página 32; – Poitiers, maio de 1864 e maio de 1865, página 134; – *irmã* Maria, junho de 1864, página 185; – Marselhe, abril de 1865, página 121; – Fives, agosto de 1865, página 225; – *os* ratos de Equihem, fevereiro de 1866, página 55.

44.- Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que estranha a eles; a tratar, oralmente ou por escrito, de assuntos que estão fora do alcance da sua instrução. Não é raro se vê que escrevam correntemente sem terem aprendido a escrever; de outros que compõem poesias, sem jamais na vida terem sabido fazer um verso; de outros que desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecerem desenho, pintura, escultura, ou a arte musical. É muito frequente um médium escrevente *reproduzir*<sup>12</sup>, sem equívocos, a grafia e a assinatura que os Espíritos que por ele se comunicam tinham quando vivos, ainda que não os tenham conhecido jamais.

Esse fenômeno não é mais maravilhoso do que ver uma criança escrever quando guiamos a sua mão; dessa maneira, podemos conseguir que ela execute tudo o que queiramos. Podemos fazer com que escreva à primeira vista num idioma qualquer ditando a ela as palavras letra por letra.

mais de uma vez até ao teto, dando assim volta à sala. Dizem que S. Cupertino possuía a mesma faculdade, não sendo o fato mais miraculoso com este do que com aquele.

(18) Casos de manifestações materiais e de perturbações operadas pelos Espíritos: *Revista espírita*, A moça dos Panoramas, janeiro de 1858, página 13; – *Senhorita* Clairon, fevereiro de 1858, página 44; – Espírito batedor de Bergzabern (narração completa), maio, junho e julho de 1858, páginas 125, 154, 184; – Dibbelsdorf, agosto de 1858, página 219; – Padeiro de Dieppe ||, março de 1860, página 76; – Fabricante de S. Petersburgo, abril de 1860, página 116; – *Rua* das Nogueiras, agosto de 1860, página 236; – Espírito batedor do Aube ||, janeiro de 1861, página 23; – Flagelo do século dezesseis, janeiro de 1864, página 32; – Poitiers, maio de 1864 e maio de 1865, página 134; – *Irmã* Maria, junho de 1864, página 185; – Marselhe, abril de 1865, página 121; – Fives, agosto de 1865, página 225; – *Os* ratos de Equihem, fevereiro de 1866, página 55.

44.- Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que estranha a eles; a tratar, oralmente ou por escrito, de assuntos que estão fora do alcance da sua instrução. Não é raro se vê que escrevam correntemente sem terem aprendido a escrever; de outros que compõem poesias, sem jamais na vida terem sabido fazer um verso; de outros que desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecerem desenho, pintura, escultura, ou a arte musical. É muito frequente um médium escrevente *reproduzir*, sem equívocos, a grafia e a assinatura que os Espíritos que por ele se comunicam tinham quando vivos, ainda que não os tenham conhecido jamais.

Esse fenômeno não é mais maravilhoso do que ver uma criança escrever quando guiamos a sua mão; dessa maneira, podemos conseguir que ela execute tudo o que queiramos. Podemos fazer com que escreva à primeira vista num idioma qualquer ditando a ela as palavras letra por letra.

<sup>12</sup> *reproduit* ⇒ *reproduise*

Compreende-se que o mesmo se possa dar com a mediunidade, desde que se atente na maneira como os Espíritos se comunicam com os médiuns, que, na realidade, para eles, não são mais do que instrumentos passivos. Todavia, se o médium tem o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, se, finalmente, possui no cérebro os elementos daquilo que o Espírito quer fazê-lo executar, ele se acha na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho se torna mais fácil e mais rápido; o Espírito não precisa mais do que transmitir seus pensamentos e o seu intérprete reproduz pelos meios de que dispõe. A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas também vem frequentemente dos conhecimentos que ele possuiu noutra existência e dos quais seu Espírito conservou a intuição. Se, por exemplo, ele foi poeta ou músico, terá mais facilidade para assimilar o pensamento poético ou musical que queira reproduzir. A língua que ele hoje ignora pode ter sido familiar para ele noutra existência: daí vem para ele uma aptidão maior para escrever mediunicamente nessa língua (17).

(17) A aptidão que algumas pessoas denotam para línguas que elas manejam, sem, por assim dizer, as haver aprendido, não tem como origem senão a lembrança intuitiva do que souberam noutra existência. O caso do poeta Méry, relatado na *Revista Espírita* de novembro de 1864, página 328, é uma prova do que dizemos. É evidente que, se na sua mocidade, Méry foi médium, teria escrito em latim tão facilmente como em francês e todo mundo viu nesse fato uma maravilha.

45.- Os Espíritos maus vagueiam ao redor da Terra, por causa da inferioridade moral de seus habitantes. A ação maldosa deles é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade aqui se vê abraçada. A obsessão — que é um dos efeitos dessa ação, como as enfermidades e todas as atribuições

Compreende-se que o mesmo se possa dar com a mediunidade, desde que se atente na maneira como os Espíritos se comunicam com os médiuns, que, na realidade, para eles, não são mais do que instrumentos passivos. Todavia, se o médium tem o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, se, finalmente, possui no cérebro os elementos daquilo que o Espírito quer fazê-lo executar, ele se acha na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho se torna mais fácil e mais rápido; o Espírito não precisa mais do que transmitir seus pensamentos e o seu intérprete reproduz pelos meios de que dispõe. A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas também vem frequentemente dos conhecimentos que ele possuiu noutra existência e dos quais seu Espírito conservou a intuição. Se, por exemplo, ele foi poeta ou músico, terá mais facilidade para assimilar o pensamento poético ou musical que queira reproduzir. A língua que ele hoje ignora pode ter sido familiar para ele noutra existência: daí vem para ele uma aptidão maior para escrever mediunicamente nessa língua (19).

(19) A aptidão que algumas pessoas denotam para línguas que elas manejam, sem, por assim dizer, as haver aprendido, não tem como origem senão a lembrança intuitiva do que souberam noutra existência. O caso do poeta Méry, relatado na *Revista espírita* de novembro de 1864, página 328, é uma prova do que dizemos. É evidente que, se na sua mocidade, Méry foi médium, teria escrito em latim tão facilmente como em francês e todo mundo viu nesse fato uma maravilha.

### *Obsessões e Possessões.*

45.- Os Espíritos maus vagueiam ao redor da Terra, por causa da inferioridade moral de seus habitantes. A ação maldosa deles é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade aqui se vê abraçada. A obsessão — que é um dos efeitos dessa ação, como as enfermidades e todas as atribuições

da vida — deve ser considerada como provação ou expiação e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta tipos muito diferentes, desde a simples influência moral sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das capacidades mentais. Ela bloqueia todas as aptidões mediúnicas; na mediunidade auditiva e psicográfica, ela se traduz pela teimosia de um Espírito em se manifestar com exclusão de todos os outros.

46.- Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral que dá lugar a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral, é preciso que uma força moral. Para se preservar das enfermidades, fortifica-se o corpo; para se garantir contra a obsessão, é preciso fortalecer a alma; eis por que é necessário para o obsidiado trabalhar para o seu próprio melhoramento, o que muitas vezes basta para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de outras pessoas. Este socorro se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque nesse caso o paciente muitas vezes perde a sua vontade e o seu livre-arbítrio.

Quase sempre a obsessão é uma vingança exercida por um Espírito e cuja origem frequentemente vem das relações que o obsidiado manteve com o obsessor em uma existência anterior.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza e repele a ação dos fluidos saudáveis. É daquele fluido pernicioso de que se precisa desembaraçar-se. Ora, um fluido maligno não pode ser eliminado por outro fluido

da vida — deve ser considerada como provação ou expiação e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta tipos muito diferentes, desde a simples influência moral sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das capacidades mentais. Ela bloqueia todas as aptidões mediúnicas; na mediunidade auditiva e psicográfica, ela se traduz pela teimosia de um Espírito em se manifestar com exclusão de todos os outros.

46.- Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral que dá lugar a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral, é preciso que uma força moral. Para se preservar das enfermidades, fortifica-se o corpo; para se garantir contra a obsessão, é preciso fortalecer a alma; eis por que é necessário para o obsidiado trabalhar para o seu próprio melhoramento, o que muitas vezes basta para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de outras pessoas. Este socorro se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque nesse caso o paciente muitas vezes perde a sua vontade e o seu livre-arbítrio.

Quase sempre a obsessão é uma vingança exercida por um Espírito e cuja origem frequentemente vem das relações que o obsidiado manteve com o obsessor em uma existência anterior.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza e repele a ação dos fluidos saudáveis. É daquele fluido pernicioso de que se precisa desembaraçar-se. Ora, um fluido maligno não pode ser eliminado por outro fluido



igualmente mau. Por uma ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *é preciso expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.*

Essa é a ação magnética, mas nem sempre o suficiente; é necessário também e sobretudo *agir sobre o ser inteligente*, ao qual é preciso ter o direito de *falar com autoridade*, e essa autoridade só é dada à superioridade moral; quanto maior for esta superioridade, tanto maior também será a autoridade.

Mas ainda não é tudo: para assegurar a libertação, torna-se indispensável levar o Espírito perverso a renunciar aos seus maus costumes; é preciso fazer brotar nele o arrependimento e o desejo do bem, por auxílio de instruções habilmente dirigidas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de sua *educação moral*; pode-se então ter a **dupla** satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, dá sua contribuição com a vontade e a prece; isso não acontece quando o obsidiado fica seduzido pelo Espírito que o domina e se ilude com relação às qualidades do seu obsessor, e se satisfaz no erro a que é conduzido, porque então, longe de ajudar, ele repele toda a assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII).

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxílio para agir contra o Espírito obsessor.

47.- Na obsessão, o Espírito atua exteriormente com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado; este último fica enlaçado por uma espécie de teia e constrangido a agir contra a sua vontade.

igualmente mau. Por uma ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *é preciso expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.*

Essa é a ação magnética, mas nem sempre o suficiente; é necessário também e sobretudo *agir sobre o ser inteligente*, ao qual é preciso ter o direito de *falar com autoridade*, e essa autoridade só é dada à superioridade moral; quanto maior for esta superioridade, tanto maior também será a autoridade.

Mas ainda não é tudo: para assegurar a libertação, torna-se indispensável levar o Espírito perverso a renunciar aos seus maus costumes; é preciso fazer brotar nele o arrependimento e o desejo do bem, por auxílio de instruções habilmente dirigidas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de sua *educação moral*; pode-se então ter a **grata** satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, dá sua contribuição com a vontade e a prece; isso não acontece quando o obsidiado fica seduzido pelo Espírito que o domina e se ilude com relação às qualidades do seu obsessor, e se satisfaz no erro a que é conduzido, porque então, longe de ajudar, ele repele toda a assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII).

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxílio para agir contra o Espírito obsessor.

47.- Na obsessão, o Espírito atua exteriormente com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado; este último fica enlaçado por uma espécie de teia e constrangido a agir contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, por assim dizer, o Espírito livre substitui o Espírito encarnado; toma o seu corpo como domicílio, sem que, no entanto, o encarnado abandone seu corpo definitivamente — o que só acontece na morte. Portanto, a possessão é sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado, visto que a união molecular do perispírito e o corpo só pode se operar no momento da concepção. (cap. XI, nº 18)

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fosse o seu: fala pela boca dele, vê pelos seus olhos, age com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante [psicofonia], em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; é esse último mesmo quem fala e quem age, e quem o tenha conhecido em vida reconhece nele a sua linguagem, a sua voz, os seus gestos e até a expressão da fisionomia.

48.- A obsessão é sempre o ato de um Espírito malfeitor. A possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* o corpo de um encarnado, que voluntariamente lhe empresta seu corpo, como emprestaria sua roupa. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, e durante o tempo em que o Espírito se acha em liberdade, como no estado de emancipação, e na maioria das vezes ele se conserva ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam de outro modo; ele não pega o corpo emprestado, mas se apodera dele caso o titular não tenha *força moral para resisti-lo*. Faz isso por maldade contra este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo — seja por estrangulação, seja atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, por assim dizer, o Espírito livre substitui o Espírito encarnado; toma o seu corpo como domicílio, sem que, no entanto, o encarnado abandone seu corpo definitivamente — o que só acontece na morte. Portanto, a possessão é sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado, visto que a união molecular do perispírito e o corpo só pode se operar no momento da concepção. (cap. XI, nº 18)

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fosse o seu: fala pela boca dele, vê pelos seus olhos, age com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante [psicofonia], em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; é esse último mesmo quem fala e quem age, e quem o tenha conhecido em vida reconhece nele a sua linguagem, a sua voz, os seus gestos e até a expressão da fisionomia.

48.- A obsessão é sempre o ato de um Espírito malfeitor. A possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* o corpo de um encarnado, que voluntariamente lhe empresta seu corpo, como emprestaria sua roupa. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, e durante o tempo em que o Espírito se acha em liberdade, como no estado de emancipação, e na maioria das vezes ele se conserva ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam de outro modo; ele não pega o corpo emprestado, mas se apodera dele caso o titular não tenha *força moral para resisti-lo*. Faz isso por maldade contra este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo — seja por estrangulação, seja atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos.

Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, ele blasfema, insulta-o e maltrata aqueles que o cercam; entrega-se a estranheza e a atos que apresentam todos os tipos da loucura furiosa.

Os fatos deste gênero são numerosos, em diferentes graus de intensidade, e muitos casos de loucura não derivam de outra causa. Muitas vezes, há também desordens patológicas, que são apenas consequências, e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes, enquanto persista a causa originária. Fazendo a Humanidade conhecer essa fonte de uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o meio de remediá-la: esse meio é atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência.

(18) Casos de cura de obsessões e de possessões: – *Revista Espírita*, dezembro de 1863, página 373; **Janeiro** de 1864, página 11; **Junho** de 1864, página 168; **Janeiro** de 1865, página 5; **Junho** de 1865, página 172; **Fevereiro** de 1868, página 38; **Junho** de 1867, página 174.

49.- A obsessão e a possessão são muitas vezes individuais; mas, não raro elas são epidêmicas. Quando um bando de Espíritos perversos se lança sobre uma localidade é como se uma tropa de inimigos a invadissem. Nesse caso, o número dos indivíduos atacados pode ser considerável.

(19) Foi exatamente desse gênero a epidemia que há alguns anos atacou a aldeia de Morzine na Sabóia (Veja o relato completo dessa epidemia na *Revista Espírita* de dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863, página 1, 33, 101, 133.

Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, ele blasfema, insulta-o e maltrata aqueles que o cercam; entrega-se a estranheza e a atos que apresentam todos os tipos da loucura furiosa.

Os fatos deste gênero são numerosos, em diferentes graus de intensidade, e muitos casos de loucura não derivam de outra causa. Muitas vezes, há também desordens patológicas, que são apenas consequências, e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes, enquanto persista a causa originária. Fazendo a Humanidade conhecer essa fonte de uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o meio de remediá-la: esse meio é atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência.

(20) Casos de cura de obsessões e de possessões: – *Revista espírita*, dezembro de 1863, página 373; **janeiro** de 1864, página 11; **junho** de 1864, página 168; **janeiro** de 1865, página 5; **junho** de 1865, página 172; **fevereiro** de 1868, página 38; **junho** de 1867, página 174.

49.- A obsessão e a possessão são muitas vezes individuais; mas, não raro elas são epidêmicas. Quando um bando de Espíritos perversos se lança sobre uma localidade é como se uma tropa de inimigos a invadissem. Nesse caso, o número dos indivíduos atacados pode ser considerável.

(21) Foi exatamente desse gênero a epidemia que há alguns anos atacou a aldeia de Morzine na Sabóia (Veja o relato completo dessa epidemia na *Revista espírita* de dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863, página 1, 33, 101, 133.

## CAPÍTULO XV - Os milagres do evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1872)

- Observações preliminares.** - Sonhos.  
- Estrela dos magos. - Dupla vista. - Curas.  
- Possessos. - Ressurreições.  
- Jesus caminha sobre a água. - Transfiguração.  
- Tempestade aplacada. - Bodas de Caná.  
- Multiplicação dos pães. - Tentação de Jesus.  
- Prodígios por ocasião da morte de Jesus.  
- Aparição de Jesus, após sua morte.  
- Desaparecimento do corpo de Jesus.

### OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

1.- Os fatos relatados no Evangelho, e que até hoje têm sido considerados milagrosos, pertencem na maioria das vezes à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, dos que têm como causa primária as capacidades e os atributos da alma. Confrontando-os com os que foram descritos e explicados no capítulo anterior, reconheceremos sem dificuldade que há entre eles identidade de causa e de efeito. A História registra outros semelhantes, em todos os tempos e no meio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, pôde-se produzir os mesmos efeitos. É certo que, no que se refere a este ponto, podemos contestar a veracidade da História; mas hoje eles se produzem sob os nossos olhos e, por assim dizer, à vontade, e por indivíduos que nada têm de excepcional. Só o fato da reprodução de um fenômeno em condições idênticas basta para provar que ele é possível e está submetido a uma lei; portanto, não é miraculoso.

Como já vimos, o princípio dos fenômenos psíquicos se fundamenta nas propriedades do fluido perispiritual, que é o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida e após a morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no seu papel como força ativa da Natureza. Conhecendo estes elementos e

- Superioridade da natureza de Jesus.** - Sonhos.  
- Estrela dos magos. - Dupla vista. - Curas.  
- Possessos. - Ressurreições.  
- Jesus caminha sobre a água. - Transfiguração.  
- Tempestade aplacada. - Bodas de Caná.  
- Multiplicação dos pães. - Tentação de Jesus.  
- Prodígios por ocasião da morte de Jesus.  
- Aparição de Jesus, após sua morte.  
- Desaparecimento do corpo de Jesus.

### SUPERIORIDADE DA NATUREZA DE JESUS

1.- Os fatos relatados no Evangelho, e que até hoje têm sido considerados milagrosos, pertencem na maioria das vezes à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, dos que têm como causa primária as capacidades e os atributos da alma. Confrontando-os com os que foram descritos e explicados no capítulo anterior, reconheceremos sem dificuldade que há entre eles identidade de causa e de efeito. A História registra outros semelhantes, em todos os tempos e no meio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, pôde-se produzir os mesmos efeitos. É certo que, no que se refere a este ponto, podemos contestar a veracidade da História; mas hoje eles se produzem sob os nossos olhos e, por assim dizer, à vontade, e por indivíduos que nada têm de excepcional. Só o fato da reprodução de um fenômeno em condições idênticas basta para provar que ele é possível e está submetido a uma lei; portanto, não é miraculoso.

Como já vimos, o princípio dos fenômenos psíquicos se fundamenta nas propriedades do fluido perispiritual, que é o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida e após a morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no seu papel como força ativa da Natureza. Conhecendo estes elementos e

comprovando os seus efeitos, como consequência, temos de admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto lhes atribuíamos uma procedência sobrenatural.

2.- Sem nada prejudicar quanto à natureza do Cristo — natureza cujo exame não entra no quadro desta obra —, considerando-o, por hipótese, apenas um Espírito superior, não podemos deixar de reconhecê-lo como um daqueles da ordem mais elevada e, por suas virtudes, colocado muitíssimo acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que produziu, sua encarnação neste mundo há de ter sido uma dessas missões confiadas somente aos mensageiros diretos da Divindade, para o cumprimento de seus desígnios. Supondo que ele não fosse o próprio Deus, mas unicamente um enviado de Deus para transmitir sua palavra, ele seria mais do que um profeta, pois seria um Messias divino.

Como homem, ele tinha o organismo dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual do que da vida corporal — da qual ele não tinha as fraquezas. *Sua superioridade*

*em relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das qualidades do seu Espírito, que dominava a matéria de modo absoluto, e das qualidades do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada e sublime dos fluidos terrestres (cap. XIV, no 9). Sua alma não se achava presa ao corpo senão pelos laços rigorosamente indispensáveis; constantemente desprendida, ela certamente lhe dava uma dupla vista, não apenas permanente, como de penetração excepcional e muito superior àquela que vemos nos homens comuns. O mesmo ocorria nele com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses*

comprovando os seus efeitos, como consequência, temos de admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto lhes atribuíamos uma procedência sobrenatural.

2.- Sem nada prejudicar quanto à natureza do Cristo — natureza cujo exame não entra no quadro desta obra —, considerando-o, por hipótese, apenas um Espírito superior, não podemos deixar de reconhecê-lo como um daqueles da ordem mais elevada e, por suas virtudes, colocado muitíssimo acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que produziu, sua encarnação neste mundo há de ter sido uma dessas missões confiadas somente aos mensageiros diretos da Divindade, para o cumprimento de seus desígnios. Supondo que ele não fosse o próprio Deus, mas unicamente um enviado de Deus para transmitir sua palavra, ele seria mais do que um profeta, pois seria um Messias divino.

Como homem, ele tinha o organismo dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual do que da vida corporal — da qual ele não tinha as fraquezas. *A superioridade de Jesus em relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das qualidades do seu Espírito, que dominava a matéria de modo absoluto, e das qualidades do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada e sublime dos fluidos terrestres (cap. XIV, no 9). Sua alma não se achava presa ao corpo senão pelos laços rigorosamente indispensáveis; constantemente desprendida, ela certamente lhe dava uma dupla vista, não apenas permanente, como de penetração excepcional e muito superior àquela que vemos nos homens comuns. O mesmo ocorria nele com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses*

fluidos lhe conferia imensa força magnética, fortificada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Nas curas que operava, ele agia como *médium*? Poderíamos considerá-lo como um poderoso médium curador? Não, porque o médium é um intermediário, um instrumento de que os Espíritos desencarnados se servem. Ora, Cristo não precisava de assistência; ele próprio era quem assistia os outros; agia por si mesmo, em virtude da sua potência pessoal, como em certos casos os encarnados podem fazer, na medida de suas forças. Além disso, que Espírito ousaria infundir nele os seus próprios pensamentos e lhe encarregar de transmiti-los? Se ele recebia alguma influência estranha, essa só poderia ser de Deus; segundo definição dada por um Espírito, ele era *médium de Deus*.

#### SONHOS

3.- Diz o Evangelho que José foi avisado por um anjo que lhe apareceu em sonho e lhe aconselhou fugir para o Egito com o *menino* Jesus (Mateus, 2:19 a 23).

Advertências por meio de sonhos desempenham grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos registrados e sem os discutir, o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal quando sabemos que é durante o sono que o Espírito — estando desprendido dos laços da matéria — penetra momentaneamente na vida espiritual, onde se encontra com aqueles que ele conheceu. Frequentemente é nessa ocasião que os Espíritos protetores aproveitam para se manifestar aos seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos. Os exemplos de advertência via sonho são numerosos, entretanto, não se deve inferir daí que todos os sonhos são avisos, nem muito menos que tudo o que se vê em sonho tem uma significação. Devemos

fluidos lhe conferia imensa força magnética, fortificada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Nas curas que operava, ele agia como *médium*? Poderíamos considerá-lo como um poderoso médium curador? Não, porque o médium é um intermediário, um instrumento de que os Espíritos desencarnados se servem. Ora, **o** Cristo não precisava de assistência; ele próprio era quem assistia os outros; agia por si mesmo, em virtude da sua potência pessoal, como em certos casos os encarnados podem fazer, na medida de suas forças. Além disso, que Espírito ousaria infundir nele os seus próprios pensamentos e lhe encarregar de transmiti-los? Se ele recebia alguma influência estranha, essa só poderia ser de Deus; segundo definição dada por um Espírito, ele era *médium de Deus*.

#### SONHOS

3.- Diz o Evangelho que José foi avisado por um anjo que lhe apareceu em sonho e lhe aconselhou fugir para o Egito com o *Menino* Jesus (Mateus, 2:19 a 23).

Advertências por meio de sonhos desempenham grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos registrados e sem os discutir, o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal quando sabemos que é durante o sono que o Espírito — estando desprendido dos laços da matéria — penetra momentaneamente na vida espiritual, onde se encontra com aqueles que ele conheceu. Frequentemente é nessa ocasião que os Espíritos protetores aproveitam para se manifestar aos seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos. Os exemplos de advertência via sonho são numerosos, entretanto, não se deve inferir daí que todos os sonhos são avisos, nem muito menos que tudo o que se vê em sonho tem uma significação. Devemos

## CAPÍTULO XV - Os milagres do evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

incluir entre as crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar os sonhos. (Cap. XIV, nº 27 e 28)

incluir entre as crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar os sonhos. (Cap. XIV, nº 27 e 28)

### ESTRELA DOS MAGOS

4.- Dizem que uma estrela apareceu aos magos que vieram adorar Jesus e que ela ia à frente deles para lhes indicar o caminho e que se deteve quando eles chegaram (Mateus, 2:1 a 12).

A questão não é saber se o fato que Mateus narra é real ou se não passa de uma figura de linguagem para indicar que os magos foram guiados de forma misteriosa ao lugar onde estava o Menino, dado que não há meio algum de verificação; a questão é saber se um fato de tal natureza é possível.

O que é certo é que naquela circunstância a luz não podia ser uma estrela. Na época em que o fato ocorreu, podia-se crer que as estrelas eram pontos luminosos pregados no firmamento e podiam cair sobre a Terra; mas não hoje, quando conhecemos a sua natureza.

Por não ter a causa a que lhe atribuem, o fato da aparição de uma luz com o aspecto de uma estrela não deixa de ser possível. Um Espírito pode aparecer sob uma forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispiritual em foco luminoso. Muitos fatos desse gênero — modernos e perfeitamente autênticos — não procedem de outra causa, e essa causa não tem nada de sobrenatural.

### DUPLA VISTA

#### *Entrada de Jesus em Jerusalém*

5.- Quando eles se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, dizendo a eles: "Vão a essa aldeia que está à frente de vocês e, lá chegando, encontrarão uma jumenta amarrada e junto dela o seu jumentinho;

### ESTRELA DOS MAGOS

4.- Dizem que uma estrela apareceu aos magos que vieram adorar Jesus e que ela ia à frente deles para lhes indicar o caminho e que se deteve quando eles chegaram (Mateus, 2:1 a 12).

A questão não é saber se o fato que Mateus narra é real ou se não passa de uma figura de linguagem para indicar que os magos foram guiados de forma misteriosa ao lugar onde estava o Menino, dado que não há meio algum de verificação; a questão é saber se um fato de tal natureza é possível.

O que é certo é que naquela circunstância a luz não podia ser uma estrela. Na época em que o fato ocorreu, podia-se crer que as estrelas eram pontos luminosos pregados no firmamento e podiam cair sobre a Terra; mas não hoje, quando conhecemos a sua natureza.

Por não ter a causa a que lhe atribuem, o fato da aparição de uma luz com o aspecto de uma estrela não deixa de ser possível. Um Espírito pode aparecer sob uma forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispiritual em foco luminoso. Muitos fatos desse gênero — modernos e perfeitamente autênticos — não procedem de outra causa, e essa causa não tem nada de sobrenatural. (Capítulo XIV, nºs 13 e seguintes)

### DUPLA VISTA

#### *Entrada de Jesus em Jerusalém*

5.- Quando eles se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, dizendo a eles: "Vão a essa aldeia que está à frente de vocês e, lá chegando, encontrarão uma jumenta amarrada e junto dela o seu jumentinho;

desamarrem e os tragam aqui. Se alguém lhes disser qualquer coisa, respondam que o Senhor precisa deles e então os deixará trazer". Ora, tudo isso se deu, a fim de que aquela palavra do profeta se cumprisse: "Diga à filha de Sião: Eis o teu rei que vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta e com o jumentinho da que está sob o jugo."

Os discípulos então foram e fizeram o que Jesus havia lhes ordenado. E, tendo trazido a jumenta e o jumentinho, cobriram-nos com suas vestes, e o fizeram montar. (Mateus, 21:1-7)

### *Beijo de Judas*

6.- "Levantem-se, vamos, que aquele que há de me trair já está perto daqui!" Ainda não havia acabado de dizer essas palavras e eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele uma tropa de gente armada de espadas e paus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. Ora, aquele que o traía havia dado um sinal para o reconhecerem, dizendo-lhes: "Aquele a quem eu beijar é aquele mesmo a quem vocês procuram; apoderem-se dele!". Logo mais, aproximou-se de Jesus e lhe disse: "Mestre, eu te saúdo!"; e o beijou. Jesus lhe respondeu: "Meu amigo, o que você veio fazer aqui?" Ao mesmo tempo, todos os outros avançaram e se lançaram a Jesus e dele se apoderaram. (Mateus, 26:46 a 50)

### *Pesca milagrosa*

7.- Um dia, estando Jesus à margem do lago de Genesaré, achando-se afligido pelo amontoado de gente que se apertava para ouvir a palavra de Deus, ele viu duas barcas atracadas à borda do lago, das quais os pescadores haviam desembarcado e lavavam suas redes. Ele entrou numa dessas barcas, que era a de Simão, e lhe pediu que a afastasse um pouco da margem; e tendo-se sentado, ensinava ao povo de dentro da barca.

Tão logo acabou de falar, disse a Simão: "Avança para o mar e lança as tuas redes para pescar!" Simão lhe respondeu: "Mestre, trabalhamos a noite toda sem nada apanharmos; contudo, porque está mandando, eu lançarei a rede." Tendo lançado a rede, apanharam tão grande quantidade de peixes que a rede se rompeu. Acenaram para seus companheiros que estavam na outra barca, para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram suas barcas de tal modo que faltou pouco para se afundarem. (Lucas, 5:1 a 7)

desamarrem e os tragam aqui. Se alguém lhes disser qualquer coisa, respondam que o Senhor precisa deles e então os deixará trazer". Ora, tudo isso se deu, a fim de que aquela palavra do profeta se cumprisse: "Diga à filha de Sião: Eis o teu rei que vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta e com o jumentinho da que está sob o jugo." (Zacarias, 9:9-10)

Os discípulos então foram e fizeram o que Jesus havia lhes ordenado. E, tendo trazido a jumenta e o jumentinho, cobriram-nos com suas vestes, e o fizeram montar. (Mateus, 21:1-7)

### *Beijo de Judas*

6.- "Levantem-se, vamos, que aquele que há de me trair já está perto daqui!" Ainda não havia acabado de dizer essas palavras e eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele uma tropa de gente armada de espadas e paus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. Ora, aquele que o traía havia dado um sinal para o reconhecerem, dizendo-lhes: "Aquele a quem eu beijar é aquele mesmo a quem vocês procuram; apoderem-se dele!". Logo mais, aproximou-se de Jesus e lhe disse: "Mestre, eu te saúdo!"; e o beijou. Jesus lhe respondeu: "Meu amigo, o que você veio fazer aqui?" Ao mesmo tempo, todos os outros avançaram e se lançaram a Jesus e dele se apoderaram. (Mateus, 26:46 a 50)

### *Pesca milagrosa*

7.- Um dia, estando Jesus à margem do lago de Genesaré, achando-se afligido pelo amontoado de gente que se apertava para ouvir a palavra de Deus, ele viu duas barcas atracadas à borda do lago, das quais os pescadores haviam desembarcado e lavavam suas redes. Ele entrou numa dessas barcas, que era a de Simão, e lhe pediu que a afastasse um pouco da margem; e tendo-se sentado, ensinava ao povo de dentro da barca.

Tão logo acabou de falar, disse a Simão: "Avança para o mar e lança as tuas redes para pescar!" Simão lhe respondeu: "Mestre, trabalhamos a noite toda sem nada apanharmos; contudo, porque está mandando, eu lançarei a rede." Tendo lançado a rede, apanharam tão grande quantidade de peixes que a rede se rompeu. Acenaram para seus companheiros que estavam na outra barca, para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram suas barcas de tal modo que faltou pouco para se afundarem. (Lucas, 5:1 a 7)



## CAPÍTULO XV - Os milagres do evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

### *Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus.*

8.- Caminhando ao longo do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam suas redes ao mar, pois eram pescadores; e disse a eles: "Sigam-me e eu os farei pescadores de homens!" Prontamente eles deixaram suas redes e o seguiram.

Daí, continuando, ele viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão que estavam numa barca com Zebedeu, pai de ambos, os quais estavam consertando suas redes; e os chamou. Naquela mesma hora eles deixaram as suas redes e o seu pai e o seguiram. (Mateus, 4:18 a 22).

Jesus saindo dali, ao passar, viu um homem sentado à banca dos impostos, chamado Mateus, a quem disse: "Segue-me!" E o homem logo se levantou e o seguiu. (Mateus, 4:9)

9.- Estes fatos não apresentam nada de surpreendente desde que se conheça o poder da dupla vista e a causa bem natural dessa faculdade. Jesus a possuía no grau supremo e podemos dizer que ela era o seu estado normal, conforme atesta um grande número de atos da sua vida, os quais explicam hoje os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de miraculosa igualmente se explica pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente peixes onde não havia; ele viu, como poderia ter visto um lúcido desperto, com a vista da alma, o lugar onde os peixes estavam, e pôde dizer com segurança aos pescadores que lançassem ali suas redes.

A penetração do pensamento — e, por conseguinte, certas previsões — decorrem da vista espiritual. Quando Jesus chama consigo Pedro, André, Tiago, João e Mateus, é que conhecia suas disposições íntimas e sabia que eles o acompanhariam e que eram capazes de desempenhar a missão que devia lhes confiar. E necessário se fazia que eles próprios tivessem intuição dessa missão para se entregarem a ele. O mesmo se deu quando, por ocasião da Ceia, ele

### *Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus.*

8.- Caminhando ao longo do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam suas redes ao mar, pois eram pescadores; e disse a eles: "Sigam-me e eu os farei pescadores de homens!" Prontamente eles deixaram suas redes e o seguiram.

Daí, continuando, ele viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão que estavam numa barca com Zebedeu, pai de ambos, os quais estavam consertando suas redes; e os chamou. Naquela mesma hora eles deixaram as suas redes e o seu pai e o seguiram. (Mateus, 4:18 a 22).

Jesus saindo dali, ao passar, viu um homem sentado à banca dos impostos, chamado Mateus, a quem disse: "Segue-me!" E o homem logo se levantou e o seguiu. (Mateus, 4:9)

9.- Estes fatos não apresentam nada de surpreendente desde que se conheça o poder da dupla vista e a causa bem natural dessa faculdade. Jesus a possuía no grau supremo e podemos dizer que ela era o seu estado normal, conforme atesta um grande número de atos da sua vida, os quais explicam hoje os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de miraculosa igualmente se explica pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente peixes onde não havia; ele viu, como poderia ter visto um lúcido desperto, com a vista da alma, o lugar onde os peixes estavam, e pôde dizer com segurança aos pescadores que lançassem ali suas redes.

A penetração do pensamento — e, por conseguinte, certas previsões — decorrem da vista espiritual. Quando Jesus chama consigo Pedro, André, Tiago, João e Mateus, é que conhecia suas disposições íntimas e sabia que eles o acompanhariam e que eram capazes de desempenhar a missão que devia lhes confiar. E necessário se fazia que eles próprios tivessem intuição dessa missão para se entregarem a ele. O mesmo se deu quando, por ocasião da Ceia, ele

anunciou que um dos doze o trairia e o apontou, dizendo ser aquele que punha a mão no prato; e deu-se também quando predisse que Pedro o negaria.

Em várias passagens do Evangelho está dito: “Mas Jesus, conhecendo seus pensamentos deles, lhes diz...” Ora, como ele poderia conhecer pensamentos deles se não fosse pelas irradiações fluídicas que lhe transmitia esse pensamento e a vista espiritual que lhe permitia ler no foro íntimo dos indivíduos?

Muitas vezes, quando supomos um pensamento profundamente escondido no recôndito da alma, não suspeitamos que trazemos conosco um espelho que reflete aquele pensamento, um revelador na sua própria irradiação fluídica impregnada dele. Se enxergássemos o mecanismo do mundo invisível que nos rodeia, as ramificações dos fios condutores do pensamento que ligam todos os seres inteligentes — corporais e incorpóreos —, os eflúvios fluídicos carregados das marcas do mundo moral, os quais, como correntes aéreas, atravessam o espaço, ficaríamos muito menos surpreendidos diante de certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso (Cap. XIV, n<sup>os</sup> 22 e seguintes).

## CURAS

### *Perda de sangue*

10.- Então uma mulher, enferma de uma hemorragia há doze anos — que havia sofrido muito nas mãos dos médicos e que, tendo gasto todos os seus bens e não tendo conseguido nenhum alívio, mas sempre piorando —, tendo escutado falar de Jesus, veio com a multidão **atrás dele**<sup>1</sup> e tocou a roupa dele, pois ela dizia: "Se eu conseguir ao menos tocar sua roupa, eu ficarei curada." No mesmo instante, a fonte da hemorragia cessou, e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela enfermidade.

anunciou que um dos doze o trairia e o apontou, dizendo ser aquele que punha a mão no prato; e deu-se também quando predisse que Pedro o negaria.

Em várias passagens do Evangelho está dito: “Mas Jesus, conhecendo seus pensamentos deles, lhes diz...” Ora, como ele poderia conhecer pensamentos deles se não fosse pelas irradiações fluídicas que lhe transmitia esse pensamento e a vista espiritual que lhe permitia ler no foro íntimo dos indivíduos?

Muitas vezes, quando supomos um pensamento profundamente escondido no recôndito da alma, não suspeitamos que trazemos conosco um espelho que reflete aquele pensamento, um revelador na sua própria irradiação fluídica impregnada dele. Se enxergássemos o mecanismo do mundo invisível que nos rodeia, as ramificações dos fios condutores do pensamento que ligam todos os seres inteligentes — corporais e incorpóreos —, os eflúvios fluídicos carregados das marcas do mundo moral, os quais, como correntes aéreas, atravessam o espaço, ficaríamos muito menos surpreendidos diante de certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso (Cap. XIV, n<sup>os</sup> 15, 22 e seguintes).

## CURAS

### *Perda de sangue*

10.- Então uma mulher, enferma de uma hemorragia há doze anos — que havia sofrido muito nas mãos dos médicos e que, tendo gasto todos os seus bens e não tendo conseguido nenhum alívio, mas sempre piorando —, tendo escutado falar de Jesus, veio com a multidão **atrás dele** e tocou a roupa dele, pois ela dizia: "Se eu conseguir ao menos tocar sua roupa, eu ficarei curada." No mesmo instante, a fonte da hemorragia cessou, e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela enfermidade.

<sup>1</sup> *par derrière* ⇒ *par-derrière*

Então Jesus, *conhecendo em si mesmo a virtude que havia saído dele*, voltou-se no meio da multidão e disse: "Quem tocou minhas vestes?" Seus discípulos lhe disseram: "Vê que a multidão te aperta de todos os lados e perguntas quem te tocou?" Ele olhava em torno de si à procura daquela que o havia tocado.

Mas aquela mulher, que sabia o que se passava consigo, tomada de medo e pavor, lançou-se aos seus pés e lhe declarou toda a verdade. E Jesus disse a ela: "Minha filha, tua fé te salvou! Vá em paz e esteja curada da tua enfermidade." (Marcos, 5:25 a 34)

11.- Estas palavras "*Conhecendo em si mesmo a virtude que havia saído dele*" são significativas; elas expressam o movimento fluídico que se operava de Jesus para a mulher enferma; ambos experimentaram a ação que havia acabado de se produzir. É notável que o efeito não tenha sido provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização, nem imposição das mãos. A irradiação fluídica normal foi suficiente para realizar a cura.

Mas por que aquela irradiação se dirigiu mais àquela mulher e não às outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e estava cercado de uma multidão?

A razão disso é bem simples: o fluido — considerado como matéria terapêutica — tem que atingir a desordem orgânica a fim de repará-la; ele pode ser dirigido sobre a enfermidade pela vontade do curador ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança e, em suma, pela fé do enfermo. Com relação à corrente fluídica, o primeiro faz o efeito de uma bomba emissora e o segundo como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; doutras, uma só basta; foi o segundo caso que ocorreu na referida circunstância.

Eis a razão de Jesus dizer: "Tua fé te salvou". Compreendemos que a referida fé não é uma virtude mística, tal como muitas pessoas entendem, mas uma verdadeira *força atrativa*, de sorte que aquele que não a possui opõe à corrente

Então Jesus, *conhecendo em si mesmo a virtude que havia saído dele*, voltou-se no meio da multidão e disse: "Quem tocou minhas vestes?" Seus discípulos lhe disseram: "Vê que a multidão te aperta de todos os lados e perguntas quem te tocou?" Ele olhava em torno de si à procura daquela que o havia tocado.

Mas aquela mulher, que sabia o que se passava consigo, tomada de medo e pavor, lançou-se aos seus pés e lhe declarou toda a verdade. E Jesus disse a ela: "Minha filha, tua fé te salvou! Vá em paz e esteja curada da tua enfermidade." (Marcos, 5:25 a 34)

11.- Estas palavras "*Conhecendo em si mesmo a virtude que havia saído dele*" são significativas; elas expressam o movimento fluídico que se operava de Jesus para a mulher enferma; ambos experimentaram a ação que havia acabado de se produzir. É notável que o efeito não tenha sido provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização, nem imposição das mãos. A irradiação fluídica normal foi suficiente para realizar a cura.

Mas por que aquela irradiação se dirigiu mais àquela mulher e não às outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e estava cercado de uma multidão?

A razão disso é bem simples: o fluido — considerado como matéria terapêutica — tem que atingir a desordem orgânica a fim de repará-la; ele pode ser dirigido sobre a enfermidade pela vontade do curador ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança e, em suma, pela fé do enfermo. Com relação à corrente fluídica, o primeiro faz o efeito de uma bomba emissora e o segundo como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; doutras, uma só basta; foi o segundo caso que ocorreu na referida circunstância.

Eis a razão de Jesus dizer: "Tua fé te salvou". Compreendemos que a referida fé não é uma virtude mística, tal como muitas pessoas entendem, mas uma verdadeira *força atrativa*, de sorte que aquele que não a possui opõe à corrente

## CAPÍTULO XV - Os milagres do evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos uma força de inércia que paralisa a ação. **Compreendemos, com** isso, que dois enfermos que sofrem da mesma doença, na presença de um curador, um possa ser curado e o outro não. É este um dos mais importantes princípios da mediunidade curadora e que explica, por uma causa muito natural, certas anomalias aparentes. (Cap. XIV, nº 31, 32 e 33)

### *Cego de Betsaida*

12.- Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediam que o tocasse.

E tomando o cego pela mão, ele o levou para fora da aldeia; passou-lhe saliva nos olhos e, impondo as mãos sobre ele, perguntou-lhe se via alguma coisa. O homem, enxergando, disse: "Vejo homens andando que para mim se parecem com árvores." Jesus lhe colocou de novo as mãos sobre os olhos e ele começou a enxergar melhor; por fim, ficou tão perfeitamente curado que via todas as coisas distintamente.

Ele o mandou para casa, dizendo-lhe: "Vai para tua casa; e se entrar na aldeia, não diga a ninguém o que aconteceu contigo." (Marcos, 8:22 a 26)

13.- Aqui, o efeito magnético é evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e proporcional a uma ação prolongada e reiterada — se bem que mais rápida do que na magnetização comum. A primeira sensação daquele homem foi exatamente a que os cegos experimentam ao recobrem a vista; por um efeito de ótica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.

### *Paralítico*

14.- Tendo subido numa barca, Jesus atravessou o lago e veio à sua cidade (Cafarnaum). E como lhe apresentaram um paralítico deitado em uma maca, Jesus, notando a fé do paralítico, disse a ele: "Meu filho, tenha confiança! Teus pecados estão perdoados!"

fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos uma força de inércia que paralisa a ação. **Com** isso, **compreendemos** que dois enfermos que sofrem da mesma doença, **estando** na presença de um curador, um possa ser curado e o outro não. É este um dos mais importantes princípios da mediunidade curadora e que explica, por uma causa muito natural, certas anomalias aparentes. (Cap. XIV, nº 31, 32 e 33)

### *Cego de Betsaida*

12.- Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediam que o tocasse.

E tomando o cego pela mão, ele o levou para fora da aldeia; passou-lhe saliva nos olhos e, impondo as mãos sobre ele, perguntou-lhe se via alguma coisa. O homem, enxergando, disse: "Vejo homens andando que para mim se parecem com árvores." Jesus lhe colocou de novo as mãos sobre os olhos e ele começou a enxergar melhor; por fim, ficou tão perfeitamente curado que via todas as coisas distintamente.

Ele o mandou para casa, dizendo-lhe: "Vai para tua casa; e se entrar na aldeia, não diga a ninguém o que aconteceu contigo." (Marcos, 8:22 a 26)

13.- Aqui, o efeito magnético é evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e proporcional a uma ação prolongada e reiterada — se bem que mais rápida do que na magnetização comum. A primeira sensação daquele homem foi exatamente a que os cegos experimentam ao recobrem a vista; por um efeito de ótica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.

### *Paralítico*

14.- Tendo subido numa barca, Jesus atravessou o lago e veio à sua cidade (Cafarnaum). E como lhe apresentaram um paralítico deitado em uma maca, Jesus, notando a fé do paralítico, disse a ele: "Meu filho, tenha confiança! Teus pecados estão perdoados!"

Com isso alguns escribas disseram entre si: "Este homem blasfema". Mas Jesus, *tendo percebido o que eles pensavam*, perguntou-lhes: "Por que vocês conservam maus pensamentos em seus corações? Pois, o que é mais fácil: dizer 'Teus pecados estão perdoados' ou dizer 'Levanta-te e anda'? Ora, para que saibam que o Filho do homem tem na Terra o poder de remitir os pecados: Levanta-te! — disse então ao paralítico — Pegue a tua maca e vai para tua casa!"

O paralítico levantou-se imediatamente e foi para sua casa. E o povo, vendo aquele milagre, encheu-se de temor e rendeu graças a Deus por haver concedido tal poder aos homens (Mateus, 9:1 a 8).

15.- Que significariam aquelas palavras "Teus pecados estão perdoados" e em que elas podiam servir para a cura? O Espiritismo lhes dá a explicação, como a uma infinidade de outras palavras incompreendidas até hoje; ele ensina que, pela lei da pluralidade das existências, os males e as aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, e que sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em existência anterior: as diversas existências são solidárias umas com as outras, até que tenhamos pago a dívida de nossas imperfeições.

Portanto, se a enfermidade daquele homem era uma expiação do mal que ele havia cometido, Jesus ao dizer-lhe: "Teus pecados estão perdoados" era como lhe dizer "Você pagou a tua dívida; a causa da tua enfermidade está cessada pela tua presente fé; conseguintemente, você merece ficar livre da tua doença". Daí o fato de ele haver dito aos escribas: "Tão fácil é dizer 'Teus pecados estão perdoados', como 'Levanta-te e anda'."; cessada a causa, o efeito tem que cessar. É exatamente o mesmo caso do prisioneiro a quem se declara: "Teu crime está expiado e perdoado", o que equivaleria a lhe dizermos "Pode sair da prisão".

### *Os dez leprosos*

16.- Um dia, indo para Jerusalém, passava pelos confins da Samaria e da Galileia, estando prestes a entrar

Com isso alguns escribas disseram entre si: "Este homem blasfema". Mas Jesus, *tendo percebido o que eles pensavam*, perguntou-lhes: "Por que vocês conservam maus pensamentos em seus corações? Pois, o que é mais fácil: dizer 'Teus pecados estão perdoados' ou dizer 'Levanta-te e anda'? Ora, para que saibam que o Filho do homem tem na Terra o poder de remitir os pecados: Levanta-te! — disse então ao paralítico — Pegue a tua maca e vai para tua casa!"

O paralítico levantou-se imediatamente e foi para sua casa. E o povo, vendo aquele milagre, encheu-se de temor e rendeu graças a Deus por haver concedido tal poder aos homens (Mateus, 9:1 a 8).

15.- Que significariam aquelas palavras "Teus pecados estão perdoados" e em que elas podiam servir para a cura? O Espiritismo lhes dá a explicação, como a uma infinidade de outras palavras incompreendidas até hoje; ele ensina que, pela lei da pluralidade das existências, os males e as aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, e que sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em existência anterior: as diversas existências são solidárias umas com as outras, até que tenhamos pago a dívida de nossas imperfeições.

Portanto, se a enfermidade daquele homem era uma expiação do mal que ele havia cometido, Jesus ao dizer-lhe: "Teus pecados estão perdoados" era como lhe dizer "Você pagou a tua dívida; a causa da tua enfermidade está cessada pela tua presente fé; conseguintemente, você merece ficar livre da tua doença". Daí o fato de ele haver dito aos escribas: "Tão fácil é dizer 'Teus pecados estão perdoados', como 'Levanta-te e anda'."; cessada a causa, o efeito tem que cessar. É exatamente o mesmo caso do prisioneiro a quem se declara: "Teu crime está expiado e perdoado", o que equivaleria a lhe dizermos "Pode sair da prisão".

### *Os dez leprosos*

16.- Um dia, indo para Jerusalém, passava pelos confins da Samaria e da Galileia, estando prestes a entrar

numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro e, mantendo-se afastados, elevaram suas vozes dizendo: "Jesus, nosso Mestre, tem piedade de nós!" Logo que os percebeu, disse a eles: "Vão e se apresentem aos sacerdotes!" E enquanto iam lá, eles ficaram curados.

Um deles, vendo que estava curado, voltou aos passos, glorificando a Deus em altas vozes; e vindo se lançar aos pés Jesus, com o rosto em terra, rendendo-lhe graças; e esse era samaritano.

Então Jesus disse: "Todos os dez não ficaram curados? Onde estão portanto os outros nove? Não se acha nenhum deles que tenha voltado e rendido glória a Deus, a não ser este estrangeiro." E disse a esse: "Levante-se e vá; tua fé te salvou!" (Lucas, 17:11 a 19).

17.- Os samaritanos eram cismáticos — mais ou menos como os protestantes são em relação aos católicos — e desprezados pelos Judeus como heréticos. Curando indistintamente os judeus e os samaritanos, Jesus dava ao mesmo tempo uma lição e um exemplo de tolerância; e destacando que só o samaritano havia voltado para glorificar a Deus, mostrava que havia nele maior soma de verdadeira fé e de reconhecimento do que nos que se diziam ortodoxos. Acrescentando "Tua fé te salvou", fez ver que Deus considera o que há no íntimo do coração e não na forma exterior da adoração. Entretanto, também os outros tinham sido curados; e isso era necessário para lição que ele queria dar, e provar a ingratidão deles; no entanto, quem sabe o que isso lhes terá resultado e se eles teriam se beneficiado do favor que lhes foi concedido? Ao dizer ao samaritano "Tua fé te salvou", Jesus dá a entender que não havia ocorrido o mesmo aos outros.

### *Mão seca*

18.- Doutra vez Jesus entrou na sinagoga e ali encontrou um homem que tinha uma das mãos seca. E eles o observavam para ver se ele o curaria num dia de sábado, para terem um motivo de acusá-lo. Então, ele disse ao homem que tinha a mão seca: "Levante-se e se coloque ali no meio!" Depois, disse àqueles: "É permitido em dia de sábado fazer o

numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro e, mantendo-se afastados, elevaram suas vozes dizendo: "Jesus, nosso Mestre, tem piedade de nós!" Logo que os percebeu, disse a eles: "Vão e se apresentem aos sacerdotes!" E enquanto iam lá, eles ficaram curados.

Um deles, vendo que estava curado, voltou aos passos, glorificando a Deus em altas vozes; e vindo se lançar aos pés Jesus, com o rosto em terra, rendendo-lhe graças; e esse era samaritano.

Então Jesus disse: "Todos os dez não ficaram curados? Onde estão portanto os outros nove? Não se acha nenhum deles que tenha voltado e rendido glória a Deus, a não ser este estrangeiro." E disse a esse: "Levante-se e vá; tua fé te salvou!" (Lucas, 17:11 a 19).

17.- Os samaritanos eram cismáticos — mais ou menos como os protestantes são em relação aos católicos — e desprezados pelos Judeus como heréticos. Curando indistintamente os judeus e os samaritanos, Jesus dava ao mesmo tempo uma lição e um exemplo de tolerância; e destacando que só o samaritano havia voltado para glorificar a Deus, mostrava que havia nele maior soma de verdadeira fé e de reconhecimento do que nos que se diziam ortodoxos. Acrescentando "Tua fé te salvou", fez ver que Deus considera o que há no íntimo do coração e não na forma exterior da adoração. Entretanto, também os outros tinham sido curados; e isso era necessário para lição que ele queria dar, e provar a ingratidão deles; no entanto, quem sabe o que isso lhes terá resultado e se eles teriam se beneficiado do favor que lhes foi concedido? Ao dizer ao samaritano "Tua fé te salvou", Jesus dá a entender que não havia ocorrido o mesmo aos outros.

### *Mão seca*

18.- Doutra vez Jesus entrou na sinagoga e ali encontrou um homem que tinha uma das mãos seca. E eles o observavam para ver se ele o curaria num dia de sábado, para terem um motivo de acusá-lo. Então, ele disse ao homem que tinha a mão seca: "Levante-se e se coloque ali no meio!" Depois, disse àqueles: "É permitido em dia de sábado fazer o

bem ou mal, salvar a vida ou tirá-la?" Eles permaneceram em silêncio. Ele, porém, encarando-os com indignação, afligido que estava com a dureza dos corações deles, disse ao homem: "Estende a tua mão!" Ele a estendeu e ela sarou.

Imediatamente os fariseus saíram e tramaram contra ele junto aos herodianos, sobre o meio de eliminá-lo. Mas, Jesus se retirou com seus discípulos para o mar, onde uma grande multidão de gente o seguia da Galileia e da Judéia, de Jerusalém, da Iduméia e de além do Jordão; e os das cercanias de Tiro e de Sídon, tendo ouvido falar das coisas que ele fazia, vieram em grande número ao seu encontro. (Marcos, 3:1 a 8)

### *A mulher curvada*

19.- Todos os dias de sábado Jesus ensinava numa sinagoga. E um dia, ele viu ali uma mulher possuída de um Espírito que a deixava doente há dezoito anos; e ela era tão curvada que não podia olhar para cima. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: "Mulher, você está livre da tua enfermidade!" Ao mesmo tempo, ele impôs as mãos sobre ela que, endireitando-se, rendeu graças a Deus.

Mas, o chefe da sinagoga, indignado por Jesus haver curado num dia de sábado, disse ao povo: "Há seis dias destinados ao trabalho; venham nesses dias para serem curados e não nos dias de sábado!"

O Senhor, tomando a palavra, disse-lhe: "**Hipócritas**, qual de vocês não solta da carga o seu boi ou seu jumento em dia de sábado e não o leva a beber? Por que então não se deveria libertar dos laços que a prendiam, em um dia de sábado, esta filha de Abraão, que Satanás conservara presa durante dezoito anos?"

A estas palavras, todos os seus adversários ficaram confusos e todo o povo encantado de vê-lo praticar tantas ações gloriosas (Lucas, 13:10 a 17).

20.- Este fato prova que naquela época a maior parte das enfermidades era atribuída ao demônio e que, como ainda hoje, todos confundiam os possessos com os doentes, mas em sentido inverso, isto é, hoje, os que não acreditam nos maus Espíritos confundem as obsessões com as moléstias patológicas.

bem ou mal, salvar a vida ou tirá-la?" Eles permaneceram em silêncio. Ele, porém, encarando-os com indignação, afligido que estava com a dureza dos corações deles, disse ao homem: "Estende a tua mão!" Ele a estendeu e ela sarou.

Imediatamente os fariseus saíram e tramaram contra ele junto aos herodianos, sobre o meio de eliminá-lo. Mas, Jesus se retirou com seus discípulos para o mar, onde uma grande multidão de gente o seguia da Galileia e da Judéia, de Jerusalém, da Iduméia e de além do Jordão; e os das cercanias de Tiro e de Sídon, tendo ouvido falar das coisas que ele fazia, vieram em grande número ao seu encontro. (Marcos, 3:1 a 8)

### *A mulher curvada*

19.- Todos os dias de sábado Jesus ensinava numa sinagoga. E um dia, ele viu ali uma mulher possuída de um Espírito que a deixava doente há dezoito anos; e ela era tão curvada que não podia olhar para cima. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: "Mulher, você está livre da tua enfermidade!" Ao mesmo tempo, ele impôs as mãos sobre ela que, endireitando-se, rendeu graças a Deus.

Mas, o chefe da sinagoga, indignado por Jesus haver curado num dia de sábado, disse ao povo: "Há seis dias destinados ao trabalho; venham nesses dias para serem curados e não nos dias de sábado!"

O Senhor, tomando a palavra, disse-lhe: "**Hipócrita**, qual de vocês não solta da carga o seu boi ou seu jumento em dia de sábado e não o leva a beber? Por que então não se deveria libertar dos laços que a prendiam, em um dia de sábado, esta filha de Abraão, que Satanás conservara presa durante dezoito anos?"

A estas palavras, todos os seus adversários ficaram confusos e todo o povo encantado de vê-lo praticar tantas ações gloriosas (Lucas, 13:10 a 17).

20.- Este fato prova que naquela época a maior parte das enfermidades era atribuída ao demônio e que, como ainda hoje, todos confundiam os possessos com os doentes, mas em sentido inverso, isto é, hoje, os que não acreditam nos maus Espíritos confundem as obsessões com as moléstias patológicas.

*Paralítico da piscina*

21.- Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, que em hebreu se chama *Betsaida*, a qual tinha cinco galerias — onde em grande número se achavam deitados doentes, cegos, coxos e os que tinham os membros ressecados, todos à espera que as águas fossem agitadas — pois, em certa época, o anjo do Senhor descia àquela piscina e lhe movimentava a água; e aquele que fosse o primeiro a entrar nela depois de a água ter sido movimentada ficava curado, qualquer que fosse a sua doença.

Então havia lá um homem que se achava doente há trinta e oito anos. Jesus, tendo-o visto deitado e sabendo que ele era doente desde longo tempo, indagou-lhe: "Quer ficar curado?" O enfermo respondeu: "Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina depois que a água tiver sido agitada, e durante o tempo que levo para chegar lá, outro desce antes de mim." Disse-lhe Jesus: "Levante-se, toma a tua maca e caminha!" No mesmo instante o homem ficou curado e, pegando a sua maca, pôs-se a andar. Ora, aquele dia era um sábado.

Então os judeus disseram àquele que foi curado: "Hoje é sábado; não te é permitido carregar a tua maca." Respondeu o homem: "Aquele que me curou disse: toma a tua maca e anda!" Perguntaram-lhe eles então: "Quem foi esse homem que te disse: toma o teu leito e anda?" Mas, nem mesmo o homem que se curou sabia quem o havia curado, porque Jesus havia se retirado do meio da multidão que lá estava.

Depois, Jesus encontrou aquele homem no templo e lhe disse: "Veja que foi curado; não torne a pecar no futuro, para que te não aconteça coisa pior!"

O homem foi ter com os judeus e disse a eles que foi Jesus quem o havia curado. Era por essa razão os judeus perseguiam a Jesus, porque ele fazia aquelas coisas em um dia de sábado. Então, Jesus lhes disse: "Meu Pai não para de trabalhar **atualmente** e eu também trabalho incessantemente." (João, 5:1 a 17).

22.- Entre os romanos, "piscina" (do latim *piscis*, peixe) significava reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes. Mais tarde, o

*Paralítico da piscina*

21.- Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, que em hebreu se chama *Betsaida*, a qual tinha cinco galerias — onde em grande número se achavam deitados doentes, cegos, coxos e os que tinham os membros ressecados, todos à espera que as águas fossem agitadas — pois, em certa época, o anjo do Senhor descia àquela piscina e lhe movimentava a água; e aquele que fosse o primeiro a entrar nela depois de a água ter sido movimentada ficava curado, qualquer que fosse a sua doença.

Então havia lá um homem que se achava doente há trinta e oito anos. Jesus, tendo-o visto deitado e sabendo que ele era doente desde longo tempo, indagou-lhe: "Quer ficar curado?" O enfermo respondeu: "Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina depois que a água tiver sido agitada, e durante o tempo que levo para chegar lá, outro desce antes de mim." Disse-lhe Jesus: "Levante-se, toma a tua maca e caminha!" No mesmo instante o homem ficou curado e, pegando a sua maca, pôs-se a andar. Ora, aquele dia era um sábado.

Então os judeus disseram àquele que foi curado: "Hoje é sábado; não te é permitido carregar a tua maca." Respondeu o homem: "Aquele que me curou disse: toma a tua maca e anda!" Perguntaram-lhe eles então: "Quem foi esse homem que te disse: toma o teu leito e anda?" Mas, nem mesmo o homem que se curou sabia quem o havia curado, porque Jesus havia se retirado do meio da multidão que lá estava.

Depois, Jesus encontrou aquele homem no Templo e lhe disse: "Veja que foi curado; não torne a pecar no futuro, para que te não aconteça coisa pior!"

O homem foi ter com os judeus e disse a eles que foi Jesus quem o havia curado. Era por essa razão os judeus perseguiam a Jesus, porque ele fazia aquelas coisas em um dia de sábado. Então, Jesus lhes disse: "Meu Pai não para de trabalhar **até ao presente** e eu também trabalho incessantemente." (João, 5:1 a 17).

22.- Entre os romanos, "piscina" (da **palavra**<sup>2</sup> latina *piscis*, peixe) significava reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes. Mais tarde, o

<sup>2</sup> du latin ⇒ du mot latin. Há alteração no texto em português, porque, na primeira edição, "latim" é masculino e, na quinta edição, "palavra" é feminina. Além disso, na primeira edição, *latin* é substantivo e, na quinta edição, é adjetivo, alterando a tradução.



termo foi estendido aos tanques destinados a banhos em comum.

A piscina de Betesda em Jerusalém era uma cisterna, próxima ao Templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parece ter tido propriedades curativas. Sem dúvida, era uma fonte intermitente, que em certas épocas jorrava com força agitando a água. Segundo a crença comum, esse era o momento mais propício às curas; na realidade, no momento de sua saída, talvez a água tivesse uma propriedade mais ativa, ou que a agitação produzida pela água jorrante fizesse remoer o lado salutar contra algumas moléstias. Tais efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos hoje; mas então, as ciências estavam pouco adiantadas e todos viam uma causa sobrenatural na maioria dos fenômenos incompreendidos. Os judeus atribuíam a agitação daquela água à presença de um anjo e tanto mais fundadas lhes pareciam essas crenças, quanto viam que naquelas ocasiões a água se mostrava mais curativa.

Depois de haver curado aquele homem, Jesus lhe disse “Não volte a pecar no futuro, a fim de que não te aconteça coisa pior”. Por essas palavras, deu-lhe a entender que a sua doença era uma punição e que, se ele não se melhorasse, poderia vir a ser punido de novo e ainda mais rigorosamente. Essa doutrina é inteiramente conforme à que o Espiritismo ensina.

23.- Parecia que Jesus fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, a pretexto de protestar contra o rigor dos fariseus no tocante à guarda desse dia. Queria mostrar a eles que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades, mas que a piedade está nos sentimentos do coração. Justificava-se declarando “Meu Pai não cessa de trabalhar até ao presente e eu também trabalho incessantemente”; quer dizer: “Deus não

termo foi estendido aos tanques destinados a banhos em comum.

A piscina de Betesda em Jerusalém era uma cisterna, próxima ao Templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parece ter tido propriedades curativas. Sem dúvida, era uma fonte intermitente, que em certas épocas jorrava com força agitando a água. Segundo a crença comum, esse era o momento mais propício às curas; na realidade, no momento de sua saída, talvez a água tivesse uma propriedade mais ativa, ou que a agitação produzida pela água jorrante fizesse remoer o lado salutar contra algumas moléstias. Tais efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos hoje; mas então, as ciências estavam pouco adiantadas e todos viam uma causa sobrenatural na maioria dos fenômenos incompreendidos. Os judeus atribuíam a agitação daquela água à presença de um anjo e tanto mais fundadas lhes pareciam essas crenças, quanto viam que naquelas ocasiões a água se mostrava mais curativa.

Depois de haver curado aquele homem, Jesus lhe disse “Não volte a pecar no futuro, a fim de que não te aconteça coisa pior”. Por essas palavras, deu-lhe a entender que a sua doença era uma punição e que, se ele não se melhorasse, poderia vir a ser punido de novo e ainda mais rigorosamente. Essa doutrina é inteiramente conforme à que o Espiritismo ensina.

23.- Parecia que Jesus fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, a pretexto de protestar contra o rigor dos fariseus no tocante à guarda desse dia. Queria mostrar a eles que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades, mas que a piedade está nos sentimentos do coração. Justificava-se declarando “Meu Pai não cessa de trabalhar até ao presente e eu também trabalho incessantemente”; quer dizer: “Deus não

interrompe suas obras, nem sua ação sobre as coisas da natureza nos dias de sábado, e não deixa de fazer que se produza tudo quanto é necessário à alimentação e à saúde de vocês; e eu sigo o mesmo exemplo”.

### *Cego de nascença*

24.- Quando Jesus passou, viu um homem que era cego de nascença; e seus discípulos lhe interrogaram: "Mestre, foi o pecado desse homem ou o daqueles que o puseram no mundo que deu causa a que ele nascesse cego?"

Jesus lhes respondeu: "Não é porque ele pecou, nem pelo pecado dos que o puseram no mundo; mas para que as obras do poder de Deus se evidenciem nele. É preciso que eu faça as obras **d'Aquele** que me enviou enquanto é dia; a noite vem, na qual ninguém pode agir. Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo."

Tendo dito isso, cuspiu no chão, e tendo feito lama com a sua saliva, ungiu com essa lama os olhos do cego lhe dizendo: "**Vai**<sup>3</sup> lavar-te na piscina de Siloé!" [que significa *Enviado*]. Ele foi lá, lavou-se e voltou vendo claramente.

Seus vizinhos e os que o viam antes a pedir esmolas diziam: "Este não é aquele que estava assentado e pedia esmola?" Uns respondiam: "É ele"; outros diziam: "Não, é alguém que se parece com ele". Porém, o homem lhes dizia: "Sou eu mesmo". Perguntaram-lhe então: "Como seus olhos se abriram?" Ele respondeu: "Aquele homem que se chama Jesus fez um pouco de lama e passou nos meus olhos, **dizendo**<sup>4</sup> 'Vai à piscina de Siloé e lava-te'. Fui, lavei-me e agora enxergo." Retrucaram-lhe: "Onde está ele?" O homem respondeu: "Não sei."

Levaram então aos fariseus aquele homem que era cego. Ora, foi num dia de sábado que Jesus havia feito aquela lama e lhe aberto os olhos.

Também os fariseus o interrogaram para saber como ele havia ganho a visão. E ele lhes disse: "Ele me pôs lama nos olhos, eu me lavei e enxergo." Ao que alguns fariseus retrucaram: "Esse homem não é enviado de Deus, pois que não guarda o sábado." Outros, porém, diziam: "Como poderia um homem mau fazer tais prodígios?" E surgiu então desacordo entre eles.

Disseram de novo ao que era cego: "E tu, que diz desse homem que te abriu os olhos?" Ele respondeu: "Digo que é

interrompe suas obras, nem sua ação sobre as coisas da natureza nos dias de sábado, e não deixa de fazer que se produza tudo quanto é necessário à alimentação e à saúde de vocês; e eu sigo o mesmo exemplo”.

### *Cego de nascença*

24.- Quando Jesus passou, viu um homem que era cego de nascença; e seus discípulos lhe interrogaram: "Mestre, foi o pecado desse homem ou o daqueles que o puseram no mundo que deu causa a que ele nascesse cego?"

Jesus lhes respondeu: "Não é porque ele pecou, nem pelo pecado dos que o puseram no mundo; mas para que as obras do poder de Deus se evidenciem nele. É preciso que eu faça as obras **d'aquele** que me enviou enquanto é dia; a noite vem, na qual ninguém pode agir. Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo."

Tendo dito isso, cuspiu no chão, e tendo feito lama com a sua saliva, ungiu com essa lama os olhos do cego lhe dizendo: "**Vai** lavar-te na piscina de Siloé!" [que significa *Enviado*]. Ele foi lá, lavou-se e voltou vendo claramente.

Seus vizinhos e os que o viam antes a pedir esmolas diziam: "Este não é aquele que estava assentado e pedia esmola?" Uns respondiam: "É ele"; outros diziam: "Não, é alguém que se parece com ele". Porém, o homem lhes dizia: "Sou eu mesmo". Perguntaram-lhe então: "Como seus olhos se abriram?" Ele respondeu: "Aquele homem que se chama Jesus fez um pouco de lama e passou nos meus olhos, dizendo 'Vai à piscina de Siloé e lava-te'. Fui, lavei-me e agora enxergo." Retrucaram-lhe: "Onde está ele?" O homem respondeu: "Não sei."

Levaram então aos fariseus aquele homem que era cego. Ora, foi num dia de sábado que Jesus havia feito aquela lama e lhe aberto os olhos.

Também os fariseus o interrogaram para saber como ele havia ganho a visão. E ele lhes disse: "Ele me pôs lama nos olhos, eu me lavei e enxergo." Ao que alguns fariseus retrucaram: "Esse homem não é enviado de Deus, pois que não guarda o sábado." Outros, porém, diziam: "Como poderia um homem mau fazer tais prodígios?" E surgiu então desacordo entre eles.

Disseram de novo ao que era cego: "E tu, que diz desse homem que te abriu os olhos?" Ele respondeu: "Digo que é

<sup>3</sup> Allez-vous ⇒ Allez vous

<sup>4</sup> et il m'a dit ⇒ et m'a dit

um profeta." Mas, os judeus não acreditaram que aquele homem tivesse sido cego e que tivesse ganho a vista enquanto não fizeram vir o seu pai e a sua mãe para os interrogaram assim: "É este o filho de vocês, que dizem ter nascido cego? Como é que ele agora vê?" O pai e a mãe responderam: "Sabemos que esse é nosso filho e que nasceu cego; porém, não sabemos como agora vê e tampouco sabemos quem lhe abriu os olhos. Interroguem-no; ele já tem idade, que responda por si mesmo."

Seu pai e sua mãe falavam desse modo, porque temiam os Judeus, visto que estes já haviam resolvido em comum que *qualquer um que reconhecesse a Jesus como sendo o Cristo seria expulso da sinagoga*. Foi o que obrigou o pai e a mãe a responderem: "Ele já tem idade; interroguem-no".

Chamaram pela segunda vez o homem que era cego e lhe disseram: "Glorifique a Deus; sabemos que esse homem é um pecador!" Ele lhes respondeu: "Se é um pecador, eu não sei; tudo o que sei é que eu era cego e agora vejo." Tornaram a lhe perguntar: "O que ele te fez e como ele abriu os teus olhos?" Respondeu o homem: "Já disse isso a vocês e bem me ouviram; por que querem ouvir uma segunda vez? Será que querem se tornar discípulos dele?" Ao que eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: "Seja você discípulo dele! Quanto a nós, somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas quanto a este, não sabemos de onde saiu."

O homem lhes respondeu: "É de espantar que não saibam donde ele é, e nem que ele tenha aberto os meus olhos. Ora, sabemos que Deus não exalta os pecadores; mas sim àquele que o honra e faz a sua vontade; a esse, Deus exalta. Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se esse homem não fosse um enviado de Deus, ele não poderia fazer nada de tudo o que tem feito."

Os fariseus lhe retrucaram: "Você não passa de um pecado desde o ventre de tua mãe, e quer ensinar a nós?" E o expulsaram. (João, 9:1 a 34)

25.- Esta narrativa tão simples traz em si o cunho evidente da veracidade. Nada aí há de fantasista, nem de maravilhoso; é uma cena da vida real apanhada em flagrante. A linguagem daquele cego é exatamente a desses homens simples, nos quais o saber é suprido pelo bom senso, e que retrucam aos argumentos de seus adversários com bondade, por razões a que não faltam justeza, nem propósito. O tom dos fariseus, por outro lado, é o dos orgulhosos que nada admitem acima de suas

um profeta." Mas, os judeus não acreditaram que aquele homem tivesse sido cego e que tivesse ganho a vista enquanto não fizeram vir o seu pai e a sua mãe para os interrogaram assim: "É este o filho de vocês, que dizem ter nascido cego? Como é que ele agora vê?" O pai e a mãe responderam: "Sabemos que esse é nosso filho e que nasceu cego; porém, não sabemos como agora vê e tampouco sabemos quem lhe abriu os olhos. Interroguem-no; ele já tem idade, que responda por si mesmo."

Seu pai e sua mãe falavam desse modo, porque temiam os Judeus, visto que estes já haviam resolvido em comum que *qualquer um que reconhecesse a Jesus como sendo o Cristo seria expulso da sinagoga*. Foi o que obrigou o pai e a mãe a responderem: "Ele já tem idade; interroguem-no".

Chamaram pela segunda vez o homem que era cego e lhe disseram: "Glorifique a Deus; sabemos que esse homem é um pecador!" Ele lhes respondeu: "Se é um pecador, eu não sei; tudo o que sei é que eu era cego e agora vejo." Tornaram a lhe perguntar: "O que ele te fez e como ele abriu os teus olhos?" Respondeu o homem: "Já disse isso a vocês e bem me ouviram; por que querem ouvir uma segunda vez? Será que querem se tornar discípulos dele?" Ao que eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: "Seja você discípulo dele! Quanto a nós, somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas quanto a este, não sabemos de onde saiu."

O homem lhes respondeu: "É de espantar que não saibam donde ele é, e nem que ele tenha aberto os meus olhos. Ora, sabemos que Deus não exalta os pecadores; mas sim àquele que o honra e faz a sua vontade; a esse, Deus exalta. Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se esse homem não fosse um enviado de Deus, ele não poderia fazer nada de tudo o que tem feito."

Os fariseus lhe retrucaram: "Você não passa de um pecado desde o ventre de tua mãe, e quer ensinar a nós?" E o expulsaram. (João, 9:1 a 34)

25.- Esta narrativa tão simples traz em si o cunho evidente da veracidade. Nada aí há de fantasista, nem de maravilhoso; é uma cena da vida real apanhada em flagrante. A linguagem daquele cego é exatamente a desses homens simples, nos quais o saber é suprido pelo bom senso, e que retrucam aos argumentos de seus adversários com bondade, por razões a que não faltam justeza, nem propósito. O tom dos fariseus, por outro lado, é o dos orgulhosos que nada admitem acima de suas

inteligências e que se enchem de indignação com a simples ideia de que um homem do povo possa lhes corrigir. Fora o título dos nomes, diríamos que o fato é do nosso tempo.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja; era uma espécie de excomunhão. Os Espíritas — cuja doutrina é a do Cristo, interpretada de acordo com o progresso das luzes atuais — são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o Messias. Excomungando-os, eles os põem fora de a Igreja, como os escribas e os fariseus fizeram com os seguidores do Cristo. Assim, aí está um homem que é expulso porque não pode admitir que aquele que o havia curado seja **um pecador e** um possesso do demônio e porque glorifica a Deus pela sua cura! Não é o que fazem **pelos** Espíritas? O que é que eles obtêm: sábios conselhos dos Espíritos, a reconciliação com Deus e com o bem, curas — tudo isso é obra do diabo e lança-se maldição. Não se têm visto padres declararem, do alto do púlpito, *que é melhor permanecer incrédulo do que resgatar a fé por meio do Espiritismo?* Não há os que dizem a doentes que estes não deviam ter procurado curar-se pelos Espíritas que possuem esse dom, porque esse dom é satânico?

Que outra coisa diziam ou faziam os padres judeus e os fariseus? De resto, diz-se que tudo hoje tem que se passar como foi no tempo do Cristo.

Essa pergunta dos discípulos “Foi algum pecado deste homem que causou ele *nascer* cego?” indica a intuição de uma existência anterior, pois do contrário, ela não teria sentido, pois o pecado que seria a causa de uma enfermidade de *nascença* deveria ter sido cometido antes do nascimento e, portanto, numa existência anterior. Se Jesus tivesse visto nisso uma ideia falsa, ele teria lhes

inteligências e que se enchem de indignação com a simples ideia de que um homem do povo possa lhes corrigir. Fora o título dos nomes, diríamos que o fato é do nosso tempo.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja; era uma espécie de excomunhão. Os Espíritas — cuja doutrina é a do Cristo, interpretada de acordo com o progresso das luzes atuais — são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o Messias. Excomungando-os, eles os põem fora de a Igreja, como os escribas e os fariseus fizeram com os seguidores do Cristo. Assim, aí está um homem que é expulso porque não pode admitir que aquele que o havia curado seja um possesso do demônio e porque glorifica a Deus pela sua cura! Não é o que fazem **com os** Espíritas? O que é que eles obtêm: sábios conselhos dos Espíritos, a reconciliação com Deus e com o bem, curas — tudo isso é obra do diabo e lança-se maldição. Não se têm visto padres declararem, do alto do púlpito, *que é melhor permanecer incrédulo do que resgatar a fé por meio do Espiritismo?* Não há os que dizem a doentes que estes não deviam ter procurado curar-se pelos Espíritas que possuem esse dom, porque esse dom é satânico? **Não há os que pregam que os necessitados não devem aceitar o pão que os espíritas distribuem, por ser esse pão do diabo?** Que outra coisa diziam ou faziam os padres judeus e os fariseus? De resto, diz-se que tudo hoje tem que se passar como foi no tempo do Cristo.

Essa pergunta dos discípulos “Foi algum pecado deste homem que causou ele *nascer* cego?” indica a intuição de uma existência anterior, pois do contrário, ela não teria sentido, pois o pecado que seria a causa de uma enfermidade de *nascença* deveria ter sido cometido antes do nascimento e, portanto, numa existência anterior. Se Jesus tivesse visto nisso uma ideia falsa, ele teria lhes

dito “Como este homem poderia ter pecado antes de ter nascido?”. Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego não por ter pecado, mas para que o poder de Deus se revelasse nele; isto é, que ele deveria ser o instrumento de uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, seria uma provação que deveria servir ao seu progresso, pois Deus, que é justo, não poderia lhe dar um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita de saliva e terra não podia conter nenhuma virtude, a não ser pela ação do fluido curativo de nela fosse impregnada; é assim que as mais insignificantes substâncias (por exemplo, a água) podem adquirir qualidades poderosas e efetivas sob a ação do fluido espiritual ou magnético ao qual elas servem de veículo, ou se quiserem, de reservatório.

#### *Numerosas curas operadas por Jesus*

26.- Jesus ia por toda a Galiléia ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todas as fraquezas e todas as enfermidades no meio do povo. E sua reputação tendo se espalhado por toda a Síria, traziam-lhe todos os que estavam doentes e afligidos por dores e males diversos, os possessos, os lunáticos, os paralíticos, e ele curava a todos; e uma grande multidão de povo o seguia da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e **de além<sup>5</sup>** Jordão (Mateus, 4:23 a 25).

27.- De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, sem dúvidas que os mais numerosos são as curas; ele queria provar dessa forma que o verdadeiro poder é aquele que faz o bem, que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes por meio de coisas extraordinárias.

dito “Como este homem poderia ter pecado antes de ter nascido?”. Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego não por ter pecado, mas para que o poder de Deus se revelasse nele; isto é, que ele deveria ser o instrumento de uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, seria uma provação que deveria servir ao seu progresso, pois Deus, que é justo, não poderia lhe dar um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita de saliva e terra não podia conter nenhuma virtude, a não ser pela ação do fluido curativo de nela fosse impregnada; é assim que as mais insignificantes substâncias (por exemplo, a água) podem adquirir qualidades poderosas e efetivas sob a ação do fluido espiritual ou magnético ao qual elas servem de veículo, ou se quiserem, de reservatório.

#### *Numerosas curas operadas por Jesus*

26.- Jesus ia por toda a Galiléia ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todas as fraquezas e todas as enfermidades no meio do povo. E sua reputação tendo se espalhado por toda a Síria, traziam-lhe todos os que estavam doentes e afligidos por dores e males diversos, os possessos, os lunáticos, os paralíticos, e ele curava a todos; e uma grande multidão de povo o seguia da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e **de além<sup>5</sup>** Jordão (Mateus, 4:23 a 25).

27.- De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, sem dúvidas que os mais numerosos são as curas; ele queria provar dessa forma que o verdadeiro poder é aquele que faz o bem, que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes por meio de coisas extraordinárias.

<sup>5</sup> d'au delà ⇒ d'au-delà

Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia adeptos mais numerosos e sinceros do que se apenas os encantasse com espetáculos para os olhos. Daquele modo, fazia-se amado, ao passo que se ficasse limitado a produzir fatos materiais surpreendentes — conforme os fariseus lhes pediam — a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro, ou um mágico hábil, que *os desocupados quisessem ver para se distraírem*.

Assim, quando João Batista manda seus discípulos lhe perguntar se ele era o Cristo, ele não respondeu “Eu sou o Cristo”, como qualquer impostor teria dito; tampouco ele lhes fala de prodígios e nem de coisas maravilhosas, mas responde simplesmente “Vão dizer a João: os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o Evangelho é anunciado aos pobres”. Era o mesmo que dizer “Reconheçam-me pelas minhas obras; julguem a árvore pelo seu fruto”, pois era esse o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28.- Também pelo bem que faz, o Espiritismo prova que a sua missão é providencial. Ele cura os males físicos, mas sobretudo cura as doenças morais e esses são os maiores prodígios pelos quais se afirma. Seus adeptos mais sinceros não são os que se sentem encantados pela observação de fenômenos extraordinários, mas aqueles que são tocados de coração pela consolação; aqueles que são libertos das torturas da dúvida; aqueles cuja coragem levantou nas aflições, que depositaram a força na certeza no futuro que ele veio trazer, no conhecimento do seu ser espiritual e no seu destino. Esses são aqueles de fé inabalável, porque sentem e compreendem.

Os que enxergam no Espiritismo unicamente efeitos materiais não podem compreender sua força moral; daí vem que os incrédulos que apenas o conhecem através de fenômenos — dos quais eles não admitem a causa primária — consideram os

Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia adeptos mais numerosos e sinceros do que se apenas os encantasse com espetáculos para os olhos. Daquele modo, fazia-se amado, ao passo que se ficasse limitado a produzir fatos materiais surpreendentes — conforme os fariseus lhes pediam — a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro, ou um mágico hábil, que *os desocupados quisessem ver para se distraírem*.

Assim, quando João Batista manda seus discípulos lhe perguntar se ele era o Cristo, ele não respondeu “Eu sou o Cristo”, como qualquer impostor teria dito; tampouco ele lhes fala de prodígios e nem de coisas maravilhosas, mas responde simplesmente “Vão dizer a João: os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o Evangelho é anunciado aos pobres”. Era o mesmo que dizer “Reconheçam-me pelas minhas obras; julguem a árvore pelo seu fruto”, pois era esse o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28.- Também pelo bem que faz, o Espiritismo prova que a sua missão é providencial. Ele cura os males físicos, mas sobretudo cura as doenças morais e esses são os maiores prodígios pelos quais se afirma. Seus adeptos mais sinceros não são os que se sentem encantados pela observação de fenômenos extraordinários, mas aqueles que são tocados de coração pela consolação; aqueles que são libertos das torturas da dúvida; aqueles cuja coragem levantou nas aflições, que depositaram a força na certeza no futuro que ele veio trazer, no conhecimento do seu ser espiritual e no seu destino. Esses são aqueles de fé inabalável, porque sentem e compreendem.

Os que enxergam no Espiritismo unicamente efeitos materiais não podem compreender sua força moral; daí vem que os incrédulos que apenas o conhecem através de fenômenos — dos quais eles não admitem a causa primária — consideram os

Espíritas meros ilusionistas e charlatões. Pois não será por meio de prodígios que o Espiritismo triunfará sobre a descrença, mas será pela multiplicação dos seus benefícios morais, porque se os incrédulos não admitem os prodígios, eles conhecem — como todo o mundo — o sofrimento e as aflições e ninguém recusa alívio e consolação. (cap. XIV, nº 30)

### POSSESSOS

29.- Vieram em seguida a Cafarnaum, e Jesus, primeiramente entrando na sinagoga em um dia de sábado, os instruíu; e eles se admiravam da sua doutrina, porque ele os ensinava como tendo autoridade e não como os escribas.

Ora, achava-se na sinagoga um homem possesso de um Espírito impuro, que exclamou chorando: "Que há entre ti e nós, Jesus de Nazaré? Você veio para nos destruir? Sei quem é você: é o santo de Deus!" Jesus, porém, falando-lhe ameaçadoramente, disse: "Cala-te e sai desse homem!" Então, o Espírito impuro saiu dele, agitando-se em violentas convulsões e soltando um forte grito.

Ficaram todos tão surpreendidos que se perguntavam uns aos outros: "O que é isto? E que nova doutrina é esta? Ele ordena com autoridade, até mesmo aos Espíritos impuros, e eles o obedecem!" (Marcos, 1:21 a 27).

30.- Depois que saíram, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. Tendo sido expulso o demônio, o mudo falou e o povo ficou tomado de admiração, e eles diziam: Jamais se viu coisa semelhante em Israel!

Mas os fariseus diziam, ao contrário: "É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios!" (Mateus, 9: 32 a 34)

31.- Quando chegou ao lugar onde estavam os outros discípulos, ele viu em torno destes uma grande multidão de pessoas e muitos escribas que com eles disputavam. Logo, percebendo a chegada de Jesus, todo o povo foi tomado de espanto e de temor; então correram e o saudaram.

Ele então perguntou: "Sobre o que disputavam em assembleia?" E um homem, do meio do povo, tomando a palavra, disse-lhe: "Mestre, eu te trouxe meu filho que está possesso de um Espírito mudo; em todo lugar onde dele se apossa, atira-o por terra e o menino espuma, range os dentes e se torna todo seco. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam."

Espíritas meros ilusionistas e charlatões. Pois não será por meio de prodígios que o Espiritismo triunfará sobre a descrença, mas será pela multiplicação dos seus benefícios morais, porque se os incrédulos não admitem os prodígios, eles conhecem — como todo o mundo — o sofrimento e as aflições e ninguém recusa alívio e consolação.

### POSSESSOS

29.- Vieram em seguida a Cafarnaum, e Jesus, primeiramente entrando na sinagoga em um dia de sábado, os instruíu; e eles se admiravam da sua doutrina, porque ele os ensinava como tendo autoridade e não como os escribas.

Ora, achava-se na sinagoga um homem possesso de um Espírito impuro, que exclamou chorando: "Que há entre ti e nós, Jesus de Nazaré? Você veio para nos destruir? Sei quem é você: é o santo de Deus!" Jesus, porém, falando-lhe ameaçadoramente, disse: "Cala-te e sai desse homem!" Então, o Espírito impuro saiu dele, agitando-se em violentas convulsões e soltando um forte grito.

Ficaram todos tão surpreendidos que se perguntavam uns aos outros: "O que é isto? e que nova doutrina é esta? Ele ordena com autoridade, até mesmo aos Espíritos impuros, e eles o obedecem!" (Marcos, 1:21 a 27).

30.- Depois que saíram, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. Tendo sido expulso o demônio, o mudo falou e o povo ficou tomado de admiração, e eles diziam: Jamais se viu coisa semelhante em Israel!

Mas os fariseus diziam, ao contrário: "É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios!" (Mateus, 9: 32 a 34)

31.- Quando chegou ao lugar onde estavam os outros discípulos, ele viu em torno destes uma grande multidão de pessoas e muitos escribas que com eles disputavam. Logo, percebendo a chegada de Jesus, todo o povo foi tomado de espanto e de temor; então correram e o saudaram.

Ele então perguntou: "Sobre o que disputavam em assembleia?" E um homem, do meio do povo, tomando a palavra, disse-lhe: "Mestre, eu te trouxe meu filho que está possesso de um Espírito mudo; em todo lugar onde dele se apossa, atira-o por terra e o menino espuma, range os dentes e se torna todo seco. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam."

Jesus lhe respondeu: "Ó gente incrédula! Até quando estarei com vocês? Até quando os suportarei?! Traga-me o menino!" Trouxeram-no e antes que visse Jesus, o Espírito começou a agitá-lo violentamente; ele caiu no chão, onde rolou espumando.

Jesus perguntou ao pai do menino: "Desde quando isto acontece com ele?" O pai respondeu: "Desde a infância. E o Espírito muitas vezes o tem lançado ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer; mas se puder fazer alguma coisa, tenha compaixão de nós e nos socorra!"

Respondeu-lhe Jesus: "Se puder crer, tudo é possível àquele que crê!" Logo, o pai do menino, banhado em lágrimas, exclamou: "Senhor, eu creio! Ajuda-me na minha incredulidade."

E Jesus, vendo que o povo acorria em multidão, falou em tom de **ameaça**<sup>6</sup> ao Espírito impuro, dizendo-lhe: "Espírito surdo e mudo: eu te ordeno que saia desse menino e não entre mais nele!" Então o Espírito saiu, soltando grande grito e agitando o menino em violentas convulsões, e o menino ficou como morto, de sorte que muitos diziam que ele havia morrido. Mas, tendo Jesus tomado as mãos do menino e erguendo-o, ele se levantou.

Quando Jesus entrou na casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: "Por que nós não pudemos expulsar aquele demônio?" Ele lhes respondeu: "Os demônios desta espécie não podem ser expulsos por outro meio senão pela prece e pelo jejum." (Marcos, 9:13 a 28)

32.- Apresentaram-lhe então um possesso cego e mudo e ele o curou, de modo que começou a falar e a ver. Todo o povo ficou tomado de admiração e dizia: "Não é esse o filho de Davi?"

Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: "Este homem não expulsa os demônios se não for com a ajuda de Belzebu, o príncipe dos demônios!"

Ora, conhecendo os pensamentos deles, Jesus lhes disse: "Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado e toda cidade ou casa que se divide contra si mesma não pode sobreviver. Se Satanás expulsa a Satanás, ele está dividido contra si mesmo, como então o seu reino poderá sobreviver? E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem seus filhos os expulsarão? Por isso, eles serão os seus próprios juizes. Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vocês." (Mateus, 12:22 a 28)

Jesus lhe respondeu: "Ó gente incrédula! Até quando estarei com vocês? Até quando os suportarei?! Traga-me o menino!" Trouxeram-no e antes que visse Jesus, o Espírito começou a agitá-lo violentamente; ele caiu no chão, onde rolou espumando.

Jesus perguntou ao pai do menino: "Desde quando isto acontece com ele?" O pai respondeu: "Desde a infância. E o Espírito muitas vezes o tem lançado ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer; mas se puder fazer alguma coisa, tenha compaixão de nós e nos socorra!"

Respondeu-lhe Jesus: "Se puder crer, tudo é possível àquele que crê!" Logo, o pai do menino, banhado em lágrimas, exclamou: "Senhor, eu creio! Ajuda-me na minha incredulidade."

E Jesus, vendo que o povo acorria em multidão, falou em tom de **ameaça** ao Espírito impuro, dizendo-lhe: "Espírito surdo e mudo: eu te ordeno que saia desse menino e não entre mais nele!" Então o Espírito saiu, soltando grande grito e agitando o menino em violentas convulsões, e o menino ficou como morto, de sorte que muitos diziam que ele havia morrido. Mas, tendo Jesus tomado as mãos do menino e erguendo-o, ele se levantou.

Quando Jesus entrou na casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: "Por que nós não pudemos expulsar aquele demônio?" Ele lhes respondeu: "Os demônios desta espécie não podem ser expulsos por outro meio senão pela prece e pelo jejum." (Marcos, 9:13 a 28)

32.- Apresentaram-lhe então um possesso cego e mudo e ele o curou, de modo que começou a falar e a ver. Todo o povo ficou tomado de admiração e dizia: "Não é esse o filho de Davi?"

Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: "Este homem não expulsa os demônios se não for com a ajuda de Belzebu, o príncipe dos demônios!"

Ora, conhecendo os pensamentos deles, Jesus lhes disse: "Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado e toda cidade ou casa que se divide contra si mesma não pode sobreviver. Se Satanás expulsa a Satanás, ele está dividido contra si mesmo, como então o seu reino poderá sobreviver? E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem seus filhos os expulsarão? Por isso, eles serão os seus próprios juizes. Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vocês." (Mateus, 12:22 a 28)

<sup>6</sup> menaces ⇒ menace



33.- As libertações de possessos, como as curas, estão entre os atos mais numerosos de Jesus. Entre os fatos dessa natureza, há alguns — como os narrados acima, no nº 30 — em que a possessão não é evidente. Provavelmente naquela época, como ainda hoje acontece, atribuíam-se à influência dos demônios todas as enfermidades cuja causa não era conhecida — principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Mas há outros em que não duvidamos da ação dos maus Espíritos, casos esses dos quais somos testemunhas de uma evidente semelhança, nos quais reconhecemos todos os sintomas desse gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta nesse caso ressalta de um fato material, que são as múltiplas curas radicais obtidas em alguns centros espíritas, apenas pela evocação e moralização dos Espíritos obsessores, sem magnetização ou medicamentos, e muitas vezes na ausência do paciente e distante deste. A imensa superioridade do Cristo lhe dava tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos — chamados então demônios — que lhe bastava ordenar que se retirassem porque eles não podiam resistir a essa imposição. (Cap. XIV, nº 46)

34.- O fato de alguns maus Espíritos serem enviados a corpos de porcos é contrário a qualquer probabilidade.

Um Espírito mau não deixa de ser um Espírito humano, embora seja tão imperfeito que ainda faça o mal depois da morte, assim como o fazia anteriormente, e é contra as leis da natureza que ele possa animar o corpo de um animal; logo, isso deve ser visto como um dos exageros **de um fato real**, tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou talvez uma alegoria para

33.- As libertações de possessos, como as curas, estão entre os atos mais numerosos de Jesus. Entre os fatos dessa natureza, há alguns — como os narrados acima, no nº 30 — em que a possessão não é evidente. Provavelmente naquela época, como ainda hoje acontece, atribuíam-se à influência dos demônios todas as enfermidades cuja causa não era conhecida — principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Mas há outros em que não duvidamos da ação dos maus Espíritos, casos esses dos quais somos testemunhas de uma evidente semelhança, nos quais reconhecemos todos os sintomas desse gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta nesse caso ressalta de um fato material, que são as múltiplas curas radicais obtidas em alguns centros espíritas, apenas pela evocação e moralização dos Espíritos obsessores, sem magnetização ou medicamentos, e muitas vezes na ausência do paciente e distante deste. A imensa superioridade do Cristo lhe dava tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos — chamados então demônios — que lhe bastava ordenar que se retirassem porque eles não podiam resistir a essa imposição. (Cap. XIV, nº 46)

34.- O fato de alguns maus Espíritos serem enviados a corpos de porcos é contrário a qualquer probabilidade. **Aliás, seria difícil explicar a existência de tão numeroso rebanho de porcos num país onde esse animal era tido em horror e não oferecia nenhuma utilidade para a alimentação.** Um Espírito mau não deixa de ser um Espírito humano, embora seja tão imperfeito que ainda faça o mal depois da morte, assim como o fazia anteriormente, e é contra as leis da natureza que ele possa animar o corpo de um animal; logo, isso deve ser visto como um dos exageros , tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou talvez uma alegoria para

## CAPÍTULO XV - Os milagres do evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.

35.- Parece que os obsidiados e os possessos eram muito numerosos na Judeia no tempo de Jesus, o que deu a oportunidade de ele curar a muitos. Sem dúvida, os Espíritos maus haviam invadido aquele país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, no 49)

Sem apresentarem caráter epidêmico, as obsessões individuais são muitíssimo frequentes e se apresentam sob os mais variados aspectos que por um conhecimento aprofundado do Espiritismo facilmente se reconhece; frequentemente essas obsessões podem trazer consequências danosas à saúde — seja agravando infecções orgânicas, seja gerando-as. Um dia, incontestavelmente elas virão a ser incluídas entre as causas patológicas que, pela sua natureza especial, requerem meios especiais de tratamento. Revelando a causa do mal, o Espiritismo inaugura novo caminho à arte de curar e fornece à Ciência o meio de alcançar êxito para o que até hoje ela quase sempre fracassou, por falta de atacar a causa essencial do mal (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII).

36.- Jesus era acusado pelos fariseus de expulsar os demônios pelos demônios; segundo eles, até o bem que Jesus fazia era obra de Satanás, sem refletir que Satanás expulsando a si mesmo praticaria um ato de insensatez.

Tal doutrina é ainda a que a Igreja procura fazer prevalecer hoje contra as manifestações espíritas (1).

caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.

35.- Parece que os obsidiados e os possessos eram muito numerosos na Judeia no tempo de Jesus, o que deu a oportunidade de ele curar a muitos. Sem dúvida, os Espíritos maus haviam invadido aquele país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, no 49)

Sem apresentarem caráter epidêmico, as obsessões individuais são muitíssimo frequentes e se apresentam sob os mais variados aspectos que por um conhecimento aprofundado do Espiritismo facilmente se reconhece; frequentemente essas obsessões podem trazer consequências danosas à saúde — seja agravando infecções orgânicas, seja gerando-as. Um dia, incontestavelmente elas virão a ser incluídas entre as causas patológicas que, pela sua natureza especial, requerem meios especiais de tratamento. Revelando a causa do mal, o Espiritismo inaugura novo caminho à arte de curar e fornece à Ciência o meio de alcançar êxito para o que até hoje ela quase sempre fracassou, por falta de atacar a causa essencial do mal (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII).

36.- Jesus era acusado pelos fariseus de expulsar os demônios pelos demônios; segundo eles, o bem que Jesus fazia era obra de Satanás, sem refletir que Satanás expulsando a si mesmo praticaria um ato de insensatez. **É de notar-se que os fariseus daquele tempo já pretendessem que toda capacidade transcendental – e, por esse motivo, reputada como sobrenatural – era obra do demônio, pois na opinião deles, era do demônio que Jesus recebia o poder de que dispunha. É esse mais um ponto de semelhança daquela com a época atual e tal** doutrina é ainda a que a Igreja procura fazer prevalecer hoje contra as manifestações espíritas (1).

(1) Porém, nem todos os teólogos adotam opiniões tão absolutas sobre a doutrina demoníaca. Aqui está uma cujo valor o clero não pode contestar, emitida por um eclesiástico, Monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, na seguinte passagem das suas *Conferências sobre a religião*, tomo II, pág. 341 (Paris, 1825):

« Se Jesus operasse seus milagres pelo poder do demônio, este teria trabalhado pela destruição do seu império e teria empregado o seu poder contra si próprio. Certamente, *um demônio que procurasse destruir o reinado do vício para implantar o da virtude, seria um demônio muito incomum*. Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia: « Se opero prodígios em nome do demônio, o demônio está dividido consigo mesmo, trabalha, conseqüentemente, por se destruir a si próprio! Resposta que não admite réplica. »

É exatamente o argumento que os espíritas opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que os Espíritos lhes dão. O demônio agiria então como um ladrão profissional que restituísse tudo o que houvesse roubado e exortasse os outros ladrões a se tornarem pessoas honestas.

## RESSURREIÇÕES

### *A filha de Jairo*

37.- Tendo Jesus passado novamente de barca para a outra margem, quando estava perto do mar, uma grande multidão o cercou. Então um chefe de sinagoga chamado Jairo veio ao seu encontro e, ao aproximar-se dele, lançou-se aos pés a suplicar com grande insistência, dizendo: "Tenho uma filha que está no momento extremo; vem impor-lhe as mãos para curá-la e lhe salvar a vida."

Jesus foi com ele até lá, acompanhado de grande multidão que o comprimia.

Enquanto (Jairo) ainda falava, vieram pessoas do chefe da sinagoga e lhe disseram: "Tua filha está morta; por que deseja dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe?" Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao chefe da sinagoga: "Não tenha medo, apenas creia!" E não permitiu que ninguém o acompanhasse, exceto Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

**Chegando**<sup>7</sup> à casa do chefe da sinagoga, ele viu uma aglomeração confusa de pessoas que choravam e soltavam grandes gritos; e entrando, disse a eles: "Por que fazem tanto alarido e por que choram? *Esta menina não está morta, está apenas adormecida.*" E zombavam dele. Tendo feito que

(1) Porém, nem todos os teólogos adotam opiniões tão absolutas sobre a doutrina demoníaca. Aqui está uma cujo valor o clero não pode contestar, emitida por um eclesiástico, Monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, na seguinte passagem das suas *Conferências sobre a religião*, tomo II, pág. 341 (Paris, 1825):

« Se Jesus operasse seus milagres pelo poder do demônio, este teria trabalhado pela destruição do seu império e teria empregado o seu poder contra si próprio. Certamente, *um demônio que procurasse destruir o reinado do vício para implantar o da virtude, seria um demônio muito incomum*. Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia: « Se opero prodígios em nome do demônio, o demônio está dividido consigo mesmo, trabalha, conseqüentemente, por se destruir a si próprio! Resposta que não admite réplica. »

É exatamente o argumento que os espíritas opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que os Espíritos lhes dão. O demônio agiria então como um ladrão profissional que restituísse tudo o que houvesse roubado e exortasse os outros ladrões a se tornarem pessoas honestas.

## RESSURREIÇÕES

### *A filha de Jairo*

37.- Tendo Jesus passado novamente de barca para a outra margem, quando estava perto do mar, uma grande multidão o cercou. Então um chefe de sinagoga chamado Jairo veio ao seu encontro e, ao aproximar-se dele, lançou-se aos pés a suplicar com grande insistência, dizendo: "Tenho uma filha que está no momento extremo; vem impor-lhe as mãos para curá-la e lhe salvar a vida."

Jesus foi com ele até lá, acompanhado de grande multidão que o comprimia.

Enquanto (Jairo) ainda falava, vieram pessoas do chefe da sinagoga e lhe disseram: "Tua filha está morta; por que deseja dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe?" Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao chefe da sinagoga: "Não tenha medo, apenas creia!" E não permitiu que ninguém o acompanhasse, exceto Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

**Chegando** à casa do chefe da sinagoga, ele viu uma aglomeração confusa de pessoas que choravam e soltavam grandes gritos; e entrando, disse a eles: "Por que fazem tanto alarido e por que choram? *Esta menina não está morta, está apenas adormecida.*" E zombavam dele. Tendo feito que

<sup>7</sup> Étant arrivés ⇒ Étant arrivé

todos saíssem, chamou o pai e mãe da menina e os que tinham vindo com ele, e entrou no lugar onde a menina se achava deitada. Ele a pegou pela mão e disse a ela: "*Talitha cumi!*" — isto é: "Minha filha, levanta-te, eu te ordeno que levante!" No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a andar; pois tinha doze anos, e todos ficaram maravilhosamente espantados (Marcos, 5:21 a 43).

### *O filho da viúva de Naim*

38.- No dia seguinte, Jesus se dirigiu para uma cidade chamada Naim, e seus discípulos o acompanhavam com uma grande multidão. Quando estava perto da porta da cidade, aconteceu que levavam a sepultar um morto, que era filho único de sua mãe, e essa mulher era viúva; estava com ela grande número de pessoas da cidade. Vendo-a, o Senhor se tomou de compaixão para com ela e lhe disse: "Não chore!" Depois, aproximando-se, tocou o caixão e aqueles que o conduziam pararam. Então ele disse: "Jovem, levanta-te, eu o ordeno!" Imediatamente o moço levantou-se de sua maca e começou a falar; e Jesus o devolveu à sua mãe.

Todos os que estavam presentes ficaram tomados de espanto e glorificavam a Deus dizendo: "Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo!" O rumor desse milagre que ele fez se espalhou por toda a Judeia e por todas as regiões circunvizinhas. (Lucas, 7:11-17)

39.- O fato de um indivíduo que se achasse realmente morto voltar à vida corporal seria contrário às leis da natureza e, portanto, miraculoso. Ora, não há necessidade de nos recorrermos a essa ordem de fatos para explicarmos as ressurreições realizadas pelo Cristo.

Mesmo na atualidade, se as aparências às vezes enganam os profissionais, os acidentes daquela natureza deveriam ser bem mais frequentes num país onde não se tomava nenhuma precaução contra eles e onde o sepultamento era imediato (2). Com isso, havia toda a probabilidade que nos dois casos acima apenas tivesse acontecido síncope ou letargia. Com relação à filha de Jairo, o próprio Jesus declara positivamente: *Esta menina não está morta, está apenas adormecida.*

todos saíssem, chamou o pai e mãe da menina e os que tinham vindo com ele, e entrou no lugar onde a menina se achava deitada. Ele a pegou pela mão e disse a ela: "*Talitha cumi!*" — isto é: "Minha filha, levanta-te, eu te ordeno que levante!" No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a andar; pois tinha doze anos, e todos ficaram maravilhosamente espantados (Marcos, 5:21 a 43).

### *O filho da viúva de Naim*

38.- No dia seguinte, Jesus se dirigiu para uma cidade chamada Naim, e seus discípulos o acompanhavam com uma grande multidão. Quando estava perto da porta da cidade, aconteceu que levavam a sepultar um morto, que era filho único de sua mãe, e essa mulher era viúva; estava com ela grande número de pessoas da cidade. Vendo-a, o Senhor se tomou de compaixão para com ela e lhe disse: "Não chore!" Depois, aproximando-se, tocou o caixão e aqueles que o conduziam pararam. Então ele disse: "Jovem, levanta-te, eu o ordeno!" Imediatamente o moço levantou-se de sua maca e começou a falar; e Jesus o devolveu à sua mãe.

Todos os que estavam presentes ficaram tomados de espanto e glorificavam a Deus dizendo: "Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo!" O rumor desse milagre que ele fez se espalhou por toda a Judeia e por todas as regiões circunvizinhas. (Lucas, 7:11-17)

39.- O fato de um indivíduo que se achasse realmente morto voltar à vida corporal seria contrário às leis da natureza e, portanto, miraculoso. Ora, não há necessidade de nos recorrermos a essa ordem de fatos para explicarmos as ressurreições realizadas pelo Cristo.

Mesmo na atualidade, se as aparências às vezes enganam os profissionais, os acidentes daquela natureza deveriam ser bem mais frequentes num país onde não se tomava nenhuma precaução contra eles e onde o sepultamento era imediato (2). Com isso, havia toda a probabilidade que nos dois casos acima apenas tivesse acontecido síncope ou letargia. Com relação à filha de Jairo, o próprio Jesus declara positivamente: *Esta menina não está morta, está apenas adormecida.*

Dado a potência fluídica que Jesus possuía, não há nada de espantoso **em que**<sup>8</sup> esse fluido vivificante — dirigido por uma forte vontade — tenha reanimado os sentidos em torpor; que tenha mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispiritual ainda não havia se rompido definitivamente. Para os homens daquela época — que consideravam como morto o indivíduo desde que não respire mais — havia aí ressurreição, e eles o poderiam afirmar de boa-fé; mas, na realidade, ali havia uma *cura* e não ressurreição no legítimo significado do termo.

(2) Uma prova desse costume encontramos nos Atos dos Apóstolos, 5:5 e seguintes.

« Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o Espírito e todos os que ouviram falar disso foram presas de grande temor. Logo, alguns rapazes lhe vieram buscar o corpo e, tendo-o levado, o enterraram. Passadas umas três horas, entrou sua mulher (Safira) — que nada sabia do que se dera — e Pedro lhe disse (...). No mesmo instante, ela lhe caiu aos pés e rendeu o Espírito. Aqueles rapazes, voltando, encontraram a mulher morta e, levando-a, enterraram-na junto do marido. »

40.- A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de nenhum modo anula este princípio. Dizem que ele estava há quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal — o que seria sinal de decomposição. Esta alegação também não prova nada, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo mesmo antes da morte, e que eles exalam um odor de decadência. A morte só se verifica quando os órgãos essenciais à vida são atacados.

E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas, como ela sabia disso? Porque Lázaro tinha sido enterrado

Dado a potência fluídica que Jesus possuía, não há nada de espantoso **em que** esse fluido vivificante — dirigido por uma forte vontade — tenha reanimado os sentidos em torpor; que tenha mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispiritual ainda não havia se rompido definitivamente. Para os homens daquela época — que consideravam como morto o indivíduo desde que não respire mais — havia aí ressurreição, e eles o poderiam afirmar de boa-fé; mas, na realidade, ali havia uma *cura* e não ressurreição no legítimo significado do termo.

(2) Uma prova desse costume encontramos nos Atos dos Apóstolos, 5:5 e seguintes.

« Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o Espírito e todos os que ouviram falar disso foram presas de grande temor. Logo, alguns rapazes lhe vieram buscar o corpo e, tendo-o levado, o enterraram. Passadas umas três horas, entrou sua mulher (Safira) — que nada sabia do que se dera — e Pedro lhe disse (...). No mesmo instante, ela lhe caiu aos pés e rendeu o Espírito. Aqueles rapazes, voltando, encontraram a mulher morta e, levando-a, enterraram-na junto do marido. »

40.- a ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de nenhum modo anula este princípio. Dizem que ele estava há quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal — o que seria sinal de decomposição. Esta alegação também não prova nada, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo mesmo antes da morte, e que eles exalam um odor de decadência. A morte só se verifica quando os órgãos essenciais à vida são atacados.

E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas, como ela sabia disso? Porque Lázaro tinha sido enterrado

<sup>8</sup> à **ce que** fluide ⇒ **que ce** fluide

há quatro dias, ela **poderia supor**, entretanto, **não (poderia)**<sup>9</sup> ter certeza. (Cap. XIV, nº 29) (3)

(3) O fato seguinte prova que a decomposição algumas vezes antecede a morte. No Convento do Bom Pastor – fundado em Toulon, pelo padre Marin, capelão dos cárceres, e destinado às decaídas que se arrependem – encontrava-se uma moça que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio de suas dores parecia sorrir para uma visão celestial. Como Santa Teresa, pedia que lhe fosse dado sofrer mais, embora suas carnes já se achassem em frangalhos, com a decomposição a lhe devastar todos os membros. Por sábia providência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo, logo após o trespasse. Coisa estranha! Mal a doente exalou o último suspiro, cessou todo o trabalho de decomposição; desapareceram as exalações cadavéricas, de modo que por 36 horas o corpo pôde ficar exposto às preces e à veneração da comunidade.

### JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA

41.- Logo, Jesus fez que seus discípulos tomassem a barca e passassem para a outra margem antes dele, enquanto ele despedia o povo. Depois de ter despedido a multidão, ele subiu um monte para orar sozinho; e tendo caído a noite, ficou sozinho naquele lugar.

Enquanto a barca era fortemente açoitada pelas ondas, em meio do mar, porque o vento estava ao contrário. Mas, na quarta vigília da noite, Jesus foi até eles, caminhando por sobre o mar. Quando eles o viram andando sobre o mar, ficaram perturbados e diziam: "É um fantasma" e se puseram a gritar de pavor. Jesus então lhes falou: "Tranquilizem-se! Sou eu, não tenham medo!"

Pedro lhe respondeu: "Senhor, for o senhor mesmo, manda que eu vá ao teu encontro caminhando sobre as águas." Jesus lhe disse: "Venha!" e Pedro, descendo da barca, caminhava sobre a água, ao encontro de Jesus. Mas, veio um grande vento e ele teve medo; e começando a submergir, ele gritou: "Senhor, salva-me!" Logo, Jesus, estendendo-lhe a mão, pegou-o e disse: "Homem de pouca fé, por que duvidou?" E, tendo subido para a barca, o vento cessou. Então os que estavam na barca se aproximando dele e o adoraram dizendo: "Você é verdadeiramente filho de Deus!" (Mateus, 14:22 a 33)

há quatro dias, ela **supunha**, entretanto, **não poderia** ter certeza. (Cap. XIV, nº 29) (3)

(3) O fato seguinte prova que a decomposição algumas vezes antecede a morte. No Convento do Bom Pastor – fundado em Toulon, pelo padre Marin, capelão dos cárceres, e destinado às decaídas que se arrependem – encontrava-se uma moça que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio de suas dores parecia sorrir para uma visão celestial. Como Santa Teresa, pedia que lhe fosse dado sofrer mais, embora suas carnes já se achassem em frangalhos, com a decomposição a lhe devastar todos os membros. Por sábia providência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo, logo após o trespasse. Coisa estranha! Mal a doente exalou o último suspiro, cessou todo o trabalho de decomposição; desapareceram as exalações cadavéricas, de modo que por 36 horas o corpo pôde ficar exposto às preces e à veneração da comunidade.

### JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA

41.- Logo, Jesus fez que seus discípulos tomassem a barca e passassem para a outra margem antes dele, enquanto ele despedia o povo. Depois de ter despedido a multidão, ele subiu um monte para orar sozinho; e tendo caído a noite, ficou sozinho naquele lugar.

Enquanto a barca era fortemente açoitada pelas ondas, em meio do mar, porque o vento estava ao contrário. Mas, na quarta vigília da noite, Jesus foi até eles, caminhando por sobre o mar. Quando eles o viram andando sobre o mar, ficaram perturbados e diziam: "É um fantasma" e se puseram a gritar de pavor. Jesus então lhes falou: "Tranquilizem-se! Sou eu, não tenham medo!"

Pedro lhe respondeu: "Senhor, for o senhor mesmo, manda que eu vá ao teu encontro caminhando sobre as águas." Jesus lhe disse: "Venha!" e Pedro, descendo da barca, caminhava sobre a água, ao encontro de Jesus. Mas, veio um grande vento e ele teve medo; e começando a submergir, ele gritou: "Senhor, salva-me!" Logo, Jesus, estendendo-lhe a mão, pegou-o e disse: "Homem de pouca fé, por que duvidou?" E, tendo subido para a barca, o vento cessou. Então os que estavam na barca se aproximando dele e o adoraram dizendo: "Você é verdadeiramente filho de Deus!" (Mateus, 14:22 a 33)

<sup>9</sup> elle **pouvait** le **supposer**, mais **non** en avoir la certitude ⇒ elle le **supposait**, mais **ne pouvait** en avoir la certitude.

(4) O lago de Genesaré ou de Tiberíades.

42.- Este fenômeno encontra explicação natural nos princípios acima expostos, cap. XIV, nº 43.

Exemplos semelhantes provam que ele nada tem de impossível, nem de miraculoso, pois que se produz sob a ação das leis da Natureza. Ele pode ser operado de duas maneiras:

Jesus, enquanto vivo, pôde aparecer sobre a água com uma forma tangível, estando o seu corpo físico em outro lugar; é a hipótese mais provável. E podemos até reconhecer na narrativa alguns sinais característicos das aparições tangíveis (Cap. XIV, nº 35 a 37).

De outro modo, seu corpo poderia ter sido sustentado e a sua gravidade ser neutralizada pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço sem ponto de apoio. Idêntico efeito se produz muitas vezes com os corpos humanos.

### TRANSFIGURAÇÃO

43.- Seis dias depois, tendo chamado em particular a Pedro, Tiago e João, Jesus os levou consigo a um alto monte afastado (5), e se transfigurou diante deles. E enquanto ele orava, seu rosto pareceu inteiramente outro; suas vestes se tornaram todas radiantes de luz e brancas como a neve, de maneira que não há alvejante na Terra que possa fazer algo tão branco. E eles viram aparecer Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.

Então, Pedro disse a Jesus: "Mestre, estamos bem aqui; vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e mais uma para Elias." É que ele não sabia o que dizia, de tão espantado que estava.

Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e dessa nuvem saiu uma voz dizendo estas palavras: "Este é meu filho bem-amado; ouçam o que ele diz!"

Logo, olhando para todos os lados, eles não viram mais ninguém além de Jesus, que ficou a sós com eles.

Quando desciam do monte, ele lhes ordenou que não falassem a ninguém sobre o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. E eles conservaram em segredo o fato, inquirindo uns dos outros o

(4) O lago de Genesaré ou de Tiberíades.

42.- Este fenômeno encontra explicação natural nos princípios acima expostos, cap. XIV, nº 43.

Exemplos semelhantes provam que ele nada tem de impossível, nem de miraculoso, pois que se produz sob a ação das leis da Natureza. Ele pode ser operado de duas maneiras:

Jesus, enquanto vivo, pôde aparecer sobre a água com uma forma tangível, estando o seu corpo físico em outro lugar; é a hipótese mais provável. E podemos até reconhecer na narrativa alguns sinais característicos das aparições tangíveis (Cap. XIV, nº 35 a 37).

De outro modo, seu corpo poderia ter sido sustentado e a sua gravidade ser neutralizada pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço sem ponto de apoio. Idêntico efeito se produz muitas vezes com os corpos humanos.

### TRANSFIGURAÇÃO

43.- Seis dias depois, tendo chamado em particular a Pedro, Tiago e João, Jesus os levou consigo a um alto monte afastado (5), e se transfigurou diante deles. E enquanto ele orava, seu rosto pareceu inteiramente outro; suas vestes se tornaram todas radiantes de luz e brancas como a neve, de maneira que não há alvejante na Terra que possa fazer algo tão branco. E eles viram aparecer Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.

Então, Pedro disse a Jesus: "Mestre, estamos bem aqui; vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e mais uma para Elias." É que ele não sabia o que dizia, de tão espantado que estava.

Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e dessa nuvem saiu uma voz dizendo estas palavras: "Este é meu Filho bem-amado; ouçam o que ele diz!"

Logo, olhando para todos os lados, eles não viram mais ninguém além de Jesus, que ficou a sós com eles.

Quando desciam do monte, ele lhes ordenou que não falassem a ninguém sobre o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. E eles conservaram em segredo o fato, inquirindo uns dos outros o

## CAPÍTULO XV - Os milagres do evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

que ele teria querido dizer com estas palavras: "Até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dentre os mortos". (Marcos, 9:1 a 9)

(5) O Monte Thabor ou Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 quilômetros a sudeste de Nazaré, com cerca de 1.000 metros de altura.

44.- É também nas propriedades do fluido perispiritual que encontramos a explicação deste fenômeno. A transfiguração (explicada no cap. XIV, nº 39) é um fato bastante comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas a pureza do perispírito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse um brilho excepcional. Quanto à aparição de Moisés e Elias, entra inteiramente na conta de todos os fenômenos do mesmo gênero (Cap. XIV, nº 35 e seguintes).

De todas as aptidões que se revelaram em Jesus, não há nenhuma que esteja fora das condições da humanidade e que não se encontre no meio comum dos homens, porque estão na natureza; entretanto, pela superioridade da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas capacidades alcançaram nele proporções muito acima daquelas comuns. Posto de lado o seu envoltório carnal, ele nos mostrava o estado dos Espíritos puros.

### TEMPESTADE APLACADA

45.- Certo dia, tendo tomado um barco com seus discípulos, Jesus disse a eles: "Vamos à outra margem do lago." Então eles partiram, e durante a travessia ele adormeceu. Nisso, um grande turbilhão de vento veio de súbito precipitar-se sobre o lago, de maneira que a barca encheu-se d'água e eles estavam em perigo. Então se aproximaram de Jesus e o despertaram dizendo-lhe: "Mestre, estamos morrendo!" Levantando-se, Jesus falou com a ameaça aos ventos e às ondas agitadas e eles se acalmaram, e se fez uma grande calma. Ele então lhes disse: "Onde está a fé de vocês?" Eles, porém, repletos de temor e admiração, perguntavam uns aos outros: "Quem é este que assim dá

que ele teria querido dizer com estas palavras: "Até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dentre os mortos". (Marcos, 9:1 a 9)

(5) O Monte Thabor ou Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 quilômetros a sudeste de Nazaré, com cerca de 1.000 metros de altura.

44.- É também nas propriedades do fluido perispiritual que encontramos a explicação deste fenômeno. A transfiguração (explicada no cap. XIV, nº 39) é um fato bastante comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas a pureza do perispírito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse um brilho excepcional. Quanto à aparição de Moisés e Elias, entra inteiramente na conta de todos os fenômenos do mesmo gênero (Cap. XIV, nº 35 e seguintes).

De todas as aptidões que se revelaram em Jesus, não há nenhuma que esteja fora das condições da humanidade e que não se encontre no meio comum dos homens, porque estão na natureza; entretanto, pela superioridade da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas capacidades alcançaram nele proporções muito acima daquelas comuns. Posto de lado o seu envoltório carnal, ele nos mostrava o estado dos Espíritos puros.

### TEMPESTADE APLACADA

45.- Certo dia, tendo tomado um barco com seus discípulos, Jesus disse a eles: "Vamos à outra margem do lago." Então eles partiram, e durante a travessia ele adormeceu. Nisso, um grande turbilhão de vento veio de súbito precipitar-se sobre o lago, de maneira que a barca encheu-se d'água e eles estavam em perigo. Então se aproximaram de Jesus e o despertaram dizendo-lhe: "Mestre, estamos morrendo!" Levantando-se, Jesus falou com a ameaça aos ventos e às ondas agitadas e eles se acalmaram, e se fez uma grande calma. Ele então lhes disse: "Onde está a fé de vocês?" Eles, porém, repletos de temor e admiração, perguntavam uns aos outros: "Quem é este que assim dá



## CAPÍTULO XV - Os milagres do evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

ordens ao vento e às ondas e eles lhe obedecem?" (Lucas, 8:22 a 25)

46.- Ainda não conhecemos os segredos da Natureza o bastante para dizer se há ou não inteligências ocultas que presidam a ação dos elementos. **Nessa** hipótese, o fenômeno em questão poderia ter o resultado de um ato de autoridade sobre essas inteligências e provaria um poder que a nenhum homem é dado exercer.

Em todo o caso, Jesus, dormindo tranquilamente durante a tempestade, atesta uma segurança que pode ser explicada pelo fato de que seu Espírito *via* não haver perigo nenhum ali e que a tempestade ia cessar.

### BODAS DE CANÁ

47.- Este milagre — mencionado unicamente no Evangelho de S. João — é indicado como sendo o primeiro que Jesus operou, e por isso deveria ter sido muito mais notável; entretanto, parece que ele produziu bem pouca sensação, pois que nenhum outro evangelista trata dele. Um fato assim tão extraordinário deveria surpreender no mais alto grau aos convidados, e sobretudo o dono da casa, os quais parecem que não o perceberam.

Considerado em si mesmo, o fato tem pouca importância em comparação com os que verdadeiramente atestam as qualidades espirituais de Jesus. Admitido que as coisas tenham ocorrido conforme foram narradas, é admirável que seja esse o único fenômeno de tal gênero que ele tenha produzido; Jesus era de natureza extremamente elevada para se ater a efeitos puramente materiais, próprios apenas a aguçar a curiosidade da multidão que, então o teria nivelado a um mágico; ele sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe trariam mais adeptos do que aquelas que poderiam passar por truques mágicos e não tocariam o coração.

ordens ao vento e às ondas e eles lhe obedecem?" (Lucas, 8:22 a 25)

46.- Ainda não conhecemos os segredos da Natureza o bastante para dizer se há ou não inteligências ocultas que presidam a ação dos elementos. **Na** hipótese **de haver**, o fenômeno em questão poderia ter o resultado de um ato de autoridade sobre essas inteligências e provaria um poder que a nenhum homem é dado exercer.

Em todo o caso, Jesus, dormindo tranquilamente durante a tempestade, atesta uma segurança que pode ser explicada pelo fato de que seu Espírito *via* não haver perigo nenhum ali e que a tempestade ia cessar.

### BODAS DE CANÁ

47.- Este milagre — mencionado unicamente no Evangelho de S. João — é indicado como sendo o primeiro que Jesus operou, e por isso deveria ter sido muito mais notável; entretanto, parece que ele produziu bem pouca sensação, pois que nenhum outro evangelista trata dele. Um fato assim tão extraordinário deveria surpreender no mais alto grau aos convidados, e sobretudo o dono da casa, os quais parecem que não o perceberam.

Considerado em si mesmo, o fato tem pouca importância em comparação com os que verdadeiramente atestam as qualidades espirituais de Jesus. Admitido que as coisas tenham ocorrido conforme foram narradas, é admirável que seja esse o único fenômeno de tal gênero que ele tenha produzido; Jesus era de natureza extremamente elevada para se ater a efeitos puramente materiais, próprios apenas a aguçar a curiosidade da multidão que, então o teria nivelado a um mágico; ele sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe trariam mais adeptos do que aquelas que poderiam passar por truques mágicos e não tocariam o coração. (nº 27)

Se bem que, a rigor, o fato possa ser explicado até certo ponto por uma ação fluídica que — tal como o magnetismo oferece muitos exemplos deles — tivesse modificado as propriedades da água dando-lhe o sabor do vinho, essa hipótese é pouco provável, dado que em tal caso a água tivesse conservado a sua cor, tendo do vinho apenas o sabor — o que não deixaria de ser notável. É mais racional observarmos aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como aquela do filho pródigo, a do festim de bodas e tantas outras

. Ele, durante o jantar, teria feito menção ao vinho e à água, de onde tiraria um ensinamento. O que justificam esta opinião são as palavras que o mordomo lhe dirige a esse respeito: “Todo mundo serve em primeiro lugar o vinho bom, e depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, reservaste o bom vinho até essa hora”.

#### MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

48.- A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores, ao mesmo tempo em que tem alimentado às zombarias dos descrentes. Sem se darem ao trabalho de lhe examinar o sentido alegórico, estes últimos não têm visto nisso mais do que um conto infantil; contudo, a maioria das pessoas sérias tem visto na narrativa desse fato — embora sob uma forma diferente da maneira comum — uma parábola, comparando o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.

Se bem que, a rigor, o fato possa ser explicado até certo ponto por uma ação fluídica que — tal como o magnetismo oferece muitos exemplos deles — tivesse modificado as propriedades da água dando-lhe o sabor do vinho, essa hipótese é pouco provável, dado que em tal caso a água tivesse conservado a sua cor, tendo do vinho apenas o sabor — o que não deixaria de ser notável. É mais racional observarmos aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como aquela do filho pródigo, a do festim de bodas, **do mau rico, da figueira que secou e tantas outras que, todavia, se apresentam com caráter de fatos ocorridos.** Ele, durante o jantar, teria feito menção ao vinho e à água, de onde tiraria um ensinamento. O que justificam esta opinião são as palavras que o mordomo lhe dirige a esse respeito: “Todo mundo serve em primeiro lugar o vinho bom, e depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, reservaste o bom vinho até essa hora”.

**Entre duas hipóteses, deve-se preferir a mais racional e os espíritos não são tão crédulos a ponto de só verem manifestações por toda parte, nem tão absolutos em suas opiniões que pretendam explicar tudo por meio dos fluidos.**

#### MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

48.- A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores, ao mesmo tempo em que tem alimentado às zombarias dos descrentes. Sem se darem ao trabalho de lhe examinar o sentido alegórico, estes últimos não têm visto nisso mais do que um conto infantil; contudo, a maioria das pessoas sérias tem visto na narrativa desse fato — embora sob uma forma diferente da maneira comum — uma parábola, comparando o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.

Todavia, podemos perceber nela mais do que uma alegoria e, **de**<sup>10</sup> certo ponto de vista, admitir a realidade de um **efeito** material — sem para isso recorrer ao prodígio. Sabemos que uma grande preocupação do espírito, estando a atenção presa a uma coisa, faz esquecer a fome. Ora, os que acompanhavam a Jesus eram pessoas ávidas por ouvi-lo: pois, nada há de espantar que, fascinadas pela sua palavra e talvez também pela poderosa ação magnética que ele exercia sobre aqueles, as pessoas não tenham experimentado a necessidade material de comer.

Jesus, que previu esse resultado, então pôde tranquilizar os seus discípulos dizendo a eles, na linguagem figurada que lhe era habitual, e admitido que realmente houvessem trazido alguns pães, que estes pães bastariam para saciar a multidão. Simultaneamente, ministrava aos referidos discípulos um ensinamento, dizendo: “Deem vocês mesmos de comer a eles”; ensinava-lhes assim que também eles poderiam alimentar por meio da palavra.

Desse modo, ao lado do sentido moral alegórico, pôde-se produzir um efeito fisiológico natural e bem conhecido. O prodígio, nesse caso, está na superioridade da palavra de Jesus, poderosa o bastante para cativar a atenção de uma multidão imensa ao ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a elevação de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerada como alegoria.

Esta explicação, aliás, é confirmada pelo próprio Jesus nas duas passagens seguintes.

Todavia, podemos perceber nela mais do que uma alegoria e, de certo ponto de vista, admitir a realidade de um **fato** material — sem para isso recorrer ao prodígio. Sabemos que uma grande preocupação do espírito, estando a atenção presa a uma coisa, faz esquecer a fome. Ora, os que acompanhavam a Jesus eram pessoas ávidas por ouvi-lo: pois, nada há de espantar que, fascinadas pela sua palavra e talvez também pela poderosa ação magnética que ele exercia sobre aqueles, as pessoas não tenham experimentado a necessidade material de comer.

Jesus, que previu esse resultado, então pôde tranquilizar os seus discípulos dizendo a eles, na linguagem figurada que lhe era habitual, e admitido que realmente houvessem trazido alguns pães, que estes pães bastariam para saciar a multidão. Simultaneamente, ministrava aos referidos discípulos um ensinamento, dizendo: “Deem vocês mesmos de comer a eles”; ensinava-lhes assim que também eles poderiam alimentar por meio da palavra.

Desse modo, ao lado do sentido moral alegórico, pôde-se produzir um efeito fisiológico natural e bem conhecido. O prodígio, nesse caso, está na superioridade da palavra de Jesus, poderosa o bastante para cativar a atenção de uma multidão imensa ao ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a elevação de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerada como alegoria.

Esta explicação, aliás, é confirmada pelo próprio Jesus nas duas passagens seguintes.

<sup>10</sup> à **un** certain point de vue ⇒ à certain point de vue. Esta palavra suprimida não aparece na tradução.

*O fermento dos fariseus*

49.- Ora, seus discípulos tinham passado para o outro lado do mar, tendo se esquecido de levar pães. Jesus lhes disse: "Cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus!" Eles, porém, pensavam e diziam entre si: "É porque não trouxemos pães".

Pelo que Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse: "Homens de pouca fé, por que estão cogitando entre si a respeito de não terem trazido pães? Ainda não compreendem e não se lembram de que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens, e quantos lhes sobraram na cesta? **E que sete pães foram suficientes para quatro mil homens, e quantos pães lhes sobraram no cesto?** Como ainda não compreendem que não é do pão de que eu lhes falava, quando lhes disse para se guardarem do fermento dos fariseus e saduceus?"

Eles então compreenderam que Jesus não estava falando para se preservarem do fermento que se põe no pão, mas sim da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (Mateus, 16:5 a 12)

**O PÃO DO CÉU<sup>11</sup>**

50.- No dia seguinte, o povo — que havia permanecido do outro lado do mar — notou que lá não havia chegado outra barca e que Jesus não havia entrado na de seus discípulos, e que os discípulos haviam partido a sós; e como havia chegado depois outras barcas de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após render graças, os havia alimentado com cinco pães; e como verificassem finalmente que Jesus não estava lá, nem tampouco seus discípulos, entraram naquelas barcas e foram para Cafarnaum em busca de Jesus. E, tendo-o encontrado além do mar, disseram-lhe: "Mestre, quando vieste para cá?"

Jesus lhes respondeu: "Na verdade, na verdade digo a vocês que me procuram, não por causa dos milagres que viram, mas por que eu lhes dei pão de comer e ficaram saciados. Trabalhem por ter, não o alimento que perece, mas aquele que dura para a vida eterna e que o Filho do homem lhes dará, porque foi nele que Deus, o Pai, imprimiu seu selo e seu caráter."

Eles lhe perguntaram: "Que devemos fazer para produzir as obras de Deus?" Respondeu-lhes Jesus: "A obra de Deus é que creiam naquele que ele enviou."

*O fermento dos fariseus*

49.- Ora, seus discípulos tinham passado para o outro lado do mar, tendo se esquecido de levar pães. Jesus lhes disse: "Cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus!" Eles, porém, pensavam e diziam entre si: "É porque não trouxemos pães".

Pelo que Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse: "Homens de pouca fé, por que estão cogitando entre si a respeito de não terem trazido pães? Ainda não compreendem e não se lembram de que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens, e quantos lhes sobraram na cesta?

Como ainda não compreendem que não é do pão de que eu lhes falava, quando lhes disse para se guardarem do fermento dos fariseus e saduceus?"

Eles então compreenderam que Jesus não estava falando para se preservarem do fermento que se põe no pão, mas sim da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (Mateus, 16:5 a 12)

*O pão do céu*

50.- No dia seguinte, o povo — que havia permanecido do outro lado do mar — notou que lá não havia chegado outra barca e que Jesus não havia entrado na de seus discípulos, e que os discípulos haviam partido a sós; e como havia chegado depois outras barcas de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após render graças, os havia alimentado com cinco pães; e como verificassem finalmente que Jesus não estava lá, nem tampouco seus discípulos, entraram naquelas barcas e foram para Cafarnaum em busca de Jesus. E, tendo-o encontrado além do mar, disseram-lhe: "Mestre, quando vieste para cá?"

Jesus lhes respondeu: "Na verdade, na verdade digo a vocês que me procuram, não por causa dos milagres que viram, mas por que eu lhes dei pão de comer e ficaram saciados. Trabalhem por ter, não o alimento que perece, mas aquele que dura para a vida eterna e que o Filho do homem lhes dará, porque foi nele que Deus, o Pai, imprimiu seu selo e seu caráter."

Eles lhe perguntaram: "Que devemos fazer para produzir as obras de Deus?" Respondeu-lhes Jesus: "A obra de Deus é que creiam naquele que ele enviou."

<sup>11</sup> Correção da formatação do subtítulo, pois este subtítulo não aparece no início do capítulo, por isso deve estar em itálico e não em caixa alta.

Perguntaram-lhe então: "Que milagre então fará para nos fazer acreditar em ti? Que fará de extraordinário? Nossos pais comeram o maná no deserto, conforme está escrito: 'Ele lhes deu de comer o pão do céu'."

Jesus lhes respondeu: "Na verdade, digo a vocês que Moisés não lhes deu o pão do céu; mas meu Pai é quem dá o verdadeiro pão do céu, porque o pão de Deus é aquele que desceu do céu e que dá vida ao mundo."

Então eles disseram: "Senhor, dá-nos sempre desse pão!" Jesus lhes respondeu: "*Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome e aquele que em mim crê não terá mais sede!* Mas, eu já lhes disse: vocês me têm visto e não creem. Na verdade, na verdade eu digo a vocês: aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Seus pais comeram o maná do deserto e morreram. Mas aqui está o pão que desceu do céu, a fim de que aquele que comer deste pão não morra." (João, 6:22-36 e 47-50)

51.- Na primeira passagem, lembrando o efeito produzido anteriormente, Jesus dá claramente a entender que não se tratava de pães materiais, pois, de outro modo, a comparação estabelecida por ele com o fermento dos fariseus ficaria sem sentido: "*Ainda não compreendem — diz ele — e não se recordam de que cinco pães foram o suficiente para cinco mil pessoas e que sete pães foram o bastante para quatro mil pessoas? Como não compreenderam que não era de pão que eu lhes falava, quando dizia para se preservarem do fermento dos fariseus?*" Essa comparação não teria nenhuma razão de ser na hipótese de uma multiplicação material. O fato em si mesmo foi bastante extraordinário para ter impressionado a imaginação dos discípulos, que, entretanto, pareciam não mais lembrar-se dele.

É também o que ressalta não menos claramente do discurso de Jesus sobre o pão do céu, no qual ele se empenha em fazer que se compreendesse o verdadeiro sentido do alimento espiritual. Diz ele: "Trabalhem, não para conseguir o alimento que perece, mas por aquele que se conserva para a vida eterna e que o Filho do homem lhes dará". Esse alimento é a sua palavra, que é o pão descido do céu e dá vida ao mundo. Ele

Perguntaram-lhe então: "Que milagre então fará para nos fazer acreditar em ti? Que fará de extraordinário? Nossos pais comeram o maná no deserto, conforme está escrito: 'Ele lhes deu de comer o pão do céu'."

Jesus lhes respondeu: "Na verdade, digo a vocês que Moisés não lhes deu o pão do céu; mas meu Pai é quem dá o verdadeiro pão do céu, porque o pão de Deus é aquele que desceu do céu e que dá vida ao mundo."

Então eles disseram: "Senhor, dá-nos sempre desse pão!" Jesus lhes respondeu: "*Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome e aquele que em mim crê não terá mais sede!* Mas, eu já lhes disse: vocês me têm visto e não creem. Na verdade, na verdade eu digo a vocês: aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Seus pais comeram o maná do deserto e morreram. Mas aqui está o pão que desceu do céu, a fim de que aquele que comer deste pão não morra." (João, 6:22-36 e 47-50)

51.- Na primeira passagem, lembrando o efeito produzido anteriormente, Jesus dá claramente a entender que não se tratava de pães materiais, pois, de outro modo, a comparação estabelecida por ele com o fermento dos fariseus ficaria sem sentido: "*Ainda não compreendem — diz ele — e não se recordam de que cinco pães foram o suficiente para cinco mil pessoas e que sete pães foram o bastante para quatro mil pessoas? Como não compreenderam que não era de pão que eu lhes falava, quando dizia para se preservarem do fermento dos fariseus?*" Essa comparação não teria nenhuma razão de ser na hipótese de uma multiplicação material. O fato em si mesmo foi bastante extraordinário para ter impressionado a imaginação dos discípulos, que, entretanto, pareciam não mais lembrar-se dele.

É também o que ressalta não menos claramente do discurso de Jesus sobre o pão do céu, no qual ele se empenha em fazer que se compreendesse o verdadeiro sentido do alimento espiritual. Diz ele: "Trabalhem, não para conseguir o alimento que perece, mas por aquele que se conserva para a vida eterna e que o Filho do homem lhes dará". Esse alimento é a sua palavra, que é o pão descido do céu e dá vida ao mundo. Ele

declara: “Eu sou o pão da vida; *aquele que vem a mim não terá fome* e aquele que em mim crê nunca terá sede”.

Mas, tais distinções eram por demais sutis para aquelas naturezas rudes, que somente compreendiam as coisas materiais. Para eles, o maná que nutriu o corpo de seus antepassados era o verdadeiro pão do céu; aí é que estava o milagre. Portanto, se o fato da multiplicação dos pães tivesse ocorrido materialmente, como ele teria impressionado tão fracamente aqueles mesmos homens, a benefício dos quais essa multiplicação se operara poucos dias antes, ao ponto de perguntarem a Jesus: “Que milagre fará para que, vendo-o, possamos acreditar em ti? O que fará de extraordinário?” É que eles entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, isto é, sinais no céu se operassem por comandos, como pela varinha de um mágico. Ora, o que Jesus fazia era extremamente simples e não se afastava das leis da Natureza; as próprias curas não revelavam caráter muito singular, nem muito extraordinário; os milagres espirituais não tinham muito significado para eles.

### TENTAÇÃO DE JESUS

52.- Jesus, transportado pelo diabo ao pináculo do Templo, depois ao cume de uma montanha e por ele tentado é uma daquelas parábolas que lhe eram<sup>12</sup> familiares e que a crença pública transformou em fatos materiais (6).

(6) A explicação que se segue é reprodução textual do ensino que a esse respeito deu um Espírito.

53.- Jesus não foi arrebatado, mas apenas quis fazer que os homens compreendessem que a Humanidade está sujeita a falir e que deve estar

declara: “Eu sou o pão da vida; *aquele que vem a mim não terá fome* e aquele que em mim crê nunca terá sede”.

Mas, tais distinções eram por demais sutis para aquelas naturezas rudes, que somente compreendiam as coisas materiais. Para eles, o maná que nutriu o corpo de seus antepassados era o verdadeiro pão do céu; aí é que estava o milagre. Portanto, se o fato da multiplicação dos pães tivesse ocorrido materialmente, como ele teria impressionado tão fracamente aqueles mesmos homens, a benefício dos quais essa multiplicação se operara poucos dias antes, ao ponto de perguntarem a Jesus: “Que milagre fará para que, vendo-o, possamos acreditar em ti? O que fará de extraordinário?” É que eles entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, isto é, sinais no céu se operassem por comandos, como pela varinha de um mágico. Ora, o que Jesus fazia era extremamente simples e não se afastava das leis da Natureza; as próprias curas não revelavam caráter muito singular, nem muito extraordinário; os milagres espirituais não tinham muito significado para eles.

### TENTAÇÃO DE JESUS

52.- Jesus, transportado pelo diabo ao pináculo do Templo, depois ao cume de uma montanha e por ele tentado é uma daquelas parábolas que lhe eram familiares e que a crença pública transformou em fatos materiais (6).

(6) A explicação que se segue é reprodução textual do ensino que a esse respeito deu um Espírito.

53.- Jesus não foi arrebatado, mas apenas quis fazer que os homens compreendessem que a Humanidade está sujeita a falir e que deve estar

<sup>12</sup> qui lui étaient si familières ⇒ qui lui étaient familières. Esta palavra suprimida não aparece na tradução.

sempre em guarda contra as más inspirações às quais sua natureza fraca é tentada a ceder. Portanto, a tentação de Jesus é uma simbologia e seria preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como pretenderiam que o Messias — o Verbo de Deus encarnado — tenha estado submetido às sugestões do demônio por algum tempo, por muito curto que seja, e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o tivesse deixado *por algum tempo*, o que daria a supor que ele ainda continue submetido ao seu poder? Não; compreendam melhor os ensinamentos que lhes foram dados. O Espírito do mal nada poderia sobre a essência do bem. Ninguém diz ter visto Jesus no cume da montanha, nem no pináculo do Templo; certamente, tal fato teria sido daqueles que se espalha por todos os povos. Logo, a tentação não foi um ato material e físico. Quanto ao ato moral, admitiriam que o Espírito das trevas pudesse dizer àquele que conhecia sua própria origem e o seu poder "Adore-me e eu te darei todos os reinos da Terra"? O demônio desconheceria então aquele a quem fazia tais propostas; o que não é provável; se o conhecia, suas propostas eram uma insensatez, pois ele bem sabia que seria repellido por aquele que viera destruir o seu império sobre os homens.

Enfim, compreendam o sentido dessa parábola, que outra coisa aí não há, do mesmo modo que nos casos do *Filho pródigo* e do *Bom Samaritano*. Aquela mostra os perigos que os homens correm se não resistem à voz íntima que lhes clama sem cessar: "Você pode ser mais do que é; pode possuir mais do que possui; pode se engrandecer, adquirir muito; ceda à voz da ambição e todos os teus desejos serão satisfeitos". Ela lhes mostra o perigo e o meio de evitar essa tentação, dizendo às más inspirações: *Retira-te, Satanás!*, ou, por outras palavras: *Vá embora, tentação!*

sempre em guarda contra as más inspirações às quais sua natureza fraca é tentada a ceder. Portanto, a tentação de Jesus é uma simbologia e seria preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como pretenderiam que o Messias — o Verbo de Deus encarnado — tenha estado submetido às sugestões do demônio por algum tempo, por muito curto que seja, e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o tivesse deixado *por algum tempo*, o que daria a supor que ele ainda continue submetido ao seu poder? Não; compreendam melhor os ensinamentos que lhes foram dados. O Espírito do mal nada poderia sobre a essência do bem. Ninguém diz ter visto Jesus no cume da montanha, nem no pináculo do Templo; certamente, tal fato teria sido daqueles que se espalha por todos os povos. Logo, a tentação não foi um ato material e físico. Quanto ao ato moral, admitiriam que o Espírito das trevas pudesse dizer àquele que conhecia sua própria origem e o seu poder "Adore-me, eu te darei todos os reinos da Terra"? O demônio desconheceria então aquele a quem fazia tais propostas; o que não é provável; se o conhecia, suas propostas eram uma insensatez, pois ele bem sabia que seria repellido por aquele que viera destruir o seu império sobre os homens.

Enfim, compreendam o sentido dessa parábola, que outra coisa aí não há, do mesmo modo que nos casos do *Filho pródigo* e do *Bom Samaritano*. Aquela mostra os perigos que os homens correm se não resistem à voz íntima que lhes clama sem cessar: "Você pode ser mais do que é; pode possuir mais do que possui; pode se engrandecer, adquirir muito; ceda à voz da ambição e todos os teus desejos serão satisfeitos". Ela lhes mostra o perigo e o meio de evitar essa tentação, dizendo às más inspirações: *Retira-te, Satanás!*, ou, por outras palavras: *Vá embora, tentação!*

As duas outras parábolas que lembrei mostram o que ainda pode esperar aquele que, por muito fraco para expulsar o demônio, tenha cedido às suas tentações. Mostram a misericórdia do pai de família estendendo a sua mão sobre a fronte do filho arrependido e, com amor, concedendo-lhe o perdão implorado. Mostram o culpado, o cismático, o homem repelido por seus irmãos, valendo mais, aos olhos do Juiz Supremo, do que os que o desprezam, por ele praticar as virtudes ensinadas pela lei de amor.

Pesem bem os ensinamentos dados nos Evangelhos; saibam distinguir o que está em sentido próprio ou em sentido figurado, e os erros que lhes tem cegado tantos séculos se apagarão pouco a pouco, para dar lugar à brilhante luz da Verdade. (Bordeaux, 1862. *João, Evangelista*)

### *Prodígios por ocasião da morte de Jesus<sup>13</sup>*

54.- Ora, desde a sexta hora do dia até à nona, toda a Terra foi coberta de trevas.

Ao mesmo tempo o véu do Templo se rasgou em dois, de cima a baixo; a terra tremeu; as pedras se racharam; os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos que estavam no sono da morte ressuscitaram; e, saindo de seus túmulos após a ressurreição, vieram à cidade santa e foram vistos por muitas pessoas. (Mateus, 27<sup>14</sup>:45, 51 a 53)

55.- É estranho que tais prodígios, operando-se no momento mesmo em que a atenção da cidade se fixava no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenham sido notados, pois que nenhum historiador os menciona. Parece impossível que tenham podido passar despercebidos um tremor de terra e o fato

As duas outras parábolas que lembrei mostram o que ainda pode esperar aquele que, por muito fraco para expulsar o demônio, tenha cedido às suas tentações. Mostram a misericórdia do pai de família estendendo a sua mão sobre a fronte do filho arrependido e, com amor, concedendo-lhe o perdão implorado. Mostram o culpado, o cismático, o homem repelido por seus irmãos, valendo mais, aos olhos do Juiz Supremo, do que os que o desprezam, por ele praticar as virtudes ensinadas pela lei de amor.

Pesem bem os ensinamentos dados nos Evangelhos; saibam distinguir o que está em sentido próprio ou em sentido figurado, e os erros que lhes tem cegado durante tantos séculos se apagarão pouco a pouco, para dar lugar à brilhante luz da Verdade. (Bordeaux, 1862. *João, Evangelista*)

### PRODÍGIOS POR OCASIÃO DA MORTE DE JESUS

54.- Ora, desde a sexta hora do dia até à nona, toda a Terra foi coberta de trevas.

Ao mesmo tempo o véu do Templo se rasgou em dois, de cima a baixo; a terra tremeu; as pedras se racharam; os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos que estavam no sono da morte ressuscitaram; e, saindo de seus túmulos após a ressurreição, vieram à cidade santa e foram vistos por muitas pessoas. (Mateus, 27:45, 51 a 53)

55.- É estranho que tais prodígios, operando-se no momento mesmo em que a atenção da cidade se fixava no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenham sido notados, pois que nenhum historiador os menciona. Parece impossível que tenham podido passar despercebidos um tremor de terra e o fato

<sup>13</sup> Correção da formatação do subtítulo, pois os que aparecem no início do capítulo estão em caixa alta e não em itálico.

<sup>14</sup> Saint Matth., chapitre XXVII ⇒ Saint Matth., ch. XXVII



de *toda a Terra* ficar envolvida em trevas durante três horas, num país onde o céu é sempre de perfeita limpidez.

A duração dessa obscuridade teria sido quase a de um eclipse do Sol, mas os eclipses dessa espécie só se produzem na lua nova, e a morte de Jesus ocorreu em fase de lua cheia, a 14 de Nissan, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol também pode ser produzido pelas manchas que notamos na sua superfície. Em tal caso, o brilho da luz se enfraquece sensivelmente, porém, nunca ao ponto de produzir a obscuridade e as trevas. Admitido que um fenômeno desse gênero tivesse ocorrido a essa época, ele teria tido uma causa perfeitamente natural (7).

Quanto aos mortos que ressuscitaram, possivelmente *algumas pessoas* tiveram visões ou viram aparições — o que não é algo excepcional; todavia, como então não se conhecia a causa desse fenômeno, supuseram que os indivíduos aparecidos saíam dos sepulcros.

Sensibilizados com a morte de seu mestre, os discípulos de Jesus sem dúvida vincularam a essa morte alguns fatos particulares, aos quais não tiveram prestado nenhuma atenção noutra ocasião. Bastaria que um fragmento de rochedo tivesse se destacado naquele momento para que pessoas predispostas ao maravilhoso vissem nesse fato um prodígio, e que, ampliando o fato, dissessem que as pedras se racharam.

Jesus é grande pelas suas obras e não pelos quadros fantásticos de que um entusiasmo pouco esclarecido entendeu dever cercá-lo.

(7) Há constantemente, na superfície do Sol, manchas físicas, que lhe acompanham o movimento de rotação e têm servido para determinarmos a duração desse movimento. Às vezes, porém, essas manchas aumentam em número, em extensão e em intensidade. É então que se produz uma diminuição da luz e do calor solares. O aumento do número das manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e com a

de *toda a Terra* ficar envolvida em trevas durante três horas, num país onde o céu é sempre de perfeita limpidez.

A duração dessa obscuridade teria sido quase a de um eclipse do Sol, mas os eclipses dessa espécie só se produzem na lua nova, e a morte de Jesus ocorreu em fase de lua cheia, a 14 de Nissan, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol também pode ser produzido pelas manchas que notamos na sua superfície. Em tal caso, o brilho da luz se enfraquece sensivelmente, porém, nunca ao ponto de produzir a obscuridade e as trevas. Admitido que um fenômeno desse gênero tivesse ocorrido a essa época, ele teria tido uma causa perfeitamente natural (7).

Quanto aos mortos que ressuscitaram, possivelmente *algumas pessoas* tiveram visões ou viram aparições — o que não é algo excepcional; todavia, como então não se conhecia a causa desse fenômeno, supuseram que os indivíduos aparecidos saíam dos sepulcros.

Sensibilizados com a morte de seu mestre, os discípulos de Jesus sem dúvida vincularam a essa morte alguns fatos particulares, aos quais não tiveram prestado nenhuma atenção noutra ocasião. Bastaria que um fragmento de rochedo tivesse se destacado naquele momento para que pessoas predispostas ao maravilhoso vissem nesse fato um prodígio, e que, ampliando o fato, dissessem que as pedras se racharam.

Jesus é grande pelas suas obras e não pelos quadros fantásticos de que um entusiasmo pouco esclarecido entendeu dever cercá-lo.

(7) Há constantemente, na superfície do Sol, manchas físicas, que lhe acompanham o movimento de rotação e têm servido para determinarmos a duração desse movimento. Às vezes, porém, essas manchas aumentam em número, em extensão e em intensidade. É então que se produz uma diminuição da luz e do calor solares. O aumento do número das manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e com a

posição relativa de alguns planetas, o que lhes determina o reaparecimento periódico. É muito variável a duração daquele obscurecimento; por vezes não vai além de duas ou três horas, mas, em 535, houve um que durou catorze meses.

### APARIÇÃO DE JESUS, APÓS SUA MORTE

56.- Mas Maria (Madalena) ficou do lado de fora, perto do sepulcro, derramando lágrimas. E estando a chorar, como se abaixasse para olhar dentro do sepulcro, ela viu dois anjos vestidos de branco, assentados no lugar onde havia ficado o corpo de Jesus, um à cabeceira, o outro do lado dos pés. Eles disseram a ela: "Mulher, por que está chorando?" Ela respondeu: "É que levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram."

Tendo dito isto, ela voltou-se e viu a Jesus de pé, *sem saber, entretanto que fosse Jesus*. Então Jesus lhe disse: "Mulher, por que está chorando? A quem procura?" Ela, pensando que fosse o jardineiro, responde: "Senhor, se foi você quem o tirou, diga-me onde o colocou e eu o levarei!"

Disse-lhe Jesus: "Maria". Logo ela se voltou e lhe disse: "*Rabboni!*" — isto é: "Meu Senhor". Jesus lhe respondeu: "Não me toque, porque ainda não subi para meu Pai; mas vai ter com meus irmãos e digam a eles meu recado: Subo a meu Pai e seu Pai, a meu Deus e seu Deus."

Maria Madalena foi então dizer aos discípulos que havia visto o Senhor e que este lhe disse aquelas coisas. (João, 20:14 a 18)

57.- Naquele mesmo dia, dois deles iam para uma cidade chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios, falando entre si de tudo o que se passara. E aconteceu que, quando conversavam e discorriam sobre isso, o próprio Jesus veio se juntar a eles, e se pôs a caminhar com eles; *seus olhos, porém, estavam cobertos, a fim de que não pudessem reconhecê-lo*. E ele lhes disse: "De que vinham falando enquanto caminhavam, e por que estão tão tristes?"

Um deles, chamado Cleofas, tomando a palavra lhe disse: "Serás em Jerusalém o único estrangeiro que não saiba do que aconteceu lá estes últimos dias?". "E o que foi?" — perguntou ele. Responderam-lhe: "A respeito de Jesus de Nazaré, que foi um poderoso profeta diante de Deus e diante de todo o povo; e acerca do modo como os príncipes dos sacerdotes e os nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem resgatasse a Israel, e no entanto, apesar de tudo isso, já é o terceiro dia depois que tais coisas aconteceram. É verdade que algumas mulheres das que estavam conosco nos surpreenderam, pois, tendo ido ao seu

posição relativa de alguns planetas, o que lhes determina o reaparecimento periódico. É muito variável a duração daquele obscurecimento; por vezes não vai além de duas ou três horas, mas, em 535, houve um que durou catorze meses.

### APARIÇÃO DE JESUS, APÓS SUA MORTE

56.- Mas Maria (Madalena) ficou do lado de fora, perto do sepulcro, derramando lágrimas. E estando a chorar, como se abaixasse para olhar dentro do sepulcro, ela viu dois anjos vestidos de branco, assentados no lugar onde havia ficado o corpo de Jesus, um à cabeceira, o outro do lado dos pés. Eles disseram a ela: "Mulher, por que está chorando?" Ela respondeu: "É que levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram."

Tendo dito isto, ela voltou-se e viu a Jesus de pé, *sem saber, entretanto que fosse Jesus*. Então Jesus lhe disse: "Mulher, por que está chorando? A quem procura?" Ela, pensando que fosse o jardineiro, responde: "Senhor, se foi você quem o tirou, diga-me onde o colocou e eu o levarei!"

Disse-lhe Jesus: "Maria". Logo ela se voltou e lhe disse: "*Rabboni!*" — isto é: "Meu Senhor". Jesus lhe respondeu: "Não me toque, porque ainda não subi para meu Pai; mas vai ter com meus irmãos e digam a eles meu recado: Subo a meu Pai e seu Pai, a meu Deus e seu Deus."

Maria Madalena foi então dizer aos discípulos que havia visto o Senhor e que este lhe disse aquelas coisas. (João, 20:14 a 18)

57.- Naquele mesmo dia, dois deles iam para uma cidade chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios, falando entre si de tudo o que se passara. E aconteceu que, quando conversavam e discorriam sobre isso, o próprio Jesus veio se juntar a eles, e se pôs a caminhar com eles; *seus olhos, porém, estavam cobertos, a fim de que não pudessem reconhecê-lo*. E ele lhes disse: "De que vinham falando enquanto caminhavam, e por que estão tão tristes?"

Um deles, chamado Cleofas, tomando a palavra lhe disse: "Serás em Jerusalém o único estrangeiro que não saiba do que aconteceu lá estes últimos dias?". "E o que foi?" — perguntou ele. Responderam-lhe: "A respeito de Jesus de Nazaré, que foi um poderoso profeta diante de Deus e diante de todo o povo; e acerca do modo como os príncipes dos sacerdotes e os nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem resgatasse a Israel, e no entanto, apesar de tudo isso, já é o terceiro dia depois que tais coisas aconteceram. É verdade que algumas mulheres das que estavam conosco nos surpreenderam, pois, tendo ido ao seu

sepulcro antes do romper do dia, e não tendo encontrado lá o corpo dele, vieram nos dizer que anjos mesmos lhes apareceram, dizendo a elas que ele está vivo. E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram todas as coisas conforme as mulheres haviam contado; e quanto a ele, eles não o encontraram."

Disse-lhes então Jesus: "Ó insensatos, cujo coração está atrasado a crer em tudo aquilo que os profetas têm dito! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que assim entrasse na glória? E começando por Moisés, passando em seguida por todos os profetas, ele lhes explicava o que em todas as **Escrituras**<sup>15</sup> havia dito dele!"

Ao aproximarem-se da cidade para onde eles iam, ele fez parecer que ia mais longe. Porém eles o forçaram a deter-se, dizendo-lhe: "Fique conosco, que já é tarde e o dia está em declínio."; e ele foi com os dois. Estando com eles à mesa, ele pegou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes deu. *No mesmo instante os olhos deles se abriram e o reconheceram; ele, porém, desapareceu diante das vistas deles.*

Então, disseram um ao outro: "Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?" E, erguendo-se na mesma hora, voltaram a Jerusalém e viram que os onze apóstolos e os que continuavam com eles estavam reunidos, e diziam: "O Senhor realmente está ressuscitado e *apareceu* a Simão." Então, também eles narraram o que lhes acontecera em caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão; Enquanto assim confabulavam, Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: "A paz seja com vocês! Sou eu, não se assustem!" Mas, na perturbação e no medo de que foram tomados, eles imaginaram estar vendo *um Espírito*.

E Jesus lhes disse: "Por que estão perturbados? E Por que tantos pensamentos se elevam nos seus corações? Olhem para as minhas mãos e para os meus pés e reconheçam que sou eu mesmo. Toquem-me e considerem que um Espírito não tem carne, nem osso, como podem ver que eu tenho." Após dizer isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Mas, como eles ainda não acreditavam, tão transportados de alegria e de admiração se achavam, disse-lhes: "Vocês têm aqui alguma coisa de comer?" Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele comeu diante deles e, tomando os restos, deu-lhes, dizendo: "Eis o que eu lhes disse, estando ainda com vocês; que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim foi escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos."

Ao mesmo tempo abriu o espírito deles, a fim de que eles entendessem as Escrituras, e lhes disse: "É assim que

sepulcro antes do romper do dia, e não tendo encontrado lá o corpo dele, vieram nos dizer que anjos mesmos lhes apareceram, dizendo a elas que ele está vivo. E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram todas as coisas conforme as mulheres haviam contado; e quanto a ele, eles não o encontraram."

Disse-lhes então Jesus: "Ó insensatos, cujo coração está atrasado a crer em tudo aquilo que os profetas têm dito! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que assim entrasse na glória? E começando por Moisés, passando em seguida por todos os profetas, ele lhes explicava o que em todas as **Escrituras** havia dito dele!"

Ao aproximarem-se da cidade para onde eles iam, ele fez parecer que ia mais longe. Porém eles o forçaram a deter-se, dizendo-lhe: "Fique conosco, que já é tarde e o dia está em declínio."; e ele foi com os dois. Estando com eles à mesa, ele pegou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes deu. *No mesmo instante os olhos deles se abriram e o reconheceram; ele, porém, desapareceu diante das vistas deles.*

Então, disseram um ao outro: "Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?" E, erguendo-se na mesma hora, voltaram a Jerusalém e viram que os onze apóstolos e os que continuavam com eles estavam reunidos, e diziam: "O Senhor realmente está ressuscitado e *apareceu* a Simão." Então, também eles narraram o que lhes acontecera em caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão; Enquanto assim confabulavam, Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: "A paz seja com vocês! Sou eu, não se assustem!" Mas, na perturbação e no medo de que foram tomados, eles imaginaram estar vendo *um Espírito*.

E Jesus lhes disse: "Por que estão perturbados? E Por que tantos pensamentos se elevam nos seus corações? Olhem para as minhas mãos e para os meus pés e reconheçam que sou eu mesmo. Toquem-me e considerem que um Espírito não tem carne, nem osso, como podem ver que eu tenho." Após dizer isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Mas, como eles ainda não acreditavam, tão transportados de alegria e de admiração se achavam, disse-lhes: "Vocês têm aqui alguma coisa de comer?" Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele comeu diante deles e, tomando os restos, deu-lhes, dizendo: "Eis o que eu lhes disse, estando ainda com vocês; que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim foi escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos."

Ao mesmo tempo abriu o espírito deles, a fim de que eles entendessem as Escrituras, e lhes disse: "É assim que

<sup>15</sup> Écritures ⇒ Escritures

## CAPÍTULO XV - Os milagres do evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

está escrito e assim era que se fazia necessário que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos no terceiro dia; e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém. Ora, vocês são testemunhas dessas coisas. E eu vou enviá-los o dom de meu Pai, que lhes foi prometido; mas, por enquanto, permaneçam na cidade até que vocês sejam revestidos da força do Alto." (Lucas, 24:13 a 49)

58.- Ora, Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimos, não se achava com eles quando Jesus apareceu. Os outros discípulos então lhe disseram: "Nós vimos o Senhor!" Mas ele lhes disse: "Se eu não vir nas suas mãos as marcas dos cravos que as atravessaram e não puser o dedo no buraco feito pelos cravos e minha mão **na chaga** do seu lado, eu não acreditarei!"

Oito dias depois, estando ainda os discípulos no mesmo lugar, e com eles Tomé, Jesus veio, *achando-se fechadas as portas*, e, colocando-se no meio deles, disse-lhes: "A paz esteja com vocês!" Disse em seguida a Tomé: "Põe aqui o teu dedo e olha minhas mãos; estende também a tua mão e mete-a no meu lado, e não seja incrédulo, mas fiel!" Tomé lhe respondeu: "Meu Senhor e meu Deus!" Jesus lhe disse: "Você acreditou, Tomé, porque viu; felizes aqueles que creram sem ter visto!" (João, 20:20 a 29)

59.- Jesus também se mostrou depois aos seus discípulos à margem do mar de Tiberíades, mostrando-se desta forma:

Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimos, Natanael, que era de Caná na Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam juntos. Simão Pedro lhe disse: "Vou pescar." Os outros disseram: "Nós também vamos contigo." Então foram e entraram numa barca; mas nada apanharam naquela noite.

Ao amanhecer, *Jesus apareceu sobre a margem, sem que seus discípulos reconhecessem que era ele*. Jesus então lhes disse: "Filhos, vocês não têm nada para comer?" Responderam-lhe: "Não." Ele replicou: "Lancem a rede do lado direito da barca e acharão!" Eles logo a lançaram e quase não puderam retirá-la, tão carregada estava de peixes.

Então o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: "É o Senhor!" E Simão Pedro, ao descobrir que era o Senhor, vestiu-se (pois que estava nu) e se atirou ao mar. Os outros discípulos vieram com a barca, e, como não estavam distantes da **terra** mais de duzentos côvados, eles daí puxaram a rede cheia de peixes. (João, 21:1 a 8)

está escrito e assim era que se fazia necessário que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos no terceiro dia; e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém. Ora, vocês são testemunhas dessas coisas. E eu vou enviá-los o dom de meu Pai, que lhes foi prometido; mas, por enquanto, permaneçam na cidade até que vocês sejam revestidos da força do Alto." (Lucas, 24:13 a 49)

58.- Ora, Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimos, não se achava com eles quando Jesus apareceu. Os outros discípulos então lhe disseram: "Nós vimos o Senhor!" Mas ele lhes disse: "Se eu não vir nas suas mãos as marcas dos cravos que as atravessaram e não puser o dedo no buraco feito pelos cravos e minha mão **no rasgão** do seu lado, eu não acreditarei!"

Oito dias depois, estando ainda os discípulos no mesmo lugar, e com eles Tomé, Jesus veio, *achando-se fechadas as portas*, e, colocando-se no meio deles, disse-lhes: "A paz esteja com vocês!" Disse em seguida a Tomé: "Põe aqui o teu dedo e olha minhas mãos; estende também a tua mão e mete-a no meu lado, e não seja incrédulo, mas fiel!" Tomé lhe respondeu: "Meu Senhor e meu Deus!" Jesus lhe disse: "Você acreditou, Tomé, porque viu; felizes aqueles que creram sem ter visto!" (João, 20:20 a 29)

59.- Jesus também se mostrou depois aos seus discípulos à margem do mar de Tiberíades, mostrando-se desta forma:

Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimos, Natanael, que era de Caná na Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam juntos. Simão Pedro lhe disse: "Vou pescar." Os outros disseram: "Nós também vamos contigo." Então foram e entraram numa barca; mas nada apanharam naquela noite.

Ao amanhecer, *Jesus apareceu sobre a margem, sem que seus discípulos reconhecessem que era ele*. Jesus então lhes disse: "Filhos, vocês não têm nada para comer?" Responderam-lhe: "Não." Ele replicou: "Lancem a rede do lado direito da barca e acharão!" Eles logo a lançaram e quase não puderam retirá-la, tão carregada estava de peixes.

Então o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: "É o Senhor!" E Simão Pedro, ao descobrir que era o Senhor, vestiu-se (pois que estava nu) e se atirou ao mar. Os outros discípulos vieram com a barca, e, como não estavam distantes do **mar** mais de duzentos côvados, eles daí puxaram a rede cheia de peixes. (João, 21:1 a 8)

60.- Depois disso, ele os levou até Betânia; e tendo lavado as mãos, ele os abençoou, e os bendizendo, *separou-se deles e foi arrebatado ao céu.*

Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém cheios de alegria; e estavam constantemente no **Templo**, louvando e bendizendo a Deus. Amém. (Lucas, 24:50 a 53)

61.- As aparições de Jesus após sua morte são reportadas por todos os evangelistas com detalhes circunstanciados que não nos permitem duvidar da realidade do fato. Aliás, elas se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e não apresentam nada de anormal diante dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história antiga e contemporânea oferece numerosos exemplos, sem fazer exceção da tangibilidade. Se observarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, reconheceremos nele, nesses momentos, todas as características de um ser fluídico. Ele aparece instantaneamente e do mesmo modo desaparece; ele é visto por uns e por outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer pelos seus discípulos; ele se mostra em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; até sua linguagem carece da vivacidade daquela de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso — peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; em resumo, todas as suas atitudes demonstram alguma coisa que não é do mundo terreno. Sua presença causa simultaneamente surpresa e pavor; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade; sentem que já não é o homem.

Portanto, Jesus se mostrou com o seu corpo perispiritual — o que explica que só tenha sido visto por aqueles que ele quis que o vissem; se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo. Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas

60.- Depois disso, ele os levou até Betânia; e tendo lavado as mãos, ele os abençoou, e os bendizendo, *separou-se deles e foi arrebatado ao céu.*

Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém cheios de alegria; e estavam constantemente no **templo**, louvando e bendizendo a Deus. Amém. (Lucas, 24:50 a 53)

61.- As aparições de Jesus após sua morte são reportadas por todos os evangelistas com detalhes circunstanciados que não nos permitem duvidar da realidade do fato. Aliás, elas se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e não apresentam nada de anormal diante dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história antiga e contemporânea oferece numerosos exemplos, sem fazer exceção da tangibilidade. Se observarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, reconheceremos nele, nesses momentos, todas as características de um ser fluídico. Ele aparece instantaneamente e do mesmo modo desaparece; ele é visto por uns e por outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer pelos seus discípulos; ele se mostra em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; até sua linguagem carece da vivacidade daquela de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso — peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; em resumo, todas as suas atitudes demonstram alguma coisa que não é do mundo terreno. Sua presença causa simultaneamente surpresa e pavor; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade; sentem que já não é o homem.

Portanto, Jesus se mostrou com o seu corpo perispiritual — o que explica que só tenha sido visto por aqueles que ele quis que o vissem; se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo. Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas

particularidades, a que provavelmente não davam atenção; desde que viram o Senhor e o tocavam, aqui para eles deveria ser o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, nº 14 e 35 a 38)

62.- Do mesmo modo que a descrença rejeita todos os fatos produzidos por Jesus, tendo uma aparência sobrenatural, e os considera — sem exceção — lendários, o Espiritismo dá à maior parte desses fatos uma explicação natural; prova a possibilidade deles, não somente pela teoria das leis fluídicas, como pela sua identidade com fatos semelhantes produzidos por uma imensidade de pessoas nas mais comuns condições. Por tais fatos serem de certo modo do domínio público, eles nada provam, em princípio, com relação à natureza excepcional de Jesus (8).

(8) Os inúmeros fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que se encontram relatados na *Revista Espírita* e lembrados nas observações acima, oferecem, até quanto aos pormenores, tão flagrante analogia com os que o Evangelho narra, que ressalta evidente a identidade dos efeitos e das causas. Não se compreende que o mesmo fato tivesse hoje uma causa natural e que essa causa fosse sobrenatural outrora; diabólica com uns e divina com outros. Se fosse possível pô-los aqui em confronto uns com os outros, a comparação se **tornaria**<sup>16</sup> mais fácil; porém, o número deles e os desenvolvimentos que a narrativa reclamaria não o permitem.

63.- O maior milagre que Jesus operou, aquele que verdadeiramente atesta a sua superioridade, é a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, apesar da simplicidade dos seus meios de ação.

Com efeito, Jesus obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, no seio de um pequeno povo, ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, não pregou mais do que três anos; durante esse curto espaço de tempo, ele é

particularidades, a que provavelmente não davam atenção; desde que viram o Senhor e o tocavam, aqui para eles deveria ser o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, nº 14 e 35 a 38)

62.- Do mesmo modo que a descrença rejeita todos os fatos produzidos por Jesus, tendo uma aparência sobrenatural, e os considera — sem exceção — lendários, o Espiritismo dá à maior parte desses fatos uma explicação natural; prova a possibilidade deles, não somente pela teoria das leis fluídicas, como pela sua identidade com fatos semelhantes produzidos por uma imensidade de pessoas nas mais comuns condições. Por tais fatos serem de certo modo do domínio público, eles nada provam, em princípio, com relação à natureza excepcional de Jesus (8).

(8) Os inúmeros fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que se encontram relatados na *Revista espírita* e lembrados nas observações acima, oferecem, até quanto aos pormenores, tão flagrante analogia com os que o Evangelho narra, que ressalta evidente a identidade dos efeitos e das causas. Não se compreende que o mesmo fato tivesse hoje uma causa natural e que essa causa fosse sobrenatural outrora; diabólica com uns e divina com outros. Se fosse possível pô-los aqui em confronto uns com os outros, a comparação se **tornaria** mais fácil; porém, o número deles e os desenvolvimentos que a narrativa reclamaria não o permitem.

63.- O maior milagre que Jesus operou, aquele que verdadeiramente atesta a sua superioridade, é a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, apesar da simplicidade dos seus meios de ação.

Com efeito, Jesus obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, no seio de um pequeno povo, ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, não pregou mais do que três anos; durante esse curto espaço de tempo, ele é

<sup>16</sup> **aurait** été ⇒ **avait** été

desacreditado e perseguido pelos seus concidadãos, caluniado, acusado de impostor; ele é obrigado a fugir para não ser apedrejado; é traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Só fazia o bem, mas isso não o protegeu da malevolência, que voltou contra ele os próprios serviços que ele prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, ele morre ignorado pelo mundo, visto que a história daquela época silenciou-se a seu respeito. (9) Ele nada escreveu; entretanto, ajudado por alguns homens tão obscuros quanto ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo todo-poderoso, e ele se tornou o facho da civilização. Tinha contra si tudo aquilo que causa o insucesso dos homens, razão por que dizemos que o triunfo da sua doutrina é o maior dos seus milagres, ao mesmo tempo em que prova sua divina missão. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, ele tivesse oferecido à posteridade apenas alguns fatos maravilhosos, talvez hoje nós mal conheceríamos o seu nome.

(9) Unicamente quem fala dele é o historiador judeu Flávio Josefo, que, aliás, diz pouquíssima coisa.

#### DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

64.- O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte tem sido objeto de inúmeros comentários; ele é atestado pelos quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia e não o encontraram lá. Alguns viram nesse desaparecimento um fato milagroso, outros supunham uma remoção clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico;

desacreditado e perseguido pelos seus concidadãos, caluniado, acusado de impostor; ele é obrigado a fugir para não ser apedrejado; é traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Só fazia o bem, mas isso não o protegeu da malevolência, que voltou contra ele os próprios serviços que ele prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, ele morre ignorado pelo mundo, visto que a história daquela época silenciou-se a seu respeito. (9) Ele nada escreveu; entretanto, ajudado por alguns homens tão obscuros quanto ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo todo-poderoso, e ele se tornou o facho da civilização. Tinha contra si tudo aquilo que causa o insucesso dos homens, razão por que dizemos que o triunfo da sua doutrina é o maior dos seus milagres, ao mesmo tempo em que prova sua divina missão. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, ele tivesse oferecido à posteridade apenas alguns fatos maravilhosos, talvez hoje nós mal conheceríamos o seu nome.

(9) Unicamente quem fala dele é o historiador judeu Flávio Josefo, que, aliás, diz pouquíssima coisa.

#### DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

64.- O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte tem sido objeto de inúmeros comentários; ele é atestado pelos quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia e não o encontraram lá. Alguns viram nesse desaparecimento um fato milagroso, outros supunham uma remoção clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico;

ele não teria sido em toda a sua vida mais do que uma aparição tangível, ou numa palavra, uma espécie de agêner. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que — como dizem — seu corpo teria voltado ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro, e com esse mesmo corpo é que ele teria se mostrado depois de sua morte.

Sem dúvida, semelhante fato não é radicalmente impossível, desde que hoje se conhece as propriedades dos fluidos; mas, pelo menos, seria um fato inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres (Cap. XIV, nº 36). Trata-se, portanto, de sabermos se tal hipótese é admissível, se está conforme ou em contradição com os fatos.

65.- A permanência de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa dentro das condições normais da vida. (10) Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela as qualidades inconfundíveis da natureza corpórea. Os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem são acidentais e nada têm de anormais, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão em graus diferentes noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é absolutamente evidente, que não se pode confundi-los.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita e que diferem essencialmente das propriedades dos fluidos etéreos; a desorganização nele se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, o funcionamento deles cessa e acontece a morte,

ele não teria sido em toda a sua vida mais do que uma aparição tangível, ou numa palavra, uma espécie de agêner. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que — como dizem — seu corpo teria voltado ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro, e com esse mesmo corpo é que ele teria se mostrado depois de sua morte.

Sem dúvida, semelhante fato não é radicalmente impossível, desde que hoje se conhece as propriedades dos fluidos; mas, pelo menos, seria um fato inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres (Cap. XIV, nº 36). Trata-se, portanto, de sabermos se tal hipótese é admissível, se está conforme ou em contradição com os fatos.

65.- A permanência de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa dentro das condições normais da vida. (10) Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela as qualidades inconfundíveis da natureza corpórea. Os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem são acidentais e nada têm de anormais, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão em graus diferentes noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é absolutamente evidente, que não se pode confundi-los.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita e que diferem essencialmente das propriedades dos fluidos etéreos; a desorganização nele se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, o funcionamento deles cessa e acontece a morte,



isto é, a morte do corpo. Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não se sustenta no jogo de órgãos especiais, e não se podem produzir desordens iguais àquelas; um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como num vapor, sem lhe ocasionar nenhuma lesão. Tal a razão por que os corpos desse tipo *não*<sup>17</sup> *podem morrer* e por que os seres fluídicos designados pelo nome de *agêneres* não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; ele foi sepultado igual aos corpos comuns, e qualquer pôde vê-lo e tocá-lo. Após sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, ele não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de uma natureza diferente da daquele que pereceu na cruz; pelo que devemos concluir que, se Jesus pôde morrer, é que ele tinha um corpo carnal.

Por virtude dessas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo quem sofre, é o Espírito que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o Espírito que não tem corpo carnal não pode experimentar os sofrimentos — que são o resultado da alteração da matéria; donde também é preciso concluir que se Jesus sofreu materialmente — do que não podemos duvidar — é que ele tinha um corpo material de uma natureza igual a de todo o mundo.

(10) Não falamos do mistério da encarnação, com o qual não temos que nos ocupar aqui e que será examinado posteriormente

isto é, a morte do corpo. Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não se sustenta no jogo de órgãos especiais, e não se podem produzir desordens iguais àquelas; um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como num vapor, sem lhe ocasionar nenhuma lesão. Tal a razão por que os corpos desse tipo *não* *podem morrer* e por que os seres fluídicos designados pelo nome de *agêneres* não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; ele foi sepultado igual aos corpos comuns, e qualquer pôde vê-lo e tocá-lo. Após sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, ele não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de uma natureza diferente da daquele que pereceu na cruz; pelo que devemos concluir que, se Jesus pôde morrer, é que ele tinha um corpo carnal.

Por virtude dessas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo quem sofre, é o Espírito que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o Espírito que não tem corpo carnal não pode experimentar os sofrimentos — que são o resultado da alteração da matéria; donde também é preciso concluir que se Jesus sofreu materialmente — do que não podemos duvidar — é que ele tinha um corpo material de uma natureza igual a de todo o mundo.

(10) Não falamos do mistério da encarnação, com o qual não temos que nos ocupar aqui e que será examinado posteriormente

<sup>17</sup> *ne peuvent pas mourir* ⇒ *ne peuvent pas mourir*

66.- Aos fatos materiais juntamos considerações morais fortíssimas. Se Jesus tivesse estado durante a sua vida nas condições de seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem qualquer uma das necessidades do corpo; supor que assim tenha sido é tirar dele todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que ele havia escolhido como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse somente aparente, todos os atos de sua vida — a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse o cálice dos seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo até o último brado, no momento de entregar o Espírito — não teria passado de vã simulação para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida — uma comédia indigna de qualquer homem honesto, e com mais forte razão de um ser tão superior; numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.

Jesus teve então, como qualquer pessoa, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que marcaram a sua vida.

67.- O que aconteceu com o corpo carnal? Este é um problema cuja solução, até nova ordem, não se pode deduzir senão por hipóteses, por falta de elementos suficientes para estabelecer uma convicção. Esta solução, aliás, é de uma importância secundária, e não acrescentaria nada aos méritos do Cristo, nem aos fatos que atestam, de uma maneira muito concreta, sua superioridade e sua divina missão.

Portanto, acerca da maneira como esse desaparecimento ocorreu, não há nada mais do que opiniões pessoais, que não teriam qualquer valor

66.- Aos fatos materiais juntamos considerações morais fortíssimas. Se Jesus tivesse estado durante a sua vida nas condições de seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem qualquer uma das necessidades do corpo; supor que assim tenha sido é tirar dele todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que ele havia escolhido como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse somente aparente, todos os atos de sua vida — a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse o cálice dos seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo até o último brado, no momento de entregar o Espírito — não teria passado de vã simulação para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida — uma comédia indigna de qualquer homem honesto, e com mais forte razão de um ser tão superior; numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.

Jesus teve então, como qualquer pessoa, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que marcaram a sua vida.

até que fossem sancionadas por uma lógica rigorosa, e pelo ensino geral dos Espíritos; ora, até o presente, nenhuma dessas teorias formuladas recebeu a sanção desse duplo controle.

Se os Espíritos ainda não puderam resolver a questão pela unanimidade de seus ensinamentos, é que certamente o momento da resolução ainda não chegou, ou porque ainda nos falta conhecimentos com os quais nós mesmos poderíamos resolvê-la. Enquanto isso, se afastarmos a suposição de uma remoção clandestina, por analogia, poderíamos encontrar uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno de transporte e de invisibilidade. (*O Livro dos Médiuns*, cap. IV e V.)

68.- Essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século, Apolinário de Laodiceia (chefe da seita dos *apolinaristas*) pretendia que Jesus não tinha tomado um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível*, que havia descido do céu ao ventre da santa Virgem e que não havia nascido dela; assim, que Jesus não teria nascido, nem sofrido e nem morrido a não ser em *aparência*. Os apolinaristas foram amaldiçoados no concílio de Alexandria em 360, no de Roma em 374 e no de Constantinopla em 381.

67.- Essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século, Apolinário de Laodiceia (chefe da seita dos *Apolinaristas*) pretendia que Jesus não tinha tomado um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível*, que havia descido do céu ao ventre da santa Virgem e que não havia nascido dela; assim, que Jesus não teria nascido, nem sofrido e nem morrido a não ser em *aparência*. Os apolinaristas foram amaldiçoados no concílio de Alexandria em 360, no de Roma em 374 e no de Constantinopla em 381.

Os Docetas (do grego *dokein*, aparecer), seita numerosa dos Gnósticos, que subsistiu durante os três primeiros séculos, tinham a mesma crença.

1.- Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a previsão dos acontecimentos que são a consequência do estado presente, porém não a dos fatos que não tenham nenhuma relação com esse estado, nem ainda menos a dos que se atribui ao acaso. As coisas futuras não existem — dizem; elas ainda se encontram no nada; como saber então que elas acontecerão? No entanto, os casos de predições realizadas são muito numerosos, pelo que devemos concluir que aí ocorre um fenômeno do qual não temos a **chave**<sup>1</sup>, pois não há efeito sem causa; é essa causa que vamos tentar descobrir, e é ainda o Espiritismo — a própria **chave** de tantos mistérios — quem vai nos fornecê-la, e, ainda mais, quem nos mostrará que o próprio fato das predições não se produz fora das leis naturais.

Tomemos para comparação um exemplo nas coisas usuais, e que nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

2.- Suponhamos um homem colocado numa montanha alta e observando a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa para ele, que poderá facilmente apanhar de um só golpe de vista todos os acidentes do terreno, do começo ao fim da estrada. O viajante que pela primeira vez percorra essa estrada sabe que caminhando chegará ao fim dela: isso é uma simples previsão da consequência da sua caminhada; entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os rios que terá de transpor, os bosques que tenha de atravessar, os precipícios em que poderá cair, os ladrões que o espreitem para roubá-lo, as casas hospitaleiras onde ele poderá

1.- Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a previsão dos acontecimentos que são a consequência do estado presente, porém não a dos fatos que não tenham nenhuma relação com esse estado, nem ainda menos a dos que se atribui ao acaso. As coisas futuras não existem — dizem; elas ainda se encontram no nada; como saber então que elas acontecerão? No entanto, os casos de predições realizadas são muito numerosos, pelo que devemos concluir que aí ocorre um fenômeno do qual não temos a **chave**, pois não há efeito sem causa; é essa causa que vamos tentar descobrir, e é ainda o Espiritismo — a própria **chave** de tantos mistérios — quem vai nos fornecê-la, e, ainda mais, quem nos mostrará que o próprio fato das predições não se produz fora das leis naturais.

Tomemos para comparação um exemplo nas coisas usuais, e que nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

2.- Suponhamos um homem colocado numa montanha alta e observando a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa para ele, que poderá facilmente apanhar de um só golpe de vista todos os acidentes do terreno, do começo ao fim da estrada. O viajante que pela primeira vez percorra essa estrada sabe que caminhando chegará ao fim dela: isso é uma simples previsão da consequência da sua caminhada; entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os rios que terá de transpor, os bosques que tenha de atravessar, os precipícios em que poderá cair, os ladrões que o espreitem para roubá-lo, as casas hospitaleiras onde ele poderá

<sup>1</sup> Houve a troca de uma palavra antiga para se referir à chave (*clef*) para sua versão mais moderna (*clé*). Para mais detalhes, consulte On écrit « clé » ou « clef » ?

repousar, tudo isso é independente dessa pessoa: é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que gasta para percorrer o caminho; tirem dele os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo é o presente. Suponhamos que esse homem desça ao encontro do viajante lhe diga “Em tal momento, você encontrará tal coisa, será atacado e socorrido”, ele lhe estará predizendo o futuro; o futuro é para o viajante, mas para o homem da montanha, esse futuro é o presente.

3.- Se sairmos agora do âmbito das coisas puramente materiais e entrarmos através do pensamento no domínio da vida espiritual, veremos esse mesmo fenômeno se produzir em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha: o espaço e a duração desaparecem para eles. Mas a extensão e a penetração da vista deles são proporcionadas à sua purificação e à sua elevação na hierarquia espiritual; com relação aos Espíritos inferiores, eles são como homens munidos de possantes telescópios, ao lado de outros que apenas dispõem dos olhos. Nos Espíritos inferiores, a visão é limitada, não só porque eles dificilmente podem se afastar do globo a que se acham presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos esconde deles as coisas distantes, como faz um nevoeiro aos olhos do corpo.

**Logo, bem** compreendemos que, de acordo com o grau de perfeição, um Espírito possa alcançar um período de alguns anos, de alguns séculos e até mesmo de muitos milhares de anos, pois, o que é um século em comparação com o infinito? Diante dele, os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente, como os incidentes da estrada diante do viajor: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os eventos que

repousar, tudo isso é independente dessa pessoa: é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que gasta para percorrer o caminho; tirem dele os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo é o presente. Suponhamos que esse homem desça ao encontro do viajante lhe diga “Em tal momento, você encontrará tal coisa, será atacado e socorrido”, ele lhe estará predizendo o futuro; o futuro é para o viajante, mas para o homem da montanha, esse futuro é o presente.

3.- Se sairmos agora do âmbito das coisas puramente materiais e entrarmos através do pensamento no domínio da vida espiritual, veremos esse mesmo fenômeno se produzir em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha: o espaço e a duração desaparecem para eles. Mas a extensão e a penetração da vista deles são proporcionadas à sua purificação e à sua elevação na hierarquia espiritual; com relação aos Espíritos inferiores, eles são como homens munidos de possantes telescópios, ao lado de outros que apenas dispõem dos olhos. Nos Espíritos inferiores, a visão é limitada, não só porque eles dificilmente podem se afastar do globo a que se acham presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos esconde deles as coisas distantes, como faz um nevoeiro aos olhos do corpo.

**Bem** compreendemos que, de acordo com o grau de perfeição, um Espírito possa alcançar um período de alguns anos, de alguns séculos e até mesmo de muitos milhares de anos, pois, o que é um século em comparação com o infinito? Diante dele, os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente, como os incidentes da estrada diante do viajor: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os eventos que

nesse período formem o futuro para o homem da Terra são o presente para ele, que poderia então vir nos dizer com certeza “Tal coisa acontecerá em tal época”, porque ele vê tal coisa como o homem da montanha vê o que espera o viajante no curso da viagem; se assim não procede, é porque o conhecimento do futuro poderia ser prejudicial ao homem: esse conhecimento entravaria seu livre-arbítrio e o paralisaria no trabalho que ele deve cumprir para o seu progresso; o bem e o mal que o esperam, permanecendo no desconhecido, são para ele a prova.

Se tal habilidade, ainda que limitada, pode estar nos atributos da criatura, em que grau de potencialidade ela não existirá no Criador, que abrange o infinito? Para o Criador, o tempo não existe: o princípio e o fim dos mundos são o presente. Dentro desse panorama imenso, o que é a duração da vida de um homem, de uma geração ou de um povo?

4.- Entretanto, como o homem tem de contribuir para o progresso geral e como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode ser útil que em **certos**<sup>2</sup> casos ele deva pressentir esses acontecimentos, a fim de preparar o seu encaminhamento e de estar pronto a agir quando a ocasião chegar; por isso é que Deus às vezes permite que se levante uma ponta do véu; mas sempre com um objetivo útil e nunca para satisfação de uma vã curiosidade. Tal missão pode então ser conferida, não a todos os Espíritos — porque há muitos que não sabem do futuro melhor do que os homens — porém a alguns Espíritos bastante adiantados para desempenhá-la; ora, é notável que revelações dessa espécie são sempre feitas espontaneamente e jamais — ou pelo menos

nesse período formem o futuro para o homem da Terra são o presente para ele, que poderia então vir nos dizer com certeza “Tal coisa acontecerá em tal época”, porque ele vê tal coisa como o homem da montanha vê o que espera o viajante no curso da viagem; se assim não procede, é porque o conhecimento do futuro poderia ser prejudicial ao homem: esse conhecimento entravaria seu livre-arbítrio e o paralisaria no trabalho que ele deve cumprir para o seu progresso; o bem e o mal que o esperam, permanecendo no desconhecido, são para ele a prova.

Se tal habilidade, ainda que limitada, pode estar nos atributos da criatura, em que grau de potencialidade ela não existirá no Criador, que abrange o infinito? Para o Criador, o tempo não existe: o princípio e o fim dos mundos são o presente. Dentro desse panorama imenso, o que é a duração da vida de um homem, de uma geração ou de um povo?

4.- Entretanto, como o homem tem de contribuir para o progresso geral e como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode ser útil que em casos **especiais** ele deva pressentir esses acontecimentos, a fim de preparar o seu encaminhamento e de estar pronto a agir quando a ocasião chegar; por isso é que Deus às vezes permite que se levante uma ponta do véu; mas sempre com um objetivo útil e nunca para satisfação de uma vã curiosidade. Tal missão pode então ser conferida, não a todos os Espíritos — porque há muitos que não sabem do futuro melhor do que os homens — porém a alguns Espíritos bastante adiantados para desempenhá-la; ora, é notável que revelações dessa espécie são sempre feitas espontaneamente e jamais — ou pelo menos

<sup>2</sup> dans **certains** cas ⇒ dans **des** cas **spéciaux**

muito raramente — em resposta a uma pergunta direta.

5.- Semelhante missão também pode ser confiada a certos homens, da seguinte maneira:

Aquele a quem é confiado o cuidado de revelar uma coisa oculta pode recebê-la, sem o seu conhecimento, por inspiração dos Espíritos que a conhecem, e então a transmite maquinalmente, sem se dar conta disso. Além do mais, sabemos que, assim como durante o sono, como no estado desperto, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire as faculdades do Espírito livre em grau mais ou menos alto. Se for um Espírito adiantado e se, sobretudo, tiver recebido uma missão especial para esse efeito — como os profetas receberam —, ele obterá nos momentos de emancipação da alma a capacidade de abarcar por si mesmo um período mais ou menos extenso, e verá, como presente, os eventos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante ou conservar a lembrança deles ao despertar. Se esses eventos devam permanecer secretos, ele se esquecerá deles ou apenas guardará uma vaga intuição, o bastante para guiá-lo instintivamente.

É assim que vemos essa capacidade se desenvolve providencialmente em certas circunstâncias, em perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e é assim também que a maioria das seitas perseguidas tem tido numerosos *videntes*; é ainda por isso que vemos grandes capitães avançar corajosamente contra o inimigo, certos da vitória; e que vemos grandes gênios, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguir uma meta, prevendo — por assim dizer — o instante em que a alcançarão: é que eles viram essa meta, que não era desconhecido para o seu Espírito.

Portanto, o dom da predição não é mais sobrenatural do que uma imensidade de outros fenômenos; ele se firma nas propriedades da alma

muito raramente — em resposta a uma pergunta direta.

5.- Semelhante missão também pode ser confiada a certos homens, da seguinte maneira:

Aquele a quem é confiado o cuidado de revelar uma coisa oculta pode recebê-la, sem o seu conhecimento, por inspiração dos Espíritos que a conhecem, e então a transmite maquinalmente, sem se dar conta disso. Além do mais, sabemos que, assim como durante o sono, como no estado desperto, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire as faculdades do Espírito livre em grau mais ou menos alto. Se for um Espírito adiantado e se, sobretudo, tiver recebido uma missão especial para esse efeito — como os profetas receberam —, ele obterá nos momentos de emancipação da alma a capacidade de abarcar por si mesmo um período mais ou menos extenso, e verá, como presente, os eventos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante ou conservar a lembrança deles ao despertar. Se esses eventos devam permanecer secretos, ele se esquecerá deles ou apenas guardará uma vaga intuição, o bastante para guiá-lo instintivamente.

6.- É assim que vemos essa capacidade se desenvolve providencialmente em certas circunstâncias, em perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e é assim também que a maioria das seitas perseguidas tem tido numerosos *videntes*; é ainda por isso que vemos grandes capitães avançar corajosamente contra o inimigo, certos da vitória; e que vemos grandes gênios, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguir uma meta, prevendo — por assim dizer — o instante em que a alcançarão: é que eles viram essa meta, que não era desconhecido para o seu Espírito.

Portanto, o dom da predição não é mais sobrenatural do que uma imensidade de outros fenômenos; ele se firma nas propriedades da alma

e na lei das relações do mundo visível com o mundo invisível que o Espiritismo veio tornar conhecidas. Mas como admitir a existência de um mundo invisível se não admitirmos a alma, ou se a admitirmos sem individualidade após a morte? O incrédulo que nega a presciência é conseqüente consigo mesmo; resta saber se ele próprio é conseqüente com a lei natural.

6.- Essa teoria da presciência talvez não resolva de modo absoluto todos os casos em que se possam apresentar a revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir que ela estabelece o seu princípio fundamental. Se não podemos explicar tudo, é pela dificuldade do homem de se colocar a esse ponto de vista extraterrestre; por sua própria inferioridade, seu pensamento incessantemente reduzido no sentir da vida material é frequentemente impotente para desgarrar-se do chão. A esse respeito, certos homens são como os jovens pássaros cujas asas muito frágeis não lhes permitem se elevar no ar; ou como aqueles cuja vista bastante curta não podem ver à distância, ou finalmente como aqueles a quem falta o senso para certas percepções.

e na lei das relações do mundo visível com o mundo invisível que o Espiritismo veio tornar conhecidas.

Essa teoria da presciência talvez não resolva de modo absoluto todos os casos em que se possam apresentar a revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir que ela estabelece o seu princípio fundamental.

7.- Muitas vezes, as pessoas dotadas da faculdade de prever – seja no estado de êxtase, seja no de sonambulismo – veem os acontecimentos como que desenhados num quadro, o que também se poderia explicar pela fotografia do pensamento. O pensamento atravessando o espaço, como os sons atravessam o ar, um sucesso que esteja no dos Espíritos que trabalham para que ele se dê, ou no dos homens cujos atos devam provocá-lo, pode formar uma imagem para o vidente; mas, como a sua realização pode ser apressada ou retardada por um concurso de circunstâncias, este último vê o fato, mas sem poder determinar o momento em que se dará. Não raro acontece que aquele pensamento não passa de um projeto, de um



7.- Para compreendermos as coisas espirituais, isto é, para fazermos uma ideia tão clara delas como a que fazemos de uma paisagem que tenhamos ante os olhos, falta-nos verdadeiramente um sentido, exatamente como ao cego de nascença falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz e das cores sem o contato. Então, somente através de um esforço de imaginação é que conseguimos chegar lá, e com a ajuda de comparações com coisas que nos são familiares. Contudo, as coisas materiais não nos podem dar entendimento das coisas espirituais senão ideias muito imperfeitas; é por isso que não devemos levar essas comparações ao pé da letra e crer, por exemplo, **no caso de que tratamos**, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos depende da efetiva elevação deles, nem que eles precisem estar em cima de uma montanha ou acima das nuvens para abrangerem o tempo e o espaço.

Tal capacidade é relativa ao estado de sua espiritualização, ou se o preferirem, de desmaterialização; isto quer dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar — se bem muito imperfeitamente — ao da visão de conjunto do homem que esteja sobre a montanha; **esta** comparação objetivava simplesmente mostrar que eventos que estejam no futuro para uns, estejam no presente para outros e podem ainda ser preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.

Para gozar dessa percepção o Espírito não precisa então se transportar a um ponto qualquer do espaço; aquele que na Terra se acha ao nosso lado pode possuí-la em toda a sua plenitude, tanto quanto se achasse a mil léguas de distância, ao passo que nós não vemos nada além do nosso

desejo, que se não concretizem em realidade, donde os frequentes erros de fato e de data nas previsões (Cap. XIV, nº 13 e seguintes).

8.- Para compreendermos as coisas espirituais, isto é, para fazermos uma ideia tão clara delas como a que fazemos de uma paisagem que tenhamos ante os olhos, falta-nos verdadeiramente um sentido, exatamente como ao cego de nascença falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz e das cores sem o contato. Então, somente através de um esforço de imaginação é que conseguimos chegar lá, e com a ajuda de comparações com coisas que nos são familiares. Contudo, as coisas materiais não nos podem dar entendimento das coisas espirituais senão ideias muito imperfeitas; é por isso que não devemos levar essas comparações ao pé da letra e crer, por exemplo, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos depende da efetiva elevação deles, nem que eles precisem estar em cima de uma montanha ou acima das nuvens para abrangerem o tempo e o espaço.

Tal capacidade é relativa ao estado de sua espiritualização, ou se o preferirem, de desmaterialização; isto quer dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar — se bem muito imperfeitamente — ao da visão de conjunto do homem que esteja sobre a montanha. **Esta** comparação objetivava simplesmente mostrar que eventos que estejam no futuro para uns, estejam no presente para outros e podem ainda ser preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.

Para gozar dessa percepção o Espírito não precisa então se transportar a um ponto qualquer do espaço; aquele que na Terra se acha ao nosso lado pode possuí-la em toda a sua plenitude, tanto quanto se achasse a mil léguas de distância, ao passo que nós não vemos nada além do nosso

horizonte visual. Como a visão nos Espíritos não se opera do mesmo modo, nem com os mesmos elementos que no homem, seu horizonte visual é totalmente outro; ora, é exatamente esse o sentido que nos falta para o concebermos; *em comparação com o encarnado, Espírito é como o vidente ao lado do cego.*

8.- Além disso, devemos ponderar que essa percepção não se limita à extensão, mas que ela abrange a penetração de todas as coisas; repetimos: é uma faculdade natural e proporcional ao estado de desmaterialização. Essa faculdade é *amortecida* pela encarnação, mas ela não está completamente anulada, porque a alma não fica restringida no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, embora sempre em grau menor do que quando se acha inteiramente desprendido; é isso que confere a certos homens um poder de penetração que falta a totalmente outros; quanto maior a qualidade de visão moral, mais fácil será a compreensão das coisas extra-materiais.

O Espírito encarnado não somente percebe, como também se lembra do que viu no estado espiritual, e essa lembrança é como um quadro que se desenha no seu pensamento. Na encarnação, ele vê, mas vagamente e como que através de um véu; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. *O princípio da visão não está no seu exterior, mas nele mesmo*; é por isso que ele não precisa da nossa luz exterior. Pelo desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da concepção se alarga; pela desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que alteravam a delicadeza das percepções; pelo que é fácil compreender que a extensão de todas as capacidades acompanha o progresso do Espírito.

9.- É o grau da extensão das capacidades do Espírito que o torna mais ou menos apto a

horizonte visual. Como a visão nos Espíritos não se opera do mesmo modo, nem com os mesmos elementos que no homem, seu horizonte visual é totalmente outro; ora, é exatamente esse o sentido que nos falta para o concebermos; *em comparação com o encarnado, Espírito é como o vidente ao lado do cego.*

9.- Além disso, devemos ponderar que essa percepção não se limita à extensão, mas que ela abrange a penetração de todas as coisas; repetimos: é uma faculdade natural e proporcional ao estado de desmaterialização. Essa faculdade é *amortecida* pela encarnação, mas ela não está completamente anulada, porque a alma não fica restringida no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, embora sempre em grau menor do que quando se acha inteiramente desprendido; é isso que confere a certos homens um poder de penetração que falta a totalmente outros; quanto maior a qualidade de visão moral, mais fácil será a compreensão das coisas extra-materiais.

O Espírito encarnado não somente percebe, como também se lembra do que viu no estado espiritual, e essa lembrança é como um quadro que se desenha no seu pensamento. Na encarnação, ele vê, mas vagamente e como que através de um véu; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. *O princípio da visão não está no seu exterior, mas nele mesmo*; é por isso que ele não precisa da nossa luz exterior. Pelo desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da concepção se alarga; pela desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que alteravam a delicadeza das percepções; pelo que é fácil compreender que a extensão de todas as capacidades acompanha o progresso do Espírito.

10.- É o grau da extensão das capacidades do Espírito que o torna mais ou menos apto a

conceber as coisas espirituais durante a encarnação. Entretanto, essa aptidão não é a consequência necessária do desenvolvimento da inteligência; a ciência comum não dá essa capacidade; tanto assim que vemos homens de uma grande sabedoria tão cegos para as coisas espirituais quanto outros o são para as coisas materiais; são aí refratários porque não as compreendem; isso é porque seu progresso *ainda* não se realizou nesse sentido, ao passo que vemos pessoas de uma instrução e inteligência comuns as compreenderem com a maior facilidade, o que prova que já tinham uma intuição prévia de tais coisas. Para estes, é uma lembrança retrospectiva do que viram e souberam, seja na erraticidade, seja em suas existências anteriores, como alguns outros têm a intuição das línguas e das ciências de que já possuíam.

10.- A capacidade de mudar seu ponto de vista e de tomá-lo de um ponto mais alto não somente dá a solução do problema da presciência, mas é de outra forma a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também que o mais potente elemento da força e da resignação, pois, daí, a vida terrestre parece um ponto na imensidão, compreendemos o pouco valor das coisas que, vistas de baixo, parecem tão valiosas; os incidentes, as misérias, as vaidades da vida diminuem à medida que se desenrola o imenso e esplêndido horizonte do futuro. Aquele que vê as coisas desse mundo dessa maneira encontra-se pouco ou nada afetado pelas vicissitudes, e por isso mesmo é tão feliz quanto o poderia ser aqui na Terra. Então, devemos nos compadecer daqueles que concentram seus pensamentos na estreita esfera terrestre, pois eles sofrem com toda a sua força o contragolpe de todas as tribulações que, como tantos outros aguilhões, lhes atormentam sem cessar.

conceber as coisas espirituais durante a encarnação. Entretanto, essa aptidão não é a consequência necessária do desenvolvimento da inteligência; a ciência comum não dá essa capacidade; tanto assim que vemos homens de uma grande sabedoria tão cegos para as coisas espirituais quanto outros o são para as coisas materiais; são aí refratários porque não as compreendem; isso é porque seu progresso *ainda* não se realizou nesse sentido, ao passo que vemos pessoas de uma instrução e inteligência comuns as compreenderem com a maior facilidade, o que prova que já tinham uma intuição prévia de tais coisas. Para estes, é uma lembrança retrospectiva do que viram e souberam, seja na erraticidade, seja em suas existências anteriores, como alguns outros têm a intuição das línguas e das ciências de que já possuíam.

11.- Quanto ao futuro do Espiritismo, como já sabemos, os Espíritos são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, apesar dos obstáculos que lhe opõem; essa previsão é fácil para eles, primeiramente porque a sua propagação é obra pessoal deles; contribuindo para o movimento, ou dirigindo-o, eles naturalmente sabem o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhes entrever um período de curta duração, e, nesse período, eles veem ao longo do caminho os poderosos auxílios que Deus lhe suscita e que não tardarão a se manifestar.

Sem ser Espíritos desencarnados, que os espíritas se transportem a trinta anos apenas para diante, no meio da geração que surge; que daí considerem o que se passa hoje; que eles acompanhem a **sua empreitada** e verão se consumir em vãos esforços aqueles que se creem destinados a derrotá-lo; verão que pouco a pouco esses tais desaparecem de cena, e paralelamente verão a árvore que cresce e alonga cada dia mais as suas raízes.

12.- Na maioria das vezes, os acontecimentos comuns da vida privada são consequência da maneira de cada qual proceder; um terá sucesso conforme com as suas capacidades, sua habilidade, sua perseverança, prudência e energia, enquanto o outro fracassará por sua incapacidade; de sorte que podemos dizer que cada um é o autor do seu próprio futuro — futuro que jamais se encontra sujeito a uma cega fatalidade, independente da sua personalidade. Conhecendo o caráter de um indivíduo, facilmente podemos predizer a sorte que o espera no caminho por onde ele se enfia.

13.- Os eventos que envolvem os interesses gerais da Humanidade são regulados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela deve se cumprir de qualquer maneira — de um jeito ou de outro. Os homens contribuem

11.- Quanto ao futuro do Espiritismo, como já sabemos, os Espíritos são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, apesar dos obstáculos que lhe opõem; essa previsão é fácil para eles, primeiramente porque a sua propagação é obra pessoal deles; contribuindo para o movimento, ou dirigindo-o, eles naturalmente sabem o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhes entrever um período de curta duração, e, nesse período, eles veem ao longo do caminho os poderosos auxílios que Deus lhe suscita e que não tardarão a se manifestar.

Sem ser Espíritos desencarnados, que os espíritas se transportem a trinta anos apenas para diante, no meio da geração que surge; que daí considerem o que se passa hoje; que eles acompanhem a **marcha progressiva** e verão se consumir em vãos esforços aqueles que se creem destinados a derrotá-lo; verão que pouco a pouco esses tais desaparecem de cena, e paralelamente verão a árvore que cresce e alonga cada dia mais as suas raízes.

12.- Na maioria das vezes, os acontecimentos comuns da vida privada são consequência da maneira de cada qual proceder; um terá sucesso conforme com as suas capacidades, sua habilidade, sua perseverança, prudência e energia, enquanto o outro fracassará por sua incapacidade; de sorte que podemos dizer que cada um é o autor do seu próprio futuro — futuro que jamais se encontra sujeito a uma cega fatalidade, independente da sua personalidade. Conhecendo o caráter de um indivíduo, facilmente podemos predizer a sorte que o espera no caminho por onde ele se enfia.

13.- Os eventos que envolvem os interesses gerais da Humanidade são regulados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela deve se cumprir de qualquer maneira — de um jeito ou de outro. Os homens contribuem

com a sua execução, mas nenhum é indispensável, pois do contrário o próprio Deus estaria à mercê das suas criaturas. Se faltar aquele a quem caiba a missão de executá-la, outro será encarregado dela. Não há missão fatal; o homem é sempre livre para cumprir aquilo que lhe foi confiado e que ele o aceitou voluntariamente; se não o cumpre, ele perde os benefícios que daí lhe resultariam e assume a responsabilidade dos atrasos que possam resultar da sua negligência ou da sua má vontade; caso se torne um obstáculo para o seu cumprimento, Deus pode afastá-lo com um sopro.

14.- O resultado final de um evento pode então ser certo, por este estar nos desígnios de Deus; porém, quase sempre, como os detalhes e o modo de execução são subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, as maneiras e os meios podem ser eventuais. Os Espíritos podem nos dá um pressentimento sobre o conjunto, se for conveniente sermos prevenidos disso; mas, para determinarem lugar e data, seria preciso que conhecessem previamente a determinação que este ou aquele indivíduo tomará; ora, se essa determinação ainda não estiver na sua mente, tal como ela venha a ser, poderá apressar ou demorar a realização do fato, modificar os meios auxiliares de ação, embora se chegue ao mesmo resultado. É assim, por exemplo, que, pelo conjunto das circunstâncias, os Espíritos podem prever que uma guerra esteja mais ou menos próxima, que é inevitável, sem entretanto poderem predizer o dia em que ela começará, nem os incidentes detalhados que possam ser modificados pela vontade dos homens.

15.- Para determinação da época dos acontecimentos futuros, será preciso ainda que se leve em conta uma circunstância inerente à própria natureza dos Espíritos.

com a sua execução, mas nenhum é indispensável, pois do contrário o próprio Deus estaria à mercê das suas criaturas. Se faltar aquele a quem caiba a missão de executá-la, outro será encarregado dela. Não há missão fatal; o homem é sempre livre para cumprir aquilo que lhe foi confiado e que ele o aceitou voluntariamente; se não o cumpre, ele perde os benefícios que daí lhe resultariam e assume a responsabilidade dos atrasos que possam resultar da sua negligência ou da sua má vontade; caso se torne um obstáculo para o seu cumprimento, Deus pode afastá-lo com um sopro.

14.- O resultado final de um evento pode então ser certo, por este estar nos desígnios de Deus; porém, quase sempre, como os detalhes e o modo de execução são subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, as maneiras e os meios podem ser eventuais. Os Espíritos podem nos dá um pressentimento sobre o conjunto, se for conveniente sermos prevenidos disso; mas, para determinarem lugar e data, seria preciso que conhecessem previamente a determinação que este ou aquele indivíduo tomará; ora, se essa determinação ainda não estiver na sua mente, tal como ela venha a ser, poderá apressar ou demorar a realização do fato, modificar os meios auxiliares de ação, embora se chegue ao mesmo resultado. É assim, por exemplo, que, pelo conjunto das circunstâncias, os Espíritos podem prever que uma guerra esteja mais ou menos próxima, que é inevitável, sem entretanto poderem predizer o dia em que ela começará, nem os incidentes detalhados que possam ser modificados pela vontade dos homens.

15.- Para determinação da época dos acontecimentos futuros, será preciso ainda que se leve em conta uma circunstância inerente à própria natureza dos Espíritos.

Assim como o espaço, o tempo só pode ser avaliado com o auxílio de pontos de comparação ou de referência que o dividam em períodos que possamos contar. Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e anos é marcada pelo nascer e o pôr do Sol, e pela duração do movimento de translação deste planeta. **A subdivisão das jornadas em vinte e quatro horas é arbitrária; ela é indicada pela ajuda de instrumentos especiais, tais como as ampulhetas, os clepsidras, os relógios, os mostradores solares, etc.** As unidades de medida do tempo devem variar conforme os mundos, pois que os períodos astronômicos são diferentes; é assim, por exemplo, que em Júpiter os dias equivalem a dez das horas terrestres, e os anos valem mais de doze nossos anos.

Desta forma, para cada mundo há um modo diferente de se computar a duração — conforme a natureza das revoluções astrais que nele se efetuam; já haverá aí uma dificuldade para a determinação das nossas datas por Espíritos que não conheçam o nosso mundo. Além disso, fora dos mundos, esses meios de apreciação não existem. Para um Espírito, no espaço, não há nem a aurora e nem pôr de Sol para marcar os dias, nem revolução periódica a marcar os anos; só há para ele a duração e o espaço infinitos (Cap. VI, nº 1 e seguintes). Portanto, aquele que jamais tivesse vindo à Terra não possuiria nenhum conhecimento dos nossos cálculos, que, aliás, seriam completamente inúteis para ele; e mais ainda: aquele que jamais houvesse encarnado em nenhum mundo, não teria nenhuma noção das frações da duração. Quando um Espírito estranho à Terra vem aqui se manifestar, ele não pode assinar **datas** aos acontecimentos, senão identificando-se com os nossos usos, o que, sem dúvida, está ao seu alcance, porém, na maioria das vezes, ele julga não ser útil fazer isso.

Assim como o espaço, o tempo só pode ser avaliado com o auxílio de pontos de comparação ou de referência que o dividam em períodos que possamos contar. Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e anos é marcada pelo nascer e o pôr do Sol, e pela duração do movimento de translação deste planeta.

As unidades de medida do tempo devem variar conforme os mundos, pois que os períodos astronômicos são diferentes; é assim, por exemplo, que em Júpiter os dias equivalem a dez das horas terrestres, e os anos valem mais de doze nossos anos.

Desta forma, para cada mundo há um modo diferente de se computar a duração — conforme a natureza das revoluções astrais que nele se efetuam; já haverá aí uma dificuldade para a determinação das nossas datas por Espíritos que não conheçam o nosso mundo. Além disso, fora dos mundos, esses meios de apreciação não existem. Para um Espírito, no espaço, não há nem a aurora e nem pôr de Sol para marcar os dias, nem revolução periódica a marcar os anos; só há para ele a duração e o espaço infinitos (Cap. VI, nº 1 e seguintes). Portanto, aquele que jamais tivesse vindo à Terra não possuiria nenhum conhecimento dos nossos cálculos, que, aliás, seriam completamente inúteis para ele; e mais ainda: aquele que jamais houvesse encarnado em nenhum mundo, não teria nenhuma noção das frações da duração. Quando um Espírito estranho à Terra vem aqui se manifestar, ele não pode assinar **data** aos acontecimentos, senão identificando-se com os nossos usos, o que, sem dúvida, está ao seu alcance, porém, na maioria das vezes, ele julga não ser útil fazer isso.

16.- O modo de contagem da duração é uma convenção arbitrária feita entre os encarnados para as necessidades da sua vida corporal. Para medir a duração como nós, os Espíritos precisam de nossos instrumentos de contagem, que não existem na vida espiritual.

Todavia, os Espíritos que formam a população invisível do nosso globo — onde eles já viveram e onde continuam a viver no nosso meio — estão naturalmente identificados com os nossos hábitos, dos quais eles conservam a lembrança na erraticidade. Por isso, eles têm menos dificuldade que os outros para determinar datas, do nosso ponto de vista, porque diz respeito com os nossos costumes terrestres; na Grécia, eles contavam pelas olimpíadas; mais além, por períodos lunares ou solares, conforme os tempos e os lugares. Consequentemente, eles podem assinalar mais facilmente uma data aos eventos futuros desde que a conheçam; mas, de outro modo, nem sempre isso é permitido e eles se veem impedidos pela razão de que, todas as vezes que as circunstâncias de detalhes estão subordinadas ao livre-arbítrio e à decisão eventual do homem, a data precisa realmente não existe, senão quando o evento tenha ocorrido.

Eis aí por que as previsões circunstanciadas não podem oferecer certeza e devem ser acolhidas somente como prováveis, mesmo que não tragam sinais que as torne *legitimamente suspeitas*. Por isso mesmo, os Espíritos verdadeiramente sábios nunca predizem para épocas determinadas; eles se limitam a nos prevenir do seguimento das coisas que convém conhecermos. Insistir para obter informações precisas é se expor às mistificações de Espíritos levianos, que predizem tudo o que se queira, sem se preocuparem com a verdade e se divertem com os terrores e as decepções que causem.

16.-

Os Espíritos que formam a população invisível do nosso globo — onde eles já viveram e onde continuam a viver no nosso meio — estão naturalmente identificados com os nossos hábitos, dos quais eles conservam a lembrança na erraticidade.

Consequentemente, eles podem assinalar mais facilmente uma data aos eventos futuros desde que a conheçam; mas, de outro modo, nem sempre isso é permitido e eles se veem impedidos pela razão de que, todas as vezes que as circunstâncias de detalhes estão subordinadas ao livre-arbítrio e à decisão eventual do homem, a data precisa realmente não existe, senão quando o evento tenha ocorrido.

Eis aí por que as previsões circunstanciadas não podem oferecer certeza e devem ser acolhidas somente como prováveis, mesmo que não tragam sinais que as torne *legitimamente suspeitas*. Por isso mesmo, os Espíritos verdadeiramente sábios nunca predizem para épocas determinadas; eles se limitam a nos prevenir do seguimento das coisas que convém conhecermos. Insistir para obter informações precisas é se expor às mistificações de Espíritos levianos, que predizem tudo o que se queira, sem se preocuparem com a verdade e se divertem com os terrores e as decepções que causem.

As predições que oferecem mais probabilidade são aquelas que têm um caráter de utilidade geral e humanitária; não devemos contar as demais quando elas se cumprirem. Nós podemos aceitá-las, conforme as circunstâncias, à título de advertência, mas seria imprudência agir prematuramente em vista de sua realização a um dia fixo. Podemos ter por certo que, quanto mais elas sejam circunstanciais, mais são suspeitas.

17.- A forma geralmente muito empregada até agora nas predições faz delas verdadeiros enigmas muitas vezes indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística — de que Nostradamus nos oferece o tipo mais completo — lhe dá certo prestígio perante o ignorante, que lhe atribui um valor maior quanto mais sejam incompreensíveis. Pela sua falta de exatidão, elas se prestam a interpretações bastante diferentes, de tal modo que, conforme o sentido que se atribua a certas palavras alegóricas ou convencionais, conforme a maneira como se efetue o cálculo bizarramente complicado das datas, e com um pouco de boa vontade, nelas se encontra quase tudo o que se queira.

Seja como for, não podemos deixar de convir que algumas delas apresentam um caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que, em certo tempo, a forma velada tenha tido sua razão de ser e até mesmo a sua necessidade.

Hoje, as circunstâncias não são as mesmas; o positivismo do século se daria mal com a linguagem enigmática. Daí as predições atuais já não se revestem mais dessas formas estranhas; aquelas que os Espíritos fazem nada têm de místicas; eles falam a linguagem de todo o mundo, como falariam enquanto vivos, porque não deixaram de pertencer à Humanidade: eles nos avisam das coisas futuras — pessoais ou gerais — quando isso for útil e na medida da capacidade de que são dotados, como o fariam conselheiros e amigos. Então, suas previsões são antes mais

17.- A forma geralmente muito empregada até agora nas predições faz delas verdadeiros enigmas muitas vezes indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística — de que Nostradamus nos oferece o tipo mais completo — lhe dá certo prestígio perante o ignorante, que lhe atribui um valor maior quanto mais sejam incompreensíveis. Pela sua falta de exatidão, elas se prestam a interpretações bastante diferentes, de tal modo que, conforme o sentido que se atribua a certas palavras alegóricas ou convencionais, conforme a maneira como se efetue o cálculo bizarramente complicado das datas, e com um pouco de boa vontade, nelas se encontra quase tudo o que se queira.

Seja como for, não podemos deixar de convir que algumas delas apresentam um caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que, em certo tempo, a forma velada tenha tido sua razão de ser e até mesmo a sua necessidade.

Hoje, as circunstâncias não são as mesmas; o positivismo do século se daria mal com a linguagem enigmática. Daí as predições atuais já não se revestem mais dessas formas estranhas; aquelas que os Espíritos fazem nada têm de místicas; eles falam a linguagem de todo o mundo, como falariam enquanto vivos, porque não deixaram de pertencer à Humanidade: eles nos avisam das coisas futuras — pessoais ou gerais — quando isso for útil e na medida da capacidade de que são dotados, como o fariam conselheiros e amigos. Então, suas previsões são antes mais



advertências, que não tiram o livre arbítrio, do que predições propriamente ditas, que implicariam numa fatalidade absoluta. Sua opinião é, entre outras formas, quase sempre motivada, pois eles não querem que o homem anule sua razão sob uma fé cega, o que permite examinar a sua exatidão do que eles predizem.

18.- A Humanidade contemporânea também tem os seus profetas; mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo têm pressentido em seus escritos a marcha futura das coisas que hoje vemos se realizar.

Essa aptidão sem dúvida decorre muitas vezes da retidão do juízo que deduz as consequências lógicas do presente; mas, de outras vezes, ela é o resultado de uma especial clarividência inconsciente, ou de uma inspiração externa. O que tais homens fizeram quando vivos, com razão mais forte e maior exatidão eles podem fazer na condição espiritual, enquanto não têm a visão espiritual obscurecida pela matéria.

advertências, que não tiram o livre arbítrio, do que predições propriamente ditas, que implicariam numa fatalidade absoluta. Sua opinião é, entre outras formas, quase sempre motivada, pois eles não querem que o homem anule sua razão sob uma fé cega, o que permite examinar a sua exatidão do que eles predizem.

18.- A Humanidade contemporânea também tem os seus profetas; mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo têm pressentido em seus escritos a marcha futura das coisas que hoje vemos se realizar.

Essa aptidão sem dúvida decorre muitas vezes da retidão do juízo que deduz as consequências lógicas do presente; mas, de outras vezes, ela é o resultado de uma especial clarividência inconsciente, ou de uma inspiração externa. O que tais homens fizeram quando vivos, com razão mais forte e maior exatidão eles podem fazer na condição espiritual, enquanto não têm a visão espiritual obscurecida pela matéria.

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1872)

Ninguém é profeta em sua terra - Morte e paixão de Jesus - Perseguição aos apóstolos  
- Cidades impenitentes - Ruína do Templo e de Jerusalém - Maldição contra os Fariseus  
- Minhas palavras não passarão  
- A pedra angular - Parábola dos vinhateiros homicidas - Um só rebanho e só pastor  
- Advento de Elias - Anunciação do Consolador  
- Segundo advento de Cristo - Sinais precursores  
- Vossos filhos e vossas filhas profetizarão  
- Juízo final

### NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA

1.- Tendo vindo à sua terra natal, ele os instruía nas sinagogas, de sorte que, tomados de espanto, eles diziam: "Donde lhe vieram essa sabedoria e esses milagres? Este não é o filho daquele carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria, e não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não se acham todas entre nós? Donde então lhe vêm todas essas coisas?" E assim faziam dele objeto de escândalo. Mas Jesus lhes disse: "Um profeta só não é honrado em sua terra e na sua casa". E não fez muitos milagres lá devido à descrença deles. (Mateus, 13:54-58.)

2.- Jesus enunciou dessa forma uma verdade que se tornou provérbio, que é de todos os tempos e à qual se poderia dar maior amplitude, ao dizer que *ninguém é profeta em vida*.

Na linguagem **atual**, essa frase se aplica ao crédito de que alguém goza entre os seus conhecidos e entre aqueles com quem vive, à confiança que lhes inspira pela superioridade do saber e da inteligência. Se ela sofre exceções, são raras, e em nenhum caso são exceções absolutas; o princípio dessa verdade está numa consequência natural da fraqueza humana e pode ser explicado deste modo:

O hábito de se verem desde a infância, em todas as circunstâncias comuns da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade

Ninguém é profeta em sua terra - Morte e paixão de Jesus - Perseguição aos apóstolos  
- Cidades impenitentes - Ruína do Templo e de Jerusalém - Maldição contra os Fariseus  
- Minhas palavras não passarão  
- A pedra angular - Parábola dos vinhateiros homicidas - Um só rebanho e só pastor  
- Advento de Elias - Anunciação do Consolador  
- Segundo advento de Cristo - Sinais precursores  
- Vossos filhos e vossas filhas profetizarão  
- Juízo final

### NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA

1.- Tendo vindo à sua terra natal, ele os instruía nas sinagogas, de sorte que, tomados de espanto, eles diziam: "Donde lhe vieram essa sabedoria e esses milagres? Este não é o filho daquele carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria, e não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não se acham todas entre nós? Donde então lhe vêm todas essas coisas?" E assim faziam dele objeto de escândalo. Mas Jesus lhes disse: "Um profeta só não é honrado em sua terra e na sua casa". E não fez muitos milagres lá devido à descrença deles. (Mateus, 13:54-58.)

2.- Jesus enunciou dessa forma uma verdade que se tornou provérbio, que é de todos os tempos e à qual se poderia dar maior amplitude, ao dizer que *ninguém é profeta em vida*.

Na linguagem **usual**, essa frase se aplica ao crédito de que alguém goza entre os seus conhecidos e entre aqueles com quem vive, à confiança que lhes inspira pela superioridade do saber e da inteligência. Se ela sofre exceções, são raras, e em nenhum caso são exceções absolutas; o princípio dessa verdade está numa consequência natural da fraqueza humana e pode ser explicado deste modo:

O hábito de se verem desde a infância, em todas as circunstâncias comuns da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

material que muitas vezes faz que a maioria deles se negue a reconhecer superioridade moral em alguém de quem foram companheiros ou colegas, que saiu do mesmo meio que eles e cujas primeiras fraquezas todos testemunharam; o orgulho sofre com a superioridade que é obrigado a reconhecer. Qualquer um que se eleve acima do nível comum está sempre em luta com o ciúme e a inveja; aqueles que se sentem incapazes de chegar à altura dele esforçam-se para rebaixá-lo, por meio da difamação, da maledicência e da calúnia; tanto mais forte gritam quanto menores se acham, crendo que engrandecem a si e rebaixam o outro pelo barulho que fazem. Assim tem sido e assim será a História da Humanidade, enquanto os homens não tiverem compreendido a sua natureza espiritual e não tenham alargado seu horizonte moral; por aí se vê que semelhante preconceito é próprio dos Espíritos estreitos e vulgares, que relacionam tudo à sua personalidade.

De outro lado, todo mundo geralmente faz dos homens que são conhecidos apenas pelo seu espírito um ideal que cresce com o distanciamento dos tempos e dos lugares. Eles são como que diferenciados da humanidade; parece que eles não devem nem falar, nem sentir como os demais; que a sua linguagem e os seus pensamentos devem estar constantemente no patamar da sublimidade, sem se lembrarem de que o espírito não poderia permanecer constantemente em estado de tensão e de perpétua superexcitação. No contato diário da vida privada, vemos claramente que o homem material, que não se diferencia do ignorante em nada. O homem corporal, que os sentidos percebem, quase que apaga o homem espiritual, do qual somente o Espírito percebe: *de longe, vemos apenas os clarões de gênio; de perto, vemos o restante do Espírito.*

Depois da morte, quando comparação não existe mais, resta unicamente o homem espiritual e

material que muitas vezes faz que a maioria deles se negue a reconhecer superioridade moral em alguém de quem foram companheiros ou colegas, que saiu do mesmo meio que eles e cujas primeiras fraquezas todos testemunharam; o orgulho sofre com a superioridade que é obrigado a reconhecer. Qualquer um que se eleve acima do nível comum está sempre em luta com o ciúme e a inveja; aqueles que se sentem incapazes de chegar à altura dele esforçam-se para rebaixá-lo, por meio da difamação, da maledicência e da calúnia; tanto mais forte gritam quanto menores se acham, crendo que engrandecem a si e rebaixam o outro pelo barulho que fazem. Assim tem sido e assim será a História da Humanidade, enquanto os homens não tiverem compreendido a sua natureza espiritual e não tenham alargado seu horizonte moral; por aí se vê que semelhante preconceito é próprio dos Espíritos estreitos e vulgares, que relacionam tudo à sua personalidade.

De outro lado, todo mundo geralmente faz dos homens que são conhecidos apenas pelo seu espírito um ideal que cresce com o distanciamento dos tempos e dos lugares. Eles são como que diferenciados da humanidade; parece que eles não devem nem falar, nem sentir como os demais; que a sua linguagem e os seus pensamentos devem estar constantemente no patamar da sublimidade, sem se lembrarem de que o espírito não poderia permanecer constantemente em estado de tensão e de perpétua superexcitação. No contato diário da vida privada, vemos claramente que o homem material, que não se diferencia do ignorante em nada. O homem corporal, que os sentidos percebem, quase que apaga o homem espiritual, do qual somente o Espírito percebe: *de longe, vemos apenas os clarões do gênio; de perto, vemos o restante do Espírito.*

Depois da morte, quando comparação não existe mais, resta unicamente o homem espiritual e

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

tanto maior parece, quanto mais distante se torna a lembrança do homem corporal. É por isso que aqueles que marcaram sua passagem na Terra com obras de real valor são mais apreciados depois de sua morte do que quando estavam vivos. Eles são julgados com mais imparcialidade, porque, já tendo desaparecido os seus invejosos e ciumentos, os adversários pessoais já não existem mais. A posteridade é juiz desinteressado que aprecia a obra do Espírito, que a aceita sem entusiasmo cego, se é uma boa obra, e a rejeita sem rancor, se é má, independentemente da individualidade que a produziu.

Jesus muito menos podia escapar das consequências deste princípio inerente à natureza humana, ainda mais tendo vivido num meio pouco esclarecido e entre pessoas votadas inteiramente à vida material. Seus compatriotas viam nele apenas o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto eles, e assim se perguntavam o que poderia torná-lo superior a eles e lhe dava o direito de censurá-los; verificando então que a sua palavra tinha menos autoridade sobre os seus próximos — que o desprezavam — do que sobre os estranhos, ele preferiu ir pregar aos que o escutavam e no meio daqueles em quem ele encontrava simpatia.

Podemos fazer uma ideia de quais sentimentos seus próximos nutriam para com ele pelo fato de que seus próprios irmãos, acompanhados de sua mãe, vieram a uma reunião onde ele se encontrava, para *se apoderarem* dele, dizendo que havia *perdido o juízo*. (Marcos, 3:20-21 e 31 a 35 – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIV.)

Desta maneira, de um lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam Jesus de agir através do demônio; de outro, ele era tachado de louco pelos seus parentes mais próximos. Não é o que ocorre em nossos dias com relação aos

tanto maior parece, quanto mais distante se torna a lembrança do homem corporal. É por isso que aqueles que marcaram sua passagem na Terra com obras de real valor são mais apreciados depois de sua morte do que quando estavam vivos. Eles são julgados com mais imparcialidade, porque, já tendo desaparecido os seus invejosos e ciumentos, os adversários pessoais já não existem mais. A posteridade é juiz desinteressado que aprecia a obra do Espírito, que a aceita sem entusiasmo cego, se é uma boa obra, e a rejeita sem rancor, se é má, independentemente da individualidade que a produziu.

Jesus muito menos podia escapar das consequências deste princípio inerente à natureza humana, ainda mais tendo vivido num meio pouco esclarecido e entre pessoas votadas inteiramente à vida material. Seus compatriotas viam nele apenas o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto eles, e assim se perguntavam o que poderia torná-lo superior a eles e lhe dava o direito de censurá-los; verificando então que a sua palavra tinha menos autoridade sobre os seus próximos — que o desprezavam — do que sobre os estranhos, ele preferiu ir pregar aos que o escutavam e no meio daqueles em quem ele encontrava simpatia.

Podemos fazer uma ideia de quais sentimentos seus próximos nutriam para com ele pelo fato de que seus próprios irmãos, acompanhados de sua mãe, vieram a uma reunião onde ele se encontrava, para *se apoderarem* dele, dizendo que havia *perdido o juízo*. (Marcos, 3:20-21 e 31 a 35 – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIV.)

Desta maneira, de um **outro** lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam Jesus de agir através do demônio; de outro, ele era tachado de louco pelos seus parentes mais próximos. Não é o que ocorre em nossos dias com relação aos

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

**Espíritas?** E estes deverão se queixar de que os seus concidadãos não os tratem melhor do que os contemporâneos de Jesus o tratavam? O que não tinha nada de surpreendente há dois mil anos, no meio de um povo ignorante, é muito estranho em pleno século dezenove, entre nações civilizadas.

### MORTE E PAIXÃO DE JESUS

3.- (Após a cura do lunático) Todos ficaram admirados do grande poder de Deus. E estando todos tomados de admiração pelo que Jesus fazia, ele disse a seus discípulos: "Guardem bem no coração de vocês o que vou lhes dizer: O Filho do homem deve ser entregue às mãos dos homens". Eles, porém, não entendiam essa linguagem; para eles, ela era de tal modo oculta que nada compreendiam daquilo e até temiam interrogá-lo a respeito. (Lucas, 9:44-45).

4.- A partir de então, Jesus começou a revelar a seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém; que ali ele sofreria muito da parte dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que seria levado à morte e ressuscitaria no terceiro dia. (Mateus, 16:21.)

5.- Quando eles estavam na Galiléia, Jesus lhes disse: "O Filho do homem deve ser entregue às mãos dos homens e estes lhe levarão morte e ele ressuscitará no terceiro dia.": o que os afligiu extremamente (Mateus, 17:21-22).

6.- Ora, Jesus indo a Jerusalém, chamou seus doze discípulos em particular e disse a eles: "Iremos para Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte; e o entregarão aos gentios, a fim de que o tratem com zombarias, o açoitem e crucifiquem; e ele ressuscitará no terceiro dia." (Mateus, 20:17 a 19.)

7.- Em seguida, em particular com os doze apóstolos, Jesus lhes disse: "Eis que vamos a Jerusalém e tudo o que foi escrito pelos profetas acerca do Filho do homem vai se cumprir; porque ele será entregue aos gentios, zombarão dele e o açoitarão, escarrando no seu rosto. E depois que o tiverem açoitado, eles o matarão e ele ressuscitará no terceiro dia."

Mas, eles nada compreenderam de tudo isso; aquela linguagem lhes era oculta e não entendiam o que ele lhes dizia (Lucas, 18:31 a 34).

**espíritas?** E estes deverão se queixar de que os seus concidadãos não os tratem melhor do que os contemporâneos de Jesus o tratavam? O que não tinha nada de surpreendente há dois mil anos, no meio de um povo ignorante, é muito estranho em pleno século dezenove, entre nações civilizadas.

### MORTE E PAIXÃO DE JESUS

3.- (Após a cura do lunático) Todos ficaram admirados do grande poder de Deus. E estando todos tomados de admiração pelo que Jesus fazia, ele disse a seus discípulos: "Guardem bem no coração de vocês o que vou lhes dizer: O Filho do homem deve ser entregue às mãos dos homens". Eles, porém, não entendiam essa linguagem; para eles, ela era de tal modo oculta que nada compreendiam daquilo e até temiam interrogá-lo a respeito. (Lucas, 9:44-45).

4.- A partir de então, Jesus começou a revelar a seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém; que ali ele sofreria muito da parte dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que seria levado à morte e ressuscitaria no terceiro dia. (Mateus, 16:21.)

5.- Quando eles estavam na Galiléia, Jesus lhes disse: "O Filho do homem deve ser entregue às mãos dos homens e estes lhe levarão morte e ele ressuscitará no terceiro dia.": o que os afligiu extremamente (Mateus, 17:21-22).

6.- Ora, Jesus indo a Jerusalém, chamou seus doze discípulos em particular e disse a eles: "Iremos para Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte; e o entregarão aos gentios, a fim de que o tratem com zombarias, o açoitem e crucifiquem; e ele ressuscitará no terceiro dia." (Mateus, 20:17 a 19.)

7.- Em seguida, em particular com os doze apóstolos, Jesus lhes disse: "Eis que vamos a Jerusalém e tudo o que foi escrito pelos profetas acerca do Filho do homem vai se cumprir; porque ele será entregue aos gentios, zombarão dele e o açoitarão, escarrando no seu rosto. E depois que o tiverem açoitado, eles o matarão e ele ressuscitará no terceiro dia."

Mas, eles nada compreenderam de tudo isso; aquela linguagem lhes era oculta e não entendiam o que ele lhes dizia (Lucas, 18:31 a 34).

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

8.- Ora, tendo concluído todos esses discursos, Jesus disse a seus discípulos: "Vocês sabem que a Páscoa se fará daqui a dois dias e que o Filho do homem será entregue para ser crucificado."

Ao mesmo tempo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram na corte do sumo-sacerdote, chamado Caifás, e se puseram a debater mutuamente, à procura de um meio de se apoderarem habilmente de Jesus e de levá-lo à morte. E diziam entre si: "É absolutamente necessário que não seja durante a festa, para que não se levante qualquer tumulto no meio do povo." (Mateus, 26:1 a 5)

9.- No mesmo dia, alguns fariseus vieram lhe dizer: "Vá embora, sai deste lugar, pois Herodes quer te matar." Ele respondeu: "Ide dizer a essa raposa: Ainda tenho que expulsar os demônios e restituir a saúde aos doentes, hoje e amanhã; no terceiro dia, serei consumado pela minha morte." (Lucas, 13:31-32).

### PERSEGUIÇÃO AOS APOSTOLOS<sup>1</sup>

10.- "Tenham cuidado com os homens, pois eles lhes farão comparecer nas suas assembleias, e lhes farão açoitar nas suas sinagogas; e por minha causa serão levados aos governadores e aos reis, para lhes servir de testemunhas, bem como às nações." (Mateus, 10:17 e 18.)

11.- "Eles lhes expulsarão das sinagogas e virá o tempo em que aquele que lhes levar à morte julgará fazer uma coisa agradável a Deus. Tratarão vocês desse modo, porque eles não conhecem nem a meu Pai, nem a mim. Ora, digo estas coisas a vocês a fim de que, quando tiver chegado o tempo, lembrem-se de que eu lhes disse isso." (João, 16:1 a 4.)

12.- "Vocês serão traídos e entregues aos magistrados pelos seus pais e mães, por seus irmãos, por seus parentes e amigos, e darão morte a muitos de vocês. Serão odiados por todo mundo, por causa de meu nome. Entretanto, não se perderá um só cabelo de sua cabeça. Pela paciência é que possuirão suas almas." (Lucas, 21:16 a 19.)

13.- (*Martírio de S. Pedro*) "Na verdade, na verdade eu digo a vocês que, quando eram mais jovens, vocês vestiam a si mesmos e iam onde queriam; mas quando forem velhos, estenderão as mãos e outro os vestirá e os conduzirá aonde

8.- Ora, tendo concluído todos esses discursos, Jesus disse a seus discípulos: "Vocês sabem que a Páscoa se fará daqui a dois dias e que o Filho do homem será entregue para ser crucificado."

Ao mesmo tempo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram na corte do sumo-sacerdote, chamado Caifás, e se puseram a debater mutuamente, à procura de um meio de se apoderarem habilmente de Jesus e de levá-lo à morte. E diziam entre si: "É absolutamente necessário que não seja durante a festa, para que não se levante qualquer tumulto no meio do povo." (Mateus, 26:1 a 5)

9.- No mesmo dia, alguns fariseus vieram lhe dizer: "Vá embora, sai deste lugar, pois Herodes quer te matar." Ele respondeu: "Ide dizer a essa raposa: Ainda tenho que expulsar os demônios e restituir a saúde aos doentes, hoje e amanhã; no terceiro dia, serei consumado pela minha morte." (Lucas, 13:31-32).

### PERSEGUIÇÃO AOS APÓSTOLOS

10.- "Tenham cuidado com os homens, pois eles lhes farão comparecer nas suas assembleias, e lhes farão açoitar nas suas sinagogas; e por minha causa serão levados aos governadores e aos reis, para lhes servir de testemunhas, bem como às nações." (Mateus, 10:17 e 18.)

11.- "Eles lhes expulsarão das sinagogas e virá o tempo em que aquele que lhes levar à morte julgará fazer uma coisa agradável a Deus. Tratarão vocês desse modo, porque eles não conhecem nem a meu Pai, nem a mim. Ora, digo estas coisas a vocês a fim de que, quando tiver chegado o tempo, lembrem-se de que eu lhes disse isso." (João, 16:1 a 4.)

12.- "Vocês serão traídos e entregues aos magistrados pelos seus pais e mães, por seus irmãos, por seus parentes e amigos, e darão morte a muitos de vocês. Serão odiados por todo mundo, por causa de meu nome. Entretanto, não se perderá um só cabelo de sua cabeça. Pela paciência é que possuirão suas almas." (Lucas, 21:16 a 19.)

13.- (*Martírio de S. Pedro*) "Na verdade, na verdade eu digo a vocês que, quando eram mais jovens, vocês vestiam a si mesmos e iam onde queriam; mas quando forem velhos, estenderão as mãos e outro os vestirá e os conduzirá aonde

<sup>1</sup> Correção: incluiu o acento - APOTRES ⇒ APÔTRES

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

não quererão ir." Ora, ele dizia isso para assinalar por qual morte Pedro havia de glorificar a Deus. (João, 21:18-19.)

não quererão ir." Ora, ele dizia isso para assinalar por qual morte Pedro havia de glorificar a Deus. (João, 21:18-19.)

### CIDADES IMPENITENTES

14.- Então ele começou a censurar as cidades onde havia feito muitos milagres, por eles não terem feito penitência:

"Ai de ti, Corozaim, ai de ti Betsaida, porque, se os milagres que foram feitos no meio de vocês tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, há muito tempo elas teriam feito penitência com saco e cinzas. Eis porque declaro a vocês que no dia do julgamento Tiro e Sídon serão tratadas menos rigorosamente do que vocês.

"E tu, Cafarnaum, sempre ficará elevada até o céu? Será abaixada até o fundo do inferno, porque se os milagres que foram feitos no meio de ti tivessem sido feitos em Sodoma, talvez esta ainda teria sobrevivido até hoje. Eis porque te declaro que, no dia do julgamento, o país de Sodoma será tratado menos rigorosamente do que tu." (Mateus, 11:20 a 24.)

### CIDADES IMPENITENTES

14.- Então ele começou a censurar as cidades onde havia feito muitos milagres, por eles não terem feito penitência:

"Ai de ti, Corozaim, ai de ti Betsaida, porque, se os milagres que foram feitos no meio de vocês tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, há muito tempo elas teriam feito penitência com saco e cinzas. Eis porque declaro a vocês que no dia do julgamento Tiro e Sídon serão tratadas menos rigorosamente do que vocês.

"E tu, Cafarnaum, sempre ficará elevada até o céu? Será abaixada até o fundo do inferno, porque se os milagres que foram feitos no meio de ti tivessem sido feitos em Sodoma, talvez esta ainda teria sobrevivido até hoje. Eis porque te declaro que, no dia do julgamento, o país de Sodoma será tratado menos rigorosamente do que tu." (Mateus, 11:20 a 24.)

### RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM

15.- Quando Jesus saiu do templo para ir embora, seus discípulos se acercaram dele para lhe mostrarem a estrutura e a grandeza daquele edifício. Porém ele lhes disse: "Estão vendo todas estas construções? Digo a vocês que, na verdade, elas serão destruídas de tal maneira que não ficará pedra sobre pedra." (Mateus, 24:1-2.)

16.- Em seguida, tendo chegado perto de Jerusalém, contemplando a cidade, ele chorou por ela, dizendo: "Ah, se ao menos neste dia que ainda te é concedido, reconhecesse aquele que pode te proporcionar paz! Mas agora tudo isto se acha oculto aos teus olhos. Então, virá para ti um tempo desgraçado em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te fecharão e apertarão de todos os lados; em que te derrubarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti, e eles não te deixarão pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que Deus te visitou." (Lucas, 19:41 a 44.)

17.- "Entretanto, é preciso que eu continue a andar hoje e amanhã e o dia seguinte, porque é necessário que nenhum profeta sofra a morte noutra parte, que não em Jerusalém."

### RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM

15.- Quando Jesus saiu do templo para ir embora, seus discípulos se acercaram dele para lhe mostrarem a estrutura e a grandeza daquele edifício. Porém ele lhes disse: "Estão vendo todas estas construções? Digo a vocês que, na verdade, elas serão destruídas de tal maneira que não ficará pedra sobre pedra." (Mateus, 24:1-2.)

16.- Em seguida, tendo chegado perto de Jerusalém, contemplando a cidade, ele chorou por ela, dizendo: "Ah, se ao menos neste dia que ainda te é concedido, reconhecesse aquele que pode te proporcionar paz! Mas agora tudo isto se acha oculto aos teus olhos. Então, virá para ti um tempo desgraçado em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te fecharão e apertarão de todos os lados; em que te derrubarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti, e eles não te deixarão pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que Deus te visitou." (Lucas, 19:41 a 44.)

17.- "Entretanto, é preciso que eu continue a andar hoje e amanhã e o dia seguinte, porque é necessário que nenhum profeta sofra a morte noutra parte, que não em Jerusalém."

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

"Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os que te são enviados, quantas vezes tenho querido reunir teus filhos, como uma galinha reúne seus pintainhos sob as suas asas, e você não os quis! Aproxima-se o tempo em que sua casa ficará deserta. Ora, em verdade, eu digo a vocês que de agora em diante não me tornarão a ver, até que digam: Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor." (Lucas, 13:33 a 35.)

18.- "Quando virem um exército cercando Jerusalém, saibam que está próxima a sua desolação. Então, fujam para as montanhas os que estiverem na Judéia; **retirem-se os que estiverem dentro dela** e os que estiverem nas redondezas não entrem nela. Porque esses dias serão os da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na Escritura. Ai das que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias, visto que esta cidade será acabrunhada de males e a cólera do céu recairá sobre este povo. Passarão pelo fio de espada; serão levados em cativo para todas as nações e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios, até que o tempo das nações tenha se cumprido." (Lucas, 21:20- 24.)

19.- (*Jesus avançando para o suplício*) Ora, ele era seguido de uma grande multidão de povos e de mulheres a bater nos peitos e a chorar. Jesus, então, voltando-se, disse: "Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, mas por vocês mesmas e pelos seus filhos, pois virá tempo em que se dirá 'Felizes as estérteis, as entranhas que não geraram filhos e os seios que não amamentaram'. Todos se porão a dizer às montanhas 'Caí sobre nós!' e às colinas 'Cobram-nos!' Pois, se deste modo eles tratam o lenho verde, como será tratado o lenho seco?" (Lucas, 23:27 a 31.)

20.- A faculdade de pressentir as coisas futuras é um dos atributos da alma e é explicada pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como todos os outros atributos, em grau elevado. Portanto, ele pôde prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte, sem que nesse fato algo haja de sobrenatural, pois que os vemos se reproduzir aos nossos olhos nas condições mais comuns. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão o instante em que morrerão: é que a alma deles, no estado de desprendimento, está como o homem da montanha (cap. XVI, nº 1 ): vê toda a estrada a ser percorrida e vê o seu término.

5ª Edição (1869/72)

"Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os que te são enviados, quantas vezes tenho querido reunir teus filhos, como uma galinha reúne seus pintainhos sob as suas asas, e você não os quis! Aproxima-se o tempo em que sua casa ficará deserta. Ora, em verdade, eu digo a vocês que de agora em diante não me tornarão a ver, até que digam: Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor." (Lucas, 13:33 a 35.)

18.- "Quando virem um exército cercando Jerusalém, saibam que está próxima a sua desolação. Então, fujam para as montanhas os que estiverem na Judéia;

os que estiverem nas redondezas não entrem nela. Porque esses dias serão os da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na Escritura. Ai das que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias, visto que esta cidade será acabrunhada de males e a cólera do céu recairá sobre este povo. Passarão pelo fio de espada; serão levados em cativo para todas as nações e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios, até que o tempo das nações tenha se cumprido." (Lucas, 21:20- 24.)

19.- (*Jesus avançando para o suplício*) Ora, ele era seguido de uma grande multidão de povos e de mulheres a bater nos peitos e a chorar. Jesus, então, voltando-se, disse: "Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, mas por vocês mesmas e pelos seus filhos, pois virá tempo em que se dirá 'Felizes as estérteis, as entranhas que não geraram filhos e os seios que não amamentaram'. Todos se porão a dizer às montanhas 'Caí sobre nós!' e às colinas 'Cobram-nos!' Pois, se deste modo eles tratam o lenho verde, como será tratado o lenho seco?" (Lucas, 23:27 a 31.)

20.- A faculdade de pressentir as coisas futuras é um dos atributos da alma e é explicada pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como todos os outros atributos, em grau elevado. Portanto, ele pôde prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte, sem que nesse fato algo haja de sobrenatural, pois que os vemos se reproduzir aos nossos olhos nas condições mais comuns. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão o instante em que morrerão: é que a alma deles, no estado de desprendimento, está como o homem da montanha (cap. XVI, nº 1º): vê toda a estrada a ser percorrida e vê o seu término.



## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

Tanto mais assim havia de ser com Jesus, que tinha consciência da missão que havia vindo desempenhar, ele sabia que a morte através do suplício fatalmente lhe seria a consequência necessária. A visão espiritual — que era permanente nele, assim como a penetração do pensamento — haviam de lhe mostrar as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão ele podia prever a ruína do Templo, a queda de Jerusalém, as desgraças que iam recair sobre seus habitantes e a dispersão dos judeus.

**21.- A incredulidade, que não admite a vida espiritual independente da matéria, não pode se dar conta da presciência: é porque ela a nega, atribuindo ao acaso os fatos autênticos que se realizam sob seus olhos. É notável que ela recue diante do exame de todos os fenômenos psíquicos que se produzem em todas as partes, certamente por temer nesses fenômenos ver a alma surgir e lhes desmentir.**

### MALDIÇÃO CONTRA OS FARISEUS

22.- (João Batista) Vendo muitos fariseus e saduceus vindo para ser batizados, ele lhes disse: "Raça de víboras, quem lhes ensinou a fugir da cólera que há de cair sobre vocês? Produzam então frutos dignos de penitência; e não pensem em dizer a si mesmos: 'Nós temos Abraão por pai', pois eu declaro a vocês que Deus pode fazer que até destas pedras nasçam filhos a Abraão; pois o machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo." (Mateus, 3:7 a 10)

23.- "Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque fecham o reino dos céus aos homens; pois vocês mesmos não entrarão lá e ainda se opõem àqueles que lá desejam entrar!"

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que, a pretexto das suas longas preces, devoram as casas das viúvas; por isso terão um julgamento mais rigoroso!"

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que percorrem o mar e a terra para fazer um seguidor e que,

21.- Tanto mais assim havia de ser com Jesus, que tinha consciência da missão que havia vindo desempenhar, ele sabia que a morte através do suplício fatalmente lhe seria a consequência necessária. A visão espiritual — que era permanente nele, assim como a penetração do pensamento — haviam de lhe mostrar as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão ele podia prever a ruína do Templo, a queda de Jerusalém, as desgraças que iam recair sobre seus habitantes e a dispersão dos judeus.

### MALDIÇÃO CONTRA OS FARISEUS

22.- (João Batista) Vendo muitos fariseus e saduceus vindo para ser batizados, ele lhes disse: "Raça de víboras, quem lhes ensinou a fugir da cólera que há de cair sobre vocês? Produzam então frutos dignos de penitência; e não pensem em dizer a si mesmos: 'Nós temos Abraão por pai', pois eu declaro a vocês que Deus pode fazer que até destas pedras nasçam filhos a Abraão; pois o machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo." (Mateus, 3:7 a 10)

23.- "Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque fecham o reino dos céus aos homens; pois vocês mesmos não entrarão lá e ainda se opõem àqueles que lá desejam entrar!"

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que, a pretexto das suas longas preces, devoram as casas das viúvas; por isso terão um julgamento mais rigoroso!"

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que percorrem o mar e a terra para fazer um seguidor e que,

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

depois de o terem conseguido, o tornam duas vezes mais digno do inferno do que vocês mesmos!"

"Ai de vocês, condutores de cegos, que dizem: 'Se um homem jura pelo templo, isso nada vale; mas qualquer um que jure pelo ouro do templo, fica obrigado a cumprir o seu juramento!' Insensatos e cegos que são! A qual se deve mais estimar: ao ouro, ou ao templo que santifica o ouro? Vocês dizem que se um homem jura pelo altar, isso nada vale; mas, aquele que jurar pelo donativo que esteja sobre o altar, este fica obrigado a cumprir o seu juramento. Cegos que são! A qual se deve mais estimar, ao donativo ou ao altar que santifica o donativo? Pois aquele que jura pelo altar jura não só pelo altar, como por tudo o que está sobre o altar; e aquele que jura pelo templo jura por aquele que o habita; e aquele que jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que aí se assenta."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que pagam o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e que têm abandonado o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Essas são as coisas que devem praticar, sem, contudo, omitir as outras. Guias cegos, que têm grande cuidado em coar o que bebem, por medo de engolir um mosquito, mas que engolem um camelo!"

"Ai de vocês, **Escribas** e **Fariseus** hipócritas, que limpam o copo e o prato por fora, mas que por dentro estão cheios de rapina e impureza! Fariseus cegos! Limpem primeiro o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que se assemelham a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que por dentro estão cheios de ossadas de mortos e de toda espécie de podridão! Assim, por fora parecem justos, ao mesmo tempo em que por dentro estão cheios de hipocrisia e de maldade."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que levantam túmulos aos profetas e adornam os monumentos dos justos, e que dizem: 'Se existíssemos no tempo de nossos pais, não nos teríamos associado a eles para derramar o sangue dos profetas!' pois assim acabam de encher a medida de seus pais. Serpentes, raça de víboras! Como poderiam evitar serem condenados ao inferno? Eis que vou enviá-los profetas, sábios e escribas, e vocês matarão a uns, crucificarão a outros e a outros açoitarão nas suas sinagogas e os perseguirão de cidade em cidade, a fim de que recaia sobre vocês todo o sangue inocente que tem sido derramado na Terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o de Zacarias, filho de Baraquias, que vocês mataram entre o templo e o altar!"

depois de o terem conseguido, o tornam duas vezes mais digno do inferno do que vocês mesmos!"

"Ai de vocês, condutores de cegos, que dizem: 'Se um homem jura pelo templo, isso nada vale; mas qualquer um que jure pelo ouro do templo, fica obrigado a cumprir o seu juramento!' Insensatos e cegos que são! A qual se deve mais estimar: ao ouro, ou ao templo que santifica o ouro? Vocês dizem que se um homem jura pelo altar, isso nada vale; mas, aquele que jurar pelo donativo que esteja sobre o altar, este fica obrigado a cumprir o seu juramento. Cegos que são! A qual se deve mais estimar, ao donativo ou ao altar que santifica o donativo? Pois aquele que jura pelo altar jura não só pelo altar, como por tudo o que está sobre o altar; e aquele que jura pelo templo jura por aquele que o habita; e aquele que jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que aí se assenta."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que pagam o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e que têm abandonado o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Essas são as coisas que devem praticar, sem, contudo, omitir as outras. Guias cegos, que têm grande cuidado em coar o que bebem, por medo de engolir um mosquito, mas que engolem um camelo!"

"Ai de vocês, **escribas** e **fariseus** hipócritas, que limpam o copo e o prato por fora, mas que por dentro estão cheios de rapina e impureza! Fariseus cegos! Limpem primeiro o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que se assemelham a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que por dentro estão cheios de ossadas de mortos e de toda espécie de podridão! Assim, por fora parecem justos, ao mesmo tempo em que por dentro estão cheios de hipocrisia e de maldade."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que levantam túmulos aos profetas e adornam os monumentos dos justos, e que dizem: 'Se existíssemos no tempo de nossos pais, não nos teríamos associado a eles para derramar o sangue dos profetas!' pois assim acabam de encher a medida de seus pais. Serpentes, raça de víboras! Como poderiam evitar serem condenados ao inferno? Eis que vou enviá-los profetas, sábios e escribas, e vocês matarão a uns, crucificarão a outros e a outros açoitarão nas suas sinagogas e os perseguirão de cidade em cidade, a fim de que recaia sobre vocês todo o sangue inocente que tem sido derramado na Terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o de Zacarias, filho de Baraquias, que vocês mataram entre o templo e o altar!"

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

Digo a vocês, na verdade, que tudo isso virá recair sobre esta raça que existe hoje." (**Mateus**<sup>2</sup>, 23:13-36.)

Digo a vocês, na verdade, que tudo isso virá recair sobre esta raça que existe hoje." (**Mateus**, 23:13-36.)

### MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO

24.- Então, aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: "O senhor sabe bem que, ouvindo o que acaba de dizer, os fariseus se escandalizaram?" E ele respondeu: "*Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.* Deixem a eles! São cegos a conduzir cegos; se um cego guia outro cego, ambos caem na cova." (Mateus, 15:12 a 14.)

25.- "O Céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não passarão." (Mateus, 24:35.)

26.- As palavras de Jesus não passarão, porque serão verdadeiras em todos os tempos; seu código de moral será eterno porque consagra as condições do bem que conduz o homem à sua destinação eterna. Mas, as suas palavras chegaram até nós puras de qualquer mistura e de falsas interpretações? Será que todas as seitas cristãs absorveram seu significado? Nenhuma delas terá distorcido o seu verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da natureza? Nenhuma delas transformou as palavras do Cristo em instrumento de dominação, para servir às suas ambições e aos seus interesses materiais, um degrau, não para se elevar ao céu, mas para se elevar na Terra? Será que todas elas têm adotado a prática das virtudes como regra de conduta, prática essa da qual **ele** tomou como condição expressa de salvação? Estarão todas elas isentas das denúncias que ele dirigiu aos fariseus de seu tempo? E finalmente, todas elas serão — tanto em teoria, como na prática — a expressão pura da sua doutrina? Como a verdade é uma só, ela não pode ser encontrada em afirmações contrárias e Jesus não pretendeu dar duplo sentido às suas palavras. Então, se diferentes seitas se

### MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO

24.- Então, aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: "O senhor sabe bem que, ouvindo o que acaba de dizer, os fariseus se escandalizaram?" E ele respondeu: "*Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.* Deixem a eles! São cegos a conduzir cegos; se um cego guia outro cego, ambos caem na cova." (Mateus, 15:12 a 14.)

25.- "O Céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não passarão." (Mateus, 24:35.)

26.- As palavras de Jesus não passarão, porque serão verdadeiras em todos os tempos; seu código de moral será eterno porque consagra as condições do bem que conduz o homem à sua destinação eterna. Mas, as suas palavras chegaram até nós puras de qualquer mistura e de falsas interpretações? Será que todas as seitas cristãs absorveram seu significado? Nenhuma delas terá distorcido o seu verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da natureza? Nenhuma delas transformou as palavras do Cristo em instrumento de dominação, para servir às suas ambições e aos seus interesses materiais, um degrau, não para se elevar ao céu, mas para se elevar na Terra? Será que todas elas têm adotado a prática das virtudes como regra de conduta, prática essa da qual **Jesus** tomou como condição expressa de salvação? Estarão todas elas isentas das denúncias que ele dirigiu aos fariseus de seu tempo? E finalmente, todas elas serão — tanto em teoria, como na prática — a expressão pura da sua doutrina? Como a verdade é uma só, ela não pode ser encontrada em afirmações contrárias e Jesus não pretendeu dar duplo sentido às suas palavras. Então, se diferentes seitas se

<sup>2</sup> **Saint** Matth. ⇒ **S.** Matth.

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

contradizem e se umas consideram verdadeiro aquilo que outras condenam como heresias, é impossível que todas estejam com a verdade. Se todas tivessem apreendido o sentido verdadeiro do ensino evangélico, todas teriam se achado no mesmo terreno e não existiriam seitas.

O que *não passará* é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus; o que *passará* é o que os homens construíram sobre o falso sentido que deram a essas mesmas palavras.

Jesus tendo por missão transmitir aos homens o pensamento de Deus, somente a sua doutrina *pura* pode ser a expressão desse pensamento; por isso foi que ele disse: *Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.*

### A PEDRA ANGULAR

27.- "A pedra que os edificadores rejeitaram se tornou a principal pedra angular — vocês jamais leram isto nas Escrituras? Foi o que o Senhor fez, e nossos olhos o veem com admiração. Eis por que eu lhes declaro que o reino de Deus lhes será tirado e será dado a um povo que produzirá os seus frutos. Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e ela esmagará aquele sobre quem cair."

Tendo ouvido essas palavras de Jesus, os príncipes dos sacerdotes reconheceram que era deles de quem Jesus falava. Quiseram então apoderar-se dele, mas tiveram medo do povo, pois ele era considerado um profeta. (Mateus, 21:42 a 46.)

28.- A palavra de Jesus se tornou a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo; como os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitaram essa pedra, ela os esmagou do mesmo modo que esmagará aqueles a quem, a partir de então, a ignoraram ou desviaram o seu sentido em favor de suas ambições.

### PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS

contradizem e se umas consideram verdadeiro aquilo que outras condenam como heresias, é impossível que todas estejam com a verdade. Se todas tivessem apreendido o sentido verdadeiro do ensino evangélico, todas teriam se achado no mesmo terreno e não existiriam seitas.

O que *não passará* é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus; o que *passará* é o que os homens construíram sobre o falso sentido que deram a essas mesmas palavras.

Jesus tendo por missão transmitir aos homens o pensamento de Deus, somente a sua doutrina *pura* pode ser a expressão desse pensamento; por isso foi que ele disse: *Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.*

### A PEDRA ANGULAR

27.- "A pedra que os edificadores rejeitaram se tornou a principal pedra angular — vocês jamais leram isto nas Escrituras? Foi o que o Senhor fez, e nossos olhos o veem com admiração. Eis por que eu lhes declaro que o reino de Deus lhes será tirado e será dado a um povo que produzirá os seus frutos. Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e ela esmagará aquele sobre quem cair."

Tendo ouvido essas palavras de Jesus, os príncipes dos sacerdotes reconheceram que era deles de quem Jesus falava. Quiseram então apoderar-se dele, mas tiveram medo do povo, pois ele era considerado um profeta. (Mateus, 21:42 a 46.)

28.- A palavra de Jesus se tornou a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo; como os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitaram essa pedra, ela os esmagou do mesmo modo que esmagará aqueles a quem, a partir de então, a ignoraram ou desviaram o seu sentido em favor de suas ambições.

### PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

29.- "Havia um pai de família que tinha plantado uma vinha cercada de arbustos e que, cavando a terra, tinha construído uma torre; depois arrendou essa vinha a uns vinhateiros e partiu para um lugar distante."

"Ora, estando próximo o tempo dos frutos, ele enviou seus servos aos vinhateiros para recolher o fruto da sua vinha. Mas os vinhateiros apoderaram-se dos servos, bateram num, mataram outro e apedrejaram a outro. Ele então lhes enviou outros servos em maior número do que os primeiros e eles os trataram da mesma maneira. Por fim, enviou-lhes seu próprio filho, dizendo para si mesmo: 'Ao meu filho eles terão algum respeito'. Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: 'Aqui está o herdeiro: vamos matá-lo e ficaremos donos da sua herança'. E com isso, pegaram-no e o lançaram fora da vinha e o mataram."

"Quando o dono da vinha vier, como tratará esses vinhateiros?" Eles responderam: "Fará que esses malvados pereçam miseravelmente e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entreguem os frutos na sua estação." (Mateus, 21:33 a 41.)

30.- O pai de família <sup>3</sup>é Deus; a vinha que plantou <sup>4</sup>é a lei que ele estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a vinha são os homens que devem ensinar e praticar a sua lei; os servos que enviou aos arrendatários são os profetas que estes massacraram; seu filho, enviado por último, <sup>5</sup>é Jesus, a quem eles igualmente eliminaram. Como então o Senhor tratará os seus mandatários desobedientes da lei? Ele os tratará como seus enviados foram tratados por eles e chamará outros arrendatários que lhe prestem melhores contas de sua propriedade e da condução do seu rebanho.

Assim aconteceu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e com os fariseus; assim será, quando ele vier de novo a cada um para pedir contas do que fez da Sua doutrina; retirará toda a autoridade daquele que tiver abusado dela, pois ele

29.- "Havia um pai de família que tinha plantado uma vinha cercada de arbustos e que, cavando a terra, tinha construído uma torre; depois arrendou essa vinha a uns vinhateiros e partiu para um lugar distante."

"Ora, estando próximo o tempo dos frutos, ele enviou seus servos aos vinhateiros para recolher o fruto da sua vinha. Mas os vinhateiros apoderaram-se dos servos, bateram num, mataram outro e apedrejaram a outro. Ele então lhes enviou outros servos em maior número do que os primeiros e eles os trataram da mesma maneira. Por fim, enviou-lhes seu próprio filho, dizendo para si mesmo: 'Ao meu filho eles terão algum respeito'. Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: 'Aqui está o herdeiro: vamos matá-lo e ficaremos donos da sua herança'. E com isso, pegaram-no e o lançaram fora da vinha e o mataram."

"Quando o dono da vinha vier, como tratará esses vinhateiros?" Eles responderam: "Fará que esses malvados pereçam miseravelmente e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entreguem os frutos na sua estação." (Mateus, 21:33 a 41.)

30.- O pai de família <sup>6</sup>é Deus; a vinha que plantou <sup>6</sup>é a lei que ele estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a vinha <sup>7</sup>são os homens que devem ensinar e praticar a sua lei; os servos que enviou aos arrendatários <sup>8</sup>são os profetas que estes massacraram; seu filho, enviado por último, <sup>6</sup>é Jesus, a quem eles igualmente eliminaram. Como então o Senhor tratará os seus mandatários desobedientes da lei? Ele os tratará como seus enviados foram tratados por eles e chamará outros arrendatários que lhe prestem melhores contas de sua propriedade e da condução do seu rebanho.

Assim aconteceu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e com os fariseus; assim será, quando ele vier de novo a cada um para pedir contas do que fez da Sua doutrina; retirará toda a autoridade daquele que tiver abusado dela, pois ele

<sup>3</sup> est ⇒ c'est

<sup>4</sup> est ⇒ c'est

<sup>5</sup> est ⇒ c'est

<sup>7</sup> sont ⇒ ce sont

<sup>8</sup> sont ⇒ ce sont

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

quer que seu campo seja administrado conforme sua vontade.

Ao fim de dezoito séculos, tendo chegado à idade adulta, a Humanidade está suficientemente madura para compreender aquilo que Cristo apenas desfolhou, porque então — como ele próprio disse — não o teriam compreendido. Ora, a que resultado chegaram os que durante esse longo período tiveram a seu cargo a sua educação religiosa? Basta ver a indiferença tomar o lugar da fé e a descrença se erguer em doutrina. Com efeito, em nenhuma outra época o ceticismo e o espírito de negação estiveram mais espalhados em todas as classes da sociedade.

Mas, se algumas das palavras do Cristo se apresentam encobertas pelo véu da simbologia, em tudo o que se refere à regra de conduta, às relações de homem para homem e aos princípios morais — a que ele expressamente condicionou a salvação (*O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XV*) —, ele é claro, explícito e sem ambiguidade.

O que fizeram das suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que ele fez a seus apóstolos para converter os homens pela *doçura e pela persuasão*; da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes das quais ele deu o exemplo? Em seu nome, os homens se lançaram ao anátema e à maldição; estrangularam-se em nome daquele que disse “Todos os homens são irmãos”. Fizeram um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial daquele que Jesus proclamou infinitamente justo, bom e misericordioso; em nome daquele Deus de paz e de verdade, eles sacrificaram milhares de vítimas nas fogueiras, pelas torturas e perseguições, muito mais do que as vítimas que os pagãos *sacrificaram*<sup>6</sup>

quer que seu campo seja administrado conforme sua vontade.

Ao fim de dezoito séculos, tendo chegado à idade adulta, a Humanidade está suficientemente madura para compreender aquilo que o Cristo apenas desfolhou, porque então — como ele próprio disse — não o teriam compreendido. Ora, a que resultado chegaram os que durante esse longo período tiveram a seu cargo a sua educação religiosa? Basta ver a indiferença tomar o lugar da fé e a descrença se erguer em doutrina. Com efeito, em nenhuma outra época o ceticismo e o espírito de negação estiveram mais espalhados em todas as classes da sociedade.

Mas, se algumas das palavras do Cristo se apresentam encobertas pelo véu da simbologia, em tudo o que se refere à regra de conduta, às relações de homem para homem e aos princípios morais — a que ele expressamente condicionou a salvação —, ele é claro, explícito e sem ambiguidade (*O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XV*).

O que fizeram das suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que ele fez a seus apóstolos para converter os homens pela *doçura e pela persuasão*; da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes das quais ele deu o exemplo? Em seu nome, os homens se lançaram ao anátema e à maldição; estrangularam-se em nome daquele que disse “Todos os homens são irmãos”. Fizeram um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial daquele que Jesus proclamou infinitamente justo, bom e misericordioso; em nome daquele Deus de paz e de verdade, eles sacrificaram milhares de vítimas nas fogueiras, pelas torturas e perseguições, muito mais do que as vítimas que os pagãos *sacrificaram*

<sup>6</sup> *sacrifiées* ⇒ *sacrifié*

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

aos seus falsos deuses; venderam-se as orações e as graças do céu em nome daquele que expulsou os vendilhões do Templo e que disse a seus discípulos “Deem gratuitamente o que receberam de graça”.

O que diria o Cristo se vivesse nos dias de hoje entre nós? Se visse seus representantes a ambicionar as honras, as riquezas, o poder e o luxo dos príncipes do mundo, ao passo que ele — mais rei do que todos os reis da Terra — fez a sua entrada em Jerusalém montado num jumento? Não teria o direito de lhes dizer “O que fizeram dos meus ensinamentos, vocês que incensam o bezerro de ouro, que dão a maior parte das suas preces aos ricos, reservando uma parte insignificante aos pobres, apesar de eu ter eu dito que os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus?”. Mas, se ele não está carnalmente entre nós, está em Espírito e, como o senhor da parábola, virá pedir contas aos seus vinhateiros do produto da sua vinha, quando chegar o tempo da colheita.

### UM SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR

31.- "Tenho ainda outras ovelhas que não são *desse redil*; é preciso que eu também as conduza; elas escutarão a minha voz e *haverá um só rebanho e um só pastor*." (João, 10:16.)

32.- Por essas palavras, Jesus claramente anuncia que um dia os homens se unirão em uma única crença; mas, como essa união poderá se efetuar? Isso parece difícil, considerando as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas alimentam entre seus adeptos e a teimosia em crer estarem com a posse exclusiva da verdade. Bem que todas querem a unidade, mas cada uma se lisonjeia de que essa unidade se faça em seu proveito e nenhuma admite fazer **concessões** às suas crenças.

aos seus falsos deuses; venderam-se as orações e as graças do céu em nome daquele que expulsou os vendilhões do Templo e que disse a seus discípulos “Deem gratuitamente o que receberam de graça”.

O que diria o Cristo se vivesse nos dias de hoje entre nós? Se visse seus representantes a ambicionar as honras, as riquezas, o poder e o luxo dos príncipes do mundo, ao passo que ele — mais rei do que todos os reis da Terra — fez a sua entrada em Jerusalém montado num jumento? Não teria o direito de lhes dizer “O que fizeram dos meus ensinamentos, vocês que incensam o bezerro de ouro, que dão a maior parte das suas preces aos ricos, reservando uma parte insignificante aos pobres, apesar de eu ter eu dito que os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus?”. Mas, se ele não está carnalmente entre nós, está em Espírito e, como o senhor da parábola, virá pedir contas aos seus vinhateiros do produto da sua vinha, quando chegar o tempo da colheita.

### UM SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR

31.- "Tenho ainda outras ovelhas que não são *desse redil*; é preciso que eu também as conduza; elas escutarão a minha voz e *haverá um só rebanho e um só pastor*." (João, 10:16.)

32.- Por essas palavras, Jesus claramente anuncia que um dia os homens se unirão em uma única crença; mas, como essa união poderá se efetuar? Isso parece difícil, considerando as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas alimentam entre seus adeptos e a teimosia em crer estarem com a posse exclusiva da verdade. Bem que todas querem a unidade, mas cada uma se lisonjeia de que essa unidade se faça em seu proveito e nenhuma admite fazer **concessão** às suas crenças.

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

Entretanto, a unidade se fará em religião como tende a se fazer socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem; os povos do mundo inteiro já se confraternizam, como os das províncias de um mesmo império; pressentimos essa unidade e a desejamos. Ela se fará pela força das coisas, porque há de se tornar uma necessidade, para que se estreitem os laços da fraternidade entre as nações; ela virá pelo desenvolvimento da razão humana, que compreenderá a infantilidade de todas essas separações; pelo progresso das ciências, que demonstra cada dia mais os erros materiais sobre os quais elas se apoiam, e destaca pouco a pouco as pedras estragadas das suas fiadas. Se a ciência demolir nas religiões aquilo que é obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da Natureza, ela não poderá — ao contrário da opinião de alguns — destruir o que é obra de Deus e eterna<sup>9</sup> verdade; afastando os acessórios, ela prepara as vias da unidade.

A fim de chegarem a esta unidade as religiões deverão se encontrar num terreno neutro, embora comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos importantes, conforme à multiplicidade dos seus dogmas particulares. Mas, em virtude do processo de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderá vir do campo oficial; em lugar de tomarem o ponto de partida no alto, tomarão embaixo por iniciativa individual. Desde algum tempo vem se operando um movimento de descentralização que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio da imutabilidade, que as religiões sempre têm considerado uma égide conservadora, irá se tornar um elemento

Entretanto, a unidade se fará em religião como tende a se fazer socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem; os povos do mundo inteiro já se confraternizam, como os das províncias de um mesmo império; pressentimos essa unidade e a desejamos. Ela se fará pela força das coisas, porque há de se tornar uma necessidade, para que se estreitem os laços da fraternidade entre as nações; ela virá pelo desenvolvimento da razão humana, que compreenderá a infantilidade de todas essas separações; pelo progresso das ciências, que demonstra cada dia mais os erros materiais sobre os quais elas se apoiam, e destaca pouco a pouco as pedras estragadas das suas fiadas. Se a ciência demolir nas religiões aquilo que é obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da Natureza, ela não poderá — ao contrário da opinião de alguns — destruir o que é obra de Deus e eterna verdade; afastando os acessórios, ela prepara as vias da unidade.

A fim de chegarem a esta unidade as religiões deverão se encontrar num terreno neutro, embora comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos importantes, conforme à multiplicidade dos seus dogmas particulares. Mas, em virtude do processo de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderá vir do campo oficial; em lugar de tomarem o ponto de partida no alto, tomarão embaixo por iniciativa individual. Desde algum tempo vem se operando um movimento de descentralização que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio da imutabilidade, que as religiões sempre têm considerado uma égide conservadora, irá se tornar um elemento

<sup>9</sup> d'éternelle vérité ⇒ l'éternelle vérité



## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

destruidor, dado que os cultos permanecendo imóveis — ao passo que a sociedade caminha para frente — eles serão ultrapassados e depois absorvidos pela corrente das ideias de progressão.

Entre as pessoas que se destacam em tudo ou em partes dos troncos principais, e cujo número cresce sem cessar, se alguns deles não querem nada, a imensa maioria — que não se conforma com o nada — quer alguma coisa; essa coisa ainda não está definida em seu pensamento, mas elas a pressentem; essas pessoas tendem ao mesmo objetivo por vias diferentes, e é por elas que começará o movimento de concentração em direção à unidade.

No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião que um dia terá de congregar todos os homens sob a mesma bandeira será a que melhor satisfizer à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja desmentida em nenhum ponto pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a Humanidade em sua marcha progressiva sem nunca deixar que a ultrapassem; que não for nem exclusivista, nem intolerante; que for a promotora da inteligência em admitir somente a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais lógico, o mais harmonioso com as necessidades sociais, enfim, o mais apropriado a fundar na Terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais.

Entre as religiões existentes, aquelas que mais aproximam dessas condições normais terão menos concessões a fazer; se alguma delas reunir todas essas condições, esta se tornará naturalmente o centro da futura unidade; essa unidade se fará em torno daquela que deixar menos a desejar à razão, não por uma decisão oficial, porque não se regulamenta a consciência, mas pelas adesões individuais e voluntárias.

destruidor, dado que os cultos permanecendo imóveis — ao passo que a sociedade caminha para frente — eles serão ultrapassados e depois absorvidos pela corrente das ideias de progressão.

A imobilidade, em vez de ser uma força, torna-se uma causa de fraqueza e de ruína para quem não acompanha o movimento geral; ela quebra a unidade, porque os que querem avançar se separam dos que teimam em permanecer parados.

No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião que um dia terá de congregar todos os homens sob a mesma bandeira será a que melhor satisfizer à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja desmentida em nenhum ponto pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a Humanidade em sua marcha progressiva sem nunca deixar que a ultrapassem; que não for nem exclusivista, nem intolerante; que for a promotora da inteligência em admitir somente a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais lógico, o mais harmonioso com as necessidades sociais, enfim, o mais apropriado a fundar na Terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais.

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

O que alimenta o antagonismo entre as religiões é a ideia de que cada uma tem o seu deus particular e sua pretensão de ter o único verdadeiro e o mais poderoso, que está em constante hostilidade com os deuses dos outros cultos, e ocupado em combater as influências alheias. Quando elas tiverem se convencido de que só existe um Deus no Universo e que ele é **definitivamente**<sup>10</sup> o mesmo que elas adoram sob os nomes de **Jeová**, **Alá** ou **Deus**; e quando se puserem de acordo sobre os atributos essenciais, elas compreenderão que um Ser único não pode ter senha uma única vontade; elas estenderão as mãos umas às outras, como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai, e então elas terão dado grande passo para a unidade.

### ADVENTO DE ELIAS

33.- Então, seus discípulos lhe perguntaram: "Por que então os escribas dizem ser preciso que Elias venha antes?" Mas Jesus respondeu: "É verdade que Elias tem de vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas, eu declaro a vocês que Elias já veio e eles não o conheceram; mas o trataram como lhes agradava. É assim que matarão o Filho do homem."

Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes falava. (Mateus, 17:10 a 13.)

34.- Elias já havia voltado na pessoa de João Batista (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV, nº 10). Seu novo advento é anunciado de modo explícito; ora, como ele não pode voltar senão com um novo corpo, aí temos a consagração formal do princípio da pluralidade das existências. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV )

### ANUNCIAÇÃO DO CONSOLADOR

O que alimenta o antagonismo entre as religiões é a ideia de que cada uma tem o seu deus particular e sua pretensão de ter o único verdadeiro e o mais poderoso, que está em constante hostilidade com os deuses dos outros cultos, e ocupado em combater as influências alheias. Quando elas tiverem se convencido de que só existe um Deus no Universo e que ele é **definitivamente** o mesmo que elas adoram sob os nomes de **Jeová**, **Alá** ou **Deus**; e quando se puserem de acordo sobre os atributos essenciais, elas compreenderão que um Ser único não pode ter senha uma única vontade; elas estenderão as mãos umas às outras, como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai, e então elas terão dado grande passo para a unidade.

### ADVENTO DE ELIAS

33.- Então, seus discípulos lhe perguntaram: "Por que então os escribas dizem ser preciso que Elias venha antes?" Mas Jesus respondeu: "É verdade que Elias tem de vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas, eu declaro a vocês que Elias já veio e eles não o conheceram; mas o trataram como lhes agradava. É assim que matarão o Filho do homem."

Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes falava. (Mateus, 17:10 a 13.)

34.- Elias já havia voltado na pessoa de João Batista Seu novo advento é anunciado de modo explícito; ora, como ele não pode voltar senão com um novo corpo, aí temos a consagração formal do princípio da pluralidade das existências. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV, nº 10)

### ANUNCIAÇÃO DO CONSOLADOR

<sup>10</sup> et **qu'en** définitive c'est le même qu'elles adorent ⇒ et **que, en** définitive, c'est le même qu'elles adorent

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

35.- "Se vocês me amam, guardem os meus mandamentos e eu pedirei a meu Pai e ele lhes enviará outro Consolador, a fim de que permaneça eternamente com vocês: *O Espírito de Verdade* que o mundo não pode receber, porque não o vê; porém, vocês o conhecerão, porque permanecerá com vocês e estará em vocês. Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, ele *lhes ensinará todas as coisas e fará com que relembrem de tudo o que lhes tenho dito.*" (João, 14:15 a 17 e 26 – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI)

36.- "Entretanto, eu digo a verdade a vocês: Convém que eu vá, pois se eu não for, o Consolador não virá até vocês; então eu vou e o enviarei a vocês; e quando ele tiver vindo, convencerá o mundo no que diz respeito ao pecado, à justiça e ao julgamento: no que diz respeito ao pecado, por não terem acreditado em mim; no que diz respeito à justiça, porque eu vou para meu Pai e vocês não mais me verão; no que diz respeito ao julgamento, porque o príncipe deste mundo já foi julgado."

*"Tenho ainda muitas coisas a lhes dizer, mas vocês não podem suportá-las agora." "Quando esse Espírito de Verdade tiver chegado, ele lhes ensinará toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e lhes anunciará as coisas que virão."*

"Ele me glorificará, porque receberá daquilo que está em mim e ele o anunciará a vocês." (João, 16:7 a 14.)

37.- Esta previsão é sem contestação uma das mais importantes do ponto de vista religioso, porque ela constata da maneira menos equivocada que *Jesus não disse tudo o que tinha a dizer*, porque eles não o teriam compreendido, nem mesmo seus apóstolos, já que era a eles a quem Jesus se dirigia. Se ele lhes tivesse dado instruções secretas, eles teriam mencionado isso nos Evangelhos. Ora, desde que ele não disse tudo a seus apóstolos, os seus sucessores não terão podido saber mais dessas instruções do que eles; possivelmente teriam se enganado quanto ao sentido das palavras de Jesus, ou dado uma interpretação falsa aos seus pensamentos — muitas vezes velados sob a forma simbólica. Por isso, as religiões que se fundaram no Evangelho não podem se dizer possuidoras de toda a verdade, pois

35.- "Se vocês me amam, guardem os meus mandamentos e eu pedirei a meu Pai e ele lhes enviará outro Consolador, a fim de que permaneça eternamente com vocês: *O Espírito de Verdade* que o mundo não pode receber, porque não o vê; porém, vocês o conhecerão, porque permanecerá com vocês e estará em vocês. Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, ele *lhes ensinará todas as coisas e fará com que relembrem de tudo o que lhes tenho dito.*" (João, 14:15 a 17 e 26 – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI)

36.- "Entretanto, eu digo a verdade a vocês: Convém que eu vá, pois se eu não for, o Consolador não virá até vocês; então eu vou e o enviarei a vocês; e quando ele tiver vindo, convencerá o mundo no que diz respeito ao pecado, à justiça e ao julgamento: no que diz respeito ao pecado, por não terem acreditado em mim; no que diz respeito à justiça, porque eu vou para meu Pai e vocês não mais me verão; no que diz respeito ao julgamento, porque o príncipe deste mundo já foi julgado."

*"Tenho ainda muitas coisas a lhes dizer, mas vocês não podem suportá-las agora." "Quando esse Espírito de Verdade tiver chegado, ele lhes ensinará toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e lhes anunciará as coisas que virão."*

"Ele me glorificará, porque receberá daquilo que está em mim e ele o anunciará a vocês." (João, 16:7 a 14.)

37.- Esta previsão é sem contestação uma das mais importantes do ponto de vista religioso, porque ela constata da maneira menos equivocada que *Jesus não disse tudo o que tinha a dizer*, porque eles não o teriam compreendido, nem mesmo seus apóstolos, já que era a eles a quem Jesus se dirigia. Se ele lhes tivesse dado instruções secretas, eles teriam mencionado isso nos Evangelhos. Ora, desde que ele não disse tudo a seus apóstolos, os seus sucessores não terão podido saber mais dessas instruções do que eles; possivelmente teriam se enganado quanto ao sentido das palavras de Jesus, ou dado uma interpretação falsa aos seus pensamentos — muitas vezes velados sob a forma simbólica. Por isso, as religiões que se fundaram no Evangelho não podem se dizer possuidoras de toda a verdade, pois

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

ele reservou para si o complemento posterior de seus ensinamentos. O princípio da imutabilidade é **um protesto contra as** próprias palavras do Cristo.

Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, Jesus anunciou daquele que havia de *ensinar todas as coisas* e de *relembrar* o que ele disse; portanto, o seu ensino não estava completo; e mais: ele prevê que aquilo que foi dito por ele seria esquecido, como também seria distorcido, já que o Espírito de Verdade deveria vir *relembrar* tudo e, em acordo com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, de acordo com o verdadeiro pensamento de Jesus.

38.- Quando esse novo revelador terá de vir? É evidente que se, na época em que Jesus falava, os homens não se achavam em estado de compreender as coisas que lhe restavam a dizer, não seria em alguns poucos anos que eles poderiam adquirir as luzes necessárias para entendê-las. Pela inteligência de certas partes do Evangelho, com exceção aos preceitos morais, faziam-se necessários conhecimentos que só o progresso das ciências permitiria e que tinham de ser obra do tempo e de muitas gerações. Portanto, se o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, teria encontrado o terreno ainda pouco propício e não teria feito mais do que ele. Ora, desde o Cristo até nossos dias, não se produziu nenhuma grande revelação que tenha completado o Evangelho e que tenha elucidado suas partes obscuras — o que é sinal seguro de que o **enviado** ainda não havia aparecido.

39.- Qual deverá ser esse **enviado**? Ao dizer “Pedirei a meu Pai e ele lhes enviará outro Consolador”, Jesus claramente indica que esse Consolador não é ele, do contrário diria “Eu voltarei para completar o que lhes tenho ensinado”. E acrescentou “*A fim de que fique eternamente*

ele reservou para si o complemento posterior de seus ensinamentos. O princípio da imutabilidade é **uma negação dada às** próprias palavras do Cristo.

Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, Jesus anunciou daquele que havia de *ensinar todas as coisas* e de *relembrar* o que ele disse; portanto, o seu ensino não estava completo; e mais: ele prevê que aquilo que foi dito por ele seria esquecido, como também seria distorcido, já que o Espírito de Verdade deveria vir *relembrar* tudo e, em acordo com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, de acordo com o verdadeiro pensamento de Jesus.

38.- Quando esse novo revelador terá de vir? É evidente que se, na época em que Jesus falava, os homens não se achavam em estado de compreender as coisas que lhe restavam a dizer, não seria em alguns poucos anos que eles poderiam adquirir as luzes necessárias para entendê-las. Pela inteligência de certas partes do Evangelho, com exceção aos preceitos morais, faziam-se necessários conhecimentos que só o progresso das ciências permitiria e que tinham de ser obra do tempo e de muitas gerações. Portanto, se o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, teria encontrado o terreno ainda pouco propício e não teria feito mais do que ele. Ora, desde o Cristo até nossos dias, não se produziu nenhuma grande revelação que tenha completado o Evangelho e que tenha elucidado suas partes obscuras — o que é sinal seguro de que o **Enviado** ainda não havia aparecido.

39.- Qual deverá ser esse **Enviado**? Ao dizer “Pedirei a meu Pai e ele lhes enviará outro Consolador”, Jesus claramente indica que esse Consolador não é ele, do contrário diria “Eu voltarei para completar o que lhes tenho ensinado”. E acrescentou “*A fim de que fique eternamente*

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

com vocês e ele estará em vocês”. Essa afirmação não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, que não poderia ficar eternamente conosco, nem ainda menos estar em nós; então, compreendemos muito bem que seja em referência a uma doutrina, a qual, quando a tivermos assimilado, poderá estar eternamente em nós. De fato, segundo o pensamento de Jesus, o Consolador é a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o *Espírito de Verdade*.

40.- Como ficou demonstrado (cap. I, nº 30), o *Espiritismo* preenche todas as condições do *Consolador* que Jesus prometeu. Ele não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode se dizer ser o criador dele. Ele é fruto do ensino coletivo dos Espíritos, presidido pelo Espírito de Verdade. Ele nada retira do Evangelho: ele o completa e o esclarece; com o auxílio das novas leis que ele revela — leis essas concordantes com as da Ciência —, faz com que entendamos o que era incompreensível e admite a possibilidade daquilo que a descrença considerava inadmissível. Ele teve seus precursores e profetas, que pressentiram sua vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reino do bem na Terra.

A doutrina de Moisés — que era incompleta — ficou limitada ao povo judeu; aquela de Jesus — mais completa — se expandiu a toda a Terra pelo Cristianismo, mas não converteu todo o mundo; o Espiritismo — que é mais completo ainda e que tem com raízes em todas as crenças — converterá a Humanidade. (1)

(1) Todas as doutrinas filosóficas e religiosas trazem o nome do indivíduo fundador; dizemos: o Mosaísmo, o Cristianismo, o Maometismo, o Budismo, o Cartesianismo, o Furrierismo, o São-Simonismo, etc. A palavra **espiritismo**, ao contrário, não lembra nenhuma personalidade; contém uma ideia geral, que ao mesmo tempo indica o caráter e a fonte múltipla da doutrina.

com vocês e ele estará em vocês”. Essa afirmação não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, que não poderia ficar eternamente conosco, nem ainda menos estar em nós; então, compreendemos muito bem que seja em referência a uma doutrina, a qual, quando a tivermos assimilado, poderá estar eternamente em nós. De fato, segundo o pensamento de Jesus, o Consolador é a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o *Espírito de Verdade*.

40.- Como ficou demonstrado (cap. I, nº 30), o *Espiritismo* preenche todas as condições do *Consolador* que Jesus prometeu. Ele não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode se dizer ser o criador dele. Ele é fruto do ensino coletivo dos Espíritos, presidido pelo Espírito de Verdade. Ele nada retira do Evangelho: ele o completa e o esclarece; com o auxílio das novas leis que ele revela — leis essas concordantes com as da Ciência —, faz com que entendamos o que era incompreensível e admite a possibilidade daquilo que a descrença considerava inadmissível. Ele teve seus precursores e profetas, que pressentiram sua vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reino do bem na Terra.

A doutrina de Moisés — que era incompleta — ficou limitada ao povo judeu; aquela de Jesus — mais completa — se expandiu a toda a Terra pelo Cristianismo, mas não converteu todo o mundo; o Espiritismo — que é mais completo ainda e que tem com raízes em todas as crenças — converterá a Humanidade. (1)

(1) Todas as doutrinas filosóficas e religiosas trazem o nome do indivíduo fundador; dizemos: o Mosaísmo, o Cristianismo, o Maometismo, o Budismo, o Cartesianismo, o Furrierismo, o São-Simonismo, etc. A palavra **Espiritismo**, ao contrário, não lembra nenhuma personalidade; contém uma ideia geral, que ao mesmo tempo indica o caráter e a fonte múltipla da doutrina.

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

41.- Dizendo a seus apóstolos “Outro virá mais tarde para lhes ensinará o que não posso ensinar agora”, **Cristo** proclamava nisso a necessidade da reencarnação. Como aqueles homens poderiam se beneficiar do ensino mais completo que seria ministrado posteriormente? Como estariam aptos a compreendê-lo, se não tivessem de viver novamente? Jesus teria proferido uma inconseqüência se, de acordo com a doutrina comum, os homens futuros houvessem de ser homens novos, almas saídas do nada por ocasião do nascimento. Ao contrário, vamos admitir que os apóstolos e os homens do seu tempo tenham vivido depois **e que ainda revivem hoje**, então a promessa de Jesus estará plenamente justificada; suas inteligências — que puderam se desenvolver com o contato do progresso social — podem compreender agora o que antes não podia. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido ilusória.

42.- Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, por meio da descida do Santo Espírito, responderemos que o Santo Espírito os inspirou, que pôde abrir a inteligência deles, desenvolveu neles as aptidões mediúnicas que deveriam facilitar a sua missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já havia ensinado, porque, não encontramos aí nenhum vestígio de um ensinamento especial. Portanto, o Santo Espírito não realizou o que Jesus havia anunciado quanto ao Consolador; de outra forma, os apóstolos teriam elucidado, enquanto vivos, tudo o que permaneceu obscuro no Evangelho até o dia de hoje e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde **o primeiro século**.

SEGUNDO ADVENTO DE CRISTO

5ª Edição (1869/72)

41.- Dizendo a seus apóstolos “Outro virá mais tarde para lhes ensinará o que não posso ensinar agora”, **Jesus** proclamava nisso a necessidade da reencarnação. Como aqueles homens poderiam se beneficiar do ensino mais completo que seria ministrado posteriormente? Como estariam aptos a compreendê-lo, se não tivessem de viver novamente? Jesus teria proferido uma inconseqüência se, de acordo com a doutrina comum, os homens futuros houvessem de ser homens novos, almas saídas do nada por ocasião do nascimento. Ao contrário, vamos admitir que os apóstolos e os homens do seu tempo tenham vivido depois **e que ainda revivem hoje**, então a promessa de Jesus estará plenamente justificada; suas inteligências — que puderam se desenvolver com o contato do progresso social — podem compreender agora o que antes não podia. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido ilusória.

42.- Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, por meio da descida do Santo Espírito, responderemos que o Santo Espírito os inspirou, que pôde abrir a inteligência deles, desenvolveu neles as aptidões mediúnicas que deveriam facilitar a sua missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já havia ensinado, porque, não encontramos aí nenhum vestígio de um ensinamento especial. Portanto, o Santo Espírito não realizou o que Jesus havia anunciado quanto ao Consolador; de outra forma, os apóstolos teriam elucidado, enquanto vivos, tudo o que permaneceu obscuro no Evangelho até o dia de hoje e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde **os primeiros séculos**.

SEGUNDO ADVENTO DE CRISTO

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

43.- Então Jesus disse a seus discípulos: "Se alguém quiser vir depois de mim, **que renuncie a si mesmo**, tome a sua cruz e me siga; porque aquele que quiser salvar a vida a perderá, e aquele que perder a vida por amor de mim a encontrará de novo."

"E de que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a alma? Ou por qual preço o homem poderá comprar sua alma, depois de tê-la perdido? Porque, o Filho do homem *há de vir* na glória de seu Pai com seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras."

"Na verdade, digo a vocês que alguns daqueles que aqui se encontram não sofrerão a morte sem que tenham visto o Filho do homem vir no seu reino." (Mateus, 16:24 a 28.)

44.- Então, levantando-se do meio da assembleia, o sumo-sacerdote interrogou a Jesus desta forma: "Nada responde ao que estes depõem contra ti?" Mas Jesus se conservava em silêncio e nada respondeu. O sumo-sacerdote interrogou-o de novo: "Você é o Cristo, o Filho de Deus para sempre Bendito?" Jesus lhe respondeu: "Eu o sou, e vocês verão um dia o Filho do homem assentado à direita da majestade de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu."

Logo, rasgando suas vestes, o sumo-sacerdote lhe diz: "Que necessidade temos de mais testemunhas?" (Marcos, 16:60 a 63.)

45.- Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que o *Consolador* será personificado nele. Apresenta-se como tendo de vir em Espírito, na glória de seu Pai, a julgar o mérito e o demérito, e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos tiverem chegados.

Estas palavras "Dos que aqui estão há alguns que não sofrerão a morte sem terem visto vir o Filho do homem no seu reinado" parecem uma contradição, pois é incontestável que ele não veio durante a vida de nenhum daqueles que estavam presentes. Entretanto Jesus não podia se enganar numa previsão daquela natureza e, sobretudo, com relação a uma coisa contemporânea e que dizia respeito pessoalmente a ele; primeiro, temos que indagar se suas palavras foram sempre reproduzidas fielmente. É de duvidarmos, desde

43.- Então Jesus disse a seus discípulos: "Se alguém quiser vir depois de mim, , tome a sua cruz e me siga; porque aquele que quiser salvar a vida a perderá, e aquele que perder a vida por amor de mim a encontrará de novo."

"E de que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a alma? Ou por qual preço o homem poderá comprar sua alma, depois de tê-la perdido? Porque, o Filho do homem *há de vir* na glória de seu Pai com seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras."

"Na verdade, digo a vocês que alguns daqueles que aqui se encontram não sofrerão a morte sem que tenham visto o Filho do homem vir no seu reino." (Mateus, 16:24 a 28.)

44.- Então, levantando-se do meio da assembleia, o sumo-sacerdote interrogou a Jesus desta forma: "Nada responde ao que estes depõem contra ti?" Mas Jesus se conservava em silêncio e nada respondeu. O sumo-sacerdote interrogou-o de novo: "Você é o Cristo, o Filho de Deus para sempre Bendito?" Jesus lhe respondeu: "Eu o sou, e vocês verão um dia o Filho do homem assentado à direita da majestade de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu."

Logo, rasgando suas vestes, o sumo-sacerdote lhe diz: "Que necessidade temos de mais testemunhas?" (Marcos, 16:60 a 63.)

45.- Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que o *Consolador* será personificado nele. Apresenta-se como tendo de vir em Espírito, na glória de seu Pai, a julgar o mérito e o demérito, e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos tiverem chegados.

Estas palavras "Dos que aqui estão há alguns que não sofrerão a morte sem terem visto vir o Filho do homem no seu reinado" parecem uma contradição, pois é incontestável que ele não veio durante a vida de nenhum daqueles que estavam presentes. Entretanto Jesus não podia se enganar numa previsão daquela natureza e, sobretudo, com relação a uma coisa contemporânea e que dizia respeito pessoalmente a ele; primeiro, temos que indagar se suas palavras foram sempre reproduzidas fielmente. É de duvidarmos, desde

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

que se considere **que ele nada escreveu**<sup>11</sup>; que elas só foram registradas depois de sua morte; e quando vemos o mesmo discurso quase sempre reproduzido em termos diferentes em cada um dos evangelistas — o que é uma prova evidente de que aquelas não eram as expressões textuais de Jesus. Além disso, é provável que o significado tenha sido alterado ao passar pelas traduções sucessivas.

Por outro lado, é certo que se Jesus tivesse dito tudo o que poderia dizer, ele teria se expressado sobre todas as coisas de modo claro e preciso, sem dar lugar a qualquer equívoco — conforme o fez com relação aos princípios de moral — ao passo que foi obrigado a velar o seu pensamento acerca dos assuntos que não julgou conveniente aprofundar. Convencidos de que a geração de que faziam parte testemunharia o que ele anunciava, os discípulos tiveram que interpretar o pensamento de Jesus de acordo com suas ideias; conseqüentemente, eles puderam redigi-las do ponto de vista do presente de maneira mais absoluta do que talvez ele próprio o teria feito. Seja como for, o fato é que as coisas não se passaram como eles imaginaram.

46.- Um ponto capital que Jesus não pôde desenvolver — porque os homens de seu tempo não estavam suficientemente preparados para essa ordem de ideias e suas conseqüências, embora ele tenha posto o princípio, como o fez com todas as coisas — é o da grande e importante lei de reencarnação. Essa lei, estudada e posta em evidência nos dias atuais pelo Espiritismo, é a chave para o entendimento de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem contrassensos.

É por meio dessa lei que encontramos a explicação racional das palavras acima, admitidas textualmente. Uma vez que elas não podem ser

que se considere **ques eles nada escreveram**; que elas só foram registradas depois de sua morte; e quando vemos o mesmo discurso quase sempre reproduzido em termos diferentes em cada um dos evangelistas — o que é uma prova evidente de que aquelas não eram as expressões textuais de Jesus. Além disso, é provável que o significado tenha sido alterado ao passar pelas traduções sucessivas.

Por outro lado, é certo que se Jesus tivesse dito tudo o que poderia dizer, ele teria se expressado sobre todas as coisas de modo claro e preciso, sem dar lugar a qualquer equívoco — conforme o fez com relação aos princípios de moral — ao passo que foi obrigado a velar o seu pensamento acerca dos assuntos que não julgou conveniente aprofundar. Convencidos de que a geração de que faziam parte testemunharia o que ele anunciava, os discípulos tiveram que interpretar o pensamento de Jesus de acordo com suas ideias; conseqüentemente, eles puderam redigi-las do ponto de vista do presente de maneira mais absoluta do que talvez ele próprio o teria feito. Seja como for, o fato é que as coisas não se passaram como eles imaginaram.

46.- Um ponto capital que Jesus não pôde desenvolver — porque os homens de seu tempo não estavam suficientemente preparados para essa ordem de ideias e suas conseqüências, embora ele tenha posto o princípio, como o fez com todas as coisas — é o da grande e importante lei de reencarnação. Essa lei, estudada e posta em evidência nos dias atuais pelo Espiritismo, é a chave para o entendimento de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem contrassensos.

É por meio dessa lei que encontramos a explicação racional das palavras acima, admitidas textualmente. Uma vez que elas não podem ser

<sup>11</sup> si l'on songe **qu'il n'a** rien écrit ⇒ si l'on songe **qu'ils n'ont** rien écrit



## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

aplicadas às pessoas dos apóstolos, é evidente que se referem ao reino futuro do Cristo, isto é, ao tempo em que a sua doutrina for melhor compreendida e se tornar a lei universal. Dizendo que *alguns daqueles que aqui estão presentes* veriam o seu retorno, ele obrigatoriamente se referia aos que estariam vivos naquela época. Mas os judeus imaginavam que lhes seria dado ver tudo o que Jesus anunciava e tomavam suas alegóricas ao pé da letra.

Aliás, algumas de suas predições se realizaram no devido tempo, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que se lhe seguiram e a dispersão dos judeus; mas **ele** projetava sua visão, e quando falava do presente, frequentemente se dirigia ao futuro.

### SINAIS PRECURSORES

47.- "Também ouvirão falar de guerra e de rumores de guerra; mas tratem de não se perturbar, pois é preciso que essas coisas aconteçam; contudo, ainda não será o fim, pois verão povo se levantar contra povo e reino contra reino; e haverá pestes, fomes e tremores de terra em diversos lugares; todas essas coisas serão apenas o começo das dores." (Mateus, 24:6 a 8)

48.- "Então o irmão entregará o irmão à morte, e o pai entregará o filho; os filhos se levantarão contra seus pais e suas mães e os levarão à morte. E vocês serão odiados por todo mundo por causa do meu nome; mas, aquele que perseverar até ao fim será salvo." (Marcos, 13:12 a 13.)

49.- "Quando virem que a abominação da desolação que foi predita pelo profeta Daniel *está no lugar santo*, que aquele que lê entenda bem o que lê."

"Então, os que estiverem na Judeia, fujam para as montanhas ; aquele que estiver no telhado, não desça para levar qualquer coisa de sua casa; aquele que estiver no campo, não volte para apanhar suas roupas. Mas ai das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias. Peçam a Deus que a sua fuga não se dê durante o inverno, nem em dia de sábado, pois a aflição nesses dias será tão grande, como ainda não houve igual desde o começo do

aplicadas às pessoas dos apóstolos, é evidente que se referem ao reino futuro do Cristo, isto é, ao tempo em que a sua doutrina for melhor compreendida e se tornar a lei universal. Dizendo que *alguns daqueles que aqui estão presentes* veriam o seu retorno, ele obrigatoriamente se referia aos que estariam vivos naquela época. Mas os judeus imaginavam que lhes seria dado ver tudo o que Jesus anunciava e tomavam suas alegóricas ao pé da letra.

Aliás, algumas de suas predições se realizaram no devido tempo, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que se lhe seguiram e a dispersão dos judeus; mas **Jesus** projetava sua visão, e quando falava do presente, frequentemente se dirigia ao futuro.

### SINAIS PRECURSORES

47.- "Também ouvirão falar de guerra e de rumores de guerra; mas tratem de não se perturbar, pois é preciso que essas coisas aconteçam; contudo, ainda não será o fim, pois verão povo se levantar contra povo e reino contra reino; e haverá pestes, fomes e tremores de terra em diversos lugares; todas essas coisas serão apenas o começo das dores." (Mateus, 24:6 a 8)

48.- "Então o irmão entregará o irmão à morte, e o pai entregará o filho; os filhos se levantarão contra seus pais e suas mães e os levarão à morte. E vocês serão odiados por todo mundo por causa do meu nome; mas, aquele que perseverar até ao fim será salvo." (Marcos, 13:12 a 13.)

49.- "Quando virem que a abominação da desolação que foi predita pelo profeta Daniel *está no lugar santo*, que aquele que lê entenda bem o que lê." [juntou parágrafos]

"Então, os que estiverem na Judeia, fujam para as montanhas (2); aquele que estiver no telhado, não desça para levar qualquer coisa de sua casa; aquele que estiver no campo, não volte para apanhar suas roupas. Mas ai das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias. Peçam a Deus que a sua fuga não se dê durante o inverno, nem em dia de sábado, pois a aflição nesses dias será tão grande, como ainda não houve igual desde o começo do

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

mundo até o presente, nem nunca mais haverá. E se esses dias não fossem abreviados, nenhum homem se salvaria; mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos." (Mateus, 24:15 a 22.)

50.- "Logo depois desses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua deixará de dar sua luz; as estrelas cairão do céu e as potências dos céus serão abaladas"

"Então, o sinal do Filho do homem aparecerá no céu e todos os povos da Terra estarão em prantos e em gemidos; e eles verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com grande majestade."

"Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas, e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, de uma extremidade a outra do céu."

"Aprendam uma comparação tirada da figueira: quando seus ramos já estão verdes e dão folhas, vocês sabem que o verão está próximo. Do mesmo modo quando virem todas essas coisas, saibam que está próximo da vinda do Filho do homem, que ele se acha quase à porta."

"Digo a vocês de verdade, que esta *raça* não passará sem que todas essas coisas tenham se cumprido." (Mateus, 24:29 a 34.)

"E acontecerá na vinda do Filho do homem o que aconteceu ao tempo de Noé; pois, como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, se casavam e casavam seus filhos, até ao dia em que Noé entrou na arca; e assim como eles não conheceram o momento do dilúvio, senão quando este sobreveio e arrebatou todo mundo, assim também será no advento do Filho do homem." (Mateus, 24:37 a 39.)

51.- "Quanto a esse dia ou a essa hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, *nem o Filho*, mas somente o Pai." (Marcos, 13:32.)

52.- "Na verdade, na verdade eu lhes digo: vocês chorarão e gemerão, e o mundo se alegrará; estarão tristes,

mundo até o presente, nem nunca mais haverá. E se esses dias não fossem abreviados, nenhum homem se salvaria; mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos." (Mateus, 24:15 a 22.)

(2) Esta expressão –a abominação da desolação || não apenas carece de sentido, como se presta ao ridículo. A tradução de Ostervald diz: –A abominação que causa a desolação ||, o que é muito diferente. O sentido então se torna perfeitamente claro, porque se compreende que as abominações tenham de acarretar a desolação, como castigo. Diz Jesus: Quando a abominação se instalar no lugar santo, também a desolação para aí virá e isso constituirá um sinal de que estão próximos os tempos.

50.- "Logo depois desses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua deixará de dar sua luz; as estrelas cairão do céu e as potências dos céus serão abaladas"

"Então, o sinal do Filho do homem aparecerá no céu e todos os povos da Terra estarão em prantos e em gemidos; e eles verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com grande majestade."

"Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas, e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, de uma extremidade a outra do céu."

"Aprendam uma comparação tirada da figueira: quando seus ramos já estão verdes e dão folhas, vocês sabem que o verão está próximo. Do mesmo modo quando virem todas essas coisas, saibam que está próximo da vinda do Filho do homem, que ele se acha quase à porta."

"Digo a vocês de verdade, que esta *raça* não passará sem que todas essas coisas tenham se cumprido." (Mateus, 24:29 a 34.)

"E acontecerá na vinda do Filho do homem o que aconteceu ao tempo de Noé; pois, como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, se casavam e casavam seus filhos, até ao dia em que Noé entrou na arca; e assim como eles não conheceram o momento do dilúvio, senão quando este sobreveio e arrebatou todo mundo, assim também será no advento do Filho do homem." (Mateus, 24:37 a 39.)

51.- "Quanto a esse dia ou a essa hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, *nem o Filho*, mas somente o Pai." (Marcos, 13:32.)

52.- "Na verdade, na verdade eu lhes digo: vocês chorarão e gemerão, e o mundo se alegrará; estarão tristes,

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

mas a sua tristeza se mudará para alegria. Uma mulher está em dor quando dá à luz, porque é chegada a sua hora; mas depois que ela dá à luz um filho, não mais se lembra de todos os seus males, pela alegria que experimenta de haver posto no mundo um homem. É assim que agora estão em tristeza; mas, eu os verei de novo e o seu coração rejubilará e ninguém tirará a alegria de vocês." (João, 16:20 a 22.)

53.- "Muitos falsos profetas se levantarão e seduzirão a muitas pessoas; e, porque a maldade se espalhará, a caridade de muitos esfriará; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações; e é então que o fim chegará." (Mateus, 24:11 a 14)

54.- Evidentemente que este cenário do fim dos tempos é alegórico, como a maioria dos quadros que Jesus figurou. Pela sua energia, as imagens que ele traz são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes. Para tocar aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem acentuadas. Jesus se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as ideias metafísicas e de apanhar a delicadeza das formas. Para atingir o coração deles, era necessário falar aos olhos, com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos, por meio do vigor da linguagem.

Como consequência natural daquela disposição de espírito, segundo a crença de então, a potência suprema não poderia manifestar-se a não ser por meio de fatos extraordinários, sobrenaturais; quanto mais incríveis fossem esses fatos, mais eles seriam aceitos como prováveis.

A vinda do Filho do homem sobre as nuvens do céu, com grande majestade, cercado de seus anjos e ao som de trombetas, tudo isso lhes parecia de muito maior imponência do que um ser investido apenas de poder moral. Por isso os judeus — que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, para colocar sua nação à frente de todas as demais e a reerguer o trono de Davi e de Salomão — não

mas a sua tristeza se mudará para alegria. Uma mulher está em dor quando dá à luz, porque é chegada a sua hora; mas depois que ela dá à luz um filho, não mais se lembra de todos os seus males, pela alegria que experimenta de haver posto no mundo um homem. É assim que agora estão em tristeza; mas, eu os verei de novo e o seu coração rejubilará e ninguém tirará a alegria de vocês." (João, 16:20 a 22.)

53.- "Muitos falsos profetas se levantarão e seduzirão a muitas pessoas; e, porque a maldade se espalhará, a caridade de muitos esfriará; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações; e é então que o fim chegará." (Mateus, 24:11 a 14)

54.- Evidentemente que este cenário do fim dos tempos é alegórico, como a maioria dos quadros que Jesus figurou. Pela sua energia, as imagens que ele traz são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes. Para tocar aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem acentuadas. Jesus se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as ideias metafísicas e de apanhar a delicadeza das formas. Para atingir o coração deles, era necessário falar aos olhos, com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos, por meio do vigor da linguagem.

Como consequência natural daquela disposição de espírito, segundo a crença de então, a potência suprema não poderia manifestar-se a não ser por meio de fatos extraordinários, sobrenaturais; quanto mais incríveis fossem esses fatos, mais eles seriam aceitos como prováveis.

A vinda do Filho do homem sobre as nuvens do céu, com grande majestade, cercado de seus anjos e ao som de trombetas, tudo isso lhes parecia de muito maior imponência do que um ser investido apenas de poder moral. Por isso os judeus — que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, para colocar sua nação à frente de todas as demais e a reerguer o trono de Davi e de Salomão — não

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

quiseram reconhecer esse Messias no humilde filho de um carpinteiro, sem autoridade material, **que era tratado por uns como louco e de possuído por Satã por outros; eles não poderiam compreender um rei sem palácio e cujo reino não fosse desse mundo.**

No entanto, aquele pobre artesão da Judeia se tornou o maior entre os grandes; conquistou para a sua soberania maior número de reinos do que os mais poderosos reis; apenas com a sua palavra e alguns miseráveis pescadores, ele revolucionou o mundo e é a ele que os judeus virão a dever sua reabilitação.

55.- É notável que entre os antigos os tremores de terra e o obscurecimento do Sol fossem **símbolos** obrigatórios de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros; nós nos deparamos com eles na morte de Jesus, na de César e em uma infinidade de circunstâncias da história do paganismo. Se tais fenômenos tivessem se produzido tantas vezes quantas são relatados, teríamos como impossível que os homens não tivessem guardado lembrança deles pela tradição. Aqui acrescentamos as *estrelas que caem do céu*, como que a testemunhar às gerações futuras mais esclarecidas que isso não passa de uma ficção, pois agora sabemos que as estrelas não podem cair.

56.- Entretanto, grandes verdades se escondem nessas alegorias; **primeiramente**, há o anúncio das calamidades de todo tipo que assolarão e dizimarão a Humanidade — calamidades decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, há aquela da difusão por toda a Terra do Evangelho **restaurado na sua pureza**

quiseram reconhecer esse Messias no humilde filho de um carpinteiro, sem autoridade material.

No entanto, aquele pobre artesão da Judeia se tornou o maior entre os grandes; conquistou para a sua soberania maior número de reinos do que os mais poderosos reis; apenas com a sua palavra e alguns miseráveis pescadores, ele revolucionou o mundo e é a ele que os judeus virão a dever sua reabilitação. **Disse então uma verdade quando, respondendo a esta pergunta de Pilatos “Você é um rei?” respondeu: “Você está dizendo!”.**

55.- É notável que entre os antigos os tremores de terra e o obscurecimento do Sol fossem **acessórios** obrigatórios de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros; nós nos deparamos com eles na morte de Jesus, na de César e em uma infinidade de circunstâncias da história do paganismo. Se tais fenômenos tivessem se produzido tantas vezes quantas são relatados, teríamos como impossível que os homens não tivessem guardado lembrança deles pela tradição. Aqui acrescentamos as *estrelas que caem do céu*, como que a testemunhar às gerações futuras mais esclarecidas que isso não passa de uma ficção, pois agora sabemos que as estrelas não podem cair.

56.- Entretanto, grandes verdades se escondem nessas alegorias. **Primeiramente**, há o anúncio das calamidades de todo tipo que assolarão e dizimarão a Humanidade — calamidades decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, há aquela da difusão por toda a Terra do Evangelho **restaurado na sua pureza**

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

*primitiva*; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, derivada do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será verdadeiramente o reino de Jesus, porque ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob o amparo da sua lei; será o reinado da felicidade, porque ele diz que "depois dos dias de aflição, virão os de alegria".

57.- Quando essas coisas acontecerão? "Ninguém o sabe, *nem mesmo o Filho*" — disse Jesus. Mas, quando chegar o momento, os homens serão advertidos por meio de sinais anunciadores. Esses indícios não estarão nem no Sol, nem nas estrelas; estarão no estado social e nos fenômenos mais morais do que físicos e que, em parte, podemos deduzir das suas referências.

É indubitável que aquela mudança não poderia se dar durante a vida dos apóstolos, pois do contrário, Jesus não desconheceria o seu momento. Aliás, semelhante transformação não poderia se cumprir em apenas alguns anos. Todavia, ele lhes fala como se eles devessem ser testemunhas aquelas coisas; é que, de fato, eles poderão reviver a essa época e eles mesmos trabalharão para a transformação. Num momento ele fala do destino próximo de Jerusalém, noutro momento ele toma esse fato como comparação para o futuro.

58.- Ao anunciar sua segunda vinda, dizendo: "Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim", será que Jesus estaria anunciando o fim do mundo?

Não é racional supormos que Deus destrua o mundo exatamente no momento em que o mundo entre no caminho do progresso moral pela prática dos ensinamentos evangélicos. Aliás, nada nas palavras do Cristo indica uma destruição universal que, em tais condições, não se justificaria. Como a prática

*primitiva*; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, derivada do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será verdadeiramente o reino de Jesus, porque ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob o amparo da sua lei; será o reinado da felicidade, porque ele diz que "depois dos dias de aflição, virão os de alegria".

57.- Quando essas coisas acontecerão? "Ninguém o sabe, *nem mesmo o Filho*" — disse Jesus. Mas, quando chegar o momento, os homens serão advertidos por meio de sinais anunciadores. Esses indícios não estarão nem no Sol, nem nas estrelas; estarão no estado social e nos fenômenos mais morais do que físicos e que, em parte, podemos deduzir das suas referências.

É indubitável que aquela mudança não poderia se dar durante a vida dos apóstolos, pois do contrário, Jesus não desconheceria o seu momento. Aliás, semelhante transformação não poderia se cumprir em apenas alguns anos. Todavia, ele lhes fala como se eles devessem ser testemunhas aquelas coisas; é que, de fato, eles poderão reviver a essa época e eles mesmos trabalharão para a transformação. Num momento ele fala do destino próximo de Jerusalém, noutro momento ele toma esse fato como comparação para o futuro.

58.- Ao anunciar sua segunda vinda, dizendo: Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim, será que Jesus estaria anunciando o fim do mundo?

Não é racional supormos que Deus destrua o mundo exatamente no momento em que o mundo entre no caminho do progresso moral pela prática dos ensinamentos evangélicos. Aliás, nada nas palavras do Cristo indica uma destruição universal que, em tais condições, não se justificaria. Como a prática

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

geral do Evangelho deve determinar um melhoramento no estado moral dos homens, por isso mesmo, ela trará o reinado do bem e acarretará a queda do reino do mal. Pois, é o fim **do** *velho mundo*, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as más paixões que o Cristo citava ao dizer “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim. Porém, esse fim ocasionaria uma luta, e é dessa luta que virão os males que ele prevê.”

### VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO

59.- Diz o Senhor: nos últimos tempos, espalharei do meu espírito por sobre toda a carne; seus filhos e suas filhas profetizarão; os jovens terão visões e os anciões terão sonhos. Nesses dias, espalharei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras e eles profetizarão (Atos dos Apóstolos, 2:17 a 18 ).

60.- Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, anseios e pressentimentos do povo, a decadência das velhas ideias que há um século se debatem em vão contra as ideias novas, não poderemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o mundo velho chega a seu fim.

Se agora — levando em conta a forma simbólica de alguns quadros e analisando o sentido profundo **de suas** palavras — compararmos a situação atual com os tempos descritos por **Jesus**, como sinais da era da renovação, não poderemos deixar de convir que muitas das suas predições estão se realizando atualmente; de onde temos a conclusão de que atingimos os tempos anunciados, o que confirmam em todos os pontos do globo os Espíritos que se manifestam.

geral do Evangelho deve determinar um melhoramento no estado moral dos homens, por isso mesmo, ela trará o reinado do bem e acarretará a queda do reino do mal. Pois, é o fim **do** *velho mundo*, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as más paixões que o Cristo citava ao dizer “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim. Porém, esse fim ocasionaria uma luta, e é dessa luta que virão os males que ele prevê.”

### VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO

59.- Diz o Senhor: nos últimos tempos, espalharei do meu espírito por sobre toda a carne; seus filhos e suas filhas profetizarão; os jovens terão visões e os anciões terão sonhos. Nesses dias, espalharei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras e eles profetizarão (Atos dos Apóstolos, 2:17 a 18; **Joel, 2:28 e 29**).

60.- Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, anseios e pressentimentos do povo, a decadência das velhas ideias que há um século se debatem em vão contra as ideias novas, não poderemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o mundo velho chega a seu fim.

Se agora — levando em conta a forma simbólica de alguns quadros e analisando o sentido profundo **das** palavras **de Jesus** — compararmos a situação atual com os tempos descritos por **ele**, como sinais da era da renovação, não poderemos deixar de convir que muitas das suas predições estão se realizando atualmente; de onde temos a conclusão de que atingimos os tempos anunciados, o que confirmam em todos os pontos do globo os Espíritos que se manifestam.

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

61.- Como já vimos (ver no cap. I, no 32), coincidindo com outras circunstâncias, o advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que ele necessariamente deve exercer sobre as ideias. Além disso, ele está claramente anunciado no que é reportado no livro *Atos dos Apóstolos*: “Diz o Senhor: nos últimos tempos, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; seus filhos e filhas profetizarão...”

É a predição inconfundível da popularização da mediunidade, que em nossos dias se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; e por conseguinte a manifestação universal dos Espíritos — pois sem os Espíritos não haveria médiuns. Isso está dito, *acontecerá nos últimos tempos*; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas ao contrário, à sua regeneração, devemos entender por aquelas palavras: os últimos tempos do mundo moral que chega a seu fim. (*O Evangelho Segundo O Espiritismo*, cap. XXI).

### JUÍZO FINAL

62.- "Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, ele se sentará no trono de sua glória; e estando todas as nações reunidas à sua frente, ele separará uns dos outros, como um pastor separa dos bodes as ovelhas, e colocará à sua direita as ovelhas e à sua esquerda os bodes. Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Venham, vocês que foram abençoados pelo meu Pai, etc." (Mateus, 25:31 a 46 – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XV).

63.- Como o bem tem que reinar na Terra, é necessário que dela sejam excluídos todos os Espíritos endurecidos no mal e que poderiam lhe provocar perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo necessário para o seu melhoramento; mas, chegado o momento em que o

61.- Como já vimos (ver no cap. I, no 32), coincidindo com outras circunstâncias, o advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que ele necessariamente deve exercer sobre as ideias. Além disso, ele está claramente anunciado no que é reportado no livro *Atos dos Apóstolos*: “Diz o Senhor: nos últimos tempos, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; seus filhos e filhas profetizarão...”

É a predição inconfundível da popularização da mediunidade, que em nossos dias se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; e por conseguinte a manifestação universal dos Espíritos — pois sem os Espíritos não haveria médiuns. Isso está dito, *acontecerá nos últimos tempos*; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas ao contrário, à sua regeneração, devemos entender por aquelas palavras: os últimos tempos do mundo moral que chega a seu fim. (*O Evangelho Segundo O Espiritismo*, cap. XXI).

### JUÍZO FINAL

62.- "Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, ele se sentará no trono de sua glória; e estando todas as nações reunidas à sua frente, ele separará uns dos outros, como um pastor separa dos bodes as ovelhas, e colocará à sua direita as ovelhas e à sua esquerda os bodes. Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Venham, vocês que foram abençoados pelo meu Pai, etc." (Mateus, 25:31 a 46 – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XV).

63.- Como o bem tem que reinar na Terra, é necessário que dela sejam excluídos todos os Espíritos endurecidos no mal e que poderiam lhe provocar perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo necessário para o seu melhoramento; mas, chegado o momento em que o

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

globo deve se elevar na hierarquia dos mundos, — conforme o progresso moral de seus habitantes — essa estadia, tanto a encarnados quanto a desencarnados, será interdita àqueles que não tiverem aproveitado os ensinamentos que aí puderam receber. Eles serão exilados em mundos inferiores, como certa vez foram exilados na Terra os Espíritos da raça adâmica, uma vez que foram substituídos por Espíritos melhores. Essa separação — que será presidida por Jesus — é aquela que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” (Cap. XI, no 31 e seguintes.)

64.- A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade é repugnada pela razão no sentido que ela implica na inatividade de Deus durante a eternidade que antecedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Perguntamos então que utilidade teriam o Sol, a Lua e as estrelas que — segundo a Gênese — foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que uma obra assim tão imensa tenha sido produzida para tão pouco tempo e a benefício de seres, em sua maioria, que foram destinados de antemão aos suplícios eternos.

65.- Materialmente, a ideia de um julgamento único até certo ponto seria admissível para aqueles que não procuram a razão das coisas, quando se acreditava que a Humanidade toda se achava concentrada na Terra e que tudo no Universo teria sido feito para seus habitantes; mas é inadmissível desde que se sabe que há milhares de milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade a fora e entre os quais a Terra é um ponto imperceptível dos menos consideráveis.

globo deve se elevar na hierarquia dos mundos, — conforme o progresso moral de seus habitantes — essa estadia, tanto a encarnados quanto a desencarnados, será interdita àqueles que não tiverem aproveitado os ensinamentos que aí puderam receber. Eles serão exilados em mundos inferiores, como certa vez foram exilados na Terra os Espíritos da raça adâmica, uma vez que foram substituídos por Espíritos melhores. Essa separação — que será presidida por Jesus — é aquela que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” (Cap. XI, no 31 e seguintes.)

64.- A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade é repugnada pela razão no sentido que ela implica na inatividade de Deus durante a eternidade que antecedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Perguntamos então que utilidade teriam o Sol, a Lua e as estrelas que — segundo a Gênese — foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que uma obra assim tão imensa tenha sido produzida para tão pouco tempo e a benefício de seres, em sua maioria, que foram destinados de antemão aos suplícios eternos.

65.- Materialmente, a ideia de um julgamento único até certo ponto seria admissível para aqueles que não procuram a razão das coisas, quando se acreditava que a Humanidade toda se achava concentrada na Terra e que tudo no Universo teria sido feito para seus habitantes; mas é inadmissível desde que se sabe que há milhares de milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade a fora e entre os quais a Terra é um ponto imperceptível dos menos consideráveis.



## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

Só por este fato, vemos que Jesus tinha razão ao declarar a seus discípulos: “Há muitas coisas que ainda não posso lhes dizer, porque vocês não as compreenderiam”, dado que o progresso das ciências era indispensável para uma interpretação legítima de algumas de suas palavras. Seguramente os apóstolos S. Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido de modo muito diferente alguns dogmas se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que hoje possuímos. Daí vem o fato de Jesus ter adiado a complementação de seus ensinamentos e anunciado que todas as coisas haviam de ser restabelecidas.

66.- Moralmente, um julgamento definitivo e sem apelação não se concilia com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta sem cessar como um bom Pai, que deixa sempre uma porta aberta para o arrependimento e que está sempre pronto a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus entendesse o juízo naquele sentido, desmentiria suas próprias palavras.

E mais, se o juízo final tivesse de apanhar os homens de surpresa, em meio a seus trabalhos ordinários, e as mulheres grávidas, caberíamos perguntar com que objetivo Deus — que não faz coisa alguma inútil ou injusta — permitiria nascer crianças e *criaria almas novas* naquele momento supremo, no término fatal da Humanidade, para submetê-las a um julgamento logo ao saírem do ventre da mãe, antes que elas tivessem consciência de si mesmas, enquanto outros têm tido vários anos para se reconhecerem? Para que lado — direito ou esquerdo — essas almas passariam, já que ainda não são nem boas nem más, e que todos os caminhos de progresso futuro se encontrariam desde então fechados, visto que a Humanidade não mais existiria? (Cap. II, nº 19.)

5ª Edição (1869/72)

Só por este fato, vemos que Jesus tinha razão ao declarar a seus discípulos: “Há muitas coisas que ainda não posso lhes dizer, porque vocês não as compreenderiam”, dado que o progresso das ciências era indispensável para uma interpretação legítima de algumas de suas palavras. Seguramente os apóstolos S. Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido de modo muito diferente alguns dogmas se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que hoje possuímos. Daí vem o fato de Jesus ter adiado a complementação de seus ensinamentos e anunciado que todas as coisas haviam de ser restabelecidas.

66.- Moralmente, um julgamento definitivo e sem apelação não se concilia com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta sem cessar como um bom Pai, que deixa sempre uma porta aberta para o arrependimento e que está sempre pronto a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus entendesse o juízo naquele sentido, desmentiria suas próprias palavras.

E mais, se o juízo final tivesse de apanhar os homens de surpresa, em meio a seus trabalhos ordinários, e as mulheres grávidas, caberíamos perguntar com que objetivo Deus — que não faz coisa alguma inútil ou injusta — permitiria nascer crianças e *criaria almas novas* naquele momento supremo, no término fatal da Humanidade, para submetê-las a um julgamento logo ao saírem do ventre da mãe, antes que elas tivessem consciência de si mesmas, enquanto outros têm tido vários anos para se reconhecerem? Para que lado — direito ou esquerdo — essas almas passariam, já que ainda não são nem boas nem más, e que todos os caminhos de progresso futuro se encontrariam desde então fechados, visto que a Humanidade não mais existiria? (Cap. II, nº 19.)

## CAPÍTULO XVII - Predições do Evangelho

1ª Edição (1868)

Que conservem essas crenças aqueles cuja razão se contentam com elas; estão no seu direito e ninguém tem por que criticá-los; mas, que não se incomodem com o fato de que nem todo mundo esteja de acordo com eles!

67.- Conforme ficou explicado acima (nº 63), pelo processo da emigração, o julgamento é racional e se fundamenta na mais rigorosa justiça, já que preserva eternamente para o Espírito o seu livre-arbítrio; que não constitui privilégio para ninguém; que Deus concede a todas as suas criaturas — sem nenhuma exceção — a mesma liberdade de ação para progredir; **que a porta do céu está sempre aberta àqueles que se tornem dignos de lá entrar;** que o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, não acarretaria nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Estas são as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, a qualificação de *juízo final* não é exata, pois os Espíritos passam por semelhantes tribunais a cada renovação dos mundos onde habitam, até que alcancem certo grau de perfeição. Portanto, não há *juízo final* propriamente dito, mas *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

5ª Edição (1869/72)

Que conservem essas crenças aqueles cuja razão se contentam com elas; estão no seu direito e ninguém tem por que criticá-los; mas, que não se incomodem com o fato de que nem todo mundo esteja de acordo com eles!

67.- Conforme ficou explicado acima (nº 63), pelo processo da emigração, o julgamento é racional e se fundamenta na mais rigorosa justiça, já que preserva eternamente para o Espírito o seu livre-arbítrio; que não constitui privilégio para ninguém; que Deus concede a todas as suas criaturas — sem nenhuma exceção — a mesma liberdade de ação para progredir;

que o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, não acarretaria nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Estas são as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, a qualificação de *juízo final* não é exata, pois os Espíritos passam por semelhantes tribunais a cada renovação dos mundos onde habitam, até que alcancem certo grau de perfeição. Portanto, não há *juízo final* propriamente dito, mas *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

Sinais dos tempos - A nova geração

Sinais dos tempos - A nova geração

**SINAIS DOS TEMPOS**

1.- Ouvimos em todas as partes: os tempos marcados por Deus chegaram, em que grandes acontecimentos vão se cumprir para a regeneração da Humanidade. Em que sentido devemos entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; aos seus olhos, não são mais do que a expressão de uma crença infantil e sem fundamento; para a maior parte dos fiéis, elas apresentam qualquer coisa de místico e de sobrenatural, parecendo-lhes prenunciadoras da subversão das leis da natureza. Essas duas interpretações estão igualmente equivocadas; a primeira, porque implica na negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não anunciam a perturbação das leis da natureza, mas sim o cumprimento dessas leis.

2.- Tudo na criação é harmonia; tudo revela uma perfeição que não se desmente nem nas menores coisas, nem nas maiores; então, temos que afastar imediatamente toda ideia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se a nossa época está designada para a realização de certas coisas, é que estas têm uma razão de ser na marcha do conjunto.

Isto posto, diremos que, como tudo o que existe, o nosso globo está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o habitam. Ambos esses progressos se seguem e se realizam paralelamente, porque o melhoramento da habitação é proporcional com o melhoramento do habitante. Fisicamente, o planeta Terra tem

**SINAIS DOS TEMPOS**

1.- Ouvimos em todas as partes: os tempos marcados por Deus chegaram, em que grandes acontecimentos vão se cumprir para a regeneração da Humanidade. Em que sentido devemos entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; aos seus olhos, não são mais do que a expressão de uma crença infantil e sem fundamento; para a maior parte dos fiéis, elas apresentam qualquer coisa de místico e de sobrenatural, parecendo-lhes prenunciadoras da subversão das leis da natureza. Essas duas interpretações estão igualmente equivocadas; a primeira, porque implica na negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não anunciam a perturbação das leis da natureza, mas sim o cumprimento dessas leis.

2.- Tudo na criação é harmonia; tudo revela uma perfeição que não se desmente nem nas menores coisas, nem nas maiores; então, temos que afastar imediatamente toda ideia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se a nossa época está designada para a realização de certas coisas, é que estas têm uma razão de ser na marcha do conjunto.

Isto posto, diremos que, como tudo o que existe, o nosso globo está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o habitam. Ambos esses progressos se seguem e se realizam paralelamente, porque o melhoramento da habitação é proporcional com o melhoramento do habitante. Fisicamente, o planeta Terra tem

experimentado transformações que são comprovadas pela Ciência e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo em que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens contribuem para isso com os esforços de sua inteligência; eles saneiam as regiões insalubres, facilitam as comunicações e tornam o solo mais produtivo.

Esse duplo progresso é executado de duas maneiras: uma, lenta, gradual e insensível; a outra por mudanças mais bruscas, a cada uma das quais se opera um movimento de crescimento mais rápido, que marca os períodos progressivos da Humanidade, mediante impressões bem acentuadas. Esses movimentos, cujos *detalhes* estão subordinados ao livre- arbítrio dos homens, de certo modo são fatais em seu conjunto, porque estão sujeitos a leis, como aqueles que se operam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas, **uma vez que o objetivo da humanidade é o progresso, apesar do atraso de alguns indivíduos**; é por isso que às vezes o movimento progressivo é parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, e de outras vezes, é geral.

O progresso da Humanidade de fato se efetua em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da natureza são obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é feito dessas leis resulta da vontade de Deus, e não de uma vontade accidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Por isso, quando a Humanidade está madura para subir um degrau, podemos dizer que os tempos marcados por Deus chegaram, como se pode dizer também que em tal estação chegaram a fase madura dos frutos e de sua colheita.

experimentado transformações que são comprovadas pela Ciência e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo em que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens contribuem para isso com os esforços de sua inteligência; eles saneiam as regiões insalubres, facilitam as comunicações e tornam o solo mais produtivo.

Esse duplo progresso é executado de duas maneiras: uma, lenta, gradual e insensível; a outra por mudanças mais bruscas, a cada uma das quais se opera um movimento de crescimento mais rápido, que marca os períodos progressivos da Humanidade, mediante impressões bem acentuadas. Esses movimentos, cujos *detalhes* estão subordinados ao livre- arbítrio dos homens, de certo modo são fatais em seu conjunto, porque estão sujeitos a leis, como aqueles que se operam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas

; é por isso que às vezes o movimento progressivo é parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, e de outras vezes, é geral.

O progresso da Humanidade de fato se efetua em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da natureza são obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é feito dessas leis resulta da vontade de Deus, e não de uma vontade accidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Por isso, quando a Humanidade está madura para subir um degrau, podemos dizer que os tempos marcados por Deus chegaram, como se pode dizer também que em tal estação chegaram a fase madura dos frutos e de sua colheita.

3.- Pelo fato de o movimento progressivo da Humanidade ser inevitável, já que é uma regra da natureza, não se segue que Deus seja indiferente a ela, e que depois de ter estabelecido as leis ele tenha se recolhido à desocupação, deixando que as coisas seguirem alheias. Sem dúvida, suas leis são eternas e imutáveis, mas porque a sua própria vontade é eterna e constante, e porque o seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; esse pensamento que penetra em tudo é a força inteligente e permanente que mantém tudo em harmonia; que esse pensamento pare um só instante de atuar e o Universo seria como um relógio sem ponteiros. Logo, Deus cuida incessantemente da execução de suas leis e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos detalhes, conforme as atribuições correspondentes ao seu grau de adiantamento.

4.- O Universo é ao mesmo tempo um mecanismo incomensurável conduzido por um número incontável de inteligências, e um imenso governo no qual cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob as vistas do soberano Mestre, cuja vontade *única* mantém por toda parte a *unidade*. Sob o império dessa vasta potência reguladora, tudo se move, tudo funciona em perfeita ordem; aquilo que nos parece perturbações são movimentos parciais e isolados, que se apresentam irregulares a nós apenas porque a nossa visão é limitada. Se pudéssemos avistar todo o seu conjunto, veríamos que tais irregularidades são apenas aparentes e que elas se harmonizam com o todo.

3.- Pelo fato de o movimento progressivo da Humanidade ser inevitável, já que é uma regra da natureza, não se segue que Deus seja indiferente a ela, e que depois de ter estabelecido as leis ele tenha se recolhido à desocupação, deixando que as coisas seguirem alheias. Sem dúvida, suas leis são eternas e imutáveis, mas porque a sua própria vontade é eterna e constante, e porque o seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; esse pensamento que penetra em tudo é a força inteligente e permanente que mantém tudo em harmonia; que esse pensamento pare um só instante de atuar e o Universo seria como um relógio sem ponteiros. Logo, Deus cuida incessantemente da execução de suas leis e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos detalhes, conforme as atribuições correspondentes ao seu grau de adiantamento.

4.- O Universo é ao mesmo tempo um mecanismo incomensurável conduzido por um número incontável de inteligências, e um imenso governo no qual cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob as vistas do soberano Mestre, cuja vontade *única* mantém por toda parte a *unidade*. Sob o império dessa vasta potência reguladora, tudo se move, tudo funciona em perfeita ordem; aquilo que nos parece perturbações são movimentos parciais e isolados, que se apresentam irregulares a nós apenas porque a nossa visão é limitada. Se pudéssemos avistar todo o seu conjunto, veríamos que tais irregularidades são apenas aparentes e que elas se harmonizam com o todo.

[ O texto sofreu uma reestruturação entre os itens 5 e o 11 da primeira edição, correspondentes aos itens 5 a 14 da quinta edição, tendo como principais diferenças: a mudança na ordem de alguns parágrafos, a exclusão de ideias em três itens e a inclusão de três itens completos, dois deles com mensagens de espíritos, contendo novas ideias.

A reestruturação ocorreu também no capítulo XIV, porém o impacto neste capítulo foi maior, principalmente por ter sido incluída uma quantidade maior de conteúdo.

Como a reordenação dá uma aparência de grande impacto no texto, uma análise preliminar dá a impressão de que este trecho foi completamente reescrito. Por outro lado, dado o cuidado em manter, na medida do possível, o conteúdo original

(observam-se, na prática, poucos retoques no texto), pode-se dizer que a reestruturação tem um caráter semelhante ao aplicado na elaboração da 2ª edição de *O Livro do Espíritos*, isto é, visa imprimir uma sequência mais didática e acomodar novas idéias, sem eliminar as já existentes.

A seguir, o texto é apresentado na sequência de cada edição, privilegiando a visualização da movimentação do conteúdo. Para facilitar a visualização da correspondência dentro do texto, este foi dividido em blocos, identificados por uma letra de A à I.

Na quinta edição, o texto aparece na seguinte ordem: B, C, D, A, E, H, F, I, G.

Foram movidos da ordem os trechos: A, F, G

Tiveram supressão os trechos: A, B, E.

Foram criados três novos itens na quinta edição: 8, 9 e 10]

5.- [A] A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada tem de surpreendente entre os seres desmaterializados que observam o objetivo a que todas as coisas tendem, e alguns dos quais conhecem o pensamento direto de Deus, e quanto aos movimentos parciais, eles imaginam em que época poderão se cumprir um movimento geral, como podemos imaginar o tempo necessário para que uma árvore possa brotar seus frutos, assim como os astronautas calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo preciso para um astro cumprir sua revolução.

Mas todos aqueles que anunciam esses fenômenos, os autores de almanaques que predizem os eclipses e as marés, não estão em condições de fazer por eles mesmos os cálculos necessários: eles são apenas ecos; assim ocorre com Espíritos secundários cuja vista é limitada, e que não fazem mais do que repetir aquilo que os Espíritos superiores *queriam* lhes revelar. [/A]

6.- [B] A Humanidade tem realizado até nossos dias incontestáveis progressos; os homens chegaram com a sua inteligência a resultados que jamais haviam alcançado com relação às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta a eles ainda um imenso progresso a realizar: *o de fazer reinarem entre eles a caridade, a fraternidade, a solidariedade, para lhes assegurar o bem-estar moral*. Não poderiam conseguir isso nem com suas crenças, nem com suas instituições antiquadas —

5.- [B] A Humanidade tem realizado até nossos dias incontestáveis progressos; os homens chegaram com a sua inteligência a resultados que jamais haviam alcançado com relação às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta a eles ainda um imenso progresso a realizar: *o de fazer reinarem entre eles a caridade, a fraternidade, a solidariedade, para lhes assegurar o bem-estar moral*. Não poderiam conseguir isso nem com suas crenças, nem com suas instituições antiquadas —

restos de outra era, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que podiam, seriam hoje um entrave. **Tal como uma criança é estimulada pelos móveis, que são impotentes quando ela chega à fase adulta.** Já não é somente o desenvolvimento da inteligência que falta aos homens, mas a elevação do sentimento e para isso é preciso destruir tudo o que exalta neles o egoísmo e o orgulho.

Eis o período em que vão entrar de agora em diante, e que marcará uma das fases principais da Humanidade. Essa fase que neste momento se elabora é o complemento indispensável do estado anterior, como a idade viril é o complemento da fase da juventude; pois então, ela podia ser prevista e predita de antemão e é por isso que se diz que os tempos determinados por Deus já chegaram. **[/B]**

**7.- [C]** Neste tempo aqui, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, a um povo ou a uma raça; trata-se de um movimento universal que se efetua no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a ser estabelecida, e até os homens que mais se opõem a esse progresso trabalham para ela, mesmo sem consciência disso; a geração futura será desembaraçada dos resquícios do velho mundo, será formada de elementos mais depurados, e se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos do que os homens da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como ocorre hoje com os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Aliás, todos sabem **que** a atual ordem de coisas **deixa** a desejar; de certo modo, depois de termos esgotado todo o bem-estar material — que é fruto da inteligência — conseguimos compreender que o complemento desse bem-estar

restos de outra era, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que podiam, seriam hoje um entrave.

Já não é somente o desenvolvimento da inteligência que falta aos homens, mas a elevação do sentimento e para isso é preciso destruir tudo o que exalta neles o egoísmo e o orgulho.

Eis o período em que vão entrar de agora em diante, e que marcará uma das fases principais da Humanidade. Essa fase que neste momento se elabora é o complemento indispensável do estado anterior, como a idade viril é o complemento da fase da juventude; pois então, ela podia ser prevista e predita de antemão e é por isso que se diz que os tempos determinados por Deus já chegaram. **[/B]**

**6.- [C]** Neste tempo aqui, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, a um povo ou a uma raça; trata-se de um movimento universal que se efetua no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a ser estabelecida, e até os homens que mais se opõem a esse progresso trabalham para ela, mesmo sem consciência disso; a geração futura será desembaraçada dos resquícios do velho mundo, será formada de elementos mais depurados, e se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos do que os homens da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como ocorre hoje com os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Aliás, todos sabem **quanto** a atual ordem de coisas **ainda** deixa a desejar; de certo modo, depois de termos esgotado todo o bem-estar material — que é fruto da inteligência — conseguimos compreender que o complemento desse bem-estar

somente pode ser achado no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, tanto mais se sente o que falta, sem que, entretanto, possamos ainda defini-lo claramente: isso é efeito do trabalho íntimo que se opera em prol da regeneração; temos desejos, aspirações que são como que o pressentimento de um estado melhor. [/C]

8.- [D] Mas uma mudança tão radical como a que está sendo elaborada não pode se realizar sem comoções; inevitavelmente, há luta de ideias. Desse conflito naturalmente se originarão perturbações temporárias até que o terreno se ache aplanado e o equilíbrio restabelecido. Com efeito, é da luta de ideias que surgirão os graves acontecimentos preditos, e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram a consequência do estado de formação da Terra: *hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da Humanidade.* [D]

somente pode ser achado no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, tanto mais se sente o que falta, sem que, entretanto, possamos ainda defini-lo claramente: isso é efeito do trabalho íntimo que se opera em prol da regeneração; temos desejos, aspirações que são como que o pressentimento de um estado melhor. [/C]

7.- [D] Mas uma mudança tão radical como a que está sendo elaborada não pode se realizar sem comoções; inevitavelmente, há luta de ideias. Desse conflito naturalmente se originarão perturbações temporárias até que o terreno se ache aplanado e o equilíbrio restabelecido. Com efeito, é da luta de ideias que surgirão os graves acontecimentos preditos, e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram a consequência do estado de formação da Terra: *hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da Humanidade.* [D]

8.- Se a Terra já não tem que temer os cataclismos gerais, nem por isso deixa de estar sujeita a revoluções periódicas – cujas causas, do ponto de vista científico, se encontram explicadas nas instruções seguintes, vindas de dois Espíritos eminentes (1):

“Além das leis simples, que regem a divisão dos dias, das noites, das estações e etc., cada corpo celeste, experimenta revoluções que demoram milhares de séculos para sua realização completa, porém que, como as revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o de nascimento até o de um máximo de efeito, após o qual há decréscimo, até o limite extremo, para recomeçar em seguida o percurso das mesmas fases.

“O homem compreende apenas as fases de duração relativamente curta e cuja periodicidade ele pode comprovar. No entanto, há algumas que



abrangem longas gerações de seres e, até, sucessões de raças, revoluções essas cujos efeitos, conseguintemente, se lhe apresentam com caráter de novidade e de espontaneidade, ao passo que, se seu olhar pudesse projetar-se para trás alguns milhares de séculos, veria – entre aqueles mesmos efeitos e suas causas – uma correlação de que nem sequer suspeita. Contudo, esses períodos – que pela sua extensão relativa, confundem a imaginação dos humanos – não são mais do que instantes na duração eterna.

“Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que o formam reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas nele são solidárias e, dos efeitos que designais pelo nome de grandes perturbações, não há nem um só que não seja consequência da componente das influências de todo o sistema.

“Vou mais longe: digo que os sistemas planetários reagem uns sobre os outros, na razão da proximidade ou do afastamento resultantes do movimento de translação deles, através das miríades de sistemas que compõem a nossa nebulosa. Ainda vou mais longe: digo que a nossa nebulosa – que é um como arquipélago na imensidade, tendo também seu movimento de translação através das miríades de nebulosas – sofre a influência das de que ela se aproxima.

“De sorte que as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros e assim sucessivamente até ao átomo. Daí, em cada mundo, revoluções locais ou gerais, que sê não parecem perturbações porque a brevidade da vida não permite se lhes percebam mais do que os efeitos parciais.

“A matéria orgânica não poderia fugir dessas influências; logo, as perturbações que ela sofre podem alterar o estado físico dos seres vivos e

determinar algumas dessas enfermidades que de modo geral atacam as plantas, os animais e os homens – enfermidades que, a exemplo de todos os flagelos, são um estimulante à inteligência humana e que, por força da necessidade, a impulsiona a procurar meios de combatê-las e a descobrir leis da Natureza.

“Mas, por sua vez, a matéria orgânica reage sobre o Espírito. Este, pelo seu contato e sua ligação íntima com os elementos materiais, também sofre influências que lhe modificam as disposições, no entanto, sem privá-lo do livre-arbítrio, que lhe exaltam ou amenizam a atividade e que, portanto, contribuem para o seu desenvolvimento. A efervescência que às vezes se manifesta em toda uma população e entre os homens de uma mesma raça, não é uma coisa acidental, nem resultado de um capricho; tem sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência – que é a princípio inconsciente e não passa de um vago desejo e de aspiração indefinida por alguma coisa melhor, de certa necessidade de mudança – se traduz por uma surda agitação, depois por atos que levam às revoluções sociais, que – acreditem! – também têm sua periodicidade, como as revoluções físicas, pois que tudo se encadeia. Se não tivessem a visão espiritual limitada pelo véu da matéria, vocês veriam as correntes fluídicas que ligam as coisas do mundo espiritual às do mundo material – como se fossem milhares de fios condutores.

“Quando se diz que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra tem que se elevar na hierarquia dos mundos, não vejam nada de místico nessas palavras; ao contrário, vejam a execução da uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais toda a má vontade humana se quebra”.

ARAGO

(1) Extrato de duas comunicações dadas na Sociedade de Paris e publicadas na *Revista Espírita* de outubro de 1868. São dignas das de Galileu, reproduzidas no capítulo VI, e complementares do capítulo IX, sobre as revoluções do globo.

9.- Sim, certamente a Humanidade se transforma, como já se transformou noutras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que para o gênero humano é o que as crises de crescimento são para os indivíduos. Aquelas muitas vezes se tornam penosas, dolorosas e arrebatam consigo as gerações e as instituições, mas, são sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

Tendo chegado a um desses períodos de crescimento, a Humanidade terrestre está há quase um século em cheio no trabalho da sua transformação, pelo que a vemos agitar-se de todos os lados, presa de uma espécie de febre e como que arrastada por uma força invisível. Assim continuará até que se haja outra vez estabilizado em novas bases. Quem a observar então a achará muito mudada em seus costumes, em seu caráter, nas suas leis, em suas crenças, numa palavra: em todo o seu estado social.

“Uma coisa que lhes parecerá estranhável, mas que por isso não deixa de ser rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos – mundo que os rodeia – experimenta o contrachoque de todas as comoções que abalam o mundo dos encarnados. Digo mesmo que aquele – o mundo espiritual – toma parte ativa nessas comoções. Isto não tem nada de surpreendente para quem sabe que os Espíritos fazem corpo com a Humanidade; que eles saem dela e a ela têm de voltar, sendo então natural que se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Portanto, fiquem certos de que quando uma revolução social se produz na Terra, abala igualmente o mundo invisível, onde todas as paixões – boas e más – se exaltam, como entre vocês. Efervescência indescritível entra a

reinar na coletividade dos Espíritos que ainda pertencem ao seu mundo e que aguardam o momento de voltar a ele.

“Às vezes as perturbações dos elementos físicos se juntam à agitação dos encarnados e desencarnados, e com muita frequência mesmo, já que tudo se associa na Natureza. Dá-se então, durante algum tempo, verdadeira confusão geral, mas que passa como furacão, após o qual o céu volta a estar sereno, e a Humanidade começa a percorrer nova etapa de progresso, reconstituída sobre novas bases e imbuída de novas ideias.

“É no período que ora se inicia que o Espiritismo florescerá e dará frutos. Portanto, trabalhem mais para o futuro do que para o presente. No entanto, era necessário que esses trabalhos se preparassem antecipadamente, porque eles traçam as sendas da regeneração, pela unificação e racionalidade das crenças. Felizes os que aproveitam desses trabalhos desde já. Tantas penúrias eles pouparão a si, quantos forem os proveitos que deles recebam”.

DOUTOR BARRY

10.- Do que foi dito resulta que – em consequência do movimento de translação que executam no espaço – os corpos celestes exercem uns sobre os outros maior ou menor influência, conforme a proximidade em que se achem entre si e as suas respectivas posições; que essa influência pode acarretar uma perturbação momentânea aos seus elementos constitutivos e modificar as condições de vida dos seus habitantes; que a regularidade dos movimentos determina a volta periódica das mesmas causas e dos mesmos efeitos; que, se a duração de certos períodos é bastante curta para que os homens os apreciem, outros veem passar gerações e raças que deles não se apercebem e às quais se afigura normal o estado de coisas que observam. Ao contrário, as gerações contemporâneas da transição sofrem seu

contrachoque e tudo lhes parece fora das leis comuns. Essas gerações veem uma causa sobrenatural, maravilhosa, miraculosa no que, em realidade, não é mais do que a execução das leis da Natureza.

De acordo com o encadeamento e a solidariedade das causas e dos efeitos, se os períodos de renovação moral da Humanidade coincidem com as revoluções físicas do globo – como tudo leva a crer –, os referidos períodos podem ser acompanhados ou precedidos de fenômenos naturais, curiosos para os que não estão familiarizados com eles – de meteoros que parecem estranhos, de endurecimento e intensificação incomuns dos flagelos destruidores, que não são nem causa e nem presságios sobrenaturais, mas uma consequência do movimento geral que se opera no mundo físico e no mundo moral.

Ao prever a era da renovação que se abriria para a humanidade e marcaria o fim do velho mundo, Jesus pôde, portanto, dizer que seria sinalizada por fenômenos extraordinários, terremotos, várias pragas, sinais no céu que não são mais do que meteoros, sem se afastar das leis naturais; mas o vulgo ignorante viu nessas palavras o anúncio de fatos milagrosos (2).

(2) A terrível epidemia que de 1866 a 1868 dizimou a população da Ilha Maurícia, foi precedida de tão extraordinária e tão abundante chuva de estrelas cadentes, em novembro de 1866, que aterrorizou os habitantes daquela ilha. A partir desse momento, a doença, que reinava desde alguns meses de forma muito benigna, se transformou em verdadeiro flagelo devastador. Era de fato um sinal no céu, e talvez seja nesse sentido que se deva entender a frase "estrelas caindo do céu", de que fala o Evangelho, como sendo um dos sinais dos tempos (Pormenores sobre a epidemia da ilha Maurícia: *Revista espírita* de julho de 1867, página 208, e novembro de 1868, página 321).

11.- [A] A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada tem de

9.- [E] A Humanidade é um ser coletivo em quem se operam as mesmas revoluções morais pelas quais passa todo ser individual, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhemos a Humanidade em suas evoluções através dos tempos e veremos a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

Ao lado desses movimentos parciais, há um movimento geral que dá a impulsão à humanidade inteira; mas o progresso de cada parte do organismo é relativo ao seu grau de adiantamento. Assim seria uma família composta de várias crianças cuja mais jovem está no berço e mais velha tem dez anos, por exemplo. Em dez anos, o mais velho terá vinte e será um homem; o caçula terá dez anos e, por mais adiantado que esteja, ainda será uma criança; mas, na sua hora, ele irá se tornar um homem. Assim ocorre com as diferentes frações da humanidade; os mais atrasados avançam, mas não poderiam de um salto alcançar o nível dos mais avançados. [/E]

10.- [F] Ao se tornar adulta, a Humanidade tem novas necessidades e aspirações mais vastas e mais elevadas; ela compreende o vazio com que foi embalada, a deficiência de suas instituições para trazer felicidade; já não é no estado das coisas que

surpreendente entre os seres desmaterializados que observam o objetivo a que todas as coisas tendem, e alguns dos quais conhecem o pensamento direto de Deus, e quanto aos movimentos parciais, eles imaginam em que época poderão se cumprir um movimento geral, como podemos imaginar o tempo necessário para que uma árvore possa brotar seus frutos, assim como os astronautas calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo preciso para um astro cumprir sua revolução. [/A]

12.- [E] A Humanidade é um ser coletivo em quem se operam as mesmas revoluções morais pelas quais passa todo ser individual, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhemos a Humanidade em suas evoluções através dos tempos e veremos a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular. [/E]

ela encontra as satisfações legítimas a que se sente chamada; eis por que deixa a faixa infantil e, possuída por uma irresistível força, lança-se às margens desconhecidas em busca de novos horizontes menos limitados. [/F]

[G] E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, onde a vida intelectual transborda, onde o sentimento da espiritualidade se desabrocha, que os homens que se dizem filósofos pretendem encher o vazio através das doutrinas do nada e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens, que pretendem impelir a Humanidade avançar, esforçam-se por limitá-la no acanhado círculo da matéria, de onde ela anseia sair; encobrem-lhe o aspecto da vida infinita e lhe dizem, apontando para o túmulo: *Nec plus ultra!* [/G]

11.- [H] A marcha progressiva da Humanidade se opera de duas maneiras, como temos dito: uma é gradual, lenta e imperceptível, se considerarmos as épocas aproximadas, que se traduzem por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos, e que só percebemos com o tempo, assim como as mudanças que as correntes d'água ocasionam na superfície do globo; a outra é por movimentos relativamente bruscos e rápidos, semelhantes aos de uma torrente que, rompendo os diques que a continham, em alguns anos transpõe o espaço que levaria séculos para ser percorrido. É, portanto, um cataclismo moral que em breves instantes engole as instituições do passado e ao qual vem uma nova ordem de coisas que pouco a pouco se assenta, à medida que se restabelece a calma e que acaba por se tornar definitiva.

Àquele que vivesse bastante para compreender as duas vertentes da nova fase, pareceria que um mundo novo surgiu das ruínas do antigo; o caráter, os costumes e os usos, tudo está mudado; é que de fato surgiram homens novos, ou

13.- [H] A marcha progressiva da Humanidade se opera de duas maneiras, como temos dito: uma é gradual, lenta e imperceptível, se considerarmos as épocas aproximadas, que se traduzem por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos, e que só percebemos com o tempo, assim como as mudanças que as correntes d'água ocasionam na superfície do globo; a outra é por movimentos relativamente bruscos e rápidos, semelhantes aos de uma torrente que, rompendo os diques que a continham, em alguns anos transpõe o espaço que levaria séculos para ser percorrido. É, portanto, um cataclismo moral que em breves instantes engole as instituições do passado e ao qual vem uma nova ordem de coisas que pouco a pouco se assenta, à medida que se restabelece a calma e que acaba por se tornar definitiva.

Àquele que vivesse bastante para compreender as duas vertentes da nova fase, pareceria que um mundo novo surgiu das ruínas do antigo; o caráter, os costumes e os usos, tudo está mudado; é que de fato surgiram homens novos, ou

melhor, regenerados; as ideias que a geração extinta levou consigo deram lugar a ideias novas da geração que se ergue. [/H]

[I] É a um desses períodos de transformação — ou se preferirem, de crescimento moral — a que Humanidade chega agora. Da adolescência chega ao estado viril; o passado já não pode satisfazer às suas novas aspirações e às suas novas necessidades; ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões e por fascinações: sua razão amadurecida requer alimentos mais substanciosos. O presente é bastante ligeiro; ela sente que a sua destinação é mais ampla e que a vida corpórea é excessivamente restrita para contê-lo inteiramente; por isso ela mergulha o olhar no passado e no futuro a fim de descobrir o mistério da sua existência e de adquirir uma certeza consoladora. [/I]

melhor, regenerados; as ideias que a geração extinta levou consigo deram lugar a ideias novas da geração que se ergue. [/H]

14.- [F] Ao se tornar adulta, a Humanidade tem novas necessidades e aspirações mais vastas e mais elevadas; ela compreende o vazio com que foi embalada, a deficiência de suas instituições para trazer felicidade; já não é no estado das coisas que ela encontra as satisfações legítimas a que se sente chamada; eis por que deixa a faixa infantil e, possuída por uma irresistível força, lança-se às margens desconhecidas em busca de novos horizontes menos limitados. [/F]

[I] É a um desses períodos de transformação — ou se preferirem, de crescimento moral — a que Humanidade chega agora. Da adolescência chega ao estado viril; o passado já não pode satisfazer às suas novas aspirações e às suas novas necessidades; ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões e por fascinações: sua razão amadurecida requer alimentos mais substanciosos. O presente é bastante ligeiro; ela sente que a sua destinação é mais ampla e que a vida corpórea é excessivamente restrita para contê-lo inteiramente; por isso ela mergulha o olhar no passado e no futuro a fim de descobrir o mistério da sua existência e de adquirir uma certeza consoladora. [/I]

[G] E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, onde a vida intelectual transborda, onde o sentimento da espiritualidade se desabrocha, que os homens que se dizem filósofos pretendem encher o vazio através das doutrinas do nada e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens, que pretendem impelir a Humanidade avançar, esforçam-se por limitá-la no acanhado círculo da matéria, de onde ela anseia sair; encobrem-lhe o



12.- Qualquer um que tenha meditado sobre o Espiritismo e suas conseqüências, e não o reduza à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre uma estrada nova à Humanidade e desenrola os seus horizontes do infinito; iniciando os homens nos mistérios do mundo invisível, ele lhes mostra o seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo* — tanto no estado espiritual, quanto no estado corporal. O homem já não caminha mais às cegas: ele sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se revela a ele em sua realidade, livre dos prejuízos da ignorância e da superstição; já não se trata de uma vaga esperança, mas de uma verdade palpável — tão certa como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que o seu ser não se acha limitado a alguns instantes de uma existência passageira; que a vida espiritual não se interrompe por efeito da morte; que já viveu e tornará a viver e que de tudo o que adquiriu em perfeição pelo seu trabalho, nada se perde; encontra nas existências anteriores a razão do que é hoje; e, *daquilo que o homem faz para si mesmo hoje, poderá concluir o que ele será um dia.*

13.- Com a ideia de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização estão limitadas à vida presente, que não éramos nada e nada seremos depois, o que interessa ao homem o progresso posterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam melhor governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para com os outros? Como ele não terá nenhum fruto disso, esse progresso não é perdido para ele? De que lhe serve trabalhar para os que hão de vir depois dele, se ele nunca irá conhecê-los e se os seus descendentes serão criaturas novas, que pouco depois também

aspecto da vida infinita e lhe dizem, apontando para o túmulo: *Nec plus ultra!* [/G]

15.- Qualquer um que tenha meditado sobre o Espiritismo e suas conseqüências, e não o reduza à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre uma estrada nova à Humanidade e desenrola os seus horizontes do infinito; iniciando os homens nos mistérios do mundo invisível, ele lhes mostra o seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo* — tanto no estado espiritual, quanto no estado corporal. O homem já não caminha mais às cegas: ele sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se revela a ele em sua realidade, livre dos prejuízos da ignorância e da superstição; já não se trata de uma vaga esperança, mas de uma verdade palpável — tão certa como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que o seu ser não se acha limitado a alguns instantes de uma existência passageira; que a vida espiritual não se interrompe por efeito da morte; que já viveu e tornará a viver e que de tudo o que adquiriu em perfeição pelo seu trabalho, nada se perde; encontra nas existências anteriores a razão do que é hoje; e, *daquilo que o homem faz para si mesmo hoje, poderá concluir o que ele será um dia.*

16.- Com a ideia de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização estão limitadas à vida presente, que não éramos nada e nada seremos depois, o que interessa ao homem o progresso posterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam melhor governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para com os outros? Como ele não terá nenhum fruto disso, esse progresso não é perdido para ele? De que lhe serve trabalhar para os que hão de vir depois dele, se ele nunca irá conhecê-los e se os seus descendentes serão criaturas novas, que pouco depois também

retornarão ao nada? Sob o império da negação do futuro individual, naturalmente tudo se encolhe às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, quanta amplitude a *certeza* da perpetuidade do seu ser espiritual dá ao pensamento do homem! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que essa lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo há e de mais consolador do que a ideia de os mesmos seres progredindo incessantemente — primeiro, através das gerações de um mesmo mundo, e segundo, de mundo em mundo até à perfeição, *sem solução de continuidade!* Todas as ações têm então uma finalidade, porque trabalhando para todos, cada qual trabalha para si e reciprocamente, de sorte que nunca se pode considerar como improdutivo nem o progresso individual, nem o progresso coletivo; ele beneficia as gerações e as individualidades futuras, que são exatamente as gerações e os indivíduos passados, que chegaram ao mais alto grau de adiantamento.

14.- A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito; a encarnação não é mais do que uma forma temporária de sua existência. Salvo a vestimenta exterior, há então igualdade entre os encarnados e os desencarnados; são os mesmos indivíduos sob dois aspectos diferentes, pertencendo tanto ao mundo visível quanto ao invisível, encontrando-se ora num, ora noutro, concorrendo num e noutro para o mesmo objetivo, pelos meios apropriados a cada situação.

Dessa lei decorre aquela da perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa e nem põe fim às suas relações simpáticas, nem a seus deveres recíprocos. Daí a *solidariedade* de todos com cada um e de cada um para com todos; daí também a *fraternidade*. Os homens só viverão

retornarão ao nada? Sob o império da negação do futuro individual, naturalmente tudo se encolhe às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, quanta amplitude a *certeza* da perpetuidade do seu ser espiritual dá ao pensamento do homem! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que essa lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo há e de mais consolador do que a ideia de os mesmos seres progredindo incessantemente — primeiro, através das gerações de um mesmo mundo, e segundo, de mundo em mundo até à perfeição, *sem solução de continuidade!* Todas as ações têm então uma finalidade, porque trabalhando para todos, cada qual trabalha para si e reciprocamente, de sorte que nunca se pode considerar como improdutivo nem o progresso individual, nem o progresso coletivo; ele beneficia as gerações e as individualidades futuras, que são exatamente as gerações e os indivíduos passados, que chegaram ao mais alto grau de adiantamento.

felizes na Terra quando esses dois sentimentos tiverem entrado em seus corações e nos seus costumes, pois então eles ajustarão suas leis e suas instituições com esses sentimentos. Esse será um dos principais resultados da transformação que se realiza.

Mas como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte torna todos os homens estranhos uns aos outros para sempre? Pela lei da perpetuidade das relações que liga todos os seres, o Espiritismo funda esse duplo princípio sobre as próprias leis da natureza; ele faz disso não apenas um dever, mas também uma necessidade. Por aquela lei da pluralidade das existências, o homem se conecta àquilo que fez e ao que fará, aos homens do passado e do futuro; ele não pode mais dizer que nada tem de comum com aqueles que morreram, pois uns e outros se reencontrarão constantemente — nesse mundo e no outro — para subirem juntos a escala do progresso e prestarem um mútuo apoio. A fraternidade não fica mais circunscrita a alguns indivíduos, que a casualidade reuniu durante a curta duração da vida; ela é perpétua como a vida dos Espíritos, universal como a humanidade, que constitui uma grande família cujos membros são todos solidários uns com os outros, *seja qual for a época em que tenham vivido*.

Tais são as ideias que resultam do Espiritismo, e que este promoverá entre todos os homens, quando for universalmente difundido, compreendido, ensinado e praticado. Com o Espiritismo, a fraternidade — sinônimo de caridade pregada pelo Cristo — não é mais uma palavra vã; ela tem sua razão de ser. Do sentimento da fraternidade nasce aquilo da reciprocidade e deveres sociais, entre os homens, entre os povos e entre as raças; desses dois sentimentos bem compreendidos necessariamente sairão as mais produtivas instituições para o bem-estar de todos.

15.- A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas, só há fraternidade real, sólida e efetiva se ela for assentada sobre uma base inabalável; essa base é *a fé*, não a fé nesses ou naqueles dogmas particulares que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, pois amaldiçoando uns aos outros, elas alimentam o antagonismo; mas sim a fé nos princípios fundamentais que todo mundo pode aceitar: *Deus, a alma, o futuro*, O PROGRESSO INDIVIDUAL INDEFINIDO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convictos de que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus — soberanamente justo e bom — não pode querer nada injusto; que o mal vem dos homens e não dele, todos se considerarão filhos do mesmo pai e estenderão as mãos uns aos outros.

Essa a fé que o Espiritismo promove e que de agora em diante será o eixo em torno do qual o gênero humano girará, quaisquer que sejam seus cultos e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas dos quais não tem com que se ocupar.

Somente dessa lei pode sair o verdadeiro progresso moral, pois somente ela dá uma sanção lógica aos direitos legítimos e aos deveres; sem ela, o direito é aquele dado pela força e o dever é um código humano imposto pela coação. Sem ela, o que é o homem? Só um pouco de matéria que se dissolve, um ser efêmero que apenas passa; até o gênio não é mais do que uma faísca que brilha um instante e se extingue para sempre; não há aí, por certo, o suficiente para elevá-lo aos seus próprios olhos.

Com um pensamento desse tipo, onde estão realmente os direitos e os deveres? Qual é o objetivo do progresso? Somente essa fé faz o homem sentir sua dignidade pela perpetuidade e a progressão do seu ser — não em um futuro

17.- A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas, só há fraternidade real, sólida e efetiva se ela for assentada sobre uma base inabalável; essa base é *a fé*, não a fé nesses ou naqueles dogmas particulares que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, pois amaldiçoando uns aos outros, elas alimentam o antagonismo; mas sim a fé nos princípios fundamentais que todo mundo pode aceitar: *Deus, a alma, o futuro*, O PROGRESSO INDIVIDUAL INDEFINIDO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convictos de que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus — soberanamente justo e bom — não pode querer nada injusto; que o mal vem dos homens e não dele, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e estenderão as mãos uns aos outros.

Essa a fé que o Espiritismo promove e que de agora em diante será o eixo em torno do qual o gênero humano girará, quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares.

mesquinho limitado à sua personalidade, mas grandiosa e esplêndida; esse pensamento o eleva acima da Terra; ele se sente engrandecido ao pensar que ele tem o seu papel no Universo e que esse Universo é seu domínio, que ele poderá percorrer um dia; que a morte não fará dele uma inutilidade ou um ser inútil a ele mesmo e aos demais.

16.- O progresso intelectual realizado até ao presente nas mais largas proporções é um grande passo e marca a primeira fase da Humanidade, mas sozinho ele é impotente para regenerá-la; enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, ele se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos em benefício das suas paixões e dos seus interesses pessoais; essa é a razão pela qual os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar **aos outros** e de se destruir **mutuamente**.

Somente o progresso moral pode assegurar **aos**<sup>1</sup> homens a felicidade na Terra, ao colocar um freio nas más paixões; somente ele pode fazer reinar entre os homens a concórdia, a paz e a fraternidade.

É ele que derrubará as barreiras entre os povos, e que fará cair os preconceitos da elite e que calará os antagonismos das seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos chamados a se ajudarem mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, então apoiado pelo da inteligência, unirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e por isso mesmo aceitáveis por todos.

A unidade de crença será o laço mais forte e o fundamento mais sólido da fraternidade universal,

18.- O progresso intelectual realizado até ao presente nas mais largas proporções é um grande passo e marca a primeira fase da Humanidade, mas sozinho ele é impotente para regenerá-la; enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, ele se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos em benefício das suas paixões e dos seus interesses pessoais; essa é a razão pela qual os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar **os seus semelhantes** e de se destruí-los.

19.- Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, ao colocar um freio nas más paixões; somente ele pode fazer reinar entre os homens a concórdia, a paz e a fraternidade.

É ele que derrubará as barreiras entre os povos, e que fará cair os preconceitos da elite e que calará os antagonismos das seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos chamados a se ajudarem mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, então apoiado pelo da inteligência, unirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e por isso mesmo aceitáveis por todos.

A unidade de crença será o laço mais forte e o fundamento mais sólido da fraternidade universal,

<sup>1</sup> Não é possível representar na tradução o impacto exato da supressão: ... assurer le bonheur **des** hommes sur la terre ⇒ ... assurer le bonheur hommes sur la terre.

que desde **todos os tempos** é barrada pelas disputas religiosas que dividem os povos e as famílias, que fazem que os outros vejam **o próximo**<sup>2</sup> como inimigo a ser evitado, combatido e exterminado, em vez de irmão a ser amado.

17.- Semelhante estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que só podia se realizar saindo do círculo das ideias estreitas e corriqueiras que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens da elite procuraram levar a Humanidade por esse caminho; mas a Humanidade, ainda muito jovem, tem se conservado surda e os seus ensinamentos foram como a boa semente caída sobre a pedra.

Hoje a Humanidade está madura para lançar seu olhar mais alto do que já o fez, a fim de assimilar ideias mais amplas e compreender o que antes não compreendia.

A geração que desaparece levará consigo seus prejuízos e erros; a geração que surge — retemperada em fonte mais pura e imbuída de ideias mais saudáveis — imprimirá ao mundo um movimento crescente no sentido do progresso moral que marcará a nova fase da humanidade.

18.- Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis através de ideias robustas e generosas, que se concretizam hoje e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos ser fundada uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e libertadoras, sob a influência e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais a cada dia vão sendo impregnadas de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça se enfraquecem,

que desde **todo o tempo** é barrada pelas disputas religiosas que dividem os povos e as famílias, que fazem que os outros vejam **os dissidentes** como inimigos a serem evitados, combatidos e exterminados, em vez de irmãos a serem amados.

20.- Semelhante estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que só podia se realizar saindo do círculo das ideias estreitas e corriqueiras que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens da elite procuraram levar a Humanidade por esse caminho; mas a Humanidade, ainda muito jovem, tem se conservado surda e os seus ensinamentos foram como a boa semente caída sobre a pedra.

Hoje a Humanidade está madura para lançar seu olhar mais alto do que já o fez, a fim de assimilar ideias mais amplas e compreender o que antes não compreendia.

A geração que desaparece levará consigo seus prejuízos e erros; a geração que surge — retemperada em fonte mais pura e imbuída de ideias mais saudáveis — imprimirá ao mundo um movimento crescente no sentido do progresso moral que marcará a nova fase da humanidade.

21.- Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis através de ideias robustas e generosas, que se concretizam hoje e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos ser fundada uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e libertadoras, sob a influência e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais a cada dia vão sendo impregnadas de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça se enfraquecem,

<sup>2</sup> A mudança de um substantivo singular (**o próximo - le prochain**) para um plural (**os dissidentes - les dissidents**) altera a flexão do restante da frase em português, o que não ocorreu em francês.

os povos começam a se considerar membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam; de todas as partes do mundo reúnem-se em comícios universais para os torneios pacíficos da inteligência.

Porém, falta a essas reformas uma base para se desenvolverem, completarem-se e se consolidarem; [falta] uma predisposição moral mais generalizada para frutificarem e se fazerem aceitas pelas massas. Pelo menos, isso tudo é um sinal característico do tempo, o prenúncio daquilo que se efetuará em uma escala mais larga, à medida que o terreno se torne mais favorável.

19.- Outro sinal não menos característico do período em que entramos é a reação que se opera no sentido das ideias espiritualistas; uma repulsão instintiva se manifesta contra as teorias materialistas. O espírito de descrença — que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma a substância mesma de toda crença — parece ter sido um sono do qual despertamos e sentimos a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, lá onde o vácuo se havia feito, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

20.- Nesse grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo inventado por uma crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, tal que o compreende qualquer um que dê o trabalho de procurar o miolo sob a casca.

Pelas provas que ele oferece das verdades fundamentais, ele preenche o vazio que a descrença gerou nas ideias e nas crenças; pela certeza que ele dá de um futuro conforme a justiça de Deus, e que a mais severa razão pode admitir,

os povos começam a se considerar membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam; de todas as partes do mundo reúnem-se em comícios universais para os torneios pacíficos da inteligência.

Porém, falta a essas reformas uma base para se desenvolverem, completarem-se, se consolidarem; [falta] uma predisposição moral mais generalizada para frutificarem e se fazerem aceitas pelas massas. Pelo menos, isso tudo é um sinal característico do tempo, o prenúncio daquilo que se efetuará em uma escala mais larga, à medida que o terreno se torne mais favorável.

22.- Outro sinal não menos característico do período em que entramos é a reação que se opera no sentido das ideias espiritualistas; uma repulsão instintiva se manifesta contra as teorias materialistas. O Espírito de descrença — que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma a substância mesma de toda crença — parece ter sido um sono do qual despertamos e sentimos a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, lá onde o vácuo se havia feito, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

ele ameniza as amarguras da vida e previno os funestos efeitos da desesperança.

Ao promover as novas leis da natureza, ele dá a chave de fenômenos incompreensíveis e de fenômenos insolúveis até agora, e, através da fé, ele revoga a incredulidade e a superstição. Para ele, não há nem o sobrenatural e nem o fantasioso; tudo se efetua no mundo em virtude das leis imutáveis.

Longe de substituir um exclusivismo por outro, ele se coloca em defesa absoluta da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas e o arranca pela raiz ao proclamar a salvação para todos os homens de bem, e, para os mais imperfeitos — mediante seus esforços, através da expiação e da reparação — a possibilidade de chegar à perfeição que unicamente conduz à suprema felicidade. Ao invés de desencorajar o fraco, ele o encoraja ao lhe mostrar o porto ao qual pode chegar.

Ele não diz *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas diz, como o Cristo: *Fora da Caridade não há salvação*, princípio de união, de tolerância, que reunirá os homens em um sentimento comum de fraternidade, em vez de dividi-los em seitas inimigas.

Pelo princípio *Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade*, ele destrói o império da fé cega que anula a razão, da obediência passiva que embrutece; ele emancipa a inteligência do homem e eleva sua moral.

Consequente consigo mesmo, ele não se impõe mais; ele diz o que é, o que quer o que oferece e espera que venhamos a ele livre e voluntariamente; quer ser aceito pela razão e não pela força. Ele respeita todas as crenças sinceras e combate apenas a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia — que são as chagas da sociedade e os mais sérios obstáculos ao progresso



moral; porém, ele não lança maldição a ninguém, nem mesmo aos seus inimigos, pois está convencido de que o caminho do bem está aberto até para os mais imperfeitos, e que cedo ou tarde eles tomarão esse caminho.

21.- Se supormos a maioria dos homens convencidos desses sentimentos, podemos facilmente imaginar as modificações que eles trarão nas relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para com todos e tolerância para todas as crenças, assim será seu lema. É a meta para a qual evidentemente a Humanidade tende, é o objeto de suas aspirações e de seus desejos, sem que ela se dê conta dos meios de realizá-las; ela ensaia, apalpa, mas é detida por muitas resistências ativas ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e repressoras do progresso. São essas resistências que ele deve vencer, e essa será a obra da nova geração; se acompanharmos o curso atual das coisas, reconheceremos que tudo parece predestinado a lhe abrir o caminho; ela terá por si a dupla força do número e das ideias, e, por acréscimo, a experiência do passado.

22.- Pois a nova geração marchará para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tiver chegado. Com o Espiritismo caminhando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos, eles se reencontrarão no mesmo terreno. Os homens progressistas encontrarão nas ideias espíritas uma poderosa alavanca, e o Espiritismo terá nos novos homens espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Nesse estado de coisas, o que poderão fazer aqueles que queiram atravessar o seu caminho?

23.- Não foi o Espiritismo que criou a renovação social, foi a maturidade da Humanidade

23.- Se supormos a maioria dos homens convencidos desses sentimentos, podemos facilmente imaginar as modificações que eles trarão nas relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para com todos e tolerância para todas as crenças, assim será seu lema. É a meta para a qual evidentemente a Humanidade tende, é o objeto de suas aspirações e de seus desejos, sem que ela se dê conta dos meios de realizá-las; ela ensaia, apalpa, mas é detida por muitas resistências ativas ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e repressoras do progresso. São essas resistências que ele deve vencer, e essa será a obra da nova geração; se acompanharmos o curso atual das coisas, reconheceremos que tudo parece predestinado a lhe abrir o caminho; ela terá por si a dupla força do número e das ideias, e, por acréscimo, a experiência do passado.

24.- Pois a nova geração marchará para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tiver chegado. Com o Espiritismo caminhando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos, eles se reencontrarão no mesmo terreno. Os homens progressistas encontrarão nas ideias espíritas uma poderosa alavanca, e o Espiritismo terá nos novos homens espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Nesse estado de coisas, o que poderão fazer aqueles que queiram atravessar o seu caminho?

25.- Não foi o Espiritismo que criou a renovação social, foi a maturidade da Humanidade

que fez dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de seus horizontes e pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto a promover o movimento de regeneração do que qualquer outra doutrina; por isso que ele é contemporâneo desse movimento. Surgiu na hora em que podia ser útil, pois que também para ele os tempos chegaram; se tivesse vindo mais cedo, teria esbarrado em obstáculos insuperáveis e inevitavelmente teria caído, porque os homens — satisfeitos com o que tinham — ainda não sentiriam falta do que ele lhes traz. Hoje, nascido com as ideias que fermentam, ele encontra o terreno preparado para recebê-lo; os Espíritos cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se abre diante deles, acolhem o Espiritismo como âncora de salvação e uma suprema consolação.

24.- Ao dizer que a Humanidade está madura para a regeneração, não quer dizer que todos os indivíduos estejam num mesmo nível, mas que, por intuição, muitos têm as sementes das novas ideias que as circunstâncias farão dar frutos; então se mostrarão mais avançados do que supomos e seguirão com entusiasmo a impulsão da maioria.

Entretanto, há aqueles que são profundamente refratários, mesmo entre os inteligentes, e que seguramente jamais vão aderir a essas ideias, pelo menos não nessa existência: alguns, de boa-fé, por convicção; outros, por interesses. Aqueles cujos interesses materiais estejam ligados ao estado atual das coisas, e que não são evoluídos o bastante para renunciar aqueles interesses, para que o bem comum vale menos que o seu bem-estar pessoal, estes não podem ver sem apreensões o menos movimento reformador. Para eles, a verdade é uma questão de menor valor, ou, melhor dizendo, *a verdade para certas pessoas está inteiramente naquilo que não*

que fez dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de seus horizontes e pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto a promover o movimento de regeneração do que qualquer outra doutrina; por isso que ele é contemporâneo desse movimento. Surgiu na hora em que podia ser útil, pois que também para ele os tempos chegaram; se tivesse vindo mais cedo, teria esbarrado em obstáculos insuperáveis e inevitavelmente teria caído, porque os homens — satisfeitos com o que tinham — ainda não sentiriam falta do que ele lhes traz. Hoje, nascido com as ideias que fermentam, ele encontra o terreno preparado para recebê-lo; os Espíritos cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se abre diante deles, acolhem o Espiritismo como âncora de salvação e uma suprema consolação.

*lhe cause o menor problema; todas as ideias progressivas são ideias subversivas a seus olhos, e por isso que eles têm um ódio implacável e fazem uma guerra implacável contra elas. São inteligentes o bastante para verem no Espiritismo um auxiliar dessas ideias e os elementos da transformação que eles temem, e por que não se sentem à sua altura, eles se esforçam para abatê-lo; se o julgassem sem valor e sem alcance, então eles não se preocuparia com ele. Temos dito várias vezes: "Quanto maior for uma ideia, mais ela encontra adversários, e podemos medir sua importância pela violência dos ataques de que ela é alvo."*

25.- Certamente ainda é grande o número dos atrasados; mas o que eles podem fazer contra a onda que se agiganta senão lhe atirar algumas pedras? Essa onda é a geração que se levanta, enquanto os atrasados desaparecem junto com a geração que se vai a cada dia a passos largos. Até lá, porém, eles defenderão o terreno palmo a palmo; portanto, há uma luta inevitável, mas luta desigual, porque é a do passado velho caindo em frangalhos contra o futuro juvenil; será a luta da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade do Criador, uma vez que o tempo determinado por ele chegou.

#### A NOVA GERAÇÃO

26.- Para que os homens sejam felizes na Terra, é preciso que ela seja povoada somente por bons Espíritos — encarnados e desencarnados — que só queiram o bem. Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração se realiza nesse momento entre aqueles que a habitam; aqueles que praticam o mal pelo mal, e que ainda não tenham sido tocados pelo sentimento do bem, já não sendo mais dignos do planeta transformado, esses serão excluídos, porque senão eles ocasionariam de novo

26.- Certamente ainda é grande o número dos atrasados; mas o que eles podem fazer contra a onda que se agiganta senão lhe atirar algumas pedras? Essa onda é a geração que se levanta, enquanto os atrasados desaparecem junto com a geração que se vai a cada dia a passos largos. Até lá, porém, eles defenderão o terreno palmo a palmo; portanto, há uma luta inevitável, mas luta desigual, porque é a do passado velho caindo em frangalhos contra o futuro juvenil; será a luta da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade do Criador, uma vez que o tempo determinado por ele chegou.

#### A NOVA GERAÇÃO

27.- Para que os homens sejam felizes na Terra, é preciso que ela seja povoada somente por bons Espíritos — encarnados e desencarnados — que só queiram o bem. Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração se realiza nesse momento entre aqueles que a habitam; aqueles que praticam o mal pelo mal, e que ainda não tenham sido tocados pelo sentimento do bem, já não sendo mais dignos do planeta transformado, esses serão excluídos, porque senão eles ocasionariam de novo

a perturbação e confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento — uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos primitivos, aonde eles levarão os conhecimentos que tenham adquirido e tendo por missão fazê-los avançar. Eles serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar em eles a justiça, a paz e a fraternidade.

No dizer dos Espíritos, a Terra não deverá ser transformada por um cataclismo que aniquile subitamente uma geração. A atual geração desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Dessa forma, tudo se passará exteriormente como de costume, com a única — mas capital — diferença que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra não mais encarnará nela. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, quem nela encarnará será um Espírito mais evoluído e *propenso ao bem*.

Portanto, não se trata de uma nova geração corpórea, mas sim de uma nova geração de Espíritos.

Assim, aqueles que esperam ver a transformação se operar por efeitos sobrenaturais e fantásticos ficarão decepcionados.

**27.-** A época atual é a de transição e os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, nós assistimos à despedida de uma e à chegada da outra, e cada qual já sinalizado no mundo pelas características que lhes são próprias.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo de disposições *intuitivas e inatas*, torna-se fácil distinguir a qual das duas cada indivíduo pertence.

a perturbação e confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento — uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos primitivos, aonde eles levarão os conhecimentos que tenham adquirido e tendo por missão fazê-los avançar. Eles serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar em eles a justiça, a paz e a fraternidade.

No dizer dos Espíritos, a Terra não deverá ser transformada por um cataclismo que aniquile subitamente uma geração. A atual geração desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Dessa forma, tudo se passará exteriormente como de costume, com a única — mas capital — diferença que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra não mais encarnará nela. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, quem nela encarnará será um Espírito mais evoluído e *propenso ao bem*.

Portanto, não se trata de uma nova geração corpórea, mas sim de uma nova geração de Espíritos. **Sem dúvida, neste sentido é que Jesus entendia as coisas quando declarava: “Digo-vos, em verdade, que esta geração não passará sem que estes fatos tenham ocorrido”.** Assim, aqueles que esperam ver a transformação se operar por efeitos sobrenaturais e fantásticos ficarão decepcionados.

**28.-** A época atual é a de transição e os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, nós assistimos à despedida de uma e à chegada da outra, e cada qual já sinalizado no mundo pelas características que lhes são próprias.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo de disposições *intuitivas e inatas*, torna-se fácil distinguir a qual das duas cada indivíduo pertence.

Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, juntas ao sentimento *inato* do bem e de crenças espiritualistas — que é o sinal indubitável de certo grau de adiantamento *anterior*. Ela não será formada exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, já tendo progredido, estejam predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e estejam aptos a ajudar o movimento de regeneração.

Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é em primeiro lugar a revolta contra Deus, por se negarem a reconhecer qualquer poder superior à Humanidade; **pois** a propensão *instintiva* às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternos de egoísmo, de orgulho,

do apego a tudo o que é material.

São esses os vícios dos quais a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento daqueles que se recusam em se melhorar, porque estes são incompatíveis com o reino da fraternidade, e que os homens de bem sofreriam sempre em contato com eles; **quando** a Terra se achar livre deles, os homens caminharão sem obstáculos para o futuro melhor que lhe está reservado, mesmo já neste mundo, como prêmio pelos seus esforços e sua perseverança, esperando uma depuração ainda mais completa lhes abra o acesso aos mundos superiores.

**28.-** Não se deve entender por dessa emigração que todos os Espíritos atrasados sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores. Muitos, ao contrário, aí voltarão, pois muitos deles cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; nesses, a casca é pior do que o interior. Uma vez retirados da influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria veria as coisas de uma maneira

Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, juntas ao sentimento *inato* do bem e de crenças espiritualistas — que é o sinal indubitável de certo grau de adiantamento *anterior*. Ela não será formada exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, já tendo progredido, estejam predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e estejam aptos a ajudar o movimento de regeneração.

Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é em primeiro lugar a revolta contra Deus, por se negarem a reconhecer qualquer poder superior à Humanidade; a propensão *instintiva* às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternos de egoísmo, de orgulho, **de inveja, de ciúme; enfim**, do apego a tudo o que é material: **a sensualidade, a ambição, a avareza.**

São esses os vícios dos quais a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento daqueles que se recusam em se melhorar, porque estes são incompatíveis com o reino da fraternidade, e que os homens de bem sofreriam sempre em contato com eles. **Quando** a Terra se achar livre deles, os homens caminharão sem obstáculos para o futuro melhor que lhe está reservado, mesmo já neste mundo, como prêmio pelos seus esforços e sua perseverança, esperando uma depuração ainda mais completa lhes abra o acesso aos mundos superiores.

**29.-** Não se deve entender por dessa emigração que todos os Espíritos atrasados sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores. Muitos, ao contrário, aí voltarão, pois muitos deles cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; nesses, a casca é pior do que o interior. Uma vez retirados da influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria veria as coisas de uma maneira

inteiramente diferente daquela como veem em vida, conforme temos muitos exemplos. Para isso, eles têm o auxílio de Espíritos benévolos que se interessam por eles e **que** se apressam em esclarecê-los e em lhes mostrar o falso caminho que eles têm seguido. Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos contribuir para o melhoramento deles, uma vez que há perpétua solidariedade entre mortos e vivos.

O modo como se opera a transformação é bastante simples, e como se vê, ela é toda de ordem moral, sem se afastar em nada das leis da Natureza.

**29.-** Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores ou Espíritos antigos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante que tragam disposições melhores, há sempre uma renovação. Assim, os Espíritos encarnados formam duas categorias, segundo suas disposições naturais: de um lado, os atrasados que partem; de outro, os Espíritos progressistas que chegam. Por isso, o estado dos costumes e da sociedade estará no meio de um povo, de uma raça, ou do mundo inteiro, em relação com aquela, entre as duas categorias, que tiver a preponderância.

**Para simplificar a questão, vamos supor um povo de um grau qualquer de adiantamento e, por exemplo, composto de vinte milhões de almas; a renovação dos Espíritos se efetuando através de extinções, isoladas ou em massa, haveria aí necessariamente um momento em que a regeneração dos Espíritos atrasados superaria o número daqueles de Espíritos progressistas, que conta apenas com raros representantes sem influência e cujos esforços para fazer o bem predominar ficassem paralisados. Ora, como uns partem e outros chegam, depois de um tempo, as duas forças se equilibrariam e suas influências se contrabalançariam. Mais tarde, os recém-chegados passam a ser maioria e sua influência torna-se**

inteiramente diferente daquela como veem em vida, conforme temos muitos exemplos. Para isso, eles têm o auxílio de Espíritos benévolos que se interessam por eles e se apressam em esclarecê-los e em lhes mostrar o falso caminho que eles têm seguido. Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos contribuir para o melhoramento deles, uma vez que há perpétua solidariedade entre mortos e vivos.

O modo como se opera a transformação é bastante simples, e como se vê, ela é toda de ordem moral, sem se afastar em nada das leis da Natureza.

**30.-** Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores ou Espíritos antigos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante que tragam disposições melhores, há sempre uma renovação. Assim, os Espíritos encarnados formam duas categorias, segundo suas disposições naturais: de um lado, os atrasados que partem; de outro, os Espíritos progressistas que chegam. Por isso, o estado dos costumes e da sociedade estará no meio de um povo, de uma raça, ou do mundo inteiro, em relação com aquela, entre as duas categorias, que tiver a preponderância.

preponderante, embora ainda travada por aqueles anteriores; esses anteriores continuam a diminuir enquanto os outros se multiplicam e terminam por desaparecer; então chegará o momento em que a influência da nova geração seja exclusiva; mas isso não pode ser compreendido se não se admite a vida espiritual independente da vida material.

30.- Nós presenciamos a essa transformação e ao conflito que resulta da luta de ideias contrárias que procuram implantar-se; umas marcham com a bandeira do passado e as outras com a bandeira do futuro. Se examinarmos o estado atual do mundo, reconheceremos que a humanidade terrestre, tomada como um todo, ainda está longe do ponto intermediário em que as forças se contrabalancem; que os povos considerados isolados estão a uma grande distância uns dos outros nesse escala; que alguns tenham chegado a esse ponto, sem que nenhum o tenha ultrapassado ainda. De resto, a distância que os separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração, e uma vez cruzado o limite, uma nova estrada será percorrida com tanta maior rapidez quanto mais uma série de circunstâncias venham a aplainar essa estrada.

Assim se realiza a transformação da humanidade. Sem a emigração, quer dizer, sem a partida dos Espíritos retardatários — que não devem retornar, ou que só retornarão depois de terem se melhorado — a humanidade terrestre não permaneceria indefinidamente estacionada, porque os Espíritos mais inferiores também avançam; mas seria preciso séculos, e talvez milhares de anos para chegar ao resultado que apenas meio século poderia realizar.

31.- Uma comparação simples fará compreendermos ainda melhor o que se passa nessa circunstância: suponhamos um regimento composto na sua maioria de homens turbulentos e

31.- Uma comparação simples fará compreendermos ainda melhor o que se passa nessa circunstância: suponhamos um regimento composto na sua maioria de homens turbulentos e

indisciplinados, os quais ocasionarão constantes desordens nesse regimento e a quem a lei penal frequentemente terá dificuldades em reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque são mais numerosos do que os outros; eles amparam, animam e estimulam uns aos outros pelo exemplo. Já os bons soldados não exercem nenhuma influência; seus conselhos são desprezados; eles são importunados, maltratados pelos outros e sofrem pelo contato com aqueles. Essa não é uma imagem da sociedade atual?

Suponhamos que aqueles homens sejam retirados do regimento um a um, dez a dez, cem a cem, e sejam substituídos gradativamente por um número igual de bons soldados, até mesmo por aqueles que tenham sido expulsos, mas que realmente se corrigiram: ao fim de algum tempo, teremos o mesmo regimento, só que transformado; a boa ordem ali terá sucedido à desordem. Assim será com a Humanidade regenerada.

32.- As grandes partidas coletivas não têm por único objetivo ativar as saídas; têm igualmente o de transformar mais rapidamente o caráter da sociedade, livrando-a das más influências, e de dar maior ascendente às ideias novas.

Por estarem muitos maduros para a transformação — apesar de suas imperfeições — é que muitos partem, a fim de se fortalecerem em uma fonte mais pura. Enquanto se conservassem no mesmo meio e sob as mesmas influências, eles persistiriam nas suas opiniões e nas suas maneiras de apreciar as coisas. Uma estadia no mundo dos Espíritos bastará para lhes abrir os olhos, por isso que enxergam aí o que não podiam ver na Terra. Então o incrédulo, o fanático e o absolutista poderão voltar com ideias *inatas* de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, eles encontrarão as coisas mudadas e experimentarão a influência do novo meio onde tiverem nascido. Longe de se

indisciplinados, os quais ocasionarão constantes desordens nesse regimento e a quem a lei penal frequentemente terá dificuldades em reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque são mais numerosos do que os outros; eles amparam, animam e estimulam uns aos outros pelo exemplo. Já os bons soldados não exercem nenhuma influência; seus conselhos são desprezados; eles são importunados, maltratados pelos outros e sofrem pelo contato com aqueles. Essa não é uma imagem da sociedade atual?

Suponhamos que aqueles homens sejam retirados do regimento um a um, dez a dez, cem a cem, e sejam substituídos gradativamente por um número igual de bons soldados, até mesmo por aqueles que tenham sido expulsos, mas que realmente se corrigiram: ao fim de algum tempo, teremos o mesmo regimento, só que transformado; a boa ordem ali terá sucedido à desordem. Assim será com a Humanidade regenerada.

32.- As grandes partidas coletivas não têm por único objetivo ativar as saídas; têm igualmente o de transformar mais rapidamente o caráter da sociedade, livrando-a das más influências, e de dar maior ascendente às ideias novas.

Por estarem muitos maduros para a transformação — apesar de suas imperfeições — é que muitos partem, a fim de se fortalecerem em uma fonte mais pura. Enquanto se conservassem no mesmo meio e sob as mesmas influências, eles persistiriam nas suas opiniões e nas suas maneiras de apreciar as coisas. Uma estadia no mundo dos Espíritos bastará para lhes abrir os olhos, por isso que enxergam aí o que não podiam ver na Terra. Então o incrédulo, o fanático e o absolutista poderão voltar com ideias *inatas* de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, eles encontrarão as coisas mudadas e experimentarão a influência do novo meio onde tiverem nascido. Longe de se



oporem às novas ideias, eles serão seus colaboradores.

33.- Portanto, a regeneração da Humanidade não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta apenas uma modificação em suas disposições morais; essa modificação se opera em todos aqueles que estejam predispostos a ela, desde que sejam subtraídos da influência perniciosa do mundo. Aqueles que voltarem são serão sempre outros Espíritos; serão quase sempre os mesmos Espíritos, mas pensando e sentindo de outra maneira.

Quando isolado e individual, esse melhoramento passa despercebido e sem nenhuma influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é bem diferente quando ela se opera simultaneamente sobre grandes populações, porque então, conforme as proporções, numa geração, as ideias de um povo ou de uma raça podem ser modificadas profundamente.

É o que quase sempre se nota depois dos grandes choques que dizimam as populações. Os flagelos destruidores destroem apenas corpos, mas não atingem o Espírito; ativam o movimento de ida e vinda entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É perceptível que em todas as épocas da História as grandes crises sociais foram sucedidas por uma era de progresso.

34.- Esse é um dos movimentos generalizados que se realizam na atualidade e que deve trazer a remodelação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, pois elas devem acelerar a eclosão das novas sementes. São as folhas de outono que caem e às quais sucederão folhas novas e cheias de vida, porque a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas fases etárias. As folhas mortas

oporem às novas ideias, eles serão seus colaboradores.

33.- Portanto, a regeneração da Humanidade não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta apenas uma modificação em suas disposições morais; essa modificação se opera em todos aqueles que estejam predispostos a ela, desde que sejam subtraídos da influência perniciosa do mundo. Aqueles que voltarem são serão sempre outros Espíritos; serão quase sempre os mesmos Espíritos, mas pensando e sentindo de outra maneira.

Quando isolado e individual, esse melhoramento passa despercebido e sem nenhuma influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é bem diferente quando ela se opera simultaneamente sobre grandes populações, porque então, conforme as proporções, numa geração, as ideias de um povo ou de uma raça podem ser modificadas profundamente.

É o que quase sempre se nota depois dos grandes choques que dizimam as populações. Os flagelos destruidores destroem apenas corpos, mas não atingem o Espírito; ativam o movimento de ida e vinda entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É perceptível que em todas as épocas da História as grandes crises sociais foram sucedidas por uma era de progresso.

34.- Esse é um dos movimentos generalizados que se realizam na atualidade e que deve trazer a remodelação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, pois elas devem acelerar a eclosão das novas sementes. São as folhas de outono que caem e às quais sucederão folhas novas e cheias de vida, porque a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas fases etárias. As folhas mortas

## CAPÍTULO XVIII - Os tempos são chegados

1ª Edição (1868)

5ª Edição (1869/72)

da Humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivas sob o mesmo sopro de vida — que não se extingue, mas se purifica.

35.- Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensações, sem resultados úteis, pois na opinião deles os referidos flagelos *aniquilam os seres para sempre*. Porém, para aquele que sabe que a morte destrói somente o envoltório carnal, tais flagelos não acarretam as mesmas consequências e não lhe causam o mínimo pavor; ele compreende o seu objetivo e não ignora que os homens não perdem mais por morrerem juntos, do que por morrerem isolados, dado que, numa forma ou doutra, todos sempre hão de chegar a isso.

Os incrédulos rirão destas coisas e as qualificarão de ilusórias; mas — digam o que disserem — não fugirão da lei comum; assim como os demais, eles cairão na sua hora e, então, o que lhes acontecerá? Eles dizem: *nada*; No entanto, eles viverão, mesmo a contragosto, e serão *forçados* um dia a abrir os olhos.

FIM

da Humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivas sob o mesmo sopro de vida — que não se extingue, mas se purifica.

35.- Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensações, sem resultados úteis, pois na opinião deles os referidos flagelos *aniquilam os seres para sempre*. Porém, para aquele que sabe que a morte destrói somente o envoltório carnal, tais flagelos não acarretam as mesmas consequências e não lhe causam o mínimo pavor; ele compreende o seu objetivo e não ignora que os homens não perdem mais por morrerem juntos, do que por morrerem isolados, dado que, numa forma ou doutra, todos sempre hão de chegar a isso.

Os incrédulos rirão destas coisas e as qualificarão de ilusórias; mas — digam o que disserem — não fugirão da lei comum; assim como os demais, eles cairão na sua hora e, então, o que lhes acontecerá? Eles dizem: *nada!* No entanto, eles viverão, mesmo a contragosto, e serão, um dia, *forçados* a abrir os olhos.

FIM

## Sua contribuição é muito bem-vinda!

Temos consciência de que estamos sujeitos a falhas ou omissões. Mesmo pesquisando com afinco, deixamos passar algumas coisas, que acabam ficando de fora ou apresentam interpretações incompletas ou equivocadas.

Você identificou algum erro ou melhoria neste material? Conhece uma referência bibliográfica relacionada ao tema que seja útil para uma futura evolução? Gostaria de oferecer uma sugestão? Pedimos a gentileza de informar pelo e-mail [projetoobrasdekardec@gmail.com](mailto:projetoobrasdekardec@gmail.com), para auxiliar em correções e aperfeiçoamentos nas edições seguintes.

Gratidão por compartilhar suas percepções! É um gesto de solidariedade que beneficia a todos.

# Referências Bibliográficas

ABREU, Canuto. **O primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec 1857**: Texto em fac-símile versão em face. Edição comemorativa do primeiro centenário de O Livro dos Espíritos. Texto bilingue, traduzido por Silvino Canuto Abreu. Reprodução fotomecânica da 1ª edição francesa. São Paulo: Companhia Editorial Ismael, 1957.

DONHA, João A. V. **A Gênese (até que ponto) de Kardec**. 2012. Publicada em 14 de outubro de 2019. Disponível em: <http://donhaespirita.blogspot.com/2019/10/a-genese-ate-que-ponto-de-kardec.html>  
Acesso em: 18/04/2020

\_\_\_\_\_. **A GÊNESE, OS MILAGRES, AS PREDIÇÕES e as espíriticas brasileiras...(II)**. 14 de julho de 2010. Disponível em: [http://donhaespirita.blogspot.com/2010/07/genese-os-milagres-as-predicoes-e-as\\_14.html](http://donhaespirita.blogspot.com/2010/07/genese-os-milagres-as-predicoes-e-as_14.html)  
Acesso em: 18/04/2020

\_\_\_\_\_. **Linha do tempo esclarece edições de "Gênese"**. 2012 (atualizada após 2017) Disponível em: <http://donhaespirita.blogspot.com/2012/05/linha-do-tempo-esclarece-edicoes-da.html>  
Acesso em: 18/04/2020

FROPO, Berthe. **Beaucoup de lumière**. 1884 Disponível em: (Português) <http://luzespirita.org.br/leitura/pdf/L158.pdf>  
(Francês) [http://www.autoresespiritasclassicos.com/Allan%20Kardec/Biografias%20Allan%20Kardec/Obra%207%20Berthe%20Fropo/Beaucoup%20de%20lumi%C3%A8re%20%20par%20Mme%20Berthe%20Fropo%20\(1884\)%20\(Fr\).pdf](http://www.autoresespiritasclassicos.com/Allan%20Kardec/Biografias%20Allan%20Kardec/Obra%207%20Berthe%20Fropo/Beaucoup%20de%20lumi%C3%A8re%20%20par%20Mme%20Berthe%20Fropo%20(1884)%20(Fr).pdf)  
Acesso em: 22/04/2020

GOIDANISH, Simoni Privato. **O Legado de Allan Kardec**. São Paulo: Edição U.S.E./CCDPE, 2018.

GONÇALVES, Felipe. **Algumas considerações sobre a 5ª edição e A Gênese**. In: *Jornal Crítica Espírita* de março de 2018. Vitória/ES. Disponível em: [https://jornalcriticaespirita.files.wordpress.com/2018/03/crc3adtica-escp3adrita-n39-marc3a70-de-2018\\_v03.pdf](https://jornalcriticaespirita.files.wordpress.com/2018/03/crc3adtica-escp3adrita-n39-marc3a70-de-2018_v03.pdf)  
Acesso em: 15/04/2020

**Influências no Espiritismo Pós-Allan Kardec**. Autores Espíritas Clássicos, 2018. Disponível em: <https://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Rog%C3%A9rio%20Miguez/Rog%C3%A9rio%20Miguez%20-%20Influencia%C3%A7%C3%B5es%20no%20Espiritismo%20P%C3%B3s-Allan%20Kardec%20.pdf>  
Acesso em: 29/03/2020

KARDEC, Allan. **A Gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo**. 1ª edição. Coleção *Numa linguagem simplificada*. (Traduzida por Louis Neilmoris da primeira edição em Francês. Paris: Librairie Internationale, 1868). Portal Luz Espírita, 2018. Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l5.pdf>  
Acesso em: 29/03/2020

\_\_\_\_\_. **A Gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo.** 5ª edição. Coleção *Numa linguagem simplificada*. (Traduzida por Louis Neilmoris da quinta edição em Francês. Paris: A La Librairie Spirite, 1872). Portal Luz Espírita, 2011.

\_\_\_\_\_. **La Genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme.** 1<sup>er</sup> édition. Paris: Librairie Internationale, 1868.

Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ehc-AAAAcAAJ> (Imagem)

[https://www.cslak.fr/images/cslak/bibliotheque/livres/Allan\\_Kardec/La\\_genese\\_les\\_miracles\\_et\\_les\\_pr%C3%A9dictions.pdf](https://www.cslak.fr/images/cslak/bibliotheque/livres/Allan_Kardec/La_genese_les_miracles_et_les_pr%C3%A9dictions.pdf) (OCR<sup>1</sup>)

Acesso em: 06/04/2020

\_\_\_\_\_. **La Genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme.** 5<sup>e</sup> édition. Paris: Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques, 1869.

Disponível em:

<https://www.allankardec.online/uploads/pdf/1330236915e73cac5978df7.21620771.pdf> (Imagem)

Acesso em: 06/04/2020

\_\_\_\_\_. **La Genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme.** 5<sup>e</sup> édition. Paris: A La Librairie Spirite, 1872.

Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=TIgnZBnX6n8C> (Imagem)

Acesso em: 06/04/2020

\_\_\_\_\_. **O Evangelho segundo o Espiritismo.** Coleção *Numa linguagem simplificada*. (Traduzido por Louis Neilmoris). Portal Luz Espírita, 2016.

Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l3.pdf>

Acesso em: 06/04/2020

\_\_\_\_\_. **O Livro dos Espíritos.** Coleção *Numa linguagem simplificada*. (Traduzido por Louis Neilmoris). Portal Luz Espírita, 2019.

Disponível em: <http://luzespirita.org.br/leitura/pdf/L1.pdf>

Acesso em: 06/04/2020

LOPES, Ery. **O Caso A Gênese.** In: Portal Luz Espírita. 2020.

Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=caso1>

Acesso em: 06/04/2020

**Revue spirite:** Journal d'études psychologiques, volume 14, 1871.

Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/oBxmr5kjDLMCvellVazhQaVprT2M/view>

Acesso em: 22/04/2020

**Revue spirite:** Journal d'études psychologiques, volume 16, 1873.

Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/oBxmr5kjDLMCvMjY5VDFJm1IZWc/view>

Acesso em: 22/04/2020

**Revue spirite:** Journal d'études psychologiques, volume 22, 1879.

Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/oBxmr5kjDLMCvY2o2cHZQNDVJRFU/view>

Acesso em: 22/04/2020

---

<sup>1</sup> Apesar de indicar na folha de rosto que é conforme a 1ª edição, o conteúdo é conforme a 5ª edição.

# Licença Creative Commons



## Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual CC BY-NC-SA

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

## Licença Pública Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Internacional

Ao exercer os Direitos Licenciados (definidos abaixo), Você aceita e concorda estar sujeito aos termos e condições desta Licença Pública Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional ("Licença Pública"). Na medida em que esta Licença Pública possa ser interpretada como um contrato, Você recebe os Direitos Licenciados em contrapartida pela Sua aceitação destes termos e condições, e o Licenciante concede-Lhe tais direitos em contrapartida pelos benefícios que o Licenciante recebe por disponibilizar o Material Licenciado sob estes termos e condições.

### Cláusula 1 – Definições.

1. **Material Adaptado** significa material sujeito a Direito de Autor e Direitos Similares que é derivado de ou baseado no Material Licenciado e no qual o Material Licenciado é traduzido, alterado, arranjado, transformado, ou de outra forma modificado de uma maneira que requeira permissão com base no Direito de Autor e Direitos Similares detidos pelo Licenciante. Para os fins desta Licença Pública, quando o Material Licenciado seja uma obra musical, performance, ou fonograma, é sempre produzido Material Adaptado quando o Material Licenciado é sincronizado em relação temporal com uma imagem em movimento.
2. **Licença do Adaptador** significa a licença que Você aplica ao Seu Direito de Autor e Direitos Similares nas Suas contribuições ao Material Adaptado de acordo com os termos e condições desta Licença Pública.
3. **Licença Compatível com a BY-NC-SA** significa uma licença listada em [creativecommons.org/compatiblelicenses](https://creativecommons.org/compatiblelicenses), aprovada pela Creative Commons como sendo essencialmente equivalente a esta Licença Pública.
4. **Direito de Autor e Direitos Similares** significa direito de autor e/ou direitos similares estreitamente relacionados com o direito de autor, incluindo, mas não se limitando a, direitos de execução, radiodifusão, fixação de sons, e Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados, independentemente de como sejam classificados ou categorizados. Para os fins desta Licença Pública, os direitos especificados na Cláusula 2(b)(1)-(2) não são Direito de Autor e Direitos Similares.
5. **Medidas Eficazes de Caráter Tecnológico** significam aquelas medidas que, na ausência de direito para tanto, não podem ser contornadas em jurisdições cumprindo obrigações sob o Artigo 11 do Tratado da OMPI de Direito de Autor adotado em 20 de dezembro de 1996, e/ou acordos internacionais similares.
6. **Exceções e Limitações** significam utilização justa ("fair use"), tratamento justo ("fair dealing"), e/ou qualquer outra exceção ou limitação ao Direito de Autor e Direitos Similares que se aplique à Sua utilização do Material Licenciado.
7. **Elementos da Licença** significam os atributos da licença listados no nome de uma Licença Pública Creative Commons. Os Elementos da Licença desta Licença Pública são Atribuição, NãoComercial, e Compartilhalgual.
8. **Material Licenciado** significa o trabalho artístico ou literário, base de dados, ou outro material ao qual o Licenciante aplicou esta Licença Pública.
9. **Direitos Licenciados** significam os direitos concedidos a Você sujeitos aos termos e condições desta Licença Pública, que são limitados a todos os Direitos de Autor e Direitos Similares que se apliquem à Sua utilização do Material Licenciado e que o Licenciante tem o direito de licenciar.
10. **Licenciante** significa o(s) indivíduo(s) ou entidade(s) concedendo direitos sob esta Licença Pública.
11. **NãoComercial** significa não primariamente intencionado ou direcionado a uma vantagem comercial ou compensação monetária. Para os fins desta Licença Pública, a troca de Material Licenciado por outro material sujeito a Direito de Autor e Direitos Similares via compartilhamento digital de arquivos ("partilha de ficheiros") ou meios similares é NãoComercial, desde que não haja pagamento ou compensação monetária relacionados com a troca.
12. **Compartilhar** significa fornecer material ao público por qualquer meio ou processo que requeira permissão sob os Direitos Licenciados, como reprodução, exibição pública, execução pública, distribuição, disseminação, comunicação ou importação, e disponibilizar material ao público, incluindo por vias pelas quais os membros do público possam ter acesso ao material a partir de um local e no momento individualmente escolhidos por eles.

13. **Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados** significam outros direitos, que não o direito de autor e direitos conexos, resultantes da Diretiva 96/9/EC do Parlamento Europeu e do Conselho de 11 de Março de 1996 sobre a proteção legal de bases de dados, conforme emendada e/ou sucedida, bem como outros direitos essencialmente equivalentes em qualquer lugar do mundo.
14. **Você** significa o indivíduo ou entidade que exerce os Direitos Licenciados sob esta Licença Pública. **Lhe, Seu, Sua e Suas** têm um significado correspondente.

## Cláusula 2 – Âmbito.

### 1. Concessão da licença.

1. De acordo com os termos e condições desta Licença Pública, o Licenciante concede-Lhe, pelo presente, uma licença mundial, isenta de royalties, não sublicenciável, não exclusiva, e irrevogável para exercer os Direitos Licenciados sobre o Material Licenciado para:
  1. reproduzir e Compartilhar o Material Licenciado, no todo ou em parte, somente para um fim NãoComercial; e
  2. produzir, reproduzir, e Compartilhar Material Adaptado somente para um fim NãoComercial.
2. Exceções e Limitações. Para evitar dúvidas, quando Exceções e Limitações sejam aplicáveis à Sua utilização, esta Licença Pública não se aplica, e Você não precisa de cumprir com os seus termos e condições.
3. Termo. O termo desta Licença Pública está especificado na Cláusula 6(a).
4. Meios/suportes e formatos; modificações técnicas permitidas. O Licenciante autoriza Você a exercer os Direitos Licenciados em todos os meios/suportes e formatos conhecidos agora ou criados posteriormente, e a fazer as modificações técnicas necessárias para tanto. O Licenciante cede e/ou concorda em não reivindicar nenhum direito que proíba Você de fazer modificações técnicas necessárias ao exercício dos Direitos Licenciados, incluindo modificações técnicas necessárias para contornar Medidas Eficazes de Caráter Tecnológico. Para os fins desta Licença Pública, fazer simplesmente modificações autorizadas por esta Cláusula 2(a)(4) nunca produz Material Adaptado.
5. Receptores subsequentes.
  1. Oferta pelo Licenciante – Material Licenciado. Cada receptor do Material Licenciado recebe automaticamente uma oferta do Licenciante para exercer os Direitos Licenciados sob os termos e condições desta Licença Pública.
  2. Oferta adicional pelo Licenciante – Material Adaptado. Cada receptor do Material Adaptado por Você recebe automaticamente uma oferta do Licenciante para exercer os Direitos Licenciados no Material Adaptado sob as condições da Licença do Adaptador que Você aplicar.
  3. Sem restrições subsequentes. Você não pode propor ou impor quaisquer termos ou condições, adicionais ou diferentes, ou aplicar quaisquer Medidas Eficazes de Caráter Tecnológico, sobre o Material Licenciado, se tal restringir o exercício dos Direitos Licenciados por qualquer receptor do Material Licenciado.
6. Sem endosso. Nada nesta Licença Pública constitui ou pode ser entendido como uma permissão para afirmar ou sugerir que Você, ou que a Sua utilização do Material Licenciado, é conectado ao, patrocinado ou endossado pelo, ou tem status oficial concedido pelo, Licenciante ou terceiros designados para receber atribuição como previsto na Cláusula 3(a)(1)(A)(i).

### 2. Outros direitos.

1. Direitos morais, como o direito à integridade, não são licenciados por esta Licença Pública, nem o são os direitos de imagem, privacidade, e/ou outros direitos de personalidade similares; contudo, na medida do possível, o Licenciante renuncia e/ou concorda não exercer quaisquer desses direitos detidos pelo Licenciante, na medida necessária para permitir que Você exerça os Direitos Licenciados, mas não de outra forma.
2. Direitos de patente e marcas não se encontram licenciados sob esta Licença Pública.
3. Na medida do possível, o Licenciante renuncia a qualquer direito de cobrar-Lhe royalties pelo exercício dos Direitos Licenciados, quer diretamente quer por meio de uma entidade de gestão coletiva, sob qualquer regime de licenciamento voluntário ou legal, disponível ou compulsório. Em todos os outros casos, o Licenciante reserva expressamente o direito de arrecadar tais royalties, inclusive quando o Material Licenciado é utilizado para fins diferentes do fim NãoComercial.

## Cláusula 3 – Condições da Licença.

O Seu exercício dos Direitos Licenciados fica expressamente sujeito às condições seguintes.

### 1. Atribuição.

1. Se Você Compartilhar o Material Licenciado (incluindo sob uma forma modificada), Você deve:
  1. manter o seguinte, se for fornecido pelo Licenciante com o Material Licenciado:
    1. identificação do(s) criador(es) do Material Licenciado e quaisquer outros designados para receber atribuição, de qualquer forma razoável solicitada pelo Licenciante (incluindo por pseudônimo, se designado);
    2. um aviso de direito de autor e direitos conexos;
    3. um aviso que se refere a esta Licença Pública;
    4. um aviso que se refere à exclusão de garantias;
    5. um URI ou um hyperlink para o Material Licenciado na medida razoavelmente exequível;

2. indicar se Você modificou o Material Licenciado e manter uma indicação de quaisquer modificações prévias; e
  3. indicar que o Material Licenciado é licenciado com esta Licença Pública, e incluir o texto de, ou o URI ou o hyperlink para, esta Licença Pública.
2. Você pode satisfazer as condições da Cláusula 3(a)(1) de qualquer forma razoável, tendo em conta o suporte, os meios e o contexto no qual Você Compartilhar o Material Licenciado. Por exemplo, pode ser razoável satisfazer as condições por via do fornecimento de um URI ou de um hyperlink para um recurso que inclui a informação exigida.
3. Se solicitado pelo Licenciante, Você deve remover qualquer parte da informação exigida pela Cláusula 3(a)(1)(A) na medida razoavelmente exequível.
2. **Compartilhalgal.**  
Para além das condições da Cláusula 3(a), se Você Compartilhar Material Adaptado que Você produzir, as condições seguintes também se aplicam.
1. A Licença do Adaptador que Você aplicar deve ser uma licença Creative Commons com os mesmos Elementos da Licença, esta versão ou uma posterior, ou uma Licença Compatível com a BY-NC-SA.
  2. Você deve incluir o texto da, ou o URI ou o hyperlink para, a Licença do Adaptador que Você aplicar. Você pode satisfazer esta condição de qualquer forma razoável, tendo em conta o suporte, os meios e o contexto no qual Você Compartilhar o Material Adaptado.
  3. Você não pode propor ou impor quaisquer termos ou condições adicionais ou diferentes, ou aplicar quaisquer Medidas Eficazes de Caráter Tecnológico, sobre o Material Adaptado que restrinjam o exercício dos direitos concedidos sob a Licença do Adaptador que Você aplicar.

#### Cláusula 4 – Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados.

Quando os Direitos Licenciados incluam Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados que se apliquem à Sua utilização do Material Licenciado:

1. para evitar dúvidas, a Cláusula 2(a)(1) concede-Lhe o direito de extrair, reutilizar, reproduzir e Compartilhar a totalidade ou uma parte substancial dos conteúdos da base de dados apenas para fins NãoComerciais;
2. se Você incluir a totalidade ou uma parte substancial dos conteúdos da base de dados numa base de dados em relação à qual Você tenha Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados, então a base de dados em relação à qual Você tenha Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados (mas não os seus conteúdos individuais) é Material Adaptado, incluindo para os fins da Cláusula 3(b); e
3. Você deve cumprir com as condições da Cláusula 3(a) se Você Compartilhar a totalidade ou uma parte substancial dos conteúdos da base de dados.

Para evitar dúvidas, esta Cláusula 4 suplementa e não substitui as Suas obrigações sob esta Licença Pública, quando os Direitos Licenciados incluam outro Direito de Autor e Direitos Similares.

#### Cláusula 5 – Exclusão de Garantias e Limitação de Responsabilidade.

1. **Salvo se o Licenciante fizer separadamente uma assunção em sentido contrário, na medida do possível, o Licenciante disponibiliza o Material Licenciado “no estado em que se encontra” (“as-is”) e “como disponível” (“as-available”), e não faz representações ou presta garantias de qualquer tipo relativamente ao Material Licenciado, quer sejam expressas, implícitas, legais ou outras. Isto inclui, mas não se limita a, garantias quanto à titularidade de direitos, potencial de comercialização, adequação a um fim específico, não violação de direitos, ausência de defeitos latentes ou outros defeitos, exatidão, ou existência ou ausência de erros, quer sejam ou não conhecidos ou detetáveis. Quando as exclusões de garantias não sejam permitidas, na íntegra ou em parte, esta exclusão poderá não aplicar-se a Você.**
2. **Na medida do possível, em nenhum caso será o Licenciante responsável para com Você, com base em nenhum argumento jurídico (incluindo, mas não se limitando a, negligência) ou a outro título, por quaisquer perdas, custos, despesas ou danos, diretos, especiais, indiretos, incidentais, consequenciais, punitivos, exemplares ou outros, resultantes desta Licença Pública ou da utilização do Material Licenciado, ainda que o Licenciante tenha sido advertido da possibilidade dessas perdas, custos, despesas ou danos. Quando a limitação de responsabilidade não seja permitida, na íntegra ou em parte, esta limitação poderá não aplicar-se a Você.**
3. A exclusão de garantias e a limitação de responsabilidade acima previstas devem ser interpretadas de uma forma que, na medida do possível, mais se aproxime de uma absoluta exclusão de, e renúncia a, toda e qualquer responsabilidade.

#### Cláusula 6 – Termo e Cessação.

1. Esta Licença Pública aplica-se durante o termo do Direito de Autor e Direitos Similares aqui licenciados. No entanto, se Você não cumprir com esta Licença Pública, então os Seus direitos sob esta Licença Pública cessarão automaticamente.
2. Quando o Seu direito de utilizar o Material Licenciado tenha cessado nos termos da Cláusula 6(a), será restabelecido:
  1. automaticamente a partir da data em que a violação seja sanada, desde que seja sanada dentro de 30 dias a contar da Sua descoberta da violação; ou
  2. com o expresse restabelecimento pelo Licenciante.
3. Para evitar dúvidas, esta Cláusula 6(b) não afeta qualquer direito que o Licenciante possa ter de obter reparação e medidas legais cabíveis pelas Suas violações desta Licença Pública.
4. Para evitar dúvidas, o Licenciante também poderá disponibilizar o Material Licenciado sob termos ou condições separados ou parar a distribuição do Material Licenciado a qualquer momento; no entanto, tal não cessará esta Licença Pública.



5. As Cláusulas 1, 5, 6, 7, e 8 continuarão em vigor após a cessação desta Licença Pública.

#### Cláusula 7 – Outros Termos e Condições.

1. O Licenciante não estará vinculado a quaisquer termos ou condições, adicionais ou diferentes, comunicados por Você, salvo se expressamente acordado.
2. Quaisquer pactos, entendimentos ou acordos relativamente ao Material Licenciado não indicados aqui são separados e independentes dos termos e condições desta Licença Pública.

#### Cláusula 8 – Interpretação.

1. Para evitar dúvidas, esta Licença Pública não reduz, limita, restringe ou impõe condições sobre qualquer utilização do Material Licenciado que possa ser legalmente feita sem a permissão concedida por esta Licença Pública, e não deve ser interpretada nesse sentido.
2. Na medida do possível, se alguma disposição desta Licença Pública for considerada inexecutável, será automaticamente reformada na medida estritamente necessária para que se torne executável. Se a disposição não puder ser alterada, deverá ser removida desta Licença Pública sem afetar a executabilidade dos restantes termos e condições.
3. Nenhum termo ou condição desta Licença Pública será renunciado e nenhuma falha no seu cumprimento consentida, salvo se tal for expressamente acordado pelo Licenciante.
4. Nada nesta Licença Pública constitui ou pode ser interpretado como uma limitação de, ou renúncia a, quaisquer privilégios e imunidades aplicáveis ao Licenciante ou a Você, incluindo os resultantes dos processos legais de qualquer jurisdição ou autoridade.

## Licence publique Creative Commons Attribution - Utilisation non commerciale - Partage dans les mêmes conditions 4.0 International

Lorsque Vous exercez les Droits accordés par la licence (définis ci-dessous), Vous acceptez d'être lié par les termes et conditions de la présente Licence publique Creative Commons Attribution - Utilisation non commerciale - Partage dans les mêmes conditions 4.0 International (la « Licence publique »). Dans la mesure où la présente Licence publique peut être interprétée comme un contrat, Vous bénéficiez des Droits accordés par la licence en contrepartie de Votre acceptation des présents termes et conditions, et le Donneur de licence Vous accorde ces droits en contrepartie des avantages que lui procure le fait de mettre à disposition l'Œuvre sous licence en vertu des présents termes et conditions.

#### Article 1 - Définitions.

1. **Œuvre dérivée** signifie œuvre protégée par les Droit d'auteur et droits connexes, dérivée ou adaptée de l'Œuvre sous licence et dans laquelle l'Œuvre sous licence est traduite, retouchée, arrangée, transformée, ou modifiée de telle façon que l'autorisation du Donneur de licence est nécessaire, conformément aux dispositions des Droit d'auteur et droits connexes. Dans le cas de la présente Licence publique, lorsque l'Œuvre sous licence est une œuvre musicale, une représentation publique ou un enregistrement sonore, la synchronisation de l'Œuvre sous licence avec une image animée sera considérée comme une Œuvre dérivée aux fins de la présente Licence publique.
2. **Licence d'Œuvre dérivée** signifie licence par laquelle Vous accordez Vos Droit d'auteur et droits connexes portant sur Vos contributions à l'Œuvre dérivée, selon les termes et conditions de la présente Licence publique.
3. **Licence compatible BY-NC-SA** signifie licence figurant à l'adresse suivante [creativecommons.org/compatiblelicenses](https://creativecommons.org/compatiblelicenses), approuvée par Creative Commons comme étant essentiellement équivalente à la présente Licence publique.
4. **Droit d'auteur et droits connexes** signifie droit d'auteur et/ou droits connexes incluant, notamment, la représentation, la radio et télédiffusion, l'enregistrement sonore et le Droit sui generis des producteurs de bases de données, quelle que soit la classification ou qualification juridique de ces droits. Dans le cadre de la présente Licence publique, les droits visés à l'Article 2(b)(1)-(2) ne relèvent ni du Droit d'auteur ni de droits connexes.
5. **Mesures techniques efficaces** signifie mesures techniques qui, en l'absence d'autorisation expresse, ne peuvent être contournées dans le cadre de lois conformes aux dispositions de l'Article 11 du Traité de l'OMPI sur le droit d'auteur adopté le 20 Décembre 1996 et/ou d'accords internationaux de même objet.
6. **Exceptions et limitations** signifie utilisation loyale et équitable (*fair use* et *fair dealing*) et/ou toute autre exception ou limitation applicable à Votre utilisation de l'Œuvre sous licence.
7. **Éléments de licence** signifie les composantes de la licence figurant dans l'intitulé de la Licence publique Creative Commons. Les éléments de la présente Licence publique sont : Attribution, Utilisation non commerciale et Partage dans les mêmes conditions.
8. **Œuvre sous licence** signifie œuvre littéraire ou artistique, base de données ou toute autre œuvre pour laquelle le Donneur de licence a recours à la présente Licence publique.
9. **Droits accordés par la licence** signifie droits qui Vous sont accordés selon les termes et conditions d'utilisation définis par la présente Licence publique, limités aux Droit d'auteur et droits connexes applicables à Votre utilisation de l'Œuvre sous licence et que le Donneur de licence a le droit d'accorder.
10. **Donneur de licence** signifie un individu ou une entité octroyant la présente Licence publique et les droits accordés par elle.
11. **Utilisation non commerciale** signifie que l'utilisation n'a pas principalement pour but ou pour objectif d'obtenir un avantage commercial ou une compensation financière. L'échange de l'Œuvre sous licence avec d'autres œuvres soumises aux Droit

d'auteur et droits connexes par voie de partage de fichiers numériques ou autres moyens analogues constitue une Utilisation non commerciale à condition qu'il n'y ait aucun avantage commercial ni aucune compensation financière en relation avec la transaction.

12. **Partager** signifie mettre une œuvre à la disposition du public par tout moyen ou procédé qui requiert l'autorisation découlant des Droits accordés par la licence, tels que les droits de reproduction, de représentation au public, de distribution, de diffusion, de communication ou d'importation, y compris de manière à ce que chacun puisse y avoir accès de l'endroit et au moment qu'il choisit individuellement.
13. **Droit sui generis des producteurs de bases de données** signifie droits distincts du droit d'auteur résultant de la Directive 96/9/CE du Parlement européen et du Conseil du 11 mars 1996 sur la protection juridique des bases de données, ainsi que tout autre droit de nature équivalente dans le monde.
14. **Vous** (preneur de licence) se rapporte à tout individu ou entité exerçant les Droits accordés par la licence. **Votre** et **Vos** renvoient également au preneur de licence.

## Article 2 - Champ d'application de la présente Licence publique.

### 1. Octroi de la licence.

1. Sous réserve du respect des termes et conditions d'utilisation de la présente Licence publique, le Donneur de licence Vous autorise à exercer pour le monde entier, à titre gratuit, non sous-licenciable, non exclusif, irrévocable, les Droits accordés par la licence afin de :
  1. reproduire et Partager l'Œuvre sous licence, en tout ou partie, seulement pour une Utilisation non commerciale ; et
  2. produire, reproduire et Partager l'Œuvre dérivée seulement pour une Utilisation non commerciale.
2. Exceptions et limitations. Afin de lever toute ambiguïté, lorsque les Exceptions et limitations s'appliquent à Votre utilisation, la présente Licence publique ne s'applique pas et Vous n'avez pas à Vous conformer à ses termes et conditions.
3. Durée. La durée de la présente Licence publique est définie à l'Article 6(a).
4. Supports et formats : modifications techniques autorisées. Le Donneur de licence Vous autorise à exercer les Droits accordés par la licence sur tous les supports et formats connus ou encore inconnus à ce jour, et à apporter toutes les modifications techniques que ceux-ci requièrent. Le Donneur de licence renonce et/ou accepte de ne pas exercer ses droits qui pourraient être susceptibles de Vous empêcher d'apporter les modifications techniques nécessaires pour exercer les Droits accordés par la licence, y compris celles nécessaires au contournement des Mesures techniques efficaces. Dans le cadre de la présente Licence publique, le fait de ne procéder qu'à de simples modifications techniques autorisées selon les termes du présent Article 2(a)(4) n'est jamais de nature à créer une Œuvre dérivée.
5. Utilisateurs en aval.
  1. Offre du Donneur de licence – Œuvre sous licence. Chaque utilisateur de l'Œuvre sous licence reçoit automatiquement une offre de la part du Donneur de licence lui permettant d'exercer les Droits accordés par la licence selon les termes et conditions de la présente Licence publique.
  2. Offre additionnelle du Donneur de licence – Œuvre dérivée. Chaque utilisateur d'une Œuvre dérivée reçoit automatiquement une offre du Donneur de licence lui permettant d'exercer les Droits accordés par la licence sur l'Œuvre dérivée selon les termes et conditions de la Licence d'Œuvre dérivée que Vous appliquez.
  3. Pas de restrictions en aval pour les utilisateurs suivants. Vous ne pouvez proposer ou imposer des termes et conditions supplémentaires ou différents, ou appliquer quelque Mesure technique efficace que ce soit à l'Œuvre sous licence si ceux(celles)-ci sont de nature à restreindre l'exercice des Droits accordés par la licence aux utilisateurs de l'Œuvre sous licence.
6. Non approbation. Aucun élément de la présente Licence publique ne peut être interprété comme laissant supposer que le preneur de licence ou que l'utilisation qu'il fait de l'Œuvre sous licence est lié à, parrainé, approuvé, ou doté d'un statut officiel par le Donneur de licence ou par toute autre personne à qui revient l'attribution de l'Œuvre sous licence, comme indiqué à l'Article 3(a)(1)(A)(i).

### 2. Autres droits.

1. Les droits moraux, tel que le droit à l'intégrité de l'œuvre, ne sont pas accordés par la présente Licence publique, ni le droit à l'image, ni le droit au respect de la vie privée, ni aucun autre droit de la personnalité ou apparenté ; cependant, dans la mesure du possible, le Donneur de licence renonce et/ou accepte de ne pas faire valoir les droits qu'il détient de manière à Vous permettre d'exercer les Droits accordés par la licence.
2. Le droit des brevets et le droit des marques ne sont pas concernés par la présente Licence publique.
3. Dans la mesure du possible, le Donneur de licence renonce au droit de collecter des redevances auprès de Vous pour l'exercice des Droits accordés par la licence, directement ou indirectement dans le cadre d'un régime de gestion collective facultative ou obligatoire assorti de possibilités de renonciation quel que soit le type d'accord ou de licence. Dans tous les autres cas, le Donneur de licence se réserve expressément le droit de collecter de telles redevances, y compris en dehors des cas d'Utilisation non commerciale de l'Œuvre sous licence.

## Article 3 – Conditions d'utilisation de la présente Licence publique.

L'exercice des Droits accordés par la licence est expressément soumis aux conditions suivantes.

### 1. Attribution.

1. Si Vous partagez l'Œuvre sous licence (y compris sous une forme modifiée), Vous devez :
  1. conserver les informations suivantes lorsqu'elles sont fournies par le Donneur de licence avec l'Œuvre

sous licence :

1. identification du(des) auteur(s) de l'Œuvre sous licence et de toute personne à qui revient l'attribution de l'Œuvre sous licence, dans la mesure du possible, conformément à la demande du Donneur de licence (y compris sous la forme d'un pseudonyme s'il est indiqué) ;
  2. l'indication de l'existence d'un droit d'auteur ;
  3. une notice faisant référence à la présente Licence publique ;
  4. une notice faisant référence aux limitations de garantie et exclusions de responsabilité ;
  5. un URI ou un hyperlien vers l'Œuvre sous licence dans la mesure du possible ;
2. Indiquer si Vous avez modifié l'Œuvre sous licence et conserver un suivi des modifications précédentes ; et
  3. Indiquer si l'Œuvre sous licence est mise à disposition en vertu de la présente Licence publique en incluant le texte, l'URI ou l'hyperlien correspondant à la présente Licence publique.
2. Vous pouvez satisfaire aux conditions de l'Article 3(a)(1) dans toute la mesure du possible, en fonction des supports, moyens et contextes dans lesquels Vous Partagez l'Œuvre sous licence. Par exemple, Vous pouvez satisfaire aux conditions susmentionnées en fournissant l'URI ou l'hyperlien vers la ressource incluant les informations requises.
  3. Bien que requises aux termes de l'Article 3(a)(1)(A), certaines informations devront être retirées, dans la mesure du possible, si le Donneur de licence en fait la demande.
- 2. Partage dans les mêmes conditions.**
- Outre les conditions indiquées à l'Article 3(a), si Vous Partagez une Œuvre dérivée que Vous avez réalisée, les conditions suivantes s'appliquent aussi.
1. La Licence d'Œuvre dérivée que Vous appliquez doit être une licence Creative Commons avec les mêmes Éléments de licence, qu'il s'agisse de cette version ou d'une version ultérieure, ou une Licence compatible BY-NC-SA.
  2. Vous devez inclure le texte, l'URI ou l'hyperlien correspondant à la Licence d'Œuvre dérivée que Vous appliquez. Ces conditions peuvent être satisfaites dans la mesure du raisonnable suivant les supports, moyens et contextes via lesquels Vous Partagez l'Œuvre dérivée.
  3. Vous ne pouvez pas proposer ou imposer des termes ou des conditions supplémentaires ou différents ou appliquer des Mesures techniques efficaces à l'Œuvre dérivée qui seraient de nature à restreindre l'exercice des Droits accordés par la Licence d'Œuvre dérivée que Vous appliquez.

#### **Article 4 – Le Droit sui generis des producteurs de bases de données.**

Lorsque les Droits accordés par la licence incluent le Droit sui generis des producteurs de bases de données applicable à Votre utilisation de l'Œuvre sous licence :

1. afin de lever toute ambiguïté, l'Article 2(a)(1) Vous accorde le droit d'extraire, réutiliser, reproduire et Partager la totalité ou une partie substantielle du contenu de la base de données uniquement pour une Utilisation non commerciale ;
2. si Vous incluez la totalité ou une partie substantielle du contenu de la base de données dans une base de données pour laquelle Vous détenez un Droit sui generis de producteur de bases de données, la base de données sur laquelle Vous détenez un tel droit (mais pas ses contenus individuels) sera alors considérée comme une Œuvre dérivée, y compris pour l'application de l'Article 3(b) ; et
3. Vous devez respecter les conditions de l'Article 3(a) si Vous Partagez la totalité ou une partie substantielle du contenu des bases de données.

Afin de lever toute ambiguïté, le présent Article 4 complète mais ne remplace pas Vos obligations découlant des termes de la présente Licence publique lorsque les Droits accordés par la licence incluent d'autres Droit d'auteur et droits connexes.

#### **Article 5 – Limitations de garantie et exclusions de responsabilité.**

1. **Sauf indication contraire et dans la mesure du possible, le Donneur de licence met à disposition l'Œuvre sous licence telle quelle, et n'offre aucune garantie de quelque sorte que ce soit, notamment expresse, implicite, statutaire ou autre la concernant. Cela inclut, notamment, les garanties liées au titre, à la valeur marchande, à la compatibilité de certaines utilisations particulières, à l'absence de violation, à l'absence de vices cachés ou autres défauts, à l'exactitude, à la présence ou à l'absence d'erreurs connues ou non ou susceptibles d'être découvertes dans l'Œuvre sous licence. Lorsqu'une limitation de garantie n'est pas autorisée en tout ou partie, cette clause peut ne pas Vous être applicable.**
2. **Dans la mesure du possible, le Donneur de licence ne saurait voir sa responsabilité engagée vis-à-vis de Vous, quel qu'en soit le fondement juridique (y compris, notamment, la négligence), pour tout préjudice direct, spécial, indirect, incident, consécutif, punitif, exemplaire, ou pour toutes pertes, coûts, dépenses ou tout dommage découlant de l'utilisation de la présente Licence publique ou de l'utilisation de l'Œuvre sous licence, même si le Donneur de licence avait connaissance de l'éventualité de telles pertes, coûts, dépenses ou dommages. Lorsqu'une exclusion de responsabilité n'est pas autorisée en tout ou partie, cette clause peut ne pas Vous être applicable.**
3. Les limitations de garantie et exclusions de responsabilité ci-dessus doivent être interprétées, dans la mesure du possible, comme des limitations et renonciations totales de toute responsabilité.

#### **Article 6 – Durée et fin.**

1. La présente Licence publique s'applique pendant toute la durée de validité des Droits accordés par la licence. Cependant, si Vous manquez à Vos obligations prévues par la présente Licence publique, Vos droits accordés par la présente Licence

- publique seront automatiquement révoqués.
2. Lorsque les Droits accordés par la licence ont été révoqués selon les termes de l'Article 6(a), ils seront rétablis :
    1. automatiquement, à compter du jour où la violation aura cessé, à condition que Vous y remédiez dans les 30 jours suivant la date à laquelle Vous aurez eu connaissance de la violation ; ou
    2. à condition que le Donneur de licence l'autorise expressément.
  3. Afin de lever toute ambiguïté, le présent Article 6(b) n'affecte pas le droit du Donneur de licence de demander réparation dans les cas de violation de la présente Licence publique.
  4. Afin de lever toute ambiguïté, le Donneur de licence peut également proposer l'Œuvre sous licence selon d'autres termes et conditions et peut cesser la mise à disposition de l'Œuvre sous licence à tout moment ; une telle cessation n'entraîne pas la fin de la présente Licence publique.
  5. Les Articles 1, 5, 6, 7, et 8 continueront à s'appliquer même après la résiliation de la présente Licence publique.

#### **Article 7 – Autres termes et conditions.**

1. Sauf accord exprès, le Donneur de licence n'est lié par aucune modification des termes de Votre part.
2. Tous arrangements, ententes ou accords relatifs à l'Œuvre sous licence non mentionnés dans la présente Licence publique sont séparés et indépendants des termes et conditions de la présente Licence publique.

#### **Article 8 – Interprétation.**

1. Afin de lever toute ambiguïté, la présente Licence publique ne doit en aucun cas être interprétée comme ayant pour effet de réduire, limiter, restreindre ou imposer des conditions plus contraignantes que celles qui sont prévues par les dispositions légales applicables.
2. Dans la mesure du possible, si une clause de la présente Licence publique est déclarée inapplicable, elle sera automatiquement modifiée a minima afin de la rendre applicable. Dans le cas où la clause ne peut être modifiée, elle sera écartée de la présente Licence publique sans préjudice de l'applicabilité des termes et conditions restants.
3. Aucun terme ni aucune condition de la présente Licence publique ne sera écarté(e) et aucune violation ne sera admise sans l'accord exprès du Donneur de licence.
4. Aucun terme ni aucune condition de la présente Licence publique ne constitue ou ne peut être interprété(e) comme une limitation ou une renonciation à un quelconque privilège ou à une immunité s'appliquant au Donneur de licence ou à Vous, y compris lorsque celles-ci émanent d'une procédure légale, quel(le) qu'en soit le système juridique concerné ou l'autorité compétente.